AFRI
CAE TA
BVLA
NOVA
Diário de Africa
como atravessei a África
do Atlântico ao Índico
alexandre de serpa pinto
Viagem de Benguela à Contra-Costa,
Através de Regiões Desconhecidas

BREVE NOTA SOBRE A OBRA

Tendo o título oficial de "Como atravessei a África do Atlântico ao Índico" e o subtítulo de "Viagem de Benguela à Contra-Costa, através de regiões desconhecidas", o Diário do explorador Serpa Pinto - um dos primeiros europeus a desbravar o interior do continente africano - relatam a sua aventura decorrida entre 1877 e 1879 quando viajou do planalto central da região do Bié, em Angola, até atingir Pretória e Durban, na África do Sul.

Serpa Pinto viajou pela primeira vez até à África oriental em 1869 numa expedição ao rio Zambeze, como técnico, para avaliar a rede hidrográfica e a topografia local. Tal expedição provou-lhe tal impacto que passaria os anos seguintes a reunir meios e apoios para realizar uma segunda expedição de reconhecimento mais aprofundado da região. Felizmente, o início da discussão na Europa sobre a ocupação dos territórios africanos pelos respetivos países colonizadores, que se desencadeou então, obrigou o

Estado Português a repensar a sua estratégia de exploração das suas colónias africanas que até ao momento só as usava como entrepostos comerciais ou destino para condenados degredados.

A crescente reclamação por parte da França, da Alemanha e sobretudo da Inglaterra, de terras do interior de África, devido às explorações iniciadas pelo escocês David Livingstone em 1856, obrigou Portugal a agir de modo a poder reclamar para si parte da então desconhecida região do continente africano que, pela lógica, uniria as províncias de Angola e Moçambique (na altura ainda embrionárias). Serpa Pinto foi então apoiado pelo estado português e incumbido de efetuar o mapeamento do interior do continente africano para reconhecimento e posterior controlo da região.

A expedição de Serpa Pinto iniciou-se em 1877 e contou com a participação de Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo, dois oficiais da marinha que também assumiram o comando da expedição. Começaram por explorar a zona da costa oeste de Angola mas, chegando aonde é hoje a região angolana de Bié, houve uma cisão no grupo e Serpa Pinto

assumiu, por sua conta e risco, a travessia solitária que contrariava o intuito inicial da expedição científica. A sua jornada terminou em 1879 e atravessou as bacia do rio Congo e do Zambeze, Angola e partes das atuais Zâmbia, Zimbabwe e África do Sul.

Com os dados de reconhecimento levantados por Serpa Pinto na sua travessia, o Estado Português sentiu-se com o direito de pretensão daquelas terras e foi o primeiro a propor que se realizasse um congresso europeu com o objetivo de organizar, na forma de regras, a ocupação da África pelas potências coloniais. Tal congresso foi organizado pelo Chanceler Otto von Bismarck da Alemanha em 1884, a que a História chamou de "Conferência de Berlim", no qual participaram, para além de Portugal, a Inglaterra, a França, a Espanha, a Itália, a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, a Suécia, a Áustria-Hungria e o Império Otomano.

Apesar de todos os exploradores europeus, incluindo Serpa Pinto, oferecerem riquíssimos dados etnográficos dos diferentes povos, tribos e culturas indígenas das regiões do continente africano, nenhum desses dados foi considerado.

A divisão política do continente africano pelos colonizadores, que se realizou nesse dia, não respeitou, nem a história, nem as relações étnicas e mesmo familiares dos povos do continente.

Com base no que Portugal chamou de "direito histórico" pela primazia da sua exploração sobre África, e com base nos dados de exploração e reconhecimento efetuados por Serpa Pinto, o Estado Português reclamou para si vastas áreas do continente africano, embora, de facto, apenas dominasse feitorias costeiras e pequeníssimos territórios ao redor dessas. O seu objetivo era ligar as então pequenas colónias de Angola e Moçambique numa extensão de território a que se chamou de "Mapa Cor de Rosa".

A pretensão foi aceite pela quase totalidade dos países presentes, com a exceção da Inglaterra pois tal pretensão colidia com o objetivo britânico de criar uma faixa de território que ligasse a cidade do Cairo, no Egipto, à Cidade do Cabo, na atual África do Sul, por isso, cinco anos depois, em 1890, lançou um Ultimato de Guerra reclamando para si parte desse território de modo a poder ligar as suas colónias do norte com as do Sul. A fácil concessão do Rei

português às exigências de Inglaterra causou sérios danos à imagem do governo monárquico português e fez despoletar uma série de movimentos sociais que poriam fim à monarquia e à implantação da República em 1910.

À margem de toda esta sucessão de eventos esteve Serpa Pinto, que acabaria por morrer em 1900, sem saber que o seu nome e imagem acabariam por ser difamados com a queda da monarquia. Tendo sido anteriormente consagrado como um herói nacional pela sua travessia solitária e arriscada que representava um tipo de novas descobertas que já não passavam por sulcar os mares, mas rasgar as selvas e savanas de África como forma de manutenção do prestígio internacional na arena diplomática europeia; com a implantação da república o seu prestígio desvaneceu-se e foi ligado às figuras nacionais do poder monárquico que os republicanos apresaram-se a substituir pelas figuras heroicas republicanas.

Serpa Pinto não tem hoje o destaque que têm, por exemplo, os navegadores e os descobridores portugueses, mais foi um dos mais importantes exploradores nacionais e como tal merece um lugar no panteão das figuras históricas de

maior relevo. A sua expedição produziu efeitos consideráveis, contribuindo para o conhecimento do continente africano e para o prestígio internacional de Portugal no contexto das nações imperiais da segunda metade do século XIX, para além de ser o percursor dos atuais viajantes cronistas nacionais como Gonçalo Cadilhe.

A sua majestade El-Rei D. Luís I, com prévia licença, oferece este livro o autor.

Senhor,

Não foi um sentimento de adulação servil que me levou a pedir licença a Vossa Majestade para lhe dedicar este livro, foi o reconhecimento de uma dupla dívida de justiça e de gratidão: de justiça ao Monarca inteligente e ilustrado que firmou o decreto criando recursos para a primeira expedição científica Portuguesa deste século à África Central; de gratidão, ao príncipe cujos dotes de coração e de espírito disputam primazias ás suas elevadas qualidades de um dos primeiros reis constitucionais da Europa contemporânea. Deu-me Vossa Majestade oportunidade de prender indissoluvelmente o meu obscuro nome de soldado Português, a uma das mais felizes e auspiciosas tentativas modernamente feitas por Portugal; por isso esse livro pertence a Vossa Majestade como legítimo título da minha imensa gratidão. Ouso rogar respeitosamente a Vossa

Majestade queira aceitar a minha humilde oferta com a mesma benevolência com que se dignou dar-me incitamentos para uma empresa, da qual, depois de realizada, foram ainda os favores da vossa Majestade a mais sincera e não regateada recompensa.

O Vosso ajudante de campo e o mais dedicado dos Vossos súbditos,

Alexandre de Serpa Pinto.

PRÓLOGO

Não tem pretensões a obra de literatura este livro. Escrito sem preocupação da forma, é a fiel reprodução do meu diário de viagem.

Cortei nele muitos episódios de caçadas, e outros, que um dia no descanso, produziram um volume de caracter especial. Busquei sobre tudo fazer realçar o que mais interessante se tornava para os estudos geográficos e etnográficos, e se não me pude eximir a narrar um ou outro dos muitos episódios dramáticos que abundaram na minha fadigosa empresa, foi quando a esses episódios se ligavam factos consequentes, de importância, já para alterar o itinerário projetado, já determinando demoras, ou marchas precipitadas, que seriam incompreensíveis sem a exposição das causas determinantes.

Á Europa, e em geral ao homem que nunca viajou nos sertões do interior de África, não é dado compreender o que se sofre ali, quais as dificuldades a vencer a cada

instante, qual o trabalho de ferro não interrompido para o explorador.

As narrações de Livingstone, Cameron, Stanley, Burton, Grant, Savorgnan de Brazza, d'Abbadie, Ed. Mohr e muitos outros, estão longe de pintar os sofrimentos do viajante Africano. Difícil é compreende-lo a quem o não o experimentou; àquele que o experimentou difícil é descreve-lo.

Não tento mesmo pintar o que sofri, não procuro mostrar o quanto trabalhei, que me façam ou não a justiça de que me julgo merecedor aqueles que examinarem os meus trabalhos, hoje é isso para mim indiferente; porque me convenci, de que só posso ser bem compreendido pelos que como eu pisaram os longínquos sertões do continente negro, e passaram os maus tratos que eu por lá passei.

Assim como só o homem que, sendo pai, pode compreender a dor pungente da perda de um filho, assim também só o homem que foi explorador pode compreender as atribulações de um explorador. Há sentimentos que se não podem avaliar sem se haverem experimentado.

Os factos narrados neste livro são a expressão da verdade. Verdade triste muitas vezes, mas que seria um crime ocultar.

Procurei apresentar nele os resultados de um trabalho aturado de muitos meses, e garanto o que digo sobre geografia Africana, porque só eu sou autoridade para falar nela na parte respetiva à minha viagem, em quanto outro não houver seguido os meus passos através de África, e não me convencer do contrário.

As minhas opiniões genéricas sobre um ou outro problema podem ser erróneas, são sujeitas à crítica, podem cair por terra com uma demonstração prática das futuras viagens, como tem acontecido a asserções de muitos dos meus antecessores os mais ilustres; mas o que não tem nem pode ter contestação, são os factos que eu vi, são aqueles que se referem aos países que percorri, e que descrevo neste livro com a consciência que deve sempre ditar as ações do explorador.

Não fui à África ganhar dinheiro. Tive a mesquinha paga de oficial do exército e não quis outra.

Abandonei uma família extremosamente querida; deixei a pátria e tudo para trabalhar, e só para trabalhar, em cooperação com os outros países, na grande obra do estudo do continente desconhecido, e tenho a consciência de que fiz tanto quanto podia fazer.

Deixo aos homens de ciência e àqueles que são autoridades em tal matéria avalia-lo.

Ponho ponto neste assunto que parecerá filho de um orgulho que não tenho, mas factos insólitos aparecidos no decurso dos primeiros meses da minha residência na Europa, depois de ter completado a fadigosa jornada de África, ditaram as palavras que escrevi.

Há um ano que comecei a coordenar em livro os resultados dos meus trabalhos Africanos, mas uma pertinaz doença por vezes interrompeu a vontade que nutria de dar à estampa esses trabalhos.

Principiado em Londres em Setembro de 1879, o meu livro foi quase todo escrito nos meses de Setembro e Outubro, de 1880, na Figueira da Foz, em Portugal.

A pressa com que foi terminado contribuirá decerto muito para a incorreção da forma.

A publicação dele é feita em Londres, onde encontrei na grande casa editora Sampson Low, Marston, Searle and Rivington, todas as facilidades que não pude obter fora dela.

Estes cavalheiros não recuaram ante a enorme despesa a fazer com uma tão difícil e custosa publicação, e levaram a sua condescendência a fazer imprimir em Inglaterra a edição Portuguesa; trabalho dificílimo, porque a diferença das línguas dos dois países obrigou até à fundição de tipo, por causa dos sinais e acentos privativos do nosso idioma.

Devo-lhes a maior gratidão pelo interesse que tem dedicado a esta publicação, para o mérito da qual, se é que ela tiver algum mérito, eles decerto concorreram muito.

O Sr. António Ribeiro Saraiva, que, apesar dos seus trabalhos e da sua avançada idade, me quis fazer o favor especial de rever as provas do livro; o Sr. E. Weler, o cartógrafo, que se encarregou da gravura das minhas cartas geográficas; o Sr. Cooper, que interpretou

magnificamente os meus esbocetos de viagem nas gravuras que ilustram a obra, concorreram também decerto muito para o valor dela.

Aí vai, pois, o livro, e só desejo que ele corresponda e sirva à curiosidade de uns e ao estudo de outros; e venha dar novos incitamentos à grande e sublime cruzada do século XIX., a cruzada da civilização do Continente Negro.

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D’EL-REI

CAPÍTULO 1

COMO EU FUI EXPLORADOR

No correr do ano de 1869, fiz parte da coluna de operações que no baixo Zambeze sustentou cruel guerra contra os indígenas de Massangano. O Sr. José Maria Latino Coelho, então Ministro da Marinha e Ultramar, dera ordem ao Governador de Moçambique, para que, finda a guerra, me proporcionasse os meios de subir o Zambeze, a fazer um detalhado reconhecimento do país, tão longe quanto me fosse possível.

A ordem foi dada, mas não foi cumprida; e depois de vãs instâncias, e de um ligeiro passeio pelas terras Portuguesas da África Oriental, voltei à Europa, com mais desejo que antes, de estudar o interior daquele continente, que mal tinha visto.

Razões particulares de família fizeram adiar, se não aniquilaram, os meus projetos.

Oficial do exército, sempre de guarnição em pequenas terras de província, fazia das minhas horas de ócio horas de trabalho; e ainda que mal antevia a possibilidade de ir a África, era o estudo das questões africanas o meu único e exclusivo passatempo.

As sublimes questões de astronomia não eram por mim desprezadas, e o muito tempo que me deixava a vida da caserna era repartido entre o estudo da África e do céu.

Servia em Caçadores 12 no correr de 1875, e ali tive por camarada um dos mais inteligentes homens que tenho conhecido, o Capitão Daniel Simões Soares.

Pouco depois de termos feito conhecimento, ficamos ligados por estreita amizade.

O quarto mesquinho do ilustrado oficial, na caserna da Ilha da Madeira, reunia-nos durante as horas em que o regulamento nos obrigava a viver ali; e quantas vezes, estando um de nós de serviço, teve a companhia do outro! África, e sempre África, era o nosso assunto de conversa. Apraz-me recordar esse tempo, essas horas que fazíamos

correr velozes, debatendo questões, que eu mal pensava seria chamado a resolver um dia.

Em fins de 1875, redigi uma memória, que submeti à crítica de Simões Soares, e de outro meu camarada, o Capitão Camacho; memoria filha das nossas intermináveis palestras Africanas.

Propunha eu um meio de estudar parcialmente o interior das nossas colonias de África Oriental, e isso com a maior economia para o Estado.

Depois de muito debatida a questão por nós três, foi a memória enviada ao Governo da sua Majestade; mas soube depois que nunca chegara ás mãos do Ministro da Marinha.

A esse tempo, eu pensava outra vez em voltar à África, apesar de ser chefe de família, e de me prenderem a Portugal interesses de subida importância.

Por fins de 1876 voltei a Lisboa, e conheci que as questões Africanas tinham ali tomado grande interesse com a criação da Comissão Central Permanente de Geografia, e com a fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Falava-se muito numa grande expedição geográfica ao interior de África Austral.

Fui procurar imediatamente o Ministro das Colonias. Era o Sr. João de Andrade Corvo. Se não é fácil explorar a África, não é menos difícil falar ao Ministro, e sobre tudo se esse Ministro é o Sr. João de Andrade Corvo. A sua Excelência tinha ao seu cargo duas pastas, Marinha e Estrangeiros, e o tempo não lhe sobejava para falar aos importunos.

Persegui-o uns oito dias, e na véspera da minha partida de Lisboa, obtive uma audiência do Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Sua Excelência recebeu-me com secura, dizendo-me, que podia dispor de pouco tempo, e perguntando-me, o que eu queria?

Travou-se entre nós o seguinte diálogo:- "Ouvi dizer, que V. Exa. pensa em enviar à África uma expedição geográfica; e sobre isto venho falar." O Ministro mudou logo de tom para comigo, e mandou-me sentar com toda afabilidade.

"Já esteve em África?" perguntou-me ele.

"Já estive em África, conheço um pouco o modo de viajar ali, e tenho-me ocupado muito em estudar questões Africanas." "Quer ir fazer uma longa viagem na África Austral?" Declaro que hesitei um momento em responder. "Estou pronto a ir," disse por fim.

"Bem;" me disse ele, "penso em enviar uma grande expedição à África, bem provida de recursos; e quando tratar de organizar o pessoal, não esquecerei o seu nome." "É verdade"; me disse, quando eu já ia a sair, "que condições e que vantagens pede por esse serviço?"- "Nenhumas," lhe respondi eu, e saí.

Fui do Ministério dos Negócios Estrangeiros à Calçada da Gloria, Nº 3, e procurei o Dr. Bernardino António Gomes, Vice-presidente da Comissão Central Permanente de Geografia. Tivemos larga conferencia, e o distinto sábio, então todo entregue a questões geográficas, disse-me, que já tinha pensado num distinto Oficial da nossa Marinha de Guerra, Hermenigildo Capelo, para fazer parte da expedição.

No dia seguinte parti para o Norte. A viagem e os ares do campo fizeram arrefecer um pouco o febril entusiasmo que

se apossara de mim em Lisboa, e pensando maduramente, resolvi não ir explorar em África.

Minha mulher e a minha filha eram laços difíceis de romper, e cada vez que a ideia de me privar das caricias da meiga criança me passava pela mente, arrefecia completamente em mim o ardor das explorações.

De um lado, a família, e do outro a África, eram dois poderosos atrativos que me tinham perplexo. Encontrei um meio de resolver a questão. Se eu fosse nomeado Governador de um distrito, podia ir estudar uma parte de África, sem me separar da família. Fui colocado no 4 de Caçadores, e na minha viagem para o Algarve, passei alguns dias em Lisboa. Não se falava mais em expedição exploratória, e apenas um entusiasta, Luciano Cordeiro, não tinha descrido de que ela se faria; e na sociedade de geografia, de que era Secretario, tinha levantado um alto brado a favor dela. O Dr. Bernardino António Gomes, já de idade provecta, tinha cedido ao peso do seu incessante labutar, e sentia já os primeiros sintomas do mal que, pouco depois, arrancando-lhe a vida, devia arrancar a Portugal e

ao mundo uma das maiores ilustrações Portuguesas do século 19.

Eu não conhecia a esse tempo o homem ardente e ilustrado a quem hoje me prende verdadeira amizade-Luciano Cordeiro.

Todos aqueles a quem falava de exploração, me diziam ser coisa adiada. Ao passo que o estado em que encontrei as coisas em Lisboa me compungia, pois que via perder-se a luz que um momento brilhara, para dar um impulso harmónico ás explorações Portuguesas em África; por outro lado, sentia um certo prazer em ver-me, por esse meio, libertado do meu compromisso; compromisso que me separaria dos entes que me são caros.

Nutri então a ideia de ir governar, e de me estabelecer em África, nessa África em que eu queria trabalhar, sem por isso me separar dos meus.

Fui falar ao Ministro.

Dessa vez fui logo cordialmente recebido. Estranhei o caso, não se falando já de explorações.

"O que o traz por aqui?"-"Venho pedir a V. Exa. o governo de Quilimane, que está vago." O Sr. Corvo riu-se. "Tenho missão de maior monta a confiar-lhe;" me disse; "preciso de si para coisa diferente de governar um distrito em África; e por isso não lhe dou o governo de Quilimane."-"Então V. Exa. ainda pensa em fazer explorar a África? Eu com franqueza digo, que hoje não creio que a ideia se realize."-"Dou-lhe a minha palavra de honra," me disse o Ministro, "que ou hei de deixar de ser João de Andrade Corvo, ou na próxima primavera, uma expedição organizada como ainda se não organizou expedição alguma na Europa, há de partir de Lisboa para a África Austral."- "E conta comigo?"-"Conto consigo," me disse, "e em breve terá notícias minhas." Saí aterrado do Gabinete do Ministro.

Cheguei ao Hotel Central, e escrevi o seguinte: "Não tenho a honra de o conhecer, mas preciso falar-lhe, e peço-lhe uma entrevista." Sobrescritei, a "Hermenigildo Carlos de Brito Capelo-Oficial de guarnição a bordo do couraçado Vasco de Gama." No dia imediato, recebi a seguinte resposta:-"Estou hoje no Café Martinho, ás 3 horas. Capelo." Ás três horas entrava no Café Martinho, e vi que

as mesas estavam completamente desertas. Só a uma delas estava sentado um primeiro tenente de marinha, que eu não conhecia mesmo de vista. Devia ser o meu homem. Bebia pausadamente um grog, e tinha a cabeça descoberta.

Era de mediana estatura, tanto quanto eu pude avaliar estando ele sentado. Moreno, de olhar plácido; o cabelo raro, e grisalho, o pequeno bigode já esbranquiçado, davam-lhe um ar de velhice, que era desmentido pela tez desenrugada, e apresentando o lustre da juventude.

"É o Sr. Capelo?"- "Sou; é o Sr. Serpa Pinto? já o esperava, e sei que, provavelmente, vem falar-me de África."- "É verdade. Então está decidido a fazer parte da expedição?"- "Estou; e já nisso falei ao Dr. Bernardino António Gomes."- "Foi ele que me falou no Sr.; que compromissos tem?"- "Nenhuns. Não sei bem o que o Governo quer; falei duas vezes com o Dr. Gomes; ainda não vi o Ministro, e apenas lhe posso dizer, que, se for à África, escolherei para companheiro um meu amigo, e camarada na armada, Roberto Ivens. Conhece-o?"- "Não o conheço. Falei ao Ministro e ele disse-me, que contava comigo para a expedição."- "Nesse caso, uma vez que já tem

compromissos com o Ministro, eu desisto de ir."- "Ora essa!... então desisto eu."- "Mesmo, eu não creio que a coisa vá a efeito."- "Nem eu creio muito; mas enfim, se for a efeito, porque não havemos de ir ambos? Não nos conhecemos, é verdade; mas em breve travaremos íntimas relações, e creio bem chegaremos a ser amigos."- "E porque não? Então, se a expedição for avante, iremos juntos, e escolheremos para nosso companheiro ao meu amigo Roberto Ivens."- "Está dito. Pensa seriamente que o Governo votará uma tão grande verba como a que é precisa para uma empresa destas?"- "Não sei, duvido; e agora ultimamente fala-se menos na expedição." Conversámos largamente, e separámo-nos; tendo a íntima convicção de que a expedição nunca se realizaria.

Ainda me encontrei com Capelo nos dias seguintes, e depois separámo-nos. Ele seguiu viagem no couraçado Vasco da Gama para Inglaterra; e eu fui tomar o comando da minha companhia em Caçadores 4, no Algarve.

Com o descanso da vida de guarnição, voltei ao estudo, e tive a felicidade de encontrar um amigo no Algarve, Marrecas Ferreira, distinto oficial de Engenheiros, que,

meu companheiro nas mesas do trabalho, tinha sempre um bom conselho a dar-me, nas questões matemáticas, que ele maneja com inteligência superior. Foi pelo seu intermedio que travei relações epistolares com Luciano Cordeiro, a quem depois me devia ligar estreita amizade.

Por esse tempo, redigi duas pequenas memorias, que por intermedio de Luciano Cordeiro chegaram ás mãos do Ministro da Marinha, em que tratava do modo de organizar uma expedição de exploração na África Austral.

Passaram-se meses, e não mais me falaram de expedição.

Recebi duas cartas do Capelo, em que me mostrava a sua completa descrença em que a coisa fosse a efeito. Eu mesmo nutria igual descrença. Na Comissão Permanente de Geografia discutiam-se vários projetos de expedições; mas tudo ficava em discussões.

Um dia, vi nos jornais, que o Ministro, o Sr. João de Andrade Corvo, apresentara no parlamento um projeto, pedindo um crédito de 30 contos para uma expedição em África; mas, pouco depois, caiu o Ministério, e foi o Sr. José de Melo Gouveia encarregado da Pasta das Colonias;

quando o projeto ainda não tinha sido votado no parlamento.

Tornava-se a falar da projetada exploração; mas os jornais davam por escolhidos exploradores que eu não conhecia, e ás vezes apenas falavam em Capelo.

Eu então estava em Faro, e se me não descurava dos meus estudos astronómicos e Africanos, ouvindo os conselhos de João Boto, distinto professor da escola de Pilotos de Faro, não nutria já ideias de viajar. O meu tempo era passado entre as caricias da família e os meus livros de estudo, e sentia-me muito feliz, nos conchegos do lar doméstico, para pensar em trocar a minha vida plácida pelo bulício e azares das viagens.

Seguia com interesse nos jornais as notícias de Lisboa, e vi que o novo ministro, José de Melo Gouveia, havia no parlamento apoiado a proposta de João de Andrade Corvo, e que fora votada a soma de 30 contos para uma exploração. A morte de Bernardino António Gomes, vítima, talvez, do muito interesse que dedicou ao estudo das questões Africanas, numa idade em que as fadigas passadas lhe aconselhavam completo repouso de espírito, a

morte desse eminente sábio, veio produzir um grande vácuo na Comissão Central de Geografia. Outros, é verdade, tomando grande interesse nas questões palpitantes, levantavam a voz no seio da comissão; mas discussões repetidas iam adiando a prática urgente.

Eu, apesar de se ter votado a verba no parlamento, já não via possibilidade de se levar a efeito a expedição em 1877; e em vista do que sabia pela imprensa, não pensava que se lembrassem de mim, se aquela fosse a afeito; e devo dize-lo, dava-me isso um certo prazer.

O Algarve é um país delicioso; reina ali uma atmosfera oriental, e as copas elegantes das palmeiras que se inclinam sobre as casas em terraços, faz-nos, ás vezes, esquecer de que vivemos no prosaísmo da Europa. Eu era ali o comandante militar, quer dizer, que afazeres poucos tinha.

O convívio de uma sociedade escolhida; os carinhos da família; os meus livros de estudo, e os meus instrumentos de observações, faziam-me passar horas bem felizes, dessa plácida felicidade que a muitos não é dado conhecer. O lar

caseiro, o chambre e os pantufos chegaram a ser para mim o ideal do bem-estar.

Findara o mês de Abril, e com o de Maio viera o calor, que se faz fortemente sentir em Faro; e eu fazia projetos para o verão; quando, um dia, recebo um telegrama em que me ordenavam de me apresentar imediatamente ao General comandante da Divisão; e ali achei uma ordem para me apresentar sem perda de tempo ao Ministro das Colonias.

Adeus casa, adeus chambre, adeus pantufos, adeus vida tranquila e plácida junto dos meus; aí volvo a correr mundo.

Quatro dias depois, em torno de uma grande mesa, numa grande sala do Ministério da Marinha, uma dúzia de graves personagens, uns de óculos, outros sem óculos, uns velhos outros novos, todos conhecidos, ou pelas ciências, ou pelas letras, ou pelos seus serviços públicos, tratavam de questões Africanas. Presidia a esta solene sessão o Ministro José de Melo Gouveia.

Eram Secretários Dr. José Júlio Rodrigues e Luciano Cordeiro. Conde de Ficalho, Marques de Souza, Dr. Bocage,

Carlos Testa, Jorge Figaniere, Francisco Costa, o Conselheiro Silva, e António Teixeira de Vasconcelos, lembra-me que estavam ali.

Lá no fundo da mesa a um canto, encaixado na poltrona, estava um homem de basto cabelo e basto bigode grisalho, a olhar para mim por entre os vidros da luneta de tartaruga. Era João de Andrade Corvo, que me dizia com o olhar: "Eu bem lhe afiancei que a coisa se havia de fazer." Junto de mim estava Capelo, e ao cabo de duas horas saíamos dali, com as instruções precisas para a nossa viagem. Tínhamos escolhido um terceiro socio, e esse era o tenente Roberto Ivens, o amigo de Capelo, que eu não conhecia, e que a esse tempo estava em Luanda a bordo do seu navio de guerra. Estávamos a 25 de Maio, e tomámos o compromisso de partir a 5 de Julho. Era muito, porque tínhamos que vir preparar a expedição a França e Inglaterra, e só dispúnhamos de um mês para isso.

Então Francisco Costa, Diretor Geral do Ministério, tomou a peito desfazer todos os obstáculos que os indispensáveis caminhos burocráticos nos podiam trazer; e andou de modo, que a 28 de Maio eu e Capelo partíamos para Paris e

Londres, a comprar o que se nos tornava necessário. Levávamos um crédito de oito contos de réis.

CAPÍTULO 2

COMO FOI PREPARADA A EXPEDIÇÃO

Em Paris fomos logo procurar a M. d'Abbadie, o grande explorador da Abissínia, e M. Ferdinand de Lesseps.

Deles ouvimos conselhos e recebemos os maiores obséquios.

Infelizmente, não encontrámos no mercado, nem instrumentos, nem armas, nem artigos de viagem, tais como os desejávamos.

Foi preciso encomendar tudo.

Com uma recomendação especial de M. d'Abbadie, fomos procurar os construtores de instrumentos, e durante 10 ou 12 dias, Lorieux, Baudin e Radiguet trabalharam para nós.

Walker tinha-se encarregado dos artigos de viagem, Lepage (Fauré) das armas, Tissier do calçado, e Ducet jeune da roupa.

Feitas as encomendas em Paris, seguimos para Londres, e ali comprámos os cronómetros, em casa de Dent, e alguns instrumentos em casa de Casela; uma boa provisão de sulfato de quinino, e muitos objetos de cautchouc na casa Macintosh, entre eles dois barcos e algumas banheiras.

Procurámos de balde em Londres, como tínhamos de balde procurado em Paris, um teodolito que tivesse as condições necessárias para uma viagem de tal ordem qual íamos empreender. Uns, ótimos para observações terrestres, não tinham as condições precisas para as observações astronómicas; outros, que reuniam as condições requeridas, eram intransportáveis, já pelo peso, já pelo volume.

Não havia tempo para fazer construir um de propósito, e de volta a Paris, tivemos de aceitar aquele que já antes nos tinha sido oferecido por M. d'Abbadie.

Recolhemos, em Paris, tudo o que tínhamos encomendado, e que tinha sido fabricado na nossa curta ausência; e no dia 1 de Julho, desembarcávamos eu e Capelo em Lisboa, completamente preparados para a nossa viagem; podendo assim cumprir o nosso compromisso, de partir para Luanda

no paquete de 5. Tínhamos feito os preparativos em 19 dias.

Quando eu estudava o modo de me preparar para uma longa viagem em África, tinha procurado sem resultado em livros de viagens, o modo porque se tinham preparado outros viajantes.

Em todas as narrativas havia escassez de informações a esse respeito, e lembra-me ainda o quanto isso me enfadou.

Resolvi logo, se um dia chegasse a fazer uma viagem em África, e se dela escrevesse a narrativa, não ser omisso nessa parte, e dizendo quais os objetos de que me provi, dizer quais os que me prestaram serviços reais, e quais os que me foram carga inútil.

A história das explorações de África está no seu começo.

Muitos exploradores me sucederam em África, como eu sucedi a muitos, e creio fazer um bom serviço àqueles que depois de mim se aventurarem no inóspito continente, apresentando-lhes agora uma relação dos objetos de que me provi; e logo, no correr da minha narrativa, as vantagens ou os inconvenientes que neles encontrei.

Segundo as instruções que do Governo tinha recebido, podia demorar-me três anos em viagem, e para isso me preparei.

A experiencia tinha-me mostrado, o grave inconveniente de me sobrecarregar de bagagens; e francamente declaro, que fiquei aterrado quando, em Lisboa, vi o enorme trem comprado em Paris e Londres.

Só malas tínhamos 17! todas das mesmas dimensões, 0m,3 x 0m,3 x 0m,6.

Uma era toucador perfeito, contendo um grande espelho, uma bacia, caixas para escovas e mais objetos competentes; outra continha um serviço de mesa e chá para três pessoas; e uma terceira o trem de cozinha.

Três outras malas de forte sola deviam conter cada uma o seguinte:-4 frascos de quinino, uma pequena farmácia, um sextante, um horizonte artificial, um cronómetro, umas tábuas logarítmicas, umas efemérides, um aneroide, um hipsómetro, um termómetro, uma bússola prismática, uma bússola simples, um livro em branco, lápis, papel e tinta; 50 cartuxos para cada arma; um vestuário completo, e três

mudas de roupa branca; isca, fuzil, pederneiras, e alguns pequenos objetos de uso pessoal.

Cada uma destas malas tinha na parte superior um estojo de costura, escrivaninha e lugar para papel. Eram pessoais, e pertencia cada uma a um de nós.

As outras 10 malas continham indistintamente roupas, calçado, instrumentos, e outros objetos de reserva. Todas tinham fechaduras iguais e abriam com a mesma chave.

A nossa barraca era uma tente marquise de 3 metros de lado por 2 m, 3 de alto. As camas eram de ferro, fortes e cómodas. As mesas de tesoura, os bancos e cadeiras de lona.

Todos estes artigos foram da fábrica de Walker.

Cada um de nós tinha uma carabina magnífica de calibre 16, cujos canos, forjados por Leopoldo Bernard, tinham sido cuidadosamente montados por Fauré Lepage.

Uma espingarda do mesmo calibre da fábrica de Devisme, uma Winchester de 8 tiros, um revólver e uma faca de mato completavam o nosso armamento.

Em Lisboa tinha eu encomendado na Confeitaria Ultramarina 24 caixas, das mesmas dimensões das malas, contendo, em latas cuidadosamente soldadas, chá, café, assucar, hortaliças secas, e farinhas substanciais. Hoje devo aqui lavrar um alto agradecimento ao Sr. Oliveira, proprietário da mesma fábrica, pelo escrúpulo que teve na escolha dos géneros que nos forneceu, e que muito nos serviram no começo da viagem.

Os instrumentos que levámos foram os seguintes: 3 sextantes, sendo um de Casela, de Londres; um de Secretan, e um de Lorieux, verdadeiro primor. Dois círculos de Pistor, fabricados por Lorieux, com dois horizontes de espelho, e os competentes níveis. Um horizonte de mercúrio de Secretan. Três lunetas astronómicas de grande força, duas de Bardou e uma de Casela. Três pequenos aneroides, dois de Secretan e um de Casela; 4 pedómetros, dois de Secretan e dois de Casela. 6 bússolas de algibeira; 1 bússola Bournier de Secretan; 3 outras azimutes, duas de Berlin e uma de Casela; 2 agulhas circulares Duchemin; 6 hipsómetros Baudin, 1 de Casela, 3 de Celsius de Berlin, dois mais muito sensíveis de Baudin; 12 termómetros de

Baudin, Celsius e Casela; 1 barómetro Marioti-Casela; 1 anemómetro Casela; 2 binóculos Bardou; 1 bússola de inclinação, e um aparelho de força magnética, que nos foram obsequiosamente emprestados pelo Capitão Evans, por entremeio de Mr. d'Abbadie. E finalmente, o teodolito universal d'Abbadie, que tem o nome de Aba, e que tão cavalheirosamente nos foi cedido pelo seu inventor.

Armas, instrumentos, bagagens, todos os artigos, enfim, tinham gravado o seguinte letreiro-Expedição Portuguesa ao interior de África Austral, em 1877.

Duas caixas, contendo o necessário para conservar exemplares zoológicos e botânicos nos foram enviadas pelos Srs. Dr. Bocage e Conde de Ficalho.

Ferramentas dos diversos ofícios aumentavam este enorme trem, com que íamos deixar Lisboa, para nos internarmos nos sertões desconhecidos da África Austral.

CAPÍTULO 3

EM BUSCA DE CARREGADORES

No dia 6 de Agosto de 1877, chegávamos a Luanda, no vapor Zaire, do comando de Pedro de Almeida Tito, a quem aqui lavro um testemunho afetuoso de muita gratidão, pelos favores que me dispensou durante a viagem.

Desde a minha saída de Lisboa, uma preocupação constante me perseguia. A nossa bagagem era enorme, e tinha de ser ainda muito aumentada, com fazendas, missangas e outros géneros, que seriam a nossa moeda no sertão.

Em todos os livros de viagens, nesta parte do continente Africano, li eu as dificuldades em que se encontraram muitos exploradores, por não poderem obter o número suficiente de carregadores para as cargas indispensáveis. Como os obteria eu? Em Cabo-Verde soube, que uma carta que eu e Capelo tínhamos dirigido ao Ivens não fora por ele

recebida; pois que soube ali, por um telegrama, que Ivens estava em Lisboa, e por isso não podia ter satisfeito ao pedido que naquela carta lhe fazíamos, de estudar a questão, e ver se nos obtinha em Luanda os auxiliares precisos. Uma tentativa feita em Cabo-de-Palmas ficou sem resultado, e apesar do apoio que nos prestou o Capitão Tito, nem um só keruboy podemos ajustar ali.

Chegámos finalmente a Luanda, e fomos hospedar-nos em casa do Sr. José Maria do Prado, um dos primeiros proprietários e capitalistas da Província de Angola, que imediatamente pôs à nossa disposição, uma das muitas casas que possui na cidade; casa com acomodações bastantes para receber o enorme trem da expedição.

Do Sr. Prado recebemos inúmeros favores. Na noite do dia 6, fomos procurados por um dos ajudantes-de-campo da sua Excelência o Governador-Geral, que vinha, em nome do Sr. Albuquerque, fazer-nos os mais cordiais oferecimentos.

No dia 7, procurámos o Exmo. Governador, que nos recebeu afetuosamente, mostrando a maior benevolência em desculpar os meus trajos, que, ótimos para a vida do

mato, eram, a não poder ser mais, ridículos para uma visita cerimoniosa.

O Sr. Albuquerque, depois de nos assegurar, que nos daria a maior assistência nas terras do seu governo, concluiu por nos mostrar a impossibilidade de obtermos carregadores.

Creio que nada mais desagradável pode haver para quem quer viajar em África, e tem 400 cargas, do-que dizer-se-lhe: Não há carregadores.

Decidi imediatamente ir ao Norte da província ver se por ali os poderia contratar; e nesse sentido pedi ao Sr. Albuquerque, me mandasse transportar ao Zaire.

O só navio de guerra que podia ser posto à minha disposição andava cruzando na foz do Zaire; resolvi ir procura-lo, e no dia 8, parti num escaler, tripulado por 8 pretos cabindas, que me foi fornecido pela capitania do Porto. Levava ordens do Governo para o comandante da canhoneira. Não há nada mais desagradável do-que fazer uma viagem de 120 milhas num escaler. De Luanda ao Ambriz comi apenas umas sardinhas e bolachas. Tendo

resolvido fazer a viagem no escaler no mesmo dia da partida, não tive tempo de fazer preparativos.

No dia 9, ao anoitecer, chegava ao Ambriz, bonita vila assente no planalto de um cômoro, cujas escarpas, de 25 metros, são cortadas a prumo sobre o mar.

Fazia as vezes de chefe, um empregado de fazenda, o Sr. Tavares, que caprichou em obsequiar-me, assim como todos os habitantes da vila, mormente o Sr. Cordeiro, em casa de quem estive hospedado.

Esperava-me no Ambriz Avelino Fernandes. Tive a felicidade de conhecer Avelino Fernandes a bordo do vapor Zaire, e relações íntimas se estabeleceram entre nós.

É filho das margens do Zaire, e tem grande paixão por esse rico solo, onde as árvores gigantescas da floresta virgem lhe assombraram o berço. Tem 24 anos. A cor morena e o cabelo crespo indicam que nas suas veias, de envolta com o sangue Europeu, gira o sangue Africano. Rico, dotado de uma esmerada educação, adquirida nos principais centros da Europa, e que uma inteligência superior soube desenvolver, é o verdadeiro tipo do cavalheiro palaciano,

que não se pode conhecer sem que a ele nos prenda logo verdadeira simpatia. As muitas relações que ele tinha no Zaire podiam facilitar-me os meios de arranjar ali carregadores.

Soube no Ambriz que a canhoneira Tâmega devia chegar àquele ponto dentro de dois dias; e por isso resolvi espera-la.

A viagem de Luanda no escaler não me tinha deixado recordações tão fagueiras, para que eu persistisse em continuar para o norte da mesma forma.

No dia 10, fui visitar a vila e os seus subúrbios, e em dois traços vou narrar o que vi.

Do planalto em que assenta a povoação Europeia, desce-se para a praia por um caminho em zigzag, que estava sendo reconstruido por alguns grilhetas. Na praia, entre dois soberbos edifícios, que são armazéns das casas comerciais Francesa e Holandesa, ostenta-se um albergue, meio-derrocado pela velhice, meio-em-construção recente não-continuada, que é a Alfândega; Alfândega sem depósitos, onde as fazendas, arrumadas à porta sobre o areal, pagam

um irrisório tributo de armazenagem. A N.N.E. da vila, muitos hectares de terreno são ocupados por um pântano, inferior de 3 metros e 12 centímetros ao maior preamar; e na encosta da escarpa que do planalto da vila desce ao pântano, assentam as cubatas da povoação indígena, nas piores condições de salubridade. Ao sul da vila, entre umas moitas de mato virgem, é o cemitério-onde os cadáveres enterrados de dia, são pasto das hienas à noite.

A ponte de desembarque, construída de ferro e madeira, está prestes a ser inutilizada; porque a oxidação do ferro em contacto com o ar e a água, produz-se cedo; e a ponte não foi pintada, não há verba para sua conservação, nem alguém que por ela vigie.

A casa do chefe é um pardieiro derrocado, onde há verdadeiro perigo em habitar.

O paio ameaçava ruina; e isso fez-me impressão, porque ele contém a pólvora do comércio, que não rende menos de duzentos mil réis mensais para o Estado.

É bem de esperar, que nos dois anos decorridos depois da minha visita ao Ambriz, se tenham dado mais cuidados

àquela bonita vila, cuja importância é patente, sendo um grande centro de comércio.

Um quilómetro ao N. da ponte de desembarque, lança no Atlântico as suas águas o rio Loge, cuja foz é obstruída por um banco de areia, que lhe dá difícil acesso, mas que depois é navegável por uns trinta quilómetros.

No dia 11, fui visitar a importante propriedade agrícola, fundada pelo célebre Jacintho do Ambriz, e hoje pertença do seu filho Nicolao. Esta propriedade representa um dos maiores esforços feitos na província de Angola, para o desenvolvimento da agricultura.

Jacintho do Ambriz foi levado à África por uma desgraça íntima. Filho do povo, sem a menor instrução, não sabendo mesmo ler ou escrever (mas dotado de uma razão clara, de um espírito fino, e de muita felicidade), chegou a fazer uma grande fortuna. Jacintho casou no Ambriz com uma mulher da sua igualha. Era a tia Leonarda, mais conhecida por tia Lina, natural da Beira-Alta; e em 1877, a conheci eu vestida sempre à moda das camponesas da Beira, falando a linguagem vulgar que fala o povo daquela província, como se de lá tivesse chegado. Na sua casa comi um jantar

beirense, e por um momento julguei-me transportado a uma das hospitaleiras casas dos nossos lavradores do Norte. A tia Lina entrou muito na felicidade que levou Jacintho à riqueza.

Jacintho fazia o comércio, e esse comércio, na África, obriga a dois distintos ramos:

Adquirir dos brancos fazendas, e vender-lhes os produtos do país; e adquirir dos pretos esses produtos, vendendo-lhes as fazendas.

Era Jacintho que fazia o comércio com os brancos, e a tia Lina com os pretos.

Jacintho, dotado de uma alma generosa, era muitas vezes vítima da sua boa fé, e das extorsões de alguns chefes; o que provocava uma frase à tia Lina, que eu muitas vezes ouvi repetir: "Ah! Jacintho, os brancos esmagam-te; mas eu esmago os pretos!" O verbo empregado pela tia Lina não era precisamente o verbo esmagar, mas, por muito enérgico, substituo-lhe outro algo semelhante.

Um dia, Jacintho deu em ser lavrador. Era a costumeira de criança que puxava por ele. Comprou terreno, e lançou os

fundamentos dessa vastíssima propriedade que é digna de ser visitada; e à qual dedicou o seu trabalho e a sua bolça, até ao último momento de vida que teve.

Era Jacintho conhecido por estropiar as palavras, e citam-se dele tolices engraçadíssimas, pelo mau emprego de um ou de outro vocábulo que decorara, mas cuja significação não conhecia bem; com tudo, tinha muito espírito, e há dele anedotas engraçadas. Esta por exemplo:

Já ele se achava estabelecido na sua propriedade do Loge; mas, logo que ao porto chegava navio de guerra Português, ia a bordo fazer oferecimentos aos oficiais; que de génio era franco.

Um dia que ele fora a bordo, o comandante pediu-lhe um macaco. "Quantos quiser?" lhe respondeu Jacintho; "mande amanhã um escaler, pelo Loge até minha casa, busca-los." No dia seguinte, um escaler, tripulado por seis homens, encostava ao muro do jardim de Jacintho. Fez ele subir o escaler até dois quilómetros mais, e chegando à vertente de um monte coberto de gigantes baobabs, em cujos ramos horizontais pulavam centos de macacos, disse aos marinheiros: "Todos estes macacos são meus, vivem cá

dentro da minha propriedade; tendes licença de apanhar quantos quiserdes e leva-los ao comandante." Os marinheiros encararam com os cimos elevadíssimos das enormes árvores, cujos troncos, de espantoso diâmetro, não lhes permitiam a subida; e depois de alguns vãos esforços, retiraram desanimados, perseguidos pela grita e pelas caretas da macacaria.

"Eu dei-lhos; se os não levam, não é culpa minha," dizia o Jacintho, rindo ás gargalhadas.

Visitei a propriedade, e uma coisa que me impressionou foi ver, que, máquinas, aparelhos, instrumentos, etc., tudo era de fábrica Portuguesa.

Nada Jacintho admitia que não fosse Português, e, custassem-lhe o dobro, fazia ele fabricar em Lisboa todos os seus artigos, já para a agricultura, já para a indústria.

A memória desse homem obscuro-mais conhecido pelos disparates que dizia, do-que pelas muitas coisas acertadas que fez-deve ser respeitada por todos os que se interessam pelo desenvolvimento Africano; porque ele foi o homem que, nos modernos tempos, maior serviço fez, para

desenvolver a agricultura em colonia Portuguesa, empregando nisso a sua imensa fortuna, e trabalhando até ao seu último dia.

Na margem esquerda do Loge, assenta outra propriedade agrícola, também importante, pertencente ao Sr. Augusto Garrido. Não tive tempo de a visitar, porque, no dia que ali passei, não pude esquivar-me aos muitos favores de Nicolao e tia Lina, e tudo o tempo foi pouco para admirar o que ali, no brejo agreste, a vontade do homem tinha feito.

No dia seguinte, chegou a canhoneira Tâmega, e soube, indo a bordo, que se achava sem mantimentos, e com grande número de praças doentes; motivo porque combinei com o comandante, o Sr. Marques da Silva, espera-lo no Ambriz, em quanto ia a Luanda refrescar.

Três dias depois chegou a Tâmega de volta de Luanda; indo eu logo para bordo, com Avelino Fernandes, seguimos viagem no mesmo dia para o Zaire.

Eu tinha adoecido com uma bronquites aguda, de que felizmente melhorei logo que começou a viagem.

Subimos o Zaire até ao Porto da Lenha, onde desembarquei com Avelino Fernandes, que me apresentou aos seus amigos dali. Falei logo em carregadores. Disseram-me, que seria, talvez, possível obtê-los, se os chefes indígenas me quisessem auxiliar; mas que, o melhor meio para mim, era resgatar escravos, e em seguida contrata-los para o serviço que eu exigia.

Repugnou-me a ideia de comprar homens, embora fosse para os libertar em seguida. E depois, quem sabe se eles me quereriam acompanhar sendo livres?

Resolvi imediatamente não proceder deste modo, embora não obtivesse um só carregador ali.

Na casa em que estava soube que tinha chegado a Boma, no dia 9, o grande explorador Stanley, que descera tudo o curso do Zaire. Stanley tinha seguido para Cabinda.

Voltei a bordo e combinei com o Comandante irmos a Cabinda oferecer os nossos serviços ao arrojado viageiro. Partimos, e logo que ancorámos no porto, fui a terra, com Avelino Fernandes e alguns oficiais da canhoneira.

Foi comovido que apertei a mão de Stanley, homem de pequena estatura, que aos meus olhos assumia proporções de vulto colossal.

Ofereci-lhe os meus serviços, em nome do Governo Português, e disse-lhe, que se quisesse ir a Luanda, donde mais facilmente poderia obter transporte para a Europa, o Comandante Marques lhe oferecia transporte a ele e aos seus a bordo da canhoneira. Em nome do Governo Português pus à sua disposição o dinheiro de que carecesse.

Stanley respondeu-me com um vigoroso aperto-de-mão.

Os oficiais da Tâmega confirmaram os meus oferecimentos em nome do seu Comandante.

Stanley aceitou, e desde esse momento, ficou a canhoneira à sua disposição.

Como bem se pode calcular, eu e Avelino Fernandes não deixávamos Stanley, e ávidos de ouvir a narração da sua viagem, o tempo que ele tinha preso, era por nós passado a questionar os seus homens.

No dia 19, os oficiais da Tâmega deram um soberbo banquete ao intrépido explorador, para o qual convidaram o Comandante Marques, Fernandes e a mim.

No dia 20, partimos para Luanda, levando a bordo toda a comitiva de Stanley, que se compunha de 114 pessoas, entre elas 12 mulheres e algumas crianças.

Stanley, em Luanda, foi hospedar-se na minha casa; distinção a que eu fui muito sensível, porque recusou, para isso, os muitos convites que teve, e com eles comodidades que eu não podia oferecer-lhe, numa casa onde tinha por mobília os meus utensílios de viageiro.

O Governador mandou logo cumprimentar o ilustre Americano, e ofereceu-lhe um banquete, a que assisti. De volta a casa, perguntei a Stanley, qual a impressão que trazia do Sr. Albuquerque? E ele disse-me apenas: "He is a very cold gentleman." ("É um cavalheiro muito frio.") O Cônsul Americano, o Sr. Newton, deu-nos um almoço, e muitos favores nos dispensou.

Tinham festas e banquetes; mas, a 23 de Agosto, ainda não tínhamos um só carregador; e na noite do jantar oferecido

a Stanley pelo Governador, me repetira sua Excelência, que não me seria possível obtê-los, sobre tudo em Luanda; mostrando-me a dificuldade em que se encontrara o Major Gorjão, que apenas tinha podido obter metade do número de homens de que precisava, para estudar a linha ferrovial do Cuanza.

É tempo de falar dos nossos projetos, segundo a lei, e as instruções do Governo.

O Parlamento votara uma soma de 30 contos de réis para se estudarem as relações hidrográficas entre as bacias do Congo e Zambeze, e os países compreendidos entre as Colónias Portuguesas de uma e outra costa de África Austral.

Umas instruções subsequentes indicavam mais particularmente o estudar-se o rio Cuango, nas suas relações com o Zaire; o estudo dos países compreendidos entre as nascentes do Cuanza, Cunene, Cubango, até ao Zambeze superior; indicando, que, se possível fosse, deveria estudar-se o curso do Cunene.

O que fora designado na lei do Parlamento, elaborada pelo Sr. Corvo, parece ao princípio problema vasto de mais para uma só expedição, e uma verba de trinta contos de réis; mas a lei foi bem redigida. O Sr. Corvo sabia, que o viajante em África, não só nem sempre é senhor dos seus passos, mas também, que no seu caminho pode encontrar um não-previsto problema, que julgue de importância superior à do que lhe foi designado; e por isso deixou a maior latitude aos exploradores.

Quanto ás instruções, foram elas mais restritas, mas ainda assim, deixavam bastante largos os movimentos da expedição.

O ponto de entrada, como dependia essencialmente do lugar onde obtivéssemos carregadores, ficou indeterminado.

Tínhamos eu e Capelo pensado em entrar por Luanda, seguir a leste, até encontrar o Cuango; descer este rio por dois grãos; passarmos ao Cassibi, que intentávamos descer até ao Zaire; e finalmente, reconhecer o Zaire até à sua foz.

Com a chegada de Stanley, tendo ele feito uma parte do trabalho que nós propúnhamos fazer, e sobre tudo a impossibilidade de obter carregadores em Luanda, tivemos de modificar completamente o nosso plano.

Decidimos, que fosse eu ao Sul procurar carregadores em Benguela; e que, se ali os obtivesse, entrássemos pela foz do rio Cunene, subindo-o até ás suas nascentes; e depois seguíssemos com os nossos estudos para S.E., até ao Zambeze.

Como não podíamos ter grande confiança na gente que ajustássemos, lembrámo-nos de pedir ao Governador um certo número de soldados, que fossem, por assim dizer, a escolta de vigia. A sua Excelência acedeu e mandou saber aos regimentos, se alguns soldados nos quereriam acompanhar; porque, não sendo aquele serviço regular, não podia compelir os soldados a irem.

Ficou, pois, decidido, que eu partisse para Benguela no vapor que no princípio de Setembro devia chegar de Lisboa.

Nesse vapor veio o Ivens, que pela primeira vez eu via. Simpático, ardente, dotado de grande verbosidade, e muito entusiasmado pelas viagens difíceis, depressa me ligou a ele a amizade. Narrámos-lhe tudo o que resolvêramos fazer, e as dificuldades que tínhamos encontrado até então. Ivens concordou connosco, e ficou definitivamente resolvida a minha partida para Benguela, no dia 6.

Preparei-me logo para partir, e fui dar parte disso ao Governador.

Durante a minha ausência os meus companheiros deviam preparar as bagagens, que estavam em grande desarranjo, com a nossa precipitada partida da Europa.

Cabe aqui contar um episódio que me aborreceu bastante; porque poderia ter feito, que Stanley julgasse do caracter meu e dos meus companheiros, diferentemente do que o devia fazer.

No dia 5, ao almoço, conversávamos eu, Capelo, Ivens, Stanley e Avelino Fernandes, a respeito da escravatura, e mostrávamos a Stanley o espírito das leis Portuguesas sobre o infame tráfico; notando-lhe a falsidade de asserções

de estrangeiros ao nosso respeito; e a impossibilidade de fazer então escravos onde o Governo tinha força. Discorríamos acerca do assunto, quando Capelo teve de ir a Palácio falar ao Governador.

Voltou uma hora depois, e logo em seguida recebia Stanley uma carta oficial do Sr. Albuquerque, a pedir que lhe certificasse, se nas terras do seu governo se fazia escravatura? Stanley veio surpreendido mostrar-me a carta, e não menos surpreendidos ficámos eu, os meus companheiros, e Avelino Fernandes. Efetivamente, a nossa conversa ao almoço, e aquela carta depois de um de nós ir a Palácio, pareceria ao ilustre viajante uma comédia habilmente preparada.

Stanley podia certificar a sua Excelência, que a bordo da Tâmega, na minha casa, em casa da sua Excelência, e na do Cônsul Newton, não tinha visto fazer escravatura. Fora disto, Stanley, como sua Excelência muito bem sabia, só por informações nossas poderia falar, convivendo quase exclusivamente connosco, e não tendo visitado ponto algum do país governado pelo Sr. Albuquerque. Era querer o Sr. Governador viesse Stanley a pagar caro um jantar e os seus

favores, pedir-lhe um certificado que ele Stanley nunca deveria ter passado.

Stanley, creio eu, fez-nos a justiça de pensar que éramos estranhos àquela carta.

No dia 6, parti para Benguela, levando cartas do Sr. José Maria do Prado para alguns particulares, e nem uma recomendação para o Governador do Distrito, que eu não conhecia.

Ia outra vez à busca de carregadores, que eu, Português, não tinha podido obter em Luanda, e que, 4 meses depois, tinha ali obtido um estrangeiro, o explorador chut, que não encontrou as menores dificuldades, para seguir o primeiro caminho que nós tínhamos tencionado seguir.

Em viagem conheci um passageiro que me disse ser possível obter alguns carregadores em Novo Redondo, e que se comprometeu a contratar ali uns 20 ou 30.

Foi já um pouco animado com esta promessa, que cheguei a Benguela, no dia 7 à noite; e ainda que levava cartas de recomendação para alguns negociantes, fui procurar o Governador, e pedir-lhe hospedagem.

CAPÍTULO 4

AINDA EM BUSCA DE CARREGADORES

Alfredo Pereira de Melo, Governador de Benguela, ao ouvir o meu pedido de hospedagem, mostrou um embaraço que percebi, e disse-me, que não tinha meio de me receber na sua casa. Surpreendeu-me o caso, sabendo eu que o Governador era bizarro de génio e de natureza franco. Tive convites, logo à minha chegada, já de António Ferreira Marques, já de Cauchoix; mas persisti no intento de hospedar-me em casa do Governador.

Ele disse-me, que não tinha cama a oferecer-me, e eu mostrei-lhe a minha cama de viagem; porque fui logo pondo em casa dele a minha bagagem. Disse-me, que não tinha quarto; apontei-lhe para um canto da sala em que estávamos, onde ficaria otimamente.

Não havia mais que dizer, e fiquei. Aguçava-me a curiosidade a resistência do Governador em negar-me a

hospitalidade que pedia; mas cedo desvendei o mistério.

Alfredo Pereira de Melo era homem novo, ainda que tinha já uma patente superior na armada. Simpático e inteligente, é estimado por todos aqueles que o conhecem de perto; porque a uma finíssima educação, reúne grande retidão de caracter, e a energia peculiar a tudo bom marinheiro. Serviu na marinha Inglesa, e tem de viagens larga prática.

Viu as Américas, e antes de ir para África como Ajudante-de-Campo do Governador Andrade, tinha visitado a India, a China e o Japão.

O Governador, que já me conhecia de nome, ao ouvir o meu pedido, esqueceu que tinha diante de si o explorador, para só se lembrar do homem habituado a viver no meio do luxo e das comodidades. Pereira de Melo teve vergonha de hospedar-me.

Um Governador de Benguela, se é reto e probo, vive mesquinhamente com a paga que recebe.

A casa do governo é arrendada. A mobília, um pouco menos de modesta, guarnece a sala e um quarto.

Na sala, destoa da mobília, ricamente amoldurado, um retrato d’el-rei, o melhor que tenho visto.

E contudo a este porto, vêm repetidas vezes navios de guerra estrangeiros, cujos oficiais visitam o Governador, regalam-no a bordo; e ele nem um copo de água lhes pode oferecer na sua casa, porque a preta ou o moleque tem de trazer o copo num prato velho. O serviço de mesa era, creio eu, a espada de Damocles suspensa sobre a cabeça de Pereira de Melo, ao ouvir a minha teimosia em ficar. Não tinha razão. O asseio que presidia a tudo, supria o vidrado da louça gasto com o tempo, e os manjares simples, mas bem cozinhados, avivavam o apetite já derrancado pelos ares Africanos; e não se ofenda o cozinheiro do Hotel Central em Lisboa, se eu lhe dizer, que comi melhor em casa do Governador de Benguela do que comia dos seus opíparos manjares, ainda que a preta Conceição, cozinheira do Governador, nunca ouviu falar do herói das caçarolas, o célebre Brilat-Savarin.

Pereira de Melo, logo ao primeiro dia de convivência, abriu-me o seu coração, mostrando-me a menos que singeleza da sua vida interior. Três ofícios dirigidos ao Governo da

Província, em que pedia autorização para fazer algumas reformas caseiras, tinham ficado sem resposta.

Isto não é de estranhar, porque foi sempre assim.

Em um copiador de correspondência, que existe nos arquivos do Governo de Benguela, li eu uns ofícios datados de 1790, em que o Governador de então já se queixava a El-Rei das mesmas faltas; por a elas lhe não dar remedio o Governador Geral da Província, e entre outras coisas que pede com urgência, figuram os reparos para duas peças de bronze que designa, e que ainda hoje os carecem.

Sam as mesmas de que fala Cameron; o que ele vai saber agora é, que os reparos já foram encomendados e não podem tardar em chegar; porque, sendo a encomenda deles feita em 1790, deve estar quase concluída a sua construção.

Benguela é uma bonita cidade, que se estende desde a praia do Atlântico até ao sopé das montanhas que formam o primeiro degrau do planalto da África tropical. É cercada de uma espessa floresta, a Mata do Cavaco, ainda hoje povoada de feras; e isso não admira, que os Portugueses,

em geral, de caçadores não tem manhas. As habitações dos Europeus ocupam uma grande área, porque todas as casas tem grandes quintais e dependências.

Os quintais são cuidados; produzem todas as hortaliças da Europa, e muitos frutos tropicais.

Vastos pátios cercados de alpendres servem para dar guarida ás grandes caravanas que do sertão descem à costa em viagem de tráfico, e que repousam três dias na casa onde efeituam as permutações.

Um rio, que na estação estia apenas é larga fita de área branca, que se desenrola das montanhas ao mar, através da floresta do Cavaco, é ainda assim a grande fonte de Benguela, que os poços ali cavados dão água boa filtrada pelas áreas calcárias.

Nas ruas da cidade, largas e direitas, crescem dois renques de árvores, pela maior parte figueiras sicómoros, de pouco arraigadas, e por isso ainda pequenas. As praças são vastas, e num a ajardinada, crescem bonitas plantas de vistoso aspeto.

As casas, todas térreas, são construídas de adobes, e os pavimentos são, num as de tijolos, e de madeira em outras.

A alfândega é bom edifício, recentemente construído, e tem vastos armazéns para as mercadorias do tráfico. Esta alfândega, e o largo ajardinado, como outros melhoramentos de Benguela, foram de um Governador, Leite Mendes, que de si deixou rasto.

Uma ponte magnífica de arquitraves de ferro, creio que encomendada pelo mesmo Leite Mendes, mas muito posteriormente montada pelo Governador Teixeira da Silva, é guarnecida por dois guindastes e carris, por onde, em vagonetes, se transportam as mercadorias das lanchas à alfândega. Eu aqui cometi um erro de gramática, escrevendo o verbo transportar no presente do indicativo, quando no condicional é que era.

Transportariam, se houvesse pessoal para isso; mas não transportam, porque o não há.

Tem a cidade um templo decente, e um cemitério bem colocado e murado.

A povoação Europeia é cercada, por todos os lados, de senzalas, ou povoações de pretos, e mesmo entre a povoação branca há pequenas senzalas, em quintais abandonados. O seu aspeto geral é agradável e asseado.

Tem Benguela má fama entre as terras Portuguesas de África; e supõem muitos, ser aquilo um país infecto, que exala de miasmáticos pântanos a peste, e com a peste a morte.

Não é assim. Eu não conheci Benguela como ela fora em tempos passados; mas hoje, não é nem melhor nem pior do que outros muitos pontos de África.

O asseio e as plantações de arvoredo, decerto tem modificado muito as suas anteriores condições higiénicas, e com uma pouca de boa vontade, não seria difícil o seu saneamento; o que estou certo se fará, porque não pode deixar de merecer verdadeira atenção um ponto de tão subida importância comercial, e em fácil contacto com tão ricas terras nos sertões.

Os principais produtos que alimentam o comércio de Benguela são cera, marfim, borracha e urzela, que chegam

à cidade trazidos pelas caravanas dos sertões. Estas caravanas são de duas espécies. Umas, dirigidas por agentes das casas comerciais, trazem ás mesmas casas que os despacham os produtos do seu tráfico no interior; outras, exclusivamente compostas de gentio, descem a negociar por canta própria, onde melhor ganho encontram.

O tráfico com o gentio faz-se por permutação direta do género por fazenda de algodão, branco, riscado ou pintado. Os outros produtos Europeus são objeto de uma segunda permutação pela fazenda recebida; e assim, depois da primeira troca do marfim ou cera pelo algodão, é este trocado por armas, pólvora, água-ardente, missanga, etc., à vontade do comprador; porque a fazenda de algodão é, por assim dizer, a moeda corrente neste tráfico.

O comércio está entre mãos de Europeus e crioulos, e felizmente já ali encontrámos muitos desses rapazes que, aventurosos, deixam pátria e família, para ir em terras longínquas buscar fortuna.

Alguns deportados de menor importância também negociam, já por conta própria, já como empregados de casa alheia.

Os maiores criminosos do Reino, os condenados por toda a vida, são deportados para Benguela, do que resulta, encontrar-se ali quantidade de patifes, de que é bom resguardar-se; não os confundindo com a gente digna e capaz, que a há.

A polícia é confiada à força militar, que um dos regimentos destaca para Benguela; sendo que de Benguela ainda são espalhadas diferentes forças nos concelhos do interior; desfalcando a guarnição da cidade, já de si pequena.

Nós temos dois exércitos, um na Metrópole, outro nas colonias, que nenhuma relação tem entre si.

O nosso exército da Metrópole é bom, porque o Português é bom soldado; o nosso exército das colonias é mau, porque o preto é mau soldado; e os brancos que ali servem de mistura com pretos, são piores ainda do que estes. Deportados por crimes que os excluíram da sociedade, fazendo-lhes perder na Europa o foro de cidadãos, vão desempenhar em África o posto nobre do soldado; sendo a nossa autonomia Africana, e a segurança pública e particular, confiada à defesa de homens, que dão por garantia um detestável passado.

Daí as contínuas cenas de caracter vergonhoso que se presenceiam ali. Durante a minha permanência em Benguela, houve um grande roubo com arrombamento, no cofre militar. O Governador houve-se com a maior energia na maneira porque procedeu para descobrimento dos culpados, sendo muito coadjuvado pelo seu Secretario, o Capitão Barata, que conseguiu descobrir os ladrões, e haver o dinheiro roubado. Fora o roubo planeado pelo próprio sargento do destacamento, e levado a efeito por ele e alguns soldados!

Se o nosso exército Metropolitano não se presta à censura do homem mais pechoso, as nossas forças coloniais são vítimas das merecidas chufas de todos os estrangeiros, que as observam.

Por mais que tenha cogitado, nunca pode atingir ao préstimo de tal exército nas nossas colonias, que para polícia não serve; servindo menos para a guerra, que da minha lembrança tenho visto ser feita por corpos voluntários, levantados no reino, e que além vão servir por certo prazo. Hoje mesmo, em Lisboa, três batalhões estão sempre prontos a marchar para as colonias, e já lá tem ido;

o que prova sabermos nós, que o ter exército no ultramar, tal como ele é, não passa de velha costumeira.

Na noite da minha chegada a Benguela, fiz o conhecimento do Juiz de Direito Caldeira, que se associou ao Governador para me certificar, que, como ele, empregaria toda a sua influência para que eu não tivesse vindo de balde a Benguela, e assim o fez.

O Governador convocou os moradores importantes a uma reunião na sua casa, e expondo-lhes os motivos da minha viagem, e o meu projetado itinerário, pediu-lhes que o coadjuvassem na empresa de arranjar carregadores; para que eu pudesse levar a cabo a expedição. Todos assim o prometeram.

O Governador Pereira de Melo, e o Juiz Caldeira, foram incansáveis, e no dia 17, dia em que este último se retirou para Lisboa, tinha eu o número de carregadores que pedira, cinquenta, que, com trinta esperados de Novo Redondo, perfaziam um total de oitenta; tantos quantos eu havia julgado precisos para subir da foz do Cunene ao Bihé.

O velho sertanejo, Silva Porto, encarregara-se de fazer transportar ao Bihé o grosso das bagagens, que nós encontraríamos naquele ponto; onde deveríamos contratar mais carregadores para seguir avante.

Nesse dia mudei eu para a casa que antes ocupava o juiz, continuando a ir jantar com o Governador, ou com António Ferreira Marques, da Casa Ferreira e Gonçalves, que porfiavam em obsequiar-me.

No dia seguinte, um preto meu serviçal furtou-me uns 75 mil réis, e desapareceu, sem que dele mais se soubesse.

A 19 chegaram os meus companheiros na canhoneira Tâmega, e nesse mesmo dia resolveu-se, que não iríamos à foz do Cunene, mas sim entraríamos diretamente ao Bihé.

Esta nova resolução que tomámos, alterava o que havia contratado com os carregadores, e além disso, a gente de Benguela, que, transportada a país distante, não pensaria em desertar, não me inspirava garantia, viajando logo no começo em país de que conhecia a língua e os costumes.

Começou nova campanha. Eu tinha presentes as narrações de Cameron e Stanley a respeito dos embaraços causados

por deserções, e até as do próprio Livingstone, que foi abandonado por trinta homens na viagem de Tete com o Dr. Kirk.

Logo depois da chegada dos meus companheiros, combinámos em ser o Ivens encarregado dos trabalhos geográficos, o Capelo de Meteorologia e ciências Naturais, e eu do pessoal auxiliar da expedição, coadjuvando-nos mutuamente. Assim, pois, tive de me por logo em campo, e o primeiro passo que dei, foi ir tomar conselho de Silva Porto.

Narrei-lhe a nova decisão que havíamos tomado, de seguir diretamente ao Bihé, e expus-lhe o meu embaraço. Silva Porto veio a Benguela comigo, pois que a sua casa da Bemposta dista 6 quilómetros da cidade, e percorremos as casas onde tinham caravanas de Bailundos, sem que eles quisessem anuir a levar as cargas ao Bihé. Á casa Cauchoix tinha chegado uma grande caravana, e este cavalheiro chegou a oferecer uma avultada gratificação ao chefe, e paga dupla aos carregadores, se quisessem conduzir as nossas bagagens, mas nada conseguiu.

Cabe aqui narrar um facto muito curioso. Os Bihenos são os primeiros viajantes de África, e nenhum outro povo estende mais longe as suas correrias, nem se lhe iguala em arrojo e robustez de caminheiros; mas os Bihenos viajam só do Bihé para o interior como assalariados; e se de maravilha vêm à costa, é por conta própria. Os Bailundos alugam os seus serviços entre a costa e o Bihé, e não vão ao interior para leste; mas ao norte estendem suas viagens até ao Dondo e Luanda.

Assim, pois, os negociantes sertanejos fazem transportar as mercadorias de Benguela ao Bihé por Bailundos, e dali aos pontos remotos do interior por Bihenos, que voltam, com os produtos permutados, ao Bihé. Deste ponto à costa tornam a servir-se dos Bailundos.

Depois de informado disto, só me restava mandar assalariar Bailundos, para me virem buscar as cargas; e disso se encarregou Silva Porto, despachando logo cinco pretos ao Bailundo, a ir buscar a gente. O velho sertanejo disse-me logo, que eles teriam muita demora, porque os enviados levavam 15 dias a chegar ao país, e outro tanto tempo, pelo menos, gastariam a reunir os carregadores, e estes, 15 dias

para vir; fazendo uma soma de 45 dias; afiançando-me ele, que antes não os teria. Nós estávamos em fins de Setembro, e por isso só poderíamos partir por meado de Novembro. (*)

[(*)Parte destes carregadores, 200, só chegaram a Benguela a 27 de Dezembro, e outros 200 por fins de Fevereiro.]

Vim participar isto aos meus companheiros, e depois de conferenciar com eles, resolvemos não perder tanto tempo em Benguela; e entregando as cargas a Silva Porto, para que no-las enviasse pelos Bailundos, partirmos imediatamente com as cargas indispensáveis, indo esperar no Bihé; tempo que aproveitaríamos no arranjar de carregadores ali para seguir avante.

Dos carregadores contratados em Benguela apenas uns 30 mereciam alguma confiança para seguir tal caminho; e estes, com 36 de Novo Redondo, faziam um total de 66 homens. Tínhamos, além disso, 14 soldados; os meus moleques pequenos de serviço; uns Cabindas de serviço de

Capelo, e Ivens; e 2 chefes pretos, um contratado por mim na Catumbela, o preto Barros, e outro por Capelo, em Novo Redondo, o Catão.

Em toda esta gente não tínhamos um só homem de confiança.

Tratámos de separar as cargas julgadas indispensáveis, e conhecemos que eram 87; isto é, tínhamos 21 cargas mais do que carregadores. Foi de balde que trabalhei para os haver, não me foi possível obter um só.

Os pretos, não compreendendo o que íamos fazer, ao sertão, estavam receosos, e com a sua desconfiança natural, imaginavam loucuras e recusavam-se.

Chegou o fim de Outubro sem nada termos adiantado.

Resolvi, por conselho de Silva Porto, ir ao Dombe, experimentar se os Mundombes fariam menos dificuldades, do que a gente de Benguela; mas, sentindo-me incomodado, pedi ao Capelo ali fosse por mim.

No dia 29, partiu o Capelo, e voltou no dia 3 de Novembro. Nada fez. Os Mundombes prestam-se com facilidade a ir a Quilengues por caminho conhecido deles; mas, fora disso,

não fazem outras viagens; e recusaram as pagas avultadas que lhes oferecíamos para irem ao Bihé.

Tornava-se necessário tomar uma resolução, e essa foi logo tomada; seguiríamos sempre para o Bihé, mas tomaríamos por Quilenges e Caconda.

O Governador Pereira de Melo deu logo ordem ao chefe do Dombe, que tivesse prontos 50 carregadores, para seguirem connosco para Quilengues.

Silva Porto encarregou-se das cargas que deviam ser mandadas ao Bihé, e eram umas 400.

Pôs o Governador à nossa disposição uma lancha, para transportar por mar ao Cuio (Dombe Grande) as cargas que dali deviam ser carregadas até Quilenges, e alguns carregadores de Benguela que estavam doentes.

No dia 11 de Novembro, estávamos prontos a deixar a costa, e fixámos a partida para o dia 12. Nesse dia fugiram 4 carregadores de Novo Redondo, e no seguinte 5 de Benguela.

Enfim, no dia 12 deixávamos a Cidade, depois das mais cordiais despedidas dos amigos, que se reuniram para nos

dizer adeus.

Pouco antes tinha eu ido à praia, e por muito tempo tive os olhos fixos na vastidão do Atlântico, desse mar enorme que ia perder de vista; e mal cogitava então, que só o volveria a ver dois anos depois, na França, em Bordéus.

Não sei se a outros tem acontecido o mesmo; eu, no momento da partida, senti uma pungente mágoa, uma indefinível saudade, uma dor profunda, que me produziram como que uma embriaguez, e confesso que não tenho muito a consciência de ter deixado Benguela.

A bandeira das Quinas estava desenrolada, e afastava-se da cidade ao passo cadenciado da caravana; segui-a.

No dia 13, chegávamos ao Dombe, tendo feito uma jornada de 64 quilómetros. Tínhamos connosco 69 pessoas, e seis jumentos, que foram, homens e burros, alojados na fortaleza. Nós três, com os nossos moleques de serviço, fomos obsequiosamente hospedados em casa de Manuel António de Santos Reis, distinto cavalheiro que porfiou em obsequiar-nos.

Dois dias depois, chegaram as cargas que tinham vindo por mar, e inventariando tudo, conheci, que para seu transporte precisava de 100 homens, além dos efetivos que comigo tinha.

Isto proveio de termos abusado da facilidade que nos ofereceu a lancha, metendo a bordo mais cargas do que tínhamos julgado absolutamente necessárias.

Decidimos partir a 18, depois de recebermos cartas da Europa, porque o paquete, de costume, está em Benguela a 14; mas a 18 nem o vapor tinha ainda chegado, nem o chefe tinha também assalariado um só homem.

A 21 chegou a mala, mas de gente só tínhamos a trazida de Benguela. O chefe declarou-nos, que no dia 26 poderíamos partir; mas, precisando nós de 100 homens, apenas nos mandou nesse dia 19. No seguinte dia apareceram mais 27; e eu, receoso que eles viessem a debandar se os fizesse esperar, despachei-os logo para Quilengues, acompanhados por dois soldados dos que comigo tinha.

O chefe declara-me que lhe é impossível conseguir mais gente. Faço reunir na fortaleza os três Sobas do Dombe, no

dia 28, e fui eu mesmo tratar com eles. Sam três tipos magníficos.

Um chama-se Brito, nome que tomou de um dos Governadores de Benguela, que o restaurou no poder; outro, Bahita; o terceiro é Batara. Os meus companheiros perdem o assistir a esta cena joco-séria, porque desde o dia 24 estão com febre.

O Soba Brito apresenta-se com três saias de chita, pintada de ramageus, muito enxovalhadas; veste uma farda de capitão de infanteria, desabotoada, deixando ver o peito nú, porque camisa não usa; e na cabeça, sobre um barrete de lã vermelha, põe nobremente um chapéu armado de estado-maior.

O Bahita traja saias de lã de vistosas cores, uma rica farda de Par do Reino, quase nova, e na cabeça, sobre o indispensável barrete, uma barretina de caçadores 5.

O Batara está literalmente coberto de andrajos, e traz à cinta um espadão enorme.

Estes ilustres e graves personagens estão rodeados dos séculos e altos dignitários das suas negras cortes, que

tomam assento no chão em torno da cadeira do soberano. O Bahita era acompanhado de um menestrel, que tirava de uma marimba, monótona toada.

Esta marimba é formada de dois paus de 1 metro de comprido, ligeiramente curvos, em que assentam em cordas de tripa tabuinhas pequenas de madeira, cada uma das quais é uma nota da escala. O som é reforçado por uma fila de cabaças colocadas inferiormente, sendo a que corresponde à nota mais baixa da capacidade de 3 a 4 litros, e à mais alta 3 a 4 decilitros.

Os Sobas portaram-se com grande seriedade, e eu fingi também que os tomava a sério.

Depois de me prometerem carregadores, vieram acompanhar-me a casa, que distava uns dois quilómetros da fortaleza; e como eu desse uma garrafa de água-ardente a cada um, mandaram eles dançar a sua fidalgaria, e o Bahita mandou entrar na dança umas raparigas que tinham ficado de parte.

Eu pedi-lhes que dançassem eles; mas responderam-me, que a sua dignidade lho não permitia; sendo isso contra as

pragmáticas estabelecidas. Eu ardia em desejo de ver o Bahita dançando, de saias e farda de Par; e conhecedor do império da água-ardente nos pretos, mandei dar outra garrafa aos sobas.

Foi o bastante. Atropelaram as suas leis, e ei-los saltando em brutesca dança no meio do seu povo, que entusiasmado por tal honra, redobra de contorções e momices, que chegam a atingir o delírio. O Bahita é magnífico, e com certeza o tipo do rei Bobeche foi criado sobre este molde. Fala continuamente em mandar cortar cabeças, sentenças estas que os seus escutam com a maior submissão, mas de que interiormente se riem, porque bem sabem o Governo Português lho não consente.

O Dombe Grande é um fertilíssimo vale, que se estende primeiro do Sul ao N., e depois a Oeste, quase em angulo reto, até ao mar. É enquadrado por dois sistemas de montanhas, um por oeste, que borda a costa, e outro por leste, em cujo sopé corre o rio Dombe, Coporolo, ou Quiporolo, e até rio de S. Francisco-que todos estes nomes tem.

Mulheres Mundombes, vendedeiras de carvão.

(De uma fotografia do farmacêutico Monteiro.)

É rio que de inverno traz muita água, mas de verão é seco; sendo que, mesmo nas maiores estiagens, água se encontra cavando poços; o que acontece em tudo o vale do Dombe, onde não é preciso profundar mais de 3 metros para a

obter. Junto das montanhas de Oeste na parte em que o vale se estende N. S., há uma lagoa, de 50 metros de largo por 1 quilómetro de extensão, e da forma de S. Esta lagoa é curiosa, porque não é formada por depósitos pluviais, mas sim alimentada por uma forte nascente subterrânea, por nunca alterar o seu nível, e produzir infiltrações, que, um quilómetro abaixo, vão formar nascentes, que são aproveitadas na rega de uma propriedade. Dizem que tem peixe bagre, tainha e muitos crocodilos.

Tenho-a visitado muitas vezes, e nunca vi ali crocodilos ou peixe; mas é certo que os há, porque mo afiançou o meu hospedeiro, dizendo-me mesmo, que são muito vorazes; e que, tendo sido, em 1876, a sua propriedade atacada por um bando de salteadores de Quilengues, estes, rechaçados pelos seus pretos, tentaram na fuga atravessar a nado a lagoa, não logrando um só atingir à outra margem, porque todos foram presa dos vorazes anfíbios.

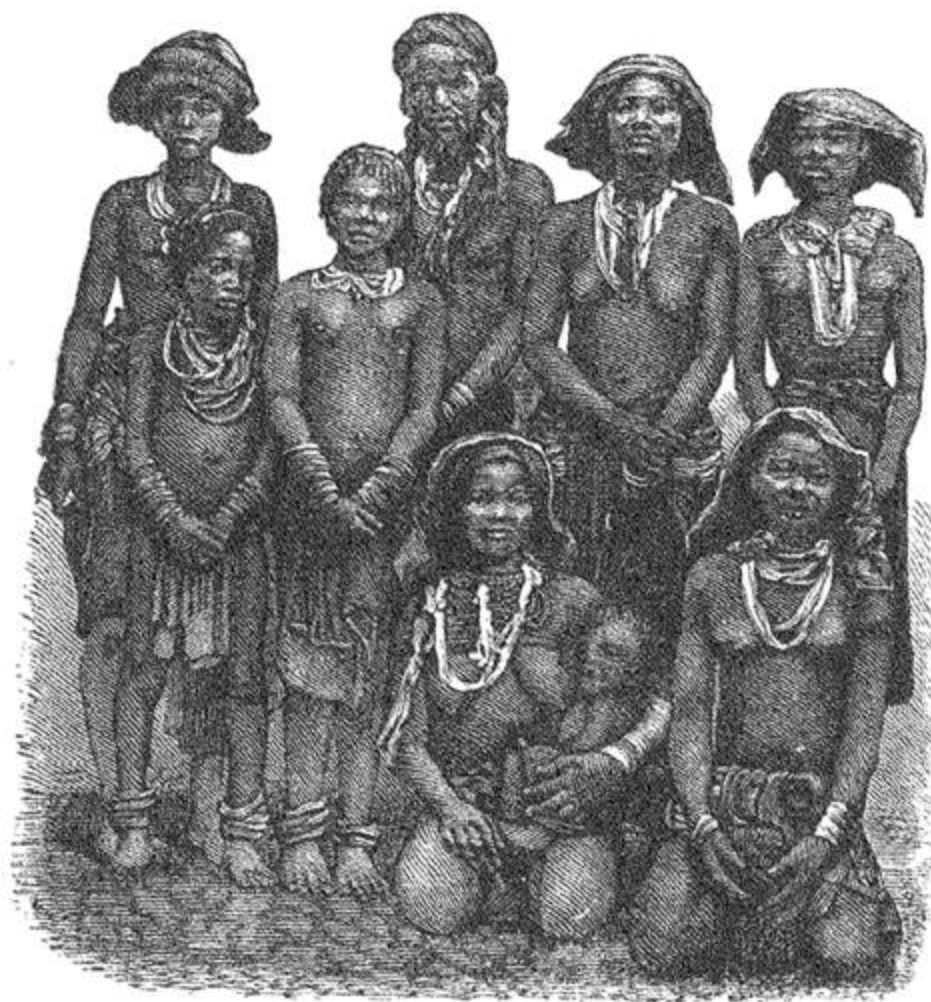
Nas montanhas de oeste junto à lagoa, montanhas formadas de carbonato calcário e algum sulfato de cal, existem algumas grutas, uma das quais nos afiançou o nosso hospedeiro, nunca ter sido visitada, ser enorme, e

parecer, tanto quanto por fora se podia observar, que contém extensas galerias.

Fomos visita-la, eu, Capelo, e o nosso hospedeiro Reis, e verificámos não ter ela merecimento.

É um salão proximamente circular, de 14 metros de diâmetro, arquitetado pela natureza na imensa mole de calcário, que forma a montanha. Parece ser guarida habitual de feras, que o dá a entender o ar saturado do fedor almiscarado de certos animais, bem como as traças de leão impressas no pó impalpável que cobre o chão, onde encontrámos alguns espinhos do Hystrix Africano.

No vale do Dombe há algumas feitorias agrícolas importantes, sendo as principais a do Loache, a de Paula Barboza, e a do nosso hospedeiro Santos Reis. Esta última conta apenas três anos de existência, e produz cana de açúcar de que extrai para cima de 40 mil litros de água-ardente; e note-se, que o terreno era antes mato, e foi desbravado há só três anos. É uma feitoria que começa, tudo ali está ainda em construção; mas pelo resultado já obtido se pode aquilatar a riqueza do solo ali.

Tudo o vale é cultivado de mandioca, pelos indígenas, e tão fértil é, que depois de três anos de falta de chuva, não tem deixado de ter produção regular, exportando cerca de 70 mil decalitros de farinha por ano. É o celeiro de Benguela. Os indígenas ali não permutam as fazendas, mas sim vendem a dinheiro, cujo valor já conhecem.

Mulheres e Donzelas, Mundombes.

(De uma foto. de Monteiro.)

A demora que ali tivemos foi prejudicialíssima à ordem, e disciplina da minha gente.

Todos os dias apresentavam novas exigências, todos os dias levantavam querelas entre si; e eu não podia ser demasiado severo, de receio que me desertassem todos.

Venderam os panos para comprar água-ardente, e chegaram a vender as rações de comida para se embriagarem.

Os soldados eram os piores. Os sobas não mandaram gente, e eu comecei a ver a repetição das cenas de Benguela. Não podíamos seguir.

Homens Mundombes.

(De uma foto. de Monteiro.) No dia 1 de Dezembro, chegaram ao Dombe 30 homens mandados de Quilengues pelo chefe militar, a buscar bagagem sua; mas eu lancei mão deles, e decidi com os meus companheiros partirmos no dia 4.

Tinha havido mais três deserções, dois homens de Novo Redondo e um de Benguela.

Os nossos burros eram muito manhosos, e não havia ensina-los; todavia resolvemos conserva-los.

CAPÍTULO 5

HISTÓRIA DE UM CARNEIRO

A 4 de Dezembro deixei o Dombe, pelas 8 horas da manhã, e segui para Quilengues. O Capelo e o Ivens ficaram ainda, para enviar algumas cargas; deviam ir encontrar-me à noite. Foi conselho dos guias, que não tomássemos o caminho das caravanas, mas sim um atalho conhecido deles, para evitarmos as passagens do Rio Coporolo, que já então levava muita água; dando difíceis vaus, e que aquele caminho corta em diversos pontos.

Depois de duas horas de jornada na planície, chegámos ao sopé da serra da Cangemba, que borda por leste o vale do Dombe. Descaçámos um pouco, e ás 11 horas, empreendemos o subir da serra pelo leito de uma torrente, então seco. Foi difícil trabalho. Os homens iam muito carregados; porque, além das cargas da expedição, do peso de 30 quilogramas, levavam para si rações para nove dias, em farinha de mandioca e peixe seco. A diferença de nível

era de 500 metros apenas; mas o leito da torrente, formado de rochas calcárias, oferecia obstáculos enormes ao caminhar por ele. Em muitos pontos, era preciso com as mãos ajudar o corpo na subida, e o passar ali os seis jumentos, deu grande canseira. Tínhamos comprado no Dombe dois carneiros, para matar em caminho; um dos quais facilmente seguiu a comitiva, mas o outro deu trabalho, porque se recusava a andar, e a sua teimosia em volver ao Dombe era constante. Foram três horas de fadigosa marcha; que tanto gastámos para transpor um espaço que não passava de mil metros, e isto por um sol abrasador, deixou-nos extenuados de fadiga. Acampámos logo junto a um poço cavado no leito arenoso de um ribeiro que ia seco; ribeiro a que os Mundombes chamam Cabindondo. O lugar era árido, e apenas vegetavam aqui e além alguns espinheiros brancos, raquíticos e ressequidos pelo sol, que nesta época do ano queima. O nosso horizonte era formado pelas cumeadas das montanhas que correm norte-sul.

Pela tarde chegaram Capelo e Ivens, e fomos logo comer; que eu estava ainda em jejum. No dia 5 de manhã,

seguimos a S.E., e depois de 4 horas de marcha, em que vencemos um espaço de 20 quilómetros, assentámos campo num lugar que os guias chamaram Taramanjamba; vale extenso, cercado de cerros pouco altos. A altitude é de 600 metros; mostrando que apenas estávamos elevados 100 metros acima do nosso campo de ontem.

A vegetação contínua pobre, e a falta de água é grande.

Para beber e cozinhar, apenas obtivemos pouca, de depósitos fluviais nas cavidades das rochas; depósitos que foram logo esgotados pela nossa sedenta caravana, sendo que à noite já se fazia sentir a sede.

Durante a marcha, se os jumentos continuaram a ser incómodos, não o foi menos o carneiro, que era bravíssimo, e mais teimoso que os burros. Decidi mata-lo, e tendo combinado isso com os meus companheiros, dei as ordens nesse sentido aos moleques, e fui dar um passeio aos arredores.

De volta ao campo, vi que os moleques não tinham compreendido a minha ordem, e em lugar de matarem o carneiro bravo, tinham morto o manso.

No dia seguinte partimos de madrugada, e depois de cinco horas de marcha, acampámos no lugar chamado Tine, onde nos afiançaram os guias haver água.

Contra o que eu esperava, o carneiro, não só deixou de ser teimoso, mas pôs-se a seguir-me, fazendo-me constante companhia, já em marcha já no campo.

A marcha nesse dia foi difícil; porque, não só a sede abrasava a gente, mas ainda por uma hora andámos no leito seco do rio Canga, pedregoso e desnivelado, o que nos fatigou muito.

O terreno é já granítico, e a vegetação arborescente luxuriante.

Água, como na véspera, foi da chuva, recolhida nas cavidades das rochas; mas era melhor ao paladar e mais límpida à vista.

Tínhamos alguns homens com feridas nos pés, que só chegavam tarde ao campo, porque se lhes dificultava o andar; e ainda outros que, por fracos, se atrasavam, e por preguiça muitos.

Nesse dia, entre os retardatários figuravam os carregadores do rancho; fazendo isso que só tarde comêssemos. O Capelo, de si pouco comunicativo, não se queixava dos incómodos que sofria; mas Ivens, loquaz e de génio alegre, não se calava e nos fazia rir a cada passo, com os seus ditos engraçados. O apetite era já grande, quando chegaram os carregadores, e ele não desfitava os olhos de uma perna de carneiro que um moleque volteava junto da fogueira em espeto de pau, e de repente disse: "Se meu pai pudesse ver como eu olho para aquela carne até chorava." Desde o Dombe apenas tínhamos comido uma vez no dia, e assim, a nossa gente; com a diferença, porém, que eles comiam sem interrupção desde o acampar até dormir: o que me fazia recear, que as rações distribuídas para nove dias, depressa fossem gastas, e em seguida viesse a fome, em país onde era impossível obter víveres.

Avançámos 25 quilómetros no dia seguinte, a E.S.E., e fomos acampar num a floresta chamada a Chalussinga; sendo o piso desse dia relativamente melhor, sempre por terrenos graníticos, e por entre vegetação mais vigorosa que até ali.

Nessa floresta encontrámos os primeiros baobabs que desde a costa temos visto. Água continuava a ser escassa, e sempre de depósitos pluviais. Pelas três horas desse dia, fomos avisados de que uma caravana se dirigia ao nosso campo, vindo do interior; e saindo logo ao seu encontro, soubemos ser o ex-chefe de Quilengues, Capitão Roza, que ia doente para Benguela.

Convidámo-lo à nossa barraca, onde jantou; partindo em seguida, depois de se prover de medicamentos, que gostosamente lhe oferecemos. Logo que ele partiu, fui avisado pelos moleques, de que em torno do campo se viam traças frescas de caça; e saí a ver se a encontrava. Segui um rasto de grandes antílopes, e tão longe me levou ele, que veio a noite, e com ela as trevas, sem que pudesse atinar com caminho para o campo. Uma montanha elevada projetava o seu vulto sombrio contra um céu nebuloso, onde nem uma estrela brilhava. Tive ideia de subir a ela, para do cume, vendo o clarão dos fogos do meu campo, dirigir ali meus passos; ideia que executei com bom resultado, porque efetivamente enxerguei ao longe um clarão que tratei de alcançar, tendo marcado pela bússola a

sua direção. Não se imagina o que seja caminhar em noite escura por entre as sarças de uma floresta virgem, e quanto tempo se leva a transpor um curto espaço; deixando aqui e além farrapos da roupa, senão tiras da pele.

Cheguei por fim, já guiado pelo vozear do gentio; mas qual não foi a minha deceção, vendo, que pelo meu tinha tomado o campo do Capitão Roza, que devia estar a 6 quilómetros longe dele! porém, como um caminho ligava os dois campos, porque uma caravana que passa deixa trilho, endireitei nele, e depois de uma hora de jornada, já ouvia o som das buzinas que os meus tocavam, e dos tiros que disparavam, para guiar meus passos.

Foi extenuado de fadiga e molestado dos espinhos, que cheguei à minha tenda, onde Capelo e Ivens não estavam livres de cuidados.

Ali tive uma notícia inquietadora, mas que não foi surpresa.

Já se sentia falta de víveres, e sobre tudo os soldados já tinham em 5 dias comido a ração de 9.

No seguinte dia forçámos a marcha um pouco mais, e percorremos em 6 horas 30 quilómetros a E.S.E.

O caminho era bom, marchando no trilho da caravana do Capitão Roza. Nas florestas que atravessámos continuaram aparecendo baobabs gigantescos. Depois de passarmos o rio Calucúla, acampámos na sua margem direita.

O rio leva pouca água, mas esta é límpida e boa.

Continuávamos a comer só uma vez ao dia, e a hora da refeição variava entre a 1 e 3, conforme ás marchas. Era preciso poupar os víveres. Ressentido da fadiga da véspera não saí a caçar nesse dia, e fiquei na barraca.

O Ivens foi desenhar, como costumava; e o Capelo apanhar insetos e reptis.

Os soldados terminaram as rações, e começaram a queixar-se de fome, falando em matar o carneiro. Eu tinha-me afeiçoado ao animal, que de bravo que era se tinha tornado manso e meigo, acompanhando-me nas marchas e não me abandonando um momento. Opus-me a que fosse morto, e o Ivens deu aos soldados um pouco de arroz do nosso.

A 9, levantámos campo, ás 5 horas, e sustentámos a marcha até à uma; hora a que acampámos nas faldas da serra da Tama. Das 8 ás 9 horas seguimos ao sul, na

margem esquerda do rio Chicúli Diengui, que vai ao N., provavelmente ao Coporolo. A vegetação é cada vez mais luxuriante, e nesse dia o nosso caminhar foi por entre floresta espessa.

Logo que se estabeleceu o campo, renovaram-se as representações dos soldados famintos, e com elas a ideia de matar o carneiro. O Ivens deu nova ração de arroz aos soldados, e isto, ainda que contemporizava, não era uma positiva salvação para o pobre animal.

Ainda que extremamente fatigado, resolvi ir caçar, para salvar a vida do meu carneiro.

Durante uma hora percorri a floresta sem resultado, e já voltava ao campo, quando avistei, numa pequena clareira, duas gazelas que pastavam.

Aproximei-me, mas a mais de cem metros fui pressentido. O macho saltou para sobre uma rocha, e dali começou a espiar a floresta com a sua vista experimentada; em quanto a fêmea, de orelha à escuta, investigava os arredores.

Era grande a distância, mas não hesitei, e atirei ao macho, que vi cair fulminado para além do rochedo. A fêmea,

ouvindo o estampido do tiro, saltou ligeira sobre o penhasco e eu disparei-lhe o meu segundo tiro, vendo-a em seguida pular, em salto elegante, e desaparecer no mato.

O meu moleque correu logo a buscar o antílope morto, mas eu vi que, em lugar de parar junto do rochedo, seguiu sempre; eu dirigi-me para ali com o coração palpitante, porque supus que me tinha enganado julgando ver cair o primeiro antílope. Torneei a rocha, e tive um grande alvoroço. O lindo animal (Cervicapra bohor) estava estendido sem vida.

Mal tinha tido tempo de o contemplar, quando do mato saiu o moleque curvado ao peso de grande carga.

Era o segundo antílope, que ele tinha levantado morto, a poucos passos na floresta. Ambos tinham sido feridos no peito, mas ao passo que o macho caiu sem vida, a fêmea pode efeituar uma pequena carreira.

Estava salvo o carneiro, e como em dois dias devíamos chegar a Quilengues, e ali teríamos recursos, estava salvo para sempre.

No seguinte dia, depois de marcha de 35 quilómetros, e de termos passado a vão os rios Umpuro, Cumbambi e Comooluena, fomos acampar na margem direita do Vambo - que todos correm ao N., a unir as suas águas (quando as tem), ao Coporolo, que aqui já se chama Calunga, nome que conserva até à sua nascente.

Na jornada desse dia começámos a encontrar gramíneas enormes, nas clareiras do mato. Tão grandes, que era impossível ver nada com elas, e difícil o caminhar. Durante a marcha desapareceu um meu moleque pequeno, e uma preta, mulher do moleque Catraio do Capelo; e ainda que despachei gente a busca-los, não foram encontrados.

A escassez dos mantimentos era grande, e não eram já só os soldados a queixarem-se de fome, todos faziam representações, e não atendiam razão. Tivemos de seguir.

No dia 11, depois de passarmos dois riachos que as chuvas tornam caudalosos, o Quitaqui e o Massonge, fomos acampar na margem direita do rio Tui, muito próximo de Quilengues. Dos moleques perdidos não havia notícia, e faltava desde a véspera um jumento, que não apareceu. Em quanto se estabelecia o campo, eu segui para a fortaleza de

Quilengues à busca de víveres, com que voltei ás 8 da noite. Estava decididamente salvo o meu carneiro.

Nessa noite apareceram o moleque e a preta perdidos, e isso deu-me um verdadeiro prazer; porque, forçados a marchar, pela fome, não tínhamos podido demorar-nos a procura-los.

O lugar onde acampámos era baixo e pantanoso, fora de recursos, é isolado; e por isso resolvemos ir acampar na libata do chefe de Quilengues, onde entrámos no dia 12, pelas 11 horas.

Paguei e despedi os carregadores do Dombe e Quilengues contratados até ali; e pedi ao chefe, o Tenente Roza, para me obter outros até Caconda; o que ele me certificou ser fácil, dizendo-me logo, que sabia como os rios entre aquele ponto e Caconda iam cheios, e por isso não davam passagem; o que nos impedia de partir imediatamente.

Nesse dia já comemos bem, e tivemos duas comidas, almoço e jantar.

Alguns dias depois, apareceu o jumento que se tinha perdido no mato, trazido por um indígena, que o tinha

encontrado. Gratifiquei bem o preto, para o encorajar a ser honesto; pois que nunca julguei ver mais o pobre animal, que, se escapasse das feras, não escaparia à ladroagem dos naturais, pensava eu.

Quilengues é um vale regado pelo Calunga (rio que eu suponho ser o curso superior do Coporolo), vale fertilíssimo, e coberto de povoações indígenas.

O estabelecimento Português ocupa uma área de 45,500 metros quadrados; por ser um retângulo de 250 metros por 182. Este retângulo, cercado de paliçada, tem quatro baluartes de alvenaria, a um meio de cada face; e dentro uns abarracamentos, que são morada do chefe militar, e quartéis dos soldados.

Alguns baobabs e figueiras sicómoros crescem ali, assombrando com os seus ramos gigantescos um terreno coberto de gramíneas indígenas, onde pastam os rebanhos do chefe.

Se a importância de Quilengues é grande como ponto produtivo, e facilmente colonizável, não o é menos como

posição estratégica; pois que pode ser considerado uma das chaves do sertão interior, com respeito a Benguela.

Os sobetas do país reconhecem a autoridade Portuguesa; mas, de natureza salteadores, atacam sem cessar outros povos indígenas, para lhes furtarem o gado.

Sam mais pastores do que lavradores, mas, ainda assim, cultivam a terra, que de ubérrima supre o pouco trato; produzindo milho, massambala, e mandioca, em quantidade grande.

As suas habitações são cubatas circulares, de 3 a 4 metros de diâmetro, construídas de grossos troncos de madeira, revestidas de barro. A porta é bastante alta, para dar entrada a um homem sem curvar-se.

Os Quilengues são de estatura elevada, e robustos, atrevidos e guerreiros. Sam pouco industriosos, e apenas fabricam o ferro, fazendo azagaias, ferros de frechas, e machados, já de guerra, já de cortar madeira.

As enxadas não as forjam, e são por eles compradas no Dombe, ou em Benguela.

Os seus currais são, como as povoações, cercados de forte paliçada; sendo esta revestida exteriormente de abatises espinhosos, para evitar o assalto noturno de feras.

Os campos de mandioca são igualmente cercados de espinheiros; porque ali abundam corças pequenas (Cefalofus mergens), que das folhas são ávidas, e causam dano grande ás plantações.

A água-ardente é género muito estimado pelos Quilengues, e são eles tão dados à embriaguez, que, durante três meses no ano, tanto quanto dura o fruto do gongo, fazem dele uma bebida fermentada, com que estão continuamente embriagados; não sendo possível obter deles o menor serviço.

Quando um homem quer casar-se, envia ao pai da escolhida um presente, que deve ser pelo menos de 4 metros de pano da costa, e duas garrafas de água-ardente; e logo com o portador vem a noiva e os seus parentes comer, em grande bródio, um boi, que deve oferecer-lhes o noivo. O adultério é coisa de grande estimação para os maridos; sendo que por lei fazem pagar ao amante multa, que se traduz em gado e água-ardente.

A mulher que não tem cometido algum adultério é mal vista do marido, que não aumenta o seu haver por esse meio.

Logo que alguma comete a falta, vai ao marido queixar-se de que foi seduzida, e entre eles faz prova a acusação da mulher.

Entre o povo, os cadáveres são enterrados em lugar escolhido, e conduzidos à cova numa pele de boi, cobertos de pano de algodão branco. Os dias de nojo, são dias de grande festa em casa do finado. Os sobetas tem sepultura reservada, e são ali conduzidos dentro de uma pele de boi preparada em odre, depois de lhe vestirem as melhores roupas.

Nas festas de óbito há mortandade enorme de gado, porque o herdeiro tem obrigação de matar todo o rebanho, para regalar o seu povo, e contentar a alma do finado.

No dia 22, houve um desastroso acontecimento no nosso campo.

Um dos meus moleques furtou-me uma bala explosiva do sistema Pertuisset; e de companhia com dois outros, decidiram reparti-la de modo que a cada um tocasse seu

pedaço de chumbo. Armaram-se de uma faca, e posta a bala sobre uma pedra, deu-lhe ele um golpe, estando os outros dois acocorados para melhor ver a partilha; quando súbito a bala faz explosão, ficando os três feridos, e sobre tudo o moleque de Silva Porto Calomo, que recebeu treze estilhaços, produzindo alguns feridas profundas.

Mandámos uns pretos reconhecer, se já dariam vão os rios; e por eles soubemos, que se conservavam altos; o que bem supúnhamos, porque, durante a nossa estada ali, não cessou de chover. Resolvemos então seguir outro caminho, o qual, ainda que mais longo, era mais enxuto de águas; e por isso, pedimos ao chefe nos tivesse prontos os carregadores; o que ele fez, distribuindo eu as cargas no dia 23; mas nesse dia senti-me muito mal, e ainda que fiz seguir as cargas, fiquei eu, e os meus companheiros pelo meu respeito. Lutei com violenta febre por três dias, e não tenho consciência de ter passado o dia 25; dia duplamente festivo para mim, porque, sendo o de Natal, é o aniversário da minha filha.

Tiveram cuidado de mim Capelo e Ivens, o Chefe Roza e a sua esposa; e no dia 28, pude levantar-me e sair, decidindo

logo partir no 1º de Janeiro de 1878, isto é, três dias depois.

A esposa do Tenente Roza fez-me dois presentes, que eu mal sabia então estavam destinados a representar um papel, ao diante, na minha viagem.

Foram eles um serviço de chá de porcelana de Sévres, e uma cabrinha muito meiga, de raça pequena, a que pus o nome de Córa.

A esse tempo sucedeu um desastre, que deveras me contristou. O meu carneiro, por causa de quem eu tive de sustentar tantas lutas com os carregadores famintos, foi morto por uma cadela perdigueira, que eu levara de Portugal, e dera ao Capelo. Perseguido pela cadela, na fuga quebrou uma perna ao passar por entre a paliçada do campo, e em breve se finou. Foi o meu primeiro grande desgosto nesta viagem, tão abundante deles.

CAPÍTULO 6

POR TERRAS AVASSALADAS

No dia 1º de Janeiro de 1878, deixámos Quilengues, tendo ali feito provisão de víveres, e comprado bastante gado para matar, bois e carneiros. O chefe, Tenente Roza, acompanhou-nos uns 7 quilómetros, e voltou à sua residência, seguindo nós sempre a S.E., até ás faldas da serra de Quilengues, onde acampámos junto à povoação do Secúlo Unguri. Tínhamos um companheiro de viagem, que em Quilengues nos tinha pedido, o deixássemos ir até ao Bihé na nossa companhia. Era ele Veríssimo Gonçalves, filho de um conhecido sertanejo do Bihé, morto havia pouco, que em Quilengues era empregado de um ex-criado do seu pai. Este rapaz, mulato e de mesquinha educação, como era de corpo acanhado, cheio de vícios, dos próprios a tal gente, tinha alguma coisa de bom, e era inteligente.

Tem de figurar no correr desta narrativa, e por isso o menciono mais particularmente.

Era acanhado e tímido, mas não covarde, e debaixo de uma aparência fraca, possuía uma forte organização e músculos de ferro. Sabia apenas ler e escrever, mas era um sofrível atirador de segunda ordem, e manhoso caçador.

Durante a demora em Quilengues, consegui domesticar dois dos jumentos, que nesta nova jornada já me serviram de carruagens.

No seguinte dia, logo à saída, começámos a ascensão da serra de Quilengues, que nesse ponto se chama Serra Quissécua.

A subida foi dificílima, e durante três horas lutámos com as agruras da montanha, elevando-nos a 1740 metros do nível do mar, ou 836 acima do planalto que termina em Quilengues.

Em um desfiladeiro da serra passámos um pequeno ribeiro, que os indígenas chamam Obaba-tenda, o que quer dizer água fria, fomos acampar na margem de outro chamado Cuverai, afluente do Cúe. Estes dois ribeiros são permanentes, e são águas que correm ao Cunene.

O terreno contínua granítico, mas a vegetação muda completamente de aspeto-decerto devido isto à altitude. O baobab desapareceu, e já se encontram fetos à sombra das inúmeras e variadas acácias que povoam as matas. A flora apresenta riqueza maior em plantas herbáceas, e nas gramíneas sobre tudo nota-se uma força de vegetação vigorosíssima.

Notei que atravessámos regiões onde se não encontra uma só ave, e de repente entra-se em zonas onde milhares de passarinhos fazem uma chiada enorme. Caça vi ali pouca, mas os rastos anunciam havê-la.

Na noite do seguinte dia aconteceu-nos uma aventura curiosa. Estávamos acampados junto do ribeiro Quicúe, que corre a S.E., em leito granítico, e vai, provavelmente, engrossar o Cúe; quando sentimos a cadela do Capelo ladrando e arremetendo furiosa, contra alguma coisa que se aproximava da barraca. Ao mesmo tempo sentíamos um forte ruminar perto de nós; o que nos fez supor, que os jumentos se tinham soltado e pastavam dentro do campo, que era cercado de abatises espinhosas. Falámos à cadela e adormecemos. Ao alvorecer ouvimos grande rumor no

campo, e saindo logo, soubemos, que os pretos, que ao princípio tinham julgado, como nós, que os burros andavam à solta, perceberam depois que se enganavam, e que um animal estranho se tinha introduzido no campo. Fora efetiva menta um búfalo enorme que nos dera a honra da sua companhia durante a noite.

O caso era notável e de explicação difícil, a não serem os repetidos rugidos dos leões que se tinham ouvido; fazendo com que o búfalo viesse buscar guarida entre nós.

No seguinte dia fomos acampar próximo da povoação de Ngóla, e eu fiz logo anunciar a minha visita ao Sova.

Depois do almoço, fui à libata procura-lo.

Fiz-me acompanhar dos meus moleques, levando uma cadeira para mim, e dois guarda-sóis.

O Sova apareceu-me logo, armado de dois cacetes e uma azagaia.

Trajava tanga comprida de pano da costa, e sobre ela uma pele de leopardo. Tinha o peito nú pendendo-lhe do pescoço um sem-número de amuletos. Recebeu-me fora da sua barraca, por um sol abrasador; e eu ofereci-lhe um guarda-

sol, que levava para isso, de paninho encarnado; favor a que ele se mostrou muito grato.

Disse-lhe o que andava por ali a fazer, coisa que ele não percebeu muito bem; compreendendo contudo perfeitamente, que lhe oferecia um pequeno barril de pólvora, 50 pederneiras e uma dúzia de guizos de latão, sem nada lhe pedir em troca-o que sobre modo o espantou.

Convidei-o a vir ao nosso campo ver os meus companheiros; e ele acedeu a isso acompanhando-me; coisa muito de notar, que os chefes indígenas são desconfiados.

Dizendo-lhe, que mandasse uma vasilha em que eu lhe pudesse dar água-ardente, foi ele buscar uma botija de litro. Mostrei-me admirado de que um chefe quisesse tão pouco, e convidei-o a procurar vasilha maior. Mandou então buscar uma cabaça que levaria o duplo da botija, e eu pedi-lhe que juntasse outra igual.

O Régulo não podia dissimular a sua admiração pela minha generosidade.

Partimos a pé, acompanhados por três das mulheres, as filhas, e muito povo, todos sem armas, para me mostrarem

a confiança que eu lhes havia inspirado.

Chegámos ao campo quando Capelo fazia observações meteorológicas, e o Sova ficou admirado diante dos termómetros e dos barómetros.

O Ivens veio logo para junto de nós, e depois de grandes comprimentos, mostrámos ao Régulo as armas de Snider e de Winchester, que lhe causaram verdadeiro assombro.

Este Chimbarandongo, que tal é o nome do sova de Ngóla, é inteligente, e sabe viver com o seu povo.

Ofereceu-nos um boi, e tendo eu pedido licença para o matar, por haver necessidade de provisões, consentiu nisso, pedindo-me para lhe atirar eu.

O boi estava estranho, e fugiu para o mato, a uns oitenta metros de nós. Indiquei ao Sova o sítio em que o ia ferir, e disparei. O boi caiu.

Chimbarandongo foi ver o animal, e atentando na ferida, da qual corria o sangue, aberta entre os olhos, no sítio que eu indicava, ficou tão maravilhado, que me deu repetidos abraços no meio do seu entusiasmo.

Pelas 4 horas, formou-se sobre nós tempestade violenta, que se desfez em raios e copiosa chuva, durando até ás 6 horas.

O Sova e as mulheres recolheram-se à nossa barraca, assim como alguns dos macotas.

Chimbarandongo fez um discurso aos seus macotas, tendente a provar-lhes, que nós tínhamos trazido a chuva, e com ela um grande benefício ao país, ressequido pelos calores do estio.

Tentámos explicar-lhe, que não tínhamos tão grandes poderes, e que só Deus governava nos grandes fenómenos da natureza; levando o Ivens a questão a ponto de lhe explicar como e porque chovia. Ouvindo isto, fez o Sova sair os seus macotas e mais povo que escutava a lição meteorológica.

Depois disso, tendo-se de novo reunido o povo, ele disse, que se deixasse de chover, indagaria qual dos seus súbditos tirara a chuva, e o castigaria de morte. Novo discurso da nossa parte contra a pena capital; e nova ordem de despejo da parte dele, que, apesar do meio embriagado, tinha tino

bastante para não compreender que as nossas teorias não quadravam ao seu sistema governativo.

Ao anoitecer retirou-se do modo o mais cómico, indo acavalo num dos seus conselheiros, que levava as mãos nos ombros de outro; e como estivessem todos embriagados, a cada passo perdiam o equilíbrio, ameaçando com a queda partir a cabeça ao seu soberano.

Este régulo é sensato e homem de bom juízo. Não acredita em feitiços; nem acreditava que nós lhe tivéssemos trazido a chuva; mas convém-lhe aparentar que o cré, para não perder o prestigio entre os seus, que só assim querem ser governados.

No seguinte dia, vindo ele despedir-se de nós, me disse, que a sua política era ser amigo dos brancos; pois que das boas relações com eles provinha a roupa com que se cobria, e as armas e a pólvora com que continha em respeito os seus inimigos.

"Sem os brancos," me disse ele, "nós somos mais pobres que os animais; porque a eles temos de tirar as peles para nos cobrirmos; e são bem loucos os pretos que não cultivam

a amizade dos filhos do Puto." A libata ou povoação de Ngóla é fortemente defendida por uma dupla paliçada feita com arte, que tem até uma das faces dentada para cruzamento de fogos. É tão vasta que pode conter toda a povoação do país, que ali se recolhe, em caso de guerra, com os seus rebanhos. O ribeiro Cutóta corre dentro dela, fazendo que possa resistir a longo assedio sem recear a sede.

Deixando Ngóla, caminhámos por duas horas a N.E., e encontrámos o Cúe, o maior dos rios, que corre entre Quilengues e Caconda. No sítio em que tentámos a passagem tinha ele 15 metros de largo por 3 a 4 de fundo, não dando por isso vão. A chuva torrencial da véspera, aumentando-lhe o volume de água, tinha tornado impetuosa a corrente.

Uma ponte de finos troncos de arbustos, oferecia uma perigosa difícil passagem aos homens carregados; mas os bois e os jumentos só a nado podiam passar. Depois de grande trabalho, os bois nadaram para a outra margem; os burros porém recusaram segui-los.

Só a grande custo conseguiu o preto Barros, ajudado de mais dois, faze-los nadar, nadando ao seu lado, e obrigando-os a tomar pé na outra margem; o que era perigoso, que ali abundam crocodilos.

Depois de uma hora de trabalho, avançámos para E.N.E., encontrando o ribeiro Usserem, dali marquei, a N.N.O., o monte Uba, onde assentam as povoações de Caluqueime. Passámos depois o rio Cacurocáe, que corre a S.S.E. ao Cúe; e meia hora depois o rio Quissengo, que corre a S.E., e vai afluir ao Cúe; acampando na margem deste último, pelas 4 horas da tarde, junto da povoação de Catonga, onde tem a sua libata um tal Roque Teixeira.

A marcha foi de 30 quilómetros, o que muito nos fatigou.

O caminho foi sempre por planície, onde a altitude varia apenas entre 1450 e 1500 metros.

A vegetação arbórea apresenta um certo raquitismo; mas a herbácea continua a ser variada e rica.

No dia 6, seguimos sempre a N.E., passando logo o Cúe, em ponte feita pelo gentio. Este ribeiro tem 5 metros de largo, por 1 de fundo, e corre a S.E. ao Catápi. Alcançámos o

Coúngi ou Catápi, ás 11 e meia, e acampámos na sua margem esquerda. O Coúnge, que a montante toma o nome de Catápi, tinha ali 10 metros de largo por um de fundo, com violenta corrente, e dirigindo-se a S.E. vai lançar-se no Cunene próximo do Lucéque.

Nesse dia matei uma grande gazela (Cervicapra bohor), a maior do género que vi em toda a minha viagem, tão grande que foram precisos 4 homens para a transportar ao campo.

Ao fechar da noite, a cadela ladrou muito, arremetendo com o mato; verificando nós ser contra as hienas que nos rondavam as barracas, e por noite fora tivemos música, num dueto de baixo e contra-baixo, pela voz clara de um leão, na mata, e pela ronquenha de um hipopótamo, no rio.

O aspeto do país continua o mesmo. Nas lombadas matas raquíticas, de uma vegetação que mais se pode chamar arborescente do que arbórea, pela maior parte. Leguminosas, nas depressões; vastas clareiras, verdadeiros prados de gramíneas diversas, por entre as quais serpeia um ribeiro ou um rio. O terreno continua granítico,

apresentando as rochas aspetos variados; mas sendo pouco abundantes em mica.

Continuámos caminho ao N.E., passando junto da libata de Cuassequera, fortificada entre enormes rochedos graníticos, e rodeada de gigantescos sicómoros, produzindo um aspeto muito pitoresco. Depois de passar o ribeiro Lossóla, que corre ao S. para o Catapi, fomos acampar na margem do Nondumba, riacho que, como o antecedente, aflui ao Catápi, mas correndo ao N.

O planalto já é mais elevado, e caminhávamos então numa altitude de 1600 metros.

Desse ponto seguimos a Caconda, tendo atravessado três ribeiros, que correm a N.N.O. ao Catapi, e são, pela sua ordem, o Chitequi, o Jamba, e o Upanga; encontrando em seguida o Catapi, que corre a O.S.O., e que já no dia 6 tínhamos atravessado com o nome de Coúnge.

No ponto em que o passámos tem 10 metros de largo por 1 de fundo, e pequena corrente.

Algumas das clareiras que nesse dia atravessámos eram cobertas de junco, pantanosas e de difícil acesso.

A passagem do rio levou tempo, e os meus companheiros precederam-me na chegada a Caconda.

Alcancei depois deles a fortaleza, e fui recebido à porta pelo chefe interino, mulato e rico proprietário do conselho, sargento da guerra preta; o qual me disse, que o chefe tinha ido para Benguela, deixando-lhe a espiga de nos receber (textuais palavras).

Depois de me ter dito esta amabilidade, o Sr. Matheus convidou-me a entrar na fortaleza. Logo que passei o recinto das fortificações, vi entre os meus companheiros um homem de estatura mais que mediana, aspeto macilento, testa ampla e elevada, olhar pouco fixo, trajando casaca e gravata branca, que o Capelo me apresentou, dizendo-me, "Aqui tem José de Anchieta." Estava diante de mim o primeiro explorador zoologista de África, esse homem que tinha passado 11 anos nos sertões de Angola, Benguela, e Mossámedes, enchendo as vitrinas do museu de Lisboa com valiosíssimos exemplares. Tive depois ocasião de presenciar o seu viver, que é digno de ser descrito.

Anchieta estava estabelecido nas ruinas de uma igreja, a 200 metros da fortaleza.

A casa no interior era em forma de T, e toda cercada de estantes, onde tinham, de mistura, livros, instrumentos matemáticos, máquinas fotográficas, telescópios, microscópios, retortas, pássaros de mil cores, vidros variados, louça, pão, frascos cheios de líquidos multicolores, estojos de cirurgia, montes de plantas, medicamentos, cartucheiras, roupa, etc. A um canto, um feixe de espingardas e carabinas de diferentes sistemas. Junto à casa, um cercado, aprisionando umas vacas e uns porcos. Á porta algumas pretas e pretos esfolando pássaros e preparando mamíferos; e dentro, a uma grande mesa, Anchieta, sentado em velha poltrona, que atesta longos serviços.

Sobre a mesa é impossível dizer o que há.

Pinças, escalpelos e microscópios há muitos.

De um lado, um monte de bocados de pássaros mostra que ele acabou de se entregar ao estudo da anatomia comparada. Em frente dele, uma flor cuidadosamente

dissecada, atesta que ele acaba de ler na disposição das suas pétalas, no número dos seus estames, na forma do seu recetáculo, no arranjo das sementes, no pistilo, os nomes da família, do género e da espécie em que a deve colocar.

De escalpelo na mão e microscópio no olho, passa ele as horas que pode tirar ao trabalho de colecionador, e é já a planta, já a ave, o ponto de mira do seu estudo.

A momentos, é interrompido por um doente que chega, a quem ele dispensa os cuidados de médico, e ao mesmo tempo os remédios da cura, quando lhe não dá também a galinha da dieta.

Anchieta professa um respeito sem limites ao Doutor Bocage, diretor do Museu Zoológico de Lisboa, e fala dele com essa respeitosa amizade que é difícil encontrar onde não existem estreitos laços do mesmo sangue.

Isso compreende-se. Anchieta, que tem a consciência dos serviços que tem prestado ás ciências zoológicas, conhece que tem no Dr. Bocage o homem que lhe faz justiça, e sabe aquilatar esses serviços; o homem que completa na Europa o trabalho que ele começa em África; o homem, enfim, que

sabe quantas fadigas, quantas febres, quantos incómodos custaram cada um desses exemplares, que descreve, descrevendo com eles novas espécies.

José de Anchieta é um desses nomes que merece o respeito dos homens de ciência, e o respeito dos Portugueses seus compatriotas; porque, trabalhador infatigável, tem sabido honrar o seu país, conservando-se ele mesmo honrado e pobre, no meio do vício e da desmoralização que lavra nas terras em que vive, e de que poderia tirar proveito se fosse menos escrupuloso.

Basta de falar dele, que não há elogios que lhe não caibam; falando mais alto do que eu as suas obras, e o seu nome, ligado para sempre aos seus trabalhos, que não morrem.

Soubemos que o Chefe Castro tinha sido exonerado do comando, e fora nomeado outro oficial do exército de África para o substituir.

Dois dias depois da nossa chegada, chegaram também a Caconda o novo chefe e o Alferes Castro, e por eles a nossa correspondência da Europa, que lemos com avidez.

Falei logo em carregadores, e o Alferes Castro prontificou-se a acompanhar-me a casa de José Duarte Bandeira, o primeiro potentado de Caconda, onde me disse que se arranjariam, pela grande influência de que dispunha o tal Bandeira.

Partimos para Vicéte no dia 13 de manhã, e nesse mesmo dia o Ivens seguiu para casa de Matheus, a fazer um reconhecimento ao Cunene, no lugar da sua confluência com o Quando. Eu também devia ir fazer uma visita ao mesmo rio para o sul.

O Capelo ficou em Caconda atacado por uma ligeira febre, e entregue aos cuidados de Anchieta. Segui a S.S.E., passando logo os rios Secula-Binza, Catapi, e Ussongue, que aflui a leste, correndo a O.N.O., com 3 metros de largo por 1 de fundo, dando-lhe por isso grande contribuição de água.

Depois de caminhar a S.E. umas 26 milhas, cheguei pela noite a Vicéte, libata fortificada entre rochas, no cume de um outeiro que domina vasta planície.

Fui recebido por José Duarte Bandeira, que, depois de boa ceia, me proporcionou ótima cama, de que bem precisava.

Logo na manhã seguinte, o Alferes Castro falou nos carregadores, e Bandeira prontamente se ofereceu para obter 120, que tantos nos eram precisos para seguirmos ao Bihé.

Mostrei o desejo de ir ao Cunene, e ficou decidido que partíssemos no seguinte dia.

Caminhámos nove milhas a Leste, e encontrámos o rio no Porto do Fende.

Logo à chegada, matei um grande hipopótamo, que teve a imprudência de vir resfolgar a meio rio ao alcance da minha carabina. Passei ali dois dias. O rio tem aí 100 metros de largo por 6 a 7 de fundo, com uma corrente de 1 milha por hora. O seu eixo no Fende é N.O. a S.E. por espaço de 2 milhas, sendo a montante de N.E. a S.O., e ainda acima E.O. a jusante inclina-se para S.S.O. por 26 milhas, até ao Luceque. Por vezes toma uma largura de 200 metros e mais.

Abundam nele hipopótamos e crocodilos.

1 milha a jusante do Porto do Fende, há uns rápidos a que chamam Da Libata Grande; meia milha abaixo, outros, as Mupas de Canhacuto; e 10 milhas mais a jusante, as cataratas de Quiverequete, últimas que tem no seu curso superior; sendo depois navegável até ao Humbe.

A margem direita é, nos pontos em que a visitei, montanhosa e coberta de mato virgem; à esquerda, vasta planície, de 4 a 5 quilómetros de largo, que encosta ao sopé dos montes, que formam um pouco elevado sistema, correndo N.S.; em cujas vertentes oeste assentam as povoações do Fende.

Pelas 11 horas da noite do dia 15, formou-se sobre nós uma tormenta, que despediu inúmeras faíscas e copiosa chuva, deixando-nos completamente molhados.

A 17 voltámos para Caconda, com a promessa de termos os carregadores dentro de 8 dias; tendo de mandar, logo no dia seguinte, um barril de água-ardente para a convocação. Nesta parte de África, a água-ardente desempenha para com os homens o mesmo papel, que na Europa o azeite para com as máquinas. Sem ela não se movem.

O nosso hospedeiro, que bem nos regalou na sua casa, esqueceu-se de que tínhamos a gastar o dia em jornada; e saindo nós ao alvorecer, só à noite alcançaríamos Caconda. Partimos com o alforje vazio, e pelo meio-dia já o apetite degenerava em fome.

Parámos numa clareira, e eu disse ao Alferes Castro, que ia ver se matava caça para comer; mas apenas avistei uma codorniz, que nos serviu a ambos de almoço e jantar, cozinhada numa marmita de soldado. Confesso que já tenho almoçado e jantado melhor do que nesse dia.

Os meus pretos, vendo a minha avidez em roer os ossos da codorniz, que a cadela de balde devorou com os olhos, fazendo-me mil negaças com a cauda, deram-me uma raiz de mandioca, que partilhei com o Alferes.

Cheguei, à noite, a Caconda, e depois de uma boa ceia, dei fé que Ivens ainda não tinha chegado, e que Capelo já estava bom.

O Ivens chegou a 19, e nesse dia mandámos o tal barril de água-ardente ao Bandeira, pedindo-lhe a maior urgência na convocação dos carregadores.

No dia 23, chegaram de Benguela uns artigos que tinham sido requisitados; e para mim um presente de 6 latas de biscoito, que me oferecia António Ferreira Marques.

Nesse dia despachei outro portador a Vicéte, pedindo ao Bandeira os carregadores, que já se demoravam.

Não apareciam os homens prometidos, e eu pedi ao chefe para que fosse a Vicéte, e usando da sua influência como autoridade, visse se dava pressa ao Bandeira em nos mandar a gente precisa.

O chefe partiu, e escreveu-me logo, dizendo já estarem prontos 61 homens, e em breve haver os mais. Levara ele logo fazenda para os pagamentos, que ali só querem algodão branco, mas disse serem precisas mais 50 peças, que nós não tínhamos, mas que o Bandeira ficou de emprestar.

No dia seguinte, nova carta do chefe, dizendo, que os carregadores iam ser pagos e viriam logo; dois dias depois, terceira carta, dizendo, já lá ter 94 homens; e finalmente, no dia 5 de Fevereiro, outra carta, dizendo, que não havia nem um carregador, e que nenhum se arranjaria.

Imagine-se o nosso desapontamento.

Eu a esse tempo ainda não tinha formulado e arraigado no meu espírito um principio, que mais tarde me sugeriu a experiencia, e que entrou depois, de parelhas com a carabina d'el-rei, no feliz resultado da minha viagem.

O princípio formulado e depois profundamente arraigado no meu espírito, traduziu-se nesta sentença:- "Desconfiar, no sertão de África, de tudo e de todos, até que provas repetidas e irrefutáveis nos permitam confiar um pouco em alguma coisa ou alguém." Ora, para mim, essas provas são tão difíceis de se apreciarem, como o são as de um amor eterno, ou as da sólida fortuna do comerciante, embrulhado em transações de vulto.

Creio que, ao tomarmos conhecimento da carta do chefe, cada um de nós propôs alvitre qual deles mais disparatado.

O desapontamento era grande. Sossegados os espíritos, decidimos ir eu procurar os carregadores fosse onde fosse, e se longe ou perto os não pudesse encontrar, seguirmos para o Bihé, e mandarmos dali buscar as cargas. Julgávamos isso possível.

O chefe voltou de Vicéte, e não me deu explicação plausível do facto.

Acordámos em ir eu ao Huambo, a ver se do Soba dali obtinha carregadores; porque, não só o Alferes Castro, como o chefe, e Anchieta mesmo, nos mostravam a impossibilidade de os ajustar mais perto.

Pouco antes, Anchieta tinha encontrado grandes embaraços para fazer uma remessa de produtos zoológicos para Benguela, o que era relativamente mais fácil.

O que nos estava acontecendo é digno de notar-se.

Não só Bandeira, mas um tal Mathias, o sargento Matheus e outros, enviam grandes caravanas a sertões longínquos; e todos eles não puderam obter um só carregador para nós!

Eu começava de antever um propósito firme de nos embaraçarem o passo, e mal cuidava então que esse propósito fosse tão longe como infelizmente tive ocasião de experimentar depois.

O correr desta narrativa mostrará, quão habilmente me foram levantados obstáculos, que só uma decidida proteção de Deus me fez vencer.

Deixemos este assunto por enquanto, e antes que continue com a narração das minhas aventuras, que começam aqui a tomar um caracter mais extraordinário, cabe-me dizer duas palavras a respeito de Caconda.

A fortaleza de Caconda, o ponto mais interior onde hoje no distrito de Benguela tremula a bandeira Portuguesa, é um quadrado de 100 metros, cercado de um profundo fosso e de um parapeito, onde aqui e além se podem ver as linhas distintas de uma fortificação passageira, construída outrora com arte. Uma paliçada forma segunda fortificação no interior, resguardando umas casas arruinadas, que foram habitação do chefe, quartéis e paiol.

Algumas boas peças de bronze, montadas a barbete, deixam ver por sobre o plano de tiro, deformado pelo tempo, as suas bocas verde-negras e oxidadas.

A 200 metros ao Sul da fortaleza, as ruinas de uma igreja.

Ao norte, uma reunião de pequenas cubatas, morada dos soldados.

O país é agradável, e sem ser, como se pretende, isento de febres, é certo que elas ali são mais benignas do que em

outros pontos. A povoação é pouquíssima, e tem-se retirado muito da fortaleza.

O solo é ubérrimo, e muitas plantas Europeias facilmente se aclimam ali, produzindo espantosamente. No trigo, feijão e batata vi eu isso, em pequeníssimas plantações.

O ribeiro Secula-Binza é uma fonte de água cristalina correndo em leito de granito.

Junto da fortaleza há poucas árvores; que as necessidades dos habitantes tem despovoado as matas que devem ter existido outrora, como ainda hoje existem mais longe.

O comércio é pouco, e esse mesmo é feito muito longe no interior.

A mesma pegada de decadência que se nos revela em Quilengues, é ainda mais patente aqui.

A importância de Caconda é igual, senão superior, à de Quilengues; mas tem menos segurança ainda para o comércio; que o caminho de Benguela é infestado de salteadores.

CAPÍTULO 7

VINTE DIAS DE AGONIA

Parti de Caconda a 8 de Fevereiro de 1878, levando na minha companhia 10 homens de Benguela, o meu moleque Pepeca, Verissimo Gonçalves, de quem já falei, e o chefe de Caconda, o Tenente Aguiar, que quis por força acompanhar-me nesta expedição, que tinha por único fim o arranjar carregadores; querendo mostrar assim a sua boa vontade em nos auxiliar, e que era estranho aos acontecimentos de Caconda.

Cumpre-me dizer, que eu nunca duvidei da sinceridade do Tenente Aguiar; porque a esse tempo não tinha ainda arreigado no meu espírito o princípio que formulei no capítulo anterior, e hoje mesmo creio que ele foi enganado como eu, apesar da sua muita experiencia dos sertões avassalados.

Depois de uma jornada de 17 quilómetros a N.E., alcancei a libata de Quipembe, onde fui recebido pelo sova Quimbundo, que me deu hospitalidade. Passei um pequeno ribeiro o Carungolo, junto a Caconda; e depois o Catapi, que ali corre a S.O.

O sova mandou-me logo um porco pequeno, e não tendo eu podido comprar galinhas, mandou-me uma. À tarde veio à minha barraca, e depois de larga conversa, disse-me, que, ainda que os seus antepassados foram sempre avassalados a El-Rei de Portugal, ele não o era; porque as muitas arbitrariedades cometidas pelos chefes contra ele e os seus, tinham quebrado os compromissos antigos; que o Mueneputo já lhe não fazia justiça, e narrou-me muitos dos acontecimentos em que baseava as suas acusações aos chefes, falando com modo muito atilado.

O chefe estava presente à entrevista, e não podia responder ás acusações dirigidas aos seus antecessores, tão claramente eram elas formuladas.

Este velho era homem de tino, e falou-me na política dos Portugueses em Caconda com um juízo difícil de encontrar em preto boçal.

Procurei desfazer a má impressão que o soba tinha dos chefes de Caconda, mas creio que nada alcancei nesse sentido. Mais uma vez tive ocasião de apreciar o mau resultado dos minguados estipêndios que se conferem aos chefes dos conselhos do interior; causa primordial da decadência do nosso poderio e influencia ali.

O sova de Quipembe é muito idoso, e sofre de gota, que lhe embaraça o caminhar.

A sua libata é vasta, bem fortificada e muito bem situada. Desde a minha chegada muitas dezenas de pretos e pretas pequenos olhavam pasmados para mim, fugindo em debandada ao menor movimento que eu fazia. Tentei fazer-lhes perder o medo que manifestavam, dando-lhes alguns guizos e bagos de coral; mas só muito receosos se chegavam a mim, fugindo logo que recebiam o presente.

Foram objeto de grande admiração, os meus óculos e o meu cobertor, em que se desenhava um enorme leão em fundo vermelho.

No dia 9 deixei a libata, seguindo a N.E.; passei logo o ribeiro Utapaira, e uma hora depois alcançava o Cuce, afluente do Quando. Este rio tem ali 3 metros de largo por 2

de fundo, dando difícil passagem, por serem as suas margens escarpadas e lodoso o fundo.

A margem direita é montanha suave e pouco elevada, e a esquerda campina de 1 quilómetro de largo. Passei ao sul da libata de Banja, magnificamente situada no topo de um outeiro, e depois de atravessar três ribeiros, o Canata e Chitando, que vão ao Cuce, e o Atuco ao Quando, alcancei este último rio, um dos grandes afluentes do Cunene.

O Quando corre ao Sul, com uma largura de 20 metros por dois a três de fundo.

No sítio de Pessange, em que acampei, desaparece o rio por baixo de massas enormes de granito, para reaparecer um quilómetro a jusante.

Este ponto oferece uma das mais belas paisagens que tenho visto. As margens do rio, um pouco elevadas, são cobertas de luxuriante vegetação, onde as palmeiras elegantes se destacam do verde-negro dos gigantescos espinheiros. Os rochedos denegridos sobressaem aqui e além por entre os tufos de mato, mostrando os cabeços puídos do bater das tempestades.

Nuvens de passarinhos chilram nas árvores e inúmeras rolas esvoaçam sobre os espinheiros. De vez em quando ouve-se o resfolgar dos hipopótamos nos pegos do rio.

É a beleza selvagem em toda a sua força, mas a par dela há ali alguma coisa de horrível, que são venenosíssimas serpentes que a cada passo se arrastam junto de nós.

Matei algumas, que me certificaram os pretos serem de mortal peçonha.

Apareceram alguns Hyrax, e eu, internando-me no mato virgem da margem esquerda, na sua busca, deparei com as ruinas de uma muralha de pedra, que pela extensão parecem ter sido muro de povoação antiga. Foi este o primeiro dia na minha viagem em que de noite tive por teto o céu estrelado, mas por isso não foi menos profundo o meu sono. Ao alvorecer matámos, entre a minha cama e a do tenente Aguiar, uma cobra venenosa.

Seguimos a N.E., e para além da povoação de Pessange, encontrámos a de Canjongo, governada por um século, que nos ofereceu capata e vendeu algumas galinhas a troco de pano de algodão ordinário, e depois de passarmos o rio Droma, afluente do Calae, que corre a S.E., descansamos

algumas horas na margem esquerda, e caminhando depois a N.N.E., chegámos, ás 5 horas da tarde, à libata grande de Quingolo.

O sova deu-me hospitalidade, e mandou logo comida para a minha gente.

Sabendo o motivo da minha viagem, disse-me, que se a ele tivéssemos recorrido com tempo, nos teria arranjado os carregadores, mas que os chefes de Caconda não faziam caso dele, e faziam mal nisso; que ainda assim, me ia dar 40 carregadores que enviaria a Caconda, e fosse eu ver se obtinha os outros ao Huambo.

Fui atacado de uma ligeira febre. No dia 11, logo de manhã, o sova veio visitar-me e confirmou o seu oferecimento de 40 homens, que me disse partiriam no seguinte dia para Caconda.

Quis fazer algumas compras de víveres, mas nada me quiseram vender; sabendo isto o sova Caimbo, enviou-me um grande porco. Eu fiz-lhe um presente de 3 peças de riscado e duas garrafas de água-ardente.

O chefe Aguiar decidiu voltar a Caconda, no que me deu um verdadeiro prazer.

Ao meio dia apareceram os chefes dos carregadores que partiam, para receberem os pagamentos.

Esta libata grande de Quingolo é situada sobre um outeiro granítico que domina uma enorme planície.

Por entre as rochas cresceram sicómoros enormes, que lhe dão uma frescura constante. Estas rochas combinadas com as paliçadas formam uma temível fortificação, rodeada de um fosso meio obstruído. No topo do outeiro dois rochedos enormes de elevadas proporções formam uma espécie de mirante, donde se goza um dos mais surpreendentes panoramas que tenho visto.

Semelhante ao golpe de vista da cruz alta do Bussaco, se a mata, em vez de limitada na estreita cinta de muralhas, se estendesse dos cabos Carvoeiro ao Mondego até à beira-mar, apenas interrompida aqui e além por verdejantes clareiras, o país que se avista do alto de Quingolo é talvez, mais vasto e grandioso, sendo limitado em torno por um perfil azulado de longínquas montanhas que de distantes mal se avistam.

No dia 12, ainda que me recresceu a febre, decidi partir, e tendo feito as mais cordiais despedidas ao sova e ao chefe Aguiar, segui ás 8h. 30m., acompanhado de 3 guias que me deu o sova Caimbo, com quem fiquei nos melhores termos de amizade. Logo à saída passei o ribeiro Luvubo, que corre ao Calae, e pelas 10 horas alcancei a libata do século Palanca, onde pedi agasalho, por me ser impossível caminhar com febre que recrescia a cada momento.

Apesar do meu estado de saúde, fiz observações astronómicas, para determinar a minha posição; e falo nisso, por ser este o primeiro dessa série de pontos que eu devia determinar através de África.

Foi a povoação de Palanca o primeiro ponto determinado por mim, nessa linha que marca o meu caminho do mar Atlântico ao Indico.

Três gramas de quinino que tomei durante a apirexia produziram-me rápidas melhoras que me permitiram seguir no dia imediato.

Eu viajava a cavalo num possante boi, e tinha um outro de reserva, bois muito bem domesticados e que ofereciam boa

comodidade ao andar, podendo obter deles um aturado trote e mesmo um galope curto.

Segui perto das 8 horas e passei logo o rio Doro, a que chamam das mulheres, onde foi muito difícil a passagem dos bois, por ser de fundo lodoso.

O calor era intenso, e eu comecei a sentir-me mais doente, pelo que resolvi deitar-me a descansar um pouco.

Não tinham árvores no sítio, e ao sol ardente sobre uma terra ardente adormeci. Foi curto o meu sono, e ao despertar, senti que estava fresco e tinha sombra. Eram os meus pretos que, de motu próprio estavam em torno de mim segurando um pano para desviar do meu corpo as ardências de um sol a prumo. Tocou-me tal prova de cuidado. Segui avante e passei um riacho - o Doro, a que chamam dos homens, que se une ao primeiro e corre depois ao Calae, não sei se com o mesmo nome. Duas horas depois encontrava o rio Guandoassiva, que tem 5 metros de largo por 1 metro de fundo, em cuja margem descansei. É afluente do Calae e abunda em peixe miúdo, que muito ali pescámos. Eu sentia-me bastante doente. Á febre que tinha

reaparecido unia-se uma extrema fraqueza, pois que, havia dois dias, apenas tinha tomado alguns caldos de galinha.

Aproveitei o descanso para mandar fazer um caldo de frango, que não levou sal, por se me ter acabado a pequena provisão trazida de Caconda.

Depois de duas horas de repouso, seguimos sempre a N.E., e meia hora depois passávamos o rio Cuena, que tem ali 6 metros de largo por 1,5 de fundo, e corre ao Calae.

Este rio corre entre as vertentes suaves de montanhas muito pouco elevadas, mas cavou um leito fundo, cujas escarpas verticais de 2 metros, tornaram difícil a passagem dos bois.

Trabalhámos ali duas horas. Duas horas depois, já ao cair da noite, alcancei a libata do Capoco, o poderoso filho do sova do Huambo.

O Capoco recebeu-me muito bem, deu-me a sua própria casa para habitar, ofereceu-me logo um grande porco, e sabendo-me doente mandou-me duas galinhas.

Falei-lhe em carregadores, que ele me prometeu arranjar.

Fiz-lhe um presente de duas peças de riscado e duas garrafas de água-ardente. Pouco depois, um grande rancho de virgens, que se conhecem pelas muitas manilhas de verga de pau, que lhe sobem dos artelhos, trouxeram em cestas abundante comida aos meus pretos. Depois de tomar alturas da lua, deitei-me, feliz, apesar de doente, por ver coroada de êxito a minha excursão.

No dia seguinte deveriam chegar ali os meus companheiros, e com eles, não só a amizade e a companhia dos meus conterrâneos, mas ainda os recursos que já me faltavam completamente.

Adormeci sorrindo. Quão longe estava eu de pensar que adormecia na véspera de uma agonia, imensa agonia que devia durar por 20 dias!

No dia 14 fui a casa do pai do Capoco, o sova das terras do Huambo. A libata deste sova, que se chama Bilombo, dista 3 quilómetros da do filho, e está assente na margem esquerda do rio Calae.

Bilombo esperava-me. Rodeado do seu povo, trajava soberbamente uma casaca escarlate, cobrindo-lhe a cabeça uma barretina de caçadores. Entreguei-lhe o meu presente,

que consistia em 3 peças de riscado ordinário e duas garrafas de água-ardente, a que se mostrou muito grato. Ficou muito surpreendido vendo a minha carabina Winchester, e pediu-me para eu atirar com ela, ficando admiradíssimo de me ver meter algumas balas num pequeno alvo a 200 metros, e muito mais quando lhe quebrei um ovo a 50 metros.

Este sova governava em tudo o país do Huambo: mas está hoje reduzido a dominar apenas em parte dele. A sua história é curta, mas vulgar. Ele era casado com a filha do sova do Bihé, que entretinha relações amorosas com um dos seus séculos.

Tremiam os criminosos da cólera do rei se viesse a saber a sua falta. Houve rompimento entre Bilombo e um régulo vizinho, e a guerra foi declarada. Bilombo tomou o comando do seu exército e partiu, ficando a governar na sua ausência o amante da sua mulher. Conspiraram ambos e Capussocússo fez-se aclamar sova. Retirou-se Bilombo para esta parte do país banhada pelo Calae, onde o povo se lhe conservou fiel, e à época da minha passagem, me disse,

estar preparando uma terrível vingança à adúltera e ao seu amante o traidor Capussocússo.

De volta a casa do Capoco, despedi os três guias, que me acompanharam desde Quingolo, e por eles escrevi a Capelo e Ivens, dizendo-lhes, que os esperava, e que não abandonassem as cargas, por ser o país pouco seguro.

Fui de tarde dar um passeio ás margens do Calae, e surpreendeu-me a quantidade de caça que encontrei, que nunca tanta tinha visto, mas nada matei por não ir prevenido para isso.

O sova Bilombo mandou-me um presente de farinha de milho e um grande boi, presente muito valioso, por ser escaço o gado bovino naquele país.

Os carregadores estavam preparando os mantimentos para seguirem no dia imediato para Caconda, e eu escrevia aos meus companheiros, quando chegaram três portadores do sova de Quingolo, com cartas deles, e uma cesta contendo sal e um pequeno saco de arroz.

Abri pressuroso as cartas; eram elas duas oficiais e uma particular, assignadas por Capelo e Ivens. Diziam-me, que

tinham resolvido seguir sós, e que pelos 40 carregadores enviados por mim de Quingolo, me mandavam 40 cargas, acompanhadas pelo guia Barros, para eu as conduzir ao Bihé.

Só o pouco ou nenhum conhecimento do sertão Africano, que então tinham os meus companheiros, podia desculpar um tal proceder. Eu achava-me num país hostil, e se até ali tinha sido respeitado, fora só porque o gentio me julgava a vanguarda de uma grande comitiva capitaneada por eles, e o receio das represálias tinha até então sustido a rapacidade dos indígenas. Eu estava no país onde Silva Porto, o velho sertanejo, que percorrera impunemente os mais longínquos sertões Africanos, tivera de sustentar cruento combate com um gentio ávido de rapina.

Que seria de mim logo que se soubesse que toda a minha força consistia em 10 homens? Encarei a minha posição e achei-a um pouco séria. Capelo e Ivens tinham sido enganados por alguém, que a sua lealdade não lhes consentiria decerto o deixarem-me em tal posição, se eles conhecessem bem essa posição.

Que fazer? Em três dias podia alcançar Caconda, e voltar dali a Benguela. Tinha, por outro lado, diante de mim uma jornada de vinte dias ao Bihé, jornada em que teria de arriscar cada dia e a cada hora a vida e as bagagens. Que fazer?

A noite de 17 de Fevereiro foi passada num a agitação febril indescritível.

Devia seguir avante? Tinha o direito de arriscar as vidas dos dez homens que me cercavam, e que dormiam tranquilos junto de mim? Teria o direito de arriscar a minha própria vida em imprudente passo? Deveria voltar a Benguela?

Quem compreenderia na Europa o obstáculo quase insuperável que me fazia recuar? Ninguém, a não ser um ou outro explorador infeliz como eu.

Que noite horrível! e a febre a desvairar-me a mente, e o cuidado a aumentar-me a febre. A aurora do dia 18 encontrou-me de pé, e havia momentos que uma frase estava gravada no meu pensamento e eu repetia maquinalmente aquela frase.

Audaces fortuna juvat. Era a velha sentença dos fortes Romanos, era a lei que dita as ações dos aventureiros.

Decidi seguir avante, eu que não tinha ido a África para só visitar o país do Nano, que, digamos a verdade, não deixa de ser muito interessante, sobre tudo para nós os Portugueses.

Descrevi aos meus 10 homens a nossa posição precária e a resolução tomada de caminhar para o Bihé; eles protestaram-me a sua dedicação e a intenção de sempre me acompanharem.

Desses dez homens 3, Verissimo Gonçalves, Augusto e Camutombo estiveram em Lisboa depois de terem atravessado comigo a África; 4 seguiram do Bihé Capelo e Ivens, pela minha ordem; 1, o preto Cossusso, enlouqueceu, junto ao Quanza, e foi por mim entregue ao aviado de Silva Porto, Domingos Chacahanga, para dele ter cuidado; e os dois restantes, Manuel e Catraio grande, caíram aos meus pés varados pelas azagaias Luinas, e cumprindo a sua promessa formulada rudemente neste dia, morreram defendendo-me, quando eu mesmo defendia a bandeira das Quinas.

Ao tempo em que vai a minha narrativa, eu mal os conhecia, e não tivera até então lugar de experimentar o seu valor.

Eu estava em casa do Capoco, que até então me tinha dispensado os maiores favores; mas Capoco era o célebre salteador do Nano, que chegara a ir atacar Quilengues, um ano antes. O que faria ele, logo que conhecesse a minha fraqueza?

Dele dependia o êxito da minha empresa. Capoco é homem de vinte e quatro anos, simpático e de maneiras agradáveis. Muitas vezes me dizia Verissimo Gonçalves, que lhe parecia impossível ser ele o homem cujo nome era tão temido, e que tão longe dirigia as suas correrias de devastação e morte. Entre as suas escravas conheceu Verissimo algumas raparigas roubadas em Quilengues, no ataque do ano anterior. Uma mesmo, com quem falei, era filha de um dos sovas de Quilengues, e Capoco pedia por ela grande resgate.

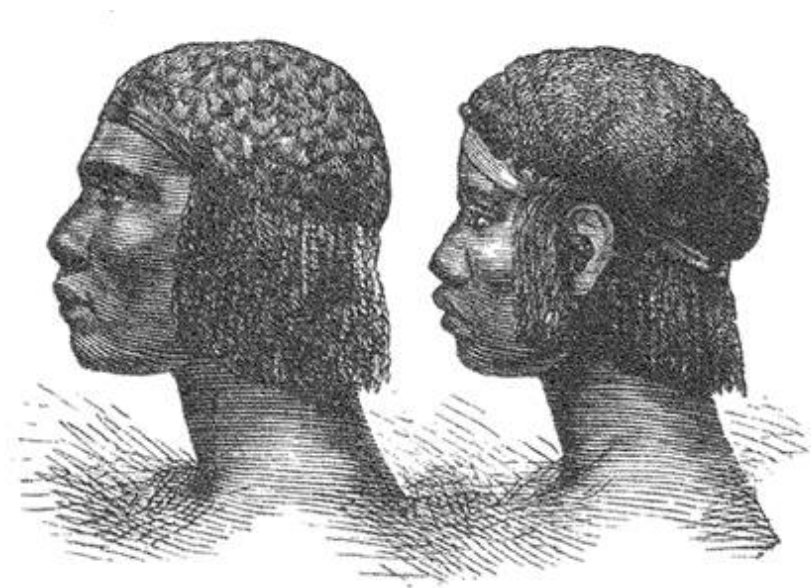
Capoco é inteligente, parco no comer e beber, e ainda que possui grande número de escravas, as que formam o seu harém são muito poucas.

Há no seu fundo alguma coisa de justo por entre a barbaria do seu viver e dos seus princípios. Por exemplo: eu vi que a escrava, a que acima me referi, filha do sova de Quilengues, trazia nos artelhos as manilhas de pau, sinal infalível de virgindade, apesar de ser muito bonita e elegante. Admirou-me isso, e perguntei ao Capoco porque não tinha feito dela sua amante? "Porque não devo," me respondeu ele, "é minha escrava pelo direito da guerra, mas em quanto seu pai manifestar o intento de a resgatar, devo respeita-la e será respeitada, porque a devo entregar como a tomei." Um dia Capoco disse-me, que, estando Benguela daquele lado (apontava para o oeste), o sol passava primeiro pelo Huambo antes de ir a Benguela. Disse-lhe eu ser isso verdade, e ele quis saber quanto tempo depois de nascer ali, nascia ele em Lisboa. Procurei fazer-lhe compreender, que hora e meia; dizendo-lhe o tempo que um homem leva a percorrer tal caminho, ele mostrou-se admirado; porque julgava, me disse, ser o nosso país muito mais longe.

Os costumes entre os povos do Nano e do Huambo são os mesmos que entre os Quilengues, assim como falam a mesma língua. Trabalham o ferro, de que fazem setas,

azagaias e machadinhas; mas não enxadas, que vêm do norte.

Como já incidentalmente notei, as raparigas, em quanto virgens, usam nos artelhos de ambas as pernas ou só na esquerda, umas manilhas de verga de pau, e é grande crime para a família, conservar as manilhas àquelas que já não tem direito de as usar.

Uma coisa curiosa nos costumes destes povos, é haver em todas as povoações uma espécie de quiosques para conversa.

Homem e Mulher do Huambo.

Sam como uma cubata, mas os prumos que sustentam o teto de colmo, são bastante separados. No meio arde a fogueira, socia constante do gentio Africano, e em torno tomam assento os habitantes da povoação em toros de pau. É o sítio da palestra, sobre tudo quando chove; ali narram-se episódios de guerra ou de caça, fala-se também de amor, e muito menos de vidas alheias do que na Europa.

No país do Huambo começa na costa de oeste o grande luxo nos penteados, tanto em homens como em mulheres, e tenho visto alguns que dificilmente seriam executados pelos melhores cabeleireiros da Europa.

Há penteados que levam dois e três dias a fazer, e que se conservam por muitos meses.

Os penteados das mulheres são profusamente enfeitados com umas contas de vidro que no comércio em Benguela tem o nome de coral branco ou encarnado, e é este género muito procurado no país. Eu infelizmente não levava nenhum.

A pólvora, armas e o sal de cozinha são ali géneros de grande valia. Nada disso eu tinha, em quantidade de que pudesse dispensar, o que tornava mais embaraçosa a minha posição.

Fui falar ao Capoco e expus-lhe que os meus companheiros tinham seguido por Galangue, e que só viriam 50 cargas, não precisando eu por isso mais de 40 homens e esses só para irem dali ao Bihé.

Despedimos por isso os 80 carregadores que a essa hora já estavam reunidos, e que se retiraram muito descontentes. Capoco prometeu-me que teria os 40 de que precisava até ao Bihé. Nesse dia chegou o preto Barros com as 40 cargas, e trouxe-me nova carta dos meus companheiros, confirmando o que diziam as primeiras.

Por ele soube que eles tinham saído de Caconda para o Bihé; acompanhados pelo ex-chefe, Alferes Castro, e pelo degradado Domingos, que me tinham mostrado a impossibilidade de obter gente em Caconda, e que a obtiveram no dia em que eu saí daquele ponto.

A eles, talvez, devia eu a crítica posição em que me achava, porque os meus companheiros, pouco conhecedores de

África, e nada daquele país, não podiam julgar das dificuldades que me criavam, ao passo que aqueles dois senhores, de sobra as conheciam. Não os acuso de um crime, mas culpo-os de uma leviandade.

Não lhes quero mal, porque a ninhem quero mal, e um mês depois de se passarem os sucessos que estou narrando; espantado ainda dos perigos a que tinha conseguido escapar; prostrado no leito, onde me tinha prendido com garras de ferro a doença, proveniente de 20 dias de cruel agonia, a que eles deram causa; vi-os entrar, famintos e sem recursos, na casa de Silva Porto, que eu ocupava no Bihé; e esquecendo tudo o mal que me tinham feito; e não me lembrando de que um estava privado dos direitos de cidadão por uma sentença infamante; reparti com eles o pouco de víveres que eu tinha, dando-lhes os meios de voltarem com relativa comodidade a Caconda. É que eu vi neles, não só dois brancos, dois Portugueses, perdidos no já longínquo sertão do Bihé, mas vi mais os homens que me fizeram ter de mim uma opinião de que me sentia orgulhoso, os homens que em 20 dias de agonia que me deram, em mil perigos a que me lançaram, com que me fizeram lutar e que eu venci, me retemperaram a alma para cometimentos

maiores. A eles devia a confiança que tinha em Deus e em mim mesmo; e repartindo com eles o pouco que tinha, julgava pagar uma dívida de gratidão, onde outros, sucumbindo ao sofrimento, só veriam, talvez, um motivo de vingança.

Não antecipemos factos.

Capoco veio dizer-me, que no dia seguinte teria os 40 homens que queria, mas só até ao Sambo, porque eles se recusavam a ir mais além; por estarem despeitados pela despedida dos 80 que se tinham reunido para ir a Caconda e ao Bihé, e que eu tinha dispensado. Além disso, eles exigiam um pagamento muito superior; porque eu os havia contratado por 10 panos de Caconda ao Bihé, e estes exigiam só do Huambo ao Sambo 8 panos. Acertei tudo, para poder partir.

No dia seguinte de manhã, reuniram-se os 40 homens; mas de repente surgiu uma nova dificuldade. Quando em Caconda fomos enganados pelo Bandeira, o Ivens tinha tirado a todos os fardos sortidos o algodão branco; porque os pretos que esperávamos do Bandeira não queriam pagamento em outro género. Esqueceu esta circunstância, e

eu, levando dois fardos sortidos, não levava nem uma só peça de algodão branco. A gente do Capoco declarou-me logo, que não queriam receber senão algodão branco, e não pegariam nas cargas se eu lho não desse.

Recusaram-se a receber o riscado, e já se iam, quando apareceu o Capoco, e não sem custo os decidiu a receberem metade em riscado, metade em zuarte.

Havia grande descontentamento entre eles quando ás 10 horas os fiz seguir acompanhados pelo guia Barros. Eu devia partir dentro de uma hora; mas fui atacado de tão violento acesso de febre, que tive de deitar-me.

Desde a véspera chovia torrencialmente, e sobre tudo a noite foi tempestuosa.

A febre começou a declinar ás 4 horas da tarde, e a chuva cessou. Pelas 5 horas, precisei sair da libata e fui a um mato próximo, os meus passos eram vacilantes e apoiava-me pesadamente no meu bordão.

Precavido sempre, disse ao meu preto pequeno Pépéca, que me acompanhasse e trouxesse uma das minhas carabinas.

Ia a entrar no mato, quando a vinte passos de mim surge um enorme búfalo a olhar desvairado, resfolgando estrondosamente.

Tomei das mãos do pequeno a espingarda, e qual não é o meu desespero, vendo que, em lugar de carabina, ele tinha trazido uma simples arma de caça, carregada de chumbo! Senti-me perdido e vi a morte inevitável, terrível caminhando para mim naquela fera, que mugia surdamente.

Lembrei-me de Deus, da minha mulher e da minha filha. A fera avançava aos saltos, nesse irregular galope que eles tomam para o ataque. A 8 passos de mim, disparei-lhe o primeiro tiro de chumbo, ele parou meio segundo, para seguir logo. Ao disparar-lhe o outro tiro não havia mais distância entre a boca da espingarda e a cabeça do búfalo do que alguns decímetros. Atirei e fiz um enorme salto para o lado. O búfalo seguiu sempre, passando a tomar uma carreira vertiginosa, e desapareceu no mato. O meu Pépéca ria a bandeiras despregadas, e inconsciente do perigo, batia as palmas gritando, "O boi fugiu, o boi fugiu, teve medo de nós." Voltei a casa do Capoco; e passei a noite mais sossegado. Quis escrever, e para isso improvisei uma luz de

manteiga de porco num a velha caixa de sardinhas de Nantes.

Era a 21 de Fevereiro de manhã. Despedi-me do Capoco, e febril ainda, segui caminho do Sambo. Antes de chegar ao Calae, recebi um bilhete. Era ele do guia Barros, dizendo-me, que na véspera à noite, os carregadores tinham fugido todos, deixando as cargas na libata do século Quimbungo, irmão do sova Bilombo.

Parei, e mandei chamar o Capoco. Contei-lhe o ocorrido, e ele disse-me, que seguisse para a libata do tio, que tudo ia remediar. Segui avante, e pouco depois passei o Calae, que corre N.S. para o Cunene, tendo ali 30 metros de largo por l,5 de fundo, com violenta corrente.

As margens são vastas planícies levemente acidentadas e cobertas de gramíneas, por entre as quais surge aqui e além um solitário dragoeiro. O solo é de formação animal, que tudo o terreno é coberto por um mundo infinito de termites, ou antes o cobre.

Uma ponte, construída toscamente de troncos de árvore, une as duas margens do rio. 100 metros a montante da ponte, recebe o Calae um afluente importante, o Cuçuce,

que traz volume de água igual ao seu. Caminhei a E.N.E., e pelas 10 horas passei junto à libata do século Chacaquimbamba, em cuja frente havia grande juntamento de gentio. Passei sem nada me dizerem; mas tinha andado uns 50 metros, quando senti um grande barulho do lado da libata. Nesse momento Verissimo correu a mim e disse-me, que havia questão com um carregador nosso.

Voltei a traz e vi o preto Jamba, carregador da minha mala, a quem tinham tirado a espingarda, o que conseguiram facilmente, porque ele a largou com receio de deixar cair a mala, que continha os cronómetros e outros instrumentos delicados.

Além da arma, eles tinham metido para a libata uma cabra e um carneiro, que me tinham sido dados pelo Capoco. Intimei-os a que me entregassem o roubo; mas apenas me responderam com um murmúrio ameaçador.

Calculei rapidamente as circunstâncias, e vi-me com 10 homens, cercado por 200 que me ameaçavam furiosos.

Esqueci por um momento toda a prudência e bom senso, e quis experimentar o que valiam esses 10 homens, que no futuro teriam de ser meus sócios em perigos maiores, e

caminhando para a porta da libata, armei o revólver e ordenei-lhes que entrassem e me trouxessem o roubo. O meu preto de Benguela, Manuel, um moço de que eu nunca fizera caso, sofreu uma transformação súbita, e armando a carabina, de um salto entrou na libata. Foi logo seguido por Augusto, Verissimo e Catraio grande. Os outros seguiram, e eu, estudando os meus homens, esqueci-me de mim, e podia ter sido vítima do furor da populaça que me cercava; mas a nossa audácia espantou-os, e recuaram, vendo sair da libata Verissimo com a cabra, o Augusto com o carneiro, e os outros de carabina pronta cobrindo-lhes a retirada.

A arma, mais fácil de esconder do que os animais, não foi encontrada, mesmo num a segunda busca mais minuciosa do que a primeira; que o sucesso desta tinha autorizado.

Os meus pretos, animados pela indecisão dos gentios, só proferiam palavras de morte, e custou-me a conte-los para que não fizessem fogo sobre os indígenas.

Consegui acalma-los, e prometi-lhes que em breve teríamos satisfação plena.

Eu dizia isto fiado no Capoco, em quem já confiava um pouco.

Seguimos, uma hora depois, e a 1.30 passava o rio Põe, afluente do Caláe, que tem 5 metros de largo por 1 de fundo, cujo leito lodoso e mole dá difícil passagem.

Ás 3 horas chegava à libata do século Quimbungo, irmão do sova do Huambo, onde estavam as cargas abandonadas e o preto Barros. O Quimbungo recebeu-me muito bem, e disse-me que me daria carregadores até ao Sambo, e sabendo do ocorrido de manhã, pediu-me que não fizesse mal ao século Chacaquimbamba, que ele me faria entregar a arma roubada, e dar plena satisfação do insulto. Pelas 6 horas, chegou ali o Capoco, trazendo alguns carregadores dos que tinham fugido, e as fazendas apreendidas aos outros, fazendas dos pagamentos que eu tinha feito adiantados. Disse-me, que no seguinte dia me faria entregar a arma roubada, e poria à minha disposição o chefe da povoação para eu o castigar.

Que não receasse eu mais fuga de carregadores, porque ele mesmo, ou o tio, me acompanhariam até ao Sambo.

Fui deitar-me ardendo em febre, e passei uma noite horrível.

No dia seguinte reuniram-se mais carregadores; mas não ainda os suficientes.

Capoco tinha partido logo de madrugada para casa do Chacaquimbamba, e ao meio dia apareceu-me com a arma roubada e aquele século, a quem perdoei a ofensa da véspera. O delinquente deu-me mil satisfações, e melhor do que as satisfações, dois magníficos carneiros.

Capoco, esse homem selvagem e feroz, que é o terror do Nano, esse homem que eu consegui dominar completamente e que tantos serviços me prestou, despede-se de mim e volta à sua libata, recomendando-me instantemente ao tio.

De tarde desencadeou-se sobre nós uma horrível tempestade, e à chuva torrencial misturava-se o raio e o trovão da tormenta perpendicular. Recresceu-me a febre.

Durante a noite nova tormenta; mas com chuva moderada. O século Quimbungo, logo de manhã cedo, me veio dizer estarem prontos os carregadores; mas exigirem o pagamento adiantado.

Recusei positivamente, porque, além da experiencia adquirida com o mau resultado dos pagamentos adiantados,

foi conselho do Capoco, nunca fazer tais pagamentos.

Os homens recusaram-se a seguir e foram-se. Quimbungo reúne a gente da sua povoação, e ordena-lhe que sigam comigo; eles obedeceram, mas são muito poucos e reunidos aos que me trouxe o Capoco, deixam ainda 27 cargas, que eu entrego ao Barros, e que o Quimbungo promete mandar-me amanhã para o Sambo, para onde eu decidi seguir imediatamente.

Parti ás 10 horas a Leste, e uma hora depois, passei o rio Canhungamua, de 30 metros de largo por 4 a 5 de fundo, que correndo ao Sul vai unir as suas águas ás do Cunene.

Uma ponte de troncos de árvore, de construção nova, deu-me fácil passagem e à comitiva, que na margem esquerda do rio se recusou a ir mais longe naquele dia, sendo-me preciso empregar a maior energia para os fazer seguir até as 3 horas, hora a que acampei numa espessa floresta de acácias.

O mau tempo continuava sempre, e a febre resistia ao muito irregular tratamento que eu lhe podia fazer.

Durante a noite uma trovoada horrível, correndo de S.O. a N.E., passou junto de mim, despedindo raios e chuva torrencial.

Levanto campo no dia seguinte ás 6 horas, e duas horas depois, passava o Cunene, em ponte construída, como todas nesta parte de África, de troncos grosseiros. O rio tem ali 20 metros de largo por 2 de fundo, e corre ao Sul. As margens são levemente acidentadas, cobertas de gramíneas, e pouco arborizadas. Duas fileiras de árvores, muito semelhantes aos salgueiros da Europa, desenham duas linhas tortuosas, por entre as quais o rio se deslisa com veloz corrente em leito de areia branca e fina.

Descansei um pouco, depois de ter feito as observações precisas para determinar a altitude, e segui ao meio dia, alcançando, pelas 2 horas, a libata do sova Dumbo, no país do Sambo.

Este soveta é vassalo do sova do Sambo, é homem rico e tem muita gente nas povoações que governa. Recebeu-me muito bem, e quis que me hospedasse na libata, o que aceitei.

Prometeu-me carregadores para o dia seguinte, ainda que me disse ter eu chegado em má ocasião, por ter muita gente fora em guerra. Paguei e despedi os carregadores do Quimbungo, e fiquei certo de seguir no dia imediato.

Pouco antes de mim tinha chegado ao Dumbo um século rico, que mora na margem do Cubango, chamado Cassoma, e vinha visitar o soveta de quem era amigo. Este Cassoma, com quem não simpatizei, veio fazer-me mil protestos de amizade, oferecendo-se para me acompanhar ao Bihé.

De tarde mandei ao soveta 3 garrafas de água-ardente, e fiz lembrar-lhe que me não faltassem os carregadores na manhã seguinte. Ao contrário dos usos da hospitalidade do gentio nestas paragens, o soveta nada me mandou para comer, e eu e os meus tivemos fome, porque ninguém nos vendeu farinha.

Seriam 8 horas da noite, quando eu, de muito mau humor e estomago vazio, me ia deitar, senti bater à porta e logo entrarem o soveta Dumbo, o tal Cassoma e um século chamado Palanca, amigo e principal conselheiro do soveta, e cinco das mulheres deste último.

Conversámos um pouco sobre a minha viagem; mas de repente o Cassoma, interrompendo a conversa, disse ao soveta, "Nós não viemos aqui para conversar, queremos água-ardente, e diga a esse branco que no-la de já." O soveta animado pela arrogância do Cassoma, disse-me, que lhe desse água-ardente a eles e ás mulheres. Eu respondi-lhe que já lhe tinha dado três garrafas, que ele nada me tinha oferecido, que era esta a primeira hospedagem que eu recebia de um chefe em que me deitava com fome, e por isso não lhe daria nem mais uma gota de água-ardente. O Cassoma meteu-se logo na questão, animando o soveta contra mim, e entre nós começou uma controvérsia que durou mais de uma hora, em que eu fiz prova de uma prudência e paciência sem limites. Por fim eles concluíram dizendo-me, que pois eu lha não queria dar por bem, ma iam tirar à força.

Eu então, perdendo a paciência, empurrei com o pé o barril, e armando o revólver, perguntei-lhes qual era o primeiro que bebia.

Eles vacilaram um momento, mas o Cassoma disse ao soveta: "Tu és rei, vai, bebe primeiro." Dumbo, tirando o

cobertor que o envolvia, entregou-o ao Palanca, dizendo-lhe: "Guarda-o, para que o branco mo não furte," e caminhou ao barril.

Eu levantei o revólver à altura da cabeça do soveta e fiz fogo; mas Verissimo Gonçalves, que estava junto a mim, empurrou-me o braço e a bala, desviando-se da pontaria, foi cravar-se na parede.

Os três negros, transidos de medo, recuaram até à parede, e as 5 mulheres fizeram um berreiro horrível.

Eu ouvi então junto à porta uma estrepitosa gargalhada que me chamou a atenção, e divisei na sombra dois homens encostados ás carabinas, que riam como riem pretos. Eram os meus Augusto e Manuel, que se tinham aproximado, ao ouvirem a discussão, e que, acompanhados dos outros 8 homens, guardavam a porta.

O Verissimo disse então ao soveta e aos seus companheiros, que se fossem deitar, e não me dissessem mais nada, porque, se eu me zangasse outra vez, ele não lhes poderia salvar a vida como há pouco.

Eles tomaram o prudente conselho, e retiraram-se, ficando tudo em silêncio.

Sem o empurrão que me deu o Verissimo, eu teria morto um homem, e na situação em que nos achávamos, estaríamos completamente perdidos. Foi ele que salvou tudo.

Com a excitação que me produziu a cólera, recresceu a febre, e caí sem forças nas peles que estendidas no chão me serviam de leito.

Os meus pretos deitaram-se através da porta, e disseram-me, que dormisse descansado, que eles velariam por mim.

Havia quatro dias, que por um momento estive quase perdido em três ocasiões diferentes: 1º com o búfalo no Huambo, 2º na libata do Chacaquimbamba, e 3º ali naquela noite.

Depois de um sono agitado, acordei ao som da tempestade que bramia lá fora.

Pensei nos acontecimentos da noite e não fiquei tranquilo. O que sucederia de manhã? Eu estava só com 10 homens, dentro de uma povoação fortificada, donde não era fácil sair; e ainda que se me abrissem as portas onde iria eu

obter carregadores, agora que me tinha indisposto com o régulo?

Pode bem julgar-se da ansiedade com que esperei o raiar da aurora.

Ao alvorecer a febre tinha abrandado um pouco. Apronteime para partir, e mandei chamar o soveta, que apareceu logo.

Disse-lhe que ia seguir, e ali deixava as cargas sob sua responsabilidade, e que depois as mandaria buscar; mas ele pediu-me que o não fizesse, que me ia dar os carregadores; e dando-me mil satisfações do ocorrido na véspera, disse-me, que o culpado fora o Cassoma, que ele já tinha posto fora de casa; o que era falso, porque eu ali o vi depois.

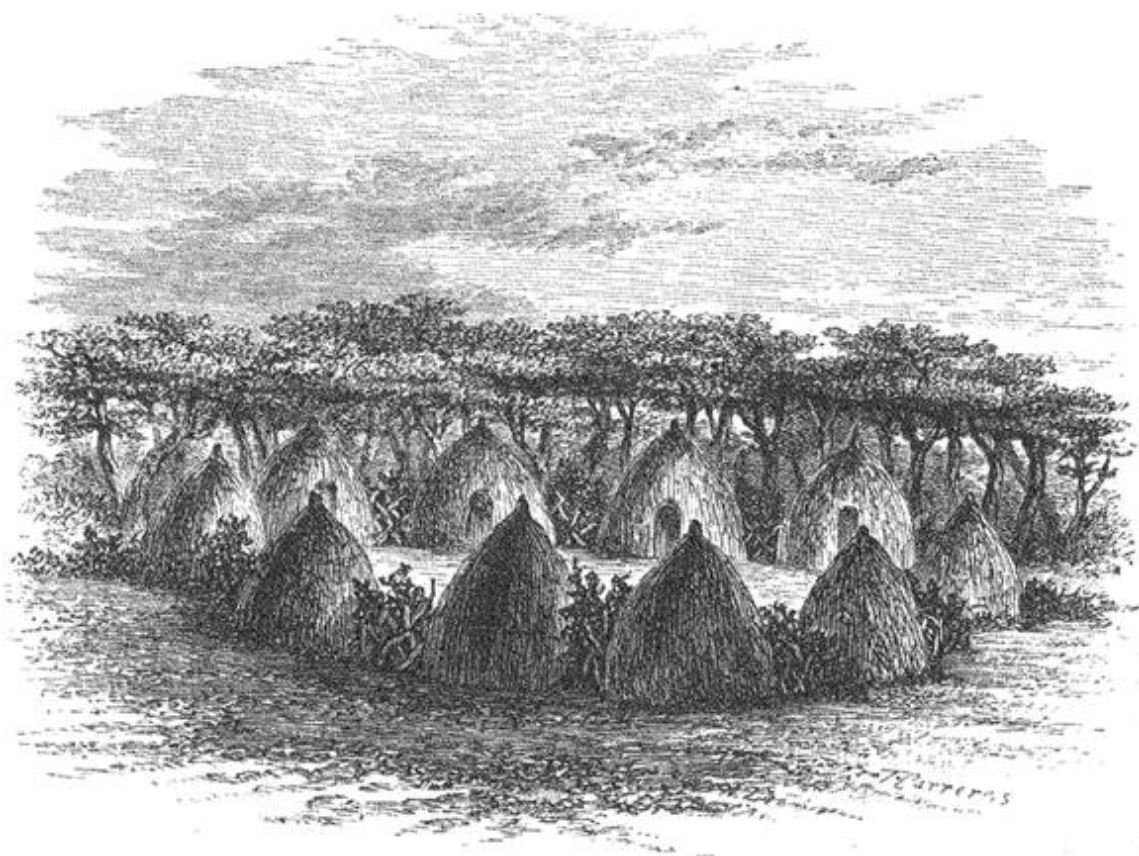
Mulher do Sambo.

Ás 10 horas, apresentou-me os carregadores precisos. Verdadeiramente não eram só carregadores, que no grupo divisei 6 raparigas, ainda de manilhas nos artelhos; tal cuidado pôs ele em servir-me, que, para não me demorar, mandando ir homens das povoações distantes, me deu os que na sua tinha disponíveis, e ainda seis das suas escravas, para completar o número pedido. Agradeci muito e mostrei-me sensível a tal prova de cuidado, declarando-lhe logo, que

não tinha comigo presente digno, de oferecer-lhe, e que querendo dar-lhe uma espingarda lhe pedia mandasse um homem da sua confiança recebe-la no Bihé, mostrando-lhe desejos de que esse homem fosse o século Palanca seu conselheiro íntimo. Exultei de alegria (que me abstive de deixar transparecer) ao ver o meu pedido satisfeito, e o Palanca nomeado para me acompanhar. O soveta Dumbo entregava nas minhas mãos um precioso refém, que me responderia já pela minha segurança, já pela das cargas que deixei dois dias antes entregues ao Barros, a quem preveni e acautelei em carta deixada ao Dumbo.

Deixei a povoação ás 11 horas, à frente da estranha comitiva, formada dos meus dez bravos de Benguela, dez salteadores do Sambo, e seis virgens escravas do soveta Dumbo. A chuva era torrencial; mas eu, apesar disso, segui sempre, tanto me tardava de ver longe a povoação onde passei tão horrível noite.

Quatro horas depois, tendo andado a N.E., fui acampar junto da povoação de Burundoa, completamente molhado e tiritando de frio e febre.

Não aceitei a hospitalidade oferecida pelo chefe da povoação, porque, depois do que se passou na véspera, recordei-me de um bom conselho que me deu Stanley, e protestei não mais em África pernoitar em casa de gentio.

O meu Acampamento entre o Sambo e o Bihé.

Vieram ao meu campo muitas raparigas vender capata, milho, fuba e batatas magníficas, em nada inferiores ás da

Europa.

A chuva continuava mais moderada, mas persistente, e eu sentia-me muito doente.

Junto do meu campo corria um pequeno riacho, cujas águas iam a um ribeiro afluente do Cubango, são as águas que este último rio recebe mais de Oeste.

Durante a noite houve chuva moderada, mais forte das 4 ás 5 da manhã, hora em que parou. Há grande abundancia de ótimo tabaco neste país, onde me venderam muito e baratíssimo. Ali poucos pretos fumam, mas todos cheiram tabaco em pó, que preparam torrando a fogo brando o tabaco de fumo, e reduzindo-o a pó no mesmo tubo que lhe serve de caixa, com um pau, espécie de mão-de-almofariz, que a ele anda preso com uma correia fina.

Parti as 7 h. 40 m. a N.E., atravessando uma região muito cultivada e muito povoada.

Ás 8 h. 30 m. passei junto da grande povoação de Vaneno, e ás 10 parei para descansar junto da aldeia de Moenacuchimba. Segui ás 10 e meia sempre a N.E., ás 11 passei junto da povoação de Chacapombo, muito populosa, e

meia hora depois parei perto de Quiaia, a mais importante de todas. O chefe desta aldeia veio ao caminho cumprimentar-me e oferecer-me um grande porco. Dei-lhe em algodão riscado o valor do porco, e ele retirou-se satisfeito, mandando em seguida muitas cabaças de capata para a minha gente. Segui no mesmo rumo, e duas horas depois fui acampar no mato próximo da povoação do Gongo.

Esta última parte da marcha daquele dia foi trabalhosa, porque choveu muito, e o vento S.O. era rijo e frio.

Pela tarde chegou um enviado do sova grande do Sambo, cuja povoação me ficava uns 15 quilómetros a N.O., mandando-me pedir alguma coisa, e dizendo-me o portador do recado, que se eu houvera passado à porta do sova, ele me daria um boi. Agradeci a boa intenção, e resolvi dar-lhe no dia seguinte alguma coisa, receoso que o enviado, se eu o despedisse sem dar nada, influísse nos carregadores a abandonarem-me, o que seria fácil porque já o tinham querido fazer, e foi preciso toda eloquência do Verissimo para os convencer a seguirem avante.

O século Capuço, chefe da povoação próxima, mandou-me cumprimentar por três das suas mulheres (todas feias), e

por elas um presente de uma galinha e três cabaças de capata. Mandei-lhe seis côvados de riscado e dei algumas missangas ás mulheres. Junto à noite vieram algumas mulheres vender farinha, milho e mandioca.

Usam elas ali os mais extravagantes penteados, e a carapinha é enfeitada com coral branco e reluz da grande profusão de óleo de rícino, que elas prodigalizam na sua toilete. Os homens do soveta Dumbo eram verdadeiramente insubordinados, querelavam-se com a gente de Benguela, e durante a noite só houve tranquilidade na barraca onde dormiam as seis virgens negras, as minhas gentis carregadoras.

A noite foi tormentosa de chuva e vento. Ao alvorecer o século Capuço, veio agradecer os 6 côvados de riscado que lhe dei, e em lugar das três mulheres feias que me enviou na véspera, trouxe-me um lindo porco e uma gorda galinha.

O enviado do sova veio receber o presente que lhe tinha prometido; e que foi muito insignificante, sendo como era em troco da intenção de me dar um boi, se eu passasse junto da libata dele.

Segui pelas 8 horas, e ás 9 passei junto das povoações de Chacáhonha, primeiras da raça (Ganguela) na África de Oeste.

Passei o riacho Bomba, cuja margem esquerda segui por dois quilómetros, quando os carregadores pousaram as cargas, recusando seguir avante, e pedindo os seus pagamentos para voltarem. Eu estava a dois quilómetros do Cubango, e querendo passar o rio, instei com eles a que andassem mais aquele curto espaço, e que logo que estivesse na outra margem lhes daria os seus pagamentos e os despediria.

Recusaram-se formalmente, dizendo, que eu tinha sido muito ofendido na sua libata, pelo soveta Dumbo, e por isso não iam para diante, sendo certo que, logo que eu os tivesse na outra margem do rio, fora do seu país, me vingaria neles das ofensas recebidas.

Foram baldados os meus esforços e tudo foi eloquência perdida. Recusei-me a pagar-lhes se eles não passassem o Cubango; responderam-me que se retiravam sem pagamento, e logo chamaram as seis raparigas e ordenaram-lhes que os seguissem.

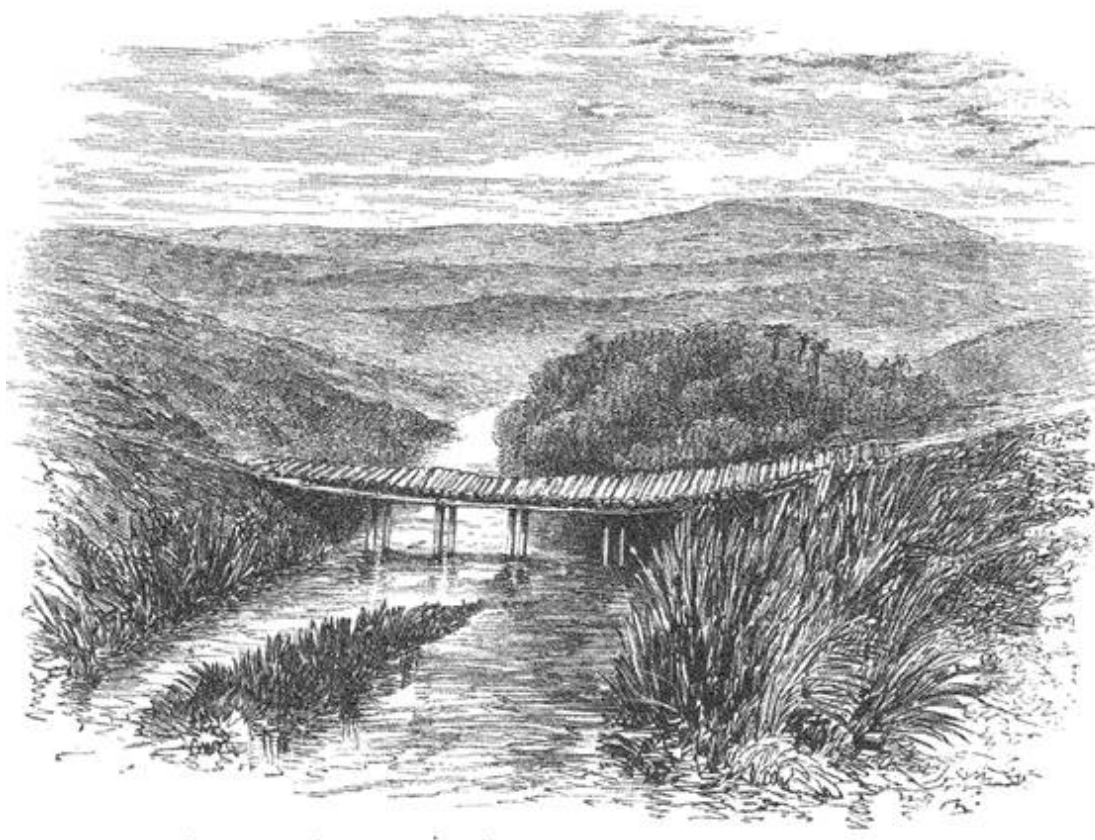
Eu estava no desespero; ali perto era a povoação do Cassoma, e eu vi ser aquilo plano combinado de antemão para me entregarem a ele, que me havia precedido no caminho.

As cargas abandonadas naquele ponto eram cargas perdidas. Calcule-se com que olhos eu vi partirem os carregadores, abandonando-me.

Olhei para as cargas e estremeci de prazer. Sentado num a delas estava um homem alto e magro, de figura impassível, com a longa carabina atravessada sobre os joelhos.

Era o século Palanca, que eu havia esquecido. Saltar sobre ele e derruba-lo foi obra de um momento. Mandei-o amarrar de pés e mãos, e dei ordem a Augusto e Manuel que o enforcassem no ramo de uma acácia que se estendia sobre as nossas cabeças. Ao ver que a ordem ia ser cumprida, ele, transido de medo, gritou-me, "Não me mates, os carregadores vão passar o Cubango," e logo soltou um grito agudo que fez reunir os carregadores já dispersos.

Ordenou-lhes que pegassem nas cargas e seguissem, e eles obedeceram.

Mandei que lhe desamarrassem os pés, e prometi-lhe um tiro na cabeça à menor excitação dos carregadores. Meia hora depois passava o Cubango numa bem construída ponte, e acampava na margem esquerda junto das povoações de Chindonga.

Ponte de Cassanha sobre o Rio Cubango.

Entre o rio e o meu campo ficavam umas minas de ferro, donde o gentio extrai abundante minério.

Estava finalmente em terras de Moma, e livre dos países do Nano, Huambo e Sambo, de que guardarei eterna memoria.

O Cubango corre ali a S.S.E., e tem 35 metros de largo por 2 a 4 de fundo. Fiz observações para determinar a posição e altitude, e logo corri à barraca, que uma trovoada vinda de N.N.E. descarregou sobre nós copiosa chuva.

Paguei e despedi os carregadores do Sambo, dando-lhes dois côvados de riscado a cada um, que tal tinha sido o ajuste.

Chamei as 6 raparigas, e disse-lhes, que a elas nada daria, porque as mulheres tinham obrigação de trabalhar e não mereciam paga. Elas retiraram-se tristes; mas achando natural o meu modo de proceder, tão aviltada é a mulher naqueles países.

Quando já se metiam a caminho para voltarem ao Sambo, mandei-as chamar e dei 4 côvados do mais brilhante zuarte pintado que possuía a cada uma, e alguns fios de missangas diferentes.

É impossível descrever o contentamento daquelas desgraçadas ao receberem tão valiosa paga. Os homens roíam-se de inveja, e eu convenci-os de que, se não tivessem querido voltar para casa na outra margem do Cubango lhes pagaria do mesmo modo.

Foi a minha vingança, e ao mesmo tempo proveitosa lição.

O Secúlo que me deu um Porco.

Nessa noite veio procurar-me um século da povoação de Chindonga, que me trouxe de presente um porco.

Este século prometeu-me carregadores para o dia seguinte, a um côvado de riscado por dia, dizendo-me, que eles só iriam até ao país de Caquingue, onde eu facilmente obteria gente para o Bihé.

A minha febre tinha cedido a fortíssimas doses de quinino; mas completamente molhado havia três dias, eu sentia já os primeiros sintomas do terrível ataque de reumatismo que depois ia comprometendo a minha viagem.

A noite foi tempestuosa e o dia seguinte continuou chuvoso.

O século veio logo de manhã com os carregadores; mas eu tinha resolvido descansar ali um dia, e por isso convoquei-os para o dia seguinte. Disse-me ele, que os meus companheiros tinham passado na véspera, vindos do Sul.

O século Palanca, do Sambo, continua bem vigiado, mas livre. Eu na véspera tinha mandado dizer ao soveta Dumbo, que a cabeça do seu amigo me respondia pelas cargas que vinham escoltadas pelo preto Barros, resolução que Palanca

achou muito justa e natural, por ser lei do país. Talvez o meu procedimento, que eu confesso francamente, me seja censurado, mas eu rogo aos censores, que pensem um pouco na posição de algum, acompanhado só de dez homens, num país em que tudo lhe é hostil, desde o clima até ao homem. Se eu não professo o principio de que os fins justificam os meios, não sou também bastante virtuoso para apresentar uma face à mão que me esbofeteou a outra. Longe das vistas do mundo civilizado, fora desses dois círculos de ferro que apertam a humanidade culta, a que chamam o código penal e as conveniências sociais, círculos que, apesar de estreitos, deixam ainda bastante latitude ao crime e à infâmia; o explorador de África, perdido no meio de povos ignaros, cujos códigos diferem essencialmente dos nossos; tendo por única testemunha dos seus actos a Deus, por único censor das suas obras a sua consciência, precisa ter uma força sublime para se conservar honrado e digno, quando muitas vezes as paixões travam no seu íntimo uma luta infrene. Por mim o digo, que todas as ovações que me tem dispensado o mundo civilizado, pela felicidade que tive de vencer os obstáculos materiais no meu caminho, seriam talvez mais justamente aplicadas, se se soubesse quantas

lutas, e que terríveis lutas sustentei para me vencer a mim mesmo.

Vencer as suas paixões indómitas, vencer os seus hábitos materiais e morais da vida civilizada, são os dois grandes trabalhos do explorador. Aquele que o conseguiu, atingirá o seu fim, cumprirá a sua missão.

Eu, no princípio da minha viagem, receei muito de mim mesmo.

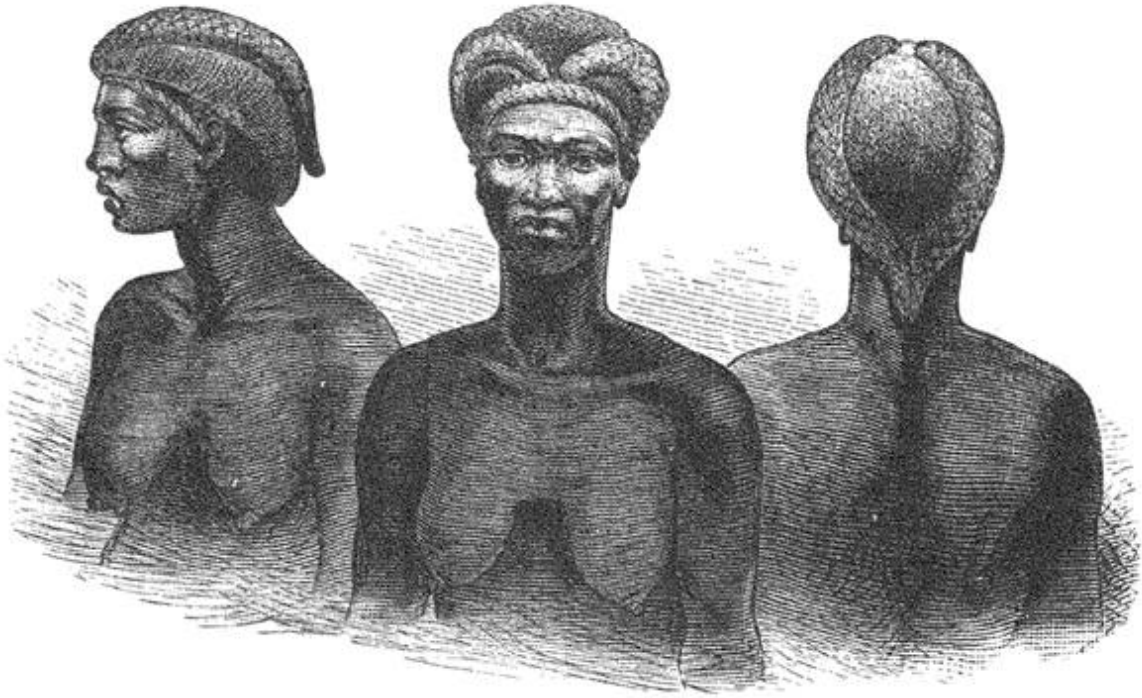
Tive lutas ingentes, lutas terríveis, por serem surdas e ignoradas, de que saí sempre vencedor. O meu génio indómito teve de ceder à vontade inquebrantável, e na falta de tempo para escrever um código, tomei um que acomodei ao meu uso. Os meus princípios foram os do direito natural; a minha lei, curta mas ótima, resumiu-se nos dez preceitos do Decálogo.

Não se julgue que quero fazer jus à canonização, nem mesmo que pretendo ter seguido à risca os preceitos gravados no vigésimo capítulo do livro sublime do Êxodo, decerto o mais belo do Pentateuco; mas fiz o que pude para não me afastar muito deles, e fiz bem.

Esta divagação fica aqui, não como narrativa de águas passadas, mas como conselho a exploradores futuros, que não sejam missionários, que a esses Deus me defenda de falar em matéria da sua competência.

É verdade que eu encontrei alguns em África que me fizeram lembrar o velho rifão, "Em casa de ferreiro, espeto de pau." Passemos adiante.

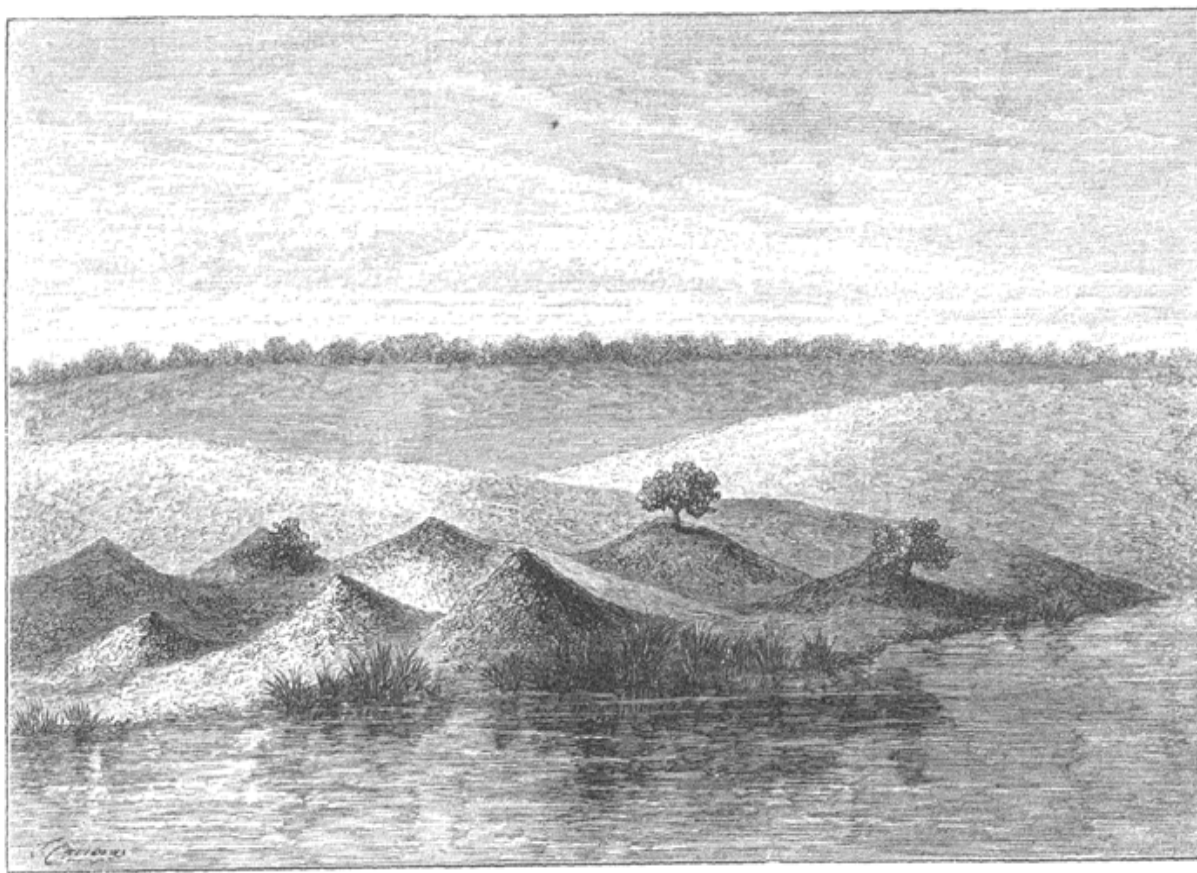
Durante o dia, vieram muitas pretas vender alimentos, e entre outras coisas vulgares, trouxeram uma muito extraordinária.

Era uma grande cesta cheia de lagartas, muito semelhantes ás do Acherontia Átropos, e da mesma grandeza. Este gigantesco Lepidóptero no seu primeiro estado vive nas gramíneas, e é fácil ali colher grande provisão. Os Ganguelas são ávidos de tal manjar, que os meus pretos recusaram.

Mulheres Ganguelas das margens do Cubango.

No dia seguinte logo de manhã, vieram oferecer-se muitos mais carregadores, que recusei, por me serem inúteis.

Parti depois das 10 horas, hora a que a chuva abrandou. No momento da saída quebrei os meus óculos, que usava desde Lisboa. Andei a N.E., e cinco horas depois, acampava na margem esquerda do rio Cutato das Ganguelas, rio que passei num as alpondras sobre uma pequena catarata.

No caminho passei um pequeno ribeiro, chamado Chimbuicoque, afluente do Cutato.

O rio corre naquele ponto a Leste, voltando em seguida ao N., e depois pelo Leste para o Sul. Este S gigantesco é uma serie de rápidos, em que o rio se precipita com fragor enorme, por sobre as rochas de granito que formam o seu leito.

Termites na margem do Rio Cutato dos Ganguelas.

No sítio das alpondras naturais, mede 80 metros de largo, e a montante e jusante 27 metros com 4 a 5 de fundo. Vai afluir ao Cubango, dizem os naturais que 15 dias de caminho ao sul deste ponto.

Monte termítico, de 4 metros de altura, nas margens do Rio Cutato dos Ganguelas, coberto de vegetação.

A margem direita é ocupada pelas plantações da povoação de Moma, que ocupam um espaço que avaliei em mais de mil hectares de terreno. Sam as maiores que tenho visto em África. A cultura entre estes povos consiste principalmente em milho, feijão e batata, mas o que mais se vê são campos

de milho. Antes de chegar ás plantações, atravessei uma floresta de acácias enormes, de surpreendente beleza. O aspeto das margens do Cutato é muito original. Onde termina o granito do leito do rio começa um solo de formação termítica, e o terreno coberto de milhares de montículos, uns cultivados, outros cobertos de vegetação silvestre, todos ligados, formando como que sistemas de montanhas, ferem a vista, admirada ao contemplar um tão estranho sistema orográfico artificial. Marquei a grande povoação de Moma, três quilómetros a O.S.O., e depois de ter determinado a altitude do rio ali, retirei-me, molhado da incessante chuva, e atacado de novo acesso de febre.

Os ameaços de reumatismo continuavam. Durante a noite a chuva foi torrencial, e como sempre, dormi molhado, porque, nesta época do ano, as gramíneas de que cobria a minha barraca improvisada, não tinham mais comprimento que 50 centímetros, e com erva tão curta é difícil, senão impossível, vedar a água num a barraca.

A chuva só abrandou no dia seguinte ao meio dia, e eu, apesar de abrasado em febre, segui ás 2 horas, tinha 144 pulsações.

Caminhei a pé, por me ser impossível segurar-me a cavalo no boi; mas, depois de uma hora de marcha, as pernas recusavam-se a continuar. Acampei. Os meus pretos e os próprios carregadores Ganguelas dispensavam-me os maiores cuidados.

O lugar em que acampei foi junto de umas povoações a que chamam Lamupas, por estarem perto das cachoeiras do rio, que em língua do país tem o nome de Mupas.

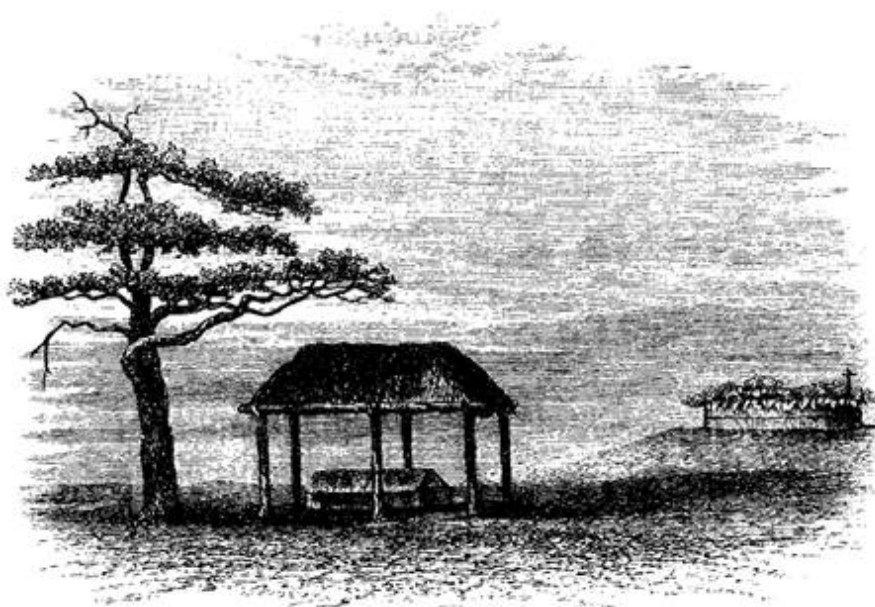
É lugar muito povoado e muito cultivado, sendo estes povos grandes cultivadores.

Encontrei no caminho algumas sepulturas de séculos, que são cobertas de barro, com uma forma semelhando algumas da Europa. Estas sepulturas são cobertas por um alpendre de colmo, e são sempre debaixo de uma árvore grande.

Sobre elas vi cacos de pratos e panelas, que ali são depostos pelos parentes do defunto, como nós depomos nos túmulos das pessoas queridas, as saudades e as perpétuas.

De noite a chuva moderou, e o dia seguinte amanheceu nublado mas estio. A febre abrandou muito, mas as dores reumáticas começavam a fazer-se sentir atrozmente. Segui

avante, e meia hora depois de ter deixado o meu campo, passei junto da grande povoação de Cassequera.

Logo que passei um pequeno riacho que fica para além da povoação, deparei com umas clareiras enormes cobertas de gramíneas, que me prenderam a atenção pelo seu enorme e completo desenvolvimento, num a época do ano em que as plantas desta família estão em princípio desse desenvolvimento.

Sepultura de Secúlo.

O meu moleque Pépéca foi atacado de tão violento e repentino acesso de febre, que caiu inerte. Tive de parar e mandar contratar um homem, na povoação de Cassequera, para o levar ás costas. Ao meio dia, passei junto da libata do Capitão do Quingue, primeira povoação do país de Caquingue. Fui hospedar-me em casa de João Albino, mestiço de Benguela, filho do antigo sertanejo Português Luiz Albino, morto por um búfalo nos sertões do Zambeze.

João Albino mora na libata de Camenha, filho do Capitão do Quingue.

Camenha estava ausente, por ter ido tomar o comando das forças do sova de Caquingue, que ia fazer a guerra a uns sovetas do Cubango.

O tempo melhorou, e a minha febre cessou de tudo, mas o reumatismo continuava a ameaçar-me.

A noite foi sem chuva, e o dia seguinte amanheceu claro e sem nuvens.

Fui visitar o velho capitão do Quingue, a quem levei de presente uma peça de lenços. Ele deu-me um boi, que mandei logo matar, porque há muito que tínhamos só carne

de porco para comer. O capitão era muito velho e doente. Conversou muito comigo a respeito do motivo da minha viagem, e não compreendeu o que eu andava fazendo.

Quando eu ia a retirar-me, disse-me ele, "Eu sei o que tu fazes, tu és século de Moeneputo, e ele mandou-te ver estas terras e estudar os caminhos; por aqui fazem-se muitas coisas que não são boas, e o Moeneputo há de querer por termo a isso; peço-te, que quando isso aconteça, te lembres de que eu te dei um boi, e te tratei como meu irmão; eu pouco viverei, mas então lembra-te dos meus filhos, e não lhes faças mal." Comoveram-me estas palavras do ancião. Os seus séculos vieram acompanhar-me respeitosamente até à libata do filho onde estava hospedado, e poucos deixaram, no correr do dia, de me trazer pequenos presentes, já galinhas, já ovos e já cana de assucar. Na libata do capitão vi uma pequena plantação de cana de assucar, tão viçosa como não vi no litoral, e em que esta enorme gramínea tinha um desenvolvimento descomunal.

Notei esta circunstância, por ter julgado até então, que a uma tão grande altitude, cerca de 1700 metros, não vegetaria tal planta.

De volta à libata, encontrei ali Francisco Gonçalves (o Carique), irmão do Verissimo, que, sabendo da minha chegada, vinha visitar-me.

Este Carique, filho do sertanejo Guilherme, como o Verissimo, é contudo filho de outra mãe, e a ele pertence por herança materna o trono de Caquingue.

Vive junto do sova, seu tio, e é casado com uma filha do futuro sova do Bihé.

Foi educado em Benguela, e possui alguma instrução e bastante inteligência. Ele trazia consigo alguns pretos que foram escravos do seu pai, e que logo se ofereceram para me acompanharem na viagem do Bihé para Leste.

Assim, pois, já antes de chegar ao Bihé, arranjei alguns carregadores.

Carique, Albino, o filho do Capitão, e outros que fazem comércio sertanejo, saem daquele ponto para o Mucusso e Sulatebele, descendo o Cubango até ao Ngami, sempre pela margem direita, e vão também negociar ao Cuanhama, país a leste do Humbe, na margem esquerda do Cunene.

O artigo principal do tráfico é o escravo, que em caminho trocam por bois, e estes e fazendas, por cera e marfim.

Resolvi demorar-me ali um dia, não só para descansar e enxugar, mas também para me informar sobre este país, cujos usos já diferem muito dos povos que tinha encontrado até ali. De tarde, o Carique e João Albino deram-me largas informações sobre o país, das quais transcrevo do meu diário as mais curiosas.

O país de Caquingue limita ao N. com o Bihé, a oeste com o país de Moma, a leste e ao sul com povos confederados de raça Ganguela. A raça Ganguela ocupa nesta parte de África um vasto território, e está dividida em 4 grandes grupos, os quais sofrem ainda subdivisões. A língua e usos são os mesmos; mas a sua organização política diferente. No país de Caquingue tomam os Ganguelas o nome de Gonzelos, estão constituídos em reino, tendo um único chefe.

Nas suas outras divisões formam confederações, muito vulgares em África, sendo cada povoação governada por um chefe independente. Os que demoram a S.E. de Caquingue chamam-se Nhembas, os do sul Massacas, e aqueles que vivem a leste do Bihé, Bundas. Destes últimos terei de falar

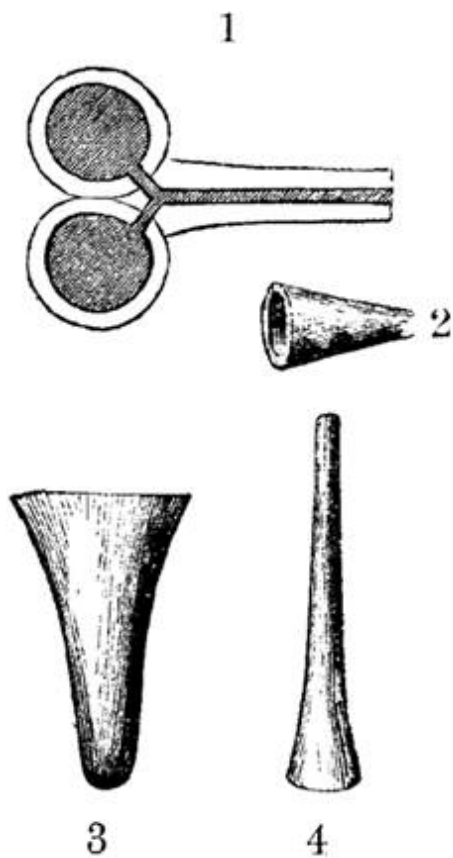
detidamente no correr desta narrativa. Os Gonzelos, Ganguelas de Caquingue, são cultivadores e negociantes, e são, de todos os povos da África Austral, aqueles que mais se aproximam dos Bihenos, em cometimentos de exploração comercial.

No país trabalham muito em ferro, e esta indústria estabelece entre eles e outros povos ativas relações de comércio.

Não tem a menor ideia de uma religião qualquer, e vivem com os seus feitiços, não pensando na existência de um Ente Supremo que tudo dirija.

Ferreiros Caquingues

Nos meses mais frios, Junho e Julho, os ferreiros Gonzelos deixam as suas libatas, e vão estabelecer grandes acampamentos junto das minas de ferro, que são abundantes no país.

Para extração do minério cavam poços circulares de três a quatro metros de diâmetro, que não profundam mais de dois metros; decerto por lhe escassearem os meios de elevarem com facilidade o minério a maior altura.

1. Foles.

2. Bocal de Barro.

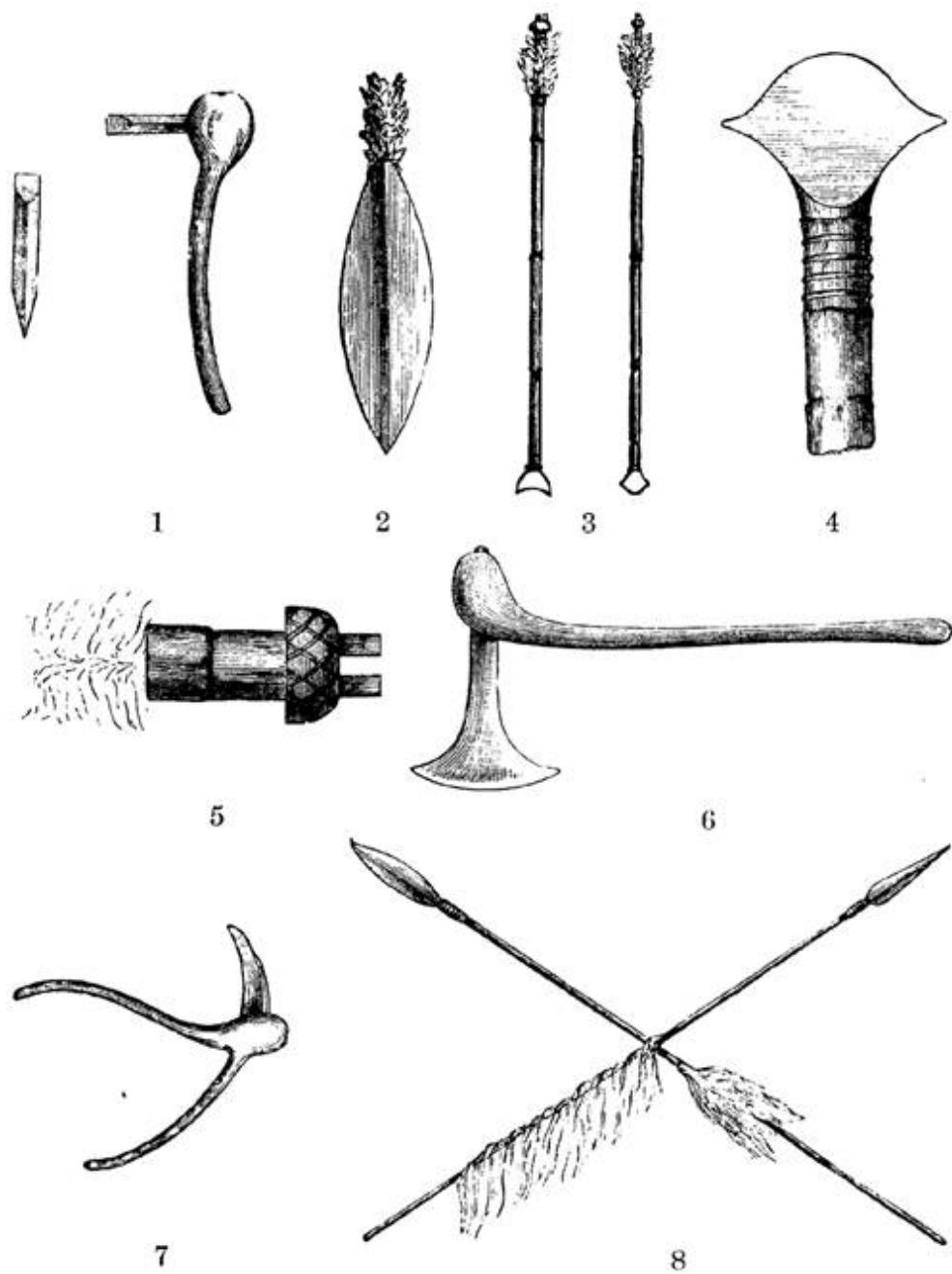
3. Bigorna.

4. Martelo.

Visitei muitos desses poços junto ao Cubango. Extraído que é o minério que eles julgam suficiente para o trabalho daquele ano, começa a separação do ferro, que eles fazem em covas pouco profundas, misturando o minério com carvão vegetal, e elevando a temperatura por meio dos seus instrumentos de insuflação, que consistem em dois cilindros de pau, cavados de 10 centímetros, com 30 de diâmetro, e recobertos por duas peles de cabra curtidas, ás quais estão ligados dois paus, de 50 centímetros de comprido por 1 de diâmetro. É por meio destes paus que um rápido movimento dado ás peles produz

a corrente de ar, que é dirigida sobre o carvão por dois tubos de pau ligados aos cilindros, e terminados por um bocal de barro.

Depois começa um incessante trabalhar, noite e dia, até que tudo o metal é transformado em enxadas, machados, machadinhas de guerra, ferros de frecha, azagaias, pregos, facas e balas para as armas, e até mesmo fuzis para elas, de ferro temperado com unha de boi e sal. Vi muitos desses fuzis darem fogo também como os do melhor aço fundido.

Durante tudo o tempo que duram os trabalhos é expressamente proibido a qualquer mulher aproximar-se do campo dos ferreiros, porque dizem eles que se estraga logo o ferro. Eu creio que isto foi estabelecido para que os homens se não distraiam do trabalho, em que empregam, como já disse, noite e dia.

Objetos fabricados pelo gentio entre a Costa e o Bihé

1. Machado de Trabalho.

2. Ferro de Frecha para a Guerra.

3. Frechas.

4. Ferro de Frecha para Caçar.

5. Pé das Frechas.

6. Machado de Guerra.

7. Enxada.

8. Azagaias.

Findo que é o metal e transformado em obra, voltam os ferreiros a suas casas carregados com a sua manufatura, que vendem em seguida depois de terem reservado o necessário para seu uso.

Todos estes povos não admitem causas naturais de doença ou de morte. Sempre que adoece ou morre alguém, ou foram as almas do outro mundo (uma certa é designada) que produziu o mal, ou então foi algum vivo que fez feitiço ao doente ou ao morto. Logo que morre alguém, se os parentes não estão na localidade, mandam-nos prevenir, e no entanto penduram o cadáver num grande pau a 200 ou

300 metros da porta da povoação, e esperam que eles venham para fazer o enterro.

Logo que eles chegam ou se estão na localidade, procede-se imediatamente à adivinhação para saber a causa da morte.

Para isso amarram o cadáver a uma vara comprida, e pegando dois homens nas extremidades, levam o corpo ao lugar destinado ás adivinhações, onde o espera o adivinho e o povo formado em duas alas.

O adivinho tomando na mão direita um coral branco, começa a adivinhação.

Depois de fazer mil momices e grande grita e de ter feito mexer o morto, que o povo acredita que mexeu sem intervenção estranha, o adivinho declara que foi a alma de fulano ou de fulana que o matou, ou então que foi feitiço dado por alguém que ele designa.

No primeiro caso, o enterro faz-se em paz, abrindo uma cova no mato, em qualquer lugar indistintamente, e lançando nela o cadáver que cobrem de pedras, paus e terra; mas no segundo caso, a pessoa designada pelo adivinho como feiticeiro é agarrada, e, ou paga ao mais

próximo parente a vida do morto, ou lhe cortam ali a cabeça, indo dar parte do ocorrido ao sova, a quem tem de levar de presente uma cabra para ele escutar o caso.

Contudo pode dar-se o caso de um acusado negar firmemente a sua culpabilidade na morte, e então tem direito de defesa.

Para isso, vai ele buscar um cirurgião que vem, na presença do povo proceder ás provas da inocência ou culpabilidade do acusado.

O cirurgião chega à presença dos parentes e do povo, e compõe uma bebida venenosa de que tomam quantidades iguais o acusado e o mais próximo parente do morto.

A beberagem produz uma espécie de loucura temporária, e é naquele dos dois em que ela se manifesta com mais intensidade que recai a culpa da morte.(*)

(*)Isto é quase a prática seguida entre os Maraves, a prova do Muave. (Gamito, e Muata Cazembe.)]

Se é no acusado, ou paga a vida do defunto, ou morre; se é no parente, tem este de indenizar o acusado pela acusação feita, dando-lhe logo um porco para lhe pagar o trabalho de ir buscar um cirurgião, e depois tem de lhe dar o que o acusado exigir, sejam dois bois, dois escravos, um fardo de fazenda, etc. etc.

Antes de continuar, devo fazer sentir uma grande diferença que existe de três entidades importantes, nos povos da África Austral, e que muitas vezes são confundidas.

Sam elas o cirurgião, o adivinho e o feiticeiro. Efetivamente, estas três entidades que parecem à primeira vista ter pontos de contacto, nenhum tem na realidade.

O cirurgião fica definido pela palavra. É um curandeiro, tem conhecimento de um certo número de plantas e raízes, que empega sempre empiricamente, bem como as ventosas sarjadas, de que faz grande uso; sendo bem certo que a ciência de curar está muito em atraso naqueles países. O cirurgião, que nunca faz diagnóstico da moléstia, faz sempre o prognóstico. A dosagem das plantas medicamentosas é sempre empírica, e nas suas polifarmácias entram os mais absurdos e inúteis componentes. É verdade que entre nós

ainda não vai longe o uso da Triaga. O cirurgião, que é ao mesmo tempo farmacêutico, emprega durante a preparação das suas drogas, um certo número de cerimónias e de palavras sem as quais elas perderiam a virtude. Fazem grande segredo das plantas que empregam, e dão-se ares de sábios pedantes quando a esse respeito são interrogados. O cirurgião é pessoa muito importante, e muitos actos solenes requerem a sua presença. Ele decide altas questões, porque a sua opinião prevalece à do adivinho (Ditangja), sendo que o cirurgião nunca a emite sem fazer antes um certo número de remédios e cerimonias, já com plantas, já com sangue do homem ou dos irracionais, a que chamam, fazer os curativos.

O adivinho só adivinha, e mais nada. No caso de doença, o adivinho é sempre chamado para adivinhar se são almas do outro mundo ou feitiços, e só depois dele, vem o cirurgião.

Estes dois sujeitos entendem-se sempre.

O adivinho não é só consultado em caso de doença ou morte, é ouvido em tudo e por tudo, e nada se faz sem que ele adivinhe primeiro.

Para a consulta, coloca-se ele no centro de um círculo formado pelo povo, que deve estar sentado. Arma-se de uma cabaça e um cesto. A cabaça contem missanga grossa e milho seco, o cesto é cheio das coisas mais disparatadas, ossos humanos, legumes secos, pedras, paus, caroços de frutas, ossos de aves, espinhas de peixes, etc.

Começa por sacudir freneticamente a cabaça, e durante a chocalhada que faz invoca os espíritos malignos, ao mesmo tempo sacode o cesto, e nos objetos que vão aparecendo na parte superior, vai lendo o que se quer saber do passado, do presente, ou do futuro. Este uso encontrei eu desde a costa, mas não tão seguido como aqui.

Falei em espíritos malignos, e é preciso dizer, que ali os espíritos malignos emparelham em malignidade com as almas do outro mundo (Cassumbi) e com os feiticeiros. Ás vezes entram no corpo de alguém, e custa muito faze-los sair. Outras vezes, fazem tropelias maiores, tomando conta de uma povoação, onde durante a noite não deixam sossegar ninguém, sendo preciso que o cirurgião faça grandes curativos para os expulsar.

Estava ali um adivinho, e eu calculei o partido que podia tirar dele.

Chamei-o em particular, e fiz-lhe alguns presentes, mostrando por ele grande respeito, e fingindo acreditar na sua ciência.

Pedi-lhe para adivinhar o meu futuro, e ele logo convocou o povo da libata, e muito da povoação do capitão, para assistirem à adivinhação.

A cerimónia fez-se com grande aparato, e ele começou a ler nas trapalhadas do cesto as coisas mais lisonjeiras ao meu respeito. Eu era o melhor dos brancos, passados, presentes e futuros; a minha viagem seria feita com grande felicidade, e felizes seriam aqueles que fossem comigo.

Este vaticínio produziu o melhor efeito, e teve grande influência no resultado da minha partida do Bihé.

Já falei do cirurgião e do adivinho, e vou dizer o que é feiticeiro. Esta palavra tem uma significação que, tendo alguns pontos de contacto com a que lhe damos na Europa, não é contudo a mesma coisa.

Ali qualquer é, ou pode ser feiticeiro, e feiticeiro é mais o envenenador do que homem que governa nos espíritos.

Efetivamente, o feitiço ali é veneno, e dar feitiço a alguém, é dar veneno, que determine, ou doença, ou morte, ou loucura.

Esta é a rigorosa aceção da palavra, mas ainda assim o feiticeiro pode causar grandes prejuízos, e como tudo se atribui a feitiço, a perda de um combate, a epidemia nos gados, as tempestades, etc., tudo provem da sua malevolência.

Não se julgue porém que se pode designar o feiticeiro; não pode. O feiticeiro aparece como causa do efeito, e como essa causa é logo destruída, o feiticeiro é como um meteoro que se desvanece logo depois de aparecer. Esta prática dá lugar a terríveis vinganças, como bem se pode supor.

Além destas três entidades, duas das quais são definidas e uma indefinida, há ainda um sujeito que tem certa importância entre estes povos bárbaros.

É ele o homem que dá e tira a chuva. Há um certo número de indivíduos que se atribuem o poder de governar nos

meteoros aquosos. Possuindo um espírito observador, atentaram em que com tais ventos em certa época do ano chove, e que com outros estia. E servindo-se desses sinais, que são tão vulgarmente observados na Europa, e mesmo recomendados por homens de ciência, como Fitz-Roy e outros, que se observam na vida dos animais, sobre tudo das aves, eles que podem com certa probabilidade fazer um prognóstico do tempo, atribuem a si o poder, de dar e tirar chuva, tendo previamente anunciado que a vão dar ou tirar.

Estes sujeitos são vulgares, mas acreditam neles muito, porque raras vezes se enganam.

Estas práticas que nos causam estranheza, eram há dois séculos vulgares na Europa, e ainda hoje existem entre nós no baixo povo dos campos.

Não é preciso ir à idade media para se encontrarem os Reis consultando os seus astrólogos, e mesmo em Portugal existe um livro, impresso, com todas as licenças necessárias, em 1712, que o seu autor Gaspar Cardozo de Sequeira, matemático da vila de Murça, intitulou Tesouro de Prudentes, livro acrescentado pelo engenheiro Gonçalo Gomes Caldeira, que ensina as coisas mais estupendas e

maravilhosas, aos homens cultos dessas eras, porque o povo de então não sabia ler. Desculpemos pois os ignaros pretos de África Austral.

Uma lei engraçada daquele país, é a respeito das mulheres que morrem de parto.

Logo que uma mulher morre de parto, o marido tem obrigação de a enterrar ele só, levando o cadáver ás costas até à sepultura, e fazendo sozinho o trabalho da inumação. Em seguida, tem de pagar a vida dela aos parentes, e se não tem com que, constitui-se escravo deles.

As sepulturas dos proletários não tem sinal algum que as indique, e são feitas em qualquer lugar indistintamente entre o mato.

Quando eu falar do Bihé, serei mais minucioso em certos costumes que são comuns a estes países, e que tive depois ocasião de estudar detidamente, sobre tudo aqueles que se referem aos sovas e aos grandes.

Um costume que é privativo de Caquingue é o que eles chamam “tratar as mulheres”. Logo que uma mulher está grávida, um sujeito pede ao marido em casamento a filha

que ela vai ter, e desde logo é obrigado a trata-la, isto é, dar-lhe vestuário e satisfazer as suas exigências de toilete.

Este costume vigora só entre gente rica. Logo que nasce a criança, o noivo redobra de presentes à mãe, e tem o dever de vestir a filha até à puberdade, isto é, à época do casamento. Se acontece nascer um varão, a obrigação de vestir mãe e filho subsiste, e este, logo que chega a ser homem, fica para Quissongo do que o tratou.

Mais adiante direi o que é um Quissongo.

Este costume não é tão extraordinário como parece à primeira vista, e se em África só o encontrei no país de Caquingue, cá na Europa é ele vulgar, não na forma, mas na essência, e na frase polida dos salões chama-se a isso, creio eu, casamentos de conveniência.

Amanheceu o dia 5 de Março, depois de uma noite tormentosa em que a chuva foi diluvial. Eu estava melhor da febre; mas as dores reumáticas eram mais persistentes e estendiam-se dos joelhos aos artelhos. O meu Pépéca estava melhor, e por isso resolvi partir. Receando porém do meu reumatismo, fui pedindo uma maca e carregadores para ela, que me foram obsequiosamente cedidos por Francisco

Gonçalves (o Carique). Depois de cordiais despedidas, parti ás 10 e meia ao N., e uma hora depois, passei o ribeiro Cassongue, que corre a S.E. para o Cuchi. Tem 6 metros de largo por 2 de fundo. Ao passar o rio, o meu boi cavalo (Bonito) embaraçou-se num as sarças, perdeu o ânimo, e foi ao fundo; custou muito salva-lo, e só pude seguir ao meio dia. Á 1 h. e 15 m. passei o riacho Govera, de 3 metros de largo por 50 centímetros de fundo, e à 1 e 45 acampava a S.S.O. da povoação de Chindúa. Passei no caminho junto de duas grandes povoações, a de Cacurura, e a de Cachota. Já estava em terras que prestam obediência ao sova do Bihé. O país continua ali a ser muito povoado e cultivado.

Durante a noite, chuva torrencial e forte trovoada de leste. A minha febre tinha desaparecido completamente, mas as dores reumáticas recresciam numa progressão assustadora, e já ameaçavam estender-se a tudo o corpo. Logo de madrugada, o dono da ponte sobre o Cuchi mandou-me avisar para passar a ponte sem demora, porque estas pontes, dando passagem só a um homem de cada vez, leva ela muito tempo, e é lei, que quando uma comitiva toma conta da ponte, ninguém ali pode passar sem terminar a passagem da gente que primeiro chegou, e constava que

uma grande comitiva de gentio se dirigia para ali em sentido inverso ao meu.

Agradeci o aviso, e parti imediatamente, tomando conta da ponte meia hora depois.

O rio Cuchi tem ali 25 metros de largo por 5 de fundo, e corre ao sul ao Cubango.

Da ponte avista-se, 2 quilómetros ao N., a grande catarata do Cuchi, de surpreendente beleza, cujo ruido chega até nós.

Demorei-me um pouco para determinar a altitude, e segui depois a E.N.E., passei o pequeno ribeiro Liapera, que corre ao Cuchi, e mudando de rumo para N.N.E., passei o ribeiro Caruci, que corre a N.E. para o Cuqueima; indo acampar, pelo meio dia, nas matas do Charo, a S.O. da povoação de Ungundo.

Estes dois pequenos riachos, o Liapera e o Caruci, marcam a separação das águas para o Cubango e Cuanza.

O século Chaquimbaia, chefe da povoação de Ungundo, veio cumprimentar-me, e trouxe-me um porco e umas galinhas; retribui o presente, e ele deu-me guias para me

acompanharem no dia seguinte. Durante o dia, não só em caminho encontrei muitos ranchos de gente armada que vão reunir-se ás forças do sova de Caquingue, mas ainda depois que acampei, passaram inúmeros pretos armados que levavam o mesmo destino.

Das 7 ás 9 da noite houve moderada chuva, e ouvia-se a N.E. uma trovada longínqua; mas, ás 9 horas, formaram-se trovoadas em muitos pontos do horizonte, e pareciam todas convergir sobre o meu campo, que era situado num alto. Ás 10 horas, 5 trovoadas encontravam-se em choque imenso sobre o campo, e a mais horrível tormenta que até então tinha presenciado se desencadeou sobre mim. Os raios sucediam-se com intervalos de três a cinco segundos, e o estalar seco dos trovões era incessante.

Havia perfeita calma e apenas algumas grossas gotas de chuva caiam aqui e além.

O barómetro apenas desceu dois milímetros, e o termómetro conservava uma temperatura de 16 grãos Cent. As agulhas magnéticas desnorteavam, e conservavam um oscilar constante.

Uma bússola circular Duchemim, chegou a voltear rapidamente.

Durou este estado de coisas até ás 11 horas, hora a que sofreu modificação mais terrível ainda. Um vento fortíssimo, um verdadeiro tufão, começou a soprar de leste, e num momento correu os quadrantes pelo norte até S.O., onde se fixou com a mesma intensidade. Copiosa chuva começou a cair então. O vento, no seu passar furioso, soprou aos ares as barracas do meu campo, e nós ficámos expostos à chuva torrencial que caiu até ás 4 horas, em que a tempestade começou a abrandar.

Quem o não presenciou não avalia o que seja uma tempestade, de noite, no meio das florestas de África Austral, quando ao rebombar dos trovões se une o grito multíssono das feras, que nos vem ferir os ouvidos com acordes terríveis.

A chuva apagou os fogos do campo, o vento soprou longe os frágeis abrigos, e o raio descendo em luminoso zig-zag, torna mais escuras as trevas, depois do seu rápido fulgor.

Muitas vezes, ao estalido do raio sucede outro estalar medonho. Foi a árvore, que levou séculos a crescer, e que

num momento, ferida por ele, voou em rachas e baqueou no solo.

O espetáculo é horrível, mas grandioso e sublime!

Amanheceu finalmente, e de tudo aquele pelejar dos elementos, só restavam para o lembrar, inúmeras árvores derrubadas e um terreno encharcadíssimo.

A mim restava mais alguma coisa!

O ataque de reumatismo tinha-se declarado com grande intensidade, e estendendo-se a todas as articulações, tolhia-me os movimentos. Sofria muito. Parti ao meio-dia na maca, e fazia esforços enormes para calar na garganta os gritos arrancados pelo sofrimento que infligia o movimento da maca.

Uma hora depois, envolvi-me num pântano extenso, onde a água dava pela cintura aos homens que me carregavam.

O terreno, encharcado pela chuva da noite, estava transformado em pântano enorme. Alcançámos um outeiro, quando, ás 2 horas, nova tempestade, vinda de leste, caiu sobre nós. Da maca, onde gemia dores atrozes, animei a

minha gente a seguir sempre, com intenção de alcançar as povoações de Bilanga, onde queria pernoitar.

Sei que, no dia seguinte, me achei, numa cubata, e me disse o Verissimo, estar eu naquelas povoações, na libata do Vicente; mas não tenho a menor ideia, nem do caminho andado, nem da noite velada, que me disseram os pretos ter sido horrível. Ao reumatismo viera juntar-se a febre e o delírio.

A cabeça estava livre, mas o ataque e as dores recresceram, se era possível isso.

Não podia fazer o menor movimento nem mesmo com as falanges das mãos.

Verissimo e os meus pretos dispensavam-me os maiores cuidados.

Soube que o rio Cuqueima levava uma cheia enorme, e não dava passagem no vão; mas, sabendo que existia uma pequena canoa a jusante da catarata, resolvi seguir e passar o rio ali. Chegados ao rio, tratou-se de calafetar com musgo a canoa já muito velha, e que apenas podia suportar o peso de dois homens. O rio, que trazia uma enorme cheia, ia

caudalosíssimo. Ressaltando por sobre as rochas da catarata, divide-se, formando uma pequena ilha, e logo depois, une as suas águas num só canal, largo de 100 metros.

Era ali que íamos passar. Eu fui colocado dentro da canoa com mil cuidados, porque o menor movimento que me davam, me arrancava um grito doloroso.

Um hábil barqueiro tomou o remo e a canoa deixou a margem. Tínhamos de atravessar 100 metros de água, mas de água animada de violenta corrente, e encrespada por ondas furiosas produzidas pelos baldões da catarata. O barqueiro dirigiu a canoa para a ilha, e até chegar à junção das águas tudo foi bem; mas ali o frágil barco preso nos enormes remoinhos não quis seguir avante, apesar da perícia do hábil negro. Eu via a água, em ondas espumantes ainda do salto de há pouco, referver em volta de mim, e comecei a compreender o grande perigo em que estava.

Tentei mover um braço e apenas consegui soltar um grito de dor! Julguei-me perdido, porque, se a canoa afundasse, eu não poderia nadar. Sempre presa no rodopiar das águas, não seguia avante, e de repente começou a rodopiar ela

mesma. O preto receio que nos afundasse-mos, e decidiu saltar ao rio para alijar o barco. Preveniu-me, e saltou.

Aliviada daquele peso, a canoa flutuou melhor, mas não deixou o sítio em que estava presa pelas forças desencontradas da água.

De repente um baldão entrou na barca e molhou-me. Tive um momento de verdadeira imbecilidade, e não sei o que se passou; só me lembra, que de repente me achei nadando com tudo o vigor, só com um braço, sustentando fora de água com o outro um dos cronómetros que trazia comigo, para que não lhe chegasse a água.

Sentia um verdadeiro prazer em nadar, e cortava rápido os remoinhos das caudalosas águas, o que me era fácil a mim, que desde criança aprendi a lutar com os rápidos do meu pátrio Douro.

Os pretos, sempre tendentes a admirar a destreza física, prodigalizavam-me da margem fervorosos aplausos.

Tinham desaparecido as dores, a febre cessou de repente, e eu sentia-me bem disposto e forte. Ao submergir-se a canoa, do meio de 100 homens que assistiam à cena, e que ficaram

boquiabertos e indecisos, um arrojou-se valorosamente à água para me salvar.

Menos perito nadador do que eu, não alcançou a margem senão depois de mim, e de nenhum auxílio me foi, mas a sua dedicação ficou gravada no meu coração para sempre. Era o meu preto Garanganja, que enlouqueceu depois, não tendo uma alma assas forte para suportar as misérias que experimentámos.

Quando me firmei em terra andei, sem dores, sem febre. Despi-me imediatamente; mas não tinha roupa para mudar, porque as bagagens estavam ainda na outra margem; e tive de estar exposto a um sol abrasador em quanto a ele enxuguei a roupa que trazia. Voltaram as dores e a febre, e só sei que no outro dia, estava estendido num leito na libata da Anunciada, morada que tinha sido do sertanejo Guilherme Gonçalves, pai do Verissimo.

Cheio de dores e ardendo em febre, mas um pouco melhor, decidi partir e ir encontrar os meus companheiros.

Parti ás 11 horas, e durante uma grande parte do caminho, atravessei uma planície coberta de fetos herbáceos enormes, e vi muitas árvores feridas do raio. Vi também

uma planta que ali abunda, e que é, ou a nossa urze das altas montanhas do norte de Portugal, ou a ela muito semelhante.

Os meus olhos, pouco afeitos ás subtilezas das observações que demanda o estudo do reino vegetal, não são bastante penetrantes para diferençar espécies, géneros e famílias, quando elas não se diferençam por si mesmo.

Cheguei ao sítio do Silva Porto (Belmonte) pela uma hora, e fazendo um supremo esforço, fui a casa dos meus companheiros.

Eles, confirmando o que me tinham escrito, disseram-me que iam continuar sós, e que me deixariam uma terça parte de fazendas e material, salvo as coisas indivisíveis que guardariam. O Ivens ofereceu-se para me acompanhar a Benguela, visto o meu precário estado de saúde, se eu quisesse voltar à Europa.

Manifesto-lhe aqui a minha gratidão, por tão generosa oferta.

CAPÍTULO 8

PEREIRA DE MELO E SILVA PORTO

Depois de 20 dias de cruel agonia e grandes sofrimentos, estava enfim no Bihé, muito doente é verdade, mas cheio de fé e contente de mim mesmo. Logo que falei aos meus companheiros, deixei a casa de Belmonte, e fui em maca para a libata próxima do Magalhães, onde caí sem forças sobre as peles do meu leito. Os primeiros sintomas de uma meningite declararam-se, ao passo que redobravam as dores reumáticas.

No dia seguinte, foram ver-me o Capelo e Ivens, que me levaram medicamentos. Piorei, e veio o delírio.

Quando despertei, julguei sonhar. Achava-me deitado em magnífico leito, despido e entre lençóis de fina bretanha. O leito era coberto de elegante cortinado de reps cor-de-rosa e franjado de branco.

Disseram-me, que Capelo viera durante o meu delírio, e me mandara aquela cama; que as havia assim no Bihé, em Belmonte, em casa de Silva Porto.

Tinham-me coberto de sanguessugas, e o muito sangue que me tiraram os pretos, deixara-me num estado de fraqueza indescritível. As dores tinham cedido um pouco, mas continuava a febre. De tarde, vieram os pretos de Novo Redondo procurar-me, e eu recebi-os diante de Magalhães, Verissimo e Joaquim Guilherme José Gonçalves, irmão mais velho do Verissimo. Vinham eles dizer-me, que não queriam seguir com os meus companheiros, e que ou iam comigo, ou voltavam.

Depois de um grande trabalho, convenci-os a voltarem para eles, e a acompanha-los. Soube então, que Capelo e Ivens estavam construindo um abarracamento a 5 quilómetros dali, e já lá tinham as bagagens, devendo em breve mudarem-se de Belmonte.

Dois dias depois, veio procurar-me o Ivens, com quem tive larga conversa.

Dei-lhe todas as cartas de recomendação que Silva Porto me havia dado em Benguela para obter carregadores, e

comprometi-me a não pedir gente ao sova Quilemo, ficando-lhe o campo completamente livre a eles. Ivens disse-me, que iam mudar para o abarracamento que tinham, e que em casa de Silva Porto me deixavam o que me pertencia na partilha. Eu mandara-lhes entregar todas as cargas que trouxera comigo, e as que acompanhou o preto Barros, que já tinham chegado. O preto Barros declarou-me, que não queria continuar a viagem, e por isso despedi-o, bem como a alguns pretos de Benguela, que manifestaram igual intenção. Escrevi poucas linhas a Pereira de Melo, que o meu estado de saúde não me permitia ser extenso. Quando, fatigado de determinar tanta coisa, eu ia embrulhar-me nos lençóis e procurar no sono um pouco de descanso, surgiu diante de mim, como um espectro, um homem alto e magro, de fisionomia enérgica e distinta. Era o meu prisioneiro que eu havia olvidado, era o século Palanca, o conselheiro íntimo do sova Dumbo do Sambo.

"Já despachaste toda a tua gente, me disse ele, uns despediste-os, outros ficaste com eles, o que determinas de mim, e qual é a minha sorte?" "Tu vais voltar a tua casa, lhe respondi, levarás ao Dumbo a espingarda que lhe prometi, e alguma pólvora, e para ti terei alguma coisa também. Devo-

te uma indenização por aquela corda que tiveste ao pescoço próximo do Cubango, e pelos sulcos que te fizeram nos pulsos as cordas com que te amarrei." Chamei o Verissimo, e dei-lhe as minhas ordens nesse sentido.

Palanca, sempre impassível diante da liberdade e dos presentes, como o tinha sido diante da prisão e da morte, retirou-se, e deixou logo o Bihé.

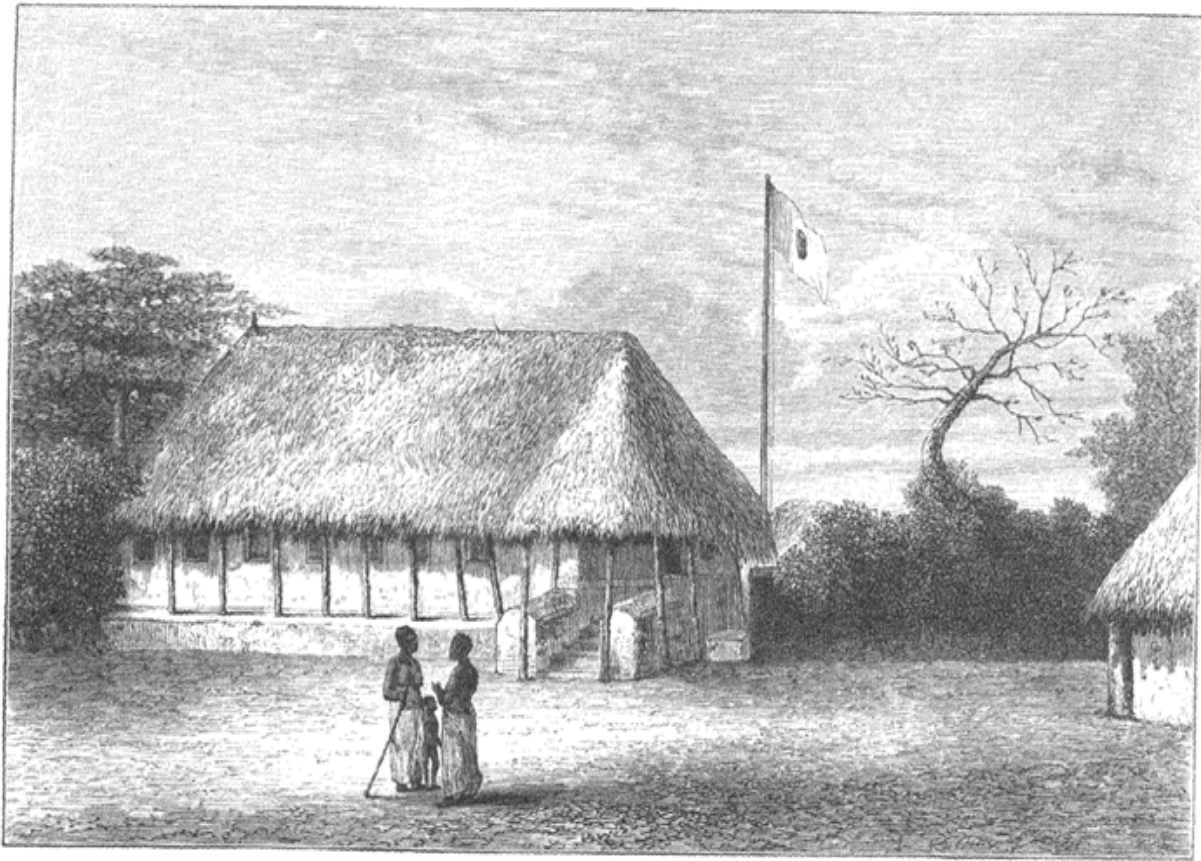
Dois homens seguiram-se no meu quarto à saída do século do Sambo. Estava escrito que eu não descansasse no primeiro dia das minhas melhoras. Estes dois pretos eram Cahinga e Jamba, os dois homens de confiança de Silva Porto, que ele me mandava de Benguela.

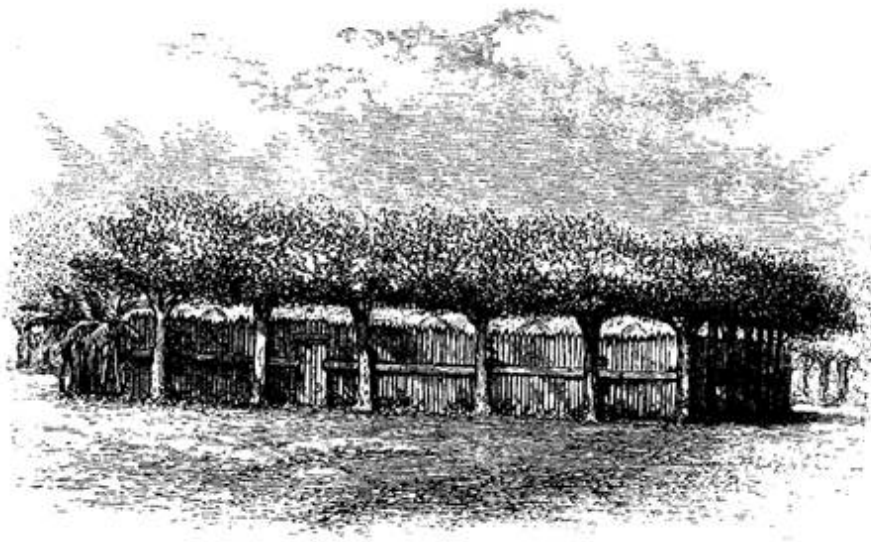
Depois de lhes ouvir mil protestos de dedicação, muitas vezes repetidos, consegui ficar só. Só, não! Junto de mim estava a única, a grande dedicação que tive na minha viagem através de África. Córa, a minha cabrinha, em pé, com as patas pousadas sobre o leito, berrando e lambendo-me as mãos, pedia-me uma caricia, que eu não lhe fazia há muito.

No dia seguinte, os meus companheiros avisaram-me de que deixavam a casa de Silva Porto, e eu num a maca mudei

para ali. Encontrei 7 cargas de fazenda, 6 caixas de rancho, uma mala com instrumentos, e três carabinas Snider, que eles me tinham deixado.

A libata de Silva Porto, ou povoação de Belmonte, está situada sobre a parte mais elevada de um outeiro, cuja vertente norte desce suavemente até ao leito do rio Cuito, que corre a leste para o Cuqueima.

A posição da libata é muito bonita, e forte como ponto estratégico.

Casa de Belmonte (Bihé)

Tem dentro um laranjal, onde as laranjeiras estão sempre em fruto e flor, o que não acontece a outras algumas no Bihé. O laranjal é cercado de uma sebe de roseiras, que atingem uma altura de três metros, e estão sempre floridas.

Vista exterior da povoação de Belmonte, no Bihé

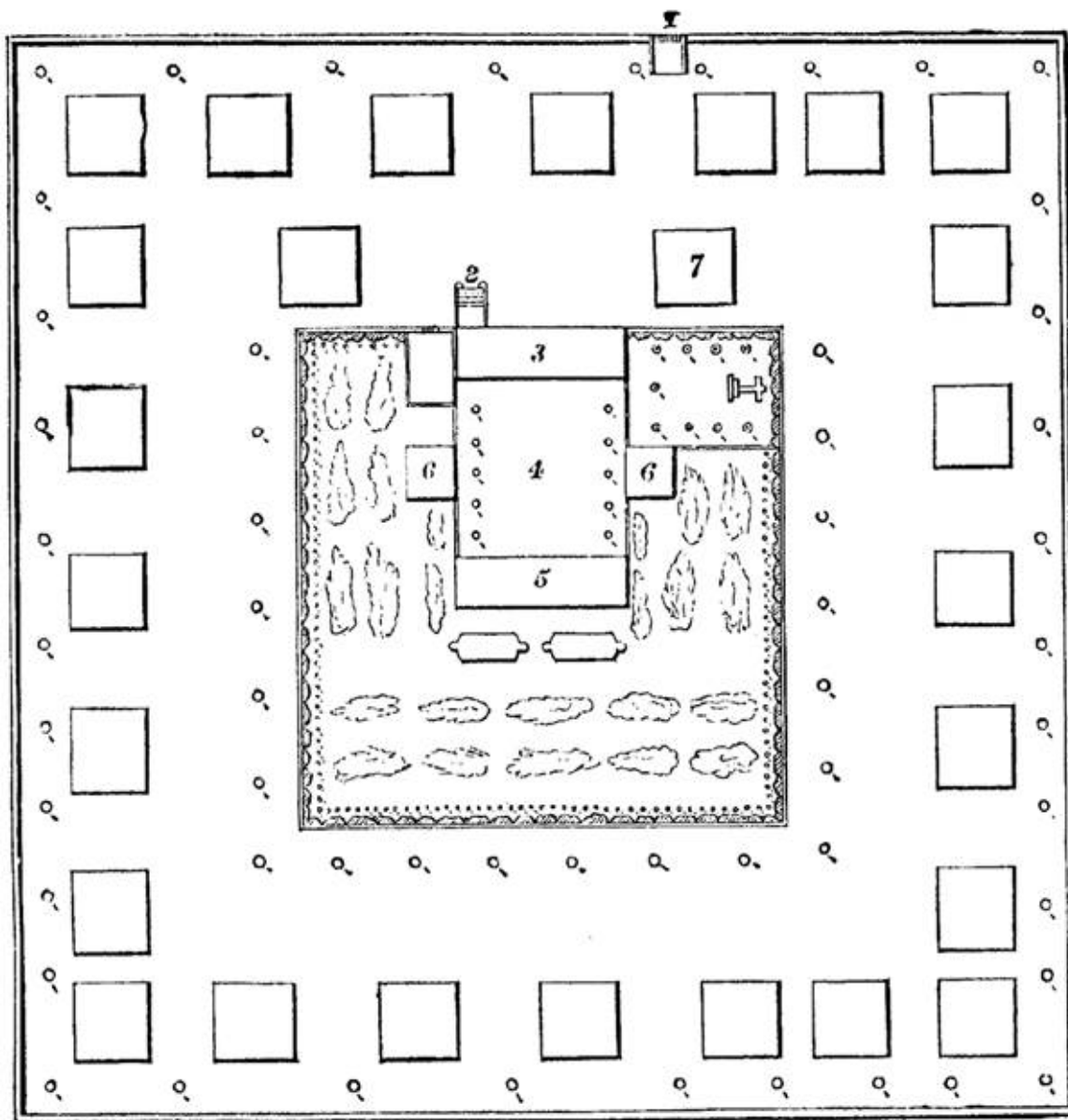
Sicómoros enormes assombram as ruas e rodeiam a povoação, defendida por uma forte paliçada de madeira.

Debaixo dessas laranjeiras, cuja sombra perfumada me abrigava do sol ardente, quantos dias e quantas horas passei cismando na minha posição, e elaborando projetos mais ou menos sensatos!

Foi ali, que, arrastando ainda os membros tolhidos de dores, que, queimado da febre, concebi, e organizei na minha mente o plano que havia realizar depois.

Se de alguma coisa me orgulheço na minha viagem, é desse tempo.

Mais tarde joguei muitas vezes a vida, fui decerto mais de uma vez temerário, mas era obrigado a isso para me salvar.

Ali não! Estava doente, quase anémico, e sem recursos. Uma facilidade relativa me abria o caminho de Benguela e da Europa. Mil dificuldades, que provinham da minha separação dos meus companheiros, apresentavam-me uma barreira quase impossível de transpor, para empreender uma exploração qualquer. O desânimo reinava na minha pouca gente.

Planta da povoação de Belmonte, no Bihé

1. Entrada da povoação.

2. Entrada da casa de Silva Porto 3. Casa.

4. Pátio interior.

5. Cozinha e dispensa.

6. Casas de criados.

7. Armazém.

* Sicómoros.

* Forte paliçada de pau.

* Paliçada da horta coberta de roseiras sempre floridas.

* Romeiras.

* Laranjeiras.

* Hortas.

* Cemitério.

* Casas dos pretos.

Entrevado e sem forças, não pensar um só momento em voltar face ao desconhecido que se erguia ante mim como um abismo atraente; desfazer uma a uma as dificuldades

que surgiriam; reconstruir muitas vezes o trabalho feito, que se esvaia como cai um castelo de cartas; criar recursos onde os não havia; conseguir organizar uma expedição sobre as ruinas de outras que se tinham desmembrado; é, aos meus olhos, a parte mais difícil da minha viagem, e de que mais me orgulheço, se é que me orgulheço de alguma coisa.

Comecei por contratar Verissimo Gonçalves para me acompanhar, e consegui fazer-me obedecer por ele cegamente.

Depois de muito estudar o caminho a seguir, resolvi ir direito ao alto Zambeze, seguindo a cumeada do país onde nascem os rios daquela parte de África.

Chegado ao Zambeze, queria seguir a leste, estudar os afluentes da margem esquerda, e descendo ao Zumbo, ir dali a Quilimane por Tete e Sena.

Os mais práticos sertanejos, sabedores do meu projeto, diziam-me, que eu não chegava a meio caminho do Zambeze, e creio que me tinham por tolo.

Eu deixava-os falar e prossegui sempre na organização do pessoal e confeção do material necessário aos meus planos.

No dia 27 de Março, primeiro em que pude escrever livremente, escrevi ao Governo da Metrópole, e ao Pereira de Melo, e Silva Porto. Dava-lhes parte do ocorrido até então, e pedia-lhes auxílio e conselho, submetendo à sua crítica os meus projetos. Despachei portadores para Benguela com as cartas, e fui trabalhando, mais confiado em mim do que em outrem.

A esse tempo, uma grande parte das cargas deixadas em Benguela, em Novembro havia 5 meses! ainda não tinham chegado.

Apareceram-me na libata o ex-chefe de Caconda, Alferes Castro, e o degradado Domingos, que iam para Caconda. Contaram-me que, chegados ao Bihé, tinham sido encarregados por Capelo e Ivens de ir construir o abarracamento, e de fazer transportar para ali as cargas que estavam em Belmonte.

O Alferes Castro voltava sem nenhum conforto, e eu, das 6 caixas de rancho que me tinha deixado o Ivens, dei-lhe o assucar, chá, café, etc., necessário para a viagem.

Creio que aquele senhor, depois de ter sido a causa de tanto sofrimento que tive, de tantos riscos que corri, não terá motivo de queixar-se do modo porque o recebi no Bihé; se quiser ser justo e verdadeiro.

Quanto ao degradado Domingos, se bem me recordo, dei-lhe uma carta de recomendação para o Governador de Benguela, de quem ia solicitar um favor.

Foi assim que tratei os dois homens que mais me fizeram sofrer em África, porque quando deram causa a isso, eu ainda não estava habituado ao sofrimento.

No princípio de Abril, eu já bastante melhor, tinha prontos 60 carregadores, e esperava apenas a chegada das cargas de Benguela, para receber mais alguma fazenda e partir.

A minha vida era um trabalhar incessante, e ao mesmo tempo compilava um livro de lembranças, para ter à mão as fórmulas que me eram necessárias para os meus cálculos; fazia umas tábuas de raízes quadradas e raízes cúbicas, que calculei para os números de 1 a 1000. Deduzia com trabalho imenso algumas fórmulas trigonométricas, porque na Europa, para tornar mais portáteis as minhas tábuas logarítmicas, as tinha feito encadernar, suprimindo a parte

explicativa; e por um engano deplorável, numa remessa de objetos que de Luanda fiz para Portugal, foram incluídos os meus livros matemáticos. Não se riam os sábios, da singeleza com que lhes narro as dificuldades com que lutei no Bihé para poder ter escritas num livrete algumas fórmulas vulgares. Quem não é explicador de matemática, vê-se muitas vezes embaraçado para resolver uma questão muito simples, quando lhe falte um livro que lhe avive a memória preguiçosa. No Bihé faltavam-me todos os livros, e por isso eu fazia um, para o meu uso, e ou se riam ou não, declaro-lhes que não me foi fácil. Toda a minha biblioteca consistia em três almanaques para 1878, 1879, e 1880, as tábuas de logaritmos, como já disse, sem texto, tábuas somente, o Eurico de Herculano, as poesias de Casimiro de Abreu, e um livrinho de Flamarion, As Maravilhas Celestes.

Em tudo isto não tinha muito onde refazer a memória para as questões de x e y.

Depois havia ainda outra dificuldade. Eu tinha de fazer e de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo, e coisas um pouco incompatíveis entre si. Ás vezes tinha conseguido quase reconstruir uma das fórmulas de Neper para resolver

triângulos esféricos, quando entrava o moleque, e me exigia que dissesse, se a galinha para o jantar devia ser cozida ou assada (durante a minha estada no Bihé, comi cento e sessenta e nove galinhas). Logo, entrava outro pedindo sabão para lavar a roupa; depois, eram carregadores que me vinham falar; em seguida, enviados do sova, que me queriam extorquir mais algumas jardas de fazenda. Um inferno, um verdadeiro inferno.

Eu tinha feito e fazia um grande número de observações meteorológicas.

Os meus cronómetros estavam perfeitamente regulados, e a minha posição determinada. Algumas excursões que fiz no país com a bússola na mão, permitiram-me fazer uma carta, decerto grosseira, mas tão aproximada quanto se pode exigir de um trabalho destes em viagem de exploração. Apesar dos meus trabalhos, ou talvez por causa deles, eu estava satisfeito, e mal pensava nas tribulações porque tinha de passar ainda nas terras do Bihé.

Antes porém de continuar a narrativa das minhas aventuras, abro um parêntesis para falar um pouco deste país, tão

importante e rico quanto pouco conhecido entre nós, a quem interessa mais o seu conhecimento do que a ninguém.

O Bihé limita ao Norte com o sertão do Andulo, a N.O. com o Bailundo, a Oeste com o país de Moma, a S.O. com os Gonzelos de Caquingue, ao S. e L. com os povos Ganguelas livres. O rio Cuqueima é quase um limite natural do Bihé por Oeste, Sul e Leste, mas, na realidade, a autoridade do sova do Bihé ainda se exerce para além daquele rio em alguns pontos. O país é pequeno, mas muito povoado.

Eu avalio grosseiramente a sua área em 2500 milhas quadradas, e um cálculo ainda mais grosseiro fez-me estimar a sua população em 95 mil habitantes; o que nos dá apenas 38 habitantes por milha quadrada; e ainda que este número nos pareça muito pequeno, por ser menos de um terço do que se dá entre nós, é considerável para a África Austral, onde a população está muito pouco acumulada.

Em tempo, como se verá, pouco distante, estas terras do Bihé eram povoadas de matas densas, onde abundavam elefantes, e onde assentavam raras povoações de raça Ganguela.

O rio Cuanza, depois da sua confluência com o Cuqueima, divide o país do Andulo do país de Gamba, que lhe fica a leste. Era sova de Gamba um tal Bomba, que possuía uma filha de grande formosura, chamada Cahanda.

Este sova Bomba vivia na margem esquerda do rio Loando, afluente do Cuanza.

A formosa e negra princesa Cahanda, pediu ao pai para ir visitar umas parentas que eram senhoras da povoação de Ungundo, única de alguma importância no Bihé de outrora.

Estando a filha do sova Bomba nesta povoação de Ungundo a visitar as parentas, aconteceu chegar ao país um ousado caçador de elefantes chamado Bihé, filho do sova do Humbe, que com grande comitiva tinha passado o Cunene e estendido as suas excursões venatórias até àquelas remotas terras. Um dia o selvagem discípulo de Santo Huberto teve fome, e estando perto da povoação de Ungundo, dirigiu-se ali a pedir de comer. Foi então que viu a formosa Cahanda, e é preciso dize-lo, que vê-la e ama-la foi obra de um momento. Estas questões de amor em África são muito semelhantes ás questões de amor na Europa, e pouco depois do encontro dos dois jovens, Cahanda era raptada, e Bihé

plantava a estacada da grande povoação que ainda hoje é a capital do país, país a que deu o seu nome, fazendo-se aclamar sova. As dispersas tribos Ganguelas foram por ele submetidas, e o pai da primeira soberana do Bihé reconciliando-se com a filha, permitiu uma grande imigração do seu povo para ali. Ao casamento do sova sucederam-se muitos outros entre as mulheres do norte e os caçadores do seu séquito, e esta é a origem do povo Biheno.

Assim os Bihenos são Mohumbes, nome que na África Austral de oeste dão aos descendentes da raça do Humbe, os quais não se encontram só no Bihé, mas estão também espalhados em outros pontos, sobre tudo frente da costa entre Mossámedes e Benguela, misturados com os Mundombes, que são a verdadeira raça daquele país. Hoje a verdadeira raça Mohumbe no Bihé é representada pela nobreza e gente rica do país, os descendentes dos caçadores do primeiro sova, e ainda assim, fora da família reinante, está ela misturada com sangue de raças muito diferentes; porque, sendo o Bihé desde o seu começo um grande empório de escravatura, e tendo sido colonizado em grande parte por escravos de raças diversas, o baixo povo provem de uma mistura inexplicável, e a nobreza mesmo,

nas suas bastardias numerosas, tem trazido ás suas descendências sangue dos países mais remotos da África Austral.

Da união de Bihé e da formosa Cahanda nasceu um único filho varão, que teve o nome de Jambi, e sucedeu no governo ao seu pai. Este Jambi teve dois filhos, dos quais o primogénito se chamou Giraúl, e o segundo Cangombi. Giraúl herdou o poder por morte do seu pai, e receando do seu irmão, que tinha grande influência no povo, o fez prender secretamente de noite, e o vendeu como escravo, a um preto que ia levar uma leva de escravos a Luanda.

Cangombi, por acaso, em Luanda foi comprado pelo Governador Geral, de quem foi escravo. Tempos depois, os despotismos e as arbitrariedades de Giraúl fizeram-no detestado do seu povo; houve conspiração, e alguns nobres partiram secretamente para Luanda, com muito marfim, para resgatar seu irmão, e aclama-lo, depois de deporem aquele. O governador de Angola de então, vendo o partido que podia tirar desta questão, para a coroa Portuguesa, não só entregou Cangombi sem resgate, mas ainda o encheu de presentes, e lhe deu auxílio contra seu irmão; e por isso

Cangombi se apresentou no Bihé com grande comitiva, que veio por Pungo-andongo e subiu o Cuanza, entre a qual se contavam muitos Portugueses. Declarada a guerra, Giraúl foi vencido, sendo traído pelos seus, e entregou as rédeas do governo ao seu irmão mais novo, que lhe deu uma povoação e um pequeno domínio para viver.

Quatro anos depois, Giraúl revoltava-se e vinha por cerco à capital. Novamente vencido e prisioneiro, foi entregue pelo seu irmão aos Ganguelas de além Cuanza para o comerem; não que estes Ganguelas sejam positivamente canibais, mas, de vez em quando, não desgostam de comer um bocado de homem assado.

Eu não pude saber o nome do governador que prestou mão-forte ao filho segundo do Jambi para lhe dar o poder, mas estou certo que a esse respeito alguma coisa deve existir no Ministério da Marinha e Ultramar, porque um passo daqueles não podia deixar de ser comunicado ao governo da Metrópole.

Cangombi foi grande sova, e teve oito filhos, dos quais seis foram sovas do Bihé; o que não é para admirar, porque ali herda o poder o mais próximo da ascendência. Assim, em

quanto existem filhos de um sova, os netos não vão ao poder, e o neto primogénito do filho primogénito só toma as rédeas do governo quando não existe nenhum dos seus tios, irmãos mais novos do seu pai.

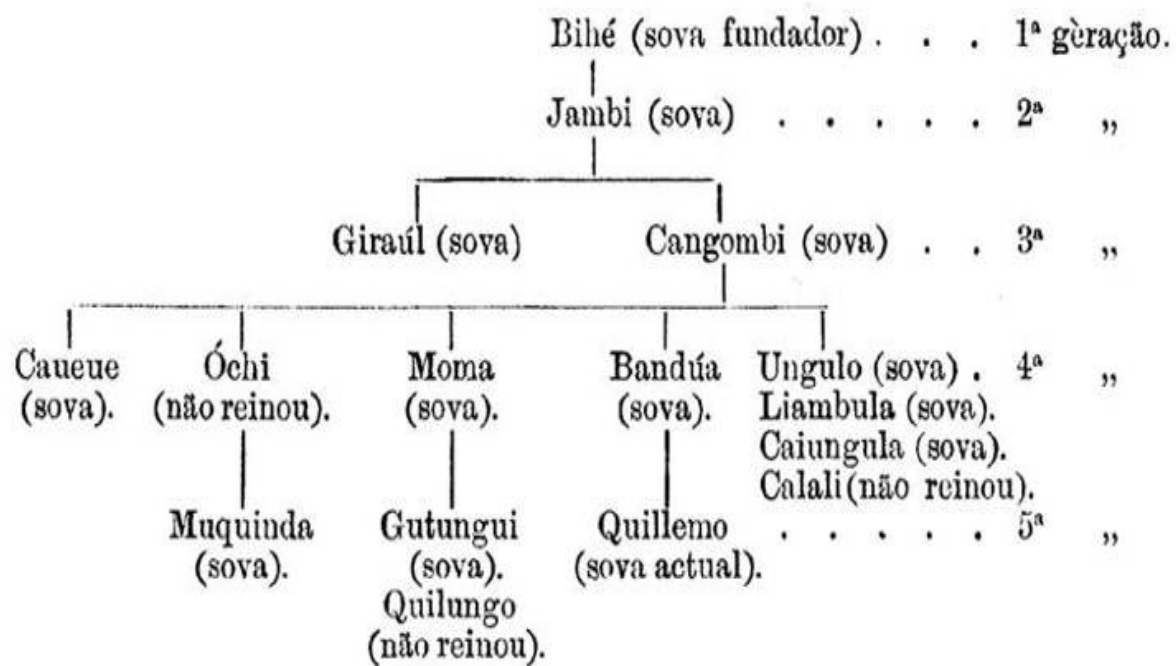
Por esta lei herdou o poder Cahueue, filho mais velho de Cangombi, e por mortes sucessivas, seus irmãos Moma, Bandúa, Ungulo, Leamúla e Caiangúla. Os dois filhos de Cangombi que não foram sovas, foram Calali e Óchi, por terem morrido cedo. Este Óchi era imediato ao mais velho Cahueue, e deixou um filho que foi sova por morte do seu tio Caiangúla, por não ter deixado filhos o irmão mais velho do seu pai.

Este sova chamava-se Muquinda, e pela sua morte foi o governo ao seu primo Gubengui, filho mais velho do sova Moma imediato ao seu pai. A este Muquinda seguia-se outro irmão chamado Quitungo, que morreu quando ia ser aclamado, já dentro da capital.

De todos os oito filhos de Cangombi, só existia um descendente legítimo, filho do sova Bandúa, que foi aclamado. É ele Quilemo, o atual sova do Bihé.

Há contudo um filho bastardo de Moma, chamado Canhamangole, que está indigitado para suceder a Quilemo; em seguida passaram ao poder, os filhos deste último, que são muitos.

Por este breve resumo da história do Bihé se vê, que aquele país é de fundação recente, e que desde o seu começo quase, existiram relações íntimas entre os Portugueses e Bihenos, pela intervenção tomada pelo Governador Geral de Angola, na aclamação do sova Cangombi, avo do atual sova Quilemo, e neto do fundador da monarquia Bihena.

Assim, pois, o Bihé, desde a sua fundação tem sido governado por treze sovas em cinco gerações, que vão representadas no seguinte quadro:

Na carta de Angola, de Pinheiro Furtado, já vem, indicado o Bihé, mas a sua origem não deve ir muito além da coordenação daquela carta.

Mulher do Bihé cavando

Os Bihenos são pouco agricultores e pouco industriosos, e ali tudo o trabalho é feito pelas mulheres, que só elas cultivam a terra.

Os homens são dados a viajar, talvez de origem, que o seu primeiro régulo de longe veio, e atrevem-se a ir comerciar nos remotos sertões onde vão traficar em marfim e escravos. Aproveitando estas disposições, alguns homens ousados, tais como Silva Porto, Guilherme (o Candimba), Pernambucano, Ladislao Magiar, e outros negociantes

sertanejos, começaram a dirigir os Bihenos nas suas excursões, e fizeram nisso um grande serviço ao mundo; porque, abrindo novos mercados ao comércio, abriram novos horizontes à civilização. Não foi só o seu tráfico que veio aumentar o movimento comercial da praça de Benguela, mas, ainda animado por eles, e perdido o receio dos brancos, o gentio dos mais remotos países, desceu a vir permutar diretamente os seus géneros nas casas comerciais de Benguela.

Carregador Biheno em marcha

Nas viagens sertanejas, aos brancos seguiram-se os pretos, e obtendo, primeiro alguns, depois muitos, um certo crédito na praça de Benguela, foram ao Bihé organizar expedições, donde partem a procurar a cera e o marfim nos sertões mais distantes.

Muitos pretos conheço eu que negoceiam com um crédito de 4 e 5 contos de réis, e alguns com mais, como o preto

Chaquingunde, que foi escravo de Silva Porto, que, durante a minha permanência no Bihé, chegou do sertão, onde tinha negociado pela sua conta uma fartura de 14 contos de réis!

Não é difícil no Bihé encontrar um branco Português, escapado dos presídios da costa, secretário de um preto comerciante rico.

Para o Biheno, em questões de viagens de tráfico, nada é impossível, e tudo lhe parece natural. Se eles soubessem dizer onde tem estado e descrever o que tem visto, os geógrafos da Europa não teriam em branco grande parte da carta de África Austral.

O Biheno deixa com o maior desapego o lar, e carregado com trinta quilogramas de fazendas, vai para o sertão, onde se demora 2, 3, e 4 anos, voltando em seguida a casa, onde é recebido com a naturalidade de quem volta de uma viagem de três dias.

Silva Porto, ao passo que se dirigia ao Zambeze, enviava pretos seus em outras direções, e negociava ao mesmo tempo no Mucusso, na Lunda e no Luapula.

A fama dos Bihenos tinha chegado longe, e Graça quando intentou a viagem ao Matianvo, foi ali procurar carregadores.

É muito raro que um Biheno deserte da comitiva, e roube algum fardo; o que acontece frequentemente com os Zanzibares.

Além disso, os Bihenos tem outra grande vantagem sobre os Zanzibares. Ainda que muito dados ao comércio de escravos, não promovem eles mesmos no interior guerras para os haverem; comprando-os a quem os vende, mas nunca tratando de os obter por força. Isto quando em viagem de tráfico sertanejo, que, nas guerras com países circunvizinhos, fazem o que podem, e são dotados de inaudita crueldade.

Os Bihenos, apesar das suas grandes qualidades, coragem e hábito de viajar, possuem grandes defeitos, e não conheço em África povo mais profundamente viciado, mais abertamente depravado, mais duramente cruel, e mais sagazmente hipócrita.

Tem esta gente uma certa emulação entre si como viajantes, e muitos conheço eu que se ufanam de ter ido onde outros

não foram, a que eles chamam descobrir terras novas. Eles são educados na vida de caminheiros, e todas as comitivas levam inúmeras crianças, que, com cargas proporcionais ás suas forças, acompanham os pais ou parentes nas mais longínquas correrias; e é por isso que não causa estranheza encontrarmos ali um homem de 25 anos que tenha estado no Matianvo, no Niangué, no Luapula, no Zambeze, e no Mucusso, se ele viajou desde os 9 anos.

Ao homem que chega ao Bihé para seguir em viagem sertaneja, oferecem-se dois meios de obter carregadores. Um é por meio de presentes ao sova e aos potentados, obtê-los, pedindo-os; o outro é anunciar a viagem, e esperar que eles se venham oferecer.

O primeiro é mau, porque, além do grande dispêndio feito com os presentes que é preciso dar ás pessoas a quem se pedem os carregadores, estes são obrigados a ir, e o que os pediu é responsável pela vida deles para com as famílias ou senhores. Além disso, as pessoas a quem se pedem, com o intuito de extorquir mais presentes, vão demorando quanto podem a partida, e quando se está na sua dependência as exigências crescem.

O segundo meio é bom, porque os que se vêm oferecer são pretos livres, vêm pela sua vontade, e se algum morre, segundo a lei do país, como foi ele que se ofereceu, não tem o que o aceitou a menor responsabilidade do facto.

É ocasião de falar em Quissongos e Pombeiros. Os carregadores, não só os Bihenos mas sim todos em geral, formam grupos pequenos debaixo do comando de um deles que é chefe do grupo. Este chefe, desde a costa até a Caquingue chama-se Quissongo, e no Bihé e Bailundo Pombeiro.

Sam estes Pombeiros que se vêm oferecer, trazendo uns 10, outros mais, outros menos carregadores. Estes grupos são de diferentes naturezas. Uns são constituídos por parentes que escolheram um para Pombeiro, e nestes são todos livres. Outros são formados por gente livre, que combinam ir debaixo das ordens de um certo Pombeiro em quem tem confiança. Outros ainda, são grupos de escravos dos Pombeiros que os comandam.

A obrigação do Pombeiro é vigiar pela sua gente, e responder por ela ante o chefe da comitiva. Come e dorme com eles, é enfim o cabo de esquadra da caravana.

O Pombeiro não leva carga, mas, em caso de doença ou morte de algum dos seus, substituí-o como carregador temporariamente. Durante a marcha o seu lugar é no coice da comitiva, e logo que um seu carregador se atrasa, ele fica para o acompanhar.

O pagamento dos carregadores nunca é feito adiantado, e nas viagens de tráfico regulares é diminutíssimo.

Assim, um carregador, para ir do Bihé à Garanganja (Luapula), recebe 12 panos ou valor de 2400 réis, e na volta uma ponta de marfim escravelho, talvez de 4000 réis, ao tudo 6400 reis, comida à parte, porque o chefe da comitiva tem obrigação de sustentar toda a sua gente durante a viagem, exceto nos primeiros três dias de saída do Bihé, para os quais cada um leva de comer.

Esta regra tem ainda uma exceção. Muitos sertanejos, ao saírem do Bihé, destinam um certo número de pombeiros para destacarem em caminho, ou no termo da sua viagem, para diferentes pontos.

A estes Pombeiros dão um certo número de fazendas, pelas quais eles lhes devem trazer um certo produto. Estas fazendas dos Pombeiros que vão traficar livremente,

chamam-se banzos, e delas comem o Pombeiro e carregadores desde o começo da jornada. Afora este caso, em todos os mais o chefe sustenta Pombeiros e carregadores.

Os Pombeiros não saem nunca por tempo determinado, e tanto ganham demorando-se pouco como muito. É sabido que os negros em África não dão valor ao tempo.

Os costumes Bihenos são aproximadamente os mesmos de Caquingue, e o contacto com brancos não tem trazido o menor adiantamento a essa gente.

Não tem a menor ideia de uma religião qualquer, não adoram nem sol, nem lua, nem ídolo, e vivem com os seus feitiços e adivinhações.

Todavia, parecem acreditar na imortalidade da alma, ou antes no desassossego dela em quanto não cumprem certos preceitos ou vinganças em favor do morto.

A forma do governo é monárquica absoluta, e tem muito do feudalismo.

Cada um é, muitas vezes, juiz em causa própria, e quando eu falar dos mucanos direi como ali se faz justiça.

Os maiores acontecimentos entre os Bihenos são aqueles que se ligam aos sovas, e sobre tudo à sua morte e à aclamação do novo régulo. Antes porém de descrever estes dois grandes acontecimentos, preciso é falar da sua corte.

O sova é rodeado de um certo número de sujeitos, a que chamam Macotas, que muitos julgam corresponderem aos ministros entre nós, mas que assim não é. Os Macotas formam apenas uma espécie de conselho a que o sova submete sempre as suas deliberações, mas de cuja opinião poucas vezes faz caso. Sam séculos e favoritos do sova, e nada mais. Secúlo é o fidalgo, filho de nobre, ou enobrecido pelo sova.

Muitos séculos que possuem libatas, dentro delas tem o tratamento de sovas, e os seus povos, quando lhe dirigem a palavra, dizem Nácoco, o que quer dizer Vossa Majestade.

Além dos Macotas, há três pretos que rodeiam o sova, e que, quando ele dá audiência, se sentam no chão junto dele, e apanham da terra os escarros do régulo para os irem deitar fora. Há ainda o que leva a cadeira, e o Bobo, figura indispensável em todas as cortes de sova, e mesmo dos

séculos ricos e poderosos. O bobo tem obrigação de limpar a porta da casa do sova e a rua em torno dela.

As libatas são defendidas por uma forte paliçada de madeira, quase sempre coberta de sicómoros enormes, e dentro delas uma segunda paliçada defende e fecha a morada do sova. Este segundo recinto chama-se o lombe. Dados estes esclarecimentos, vamos ver o que se passa pela morte ou aclamação dos régulos.

Logo que morre o sova, o acontecimento é sabido dos Macotas, que guardam o maior segredo. Dam parte ao povo de que o sova está doente e por isso não aparece. O cadáver é deitado na cama, na cubata, e coberto com um pano; isto em Caquingue, porque no Bihé, é dependurado pelo pescoço ao teto da cubata.

O corpo ali jaz até que a putrefação e os insetos deixam a ossada nua, no país de Caquingue; no Bihé, até que a cabeça se separa do corpo.

É então que anunciam a morte do régulo, e que se procede ao enterro. Os ossos são metidos num a pele de boi e enterrados num a cubata que existe no Lombe, sarcófago de todos os sovas. A cubata em que apodreceu o cadáver é

demolida, e tudo o material é transportado fora da libata, e abandonado no mato. Será desnecessário dizer, que a morte de um sova é sempre produzida por feitiço, e que um desgraçado paga com a vida, não o feitiço, que não fez, mas a vingança particular de um dos Macotas. Logo que se anuncia a morte do sova, o povo saí furioso, e durante alguns dias, são roubados todos os que passam próximo da capital, sendo que se apossam das pessoas mesmas, que escravizam para venderem depois.

Os Macotas vão buscar o herdeiro, e acompanham-no até à Libata Grande (capital); mas ali ele não entra no Lombe, e fica vivendo na povoação como qualquer do seu povo. Em seguida à entrada do herdeiro na Libata, saem dois bandos de caçadores, um em busca de uma malanca (Catoblepas taurina), e outro em procura de uma criatura humana.

Do grupo que vê o antílope, se adianta um caçador que lhe atira, fugindo logo, e são os outros que lhe vão cortar a cabeça, porque, se for o que lhe atirou, é logo assassinado, e nunca pode dizer que foi ele que o matou.

O bando que procura a criatura humana, apossa-se da primeira que encontra (homem ou mulher), e arrastando-a

para o mato, cortam-lhe a cabeça, que trazem com tudo o cuidado, abandonando o corpo. Chegados à libata, esperam pelo bando que foi caçar o antílope; porque mais fácil sempre é encontrar e matar um homem do-que encontrar e matar uma malanca.

Reunidas num a cesta as duas cabeças, a do homem e do antílope, vem o cirurgião, e começa a fazer os curativos precisos para que o novo sova possa tomar as rédeas do governo, e quando acaba a sua magia, declara que ele pode entrar no Lombe. Acompanhado dos Macotas, o sova entra no Lombe, no meio de grande grita e muita fuzilaria.

O primeiro passo que dá o sova no seu governo, é escolher entre as suas amantes uma que apresenta como sua mulher, a qual fica morando com ele, e toma o nome de Inacúlo, e o governo caseiro; as outras ficam vivendo no Lombe, mas fora do recinto do régulo.

No Bihé, como em toda a África Austral, está estabelecida a poligamia.

Os crimes no Bihé são sempre julgados em primeira instância pelo lesado, e só se o culpado se não sujeita ao pagamento da multa, é que, algumas vezes, sobe a causa ao

conhecimento do sova, porque em outras a justiça é feita pelo lesado. A palavra terrível no Bihé, o vocábulo Mucano, não exprime simplesmente o crime, mas designa uma ideia que envolve ao mesmo tempo o crime e o pagamento da multa.

Ali todos os crimes são remíveis a dinheiro, isto é, ao pagamento de multas; e não há penalidades intermediárias entre a multa e a pena de morte. Se alguém rico sobre quem pesa um mucano, se recusa a pagar, e o lesado é poderoso, faz presa ao culpado em valor muito superior à multa, ficando a presa em depósito, para ser vendida, ou ficar pertencendo ao que a fez.

Aquele que faz uma presa injusta é obrigado pelo sova à restituição, e a dar um porco ao prejudicado.

Este sistema é azado a roubos, e todos os dias aparecem mucanos os mais estupendos.

Um dos mais vulgares é o do adultério das mulheres, a quem os maridos mandam que se façam seduzir por este ou aquele homem que possui alguma coisa, para lhe fazerem depois pagar o mucano. O chefe de uma comitiva é obrigado

a pagar os mucanos dos seus pretos, e responsável pelo comportamento deles.

Quando um branco responsável pelos mucanos dos seus pretos, tem pelo seu lado força bastante e se recusa a pagar, eles esperam, ás vezes, anos até poderem atacar outro branco mais fraco, e fazerem-lhe presas, dizendo-lhe, que é por causa do outro, e que se entenda com ele.

Se o que teve um mucano é falecido, o desgraçado que vem habitar a sua povoação paga por ele.

O modo porque se faz justiça no Bihé, é a causa do grande transtorno que sofre o comércio, e das grandes perdas das casas de Benguela.

Durante a minha estada em casa do Silva Porto, vieram ali uns pretos que traziam uma galinha para fazer uns curativos, e o hortelão vendo-a disse, que tinha uma muito parecida com ela. Foram estas palavras objeto de um mucano, em que o hortelão teve de pagar 16 côvados de algodão ao dono da galinha.

Logo que chega alguém ao Bihé e traz fazendas, procuram arranjar-lhe inúmeros mucanos, e roubam-lhe assim uma

grande parte delas.

Os sertanejos, quando chegam ao Bihé, são tão defraudados pelos mucanos, que muitas vezes não lhes fica para ir negociar no interior mais do que a terça-parte das faturas trazidas. Guilherme (o Candimba), pai do Verissimo, a última vez que ali foi em viagem de tráfico, foi obrigado a dar fazendas no valor de 600 mil réis, por um mucano que lhe arranjaram, de um seu preto ter comprado um bocado de carne de carneiro por três cartuxos de pólvora, e não os ter dado no dia aprazado, mas sim no seguinte, em que já não foram aceites. Durante a minha estada no Bihé, Silva Porto teve de pagar um mucano de 700 mil réis por uma bagatela ainda maior.

É o mucano, esse roubo infame, porque é legal e autorizado, a causa principal do estorvo ao comércio, e da decadência do Bihé.

Foi o mucano que expulsou do Bihé a Silva Porto e aos sertanejos honrados.

Suprima-se o mucano, segure-se o caminho de Benguela, organize-se e legisle-se para as comitivas sertanejas, e dentro em pouco triplicará o comércio de Benguela, e novas

fontes de riqueza, atrofiadas hoje pela pouca segurança, viram alimentar as indústrias Europeias.

O povo do Bihé é azado a grandes cometimentos. Esmague-se no seu seio a víbora da ignorância que o corrói; levantem-se esses brutos ignaros à altura de homens, dê-se-lhes uma direção, e eles caminharam na via do progresso e chegaram onde dificilmente chegará outro povo Africano.

Os pretos de África são como os cavalos de fina raça, quanto mais fogosos e bravos, mais prontamente se tornam doceis e obedientes.

Aqueles em que predomina a inercia e a cobardia, dificilmente se puderam civilizar; aos outros não será difícil tarefa traze-los ao caminho do bem.

Os Bihenos, como todos os povos desta parte de África, são muito dados à embriaguez.

Ali ainda chega a água-ardente, e na falta dela fabrica-se muita capata.

A Capata, Quimbombo ou Chimbombo, que lhe chamam de qualquer destes modos, é uma espécie de cerveja feita de milho.

Nas terras onde cultivam o lúpulo (Humulus lupulus), servem-se das cónicas sementes desta trepadeira para confecionarem a bebida.

Para isso, reduzem as sementes a pó, e misturado este pó com fuba de milho, num a enorme panela, ferve por espaço de oito ou dez horas em muita água, e logo, retirada do fogo e fria, é a capata, que se bebe imediatamente.

Neste preparado a fermentação acética predomina, e é tão pequena a fermentação alcoólica, que não embriaga senão em grande quantidade. Como a bebida não é filtrada, fica cheia de farinha em suspensão, e é mais massa muito fluida, do que puramente um líquido. É muito substancial, e há pretos que passam um e mais dias sem comer, bebendo só capata.

Nas terras onde não há lúpulo é este substituído por uma farinha feita de milho em estado de germinação, que eles fazem produzir, já enterrando o milho, já deitando-o em água por alguns dias.

No tempo do mel, fazem produzir na capata uma grande fermentação alcoólica, adicionando-lhe mel, que no fim de alguns dias está em parte transformado em álcool.

Esta bebida assim preparada embriaga muito, e tem o nome de Quiassa.

Preparam ali ainda outra bebida que apenas pode considerar-se refresco, mas que é agradável e muito nutriente.

É ela feita com a raiz de uma planta herbácea, que os meus poucos conhecimentos botânicos não me permitiram classificar, a que os pretos chamam imbunde. Uma forte decocção da raiz do imbunde, depois de fria e de uma ligeira fermentação num a grande cabaça, e adicionada, a frio, à fuba fervida como para a capata.

A raiz do imbunde contem grande quantidade de matéria sacarina.

Esta bebida chama-se Quissangua.

A alimentação do povo do Bihé é quase toda vegetal, e tendo eles poucos gados, que nunca matam para comer, apenas uma ou outra vez comem carne de porco, animais estes que abundam ali no estado doméstico. Creio que foram introduzidos por Silva Porto. No país, muito povoado,

escasseia a caça, e a pouca que há são pequenos antílopes (Cefalofus mergens), difíceis de matar por muito esquivos.

Os Bihenos comem toda carne que encontram, e a preferem no estado de putrefação.

O leão, o chacal, a hiena, o crocodilo, e todos os carnívoros, são para eles finos manjares, mas sobre tudo o que mais amam são os cães, que engordam para comerem. Isto talvez provenha da falta de alimentação animal que tem no seu país. Eles não são positivamente canibais, mas comem de tempos a tempos um bocado de homem cozido. Preferem os velhos, e um ancião de cabeleira branca é ótimo presente que recebe o sova, ou algum rico século, para um banquete.

Os sovas do Bihé fazem repetidas vezes uma festa, na sua libata, a que chamam a festa do Quissunge, em que são imoladas e devoradas 5 pessoas, sendo 1 homem e 4 mulheres, desta sorte:-1 mulher que faça panelas, 1 do primeiro parto, 1 que tenha papeira (é vulgar ali), 1 cesteira, e 1 caçador de corças.

Presas as vítimas, são degoladas, e as cabeças lançadas no mato. Os corpos entram de noite para o Lombe da libata grande, onde são esquartejados, e morto um boi, a sua

carne é cozida com a carne humana, parte da qual é também fervida na capata; sendo que tudo o que aparecer no banquete deve levar sangue humano. Logo que está pronta a sinistra e repugnante ceia, o sova manda participar que vai começar o Quissunge, e todos os habitantes da povoação correm pressurosos ao festim.

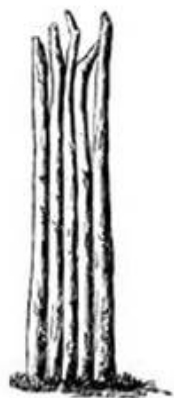
Os Bihenos gostam muito das termites, e destroem as suas habitações para as comerem cruas.

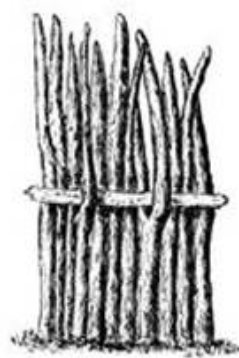
O Biheno é altamente ladrão, e furta sempre que pode algum objeto, logo que está no seu país; fora dele, não só se abstêm de roubar, mas, como carregador, respeita a carga que lhe confiaram.

Quando uma comitiva acampa no mato, no Bihé, é preciso logo dar parte disso ao século dono da terra, mandando-lhe um pequeno presente; sem o que, ficam autorizados os pretos da povoação vizinha a roubarem quanto possam. Logo que se dá o presente ao dono da terra, é ele o responsável por qualquer roubo que haja.

É também necessário mandar um presente, ou antes um tributo, ao sova; ao que se chama dar a Quibanda. Eles

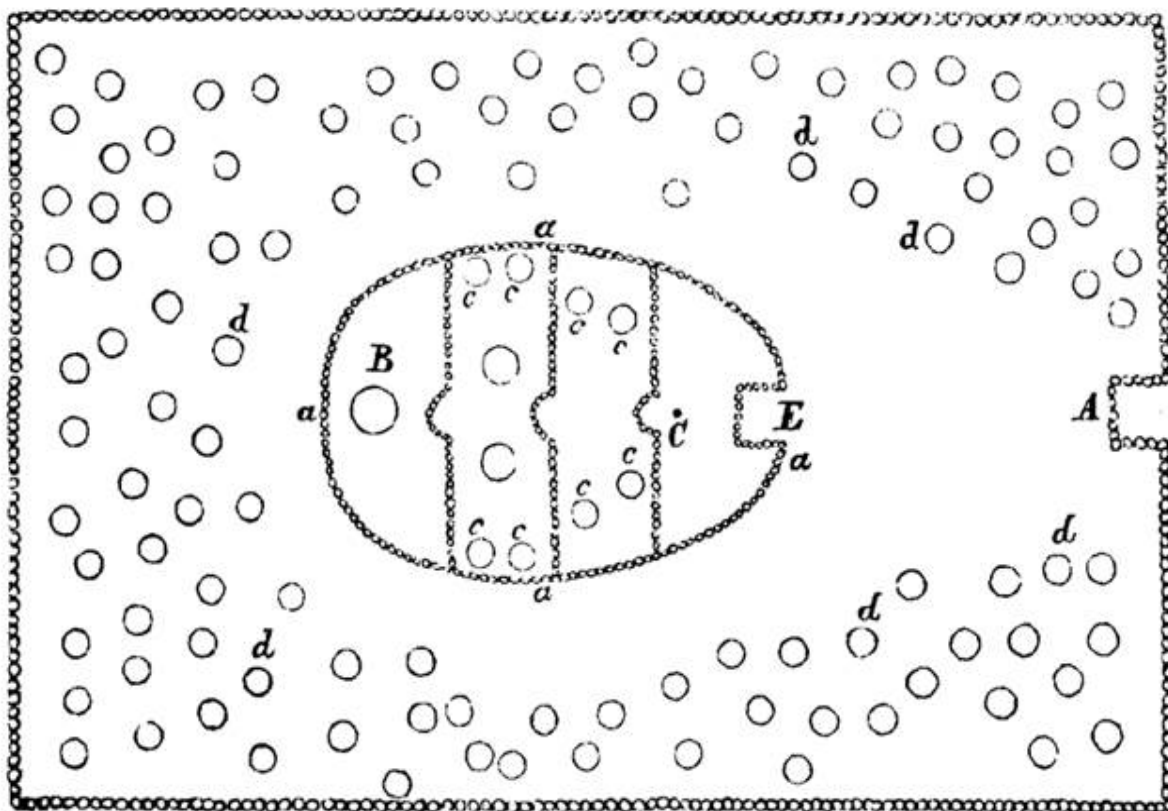
nunca ficam satisfeitos, e exigem sempre mais do que se lhes manda.

As libatas ou povoações fortificadas (que todas o são, desde a costa ao Bihé) tem as mesmas condições, salvo pequenas modificações, devidas à disposição do terreno. Sam grupos de cubatas feitas de madeiras e cobertas de colmo, cercadas por uma paliçada, que varia entre 2 a 3,5 metros de altura. Esta paliçada é formada por estacas de pau-ferro de vinte centímetros de diâmetro, umas apenas cravadas no terreno, outras amarradas com travessas e cascas de leguminosas, e outras amparadas por travessas encaixadas em forquilhas enormes.

Paliçada Solta.

Paliçada amarrada com Casca de arvore.

Paliçada travada com Forquilhas.

Outra paliçada igual à exterior, senão mais forte, rodeia o Lombe, ou morada do chefe da povoação. Em muitas vi grupos de casas rodeadas de paliçada.

As libatas, e sobre tudo as antigas, são cobertas de frondosas árvores, e estão junto de rio ou ribeiro, sendo que em algumas lhes fazem passar a água por dentro.

Sam quase todas retangulares, mas muitas há elípticas ou circulares, e outras formando polígonos irregularíssimos. Não há a menor ordem nas construções, e em geral é a disposição do terreno que as determina.

Planta de uma Libata de gentio no Bihé

A. Entrada.

B. Cubata onde se enterram os sovas.

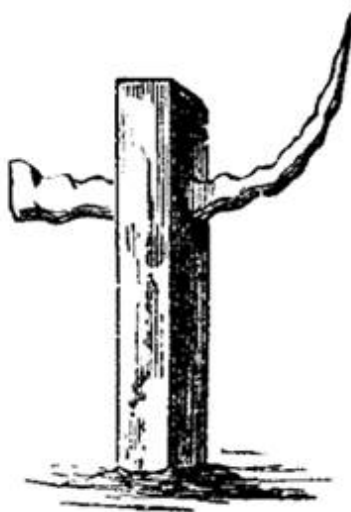
C. Troféu de cornos.

c c c. Casas das amantes do sova.

O O. Casa do sova.

a a a. Lombe ou morada do sova.

d d d. Casas dos pretos.

Troféu de Cornos de caça, em quase todas as libatas

Fora da porta das libatas há isto

As povoações são fortificadas com o receio dos ataques do homem, que feras não abundam muito no país, e não é mesmo isso necessário para feras, porque no interior, onde as há em bandos, as povoações são abertas.

As guerras dos pretos ali são, a maior parte das vezes, sem causa, e basta a riqueza de um povo para que ele seja atacado.

Sam verdadeiros ataques de salteadores.

Logo que um régulo decide ir fazer a guerra a outro, ou a um povo qualquer, manda emissários seus aos sovas e séculos circunvizinhos, convidando-os a tomar parte na campanha, e estes, como na Europa no tempo do Feudalismo, saem com os seus guerreiros a reunirem-se ao que os convoca.

Alguns povos fazem periódica e sistematicamente a guerra, e no Nano, por exemplo, vão, de três em três anos, roubar os gados ao Mulondo, Camba e Quilengues, e dizem, que estes povos criam gados para eles, e são os seus pastores.

Uma circunstancia muito notável das guerras nesta parte de África, é a de ser sempre vencedor o que ataca.

Há exceções, mas muito raras.

Uma das exceções foi o ataque dirigido por Quilemo, o atual sova do Bihé, contra o país de Caquingue, em que os Bihenos foram derrotados pelos Gonzelos, e em que o próprio sova Quilemo foi prisioneiro do sova de Caquingue, onde seria degolado, se por ele não pagassem um grande resgate Silva Porto e Guilherme José Gonçalves (o Candimba).

Nas guerras entre os povos destes países, pode contar-se, que apenas um quinto dos combatentes são armados de espingardas, e os outros 4 - quintos de arcos e frechas, machadinhas e azagaias. Dizem, que uma guerra vai muito poderosa e forte, quando leva trinta tiros por espingarda. As armas de que usam são as chamadas no comércio Lazarinas, são muito compridas, de pequeno adarme, e de sílex. Estas armas são fabricadas na Bélgica, e tiram o seu nome de um célebre armeiro Português que viveu na cidade de Braga, no princípio deste século, cujos trabalhos chegaram a adquirir grande fama, em Portugal e Colonias. Nas armas fabricadas

na Bélgica para os pretos, que são uma imitação grosseira dos perfeitos trabalhos do armeiro Português, lê-se nos canos o nome dele-Lazaro-Lazarino, natural de Braga.

Os Bihenos não usam balas de chumbo, que são, dizem eles, muito pesadas, e fabricam-nas de ferro forjado. Os cartuxos, que eles fabricam também, levam 15 gramas de pólvora, e tem 22 centímetros de comprido.

As balas de ferro são de diâmetro muito inferior ao adarme, pesando apenas 6 a 7 gramas. Como são forjadas, são mais poliedros irregulares do que esferas.

As armas assim carregadas, de nenhuma precisão, como se pode bem julgar, tem um alcance de cem metros apenas.

O alcance da frecha é de 50 a 60 metros, mas a grosseira precisão do tiro de frecha, entre os pretos, não vai além de 25 a 30 metros. As azagaias são todas de ferro, curtas e ornadas de pelo de carneiro ou de cabra, não são de arremesso, e o Biheno em combate nunca as deixa da mão.

Talvez haja reparo em eu escrever pelo de carneiro, mas cabe dizer, já que falei nisso, que os carneiros ali não tem lã. Existem no país duas diferentes espécies, que os pretos em

Hambundo designam pelos nomes de Ongue e Omeme. O ongue tem um pelo grosso e curto; e o omeme, que tem o pelo mais longo, difere muito da lã.

Estes carneiros, de raças exóticas, degeneraram decerto por efeito do clima e das pastagens. Têm os Bihenos cabras de uma raça muito inferior, e o seu gado bovino é pouco, e de raça muito pequena e fraca.

As galinhas abundam, mas, são, como todos os animais domésticos no Bihé, de pequeno corpo.

Deixo aqui o que nos meus apontamentos encontrei de mais curioso a respeito deste país, cujas posições e condições climatéricas se encontraram num capítulo especial; e retomo o meu diário no dia 14 de Abril de 1878.

As últimas chuvas tinham caído das 6 ás 9 da noite do dia primeiro de Abril, produzindo apenas 17 milímetros de água, o que mostra terem sido já muito fracas. O tempo estava esplêndido, e alguns cirrus alvíssimos que em seguida ás chuvas tinham pairado nos ares a enorme altura, desapareceram, para deixar lugar a um firmamento límpido, esclarecido de dia por um sol brilhante, e à noite constelado destrelas, que dardejavam sobre a terra escura de África

essa luz melancólica e cintilante, que elas só tem nas regiões tropicais.

Era o bom tempo de viajar, era já o dia 14 de Abril, e eu estava ainda no Bihé!

Eram 14 de Abril, e eu não partia, porque ainda não tinham chegado as fazendas e as cargas que deixámos em Benguela, em Novembro de 1877, isto é, uma grande parte delas, que outras tinham chegado em princípio de Março. Esta demora estava sendo de grande prejuízo para mim. Dos sete fardos de fazendas que me deixaram Capelo e Ivens, quatro tinham sido gastos, com a sustentação da minha gente de Benguela e com a minha.

Ainda não tinha dado presente ao sova, que teimava em mo pedir, e comecei a ver um sombrio futuro na minha empresa.

Reduzi as minhas despesas pessoais, e por isso tive de dispor de duas horas por dia para caçar. Na falta de caça grossa, tinha, na margem esquerda do rio Cuito, nas terras cultivadas de Silva Porto, muitas perdizes.

Chamei-lhe a minha capoeira, e todos os dias ia ali matar uma ou duas, não excedendo nunca esse número para não destruir a provisão. Semelhante ao jogador que faz da banca meio de vida, e que sopeando os impulsos do vício, se levanta com um pequeno ganho que lhe assegura a sustentação diária; assim eu, contendo os instintos de caçador, deixei muitas vezes a caça que podia matar; fazendo sobre mim supremo esforço, para não prosseguir num prazer, que destruiria ao mesmo tempo as munições pouco abundantes, e a caça necessária ao meu sustento futuro.

Não eram só as bandas de perdizes dos campos de Silva Porto que forneciam um prato à minha modesta mesa. Centenares de rolas Africanas, esvoaçavam continuamente sobre as árvores das margens do Cuito, e vinham beber ao rio de manhã e de tarde. Os meus moleques pequenos, por meio de armadilhas caçavam algumas, que vinham figurar na minha mesa a par das perdizes e de um prato de massa, feita com farinha de milho cozida em água, que me servia de pão.

Assim pude reduzir a minha despesa, que era pelo menos de quatro jardas de algodão branco por dia, custo de duas galinhas.

A demora e com ela o decrescimento rápido dos meus recursos, fez modificar o meu plano de viajar. O mucano aterrava-me, e se eu tivesse de pagar algum, ficava impossibilitado de sair do Bihé. A demora da minha gente, tinha, com a ociosidade, feito despertar neles os vícios adormecidos pelas fadigas e pelos trabalhos da jornada.

O perigo pairava sobre mim, e estava suspenso por um fio, como a espada sobre a cabeça de Damocles. Resolvi, depois de muito cogitar, colocar-me em circunstâncias de ter a força do meu lado, e de defender a todo o trance a minha propriedade.

Para isso precisava armar-me, e depois de ter armas precisava ainda de munições de guerra. Eu tinha 10 carabinas Snider, que me tinham dado Capelo e Ivens; pude obter mais 11 das deixadas por Cameron no fim da sua viagem, e para estas armas tinha quatro mil cartuxos. Além destas, possuía umas 20 espingardas de sílex, das últimas desse sistema usadas pelos exércitos na Europa. Para estas

não tinha munições. Fiz correr a notícia de que comprava todas as armas inutilizadas que me trouxessem. começaram a afluir elas, e eu ia comprando as que poderia concertar, o que me não era difícil, por ter aprendido o ofício de serralheiro e espingardeiro, com o meu pai, que é hábil artífice, e que ainda hoje emprega as horas de ócio trabalhando na sua oficina, mais bem montada que as daqueles que as tem por profissão. Lembra-me aqui uma anedota engraçada. Um dia, entra na nossa quinta do Douro um cavalheiro que ia procurar meu pai, e ouvindo um martelar estridente numa casa próxima à de habitação, dirigiu-se para ali. Era uma vasta forja, onde dois homens, de tamancos nos pés, carapuças vermelhas na cabeça, largos aventais de couro pendentes do pescoço e justos à cintura, a cara e mãos negras do carvão e do ferro, estendiam em enorme bigorna uma grossa barra, que projetava em todas as direções chispas ardentes, ao bater cadenciado de dois pesados martelos, puxados por braços nus até ao cotovelo.

O cavalheiro parou à porta e perguntou: "O Senhor Doutor está em casa?" Meu pai, que era ele um dos ferreiros, respondeu-lhe com uma pergunta: "Que lhe quer o Senhor?"

O cavalheiro, que não era de génio brando, não gostou da pergunta do ferreiro, que tomou por insolência, e respondeu pouco convenientemente, dizendo, que vinha procurar sua Excelência, e que não admitia que um ferreiro que trabalhava na sua casa respondesse com perguntas a ele.

Meu pai quis explicar o caso, dizendo, que o ferreiro e o Doutor eram a mesma pessoa, o que mais fez exasperar o seu interlocutor, que julgou lhe juntavam a zombaria à insolência. Ambos de génio irritável, iam ter uma desagradável contenda, quando o outro ferreiro, que era eu, entrevei-o e fez cessar a guerrilha; dando o visitante as suas desculpas logo que se convenceu da nossa identidade.

Esta pequena circunstância de ter aprendido um ofício, serviu-me de grande auxílio, e foi um dos pequenos ribeiros que veio engrossar o rio dos felizes resultados da minha tentativa.

Assim, pois, mais um trabalho se veio juntar ao meu incessante labutar de todos os dias, e dentro em pouco pude aproveitar umas vinte-e-cinco espingardas que o gentio julgava inutilizadas.

Faltavam as munições, e era preciso faze-las. Em casa de Silva Porto encontrei uma coleção completa da Gazeta de Portugal, e nela o papel necessário aos cartuxos. Nas cargas que esperava de Benguela devia vir muita pólvora, e por isso apenas me faltavam as balas. Obter chumbo era impossível, e decidi logo fazer balas de ferro forjado. Faltava o ferro é verdade, mas esse era possível obter-se.

Anunciei que comprava todo o ferro velho que me trouxessem, e não tardou a aparecer grande quantidade de enxadas inutilizadas, e sobre tudo de arcos de barris de água-ardente. Só suspendi a compra de ferro quando tinha uns duzentos quilogramas.

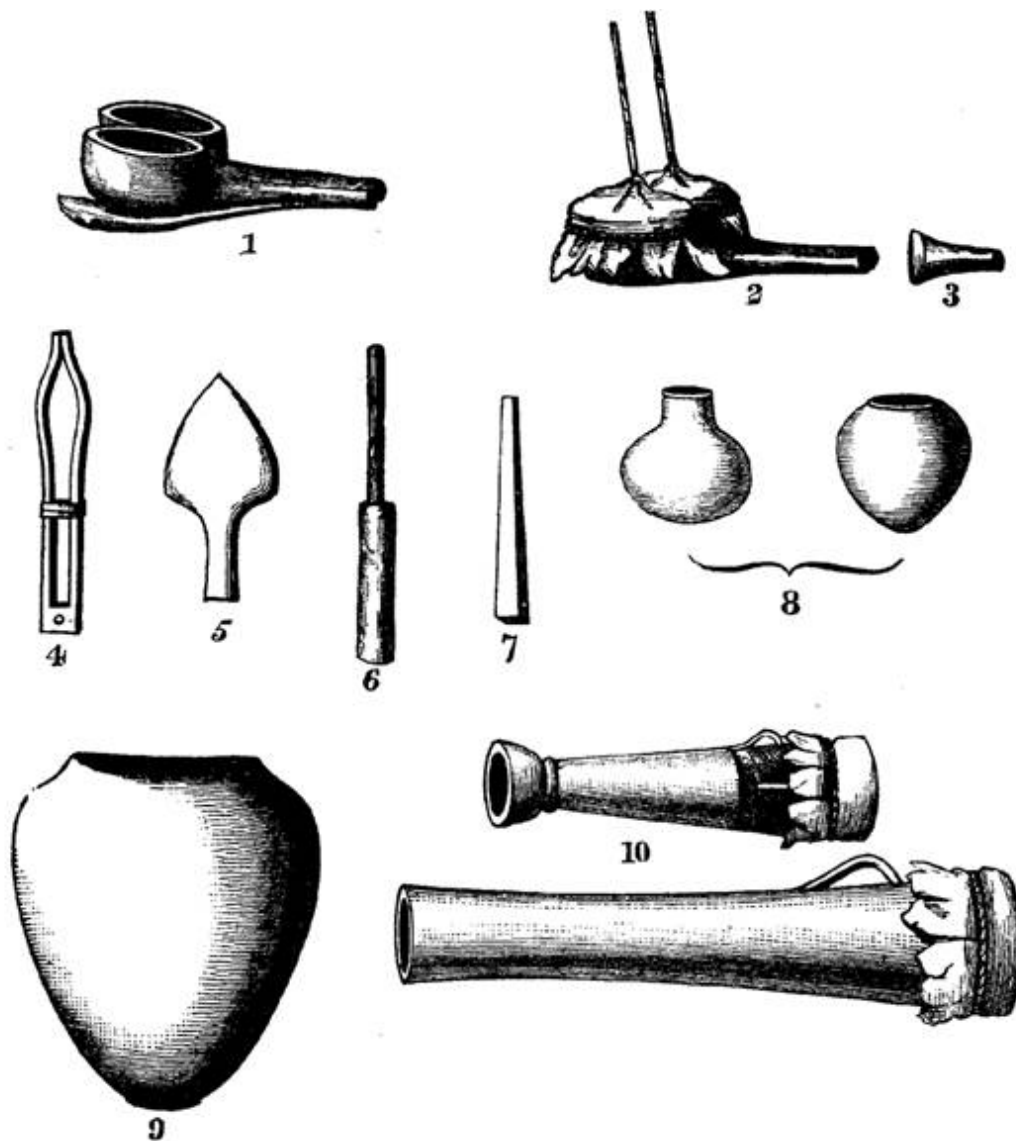
Mandei chamar 4 ferreiros do país, estabeleci duas forjas indígenas no pátio interior, com grande escândalo da preta Rosa, administradora da povoação de Belmonte, e em quanto, fora da libata, os meus pretos faziam carvão queimando os restos de uma paliçada de pau ferro, de uma libata abandonada, começou no pátio um forjar contínuo.

O primeiro trabalho a fazer era reduzir todo aquele ferro a varão cilíndrico do diâmetro das balas. Os ferreiros tinham-se com grande destreza. Dobravam os arcos em molhos de

20 centímetros de comprido por 4 de espessura, e levando-os ao rubro, mergulhavam-nos num a massa de caliça e água. Depois de frios voltavam à forja, e chegados à têmpera da fusão eram facilmente caldeados, tornando-se em massa única e homogénea. Depois disso o trabalho era fácil.

A compra das armas e do ferro tinha diminuído consideravelmente o meu haver.

Eu não possuía missangas, porque um saco que me mandaram os meus companheiros não tinha curso nos sertões para onde me dirigia. Tratei de procurar alguma no Bihé, e pude comprar aos pretos aqui e além uma pequena porção, que me fez a carga de um homem.

Esta compra veio dar um novo golpe na minha fazenda de algodão, e por 17 de Abril, possuía apenas um fardo.

Objetos fabricados por Bihenos

1. Fole.

2. Fole preparado para servir.

3. Bocal de barro em contacto com a chama.

4. Tenaz.

5. Martelo grande.

6. Um bocado de cano de espingarda encabado em pau que serve ao ferreiro para levar ao lume pequenas peças.

7. Martelo pequeno.

8. Panelas de cozinha.

9. Panela para capata.

10. Tambores dos batuques.

Sentia desde a minha chegada ao Bihé uma grande falta, e era ela a de um despertador. Foi olvido que me custou no correr da viagem muitos incómodos e algumas febres. Sempre que tinha de fazer observações depois da meia noite, tinha de estar acordado até à hora precisa; e asseguro que é triste passar uma noite a lutar com o sono, sem luz, e por isso sem nada poder fazer para matar o tempo.

No dia 19, o Ivens veio ver-me, e causou-me funda impressão o seu estado.

Estava muito magro, de uma palidez cadavérica, e acusava nas feições um sofrimento constante. Eu pedi-lhe para vir jantar comigo no dia imediato, que era o dia dos meus anos. Ele disse-me, que talvez não pudesse vir pelo seu estado de saúde.

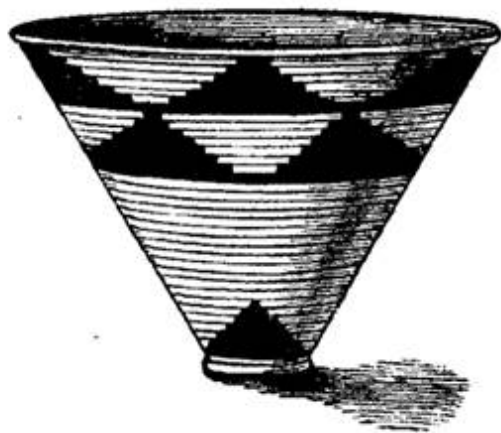
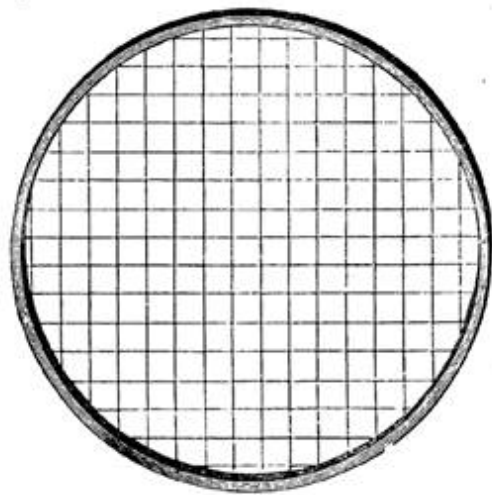
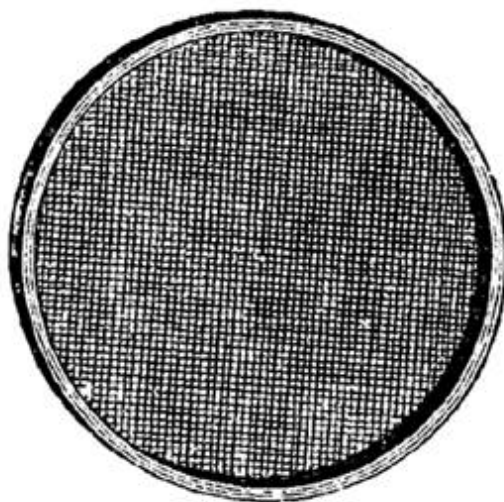
Dois dias depois, fui ao acampamento dos meus companheiros pagar a visita ao Ivens. Capelo estava ausente, pois tinha ido determinar a posição da nascente do Cuanza.

No dia 25, tinha eu dez mil balas, ou antes dez mil bocados de ferro, toscamente forjados, com pretensões a terem uma forma esférica. Era o que me bastava, e despedi os ferreiros. Nesse dia chegaram os primeiros Bailundos com as cargas de Benguela, e nos seguintes dias foram aparecendo novas levas com cargas. Estes Bailundos eram insolentes, e iam fazendo uma grande desordem em Belmonte, que teria tomado sérias proporções se eu não interviesse. Tirei das cargas 10 fardos de fazenda, três barris de água-ardente, e dois sacos de caurim.

Faltava-me a pólvora e o sal, que tinham ficado atrás.

Tratei logo de mandar o presente ao sova, e de me preparar para partir, porque, tendo os cartuxos prontos e embalados, em dois ou três dias os carregaria de pólvora. Mandei emissários a reunir os carregadores, que todos estavam justos e prontos.

No dia 29 de Abril, os pretos de Silva Porto fizeram-me um pequeno furto, e eu zanguei-me muito com eles, e ameacei-os de os mandar para Benguela. Eles, para entrarem nas minhas boas graças, vieram denunciar-me, que sabiam onde estavam 4 espingardas que tinham sido roubadas à expedição no caminho de Benguela. Uma delas fora furtada pelo Sr. Magalhães, dono da povoação onde primeiro estive no Bihé.

Pude tê-las todas.

Quinda, cesta de palha que não deixa passar a água

Peneiro para secar a Farinha (fuba)

Peneiro de peneirar

Cabaça para tirar Água a capata

A esse tempo eu mal tinha ocasião de comer. Arranjava as cargas, e era preciso estar presente a tudo, para não ser roubado, porque todos os pretos, os de Silva Porto e os meus, eram uma quadrilha de ladrões.

Havia uma exceção, uma única. Era o meu preto Augusto, que me deu sempre prova da maior fidelidade.

Quando contratei os carregadores em Benguela, contratei entre eles o Augusto, de quem nunca fiz caso, porque ele se não distinguia dos outros, a não ser talvez por ser um pouco mais dado a embriaguez.

Na distribuição das armas, os pretos fizeram repugnância em receber as de Snider, e só o Augusto me pediu logo uma.

Foi a primeira vez que atentei nele. Um dia, no Dombe, fiz um exercício ao alvo, e vi que ele era um sofrível atirador. Depois, em Quilengues, soube, que ele dissera entre os pretos, que me não deixaria nunca, e como, pela sua força hercúlea, e pela sua coragem, ele tinha tomado um grande ascendente sobre os outros pretos, chamei-o a mim.

Ao tempo em que vai a minha narrativa ele tinha subido de posição, e de simples carregador, estava chefe da comitiva.

Alguns eram seus amigos, outros respeitavam-no, e muitos temiam-no.

Augusto é o melhor preto que eu tenho encontrado em África; mas ninguém é perfeito neste mundo, e Augusto não quer ser exceção à regra. Entre os seus defeitos avulta um, que eu sou propenso a desculpar, e que sendo um grande defeito em viageiro Africano, fora dali poderia passar por virtude.

Augusto é louco pelo belo sexo.

Forte como um búfalo, corajoso como um leão, entende que deve proteção e apoio ás criaturas frágeis que encontra no seu caminho.

Já não tinham conta as suas aventuras galantes desde Benguela ao Bihé. Casado em Benguela, casou de novo no Dombe, em Quilengues, Caconda, no Huambo, e desde a sua chegada ao Bihé, já tinha feito ali três ou quatro casamentos. É um verdadeiro D. Juan de cor preta.

Obediente em tudo o mais, desprezava completamente as minhas admoestações nesta parte.

Um dia, como as queixas das mulheres fossem muitas, chamei-o e repreendi-o severamente, ameaçando de o abandonar se ele continuasse. Chorou muito, lançou-se de joelhos aos meus pés, fez mil protestos de emenda, e pediu-me para lhe dar uma peça de fazenda, que com isso iria contentar as mulheres, e só ficaria com Marcolina, a sua mulher de Benguela.

Dei-lhe a peça de pano, e fiquei satisfeito de tão sincero arrependimento.

Uma Casquilha do Bihé

Na tarde desse dia, ouvi grande batuque para um canto da povoação, e cantos e festas que anunciavam um acontecimento desusado.

Tive curiosidade de saber o que era, e mandei alguém a ver. Qual não é o meu espanto, sabendo que o Augusto festejava o seu novo casamento com uma rapariga da libata de Jamba!

Vi que o furor de casar-se era superior ás suas forças, e decidi não mais me importar com os seus negócios galantes, mesmo porque ele não comprometia ninguém, e casava sempre legalmente.

Estávamos a dois de Maio, e ainda não tinha podido reunir os carregadores, e ainda não tinham chegado do Bailundo, nem a pólvora nem o sal vindos de Benguela.

O Verissimo andava por lá reunindo a gente; mas ainda nem um só se tinha apresentado.

Na manhã do dia três, estando eu em casa, ouvi fora da porta os acordes de uma rabeca, onde se tocavam arias muito melodiosas, coisa muito diferente da música monótona dos pretos.

Mandei chamar o menestrel, e apareceu-me um preto alto e magro, quase nu, de fisionomia triste e expressiva.

Tocava num a rabeca fabricada por ele, que dava sons tão melodiosos e fortes como o melhor Stradivarius. Este instrumento, muito semelhante em forma ás nossas rabecas, era cavado num a só peça de pau, que formava a caixa e o braço, sendo o tampo de uma tabua fina da mesma madeira.

Tinha três cordas de tripa, fabricadas pelo músico, e o arco era guarnecido de duas cordas iguais, em lugar de clina.

Era decerto uma imitação das rabecas da Europa, e não um instrumento primitivo.

A madeira de que era feita chama-se no país Bóle, e abunda nas matas da África de Oeste. Não seria talvez para desprezar o ensaio desta madeira na fabricação de instrumentos de corda.

O bárbaro músico cantou uma aria no meu louvor, a mezzo peto, com voz muito agradável, acompanhando-se na tosca mas harmoniosa rabeca. Foi muito aplaudido pelos pretos que tinha atraído em volta de si, e eu mesmo gostei daquela música original.

Chegaram à libata uns pretos do sertão do Andulo, que vinham vender tabaco muito bom, que naquele país cultivam em quantidade. É este tabaco do Andulo que os Bihenos compram e mandam para Benguela, vendendo-o ali com o nome de tabaco do Bihé.

Eu comprei grande provisão, e calculei que me ficou por 500 réis o quilograma.

Os preços dos diferentes géneros no Bihé não são aqueles que me tem forçado a pagar, e são os seguintes:

Uma galinha, uma jarda de fazenda de algodão; seis ovos, uma jarda; um cabrito de dois anos, oito jardas; um porco de 5 a 6 arrobas (75 a 90 quilogramas), uma peça de algodão branco e outra de zuarte; o alqueire de farinha de milho, duas jardas; o de farinha de mandioca ou de feijão, três jardas. Isto são jardas de fazendas das mais ordinárias, cujo preço no Bihé não se deve calcular superior a 200 réis.

Uma jarda de fazenda chama-se no Bihé um Pano, 2 jardas uma Béca, 4 jardas um Lençol, 8 jardas uma Quirana.

As fazendas de negócio próprias para o Bihé e sertões explorados pelos Bihenos, são, algodão branco, zuarte, zuarte pintado, lenços de zuarte pintado, lenços finos, lenços cangengos, fazendas de lei e riscados, tudo da mais inferior qualidade.

As peças de algodão branco tem 28 jardas umas, e outras de melhor qualidade 30. Os zuartes e riscados 18 jardas, os lenços pintados 8 jardas, os lenços cangengos 6, e a fazenda de lei 12 jardas.

As fazendas boas são muito inconvenientes ao viajante que percorre esta parte de África, porque, não tendo muito mais importância para o gentio, são consideravelmente mais pesadas.

Eu tinha dois fardos de fazenda que tinha preparado ali, cada um dos quais continha 624 jardas, e os outros, de algodão fino, tem apenas 180 jardas, e são mais pesados.(*)

[(*) Eu chamo fardo a carga de um homem, proximamente trinta quilogramas.]

Já se deduz daqui a inconveniência das fazendas de boa qualidade, que além de ser grande o seu custo, é grande também a dificuldade do seu transporte, pois que três homens carregam delas tanto quanto um carrega de fazenda ordinária.

E sobre tudo para o viajante explorador, como o seu despender de fazenda é em troco de alimento, tantas jardas de fazenda boa tem de dar por um objeto, como de jardas de má fazenda dará pelo mesmo objeto.

O algodão branco de inferior qualidade e o zuarte são o melhor dinheiro que pode levar o viajante naquelas paragens.

Nas missangas já se não dá o mesmo caso, e a que é moda aqui, não é recebida além, ás vezes em pontos pouco distantes, por ex.: no Bailundo querem muito a missanga preta, que já no Bihé não tem curso.

Há contudo uma missanga que é quase geralmente bem recebida em toda a África Austral. É ela uma missanga miúda encarnada, de olho branco, a que no comercio em Benguela dão o nome de Maria II.

O buzio miúdo (caurim) serve além Cuanza até ao Zambeze, mas o graúdo não é recebido.

O arame de latão ou de cobre vermelho é estimado para manilhas; mas, nestas paragens, não deve ter mais de 3 a 5 milímetros de espessura.

Os barretes vermelhos, sapatos de liga, fardas de soldados, etc., são frandulagens, que, sendo muito estimados presentes para sovas e séculos, são péssima moeda.

Os cobertores, e sobre tudo aqueles vistosos que na Europa usamos para embrulhar as pernas em viagem, são muito cobiçados do gentio; estando porém no caso das fardas e barretes, que, sendo ótimo presente, não são boa moeda.

Os realejos, caixas de música, e outros objetos deste género, estão no mesmo caso.

Prestigiações, sortes de física e química, produzem certa impressão no gentio, mas não tanta como se julga na Europa. Não compreendendo as causas que determinam certos fenómenos, lançam a coisa à conta de feitiçaria, com que explicam tudo que não sabem explicar de outro modo.

Ás vezes até podem ser contraproducentes, e prejudicarem aquele que as fizer.

De tudo o que eu vi fazer impressão em pretos, aquilo que mais os admira é verem um bom atirador.

Meta qualquer, diante de um juntamento de pretos, 6 balas em alvo pequeno e distante, corte o pequeno fruto de uma árvore, mate um passarinho, e fique certo de que ganha logo a maior consideração, e será objeto das conversas por muito tempo.

A este respeito vou narrar um facto que se deu na libata, comigo. Um dia, um cirurgião Biheno apareceu ali trazendo um remedio que era preservativo contra as balas, àquele que o tomasse.

Isto é crença geral entre Bihenos, e muitos há que gastam tudo o que tem para adquirirem aquele abençoado remedio, que os torna mais invulneráveis do que Aquiles, porque nem mesmo lhes deixa a possibilidade de receberem a morte por um calcanhar.

Um mestiço civilizado, e educado em Benguela, encontrei eu, que se ria de mim quando eu lhe dizia que se lhe desse um tiro furava-o de lado a lado, apesar do remedio contra as balas de que ele fazia uso.

Mas vamos ao conto. O cirurgião Biheno trazia uma panelinha de meio litro cheia do precioso preservativo, e apregoava que aquele que o tomasse seria depois tão invulnerável como o era a panela que continha o líquido, panela a que todo o mundo, no seu dizer, tinha atirado sem que as balas lhe fizessem o menor dano. Quis ele dar ao público uma prova irrefutável, e desafiou-me de atirar à panela; tendo previamente o cuidado de me marcar a

distância (uns 80 passos) a que ele julgava ser impossível acertar em tão pequeno alvo.

Tomei a carabina, atirei, e fiz a panela em cacos, derramando-se o precioso licor.

Nunca vi aplaudir mais freneticamente alguém, do que eu fui aplaudido então pelo gentio entusiasmado.

O pobre cirurgião foi completamente corrido no meio de geral assuada.

Este pobre homem foi ali buscar o seu descrédito.

Os melhores atiradores do sertão são grandes mediocridades, e são bem mais para temer pretos de frecha e azagaia, do que de arma carregada.

O Verissimo partiu a reunir os carregadores, voltando a 5 de Maio com alguns, e dizendo que outros chegariam no dia seguinte.

Nesse dia recebi cartas e cargas de Benguela, enviadas para mim por Pereira de Melo e Silva Porto.

Fizeram-me uma tal impressão aquelas cartas, que no meu diário escrevi então, na cabeça do capítulo em que falo do

Bihé, aqueles dois nomes, e hoje ainda os conservo, como preito e homenagem àqueles dois cavalheiros.

Enviava-me Pereira de Melo 16 espingardas, 30 quilogramas de sabão, um relógio e uma carga de sal, tudo objetos de subido valor para mim.

Não é todavia esta valiosa remessa que me ditou a imensa gratidão para com o governador de Benguela; foi a sua carta e foram as expressões dos seus sentimentos ao meu respeito.

Dizia-me o Governador, que não hesitasse em seguir a minha viagem, que contasse com todo o apoio que ele me podia dar como autoridade, e se acaso ordens superiores coarctassem o Governador, que podia contar com o homem, com Pereira de Melo.

Dizia-me ele, que não tinha recebido de superior autoridade ordem alguma para não me fornecer os meios de que eu carecesse; mas que, se tal ordem viesse a receber, ele e os negociantes de Benguela estavam prontos a enviar-me tudo o que eu pedisse.

Vinha depois a carta de Silva Porto, que não menos valiosa era.

Dizia-me o velho sertanejo, que não partisse sem recursos. Que requisitasse para Benguela o que eu julgasse necessário, e que ele se encarregaria de me fazer chegar ao Bihé aquilo que eu pedisse.

Terminava o honrado ancião por estas palavras: "Estou velho, mas rijo e forte; se o meu amigo se vir num desses trances, vulgares no sertão, em que a esperança se perde, sustente-se no ponto em que estiver, e de tudo ao gentio para me fazer chegar ás mãos uma carta sua. Não hesite em o fazer, e tenha esperança; porque no mais curto espaço possível eu serei consigo, e comigo irão todos os recursos, todos os socorros. Sabe que eu não uso fazer oferecimentos vãos, quando precisar escreva, e eu irei logo."

A estas palavras não preciso eu de fazer comentários, e nem mesmo aqui lhe juntarei uma palavra de agradecimento, que seria ridícula.

Aquela remessa que recebi de Benguela foi-me trazida por um irmão do Verissimo, Joaquim Guilherme, que me disse

deverem chegar no dia seguinte o resto das cargas da expedição, e com elas a pólvora porque eu almejava.

Como sempre que chegava um portador de Benguela, Joaquim Gonçalves trazia-me uma lembrança de António Ferreira Marques.

Eram sempre alguns regalos para a pobre mesa do sertanejo.

Chegou finalmente o 6 de Maio, e começou logo grande tarefa de encher cartuxos, porque de manhã recebi a pólvora.

Durante 4 dias empreguei entre 36 e 40 homens no encher dos cartuxos, que estavam prontos, e só era deitar-lhes pólvora e dobra-los.

Ficou tudo pronto a 10 de Maio, e no dia 11 tinha eu reunidos todos os carregadores pronto a seguir no dia imediato. Fiz a distribuição das cargas, e dei as ordens para a partida.

Na manhã de 12, quando esperava pôr-me a caminho, vejo que só tinha uns trinta homens, tendo fugido todos os outros.

Soube então, que na tarde da véspera, tinha andado o preto Muene-hombo de Silva Porto, com uns pretos desconhecidos, dizendo aos Bihenos, que eu os queria levar para o mar, e que aqueles que fossem comigo não voltariam mais, porque eu os venderia.

O preto Muene-hombo fugira com os Bihenos, e dele não havia mais notícia.

Esta nova deu-me um profundo golpe de desânimo.

Os carregadores, que eu a tanto custo tinha reunido, que eu com trabalho imenso tinha contratado, a quem fora preciso desfazer uma a uma todas as apreensões que tinham contra a minha empresa, fugiam-me, convictos de que eu os ia encaminhar à perdição.

Era um golpe terrível.

Breve se espalharia no Bihé a notícia do facto; breve se arreigaria entre os pretos aquela convicção, mal destruída pelos meus reiterados argumentos, e então seria impossível obter um só carregador mais.

Quase desanimei.

Pela primeira vez, depois que em Lisboa tinha pensado em ser explorador, entrou no meu ânimo o desalento.

Eu sabia que lutar com uma convicção de pretos era baldado esforço.

Quem seria aquele que levou o preto Muene-hombo a trair-me?

Quem seriam os pretos que com ele estiveram na libata no dia anterior?

Qual seria a mão oculta que moveu aquela intriga?

Fazia a mim mesmo estas perguntas, ás quais, nem então nem depois, encontrei resposta que fosse além de suspeita muito vaga.

Perdi a esperança, e fiquei possuído de um verdadeiro desalento.

Meditei todo o dia, e veio o pensamento de voltar a Benguela, mas de repente lembrou-me a carta de Silva Porto recebida dias antes, e lembrou-me a carta de Pereira de Melo em que me dizia "Avante!" Porque não aceitaria eu

o oferecimento de Silva Porto? Se ele viesse ao Bihé ele me obteria carregadores.

Decidi escrever-lhe no dia seguinte, e esta ideia tranquilizou um pouco o meu ânimo alquebrado.

Com a noite veio a reflexão, e eu escudado no último recurso, o pedir o auxílio do velho sertanejo, resolvi já forte com aquele apoio, trabalhar, lutar ainda, antes de recorrer a ele.

Na madrugada de 13, fiz marchar o Verissimo e alguns pretos de confiança do Silva Porto a procurarem contratar nova gente.

Voltaram eles dando-me algumas esperanças, e então começou de novo o trabalho de organizar nova comitiva, trabalho mais difícil então do que antes.

Aconselharam-me sair de Belmonte e ir acampar no mato a alguma distância; porque me diziam, que uma comitiva em marcha, despertava nos Bihenos vontade de se alistar nela.

A 22 de Maio já eu tinha podido obter alguns carregadores, ainda que poucos, e resolvi com os meus Quimbares, aqueles carregadores e gente de ganho, seguir no dia 23

para um acampamento, ideia que levei a efeito indo estabelecer o campo nas matas do Cabir.

Nesse dia ao escurecer, apareceram uns 11 carregadores trazidos por um preto António, homem já velho, natural de Pungo Andongo, que estivera ao serviço de dois sertanejos de nomeada, Luiz Albino, e Guilherme Gonçalves.

Durante a noite houve muito frio, forçando-nos a passar a maior parte dela despertos junto ás fogueiras.

O soveta de Cabir veio visitar-me no dia imediato, trazendo-me um porco de presente, que eu retribui, ficando nós nos melhores termos.

Emprestou-me ele alguns pilões, e mandou mulheres para fazerem farinha de milho.

Mulheres do Bihé pisando Milho

Indo agradecer-lhe à sua povoação, passei pelas plantações, onde andavam algumas mulheres cavando, completamente curvadas, empunhando as enxadas pelos seus dois cabos.

De volta ao acampamento, encontrei um preto dos de Novo Redondo, que não tinha podido seguir com Capelo e Ivens,

pelo seu estado de saúde. Não se sustinha em pé, e uma ardente febre o devorava.

Vi que o seu estado era melindroso e que pouco poderia viver; mas ele pediu-me que o não abandonasse, e eu agasalhei-o no campo, entregando-o aos cuidados do doutor Chacaiombe.

Veio visitar-me Tibério José Coimbra, filho do Coimbra, Major do Bihé, o qual me obteve alguns carregadores de gente da sua povoação.

Nesse dia apareceram mais uns 12 carregadores com que eu já não contava, e eram capitaneados pelo preto Chaquiçonde, irmão da mãe de Verissimo.

Ia renascendo a esperança, e de novo se ia organizando a nova comitiva.

Resolvi partir no dia 27, e ir acampar junto da casa de José Alves, com esperança de completar ali o número de gente que carecia. Obtive do soveta de Cabir alguns homens para me transportarem as cargas que não tinham carregador, e também 4 homens e uma maca para o doente de Novo Redondo.

Pude seguir no dia marcado, parando, meia hora depois de ter saído, na povoação de Cuionja, de Tibério José Coimbra, onde me esperava um ótimo almoço, com ótimo chá. Até havia guardanapos!

Depois de duas horas que ali me demorei, segui avante, chegando à povoação de Caquenha, com 4 horas de caminho.

Ali parei para ver o velho Domingos Chacahanga, dono da povoação.

Este Chacahanga, antigo escravo de Silva Porto, fora o chefe da célebre expedição que Silva Porto mandou do Bihé a Moçambique, e que conseguiu alcançar Cabo Delgado, na costa do mar Indico.

É ele o único dos homens daquela expedição que hoje vive.

O velho recebeu-me muito bem, e deu-me um alentado cabrito.

Conversei muito com ele; mas apesar de todos os meus esforços foi-me impossível colher dele dados com que pudesse marcar com alguma segurança o seu trajeto.

De que foi muito mais ao norte do que vem indicado nas cartas não me restou a menor dúvida, porque há três pontos que ele precisa perfeitamente.

Um é ter, no Zambeze, deixado ao sul o país dos Machachas; outro ter atravessado o Luapula; e terceiro ter contornado pelo norte o Lago Nyassa.

Duas horas depois de ter deixado o velho Chacahanga, acampava nas matas do comandante, dois quilómetros a S.E. da libata de José Alves.

Era já noite, e por isso guardei-me para ir no dia seguinte ver este personagem, que Cameron tornou conhecido de todo o mundo.

Efetivamente, a 28 de Maio estava eu em presença do tão falado sertanejo.

José António Alves é um preto (pur sang) de Pungo Andongo, que, como muitos dali e de Ambaca, sabe ler e escrever.

No Bihé chamam-lhe branco, porque ali todo o preto que usa calças e sapatos de liga e guarda-sol, é tratado assim.(*)

[(*) Lembra-me aqui do que me dizia o Ivens, com aquela graça que nunca perdeu nos transes mais dolorosos. Dizia ele, "Em eu vendo entrar no meu campo preto de sapatos de liga e guarda-sol, já sei que é branco, e estou logo a tremer."]

Em Benguela levam a condescendência a chamarem-no mulato, um pouco escuro; mas a verdade é, que nas suas veias não há uma gota de sangue Europeu, e que ele é preto não só na cor como na ascendência, e quiçá na alma.

Veio para o Bihé em 1845, onde foi empregado de um sertanejo, e depois começou a negociar por conta própria, abonado pela casa Ferramenta de Benguela, que hoje faz avultado comércio sob a firma J. Ferreira Gonçalves.

José Alves é homem de 58 anos, já um pouco grisalho, de corpo franzino, e sofrendo de uma afeção pulmonar.

Vive como preto, tendo todos os costumes e crendices do gentio ignaro.

Quando cheguei a casa de José Alves, estava ele decidindo um mucano.

Informado da questão, soube que um empregado mulato do José Alves seduzira uma das amantes deste, e como o rapaz nada tinha de seu, ele fez-lhe um mucano à família da mãe, que possuía alguma coisa, exigindo, em paga do delito, um boi, ou uma cabecinha, para ficar limpo o seu coração. Isto me disse ele, passando a palma branqueada da mão negra por sobre a parte da caixa torácica onde se alberga aquela vícera, nos que a tem para coisa diferente de alimentar a vida física com os seus movimentos de sístole e diástole.

Que a ele servia para ser limpa de vez em quando com um mucano, percebi eu.

Depois de decidido o mucano, falei-lhe da minha viagem, que ele duvidou pudesse levar a efeito com os pequenos recursos de que dispunha.

Combinou ceder-me uma pouca de missanga, e falando-lhe em carregadores, evadiu-se a responder-me, dizendo-me, sabia que Capelo e Ivens estavam junto ao Cuanza lutando com falta de gente; mas que, se eles lhe quisessem pagar bem, não teria dificuldade em os arranjar. Era o mesmo que dizer-me, que lhe pagasse bem para os ter.

Retirei-me lastimando pela primeira vez a Cameron, por ter sido forçado a tal companhia, por tanto tempo.

Nesta parte do Bihé a vegetação arbórea começa a ser mais vigorosa, e junto ao rio Cuito, apresenta o terreno a mesma disposição termítica que descrevi na margem do Cutato dos Ganguelas.

Com uns carregadores que me chegaram no dia 29, enviados pelo irmão de Verissimo, Joaquim Guilherme, tinha eu a gente suficiente para seguir viagem, e dei as ordens nesse sentido para o dia 30.

Quem rege as coisas deste mundo tinha decidido porém de outro modo.

Na tarde desse dia, alguém espalhou entre os meus carregadores as mesmas atoardas de Belmonte, e vieram muitos deles declarar-me, que voltavam a suas casas, e não me seguiriam.

Fiz esforços de eloquência para os convencer a seguirem-me, mas poucos me escutaram.

Era a segunda vez que, em véspera de partida, no Bihé, ficava eu sem gente.

Ali ficaram contudo alguns Bihenos, e decidido a prescindir de todas as comodidades, e a abandonar toda a alimentação que levava, com poucos mais poderia seguir.

Era preciso arranjar esses poucos mais, e eu não desanimei na empresa. Um estranho episódio, acontecido no dia 30, veio coroar de resultado feliz a minha esperança.

No Bihé andam a monte muitos degradados e desertores, escapados dos presídios da Costa.

Um destes honrados cidadãos veio procurar-me, e pronunciou uma estudada arenga, que, pela profusa troca da primeira consoante pela décima-sétima, e repetido emprego de termos só usados na minha província, me denunciou nele um conterrâneo.

Se a forma do discurso era picaresca, a sua essência mostrava, que a alma do orador era sentina de todas as podridões, em decomposição num clima tropical, trescalando fedores em cada frase evaporada daquele espírito imundo.

Depois de me aconselhar a dispor das armas e munições que tinha, numa empresa abjeta, a que ele me fazia a honra

de se ligar, terminou por me dizer positivamente, que, ou eu o associava a mim, fosse para o que fosse, ou ele, empregando manhas que tinha de jeito para o gentio, faria que todos me abandonassem, e me poria na impossibilidade de dar um passo.

Terminada esta peroração, que o homem julgou ser argumento triunfante nas minhas decisões, exigiu imediata resposta.

Eu dei-lha logo. Chamei os meus Quimbares, e mandei amarrar o sujeito, a quem mandei aplicar logo cinquenta açoutes, para fazermos maior conhecimento; porque, se eu o conheci ás primeiras palavras, ele não me conhecia ainda.

Depois de castigado, fiz-lhe um pequeno discurso, em que lhe disse, que o constituía meu prisioneiro, durante o tempo que estivesse em terras do Bihé, com ração de comida e de chicote todos os dias.

Reuni toda a minha gente, e mostrei-lhe, que a alma daquele branco era mais negra do que a pele deles ouvintes.

A nova da minha justiça espalhou-se nas povoações circunvizinhas, e deu-me crédito entre os pretos, que

tinham em má conta o meu prisioneiro.

No dia seguinte, alguns pombeiros do sítio vieram oferecer-me carregadores, e que mos traziam dentro de dois dias.

Todos os dias tinha promessas, mas os carregadores não chegavam, e a 5 de Junho, já no maior desespero, decidi abandonar muitas cargas e seguir avante.

Reuni os meus pombeiros, e comuniquei-lhes a minha decisão.

Tivemos um longo conselho, em que eu sustentei a minha resolução, dando ordem para que os carregadores me acompanhassem ao rio Cuito com as cargas que eu tinha decidido abandonar, para as lançar ao rio.

Já se ia executar esta deliberação, quando o doutor Chacaiombe tomou a palavra, e me pediu para adiar de alguns dias a execução dela, dizendo-me, que obtivesse nas povoações vizinhas gente de ganho que transportasse tudo até ao Cuanza; que ele ia tentar um esforço junto de um sova seu amigo, e me iria encontrar no Cuanza.

Discutido este alvitre, decidi, partir no dia 6, e demorar-me no Cuanza até 14; por isso, concedi 8 dias a Chacaiombe,

declarando-lhe positivamente, que não esperaria um só dia mais.

Os meus pombeiros mostravam-me a maior dedicação, e depois de uma proposta de Miguel (o caçador de elefantes), decidiram pegar também eles em cargas, ainda que isso seja não só contra os usos, mas também inconveniente em marcha, onde eles tem o seu serviço especial a desempenhar.

Obtida a gente de ganho, preparei tudo para seguir no dia imediato.

Nesse dia morreu o homem de Novo Redondo que eu tinha recolhido no Cabir.

Levantei campo ás 9 horas do dia 6, tendo muita gente de ganho à razão de 1 pano por dia.

Segui a Leste, e duas horas depois acampei junto da povoação de Cassamba.

Fica esta povoação no meio de grande e espessa floresta, onde fui caçar, encontrando apenas algumas pintadas que matei.

Quando, a 7 de Junho, levantei campo, saiu-me ao encontro o soveta de Cassamba, que me vinha cumprimentar, e trazer um boi de presente.

Desculpei-me de não lhe dar imediatamente um presente, por estarem os carregadores em marcha, e pedi-lhe, que mandasse gente sua ao meu novo acampamento, donde lhe enviaria uma lembrança.

Depois de três horas de marcha, e de ter nas duas últimas atravessado grandes planícies pantanosas, alcancei a margem esquerda do rio Cuqueima, que ali corre ao norte, tendo 80 metros de largo por três de fundo, com uma velocidade de 12 metros por minuto.

Armei o meu bote Macintosh, e nele se efeituou a passagem da gente e cargas com grande morosidade, porque a pequena embarcação não tinha capacidade para mais de cinco pessoas, ainda que o poder de flutuação da sua caixa de ar era muito superior.

Terminada a passagem, e achando-me na margem direita em terreno apaulado, e nu de arvoredo, mandei pedir ao sova do Gando, para me dar algumas cubatas onde eu pudesse pernoitar com a minha gente.

Ele veio ao meu encontro, dizendo-me que punha à minha disposição o lombe da sua povoação, que aceitei e onde me fui estabelecer.

Chegaram uns pretos de mando do soveta de Cassamba, a reclamar o presente que eu lhe havia prometido, e para se fazerem reconhecer como vindo da sua parte, traziam a azagaia do soveta, que de manhã eu lhe vira na mão.

É costume entre estes povos, onde a ignorância da leitura e escrita existe, o mandarem um objeto conhecido pelo portador de uma mensagem, para que não se duvide que eles vão da parte de quem os envia.

Mandei o prometido presente.

O sova Iumbi, do Gando, conversou muito comigo, e era para ele motivo de espanto tudo quanto eu trazia. Deu-me um magnífico boi, ficando muito satisfeito com uma peça de algodão riscado e algumas cargas de pólvora que lhe dei.

No dia imediato levantei campo logo de manhã, e duas horas depois, fui acampar 1 quilómetro a Oeste da povoação de Muzinda.

Antes de partir, mandei soltar, e por na outra margem, o meu prisioneiro branco, já impossibilitado de me fazer mal, porque, passando o Cuqueima, eu estava fora das terras do Bihé.

Mulheres Ganguelas Luimbas e Loenas.

Modo como cortam os Dentes incisivos

Vieram ao meu acampamento muitas mulheres da povoação de Muzinda, algumas das quais traziam a cara pintada de verde, sendo dois riscos transversais sobre a testa, de orelha a orelha, e outros dois, descendo desses, cruzando-se

entre os olhos, passando aos lados do nariz, ligados por um sobre o lábio superior.

Os penteados dessas Ganguelas são originalíssimos, e alguns, a certa distância, arremedam um chapéu de dama Europeia.

Todos os homens cortam em triângulo os dois incisivos da frente na maxila superior, formando uma abertura triangular com o vértice apoiado na gengiva. Esta operação é feita com uma faca em que vão batendo pequenas pancadas.

Deu-me um indígena uma cana sacarina de 2 metros e 30 cent. de comprido por 50 milímetros de diâmetro, afirmando-me que a produção daquela rica gramínea é abundante ali.

Saiu de Muzinda uma pequena comitiva que ia para além do Cuanza comprar cera a troco de peixe seco do Cuqueima.

Estes indígenas andam quase nus, tendo por único vestuário duas pequenas peles, que pendem de um estreito cinto de couro.

As mulheres, essas andam ainda um pouco menos cobertas!

O soveta de Muzinda veio visitar-me, e trouxe-me um boi, que eu retribui com presente igual ao que dei ao sova Iumbi do Gando.

A 9 de Junho, fui acampar na margem esquerda do rio Cuanza, a E.N.E. da povoação de Liuíca. Naquele ponto o Cuanza é mais modesto do que o Cuqueima, porque tem 50 metros de largo por 2 de fundo, com uma corrente de 15 metros por minuto.

O seu leito é de área branca e fina, e notável a transparência das suas águas.

O rio serpeia numa vasta planície de dois a três quilómetros de largo, que encosta de um e outro lado a pequena elevação de vertentes doces, cobertas do arvoredo.

Na planície vegetam gramíneas altíssimas, tão bastas que difícil é romper por entre elas.

O terreno da planície é mais ou menos pantanoso.

Como eu devia esperar ali 5 dias pelo cirurgião Chacaiombe, tinha, logo que cheguei, mandado construir um acampamento mais vasto do que aqueles que construía só para uma noite.

Veio ali visitar-me o sova de Quipembe, a quem obedecem os sovetas de entre Cuqueima e Cuanza, e que é ele mesmo tributário do sova do Bihé, a quem só obedece quando lhe faz conta; porque não teme os seus ataques, sendo-lhe fácil defender a linha do Cuqueima, e sendo a maior parte, senão todos, os barcos que navegam ali, das povoações Ganguelas.

Trouxe-me um carneiro de presente, desculpando-se de me não dar um boi, por ser a sua povoação muito distante.

Recebi também a visita do soveta de Liuíca, que me ofereceu um boi.

Este soveta, homem de boa feição, frequentou muito o meu campo durante a minha permanência na sua vizinhança.

Um dia que ele me tinha visto atirar ao alvo, e que admirava a justeza dos tiros, passou o seu grande rebanho bovino por ali.

Eu propus-lhe dar-me ele um boi, se o meu moleque Pépéca o matasse com um tiro.

Ele olhou para a criança e aceitou.

O Pépéca, sofrível atirador ensinado por mim, tomou a carabina, e fez fogo a um boi que ia mais separado dos outros, e que caiu fulminado. Ouve espanto geral da parte dos Ganguelas, e o soveta disse-me que mandasse tomar conta do boi, e lhe desse a pele, e um bocado de carne para ele comer, o que eu fiz logo.

Entre Cuqueima e Cuanza os Ganguelas, que são de diferente raça dos outros povos designados pelo mesmo nome, chamam-se Luimbas junto ao Cuqueima, e Loenas junto ao Cuanza.

No dia 12, aconteceu-me uma aventura extraordinária, que não posso deixar de narrar aqui.

Andava eu fora, quando alguns dos meus pretos vieram encontrar-me com um mulato, desconhecido para mim, que me disseram ser chefe de uma comitiva, que me vinha procurar, para me pedir licença de ir comigo até ás margens do rio Cuito, e deixa-lo acampar nos meus acampamentos, para segurança sua.

Consenti no pedido, ainda que não de bom grado.

Nessa noite, demorei-me a conversar com os meus pombeiros até tarde, e sentados à porta da minha barraca, discursávamos sobre as probabilidades que haveria de ser bem sucedido o meu cirurgião Chacaiombe na sua empresa, quando eu senti para uma parte do campo um tinido singular.

Era como o bater de martelo em safra. Tive curiosidade de saber o que era aquilo, e mandei lá o meu Augusto.

Voltou ele a dizer-me, que na parte do campo ocupada pelas barracas do pombeiro Biheno que me pedira agasalho, se acorrentava uma leva de escravos chegados nessa noite do Bihé.

Nas barracas dos meus tudo dormia, exceto três ou quatro pombeiros que estavam junto de mim.

Contive a cólera que me dominou por um momento, e mandei chamar o meu hóspede.

Ele compareceu logo, e veio sentar-se junto da fogueira em frente de mim.

Perguntei-lhe o que era aquele bater de ferro? Respondendo-me ele, que era a acorrentar umas cabecinhas

que levava para vender no sertão.

No meu acampamento! onde tremulava a bandeira Portuguesa, acorrentava-se uma leva de escravos!

Continuei a fazer um grande esforço para me conter, e disse ao pombeiro, que fosse soltar todos aqueles desgraçados e mos trouxesse livres.

Ele negou-se a faze-lo, e respondeu-me com uma gargalhada de riso alvar.

Perdi então a paciência, e a raiva contida a custo transbordou violenta.

Cego de furor, lancei-me por sobre a fogueira àquele boçal mulato, e já a minha faca o ia ferir de morte, quando vi, que algumas espingardas dos meus Quimbares lhe ameaçavam a cabeça, e por um desses reviramentos tão vulgares como rápidos no meu espírito, só pensei em salvar-lhe a vida.

Ao meu grito de raiva, e ao barulho da luta, tinha-se levantado toda a minha gente, e ameaçavam exterminar toda a comitiva Bihena.

Eu, que conheço a ferocidade dos negros logo que se sentem fortes, tremi pela vida dos inocentes que podiam ser imolados.

Era uma balburdia em que ninguém se entendia, e à exceção de 5 dos meus pombeiros que assistiram ao começo da cena, todos ignoravam o que era aquilo, e só proferiam palavras de morte.

Consegui dominar o tumulto e fazer-me ouvir.

Mandei o meu Augusto soltar os escravos, e traze-los à minha presença, assim como todas as correntes e prisões que encontrassem nas barracas onde eles estavam.

Mandei lançar ao rio Cuanza as prisões de ferro, reservando só aquelas com que prendi os pretos, guardas da leva.

Declarei aos escravos, que podiam ir-se, se quisessem, porque teria os seus guardas presos o tempo suficiente para os não poderem alcançar. Desapareceram todos, exceto uma pequena, que quis ficar comigo, por não saber onde ir; e só na ocasião de deixar o meu acampamento soltei e dei liberdade aos chefes e guardas daquele rebanho de escravos.

Passou-se o dia 13 sem haver notícias do meu cirurgião, e na noite desse dia distribui eu as cargas que pude distribuir, umas 87, separando ainda umas 12 que me custava a abandonar, e pondo em pilha aquelas que estavam irremediavelmente condenadas.

Declaro que é difícil tal escolha.

Creio que um dos piores problemas a resolver por um explorador, é escolher entre as cargas, indispensáveis todas, aquela que há de dispensar.

Se não é mais difícil, é pelo menos tanto como achar o modo de determinar uma boa longitude.

Ali abandonei tudo o que de comodidades eu tinha, toda a alimentação que para mim levava, e parte da que levava para a minha gente, e algumas cargas de missanga que os meus companheiros me tinham cedido, e que, comprada em Luanda, era de valor problemático nos sertões em que me ia internar.

Se no dia 14 de manhã não tivesse novas do Chacaiombe, as cargas condenadas seriam destruídas, queimando umas e lançando outras ao Cuanza.

Para que? me perguntaram os meus leitores.

Eu lhes respondo. O chefe de uma comitiva em marcha nos sertões da África, onde tiver de empregar carregadores, tem de inutilizar e tornar inaproveitáveis todos os objetos que for forçado a abandonar, e isto por duas razões, uma que diz respeito à sua própria gente, e outra ao gentio dos países que atravessa.

Se consentiu que os seus próprios carregadores aproveitem alguma coisa da carga abandonada, todos os dias terá carregadores doentes, que o obrigaram a abandonar cargas, para dali retirarem objetos em proveito próprio; organizando assim um industrioso roubo permanente.

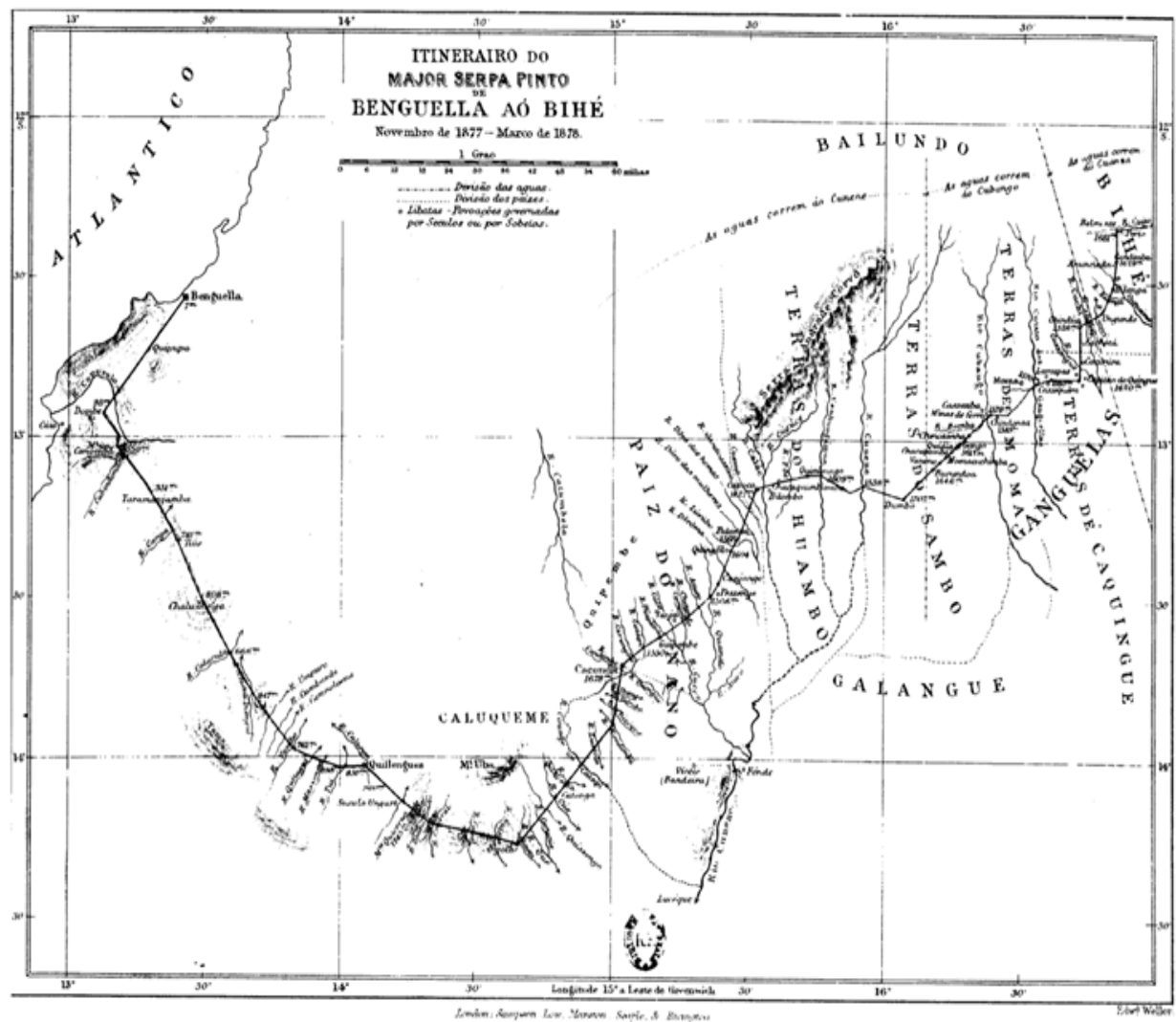
Por outro lado, sabendo o gentio da terra, que lhe deixam cargas por falta de carregadores, não deixará de ministrar ás comitivas futuras, na muita capata que lhe oferecem, um tóxico qualquer, que, se não matar, os torne doentes; obrigando assim o chefe a abandonar cargas no seu favor; o que não fazem, sabendo que nada aproveitam, porque tudo o que houver de ser abandonado é inutilizado.

Foi isto lição de Silva Porto, de que sempre fiz uso.

No dia 14 de manhã, não tendo notícia do Chacaiombe inutilizei 61 cargas!

CAPÍTULO 9

RÁPIDO GOLPE DE VISTA RETROSPETIVO

O Mapa junto mostra o meu caminho de Benguela ao Bihé.

Procurei designar nele tudo o que em viagem de exploração se pode colher de dados geográficos e topográficos.

Muitos dos pontos marcados são determinados astronomicamente, sendo os intermediários, achados grosseiramente pelos rumos da agulha e projeção das distâncias percorridas, distâncias avaliadas pelos pedómetros e pelo tempo gasto a percorre-las.

As posições do Benguela, Dombe, Quilengues, Ngola e Caconda, que empreguei na carta, são determinadas por Capelo e Ivens, e como eu apenas tinha os resultados dos cálculos, aí os designo tais como mos deu o Ivens, sem as observações iniciais. De Caconda ao rio Cuanza as posições astronomicamente determinadas por mim vão precedidas das observações iniciais.

Resultado das observações de Capello e Ivens, da Costa a Caconda.												
Nome dos Lugares.	Longitude E. de Greenwich			Latitude Sul.			Declinação da Agulha			Inclinação da Agulha.		Altitude em metros.
	°	'	"	°	'	"	°	'		°	'	
Benguella	13	25	20	12	34	17	23	30	O.	39	37	7
Dombe Grande	13	7	45	12	55	12	23	26		39	44	98
Quilengues	14	5	3	14	3	10	23	3		40	40	900
Ngola	14	39	1	14	16	46	---			---		1,410
Caconda	15	1	51	13	44	0	22	30		---		1,676

Tendo-me separado dos meus companheiros em Caconda, prossegui nos trabalhos que tínhamos começado, não podendo fazer observações de inclinómetro e força magnética, porque os únicos instrumentos que para isso levávamos ficaram em poder de Capelo.

Começarei a expor os meus trabalhos pela determinação das coordenadas geográficas de Caconda à margem esquerda do Cuanza, onde pára a minha narrativa no precedente capítulo.

No seguinte quadro procurei compendiar os necessários dados para se poderem verificar os resultados que designo.

Todas estas observações calculadas em África foram recalculadas em Londres pelo 1º tenente calculador da marinha inglesa, Selwyn Sugden.

[(*) NOTA: Optámos por não incluir os gráficos de Observações Astronómicas feios por Serpa Pinto por serem demasiado grandes para este E-book.]

É muito notável que a primeira longitude que determinei em Belmonte pelo cronómetro é muito próximo da verdadeira obtida pelo trânsito de Mercúrio. Esta longitude muito pouco difere também da obtida pelo eclipse do 1º Satélite de Júpiter a 23 de Abril.

Não inclui n'este quadro as inúmeras observações feitas para estudar as marchas dos cronómetros, que publicarei em separado um dia.

Nos estados dos cronómetros a grande diferença que se nota entre alguns provém do pertencerem a diferentes cronómetros.

Como se vê, o instrumento empregado por mim foi o sextante com o horizonte artificial de mercúrio, que outro não tinha, tendo ficado em poder dos meus companheiros o Abba, único teodolito universal que possuíamos.

Os meus sextantes eram: um de Casela, de Londres, contando 5"; e outro de Lorieux, de Paris, contando 30". As minhas bússolas azimutais eram fabricadas em Berlim, e tinham pertencido ao infeliz Barão de Barth.

Os meus cronómetros eram de Dent, de Londres, sendo dois de algibeira, e um, que, depois, de Benguela me enviaram ao Bihé, de marinha, também de Dent.

Este último era mau; mas os primeiros excelentes, sobre tudo o que eu designo com a letra S, nos cálculos.

A carta do país do Bihé, muito grosseira e incompleta decerto, foi levantada à bússola, nas minhas excursões venatórias; mas, ainda assim, possui a suficiente exatidão para se julgar do país, e prouvera a Deus que as cartas de pontos muito mais próximos da costa em que dominamos, estivessem tão próximas da verdade como ela.

Ponho ponto aqui nos detalhes das minhas cartas, para falar rapidamente do país que elas representam.

De Benguela ao Dombe, como se vê, costeei o mar, em terreno calcário, abundante de minérios diversos.

As águas faltam ali na estação seca, e apenas o vale do Dombe Grande tem a suficiente para ser enormemente produtivo. A vegetação, sem ser pobre, não tem, todavia, a opulência peculiar aos países intertropicais. Entre Benguela

e o Dombe apenas se encontra água potável num pequeno charco na Quipupa.

Entre Cubango e Cuanza

O país é abundante de caça, e encontra-se nele grande variedade de antílopes, sendo os mais vulgares o

Strepsiceros kudu, o Cefalofus mergens, o Cervicapra bohor, e o Oreas cana. Nas rochas de carbonato de cal que formam o sistema orográfico do Dombe Grande, abundam os hyrax, e na planície, entre as grandes e pomposas plantações de mandioca, vivem muitos hystrix, maiores um pouco do que os da Europa, e que causam ali grande estrago nas terras cultivadas. O vale do Dombe Grande é decerto a melhor porção de terreno da província de Angola. As suas condições de salubridade não são más, e o solo é de grande fertilidade. Um porto de mar, o Cúio, dista apenas alguns quilómetros do maior centro de produção.

As montanhas que enquadram o vale, são cheias de minério, e já tem estado em exploração, sempre em pequena escala, por falta de capitães. Há ali enxofre e cobre.

A população indígena é de boa índole e trabalhadora, tanto quanto o pode ser um preto abandonado a si mesmo.

Entre o Dombe e Quilengues o país é deserto. Pelo caminho que segui há falta de água, e a vegetação, pobre ao princípio, toma luxuriante esplendor ao passo que nos aproximamos de Quilengues.

Seguindo o curso do rio Coporolo não há falta de água, e ouvi dizer, que se encontra sempre uma vegetação rica. Contudo, o país mesmo por ali não é habitado.

Ao sair do Dombe o terreno eleva-se bruscamente a 550 metros, e um sistema de montanhas que corre N.S. forma pequenos vales que se vão elevando gradualmente até atingir 900 metros em Quilengues. No rio Canga começa o terreno granítico, e com ele uma vegetação mais pomposa. Todos os rios designados no Mapa até Quilengues são apenas torrentes na estação chuvosa, mas em muitos é possível encontrar água na estia, cavando poços nos seus leitos arenosos. O próprio Coporolo está sujeito a esta condição de pobreza.

Quilengues é um extenso e fértil vale, em condições iguais ao do Dombe; tendo por em quanto muito menos valor, por falta de comunicações com a costa.

A sua população é densa, e nas suas campinas pastam milhares de cabeças de gado vacum de excelente raça.

Os Quilengues são fortes e aguerridos, e nos ataques que dirigem contra os Mundombes são sempre vencedores; o

que os não impede de serem vencidos pelos povos do Nano, que descem ali a roubar gados e gente.

Estes povos de Quilengues, como os do Dombe, são avassalados a El-Rei de Portugal, mas não são tão submissos como os Mundombes.

Tem decerto um futuro o país de Quilengues, quando fáceis comunicações o ligarem à costa, à Huila e a Caconda, e quando for administrado como o deve ser.

De Quilengues a Caconda o caminho é por Caluqueime, país muito povoado; mas eu segui outro, por motivos que cito na minha narrativa.

Ao sair de Quilengues para o S.E. encontra-se a alta serra de Quilengues, que se eleva rapidamente a 1750 metros, e que eu passei na parte chamada Monte Quissécua.

Ali começa o grande planalto da África Austral, e dali ao Bihé a planície enorme conserva aquela altitude, tendo apenas ligeiras depressões nos leitos dos rios, e um ou outro pequeno sistema de montanhas isoladas.

Deste planalto já correm rios permanentes, sendo o primeiro que encontrei nestas condições afluente do

Cunene.

A vegetação arbórea no planalto não é já tão forte como em Quilengues, mas a herbácea é mais rica, se é possível sê-lo.

O terreno continua granítico, e começa a aparecer nele maior abundancia de termites. As únicas povoações que se encontram no caminho que segui são Ngola e Catonga, de que já falei detidamente.

Em Caconda o país é um pouco mais acidentado, devendo ser não menos rico e produtivo do que o de Quilengues.

É cortado de rios permanentes, que o regam em todas as direções, afluindo ao Catapi, afluente do Cunene.

A febre miasmática é endémica em Caconda, como em Quilengues e como na costa; mas apresenta ali um caracter mais benigno, e raras vezes faz vítimas.

Eu julgo Quilengues nas mesmas condições de salubridade de Caconda.

As condições climatológicas do país de Caconda é que já diferem essencialmente das da costa, e mesmo das de Quilengues.

Apenas 13° e 44 distante do Equador, o clima, que deveria ser ardente, é temperado pela altitude enorme a que se encontra; mas está por isso mesmo sujeito ás bruscas mudanças que se dão entre o dia e a noite em todo o planalto. Há ali uma luta constante entre a altitude e a latitude, sendo que esta impera de dia quando um sol a prumo dardeja raios de fogo, e aquela de noite quando uma altura de 1700 metros nos faz viver numa atmosfera tão rarefeita.

Lembra-me aqui que o Anchieta me dizia, que se viveria otimamente em Caconda, se uma máquina em contacto com um termómetro, nos fosse deitando cobertores na cama à medida que o termómetro descesse, durante o sono.

Esta grande desigualdade de temperatura entre o dia o a noite dá-se quando o sol tem declinação Norte, porque durante o tempo em que ele anda ao sul do Equador é ela muito menor.

Sempre ouvi dizer, que em Caconda produzem as frutas da Europa, mas infelizmente não o sei de ciência própria, que nenhumas ali encontrei; todavia, creio que se puderam ali aclimatar. A batata é muito boa e produz muito, não só ali

como em todo o planalto; mas é tão difícil o seu transporte para Benguela, que a batata que se consome ali vai de Lisboa.

Há muito boa hortaliça e legumes da Europa, que se dão bem em todo o planalto.

Perto da fortaleza, a população é rara, mas a uma certa distância está condensada; sendo governada por chefes independentes.

De Caconda ao Bihé o país é muito populoso, e, se menos pastores do que os povos até Caconda, são um pouco mais agricultores.

Nos países do Nano, Huambo, Sambo e Moma, os povos são mais bruscos, mais aguerridos e independentes.

Os terrenos, como se vê no mapa, são cortados de rios que dividem as suas águas para três grandes artérias, o Cunene, o Cubango e o Cuanza.

Ao N. das terras do Sambo, o planalto forma um enorme descampado, a que chamam no país a Enhana de Ambamba, terreno alagadiço onde nascem cinco rios importantes, dois dos quais vão ao Norte e três ao Sul.

Dos que vão ao Norte, um é o Québe, que vai entrar no mar por 10° 50 de Latitude S., junto ás Três Pontas, entre Novo Redondo e Benguela Velha.

Este rio na parte inferior do seu curso toma o nome de Cuvo. O outro é o Cutato das Mongoias, que corre ao N. a afluir ao Cuanza.

Os três que correm ao S. são o Cunene, o Cubango e o Cutato dos Ganguelas, que se une ao Cubango.

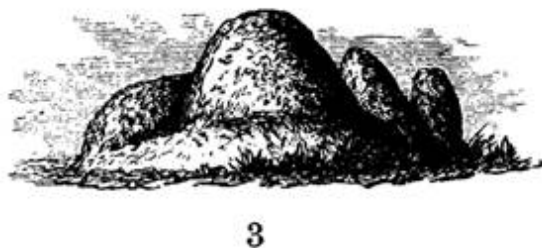
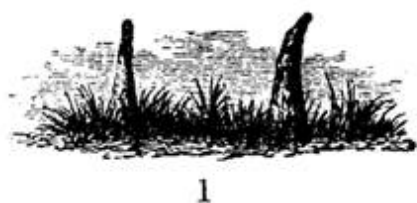
O maior sistema de montanhas que encontrei é uma serra que corre de N.E. a S.O. ao N. do país do Huambo, em cujas vertentes nascem o Caláe e o Cuçúce, que se unem para afluir ao Cunene.

Uma grosseira observação do aneroide indicou-me o seu cume a mais de 2500 metros acima do nível do mar.

Fazendo exceção à minha regra de não batizar em África rios ou montes, dei a esta serra o nome de Andrade Corvo, por ser designada no país apenas por serra do Huambo.

Não encontrei entre os indígenas vestígios de ter o país outro minério além do ferro, o que não quer dizer que o não haja.

O terreno é ainda granítico, e o solo pode dizer-se que em muitos pontos é de formação animal, pois que é construído pelas termites.

Além da disposição especial que encontrei no terreno termítico das margens do Cutato dos Ganguelas, encontram-se 4 diferentes construções termíticas, que suponho pertencerem a 4 diferentes espécies.

Montes termíticos, dos terrenos entre a costa e o Bihé

O nº 1 e nº 2 tem altura entre 2 e 3 decímetros, o nº 3 e nº 4 entre 1 e 2 metros

Há abundancia de caça, sobre tudo nas faldas da serra de Andrade Corvo, entre o Caláe e o Cuçúce, que nunca vi tanta em África, a não ser no Zambeze.

Alem dos antílopes que já citei falando do Dombe, abundam ali o Hipotragus equinus, o Catoblepas taurina, e o Bubalus Cafer.

As florestas são em grande parte formadas de Leguminosas, sobressaindo um sem-número de espécies da Acácia.

Há muito poucas plantas trepadeiras.

Passamos a linha divisória das águas entre o Cubango e o Cuanza, e entramos no país do Bihé, decerto o mais importante do Sudoeste de África.

O país do Bihé, de cujos povos falo detidamente no capítulo anterior, é cortado por dois rios importantes, ainda que inavegáveis, o Cuqueima e o Cuito. Inúmeros riachos sulcam em todas as direções o terreno, e vão afluir àquelas artérias principais.

O clima é igual ao de Caconda, e subsistem ali as mesmas condições atmosféricas.

O terreno é granítico e de uma admirável força produtiva. As pastagens são ótimas para todos os gados. É pobre de caça; mas, em compensação, é desinfestado de feras.

Não creio muito que seja rico em produtos mineralógicos, porque a sua densa população não tem encontrado vestígios de minérios ricos, e eu tenho visto em África, que os primeiros a encontrarem o ouro, o cobre, o chumbo e o ferro são os indígenas.

No Bihé o que é verdadeiramente rico é o terreno, e não sei de país Africano que mais pudesse prosperar pela agricultura e comercio.

A raça Europeia vive ali muito bem, e o produto do cruzamento dela com as raças do país é fisicamente admirável.

Durante a minha permanência em Belmonte, fiz um estudo detido das condições climatológicas, e sobre tudo no primeiro mês, em que o pertinaz reumatismo, contraído em viagem, me impediu de sair, observei regularmente o barómetro e o termómetro de 3 em 3 horas durante o dia.

Adiante apresento um quadro dessas observações, durante trinta dias, fazendo notar, que a igualdade de temperatura que se nota durante o dia é devida à estação do ano em que foram feitas as observações, estação que corresponde ao nosso outono.

As chuvas tem duas épocas, com uma interrupção de estiagem que se dá em Dezembro e Janeiro. As primeiras chuvas caem em meado de Outubro, e duram até princípio de Dezembro, sendo mais moderadas do que as segundas que caem do fim de Janeiro ao princípio de Março.

Os ventos reinantes são dos quadrantes de leste, sendo muitas vezes persistente o vento leste bastante forte; isto na estiagem, porque na estação chuvosa as maiores tormentas que observei vinham do oés-sudoeste, e dos quadrantes do sul. As chuvas vêm sempre, sobre tudo as de Fevereiro, envoltas com meteoros elétricos, e caem no meio de terríveis trovoadas.

O seguinte quadro apresenta as minhas observações desde o dia 25 de Março ao dia 23 de Abril de 1878.

[(*) NOTA: Optámos por não incluir os gráficos de Observações Climatéricas feios por Serpa Pinto por com o barómetro por serem demasiado grandes para este E-book.]

Por esta serie de observações se vê quão ameno é o clima do Bihé nesta época do ano.

Um boletim meteorológico feito a 0h. 43m. de Greenwich, ou 1h. 50m. do lugar, completa o estudo atmosférico deste país naquela época.

Este boletim de que agora dou conta em trinta dias, foi continuado durante toda a viagem, tendo apenas as interrupções provenientes de doenças ou de estorvos ocasionais.

O terreno de Belmonte para Leste desce um pouco até ao Cuqueima, na parte em que este rio corre de S. ao N. Na margem direita do Cuqueima eleva-se um pouco para descer ao vale do Cuanza.

Na parte leste do país reaparece a vegetação arbórea mais rica, e há pequenas mas densas florestas.

Em todo o vasto território compreendido entre o Bihé e Benguela, não existe o zé-ze, esse flagelo de muitos pontos da África Austral, que, matando o cavalo e o boi, priva o homem de dois dos seus maiores auxiliares na vida prática.

Uma espécie de epizotia, que no país chamam cahonha, ataca o gado bovino e lanígero; não fazendo ainda assim os estragos que na Europa e outras partes de África produz a epizotia.

Não existe ali a moléstia que mata tantos cavalos no Transval e no Calaári, a que os ingleses chamam Horse-sickness. Em toda a parte o gado suíno prospera e desenvolve-se como na Europa, sendo fácil a conservação da carne, o que já não acontece perto da costa.

O país até ao Cuanza, e ainda para além, tem grande carência de sal, sendo todo o que ali se gasta proveniente da costa.

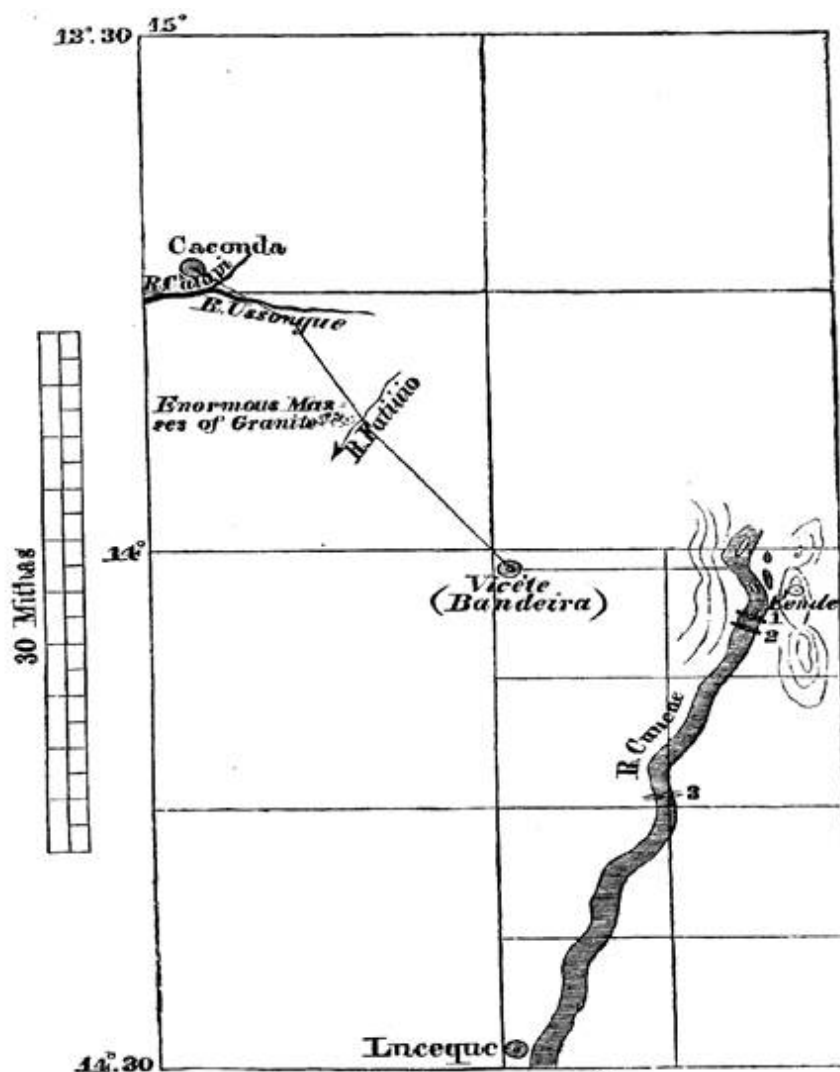
Não há minas de sal gema, e as águas, mesmo as das lagoas, são potáveis.

Neste sucinto resumo, procurei compendiar o resultado das minhas observações, dando uma notícia geral do país, e

terminarei com um curto juízo meu acerca dele.

Colocado num a posição geográfica muito diferente da do Transval, o país compreendido entre a costa e o Bihé, aproxima-se dele pelo clima, e possui um solo mais fértil. A comparação entre a mesma planta vegetando nos dois países indica isso.

Tem uma população indígena muito mais condensada do que a do Transval e muito mais agricultora. Não é menos abundante em boas pastagens, e é mais rico em florestas.

O Transval possui uma grande riqueza mineralógica, que escasseia ali; mas eu creio que estará reservado a este país um futuro mais próspero do que àquele, porque o Transval está isolado do resto de África pelos desertos áridos e pela mosca zé-ze, em quanto estes terrenos estão em fácil comunicação com um interior quiçá mais rico.

Viagem ao Cunene

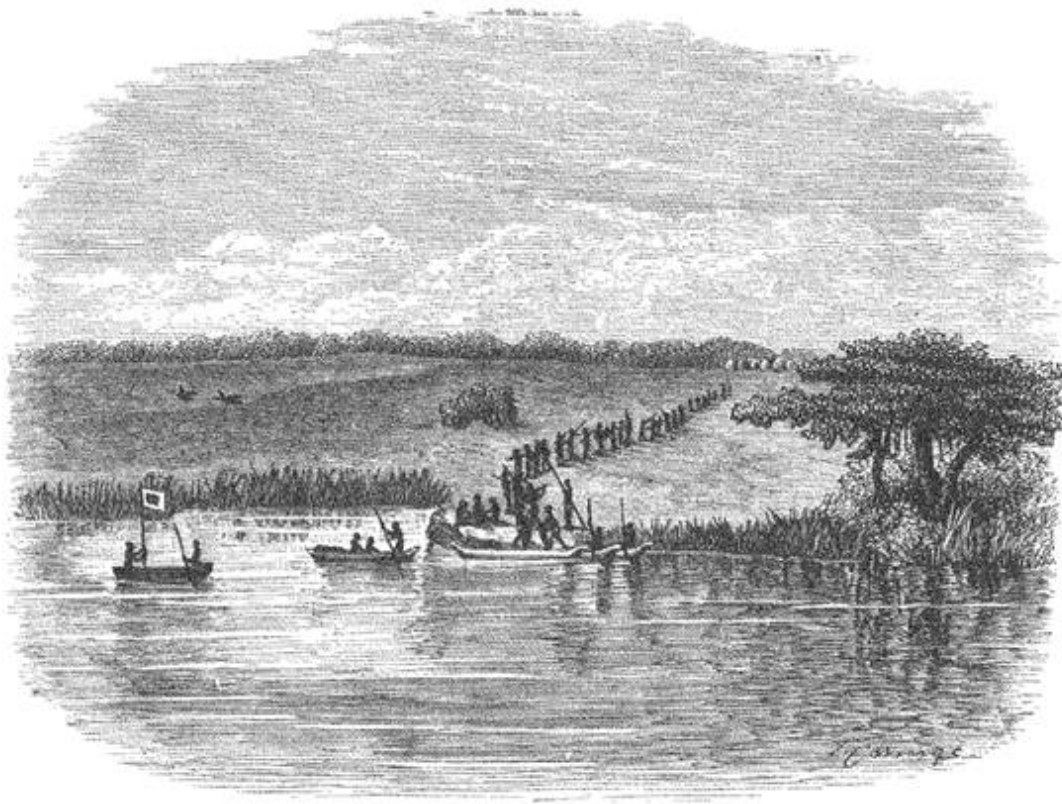
1. Rápido da Libata Grande.

2. Rápido de Canhacuto.

3. Rápido de Quiverequete.

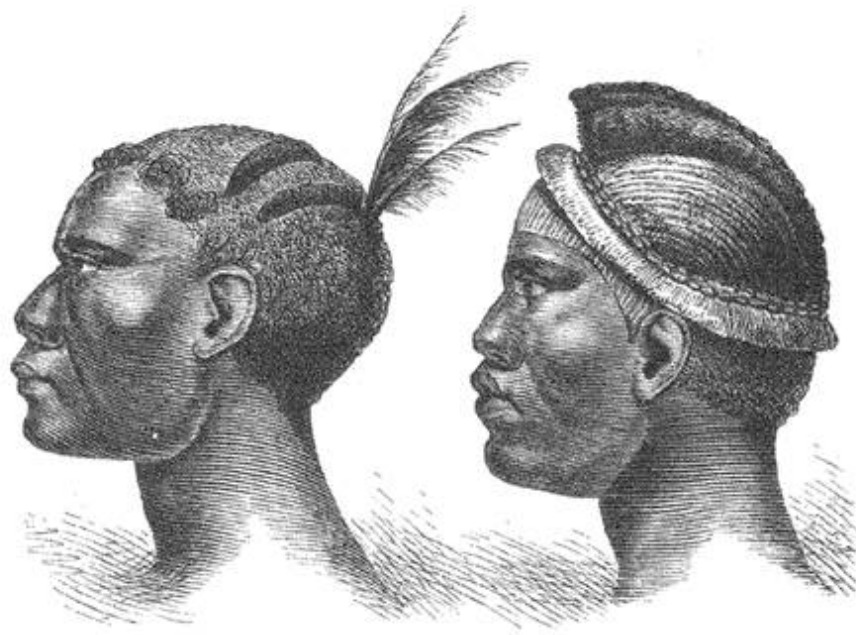
CAPÍTULO 10

ENTRE OS GANGUELAS

No dia 14 de Junho, como eu tinha decidido, levantei campo, e ás 10 horas comecei a passagem do Cuanza, que durou duas horas.

Passagem do Cuanza

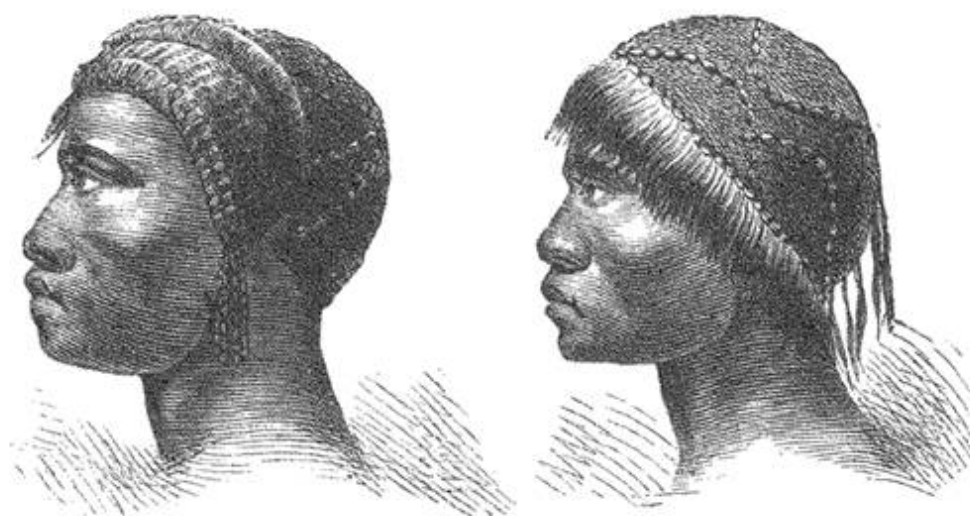
Prestou-me valiosos serviços o meu barco de cautchuc da casa Macintosh de Londres; mas ainda assim, o sova de Liuíca emprestou-me quatro canoas, que muito me auxiliaram.

Não houve o menor acidente durante a passagem, e ao meio dia seguia a leste internando-me no país dos Quimbandes. Tendo passado junto das povoações de Muzeu e Caiáio, fui acampar pelas 2 horas a E.S.E. da povoação de Mavanda, junto da nascente do riacho Mutango, que corre a N.O. para o Cuanza. As povoações ali não são já tão solidamente fortificadas como as de além Cuanza. Os Quimbandes formam uma confederação, sendo o país dividido em pequenos estados, que se unem sempre para proteção mútua. Todas as numerosas povoações em torno do meu campo obedecem ao sova Mavanda, que é tributário do sova do Cuio ou Mucuzo, na mesma margem do Cuanza um pouco ao N. A coisa que primeiro me ferio a atenção entre os Quimbandes, foi o penteado das mulheres, que são as mais extraordinárias que tenho visto. Algumas entrançam o

cabelo de forma que, depois de ornado com buzio (caurim), assemelha um chapéu de dama Europeia.

Homem e Mulher Quimbande

Outras dão-lhe tal forma, que parecem trazer na cabeça um capacete Romano.

O buzio (caurim) é distribuído ou acumulado com profusão nas cabeças feminis, e o coral branco ou encarnado aparece ainda, mas muito mais raramente, do que entre os povos de Oeste-Cuanza.

O cabelo, nestes penteados estupendos, é fixo com um cosmético nauseabundo, massa formada de tacula em pó e óleo de rícino, que lhe dá uma cor avermelhada. O óleo de rícino é preparado em grande quantidade entre estes povos. Depois de extraírem as sementes do Ricinus comunis, dão-lhe uma ligeira torrefação e reduzem-nas a pó. Este pó conservado por muitas horas em água ebuliente, fornece o óleo, que a frio é separado grosseiramente da água, e guardado em cabaças pequenas.

Raparigas Quimbandes

Estes povos não o empregam como purgante. Notei logo, que o tipo feminino entre os Quimbandes se aproxima um pouco do tipo caucásio, e vi algumas mulheres que se poderiam chamar bonitas se não fossem pretas.

Logo que cheguei, mandei um pequeno presente ao sova Mavanda, que me agradeceu muito, mandando contudo pedir-me uma camisa.

Igual pedido me tem sido já feito por outros, o que mostra a tendência que tem para se vestirem.

Os homens Quimbandes cobrem a sua nudez com duas peles de pequenos antílopes que caem adiante e atrás de um largo cinto de couro de boi. Só os sovas usam peles de leopardo. As mulheres andam quase nuas, e algum farrapo de pano, ou de liconte, substitui a folha de vinha clássica.

No dia seguinte logo de manhã, vieram uns portadores do sova dar-me parte, de que a gente que eu esperava chegara de noite à outra margem do Cuanza, onde estavam acampados.

Não dei o menor crédito à notícia, porque, já conhecedor das manhas do gentio, sabia que eles tem costume de

indagar o que mais desejamos, para nos virem burlar com uma notícia agradável e pedir alvíssaras. Contudo, disse ao indígena que me certificou tê-los visto, que fosse a eles, e pedisse ao Doutor Chacaiombe, que me mandasse um sinal seu para ficar certo de que vinha a caminho.

Ainda de manhã, o sova Mavanda mandou-me uns enviados dizendo, que saía naquele dia a combater uma povoação vizinha onde um seu súbdito se revoltara contra o seu poder, e ao mesmo tempo pedindo-me que o auxiliasse naquela campanha. Recusei dar-lhe auxílio, mas procurei faze-lo de modo a não me indispor com o sova, o que consegui com boas razões.

Seria meio-dia, quando passou junto ao meu campo o exército de Mavanda.

Á frente ia, em pau muito alto, uma bandeira tricolor como a Francesa, mas com as cores invertidas. Depois seguiam-se dois homens levando a pau e corda uma enorme caixa de pólvora, provavelmente vazia. Seguia-se o sova rodeado dos seus grandes, e após este estado maior o exército a 1 de fundo. Seriam uns 600 homens armados de arcos e frechas, levando ao todo 8 espingardas. Alguns passos à frente da

bandeira, dois pretos tocavam os tambores de guerra, fazendo um barulho infernal.

Ao anoutecer voltou o exército sem ter combatido; porque o inimigo rendeu-se à discrição.

Logo que passaram o meu campo, começaram a fazer exercício, simulando um ataque à povoação do régulo.

Estenderam em linha de atiradores, tomando a bandeira o centro da linha, e sempre atrás dela a caixa da pólvora e o sova.

Esta grande linha singela, porque cada homem estava isolado, começou a envolver a povoação, já avançando, já recuando, sempre em acelerado.

A uma voz do sova, precipitaram-se sobre a povoação, dando saltos enormes, e fazendo toda a espécie de momices que usam para aterrar os adversários, com uma grita infernal.

Quando eu pensava que eles iam direitos a suas casas atacar o jantar, vejo que voltavam à posição que tinham antes do ataque, e que reunidos à voz do chefe, entravam na povoação na mesma ordem de marcha em que tinham saído.

Á noite voltou o Quimbande a dizer-me, que esteve com o meu doutor, mas que ele não lhe quisera dar sinal algum para mim. Vi que se verificavam as minhas previsões, e que era tudo falso.

O meu acampamento dava-me sérios receios, porque, coberto de erva seca, podia incendiar-se de um momento a outro, e os meus pretos, transidos de frio, não calculavam o perigo, e alimentavam dentro das barracas fogueiras enormes.

Desde o rio Cuqueima até Mavanda, e ainda mais além, produz vigorosamente a cana de assucar e o algodoeiro. Os Quimbandes cultivam o algodão, que fiam para fazer linhas onde enfiar o buzio e a missanga.

No dia seguinte, continuaram a asseverar-me, que os carregadores estavam na margem do Cuanza, e não podiam passar o rio por não lhes emprestarem as canoas as indígenas dali.

Decidi-me a mandar lá o Augusto, acompanhado de um guia Quimbande.

Pelas 11 horas, chegou um enviado do sova, a participar-me que este viria visitar-me.

Pouco depois chegava Mavanda, rodeado da sua corte, e se ficou espantado a olhar para mim; eu não fiquei menos a olhar para ele, porque era o maior homem que tenho visto na minha vida. A uma altura enorme reunia uma grossura e gordura verdadeiramente fenomenal. Cobria a cintura com um pano usado, sobre o qual caiam três peles de leopardo.

Muitos amuletos lhe pendiam de um colar de missangas.

Se Mavanda é grande, possui coisas grandes também, porque me trazia de presente o maior boi que vi em África.

Depois dos extensos comprimentos do costume, ele disse-me ex-abrupto, que me vinha pedir um favor, e era o de lhe fazer um curativo ao rebanho de gado bovino, que costumava ir pastar muito longe, pernoitando ás vezes fora do curral, e sendo, nas florestas em que se acoutava, atacado por feras que lhe causavam grande dano.

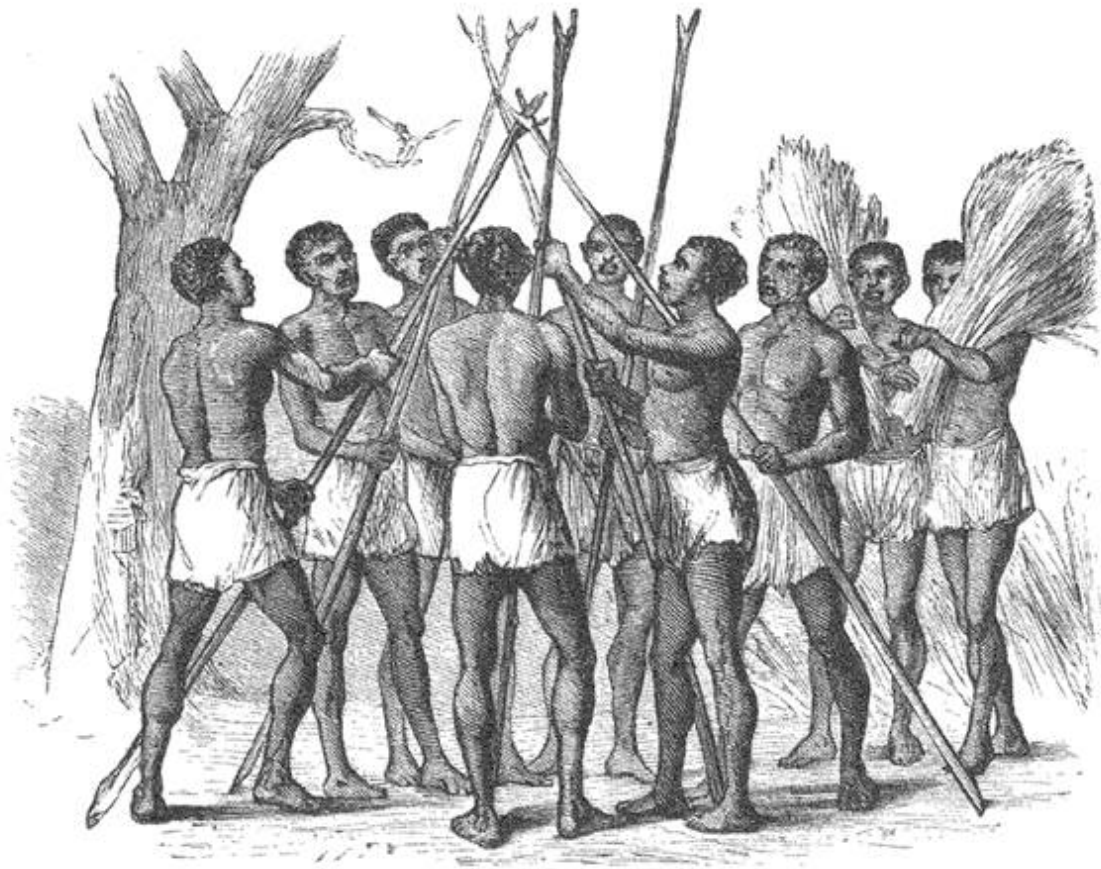
Dei-lhe imediatamente o remedio com um conselho, e foi ele, o de ter um pastor; porque, se o gado entregue a si mesmo ia longe, se fosse guiado ás pastagens iria onde o

pastor o conduzisse. Ele não achou mau o conselho, e disse-me, que apesar de ser contra os usos do país o fazer vigiar o gado, daria um pastor ao seu, para evitar as contínuas perdas.

Mostrei-lhe o realejo, as armas, etc., atirei diante dele, e vi-o com prazer caminhar de espanto em espanto. Pela tarde retirou-se muito satisfeito, e nos melhores termos de amizade.

Logo que se retirou o sova, chegaram uns enviados do sova Capoco com uma carta para mim. Dava-me notícia do Chacaiombe, e dizia-me, que me mandava os carregadores, pedindo-me para eu consentir, que fosse comigo uma comitiva sua, que desejava enviar aos sertões do Zambeze a fazer negócio.

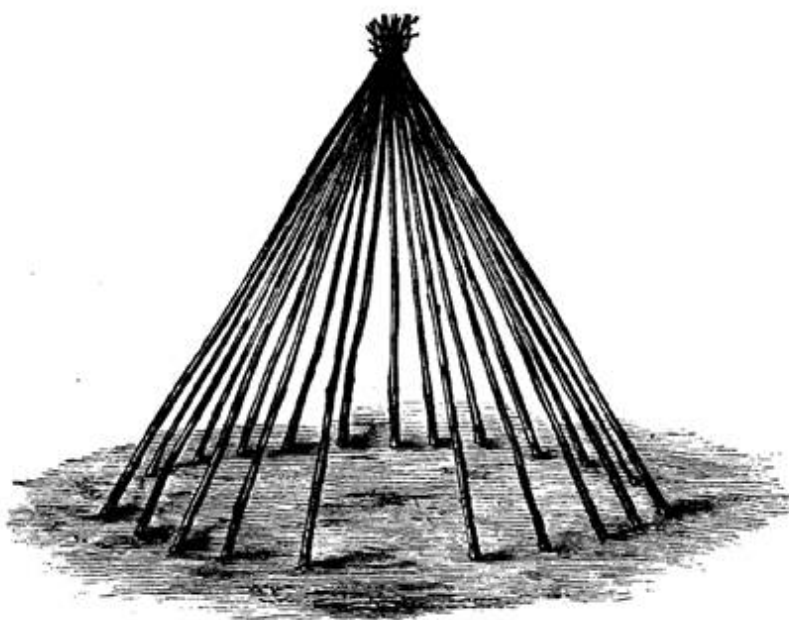
Em vista da carta, decidi demorar-me ali uns 6 dias a esperar os carregadores, não contando muito, ainda assim, que eles viessem, e nesse sentido respondi ao sova Capoco.

Em vista daquela deliberação, ordenei a reconstrução do acampamento para o dia seguinte, mandando cobrir todas as barracas de ramos verdes, com receio de um incendio.

Os Bihenos construindo as Barracas nos Acampamentos

No dia seguinte, houve grande atividade na reconstrução do campo, que estava pronto ao meio-dia, apresentando um bonito aspeto.

O campo era formado de barracas cónicas, de troncos de árvore, medindo três metros de diâmetro na base, por dois e

meio de alto.

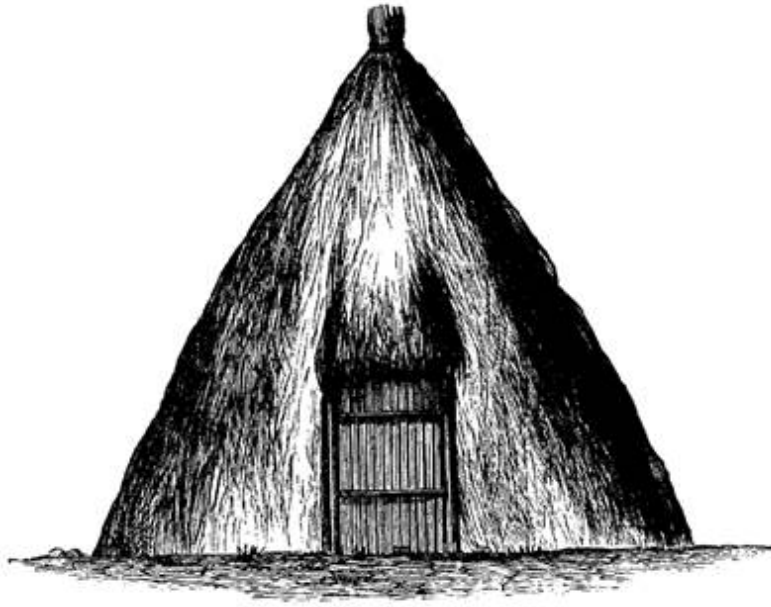
A minha barraca, feita pelos Bihenos com mais esmero do que as outras, media cinco metros de diâmetro na base, por três e meio de alto.

Esqueleto da Barraca

O acampamento era formado por uma linha circular de barracas, ligadas por uma fileira de abatises de árvores espinhosas.

A minha barraca ocupava o centro, e em frente dela as cargas estavam em pilha. A minha gente de serviço estabeleceu o seu campo em torno de mim, ao alcance da voz.

Tinha finalizado o trabalho do campo, quando me vieram avisar de que uns enviados do sova do Gando me procuravam. Mandei-os vir à minha presença, e conheci num deles um dos grandes do sova, que tinha visto junto dele no Gando. Traziam-me uma carta, e uma encomenda, que não sei que soveta lhe tinha enviado para mim.

Abri a carta, e vi ser ela do meu amigo Galvão da Catumbela, que me enviava um presente, que tinha dirigido ao Bihé, julgando que eu estivesse ainda ali. A boa harmonia que eu tinha guardado com as povoações por onde passei, fez com que aquela carta e o presente chegassem até mim vindo de mão em mão.

Abri a caixa, e encontrei uma porção de passas de Málaga, que vieram a propósito adoçar um pouco a monotonia da minha já bem pobre alimentação.

Barraca concluída num a hora

Na carta dava-me ele algumas notícias da Europa, as últimas que tive até chegar a Pretoria. Pensei nisso então; e, quão profunda não foi a minha tristeza ao lembrar-me de quanto tempo teria de ficar sem notícias dos meus, notícias que já me faltavam havia tanto!

Deitei-me debaixo de uma triste impressão de saudade. Ao alvorecer, vieram avisar-me, de que uma pequena comitiva, capitaneada por um preto, levando cera, se dirigia ao Bihé. Mandei chamar o chefe, e pedi-lhe que me levasse uma carta, que entregaria a alguém no Bihé, pedindo-lhe que a

fizesse chegar a Benguela. Ele acedeu, dizendo-me logo, que não se podia demorar, porque queria ir dormir junto ao Cuqueima.

Tinha pouco tempo; a quem escrever? Não podia perder este portador do acaso para dizer aos meus: Ainda sou vivo.

Peguei na pena, e escrevi algumas linhas ao Doutor Bocage. Na carta inclui dois pequenos bilhetes, um para a minha mulher, outro para Luciano Cordeiro.

O chefe da pequena caravana, já impaciente, recebeu a carta e partiu.

Hoje sei que aquela carta chegou à Europa, e foi recebida pelo seu destinatário. Como ela foi do Bihé a Benguela não sei.

Era essa proteção que tinha levantado em volta de mim Silva Porto, que ainda se fazia sentir.

O sova Mavanda passou o dia comigo, e conversámos muito. Eu dei-lhe alguns pequenos objetos, e entre eles uma caixa de fósforos, com que ficou maravilhado.

Na ocasião de retirar-se, disse ele aos seus macotas estas palavras, que me impressionaram pela figura empregada.

"Não vedes de longe um pássaro que voa muito alto, e vai pousar em árvore distante, e dizeis é uma rola; depois caminhais e abeirais-vos dele, e ficais admirados do tamanho; era uma águia. Assim foi o Manjóro (nome que me davam); passou ao largo da povoação, e nós dissemos é a rola; agora vivemos com ele e conhecemo-lo, e dizemos, é a águia." Nos passeios que dei nas cercanias, perseguindo os antílopes, que são escassos, levantei a carta do país, ou antes, pude concluir a carta do país compreendido entre o Cuqueima e Cuanza.

O sova Mavanda mandou-me dizer, que o maior pedido que me podia dirigir era, o de lhe eu dar um par de calças. Resolvi logo fazer-lhe a vontade, e chamei o velho António.

Arvorei-o em Alfaiate, coisa que muito o surpreendeu, e enviei-o a tomar medida ás calças do sova. Talhei depois as calças, que foram cosidas pelo velho António, e levaram 5 jardas de algodão largo!! Este rei é um verdadeiro hipopótamo, mas muito boa pessoa.

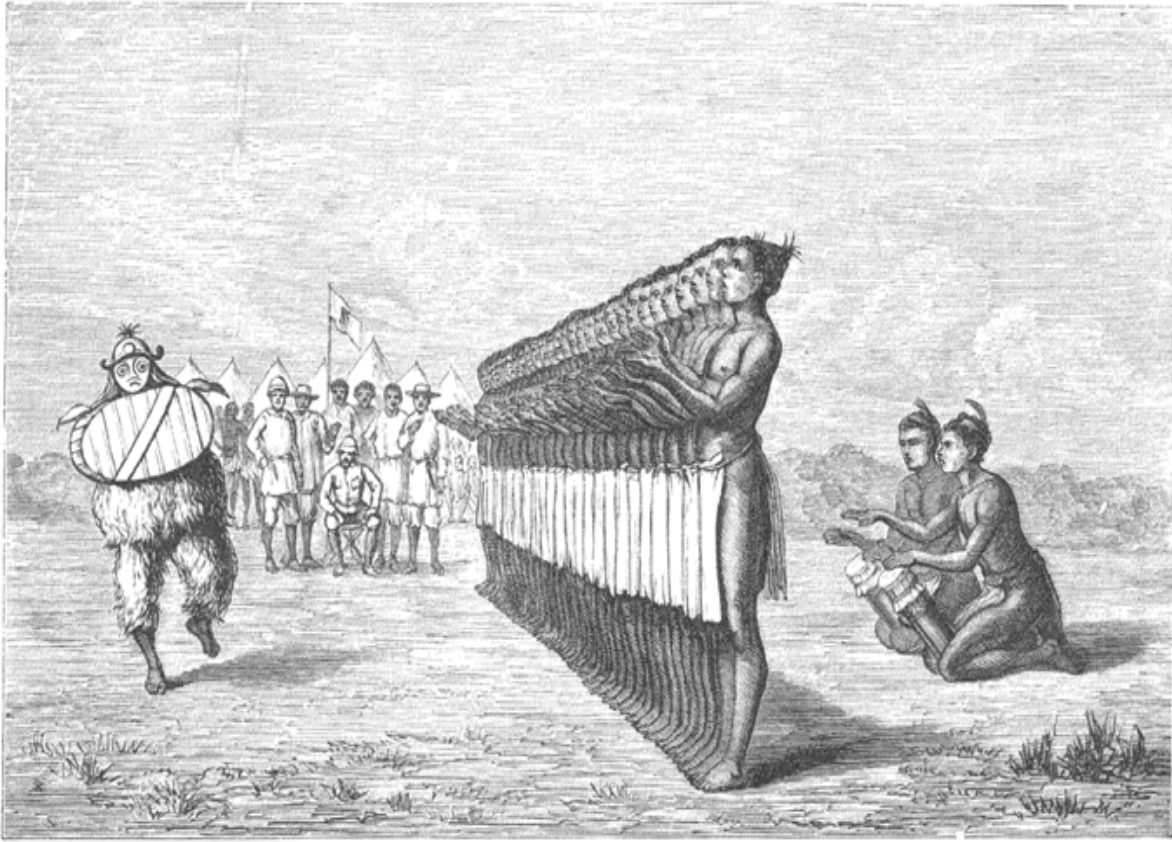
No dia 20 de manhã, veio um enviado do sova dizer-me, que, por ser então a época em que festejam uma espécie de carnaval, o sova, para me fazer honra, viria ao meu campo mascarado, e dançaria diante de mim.

Ganguelas à Quimbandes

Pelas 8 horas, chegaram os batuques, e juntou-se grande concurso de povo.

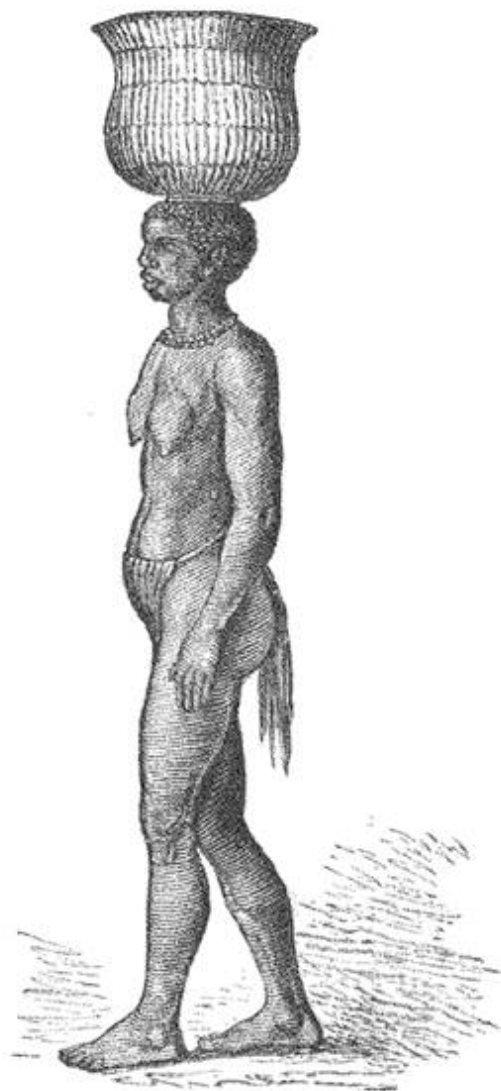
Meia hora depois, apareceu o sova, com a cabeça metida num a cabaça, pintada de branco e preto, e o enorme corpo aumentado por uma armação de varas coberta de aliconde, igualmente pintado de preto e branco.

Um saio de clinas e caudas de animais, completavam o trajo.

Logo que ele chegou, os homens formaram em linha, com os batuques a traz, e as mulheres e rapazes desviaram-se para longe. Começaram os batuques, e os homens imoveis do corpo, cantando as suas monótonas toadas e batendo as palmas.

O sova Mavanda vem dançar mascarado ao meu campo

O sova foi colocar-se a uns trinta passos em frente da linha, e começou uma brutesca dança, em que parecia fera enraivecida; conquistando os maiores aplausos da sua e da minha gente. Meia hora depois, correu, e foi sumir-se na sua povoação, sendo seguido pelos seus. Pouco tempo mais tarde, voltou ao meu campo, já sem o seu trajo feroz, e

andou comigo até à noite. Decididamente eu tinha-lhe caído em graça.

Tinha aproveitado todo o tempo que podia tirar aos meus trabalhos, dando melhor arrumação ás cargas, tendente a diminuir o número delas. A fazenda que tinha era já quase nenhuma, e toda a minha riqueza monetária consistia num saco de buzio e na missanga comprada ao José Alves; mas o gasto, para sustentar a minha gente, era grande, e eu via com horror a diminuição do meu pequeno haver. No país a caça era pouca e miúda, pois apenas se encontravam algumas gazelas (Cervicapra bohor).

Mulher Quimbande carregada

Quantas vezes a pobre rima pouco volumosa das fazendas e missangas me não despertava uma atroz angústia!

Quantas vezes uma dor pungente me não cerrava o coração, fazendo-me antever um futuro bem sombrio!

Quantas vezes ficavam sem resposta as caricias da minha cabrinha Cora, e os cantares folgazões do meu meigo papagaio, que voava para o meu ombro pedindo-me uma meiguice!

Quantas vezes uma fé sem limites me invadia o coração, e o desalento era banido do meu ânimo!

A razão queria lutar contra esses raios de infundada esperança que me alegravam o espírito; mas essa esperança era tão tenaz que procurava argumentos e sofismas para combater a razão.

Sam momentos indescritíveis, essas lutas do espírito, estando o homem isolado, sendo ele mesmo o pro e o contra das suas ideias, sem um amigo, ou um inimigo, que lhe adule um pensamento ou lhe combata outro.

Fui jovem e tive amores, e com eles as penas dos amores; fui pai, e vi morrer-me nos braços uma filha que adorava; mas confesso que nunca senti na alma tão profunda tristeza, tão cruel melancolia, como a que por vezes, em dias aziagos, experimentei em África.

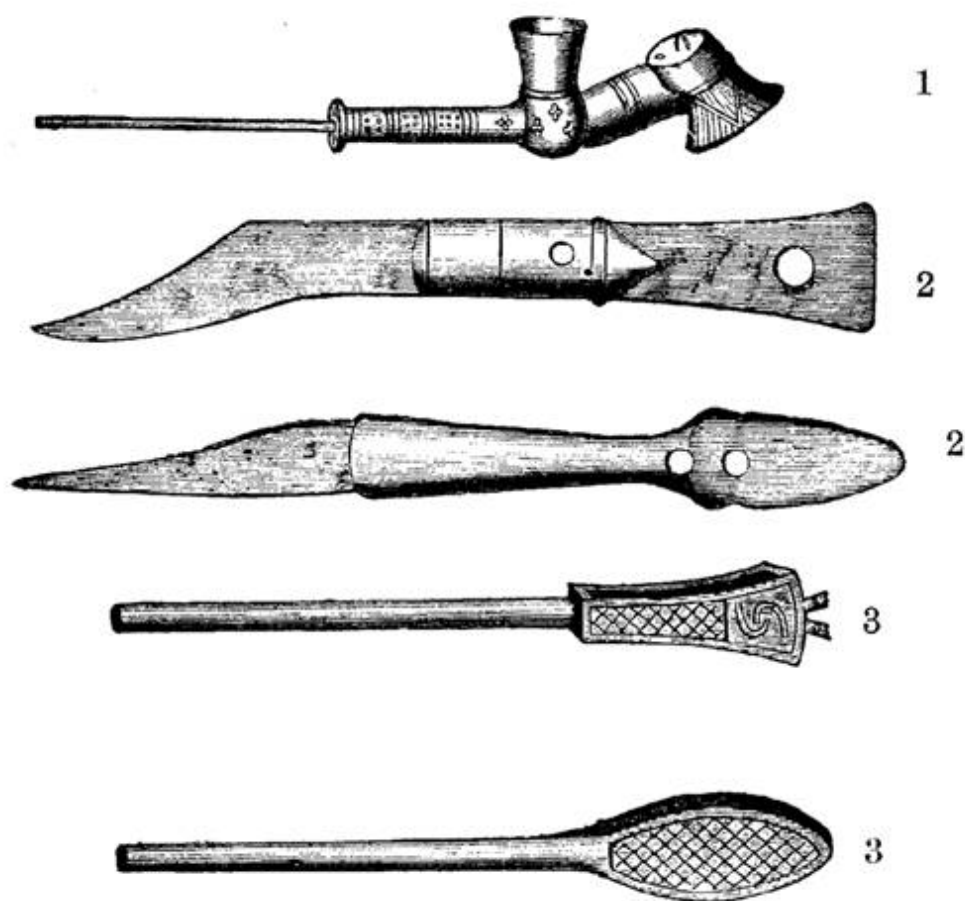
Só! sozinho, no meio de uma multidão ignara, e estridente, cuja língua e falares não compreendia, tinha momentos horríveis, que se traduziam logo em febre e doença!

Não conto como sofrimento as fomes, as doenças, a miséria. Não! que homem é e deve ser superior à matéria bruta, que deve dominar, para se afastar do irracional.

O sofrimento é a dúvida. O sofrimento é não saber como se há de vencer o abismo que a razão nos mostra cavado ante os passos que queremos dar. O sofrimento é ver dezenas de pessoas, que nos acompanham cegas, dizendo: "Ele sabe o que faz;" e que arrastamos connosco ao abismo! O sofrimento é a responsabilidade tremenda da missão que nos impusemos. Se me não importava hoje muito que os meus detratores experimentassem um pouco da fome, da sede e das privações que passei; não lhes desejo, mesmo a eles, que sofressem a milésima parte do que eu sofri moralmente. É verdade, que, para sofrer como eu sofri, é preciso ter alma, coração e uma consciência.

A carta que de Mavanda escrevi ao Dr. Bocage, ressentia-se já do que eu sofria então. Foi escrita num dos meus dias nebulosos.

Deixemos porém esta divagação, que pouco interessa; e falemos dos acontecimentos de então.

Os Quimbandes fabricam alguns objetos de ferro e de madeira, muito mais perfeitos do que os fabricados no Oeste-Cuanza.

1. Cachimbo.

2, 2. Facas.

3, 3. Cacetes de guerra.

O frio de noite era muito intenso, e já era grande a diferença entre as máximas e as mínimas. Apesar da carta que recebi do sova Capoco, não acreditava muito na promessa dos carregadores, nem na volta do meu Doutor Chacaiombe; e por isso, ia sempre reduzindo as cargas quanto era possível; o que só podia fazer distribuindo o conteúdo de uma pelas outras. Isto tinha um limite, com o limite do peso que podiam carregar os homens.

Estávamos a 22 de Junho, dia em que expirava o prazo que eu decidira esperar por os carregadores do sova Capoco.

A minha angústia era grande, e só então avaliei bem o mau bocado porque tem passado outros exploradores, tendo de abandonar cargas que lhes são absolutamente precisas.

A escolha é coisa séria, quando todas se nos afiguram indispensáveis.

O pouco que de comodidades eu levava já tinha sido abandonado; o resto de algumas latas de comida dei-as aos moleques.

Os meus carregadores, vendo o meu embaraço, pedem-me que os carregue até ao máximo peso com que puderem caminhar; mas, ainda assim, é impossível ir tudo.

Depois de todas as reduções, e de ter distribuído as cargas, ficam 4 sem carregadores.

Sam elas as duas do meu barco Macintosh, um barril de água-ardente, e 50 libras de pólvora.

Decidi abandonar o barco, com grande pesar, e pedir ao sova Mavanda dois homens para me levarem a pólvora e o barril de água-ardente de acampamento em acampamento, até que dois dos meus carregadores ficassem sem carga, o que não tardaria a suceder pelo grande gasto que fazíamos.

O sova tomou conta do barco, e deu-me os dois homens que lhe pedi, ficando tudo pronto para seguirmos no dia imediato.

Levantei campo no dia 23 ás 8 horas, e depois de três e meia horas, cheguei à margem esquerda do rio Varea, que

passei sobre uma sofrível ponte de madeira.

O soveta de Divindica, povoação que assenta na margem esquerda do Varea, na confluência do riacho Moconco, veio pedir-me alguma coisa pela passagem da ponte, e dando-lhe eu quatro jardas de fazenda, retirou-se satisfeito.

O País dos Quimbandes

O rio Varea corre ali ao N., e vai afluir ao Cuime. Tem 25 metros de largo por 2 de fundo, e pequena corrente, não tendo cataratas a jusante de Divindica. Marquei a uma milha ao sul as povoações de Moariro e Moaringonga.

Segui a leste, indo acampar, pelas 2 horas, na margem esquerda do rio Onda, em frente à grande povoação de Cabango, capital dos povos Quimbandes de Leste.

Eu levava duas garrafas de vinho do Porto de 1815, resto de um presente do meu amigo E. Borges de Castro, e ao chegar ao ponto em que acampei, o moleque Moero, que as levava, caiu, quebrando-se uma delas, e entornando-se o precioso néctar, sem que se pudesse aproveitar uma gota.

Desde Mavanda até ás nascentes do riacho Moconco, cujo curso segui até à confluência com o Varea, a vegetação arbórea é esplêndida, e no cimo dos montes que marginam o riacho é também pomposa. Para além do Varea é ainda mais rica.

Desde que passei o Cuanza ouvia falar no rio Cuime, como o rio maior do país dos Quimbandes, afirmação que me era confirmada pelos grandes afluentes que lhe ia encontrando,

o que me fazia arder em desejos de lhe ir lançar uma vista de olhos.

Do Cuanza a leste o planalto apresenta um aspeto muito diferente do que até ali.

As paisagens são mais pitorescas e não apresentam a monotonia do Bihé. Os rios e ribeiros cavam os seus leitos mais fundos, tornando mais sensíveis os acidentes do terreno. As margens dos rios e ribeiros além dos limites das cheias, já se apresentam cobertas de vigorosa vegetação arbórea, e a vegetação arborescente forma barreiras impassáveis nas florestas.

Na parte leste do país dos Quimbandes, a população começa a rarear. O sova de Cabango é ainda tributário do sova do Cuio ou Mucuzo.

Os costumes destes povos são os mesmos dos Bihenos, salvo na atividade, que é entre os Quimbandes substituída pela mais vergonhosa preguiça.

Os Quimbandes andam quase nus, não trabalham, não viajam e não negociam.

Poucos tem espingardas, por não terem com que as comprar. Já apanham alguma cera, que os Bailundos lhes vêm permutar a búzios e missangas, mas isto em pequeníssima escala.

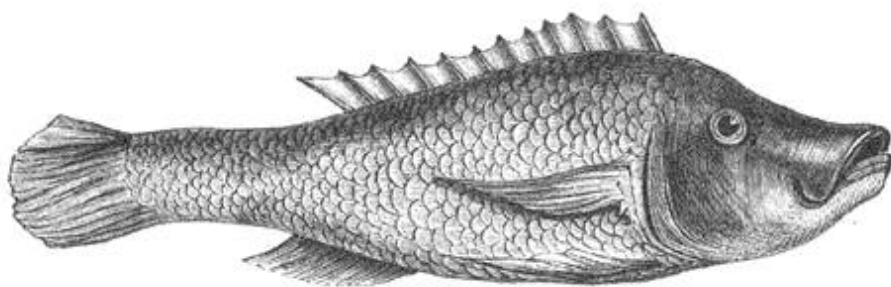
A terra é cultivada pelas mulheres, e a sua produção é rica. O que mais tenho visto nas plantações é mandioca e ginguba.

Este país deve merecer particular atenção. Cortado com rios navegáveis que vão afluir a um grande traço navegável do Cuanza; tendo um clima magnífico e ubérrimos terrenos, onde produz bem o algodão, a cana de assucar, os cereais e virentes pastagens, ocupado por uma população que facilmente se submete, está nas melhores condições de um desenvolvimento rápido.

No dia 24 de Junho passei o rio Onda, e fui acampar na sua margem direita, três milhas além do meu campo anterior.

O rio Onda tem, em Cabango, 15 metros de largo por 5 de fundo, e vindo de leste corre depois a N.O. a afluir ao Varea.

Depois de ter determinado a posição do meu acampamento, fui passear rio acima, e encontrei bastante caça. Logo acima

de Cabango, o Onda estreita a 10 metros, mas profunda a 6, tendo uma corrente de 10 metros por minuto; corrente que se estende até ao fundo; o que me foi denunciado não só pela sonda, mas também pela inclinação que tomam as plantas que vegetam no fundo; o que se vê facilmente, por serem as águas muito cristalinas e o fundo de área alvíssima.

Ditassoa, peixe do rio Onda

Neste rio não vi outro peixe, a não ser um que os naturais chamam Ditassoa, e que é sofrível.

Percorrendo as margens do rio, vi, a distância, um grupo de árvores que se destacava da paisagem, e que julguei serem

palmeiras; mas aproximando-me reconheci um lindo grupo de Fetus arbóreos, da mais elegante beleza.

As margens do rio são cortadas verticalmente, e por isso apresentam junto à borda a mesma profundidade que no meio.

Retirei do meu passeio, satisfeito com o que vira. O rio Onda era outro rio navegável, outra estrada natural, que encontrava neste soberbo país.

Ao chegar ao meu campo aguardava-me uma agradável surpresa.

O Doutor Chacaiombe foi a primeira pessoa que veio cumprimentar-me.

Eu, que julgava não mais vê-lo, saudei-o com o maior júbilo, porque o seu desaparecimento era uma nuvem negra na minha viagem.

Fetus arbóreos das margens do rio Onda

Já por vezes tenho falado no Doutor Chacaiombe, e não disse quem era.

Este homem foi o adivinho que, em casa do filho do capitão do Quingue, me predisse as coisas mais agradáveis a

respeito do meu futuro.

Acumulando as funções de cirurgião com as de adivinho, veio ele estabelecer-se junto a mim no Bihé, e não mais me deixou até que se encarregou da missão de obter carregadores no Capoco, donde julguei que não mais voltaria.

Depois de muitos comprimentos, anunciou-me Chacaiombe que os carregadores chegariam dentro de dois dias, e eu resolvi espera-los.

O meu Augusto veio dar-me parte, de que o sova de Cabango viera visitar-me, e se retirara muito contrariado por me não encontrar.

Mandei logo o pombeiro Chaquiçonde ao sova, pedir-lhe dois homens para mandar a Mavanda buscar o barco que ali tinha deixado, com bem pesar meu e da minha gente, que viram os serviços que ele nos prestou nas passagens do Cuqueima e do Cuanza.

Fui em seguida enxugar-me ao fogo, pois que cheguei do rio muito molhado, e ainda me lembrava com horror do reumatismo no Bihé.

No dia seguinte, parti de madrugada para a caça, dirigindo-me ao norte, onde o país é coberto de densas florestas. Depois de ter andado oito milhas, encontrei o rio Cuime, a jusante da sua grande catarata. Voltei e já era noite quando alcancei o meu campo, extenuado de fadiga; mas tendo feito boa caçada, e tendo visto o rio que ardia em desejos de ver, e que efetivamente é uma via importante, sendo como me asseguraram os naturais, navegável desde a sua grande catarata até ao Cuanza.

No seguinte dia, voltei ao rio Onda, e ali surpreendeu-me a vista mais de uma povoação que divisava ao longe. Ao aproximar-me, conheci que eram, não povoações de pretos, mas sim de formigas brancas (termites), que juntavam em grandes grupos as suas construções cónicas, cuja cor alvacenta, devida à da argila que iam buscar ao subsolo, lhes dava toda a aparência de aldeias de indígenas. De volta ao meu campo, encontrei o sova de Cabango, que ali tinha chegado havia pouco, com uma comitiva de 60 homens e muitas mulheres.

Mulher de Cabango com o ferro de coçar a cabeça

Esta gente, que se apresenta quase em completa nudez, faz consistir todo o seu luxo nos penteados. Variam-nos ao infinito e são eles verdadeiras obras de arte, e tem tecnologia própria.

Nas mulheres o cabelo, que fica em forma de cimeira de elmo Romano, chama-se tronda, e o que cai em trancinhas, dos lados, cahengue.

Os penteados masculinos, que formam tufos encrespados, chamam-se sanica.

O sova ofereceu-me um boi, e eu dei-lhe um presente com que ele pareceu retirar-se satisfeito.

Chegaram nesse dia os carregadores que vinham do Capoco e eram apenas quatro, mas eram os suficientes, sendo dois para o barco, e outros dois para aliviar algumas cargas mais pesadas.

Á noite os meus pretos e os da terra fizeram grande batuque, que durou até depois das 10 horas.

Homem de Cabango

O frio de noite continuava intenso, sendo que ás 3 e meia horas da manhã desse dia, o termómetro marcara 0°C. A desigualdade entre a máxima e a mínima era já muito extraordinária, e grande a secura da atmosfera, como se verá dos boletins meteorológicos.

O sova voltou a ver-me, e deu-me alguns esclarecimentos sobre o país. Diz ele, que já não reconhece a soberania do sova do Cuio ou Mucuzo, e se considera independente.

As matas tem muita cera, e os Bailundos vêm ali permuta-la a buzio (caurim) e missangas. Trabalham em ferro, e fazem machados grandes, balas e facas.

Os machados de guerra, frechas e azagaias, vêm-lhes dos Luchazes, e as enxadas dos Ganguelas, Nhembas e Gonzelos.

Homem de Cabango

Este soba, que se chama Chaquiunde, é um pouco falto de probidade, o que não admira muito. Veio, depois de larga conversa, fazer-me exigências, alegando ter-me dado um boi. Vi-me na necessidade de o por fora do acampamento; mas ele, vendo a aspersa com que eu o tratava, mostrou-se contente, e explicou a sua impertinencia, desculpando-se com os seus macotas, que o tinham aconselhado a fazer grandes exigências, e que o que pedia era para eles, pois que a ele eu tinha dado um presente superior ao valor do boi.

Tendo chegado os dois Quimbandes com o meu barco, resolvi seguir no dia imediato.

O dia 28 amanheceu frigidíssimo, pois que o termómetro, ás 6 horas marcava apenas dois grãos acima de zero; e por isso pude só levantar campo ás 8 horas, indo acampar ás 10 e 40 junto da margem do Onda, tendo andado a E.S.E.

Precisava fazer pequenas marchas, porque os meus carregadores iam muito pesados.

O terreno desde o rio Varea até ali é coberto de uma camada arenosa, sendo o subsolo formado por uma argila de

cor cinzenta, variando desde o branco sujo até ao azul acinzentado.

Junto ao leito do Onda o solo é formado por uma forte camada de humos, que ainda assim assenta sobre o subsolo da mesma argila acinzentada. Junto ao rio vi alguns montes termíticos, apresentando a cor azul cobalto.

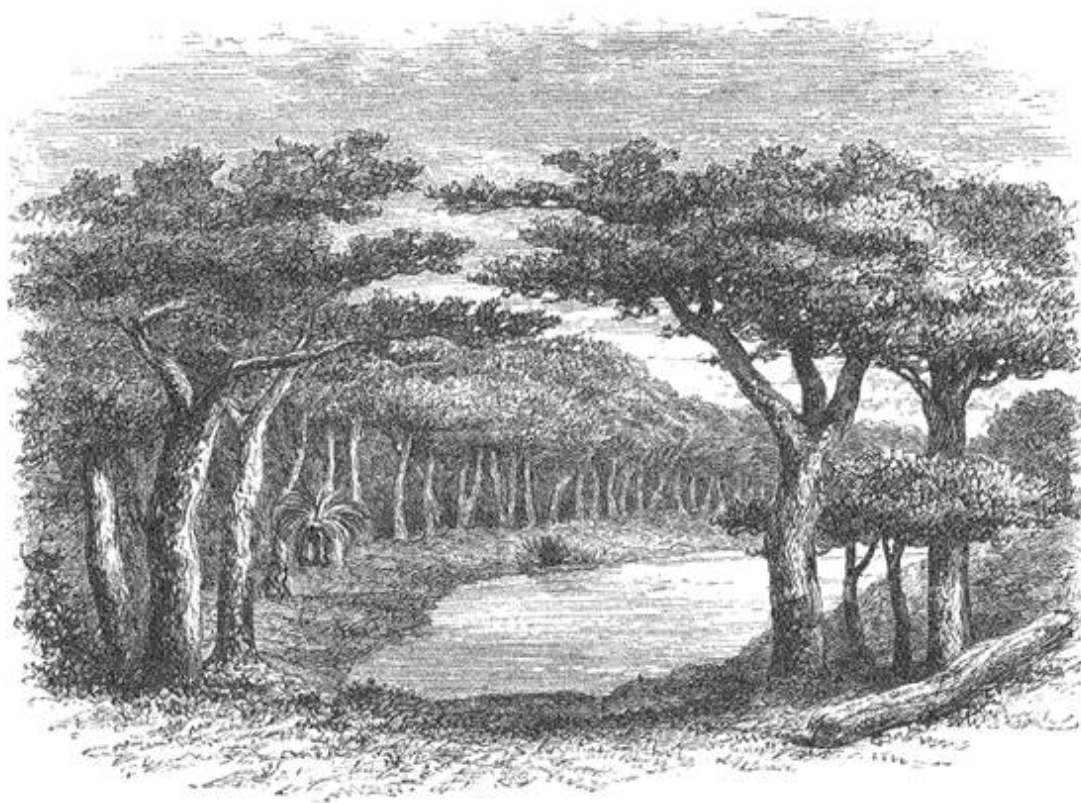
O terreno das clareiras é habitado por uma espécie de termites diferente daquela que habita as florestas. As termites das clareiras construem montes mamelados, apresentando o aspeto de cones truncados cobertos por cúpulas hemisféricas, tendo de 80 centímetros a um metro de diâmetro na base, por igual altura. Nas florestas formam elas verdadeiros cones, tendo de 4 a 6 centímetros de diâmetro na base, por 25 a 30 centímetros de altura.

Sam muito aproximados, e semelham um eriçado de espinhos que parecem brotar da terra.

Estas termites das florestas vão buscar os materiais das suas construções muito perto da superfície da terra, porque nas suas arquiteturas figura como matéria prima a terra vegetal que forma o solo dos matos, e estas, apesar do cimento empregado, não tem a ligação e dureza das

termites das clareiras, que, empregando uma argila consistente, formam verdadeiras petrificações. Nas habitações das termites das clareiras, apesar do seu interior ser formado de células como as de um favo de abelhas, a bala Snider não penetra nelas a mais de 10 centímetros.

Como já disse, nas encostas que abeiram o Onda, estas formigas acumulam as suas habitações em limitados espaços, figurando, a quem de longe as vê, verdadeiras povoações Quimbandes.

Por espaço de uma hora, depois que deixei o acampamento, caminhei na margem do rio em terreno descoberto; mas depois entrei num a esplêndida floresta, cortada de riachos afluentes do Onda.

O Lago Liguri

Por vezes, a floresta tomava o aspeto de um desses grandes parques do norte da Europa, onde uma viçosa relva cobria completamente o solo. No meio da mata os meus passos foram suspensos para contemplar uma das mais pitorescas paisagens que tenho visto.

Uma vasta clareira era ocupada por uma lagoa de água cristalina e fundo arenoso. Árvores enormes assombravam o

pequeno lago, que refletia os seus ramos de um belo verde-escuro, onde chilravam mil pássaros.

A relva descia dos lados até à água, e só desaparecia para deixar lugar a uma área alva e fina. Os pretos deste país, que não são muito poetas, acham encanto neste pequeno lago, a que chamam Lago Liguri, e em que já me tinham falado.

Todos os riachos deste país tem as margens apauladas, e na água estagnada há um depósito de cor vermelha, que ao princípio atribui à presença de ferro; o que conheci ser engano, porque o chá verde feito com aquela água não a denunciava férrea, pela formação do tanato de ferro. Só, talvez, por uma acumulação de animálculos infusórios se produzam aqueles depósitos vermelhos.

Desde o Bihé, observei, que em todos os pontos onde há águas estagnadas abundam sanguessugas, mas nestes córregos afluentes do Onda são elas em maior número.

O rio continua a ter entre 10 e 12 metros de largo, por 4 a 5 de fundo, tem corrente muito insensível. Abunda a caça.

No dia seguinte, caminhei a S.E., sempre na margem direita do Onda, por espaço de três horas, sendo difícil a passagem de uma emaranhada floresta, e mais difícil ainda o vadear o ribeiro Cobongo, de 4 metros de largo por 1 de fundo, e cujo leito lodoso embaraçava o andar.

Depois de três horas de caminho, afastei-me do Onda, seguindo a margem do ribeiro Cangombo, que passei indo acampar na margem esquerda do ribeiro Bitovo.

A 30 de Junho, segui a leste, aproveitando toda a margem do Bitovo, para caminhar livre de floresta, e dali passei ao vale do ribeiro Chiconde, cujo curso segui até ao Cuito, onde acampei. Fez-me profunda impressão o contemplar as águas do ribeiro Chiconde, correndo velozes para o Cuito. Até ali tinha encontrado águas correndo ao oceano Atlântico, e essas águas, cujo murmúrio acalentava o meu sono, eram como um laço que me prendia à minha pátria, indo cair no mesmo mar que banhava o meu Portugal. Se elas pudessem converter o seu murmúrio em falas, que de saudades, que de angústias que viram, podiam ir contar aos meus!

Ao deixar o Bitovo partiu-se esse laço que me ligava à costa do Oeste. Que pungente saudade não foi a minha!

Fazia um ano naquele dia que eu fora dar o abraço de despedida ao meu velho pai, e recordou-me mais do que nunca que ele me deixara com o pressentimento de não mais me ver.

Naquele dia já assentava o meu campo no país dos Luchazes, tendo deixado o dos Quimbandes com o ribeiro Bitovo.

Vieram alguns homens e mulheres das povoações da margem direita do Cuito ao meu campo; mas nada trouxeram que vender, e nós precisávamos de comida. Prometeram contudo que no dia seguinte traziam algum Massango, porque não cultivam milho nem mesmo Massambala.

Nos seus arimbos cultivam o Massango, alguma mandioca, feijão fradinho, ginguba, mamona e algodão, tudo em pequena escala, apenas o necessário para o consumo do cultivador.

Colhem bastante cera, já apanhada nas florestas, e já de colmeias que colocam sobre as árvores, e onde os enxames vêm habitar.

A cera é um género, que eles permutam por peixe seco do Cuanza, que os Quimbandes ali vão levar. O rio Cuito ali não tem peixe.

Os povos Luchazes são pouco viajantes, e apenas deixam as suas povoações para fazerem pequenas caçadas aos antílopes, a fim de obterem peles para se vestirem.

A pequena cultura é feita por homens e mulheres.

O soveta que governa as poucas povoações da margem do rio Cuito é o Muene-Calengo, que paga tributo a outro sova Muene-Mutemba, cuja povoação não pude precisar bem onde fica.

Luchaze das margens do rio Cuito

Estes Luchazes trabalham em ferro e fazem todas as obras de que precisam. O ferro é encontrado no país.

Uma coisa única que vi entre os povos bárbaros que visitei, é usarem os Luchazes de isqueiros para fazerem fogo, com fuzil e pederneira. As pederneiras são trazidas pelos Quibocos, ou Quiocos, que as vêm trocar a cera; e os fuzis fabricados por eles são de ferro forjado e temperados em água fria, onde os lançam estando o ferro rubro. A isca é

preparada com algodão misturado com a amêndoa, pisada, contida no endocárpio de um fruto chamado Micha.

As mulheres Luchazes usam cestos diferentes dos empregados pelas Quimbandes, e diferentemente os trazem, porque são suspensos da cabeça por uma larga tira de casca de árvore, e caem sobre as costas.

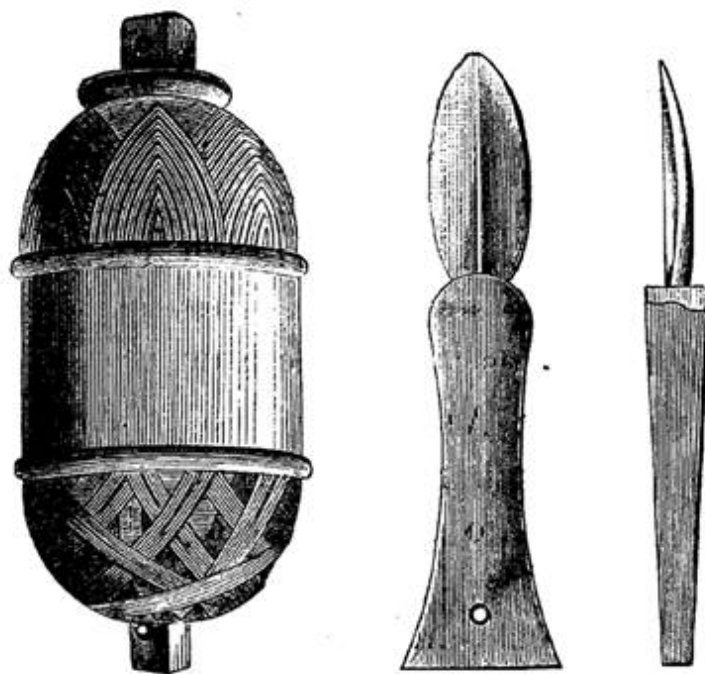
Este modo de trazer os cestos impede-as de trazerem os filhos, como é uso geral em África, sobre os rins, trazendo-os ao lado.

No dia seguinte, vieram de manhã algumas mulheres trazer massango; mas em tão pequena quantidade, que mais fez sentir a fome que já tínhamos.

Mulher Luchaze carregada

O rio Cuito tem no ponto em que o passei 7 metros de largo por 1 de fundo, com uma corrente de 25 metros por minuto.

É afluente do Cubango, e na sua confluência assenta a grande povoação de Darico.

Nasce na planície de Cangaba, onde tem nascente muito próxima o Cuime e o Cuiba, afluentes do Cuanza, e o Lungo-é-ungo, afluente do Zambeze.

Isqueiro dos Luchazes, Caixa da isca e Fuzil

Não podendo obter víveres, resolvi seguir avante, e quando dava ordens para levantar campo, chegava à margem do rio Cuito uma comitiva de escravos, capitaneada por três pretos.

Apoderei-me dos três pretos, e soltei todas as escravas, pois que na comitiva não iam escravos. Fiz com que entrassem no meu campo, e disse-lhes, que eram livres, e se quisessem acompanhar-me eu as fazia chegar a Benguela.

Disse-lhes, que nada receassem dos seus guardas, e que se convencessem de que eram livres. Declararam-me uma a uma, que não queriam a minha proteção, e que as deixasse ir como tinham vindo.

Donde eram? Não mo sabiam dizer. Que fazer? Repugnou-me leva-las comigo a despeito seu. Depois de algumas instâncias, resolvi deixar aquelas desgraçadas seguirem o triste fado a que não queriam esquivar-se.

Demais, seria ele melhor se me seguissem? Não é fácil, ainda que isso se afigure na Europa, libertar uma leva de escravos, quando essa leva é encontrada longe dos domínios Europeus.

Uma leva de escravos tem gente de naturalidades diferentes, e muitas vezes longínquas.

Se aquele que os pode libertar os quiser restituir ás suas famílias, tem de percorrer uma grande parte de África à

busca dos lares dos seus protegidos, o que é praticamente impossível.

Abandona-los e dizer-lhes:-Ide-vos-é faze-los novamente escravos dos primeiros povos que encontrarem.

Muitas vezes, aqueles desgraçados, arrancados das povoações em tenros anos, perderam da memória o sítio onde nasceram, e falando já uma língua diferente da que balbuciaram crianças, e esqueceram longe dos seus, tem pela sua pátria a terra da escravidão, e não conhecem outra.

Hoje, depois que os navios de guerra, Portugueses e Ingleses, cruzam no Atlântico e no Índico, e impedem a exportação do homem, a escravatura é género de permutação apenas no interior, e o seu sistema tem-se modificado.

O escravo aparece em África por dois modos. Ou é o prisioneiro de guerra, ou é o género de pagamento de dívida pelos parentes.

Outrora fazia-se a guerra expressamente para se fazer o prisioneiro, e infelizmente ainda hoje se faz, posto-que em menor escala.

O ente humano dado, pelo parente proletário, em pagamento da dívida contraída, ou da multa decretada, é vulgar.

No caso de guerra, outrora todo prisioneiro servia para escravo, porque lhe não era fácil, adulto que fosse, voltar da América à África. O Atlântico era garantia segura.

Os adultos mesmos, podendo logo produzir um trabalho maior, eram preferidos ao adolescente e à criança.

Hoje não é assim. O homem feito foge, e tem sempre na ideia o voltar ao ninho donde o arrancaram, e essa esperança não o abandona em quanto pisa o continente onde tem seu país.

Disse-me a mim um negreiro:-são muito fugitivos.

A criança, o adolescente e a mulher, oferecem ao comerciante maior garantia, porque, espíritos mais irresolutos, não ousam encarar o pensamento de atravessar países enormes, para voltar ao seu.

Tem por isso mais valor, hoje, na África Austral, a criança e a mulher, e nas levas de desgraçados que infelizmente ainda

arrastam os duros grilhões através do solo Africano, é raro vermos um homem feito.

Uma vez que falei na escravatura, direi ainda mais algumas palavras sobre ela.

Portugal, a Inglaterra e a França, tem, nos últimos tempos, empenhado uma verdadeira luta contra o comércio da carne humana, e as modificações feitas nas antigas praxes Americanas, concorreram para que esse comércio diminuísse consideravelmente, e se modificasse essencialmente na África Austral.

Contudo, eu atrevo-me a dizer, que não será ainda a geração que ora começa, aquela que verá desaparecer o escravo do solo Africano.

O mesmo principio que imperava outrora na América, fazendo colonizar com os escravos, existe e existirá por muito tempo em África.

Os governos pretos também tem a sua política colonizadora, e entre eles e os lugares de procedência do escravo, falta-nos um Oceano, onde possamos fazer singrar as nossas esquadras, e proteger os mesquinhos com as nossas

baterias de aço. Só os princípios civilizadores puderam fazer cessar um dia a escravidão; mas infelizmente esse dia está longe, porque os argumentos de que se servem esses princípios, são menos eloquentes e menos enérgicos do que os projeteis cilindro-cónicos o foram no Atlântico e no Índico.

Eu tenho para mim, que a abolição da escravatura, no interior da África Austral existir de facto, quando deixar de existir a poligamia entre os pretos; porque, ainda que os princípios civilizadores façam desaparecer o escravo, a sensualidade asinina do negro fará subsistir a escrava.

Isto não quer dizer, que eu descreia de que se possam dar alguns rudes golpes de imediato efeito no reprovado comercio; mas sim que penso na dificuldade do seu completo extermínio. Já vai longa a divagação, voltemos ao assunto.

Dizia eu, que as raparigas não quiseram ser livres, e seguiram os seus condutores.

Eu preparei-me também para partir, forçado sobre tudo pelas imperiosas necessidades dos estômagos, que em

viagens de exploração governam tanto e mais do que as sociedades de Geografia.

Segui quase a Leste, e depois de marcha de duas horas, avistava uma povoação, e acampava na margem de um ribeiro perto dela. Soube que ribeiro e povoação se chamavam Bembe.

Quando começava a faina de cortar madeira para acampar, vi de repente os meus pretos dispersarem-se em várias direções, fugindo espavoridos. Não atinava eu com a causa de tal terror, e dirigi-me ao sítio onde eles trabalhavam, a investigar o que seria. No lugar onde eu tinha mandado construir o campo, milhões da terrível formiga chamada pelos Bihenos Quissonde, saíam da terra, e dela fugiram os meus homens. A formiga Quissonde é uma das mais temíveis feras do continente Africano. Dizem os naturais, que ataca e mata o elefante, introduzindo-se-lhe na tromba e nos ouvidos. É inimigo que se não pode combater, e atacando aos milhares, só se lhe pode escapar na fuga. O Quissonde tem entre 6 e 8 milímetros de comprido, cor castanho-clara muito luzidia.

As mandíbulas deste feroz himenóptero, são fortíssimas e de grandeza desproporcionada.

Da sua mordedura no homem saí logo um jacto de sangue.

Os chefes conduzem as suas falanges a grandes distâncias, e atacam todo animal que encontram no seu caminho.

Por mais de uma vez, durante a minha viagem, tive de fugir aos ataques deste feroz inseto. Algumas vezes vi nos caminhos centenares delas esfregadas aos pés, levantarem-se, e continuarem a sua marcha, primeiro lentamente, depois com a sua celeridade ordinária, tanta é a sua vitalidade.

Vem a propósito falar aqui de outras formigas mais vulgares do que o Quissonde.

Uma é pequena, de três milímetros a quatro de comprido, negra e como o Quissonde armada de fortes mandíbulas. Chamam-lhe os Bihenos Olunginge. É o maior inimigo das termites, contra as quais dirige terríveis ataques, e que vence apesar da desproporção do seu tamanho.

Estas pequenas formigas são um verdadeiro benefício, pela enorme destruição que causam nas larvas, ninfas e ovas das

termites.

Em alguns pontos encontrei nas habitações das termites uma grande quantidade de formigas enormes, atingindo o comprimento de 20 milímetros, que vivem em comunidade com os abundantes nevrópteros da África Austral.

Estas formigas, suponho eu, que, pouco dadas ao trabalho de construir habitações, vão procurar nas construções termíticas, abrigo e morada.

Nenhum destes pequenos insetos ataca o homem além do Quissonde, que o ataca sempre, e ainda nas margens do rio Bembe fez dispersar os meus carregadores.

Tive pois de ir longe escolher outro sítio para acampar.

Voltaram da povoação do Bembe alguns homens que ali tinha enviado, com a triste nova, de que o soveta dera ordem para nada me venderem.

A fome já se fazia sentir muito, caça não aparecia, e apenas tivemos nesse dia um punhado de massango, que tanto coube a cada um de nós na divisão que fiz, do pouco que obtivemos na margem do rio Cuito.

Ali o país já era completamente desconhecido a todos, e nenhumas informações podíamos colher do gentio esquivo.

Reuni os meus pombeiros, e fiz-lhes ver a grande necessidade de alargarmos a marcha no dia seguinte, até encontrarmos povoações mais hospitaleiras.

Eles convieram na imperiosa necessidade, e apesar de muito carregada a comitiva, e enfraquecida pela falta de alimento, decidiram animar a sua gente para os fazer ir avante. Havia dois dias que encontrava vestígios de ter sido outrora povoadíssimo este país, pelas ruinas, já antigas, de muitas povoações que encontrei.

O que determinaria este abandono?

Seria a devastação pela escravatura? Seria a insalubridade do clima? Seria a falta de caça? Seria a má qualidade do terreno?

Não o pude saber; mas a primeira hipótese parece-me a mais admissível.

O facto era, que essa falta de população inesperada, nos criou o maior embaraço, e eu nessa noite sofri horrivelmente das torturas da fome.

No dia imediato, tive logo de manhã o transtorno de um carregador doente; mas o meu Doutor Chacaiombe houve-se com toda a bizarria e ofereceu-se para levar a carga.

Na ocasião de partir, apareceram uns enviados do soveta do Bembe, pedindo-me alguma coisa para ele; fiz-lhes ver o mau procedimento do soveta para comigo, e mandei-os por fora do campo.

Segui ás 8 horas e 40 minutos. O rio Bembe, que tinha a vadear, tem dois metros largo por um de fundo e corre a S.O. para o Cuito.

A sua margem direita é montanha íngreme; mas a esquerda, depois de uma trincheira quase vertical, de 10 metros, estende-se, plana e paludosa, por um quilómetro.

A marcha através do pântano levou uma hora, e fatigou muito a faminta caravana.

O terreno em seguida é levemente inclinado e coberto de uma vegetação arborescente difícil de transpor. Depois de outra hora de fatigante caminhar, comecei a descer uma encosta, a cujo sopé se desenrolava uma planície, oculta por densa floresta. Desci uns 50 metros para alcançar a orla da

mata; mas tive logo de alterar o meu rumo. A floresta era impassável.

Aproveitei um difícil trilho de caça, que ora me levava a Leste, ora a Noroeste, e depois a Sueste, até que o terreno me faltou de repente.

Um sulco profundo de cem metros, cavado pelas águas de um ribeiro, tolhia-me a passagem.

A dificuldade do caminho, o peso das cargas, e a fraqueza dos meus carregadores, obrigaram-me a acampar ali.

A fome já se fazia sentir em todos os seus horrores. Uma esperança todavia me animava; eu tinha visto vestígios de caça.

Pouco depois de chegarmos, matou-se no campo uma cobra, que me disse o meu doutor ser muito venenosa; mas haver contraveneno à sua mordedura. Tinha um metro de comprido, e era cor de telha no dorso, tendo o ventre um pouco mais claro. Os olhos eram verdes muito brilhantes e a língua bipartida.

A boca era armada de quatro dentes dispostos como as presas de um cão. Aí ficam os sinais dela para aqueles que

pisarem um dia aquelas paragens.

Era preciso caçar, e eu, logo que fiz as minhas observações, parti para um lado, e mandei em outras direções os meus pretos Augusto e Miguel, os únicos que tem algumas manhas de caçadores na minha comitiva.

Encontrei perto do campo um grande rasto de búfalos e segui-o.

Não se faz ideia na Europa do que seja caçar para comer. É um prazer horrível.

Deve ser assim o apontar à banca, do jogador que precisa ganhar uma certa quantia para pagar uma dívida de honra, e que mistura o febril prazer do jogo, com a cruciante angústia da incerteza. Os olhos com que ele devora as cartas que lentamente vão escorregando por entre os dedos do banqueiro; os olhos que queriam penetrar através da carta opaca para antecipar o desfecho da agonia da dúvida, no fim da qual está a salvação ou a morte suicida; devem ter a mesma expressão dos olhos do caçador faminto, que perscruta a floresta em busca da caça que é para ele questão de vida ou morte.

Há contudo uma diferença.

É que o caçador faminto pode invocar no seu auxílio a Divindade, pode balbuciar uma súplica a Deus.

Ao passo que o caçador por prazer segue descuidoso uma pista, cheio de felizes emoções ao avistar o gamo que procura; caminha desassombradamente, sabendo que no sítio ajustado, um cozinheiro prepara ótimos manjares; que pára aqui e além para contemplar uma flor mimosa, uma paisagem agradável. O caçador por necessidade só pensa na caça que, matando-a, lhe matará a fome.

Ao passo que um caminha curvado para chegar ao alcance do tiro, o outro deita-se de rastos, não sente os espinhos que lhe rasgam as carnes, e por umas palhas que faz tremer, treme também de dar um alarme, e caminha devagar, devagar, reduzindo a distância para que o tiro não falhe, com o coração a palpitar, e com o estomago a bradar em contorções pungentes.

Deve ser assim o caçar do tigre e do leão. O rasto que eu segui levou-me ao fundo do precipício onde corre o pequeno córrego, e por muito tempo segui a sua margem direita, passando depois à esquerda, onde vi os búfalos, que

caminhavam pastando na orla de uma densa floresta virgem.

Estavam a 500 metros de mim.

Começou então esse fatigante caminhar de rojo, a carabina a tiracolo como que nadando num mar de palha curta. De vez em quando levantava a cabeça descoberta para espreitar a minha presa, e prosseguia naquele caminhar difícil cheio de comoções. Os búfalos pastando, ora caminhavam ora paravam, sempre na orla da mata. Se paravam que alegria, se andavam que desespero o meu!

Na mente fantasiava eu chegar ao acampamento e dizer, "vão à margem do córrego, e lá encontraram caça para matar a fome." Era uma mistura de prazer e de angústia que me causava a incerteza horrível.

De repente os animais desapareceram na floresta em apressado trotar.

O que seria? Ter-me-iam pressentido?

Levantei-me e segui o rasto com a maior presteza; mas entrando na floresta, o meu desespero subiu de ponto.

Na mata virgem o solo coberto de musgo espesso não deixa perceber um rasto ao olho mais experimentado.

Parei desanimado. Tudo o que tinha fantasiado caiu como sonho fagueiro ao impertinente despertar.

Ainda fui longe sem nada perceber de caça, e perto das 6 horas da tarde recolhi ao campo, prostrado de fadiga e fome, tendo andado inutilmente 20 quilómetros!

Ao entrar no acampamento, achegou-se a mim o meu Augusto, mostrando-me radiante de alegria um soberbo antílope que tinha morto! Era uma enorme Malanca (Hipotragus equinus) da corpulência de um boi.

Fiz imediatamente a partilha pelos meus carregadores e por mim mesmo, e depois de um longo jejum, que nem Deus me leva em conta por ser involuntário, tive um opíparo jantar, adubado pela fome, que faria inveja aos mais pechosos gastrónomos.

Miguel, o meu bravo caçador de elefantes, também veio cumprimentar-me; mas revelava-se-lhe no rosto a mais profunda tristeza.

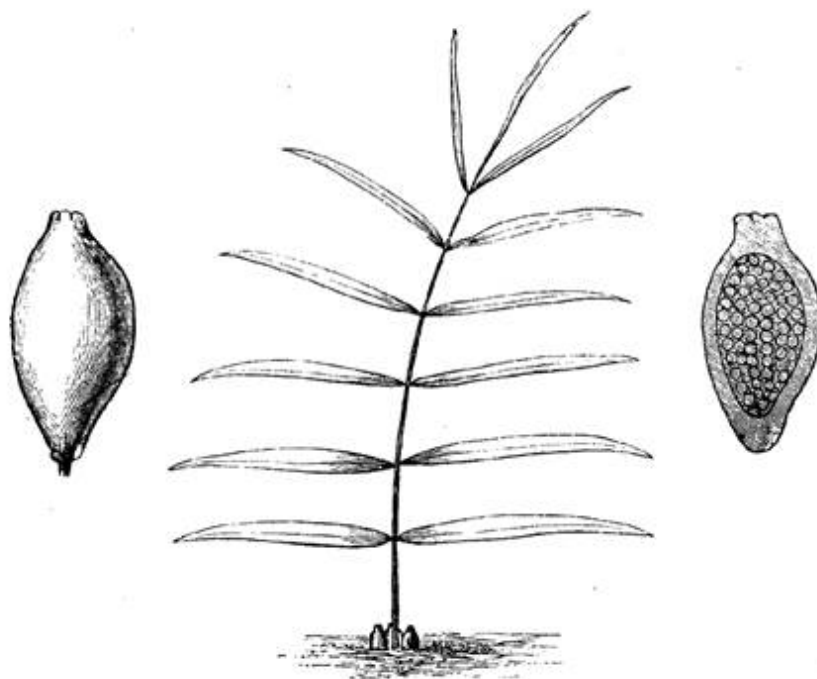
Logo que soube a causa do desespero do meu valente, não pude deixar de me consternar muito.

Durante a ausência de Miguel, a minha cabrinha Córa entrou na sua tenda, e comera-lhe o grande feitiço que ele possuía para matar os elefantes.

Consistia o valioso talismã num dente humano caído do teto de uma casa velha, embrulhado em palha e trapos por um cirurgião de grande fama, que lhe tinha incutido as maiores virtudes; sendo facílimo ao portador de tão extraordinário objeto, o encontrar e matar elefantes sem o menor perigo. Miguel estava inconsolável; mas eu consegui tranquiliza-lo, prometendo-lhe maior feitiço do que o perdido, para o mesmo fim.

E não o enganava, pois que a boa carabina que tencionava dar-lhe, logo que chegássemos a país de elefantes, valia bem por todos os dentes humanos embrulhados em palha e trapos.

Depois de comer, reuniram-se em torno da minha fogueira os meus pombeiros, e contaram-me, que durante a minha ausência, toda a gente tinha ido ao mato, seguindo uns os indicators, tinham colhido bastante mel, sendo que outros

tinham feito larga colheita de uma fruta chamada pelos Bienos atundo, semelhante à goiaba, mas produzida por uma planta herbácea de pequeno talhe. Os pedúnculos desta fruta partem do caule junto à terra, e o fruto cresce semi-enterrado. O seu sabor é agradável, não julgando eu que seja muito nutriente.

Atundo, Planta e Fruto

No dia seguinte era preciso seguir avante, e por isso, apesar do frio, levantámos campo muito mais cedo que do costume.

Seguimos a S.E., encontrando, depois de duas horas de marcha, um rio difícil de transpor. Tinha 4 metros de largo, por 4 de fundo, e violenta corrente.

Mandei cortar grandes árvores na floresta, e pouco depois estava lançada uma ponte e a comitiva passava. Pouco a jusante do sítio em que passei o rio, afluía a ele um riacho vindo de Leste. Segui a margem direita deste riacho, e uma hora depois, acampava perto de duas povoações que avistava.

Logo que chegámos, vieram espreitar-nos alguns gentios, com quem pudemos falar a pedir provisões. Pouco depois, já aparecia no nosso campo algum massango que pretas quase nuas vinham vender. Comprando a missanga sem regatear, em breve tivemos alimentação suficiente para aquele dia.

Em breve se estabeleceram relações cordiais entre aquele gentio e nós. Por eles soubemos, que o ribeiro onde acampámos na véspera se chamava Licócótoa, o rio onde naquele dia havíamos lançado a ponte Nhongoaviranda, e o

córrego em cujas nascentes estávamos acampados Cambimbia.

As duas povoações que ficam na margem esquerda do ribeiro são Luchazes, aquela que ficava a N.O. do meu campo era de Quiocos ou Quibocos. Foram estes últimos que vieram ao meu campo e com quem estava em relações.

Comi mais de um litro de massango cozido em água, não me foi desagradável tal alimento.

Depois de ter saciado o apetite, calculei a posição em que estaria naquela noite o planeta Júpiter, no momento do eclipse do 1º satélite que eu precisava observar.

Eu estava acampado numa floresta copada, que não me deixava ver os astros.

Logo que achei pelo cálculo a posição do planeta no momento desejado, escolhi o lugar onde assentaria o meu telescópio, e mandei rasgar na floresta um claro suficiente para poder fazer a observação.

Houve grande faina; e os meus bravos Bihenos, machado em punho, conseguiram em duas horas rasgar uma abertura por onde eu pudesse dirigir o meu óculo.

As mulheres dos Quiocos ou Quibocos que vieram ao meu campo traziam os filhos ao lado como as Luchazes, suspensos do ombro oposto por uma faixa de casca de árvore.

Além de massango, trouxeram elas para vender umas raízes tuberculosas chamadas Genamba, de que os meus pretos gostavam muito e eu nada. Não cultivam o milho, e alimentam-se de massango.

O luxo dos penteados não se encontra entre os Quibocos ou Quiocos, e o seu vestir é mais miserável do que entre os Quimbandes. As mulheres andam nuas!

Causará decerto estranheza ao leitor, que eu, estando em pleno país dos Luchazes, lhe esteja falando em Quiocos. Se isso o admira, não me surpreendeu menos a mim o caso de os encontrar ali.

A emigração constante dos Quiocos e a colonização das terras Luchazes por eles, é um facto.

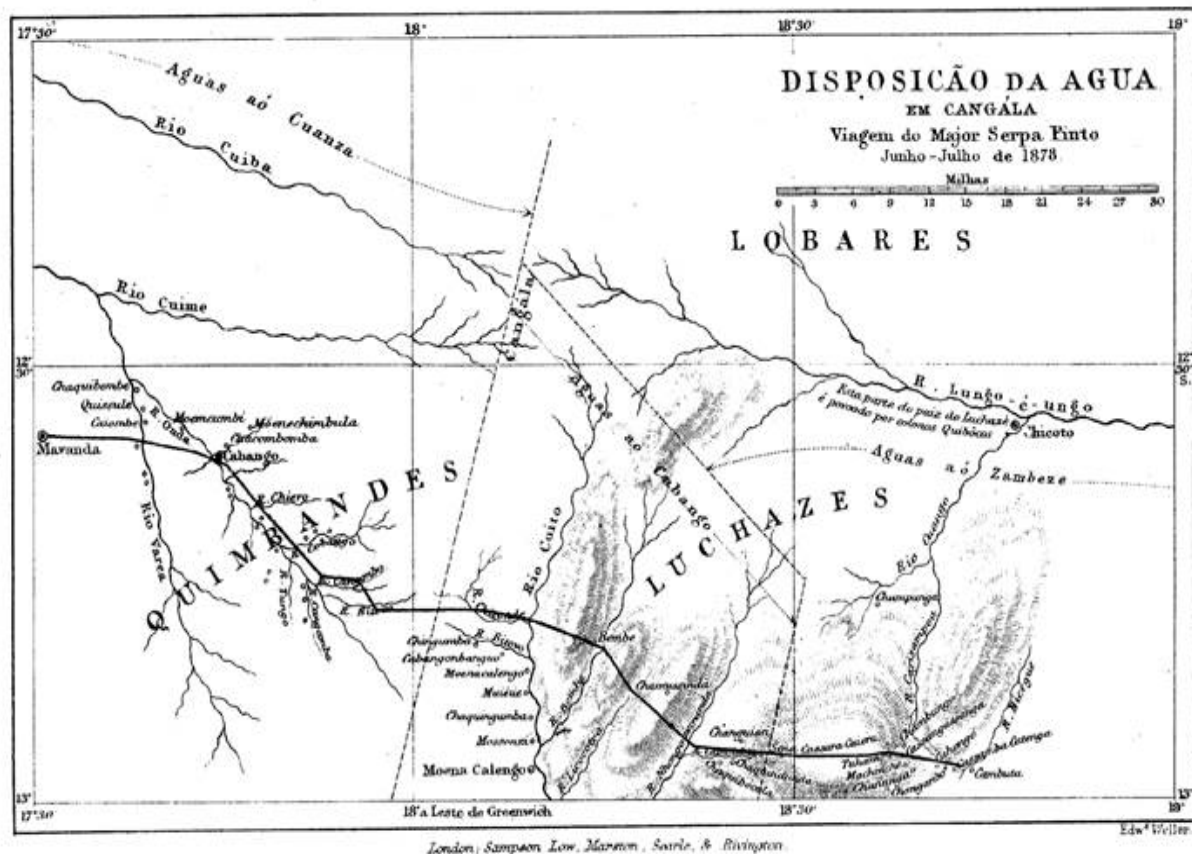
O país dos Quiocos ou Quibocos (que lhes chamam indiferentemente) é colocado ao norte de Lobar, nas vertentes leste da serra da Mozamba. Livingstone fá-lo

cortar pelo paralelo 11 sul, e pelo meridiano 20 leste de Greenwich.

Os Quiocos são viajantes, caçadores, e ousados. Alguns, descontentes com o seu país, emigraram para o sul, atravessaram o Lobar, e vieram estabelecer-se na margem direita do Lungo-é-ungo, em país Luchaze.

Não foram hostilizados, e atrás destes seguiram-se outros, sendo constante hoje a emigração. Não pararam ali, e seguiram muitos emigrantes mais ao sul, indo até ao Cubango. A maior parte da povoação de Darico é de Quiocos.

Perguntando-lhes eu, qual o motivo de abandonarem o seu país? disseram-me, que a doença e a falta de caça os afugentava de lá.

Estes Quiocos com quem entrei em relações, estavam estabelecidos ali havia pouco, e não lhes sobravam as provisões para venderem; mas disseram-me eles, que no alto da serra há um esplêndido panorama de N.E. a N.O. Vê-se todo o curso do rio Cuango, afluente do Lungo-é-ungo pelo sul.

Disposição da água em Cangala

Avista-se a bacia deste desde Cangala até à confluência do Cuango, e bem assim as bacias superiores dos rios Cuito, Cuime e Cuiba.

O golpe de vista é surpreendente.

Na vertente de oeste da serra Cassara-Caiéra a vegetação arbórea é esplêndida, na cumeada enfezada e pobre; na vertente leste a vegetação arborescente e herbácea verdadeiramente rica.

Esta vertente leste é chamada Bongo-Iacongonzelo.

Fui acampar na nascente do ribeiro Canssampoa, afluente do Cuango, e durante todo o trajeto daquele dia não encontrei água.

Junto ao meu campo, na outra margem do ribeiro, ficavam cinco povoações Luchazes.

Estas cinco povoações são governadas por um soveta que obedece ao soba Chicoto, cuja povoação é na confluência do Cuango com o Lungo-é-ungo.

As duas povoações Luchazes que ficam no Cambimbia obedecem ao Muene-calengo do Cuito.

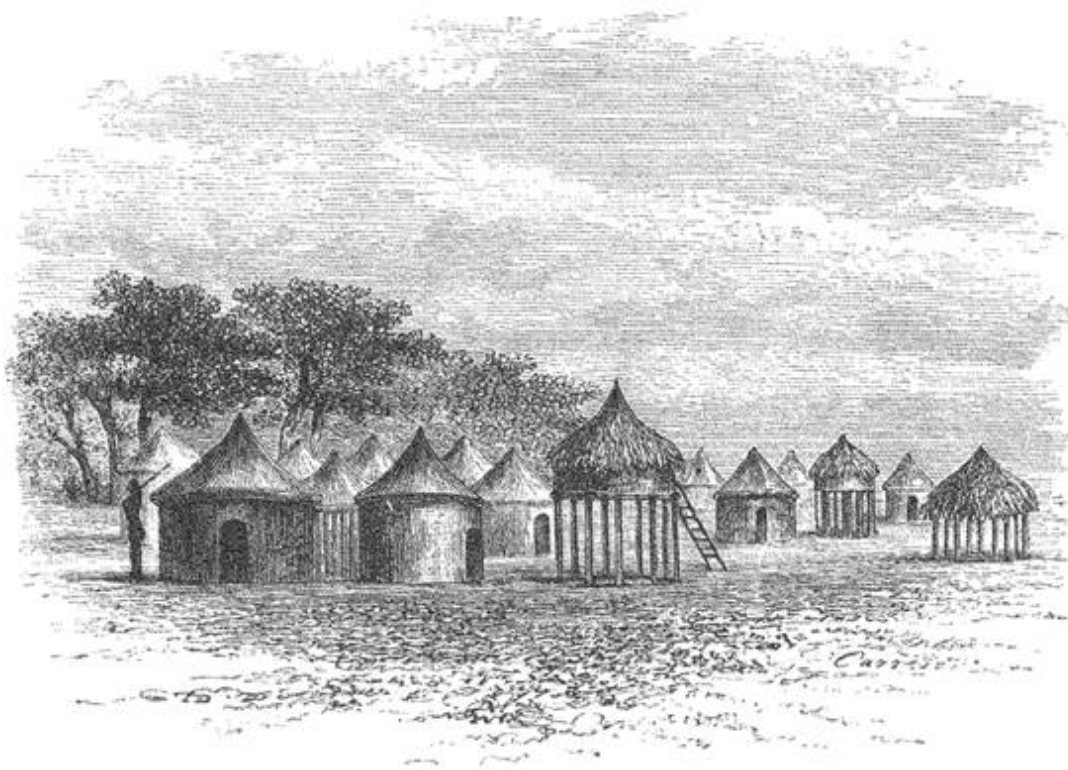
O soveta Cassangassanga veio visitar-me, e trouxe-me de presente um cabrito. Dei-lhe alguma missanga com que se retirou satisfeito, prometendo mandar-me algum massango naquele dia, e guias no imediato para me conduzirem a Cambuta, onde me disse eu encontraria muitos víveres.

Cumpriu as suas promessas, não só mandando o massango naquele dia, como os guias no seguinte.

O massango, dividido, deu uma pequena ração a cada um de nós; o cabrito não era coisa de vulto para tanta gente, e francamente dormimos com fome.

Ali cultivam massango, pouca mandioca, menos feijão, bastante mamona e algum lúpulo.

Trabalham o ferro com bastante perfeição, sendo o minério encontrado no país.

No dia 6 de Julho, parti a leste, e depois de três horas de caminho, na última das quais segui a margem do ribeiro Andara-canssampoa, acampava em frente da povoação de Cambuta, junto ao rio Bicéque, que corre a N.E. para unir-se ao Cutangjo, afluente do Lungo-é-ungo. O país tem uma certa aglomeração de população, que obedece ao sova de Cambuta. Ali pude obter bastante massango, único alimento que cultivam em abundancia, e por isso único que me vieram vender.

Povoação de Cambuta, Luchaze

Nunca vi tão grande quantidade de rolas como ali, e eu matei muitas, carregando a arma com pedrinhas miúdas das margens do ribeiro. Adoeceram-me alguns carregadores com papeira, e outros com gastrites, decerto provenientes da má alimentação.

Entre as raparigas que vieram ao meu campo vender massango, notei algumas muito galantes e muito esbeltas.

Andam quase nuas, e mal se lhes percebe, não uma folha de vinha, mas um pequeno farrapo de casca de árvore.

Ali homens e mulheres sem exceção tem os dentes incisivos da frente cortados em triângulo, de modo que estando a dentadura unida, aparece um losango vazio, formado por os dois triângulos cortados na frente em dentes de ambas as maxilas.

O frio continuava a ser intensíssimo durante a noite, e só junto de grandes fogueiras podíamos repousar.

Mulher Luchaze de Cambuta

No dia seguinte, continuavam as doenças. Um caso bem para notar era, serem só atacados os Bihenos, e resistirem os negros de Benguela, não tão habituados como aqueles ás vicissitudes da vida sertaneja.

De manhã, matou-se perto do acampamento uma ave de rapina, que a minha vista pouco experimentada não soube colocar em algum dos géneros em que se divide a família

dos rapaces diurnos, querendo, na minha ignorância em tal assunto, que fosse um Gypeta, ainda que julgo ser única a espécie do género conhecida.

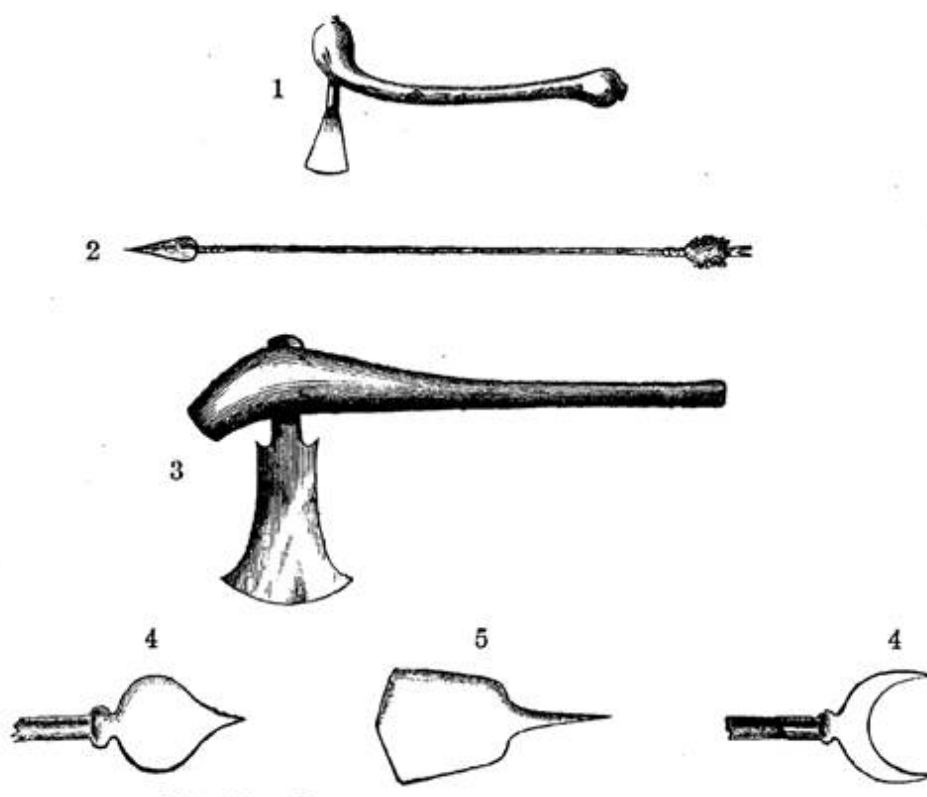
O meu pássaro parecia-se enormemente com o gypeta, exceto nas dimensões que as tinha muito menores, pois contava apenas, de ponta a ponta de aza, 1 metro e 75 centímetros.

Fosse o que fosse, foi saboreado pelos Bihenos, que em matéria de gastronomia, desde o homem até ao abutre, passando pelo crocodilo, leopardo e hiena, de tudo comem sem escrúpulo.

Homem Luchaze de Cambuta

Nesse dia, como na véspera, o tempo que me ficou livre das observações, empreguei-o a percorrer os arredores, levantando, como costumo, uma planta grosseira dos terrenos que avisto, tendo marcado três milhas ao sul da nascente do Biceque, a nascente do rio Cuanavare, grande afluente do Cuito. Junto da nascente do Cuanavare, estive na povoação de Muenevinde, governada por uma dama, cujo

marido que se chama Ungira, não tem voz ativa na governação.

Eu nunca fui amante de feijão-fradinho, mas à noite, de volta ao campo, tive um pequeno presente dele, e comi-o com devorador apetite.

Objetos fabricados pelos Luchazes

1 e 3. Machados.

2. Frecha.

4, 4. Ferros de frecha.

5. Enxada.

O sova de Cambuta estava ausente em caçada, e fizeram-me as honras da casa as suas damas, com quem conservei as mais cordiais relações, obtendo delas, não só boa provisão de massango, mas ainda 12 carregadores para ele, e dois guias para me encaminharem ás nascentes do Cuando e do Cubangui, afluente daquele, rios que me diziam no país serem os maiores do mundo.

Permitam-me aqui agora os meus leitores duas palavras, a respeito das últimas do período anterior que sublinhei.

O rio Cuando, decerto o maior afluente do Zambeze, não foi conhecido por mim pelas informações dos Luchazes de Cambuta; e eu, tendo sustentado a minha marcha do Bihé até ali, uma grande parte do caminho fora e muito ao norte do trilho das caravanas Bihenas, sabia o que fazia, e onde deveria pouco mais ou menos ir encontrar as nascentes de tão grande artéria. Devia isso ás informações de Silva Porto,

que já tinha descido aquele rio do Cuchibi até Liniante, levando cargas em canoas.

Silva Porto tinha-me assinalado as nascentes daquele rio, que ele conhecia nos seus terços medio e inferior, pouco mais ou menos no ponto em que as encontrei, e isto por informações colhidas por ele do gentio.

Se Silva Porto pudesse dar aos pontos que conhece da África Austral, as posições traduzidas em longitudes e latitudes, enchiam-se facilmente os espaços em branco que ainda existem na carta daqueles países.

Assim, pois, partindo de Cambuta a buscar as nascentes do Cuando, eu cumpria o itinerário que havia traçado, e ia resolver um dos problemas que mais desejava resolver.

As notícias detalhadas ia eu colhendo em caminho, as gerais essas já as tinha aprendido de Silva Porto.

Disseram-me os meus guias, que íamos atravessar, para além do rio Cutangjo, uma região despovoada, e por isso era mister fazer provisões para o caminho. Foi essa informação que me levou a comprar mais massango, e a pedir 12 homens, ás mulheres do sova.

Parti no dia 9 de Julho ás 9 da manhã, e três horas depois passava o rio Cutangjo, e acampava na sua margem direita, junto da povoação de Chaquissengo. O Cutangjo tem ali 4 metros de largo, por 1 de fundo, e corre a N.N.E. para o Lungo-é-ungo. Vi que nas plantações havia alguma mandioca e muito massango - o terrível massango, que tanto me havia de perseguir em África!

Algodoeiros e mamona cultivam muito estes Luchazes.

De Cambuta ao Cubangué

Trabalham o ferro, que tiram das margens do Cassongo, e as suas obras são muito perfeitas.

Quase todos os Luchazes tem barba por baixo do queixo, e pequeno bigode. Vai ali desaparecendo o luxo dos penteados extraordinários que até ali faziam a minha admiração.

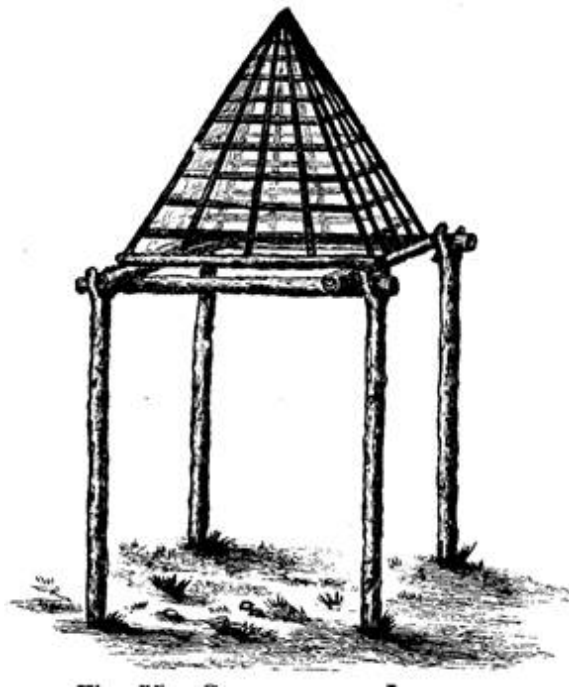
Mulher Luchaze do Cutangjo

Os homens usam um largo cinto de couro cru, com fivelas feitas por eles; cobrem com peles a sua nudez, e abrigam-se do frio com alicondes, que extraem de árvores das florestas.

Não fabricam panelas, e as que usam vão obtê-las dos Quimbandes.

Fazem manilhas, com cobre, que ali lhes vêm permutar a cera os Lobares, sendo que estes o obtêm da Lunda.

Cachimbo Luchaze

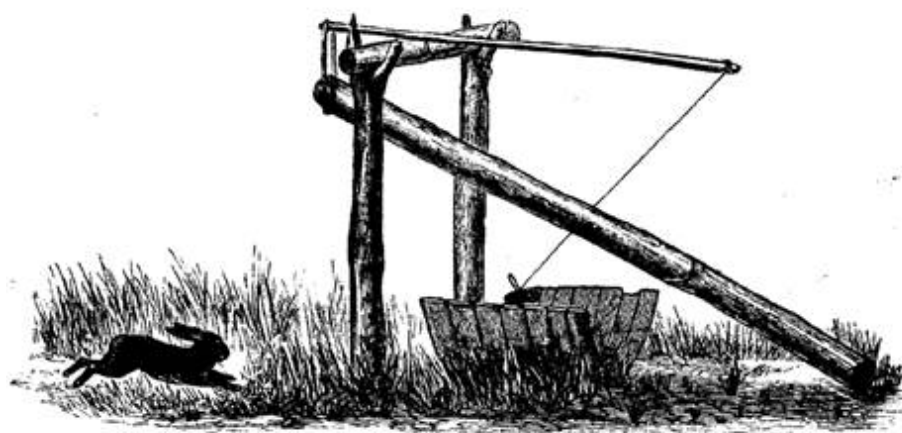
Fui ver a povoação de Chaquicengo, que, como todas do país, é muito bonita e de um grande asseio. As casas são feitas de troncos de árvores, de 1 metro e 20 centímetros de altura, que tanto é a altura das paredes. O intervalo da madeira, que é encostada uma à outra, é cheio, num as de barro, em outras de palha. Os tetos são de colmo, e como as armações são feitas de varas muito finas, fazem uma curva, tomando um aspeto de tetos Chineses. Os celeiros são colocados muito altos sobre uma armação de madeira, todos de palha, e de cobertura móvel; pois é preciso levanta-la para ir dentro buscar os mantimentos. Têm acesso por uma escada de mão, e não são mais do que um cesto gigantesco à prova de água, em que é tampa um teto cónico.

Capoeira dos Luchazes

As capoeiras são umas pirâmides quadrangulares de varas de árvore, assentes em quatro pés ou estacas muito altas, para as por ao abrigo dos pequenos carnívoros.

No centro da povoação há, como no Huambo, uma espécie de quiosque para conversa.

Ali, em torno de uma fogueira, alguns homens preparavam arcos e frechas. Receberam-me muito bem, e vieram-me oferecer uma bebida preparada com água, mel e farinha de

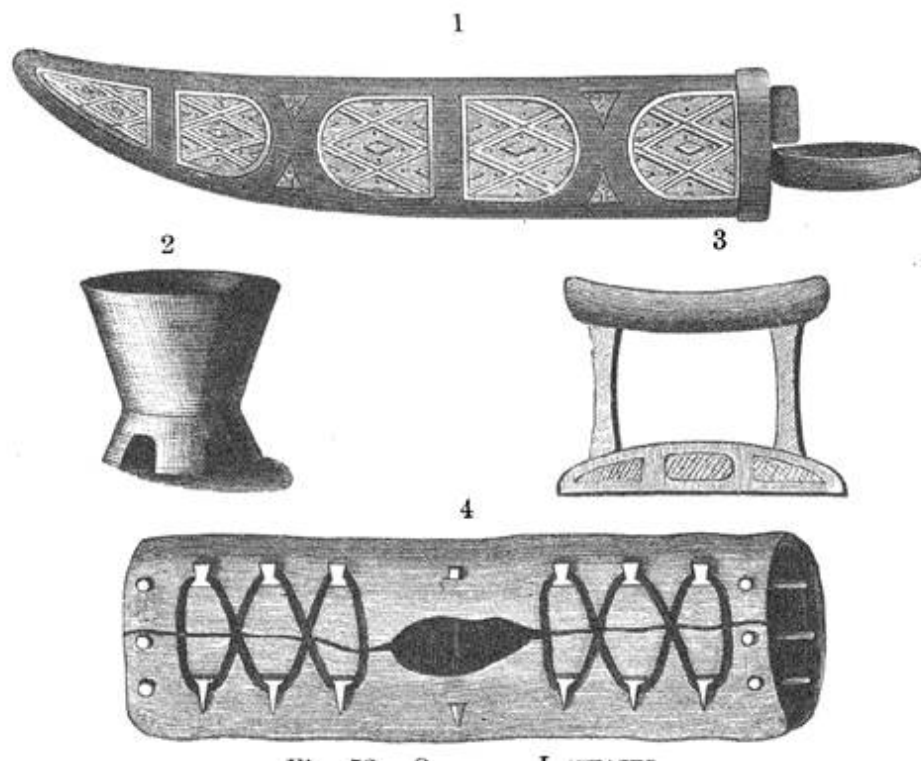
Lúpulo, que misturam num a cabaça onde a deixam fermentar. Chamam-lhe Bingundo, e é a mais alcoólica que tenho encontrado.

Estes Luchazes usam uma armadilha para apanhar pequenos antílopes e lebres, que é engenhosa, e bem só compreende em vista do desenho. Chama-se Urivi.

Urivi, Armadilha para caça

Depois de um passeio até ás nascentes do Cutangjo, voltei ao meu campo, acompanhado por grande número de homens e mulheres que não cessavam de me admirar.

Entre esta gente das margens do Cutangjo vi muitos tipos masculinos de uma fealdade repugnante.

Estes povos, não só apanham muita cera nas florestas, mas ainda colocam nas árvores inúmeras colmeias que fabricam com uma grossa casca de árvore ligada com pinos de pau.

Luchaze do Cutandjo.

Objetos Luchazes

1. Bainha de faca.

2. Cesto.

3. Travesseiro de pau.

4. Cortiço de abelhas.

No dia 10 de Julho, parti ás 8 da manhã, e meia hora depois, apesar dos guias, andava perdido num a floresta impassável,

donde pudemos a muito custo sair ás 10 horas. Então encontrámos terreno limpo de arbustos, mas coberto de árvores gigantes, que nos abrigavam do sol; prazer que durou pouco, porque, meia hora depois, já andávamos outra vez metidos em mato tão emaranhado que nos deu verdadeiro trabalho a transpor. Enfim, ás 11 e 20 minutos, descia eu a vertente suave de um cômoro, em cujo sopé a água limosa de uma pequena lagoa era cercada por um tapete de verdejantes gramíneas.

Ao chegar ali, dei um tiro num animal que creio se chama Leopardus jubatus, cuja pele veio aumentar a minha cama felina. Esta pele, que foi minha cama até Pretoria, ofereci eu ao Doutor Bocage.

Este leopardo jubatus bastante raro, porque em toda a minha viagem vi apenas dois, vê muito pouco de dia, suponho eu, e suponho isto por ter notado em ambos, que, ao deparar com eles, fitavam as orelhas para o meu lado, em que sentiam rumor, como querendo perceber o perigo mais pelos órgãos auditivos do que pelos visuais.

Abeirei-me da lagoa, e determinei a sua posição, tendo mandado construir o meu campo uns 100 metros ao sul,

sobre a encosta, ficando uns 30 metros sobranceiro ao pântano, que mais pântano do que lagoa é o charco onde nasce o grande afluente do Zambeze.

Quando trabalhava fui acometido de um repentino e violento acesso de febre que me prostrou por três horas. Quando voltei a mim, não pude deixar de sorrir. Estava coberto de amuletos, tendo ao pescoço um sem-número de cornos de pequenos antílopes, cheios das mais virtuosas medicinas. Uma pulseira de dentes de crocodilo enlaçava-me o braço direito, e dois enormes cornos de malanca pendiam de dois paus espetados dentro da barraca.

Os meus pretos, durante a febre, não se tinham poupado a cuidados, e ouvido o doutor Chacaiombe, tinham posto tudo aquilo sobre mim, com a mais inteira fé no resultado.

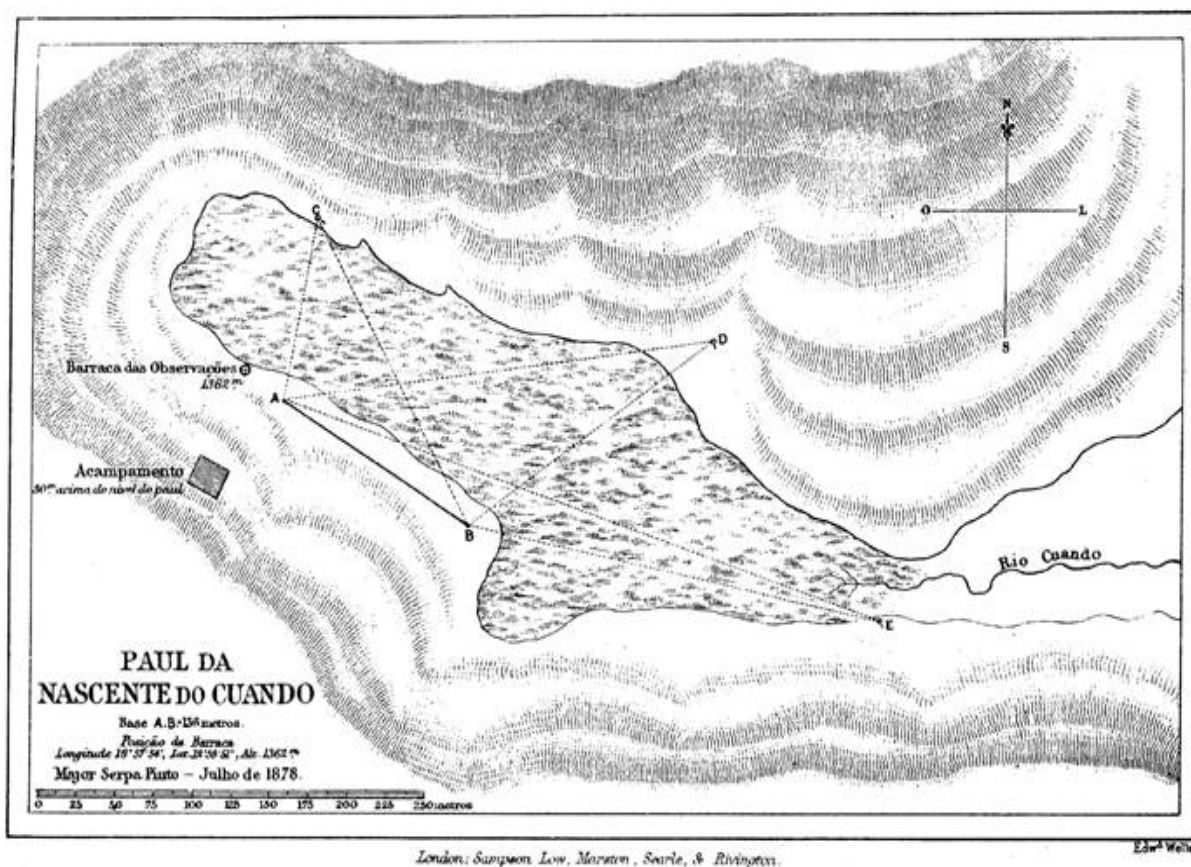
Uma forte dose de quinino, que tomei, determinando o meu pronto restabelecimento, veio corrobar mais as virtudes dos amuletos, que tudo a eles foi atribuído.

Os meus pretos Augusto e Miguel, tinham ido caçar; mas voltaram sem nada, tendo encontrado alguns leopardos. Viram contudo muitos rastos de caça grossa.

No dia seguinte de manhã, levantei uma grosseira planta do pântano, retifiquei a minha posição, e levantei um pequeno padrão, construído de barro, dentro da barraca das observações, onde enterrei um frasco que fora de quinino, perfeitamente rolhado, contendo um papel, onde, de um lado, por baixo do nome d'el-rei, escrevi os nomes dos membros da comissão central permanente de geografia, e do outro, as coordenadas do ponto, e a data.

Depois do meio-dia, os guias Luchazes foram mostrar-me a nascente do rio Queimbo, afluente do Cuando por oeste. Marquei estas nascentes, 6 milhas geográficas a S.O. do pântano da nascente do Cuando.

Os doze carregadores Luchazes estavam muito saudosos das suas casas, e queixavam-se muito do frio. O país é despovoado, e deve ter muita caça, porque dela tinham rastos, continuando a aparecer leopardos, que dela são também indício certo. Nós não vimos nenhuma. Era preciso seguir avante, porque os mantimentos desapareciam rapidamente, e precisávamos alcançar as povoações Ambuelas, para escapar à fome.

Na manhã de 12 de Julho, por um frio de dois grãos acima de zero, mandei levantar campo e preparar para partir; não conseguindo deixar o acampamento antes das 8 horas.

Pântano da nascente do Cuando

Milhares de periquitos esvoaçavam nas matas e faziam uma chiada infernal.

Segui a margem direita do Cuando por duas horas, e em seguida, por indicação dos guias, passei à margem esquerda sobre uma ponte que improvisámos de troncos de árvore.

Ali já o rio tinha dois metros de largo por dois de fundo, e violenta corrente.

Ao passar o rio, avistei uma manada de gnous, a que não pude atirar.

Acampei ali. As margens do Cuando são montanhosas, e desde a nascente até àquele ponto tem uma faixa apaulada de 30 a 40 metros, que deita em toda a extensão muita água, que vai engrossar o rio.

Este facto dá-se com quase todos os rios daquelas regiões, que recebem por aquele meio enorme quantidade de águas, de modo que, sem a eles afluírem outros, são navegáveis a algumas milhas das pequenas nascentes.

Na margem direita do rio vi aqui e além algumas barreiras verticais estratificadas, apresentando faixas cor-de-rosa, brancas e azuis.

No dia seguinte, levantei ás 8, e caminhei até ao meio-dia, indo acampar junto de um córrego afluente do Cuando.

Adoeceram-me alguns homens, com papeira, e outros com inflamações nas pernas.

Felizmente, as cargas das provisões tinham diminuído sensivelmente, e tinha carregadores de sobrexcelente. Nas margens apauladas do Cuando abundavam sanguessugas, que mandei apanhar, para aplicar a alguns doentes que delas careciam.

As matas que atravessei, e aquela em que estava acampado, eram quase exclusivamente formadas de umas árvores enormes, a que os Bihenos chamam Cuchibi, árvores prestadias ao viajante faminto.

O seu fruto semelha um feijão, onde só um grão de vivo escarlate está encerrado na casca verde-escura. Este fruto, depois de uma demorada cocção, separa os invólucros escarlates dos cotilédones brancos. Sam aqueles invólucros escarlates a parte comestível desta semente.

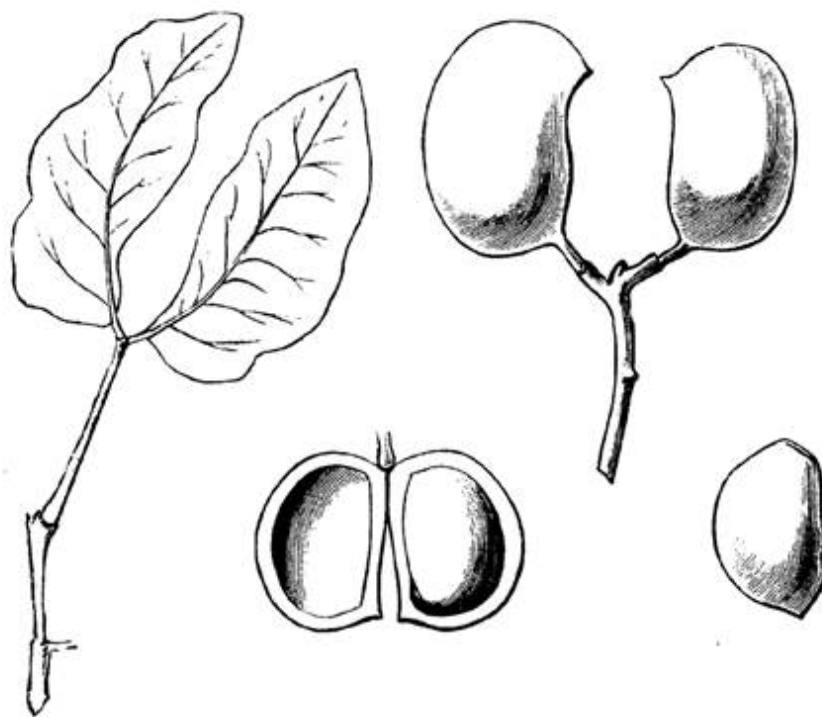
O Cuchibi

Sam bastante oleaginosos, e os Ambuelas e Luchazes extraem deles um óleo que tempera a comida.

Este fruto é decerto um grande socorro ao viajante faminto; mas não é para pressas, que a sua cocção é demoradíssima.

Outro fruto que se encontra ali e que é bastante vulgar em todo o planalto, é o que os Bihenos chamam Mapole.

É produzido por uma árvore de mediana corpulência, e semelha pela cor e tamanho uma laranja madura.

Um pedúnculo bastante comprido suspende este fruto verticalmente dos ramos da árvore. O epicárpio e o mesocárpio estreitamente ligados, formam um invólucro de quatro milímetros de espessura, de dureza córnea.

Folha e Fruto do Cuchibi

(Tamanho natural.) Só com um forte machado se pode partir. No interior a parte comestível é um líquido espesso e coagulado em que se aglomeram umas sementes como as das ameixas pequenas.

Este líquido, de sabor agridoce, tomado em quantidade, é bastante purgativo; mas asseguraram-me os Bihenos, que é muito nutritivo e um homem pode viver dele alguns dias.

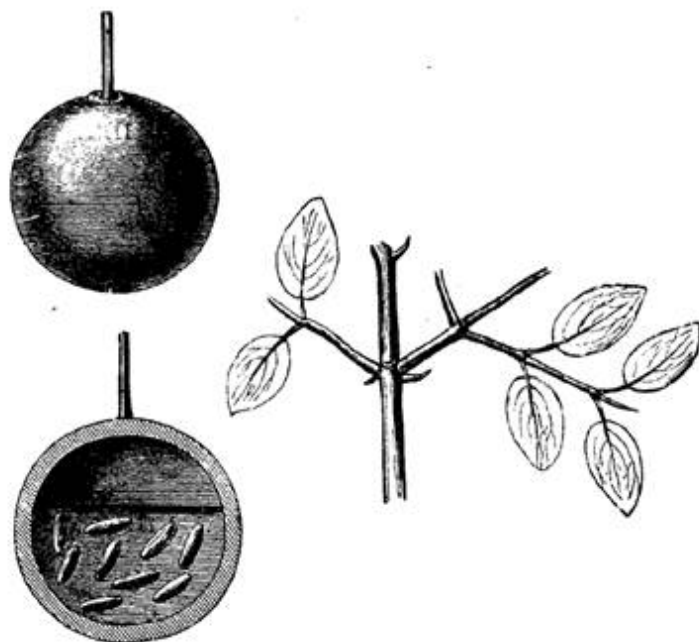
No dia seguinte, deixei o rio Cuando, que já ali se inclina a S.S.E.; e por indicação dos guias, caminhei a leste, para ir demandar as nascentes do Cubanguí, rio que eles me diziam ser muito grande.

Depois de uma hora de marcha, passei um ribeirão que corre ao sul, num terreno apaulado de 100 metros de largo, que custou a transpor; 4 milhas além, outro grande ribeiro corre paralelo ao antecedente.

O Mapole, Árvore e Folha

Entre os leitos destes ribeiros, e bem assim entre os dos afluentes do Cuando, a leste, correm montanhas norte-sul, montanhas que pertencem a um sistema mais importante, que ao norte corre leste-oeste, indo as suas vertentes N. terminar no vale do Lungo-é-ungo.

Pelas 11 e meia, cheguei ao alto da serra, donde os guias me mostraram, muito ao longe, as nascentes do rio Cubanguí. Marquei aquelas nascentes perfeitamente a leste; e como receei não poder, chegado que fosse, determinar a latitude, parei, e ao meio-dia determinei a daquele ponto em que estava, por ser a mesma das nascentes do rio, estando, como estavam, leste-oeste com ele.

Pelas 2 horas da tarde, acampei junto ás nascentes, que são em tudo semelhantes ás do Cuando. O pântano que dá nascente a este rio tem o seu eixo norte-sul, e estende-se por um quilómetro, variando a sua largura entre 80 e 100 metros.

Mapole, Fruto e disposição dos Ramos

Não apareceu caça, mas vimos dela muitos rastos, e durante a noite, os leões fizeram um concerto infernal em torno do campo.

Já ali se distribuíram as últimas rações, e de novo tínhamos diante de nós a fome.

Os guias diziam, estarem perto as povoações, mas termos de marchar dois dias para as alcançar; porque os muitos doentes, e sobre tudo o pombeiro Canhengo, que estava mal, nos impediam de forçar as marchas.

O meu cuidado era extremo, e receava já que o agravarem-se as doenças com a fome e com a fadiga me impedisse de alcançar a tempo os recursos precisos.

No dia seguinte, apesar de todos os meus esforços, não consegui sustentar a marcha além de quatro horas, e tive de acampar na margem do Cubanguí, que não deixei desde a sua nascente. No ponto em que acampei já o rio conta três metros de largo por um de fundo.

Um gnou, que matei, e algum mel que os pretos colheram na floresta, deu minguada ração com que passámos um dia.

No dia imediato continuei a seguir a margem direita do Cubanguí, e depois de quatro horas de marcha, acampei junto ao ribeiro Linde, em frente de três povoações Ambuelas. Mandei logo não só àquelas povoações, mas ainda a outras que ficavam na margem direita, e apenas pudemos obter uma escassa ração de massango.

Todos nos diziam, que no dia seguinte chegaríamos à terra do sova, e que ele nos daria de comer. Na confluência do Linde já o rio Cubanguí tem 5 metros de largo por 3 de fundo.

Os meus doentes não melhoravam muito, o que não era por falta de dieta.

Foi preciso sustentar marcha de seis horas, para alcançarmos no dia imediato a povoação do chefe, a quem mandei logo um presente de uma farda velha de cabo de infanteria 2, que ele muito agradeceu, dando ordem aos seus povos para me venderem mantimentos. A troco de missanga obtivemos massango, o maldito massango, que tanto me havia de perseguir.

Despedi os meus guias, e os doze Luchazes que até ali me acompanharam, e que se retiraram satisfeitos com o que lhes dei.

Eles fraternizaram com a gente das povoações Ambuelas, que estão ali um pouco misturadas com a raça Luchaze.

Em um dos dias seguintes que passei ali, acampou junto de mim uma grande porção de famílias Luchazes que se vinham estabelecer no país.

Moene-Cahenda, Sova de Cangamba.

E o que ele traz na mão.

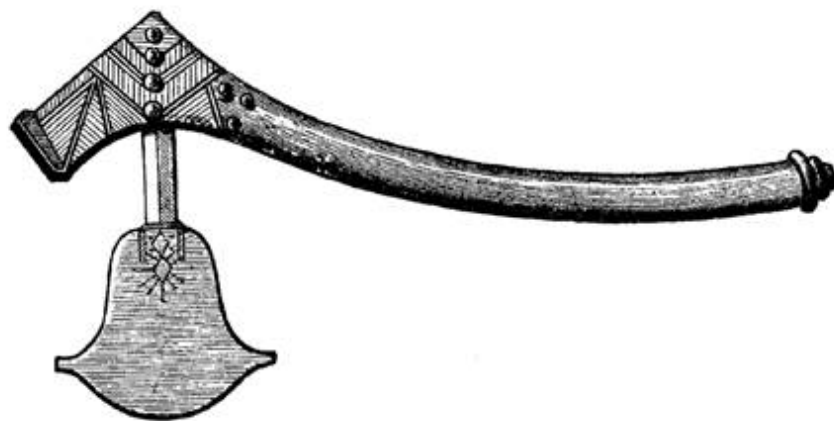
Passou ali também um rancho de caçadores, que iam para o sul em busca dos elefantes. Foi a primeira vez que ouvi falar em elefantes, porque todo o país que atravessei desde Benguela até ao Cubanguí, não os tem, nem mesmo deles vi rasto antigo.

Ainda assim, os tais caçadores disseram-me, que precisavam andar seis dias para os encontrarem.

Dois dias depois da minha chegada, veio visitar-me o sova de Cangamba, Muene Cahenda, que me levava um presente de quatro galinhas e um grande cesto de massango.

Trajava a farda que eu lhe tinha enviado, e da cinta pendiam-lhe peles de leopardo. Na mão trazia ele um objeto formado de caudas de antílope, com que sacudia as moscas.

A cultura é feita no país por homens e mulheres, que, em pequenas plantações, cultivam massango, algodão, pouca mandioca, e ainda menos batata doce.

Trabalham muito em ferro, que extraem das minas na margem direita do rio, junto das quais passei, ao norte de Cangamba.

Chimbenzengue

Machado dos Ambuelas de Cangamba.

Ao contrário dos outros povos Ganguelas, em Cangamba são os homens que fazem as panelas e as mulheres esteiras.

Fiam o algodão, que tecem em teares de ocasião, fazendo uns panos, do tamanho de toalhas de rosto, muito perfeitos.

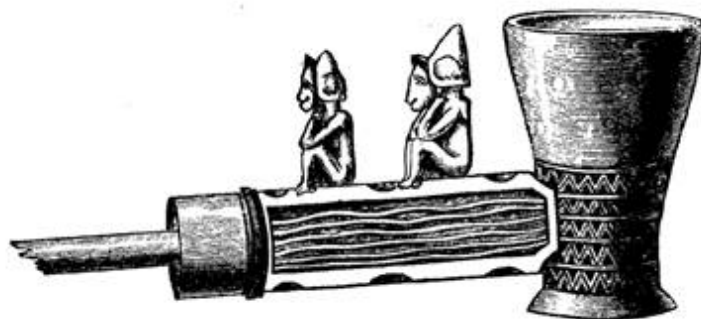
Vieram vender-me tabaco, que dizem cultivar no país, mas que eu não vi nas plantações que visitei.

As armas de que usam são frechas e machadinhas.

O Cubanguí tem, junto a Cangamba, 15 metros de largo por 6 de fundo, e 12 metros de corrente por minuto.

Tem peixe, a que não posso assinalar o feitio, porque os que vi eram secos, e tinham de 40 a 50 centímetros de comprido.

Mandioca e peixe seco; que opíparo banquete para quem andava condenado ao atroz massango!

O rio Cubanguí, para não escapar à lei geral daquele Continente, tem crocodilos, mas são nada vorazes, e afiançaram-me os Ambuelas, não haver exemplo de uma desgraça causada por eles.

Cachimbo Ambuela

Fui pagar a visita ao sova, que é sujeito distinto e simpático. Como me não vendiam senão massango, pedi-lhe, que me desse alguma mandioca e algumas batatas doces, presente

que ele me fez em minguada porção, escusando-se por não ter mais.

Ainda assim, chegou para três dias. Três dias de férias de massango!

Tendo obtido guias, alguns carregadores, e bastante massango, decidi seguir avante, no dia 22 de Julho, a demandar as povoações do sova Caú-eu-hue, no rio Cuchibi, onde passa, o caminho outrora seguido por Silva Porto, e que eu abandonei no Cuanza, seguindo mais ao norte.

Disseram-me os guias, que teria de jornadear em país deserto por espaço de 8 dias, e por isso precisava ir bem provido de rações. Os meus doentes tinham melhorado com o descanso e mais abundante alimentação; ainda assim, o Muene-Cahenga forneceu-me dez homens para ajudarem a carregar o massango de que me provi.

Tendo-me dito os guias, que durante dois dias devíamos caminhar na margem do rio, tive a lembrança infeliz de o descer embarcado.

A 22 de manhã, mandei transportar o meu barco de cautchuc ao rio, fiz levantar campo, e tendo entregue o

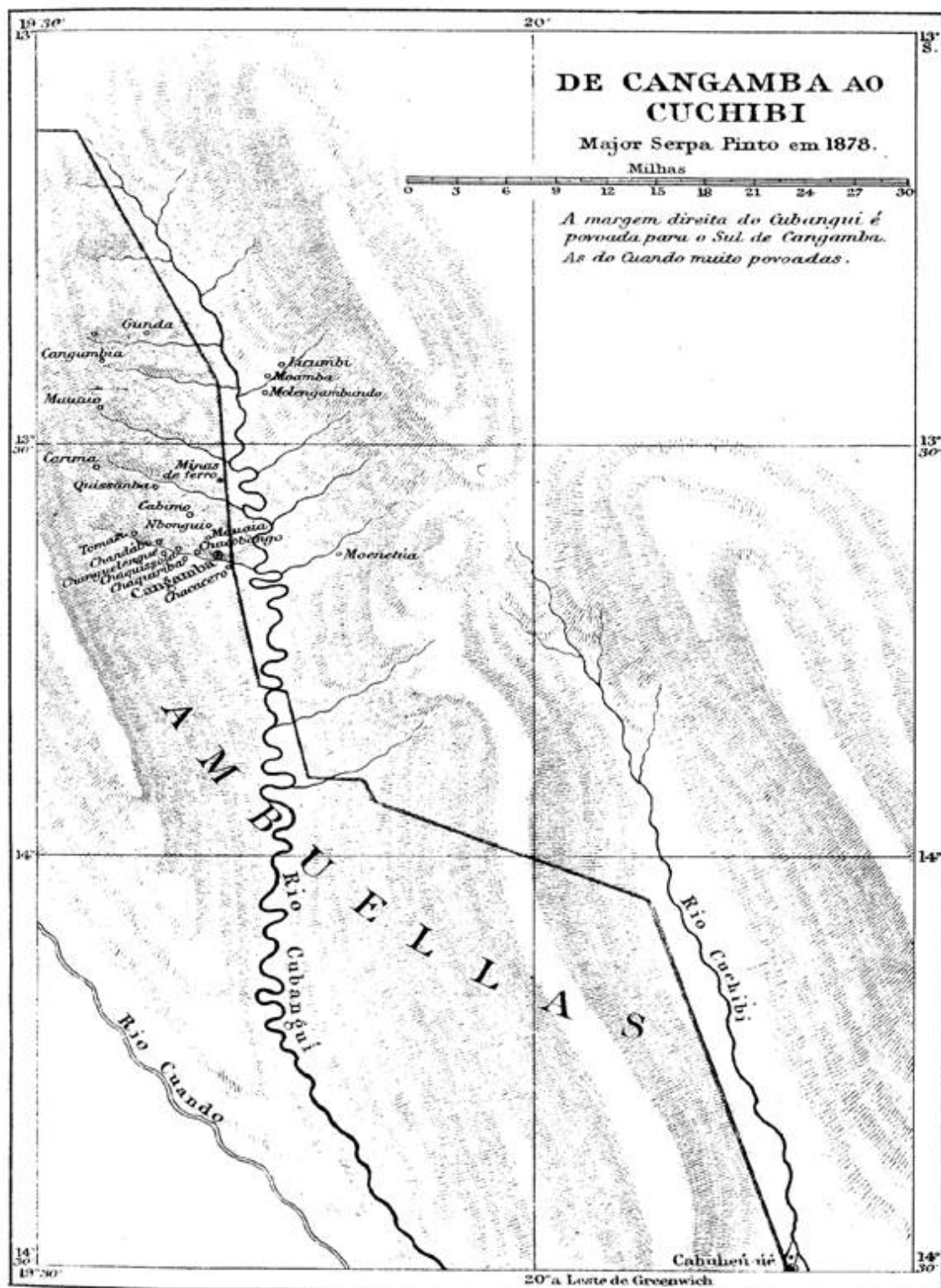
comando da comitiva ao Verissimo, dirigi-me ao barco, que tripulei com dois moleques pequenos, o meu Catraio, e outro pequeno de 12 anos, chamado Sinjamba, filho de um carregador Biheno, que escolhi por falar bem a língua Ganguela, e poder servir-me de intérprete, se isso fosse preciso.

Declaro, que não foi sem uma certa comoção que deixei a margem, e me lancei na corrente de um rio desconhecido, tendo por únicos companheiros duas crianças, e governando um barco de frágil tela.

O rio, que nasce trinta milhas ao N., já tem ali 15 metros de largo por 6 de fundo, e pouco a jusante, alarga a 40 e 50 metros, e ás vezes mais.

O seu fundo, que varia entre 3 e 6 metros, é coberto de área muito alva, que decerto cobre uma camada de lodo, porque a flora aquática do rio é verdadeiramente assombrosa.

Muitas espécies de juncos e outras plantas aquáticas enraízam no fundo, atravessam com as suas folhas e os seus troncos finos, sempre agitados pela corrente, 6 metros de água, e vêm desabrochar à superfície, as suas flores de variado colorido, e elegantes formas. Por vezes, esta

pomposa vegetação ocupa toda a largura do rio, e parece impedir a passagem. A princípio hesitei em lançar o barco sobre aquele prado aquático, julgando encontrar fundo e falta de água para navegar; mas depois que a sonda ali me acusou, ora 4 ora 6 metros de água, não mais duvidei em deslizar por entre aqueles jardins floridos.

De Cangamba ao Cuchibi

Nos pontos onde a água, pela disposição do leito, tem corrente insensível, é que esta vegetação submersa se converte em verdadeira mata virgem, que prende o barco e não o deixa avançar.

Vi muitos peixes nadando ligeiros por entre as sarças, sendo alguns de mais de 60 centímetros de comprido.

Bandos de patos fugiam diante de mim, estranhando decerto o serem interrompidos naquelas regiões nunca devassadas por uma canoa.

Nos juncais das margens, milhares de passarinhos chilreavam e saltavam nos ramos das gramíneas, que mal se curvavam ao seu peso ligeiro.

Aqui e além, um pássaro pescador sustentava a mesma posição no ar com um rápido bater de asas, até descer verticalmente com velocidade de frecha a tomar a presa que espreitava.

Nos canaviais da margem, um grande rumorejar na folhagem verde deixava-me perceber um ou outro crocodilo que desaparecia nas águas.

Outras vezes, aquele rumor era seguido pelo baque de um corpo que em leve salto se precipitava no pego, e mal eu tinha tempo de perceber uma esquiva lontra.

O rio, cuja direção geral é Norte-sul, descreve as mais caprichosas curvas, que quadruplicam o caminho. A margem direita é um vasto pântano de largura muito variável, que ás vezes alcança 1000 metros. Dali se escoa um grande volume de águas que engrossam o rio a olhos vistas.

Três milhas além de Cangamba, vi um rancho de 18 mulheres que pescavam junto à margem, peixes pequenos, com cestos de vime.

Em uma das voltas do rio, percebi três antílopes desconhecidos para mim, e quando ia a tomar a carabina para lhes fazer fogo, eles saltaram na água e desapareceram em profundo mergulho.

Este facto causou-me a maior estranheza, que cresceu de ponto quando, no correr da viagem, por vezes divisei muitos daqueles animais, já nadando e mergulhando rapidamente, já conservando sempre a cabeça submersa, e deixando ver apenas as pontas dos cornos.

Este animal curioso, que tive depois ocasião de matar no Cuchibi, e de cujos hábitos tive algum conhecimento, obriga-me a suspender por um momento a minha narrativa, para falar dele.

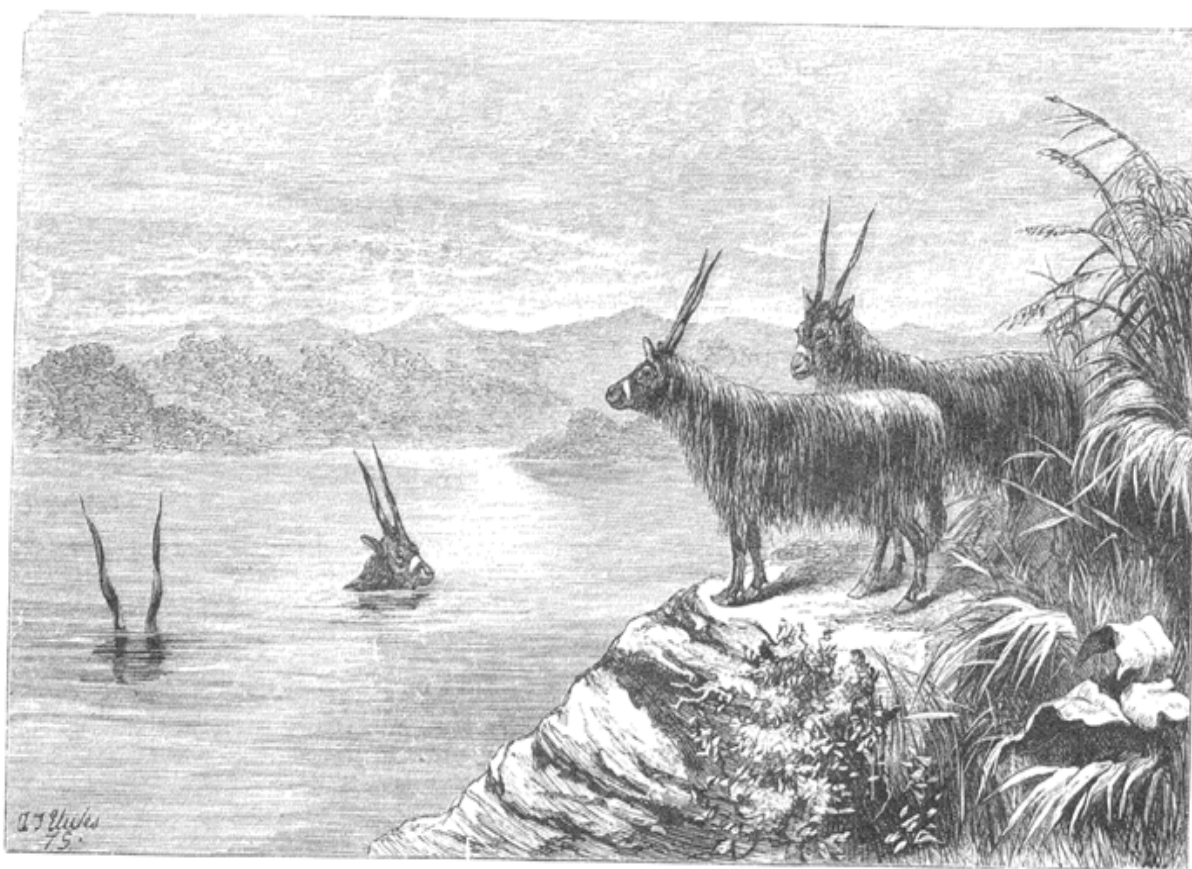
Chamam-lhe os Bihenos Quichobo, e os Ambuelas Buzi. O seu tamanho, no estado adulto, é o de um bezerro de um ano. O pelo é cinzento escuro, de 5 a 6 centímetros de comprido, e extremamente macio. Na cabeça o pelo é mais curto, e tem sobre as fossas nasais uma lista esbranquiçada transversal. Os cornos tem 60 centímetros de comprido, e a sua seção na base é semicircular, tendo a corda quase retilínea. Conserva esta seção até três-quartos da sua altura, depois do que se torna quase circular até à ponta. O eixo medio dos cornos é reto, e formam entre si pequeno angulo. Sam torcidos em torno do eixo, sem perder a sua forma retilínea, apresentando as arestas uma espiral de passo muito largo.

As patas tem compridas unhas semelhantes ás do carneiro, e reviradas nas pontas.

A disposição das patas e os seus hábitos sedentários tornam este notável ruminante improprio para correr. A sua vida

passa-se na água, e nunca se afasta muito da margem do rio, onde saí a pastar, raras vezes de dia, e muito de noite.

O seu sono e o seu repouso é na água.

A sua potência mergulhadora é igual, senão superior, à do Hipopótamo. Durante o sono aproximam-se da superfície da água, e deixam ver fora dela metade dos seus cornos.

O quichobo

É muito tímido, e acoita-se no fundo das águas ao menor sinal de perigo.

É fácil de surpreender e de matar, sendo que os indígenas lhe dão grande caça, para se aproveitarem das suas peles, que são magníficas, e da sua carne, que não é muito boa.

Quando saem a pastar, a sua pouca destreza na carreira, permite aos indígenas o apanharem-no vivo, não se defendendo no último trance, como fazem quase todos os antílopes.

A fémea, como o macho, é armada de cornos.

Há muitos pontos de contacto entre a vida deste extraordinário ruminante e a dos hipopótamos seus conterrâneos.

O rio Cubanguí, o rio Cuchibi e o alto Cuando, dão guarida a centenares de Quichobos, que não aparecem já no baixo Cuando, nem no Zambeze. Eu explico este facto pela voracidade dos crocodilos no Zambeze e baixo Cuando, que em pouco tempo dizimariam tão tímido animal, se ele se

afoutasse a ir viver nas águas onde reina com absoluta soberania o carniceiro anfíbio.

Em uma entrevista que tive em Pretoria com um notável caçador de antílopes, Mr. Selous, me disse ele ter ouvido falar do meu antílope, aos indígenas do alto Cafucue, onde lhe disseram existir um animal naquelas condições de vida.

A minha pouca competência em matéria de zoologia, não me permitiu fazer mais minucioso estudo de um animal, que eu julgo merecer a atenção dos homens de ciência pelos seus estranhos hábitos.

Continuando com a minha narrativa, tenho a fazer os maiores elogios ao meu barco Macintosh, que se portava muito bem nas águas do Cubanguí; mas cuja exiguidade de formas me obrigava a uma posição constrangida, que, pelas 4 horas da tarde, me produzia dores em todas as articulações.

Desde que deixei Cangamba não mais vi sinais da minha comitiva, e pelas 4 horas da tarde, ás dores de uma posição contrafeita já se unia um vago cuidado e uma fome bem pronunciada. Os meus pequenos remadores estavam extenuados de fadiga. Aportei à margem esquerda, e

mandei o moleque Sinjamba subir ao tope de uma árvore a investigar se na outra margem se erguia o fumo do acampamento.

Ele julgou ver o fumo a N.O., a montante por isso do sítio em que estávamos.

Tornámos a subir o rio, e eu com muito custo pude saltar no pântano da margem direita e encaminhar-me ao lugar onde foram assinalados os indícios de fumo.

Teria andado um quilómetro, quando percebi vestígios da passagem da minha comitiva para o sul. Os rastos da minha cabra e dos cães não me podiam enganar.

Voltei ao barco e tornei a navegar rio abaixo. De vez em quando parava e mandava o moleque trepar a alguma árvore da margem esquerda, mas esta manobra repetia-se sem resultado.

Aproximava-se a noite, e eu não estava sem cuidados; porque, além da fome que sentia, receava o dormir fora do campo, por causa dos meus cronómetros que ficariam sem corda.

Tinha desaparecido o sol, e naquelas paragens o crepúsculo é curto. Decidi acampar com os meus dois pequenos na margem esquerda, e quando já dava execução ao meu plano, pareceu-me ouvir o estampido de um tiro muito longe a S.O. Redobrámos de esforços, e pouco depois ouvia outro tiro, a que respondi.

Ao meu tiro, vi o clarão de outro atirado a 200 metros de mim. Dirigi para ali o barco, e deparei com o meu Augusto metido em água até à cinta no pântano de margem direita. Um Biheno estava com ele. Foi grande a sua alegria ao verem-me, e logo vieram tirar-me do barco e transportar-me ás costas por todo o pântano que era largo ali.

Foi difícil aquele caminhar que levou meia hora, mas eu cheguei enxuto à margem.

Os pequenos, depois de prenderem o barco a um canavial, seguiram-nos. Disse-me o Augusto, ser longe o acampamento e termos de atravessar uma espessa floresta.

Eram profundas as trevas na floresta, e difícil o caminhar por entre as sarças.

Tropeçar aqui, cair além, andar dez metros em dez minutos, rasgando o vestuário e a carne nos espinhos do matagal, tal é o jornadear à noite em mata virgem.

Depois de uma hora de violentos esforços, sentimos perto tiros e grande grita.

Eram os meus, que me buscavam.

Fiz-lhe sinal e encontrámo-nos.

Vinha Verissimo Gonçalves à frente de um grupo de Bihenos, que quiseram por força transportar-me ao campo, num as andas que ali improvisaram com troncos cortados na mata e folhagem de arbustos.

Assim entrei no meu acampamento, onde, à meia noite, junto de um bom fogo, matava a fome de 36 horas.

Demorei-me ali um dia, e no seguinte logo de manhã comecei a passagem do rio, que foi muito demorada, porque dispunha apenas para isso do meu pequeno barco Macintosh.

Segui ás 9 horas na margem esquerda do rio, e uma hora depois, encontrava um ribeiro nas margens do qual

apareceu muita caça; segui sempre, e pela 1 hora fui acampar junto de outro riacho, que como o primeiro era tributário do Cubangui.

Apareceram no meu campo dois Ambuelas caçadores de cera (como eles dizem), que preveniram os guias de que era imprudente seguir para o Cuchibi; porque, tendo morrido um soveta próximo do caminho que devíamos seguir, estávamos expostos aos desatinos que eles costumam praticar em tais ocasiões.

Vieram prevenir-me disso, mas eu, a despeito da morte de todos os sovetas possíveis, resolvi seguir avante, e efetivamente no outro dia, depois de marcha bastante forçada de 6 horas, alcancei a margem direita do rio Cuchibi.

Na minha comitiva havia muita gente com uma moléstia que tinha alguma coisa de ridículo; 18 ou 20 pessoas estavam com papeira.

CAPÍTULO 11

AS FILHAS DO REI DOS AMBUELAS

Foi a 25 de Julho que acampei na margem direita do rio Cuchibi.

O terreno que medeia entre este rio e o Cubanguí, é ocupado por floresta virgem, onde se nota vegetação opulentíssima.

Um naturalista botânico encontraria ali vasto assunto para demorado estudo; tal é a variedade de plantas que crescem, umas à sombra doutras, naquela brenha enorme.

Por espaços o caminhar foi difícil, e mais de uma vez as machadas saíram dos fortes cinturões de couro, para tornar transitável um ou outro carreiro de feras.

Ao caminhar na mata foi o meu olfato impressionado por um aroma suave e delicadíssimo, emanado da flor de uma árvore abundante ali.

Nenhuma das flores conhecidas tem mais delicado aroma do que o da flor do Oúco, que assim chamam os naturais à primorosa árvore.

A configuração da árvore, a disposição das folhas, as flores, em cachos, e sobre tudo a minha ignorância em botânica, fizeram-me escrever no meu diário sem hesitação, é uma Acácia.

Há tempo, recebendo a visita do boticário da minha aldeia, e vendo ele um dos meus álbuns de desenhos, disse-me com toda a franqueza de aldeão: "O senhor escreveu aqui uma asneira, esta flor não pode ser de uma acácia, porque tem só duas pétalas e três estames, e deve saber, que a acácia produz flores de cinco pétalas, e dez estames; por isso entra na família das Papilionáceas, e hoje entra na classe das Leguminosas, e eu vou-lhe buscar o meu de Candole..." Não vá, lhe disse eu, acredito-o sobre palavra, e como aí vai representada a flor, não me meterei a querer classifica-la.

Oúco

Flor dez vezes aumentada. As flores formam cachos de 3 cent. de comprido por 15 m. de diâmetro. Pétalas brancas, ovário e estames castanhos, perfume delicioso.

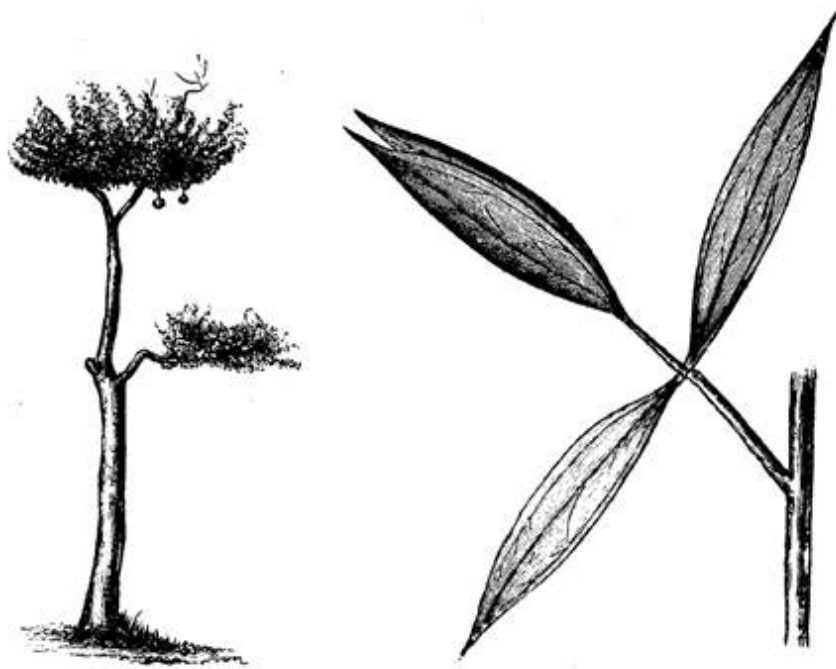
Esta árvore, cujas flores cobicei para oferecer ás damas da Europa, não a encontrei antes deste ponto, e desapareceu no curso superior do rio Ninda.

Outra árvore que encontrei ali e que chamou a minha atenção, não pelo aroma das flores, mas pelo gosto dos frutos, foi uma que os naturais chamam Opumbulume.

O fruto é em tudo semelhante ao Mapole, que já descrevi, sendo o seu gosto diferente, e muito mais diferente a árvore

que o produz.

O rio Cuchibi apresenta um aspeto diferente do dos outros afluentes do Cuando até ao ponto em que os visitei.

Corre no meio de uma planície que encosta ás vertentes doces de montanhas cobertas de espesso mato.

Opumbulume

A planície completamente enxuta, e não apaulada, como quase todas as que fazem margem aos seus congéneres da

África de Sudoeste, chega por vezes a alargar-se em oito quilómetros de extensão.

O rio serpeia ali, não em curvas de curto raio como o Cubanguí, mas em pouco ondulada linha, que ao longe faz parecer retilínea a sua diretriz.

Uma pomposa vegetação herbácea vai terminar nas escarpas do leito, onde corre uma água cristalina, deixando perceber o fundo de área branca. Carece completamente da flora aquática que abunda no Cubanguí, não sendo inferior a sua fauna, de que falarei mais tarde.

Havia caça e fiz uma boa caçada, pois que matei um songue, antílope vulgar nas margens do Cuando e nas dos seus afluentes.

Apareceram-me naquele dia alguns homens queixando-se de uns tumores que se desenvolviam nas articulações das pernas, e os impediam de andar. Felizmente, o gasto de mantimentos já me deixava livres outros homens, que tomaram as cargas daqueles.

Uma grande parte dos meus carregadores tinham feridas sobre as tíbias, sobre a cabeça do proneo e tendão de

Aquiles, que não havia meio de curar. Debalde esgotei toda a minha ciência médica, emprestada do Chernoviz, e debalde o meu doutor Chacaiombe reuniu os seus medicamentos selvagens, aos mais estupendos processos de feitiçaria, elas a tudo resistiram.

Eu atribui o caso a duas causas, e não sei se atribuía bem. Em primeiro lugar, o constante exercício de andar, pensei eu ser uma; em segundo lugar, a alimentação seria outra.

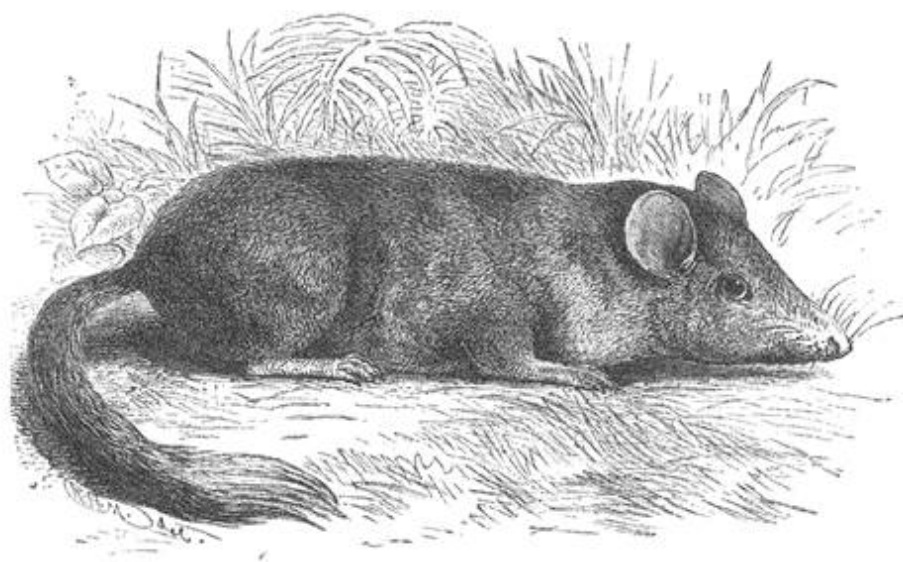
Não julguem os meus leitores que lhes vou falar contra o inocente Massango. Não, sou muito leal inimigo para atacar na ausência aquele que tanto me perseguiu. Deixo em paz o Massango, não é ele ofensivo, e creio mesmo que é boa dieta.

A alimentação a que me refiro, e à conta de quem deito em parte a inutilização dos meus esforços e dos do doutor Chacaiombe, em curar os meus doentes, é outra.

Os Bihenos, como já tive ocasião de dizer, comem de tudo e de todas as carnes em estado de putrefação.

Ainda que repugne um facto que vou narrar, mostra ele bem a que grão sobe o gosto do Biheno pela carne.

A minha cadela Traviata teve em caminho oito cachorros mortos. Mandei-os enterrar pelo meu Augusto, em sítio oculto, para os subtrair à voracidade dos meus Bihenos; mas dois deles, do acampamento seguinte, voltaram atrás, lograram descobrir o sítio onde eles foram enterrados, e levaram-nos; fazendo com aquela carne um banquete. As termites comem eles cruas ás mãos cheias, e apreciam muito os ratos.

Na ordem dos roedores há um que eles muito procuram, e é um rato pequeno de farta cauda sedosa, que vive nas tocas das abelhas, as quais não agride.

O Rato mencionado

O ponto do rio Cuchibi onde eu estava acampado é despovoado de gente, e diziam-me os guias, que só depois de quatro dias de marcha lograríamos alcançar as povoações.

No dia imediato, seguimos viagem rio-abaixo pela margem direita.

A meia jornada, nesse dia, notei eu que me faltava muita gente. Mandei fazer alto, e voltei atrás a indagar do caso; quando deparo num mato com muitos dos meus, que compraram a uns Ambuelas, carne de Quichobo, a troco de cartuxos que me tinham furtado.

Fugiram, ao ver-se descobertos; mas menos destros pude alcançar o pombeiro Chaquiçonde e o meu doutor Chacaiombe. Este lançou-se de joelhos a pedir perdão, mas o século Chaquiçonde tirou do machado para me agredir.

Dei-lhe tão forte pancada na cabeça com a coronha da arma, que ele caiu por terra atordoado, e eu julguei-o morto; não me causando tanta impressão ter morto um homem em defensa própria, como o ter sido isso por uma

insubordinação, a primeira que se dava comigo. Voltei à comitiva, que mandei acampar, e fiz transportar ao campo o século Chaquiçonde, que vinha banhado em sangue de larga ferida produzida pela pancada.

Fiz-lhe um curativo, e reconheci que não era de circunstância o ferimento, porque feridas na cabeça, quando não matam logo, em breve cicatrizam. Reuni depois os pombeiros, por quem fiz julgar o delito do culpado, sendo a maioria de voto, que ele devia ser condenado à morte. Outros entenderam, que lhe deveria mandar dar muita pancada.

Mandei-o comparecer, fi-lo reconhecer a sua culpa, e perdoei-lhe. A minha generosidade produziu geral assombro.

No dia seguinte, sustentei marcha de seis horas, sempre na margem direita do rio.

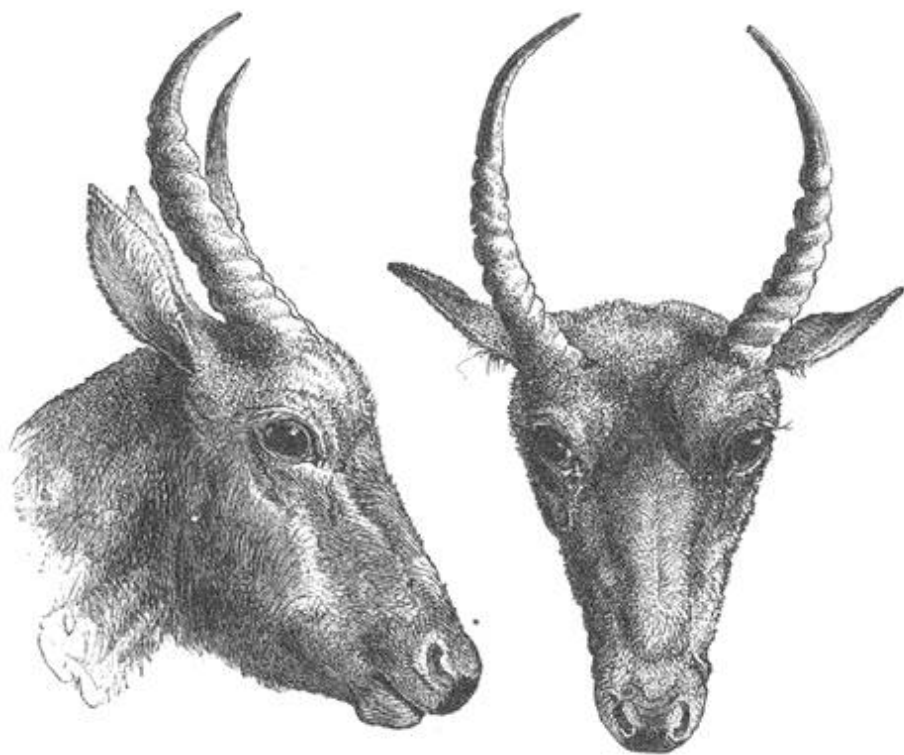
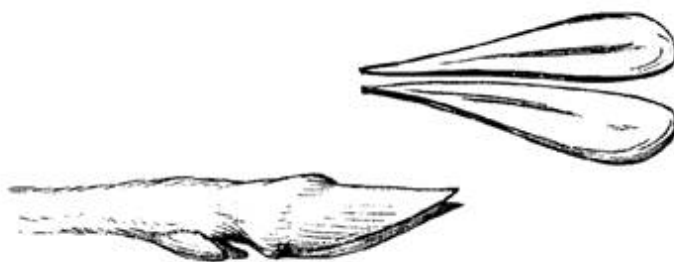
Continuava de aparecer bastante caça muito esquiva. Matei um songue.

Este elegante antílope difere bastante daquele a que os Bihenos dão o mesmo nome entre a Costa e o Bihé.

Tem 1 metro e 50 centímetros de altura na agulha, e 1 e 40 da agulha à raiz da cauda.

O pelo curto é amarelo torrado, e de tinta igual. Medi alguns saltos de 5 metros, e vi-os saltar por sobre um canavial de 2 metros de alto.

No momento do halali defende-se e ataca raivoso. A sua carne é saborosa, mas, como a de todos os antílopes, muito seca.

Vive em manadas, sempre na planície, e tem vigias em quanto pasta.

Songue

Rasto do Songue

Só muito perseguido se embrenha nas matas, ou atravessa um rio a nado.

Este antílope desaparece completamente além do curso superior do rio Ninda.

Segui no dia imediato. Á medida que ia descendo o rio, vi que a planície marginal mais e mais se alargava.

Nela pastam bandos de antílopes, predominando os songues.

Nesse dia já se sentia grande falta de víveres, e comeram-se as últimas rações de massango.

Finalmente, a 29 de Julho, depois de três horas de marcha, fui acampar em frente das povoações de Caú-eu-hue, onde reside o sova do Cuchibi.

Antes de falar dos povos Ambuelas, e de um rico país atravessado pelo Cuchibi, quero dizer duas palavras do meu modo de viajar, ou antes da minha vida em África.

É certo que todos os meus predecessores tem tido o seu sistema, e aqueles que me seguirem terão o seu, todos ótimos.

A minha vida, salvas raras exceções, foi a seguinte. Levantava-me ás 5 horas, despia-me (porque dormia sempre vestido e armado), e tomava banho em água à temperatura de 33 centígrados.

Os Ingleses tomam banho em água fria, que é muito tónica; eu por mim, lavo-me por asseio, e não uso da hidropatia; para isso tinha uma chaleira de ferro que me servia para aquecer a água. Narrando o meu viver Africano, falarei de alguns objetos que a ele estavam estreitamente ligados. O primeiro, depois da chaleira, era a minha banheira de cautchuc, fabricada pela casa Macintosh de Londres. Era um traste precioso, que, depois de tão aturado serviço, ainda se acha hoje em ótimo estado.

Coisa de borracha fabricada em Inglaterra é assim.

Depois do banho, passava ao meu toilette. A bacia era cortada num a cabaça de 50 centímetros de diâmetro. As toalhas eram de finíssimo linho de Guimarães.

Escovas, esponjas, sabonetes e perfumarias (eu em África usava muito de perfumarias), eram de primeira qualidade, fornecidas pelo Carlos Godefroy, que vende tudo muito caro, mas muito bom. Terminado o meu toilette, a que assistia o

meu criado de quarto Catraio, guardava ele cuidadosamente todos os objetos de que eu me tinha servido, e vinha apresentar-me os cronómetros, termómetros e barómetro.

Dava corda, e comparava os primeiros, registrava as indicações dos segundos.

A esse tempo já o meu moleque Pépéca tinta feito o chá, e vinha apresentar-mo.

Figura aqui um objeto a que eu ligava a maior importância. Era uma chávena de porcelana, chávena que me foi oferecida pela esposa do tenente Rosa, em Quilengues.

Fina como uma folha de papel, transparente e elegante, aquela chávena fazia as minhas delicias, tornando mais saborosa a infusão das folhas do arbusto Chinês.

Depois de tomar três chávenas de chá verde, sem assucar, porque o não tinha, fechava as malas, e dava ordem de partida; partida, que raras vezes se efeituava antes das 8 horas, por ser impossível arrancar os carregadores de junto das fogueiras, onde os prendia um frio intenso.

Partíamos pelas 8 horas. Na frente da comitiva o preto Cahinga, de Silva Porto, levantava a bandeira, e logo após

ele seguiam as caixas de cartuxos, a pau e corda. Iam após os outros carregadores indistintamente a um de fundo, fechando a marcha eu, o Verissimo, e os pombeiros.

O carregador que por qualquer motivo tinha de deixar o caminho, pousava a carga, e era isso sinal para junto dela parar o pombeiro a quem ele pertencia, que depois o acompanhava.

Durante o caminho observava os meus rumos, e calculava as minhas marchas, combinando o pedómetro com o relógio. As marchas regulares eram entre 8 e 10 milhas geográficas, sendo elevadas a muito mais quando as circunstancias o exigiam. A tempo acampava, e durante uma hora durava a faina de construir barracas.

Era um cortar de madeira, de ramos e de erva que durava uma hora. Se não tinha observações a fazer, estendia-me horizontalmente na erva viçosa, e dormia até me virem prevenir que estava pronta a barraca.

Geralmente a barraca estava pronta à uma hora; tinha pois de esperar algum tempo para fazer as minhas observações para o boletim meteorológico, que era feito a 0 h. 43 m. de Greenwich.

Para saber a hora consultava um relógio que o Pereira de Melo me mandara de Benguela para o Bihé, relógio de latão, puro cilindro de construção helvética, oito rubins etc., que trabalhava desembaraçadamente.

Á hora precisa, chamava o Catraio, que me trazia os instrumentos, e usando eu de um termómetro de funda, que pertencera ao infeliz Barão de Barth, quando eu fazia girar o termómetro, juntavam-se sempre a distância todos os carregadores Bihenos, que contemplavam pasmados aquela operação, que eu repetia todos os dias, e eles todos os dias vinham contemplar pasmados.

Logo que registava as observações, vinha o meu moleque Moero com os pratos, e a ração, que eu não quero chamar jantar, aquele punhado de massango cozido em água.

Depois da refeição, se a fadiga me impedia de ir caçar e percorrer os arredores, empregava o tempo passando as notas do dia para o diário, calculando as observações, desenhando, etc. A tinta que eu empreguei em todos os meus trabalhos, foi a dos pequenos tinteiros mágicos, cada um dos quais me durava de dois a três meses.

Este sistema de fazer apontamentos durante as marchas e durante o dia, que depois passava ao diário, dava em resultado, o ter eu um duplicado dos meus trabalhos, e de haver sempre a possibilidade de se salvar um, se o outro se perdesse. Os apontamentos diários eram feitos a lápis, em pequenos cadernos, que eu ia lacrando e selando à medida que os preenchia. Neles, além dos factos, estavam registradas todas as observações iniciais, já astronómicas, já meteorológicas. Estes cadernos, que ao deixar Durban enviei a Portugal por via de Inglaterra, chegaram a salvo a Lisboa, onde ainda estão por abrir, ao passo que a copia desenvolvida do que eles contem, sempre me acompanhou, e está servindo de norma ao que estou escrevendo agora.

Foi-me preciso fazer esta viagem, para saber o quanto vale o tempo, e para quanto ele chega sendo bem aproveitado.

Vinha à noite, e então crepitava na minha barraca grande fogueira, que me proporcionava calor e luz. Se eu não tinha observações a fazer durante a noite, ou, muitas vezes, se a fadiga obrigava o repouso a preterir tudo o que houvesse a fazer, ia deitar-me sobre as peles de leopardo que formavam

a minha cama, tendo por travesseiro a pequena malinha em que guardava os meus papeis.

Um hábito que adquiri em viagem, de envolta com o frio da antemanhã, faziam-me regularmente acordar ás três horas. Levantava-me então e reacendia a fogueira amortecida. Vinha à porta da barraca, onde via um termómetro deixado fora, e que a essa hora me dava uma mínima muito aproximada. Eu não tinha termómetros de máxima e mínima, e são apenas aproximadas estas duas indicações termométricas que vêm nos meus boletins; sendo a temperatura máxima aproximada a que se fazia sentir à 1 h. e meia, proximamente à hora do meu boletim a 0 h. 43 m. do tempo de Greenwich.

Depois das 3 horas até ás 5, o meu tempo era passado junto ao fogo, fumando ininterrompidamente 10 ou 12 cigarros, e pensando na minha pátria e nos meus.

Quantas vezes a essa hora, hora para mim de meditação e tristeza, não cogitava eu no futuro do meu empreendimento!

Estava então no Cuchibi, 20 grãos a leste de Greenwich, e 14 e meio ao sul do equador. Estava longe de todo o socorro

que carecesse, onde iria buscar recursos para seguir avante?

Do Bihé até ali ainda tive a pouca fazenda de algodão de que dispunha; mas as últimas peças estavam diante de mim. Eram o meu último dinheiro.

Em todos os povos encontrei mais ou menos facilidade de permutar o alimento pela fazenda de algodão, sendo a preferida o zuarte, o zuarte pintado e o algodão branco ordinário.

Raras vezes querem os riscados e a fazenda de lei. O buzio miúdo (caurim), que tem muito valor entre os Quimbandes, e muito pouco entre os Luchazes, recupera no Cuchibi a sua importância, para emprego bem diverso daquele que lhe dão os primeiros destes povos.

Ali é para ornamentar as cabeças, aqui é para fazer cinturões, em que há grande luxo.

A missanga Maria 2ª tem grande valor em toda a parte; mas no Cuchibi é preferida a tudo, exceto à pólvora.

Chegando ao Cuchibi, cheguei ao primeiro ponto em que nesta viagem me pediram manilhas de cobre e arame para

elas.

Logo depois de ter estabelecido o meu campo, apareceu nele um homem que veio falar-me, dizendo ser Biheno e ter ficado ali doente, deixado por uma comitiva, havia três anos.

Foi reconhecido por muitos dos meus carregadores, e engajou-se ao meu serviço.

Eu estava no caminho das comitivas do Bihé, e como tencionava demorar-me alguns dias, mandei um pequeno presente ao sova, e participar-lhe a minha resolução.

Soube pelo Biheno que me apareceu, que corria a notícia de ter havido uma revolução no Baroze, tendo sido expulso o régulo Manáuino, e aclamado um outro de que não se conhecia por agora o caracter.

Não me foi agradável esta notícia, porque eu sabia que Manáuino era feroz e sanguinário com os seus, mas hospitaleiro para com estranhos.

Estes Ambuelas, entre os quais estava, são a pura raça Ambuela, porque as do Cubangui estão muito misturadas com a raça Luchaze.

Sam os habitantes do Cuchibi inimigos dos Ambuelas de Oeste, e muitas vezes vêm ás mãos.

A raça Ambuela ocupa todo o país banhado pelo Cuando superior, e está aglomerada, sobre tudo na parte em que este rio recebe os seus confluentes, Queimbo, Cubangui, Cuchibi, e Chicului.

As povoações no rio Cubangui são construídas, já nas ilhas do rio, já no mesmo rio sobre estacaria. Sendo estes povos os únicos que possuem canoas, dormem de noite descansados nas suas habitações aquáticas, sem receio de serem atacados.

O sova mandou-me logo provisões e bastante milho. Com que prazer eu comi um prato de milho cozido!

Estava por algum tempo livre do fatal massango!

Mandou ele dizer, que viria visitar-me no dia imediato.

Nesse dia, logo de manhã, saí a dar um passeio.

O emaranhado da brenha espinhosa tornava difícil o caminhar na floresta.

Ainda assim, afastei-me uns três quilómetros do acampamento, e fui deparar com uma enorme armadilha de apanhar caça.

Era ela formada por uma sebe que devia ter alguns quilómetros de extensão, fechando um espaço proximamente circular. Este cercado enorme tinha de 20 em 20 metros, proximamente, umas aberturas, em cada uma das quais estava armado um Urivi, armadilha em que a caça, lebres e antílopes pequenos, são esmagados por um pesado cepo. Reunida muita gente fazem uma grande batida no mato, e então a caça foge espavorida, e não podendo saltar o cercado, investe com as aberturas, onde vítima é dos Urivis ali colocados.

De volta ao meu campo, encontrei no mato um acampamento de Mucassequeres, abandonado de há pouco.

Muene-Caú-eu-hue, Chefe dos Ambuelas

Recebi a visita do sova, homem de idade avançada, de tipo simpático, com um perfil judaico. Vinha bem vestido, trazendo sobre uma farda um casaco de linho branco, e ao pescoço um grande e vistoso lenço.

Cobria-lhe a cabeça um barrete de listas pretas e encarnadas. Na mão trazia uma concertina de que tirava sons desordenados.

Deu-me novo presente, de milho, mandioca, feijão e galinhas, que eu retribui dando-lhe algumas cargas de pólvora, o mais estimado presente que se pode fazer no Cuchibi.

Retirou-se o velho muito satisfeito, prometendo avistar-nos mais vezes.

Disse-me ele nesta primeira visita, que os reis do Baroze, mandam ali receber tributos, e que ele, para evitar guerra, lhos manda pagar, estando assim estabelecida uma espécie de vassalagem; que, havia pouco, soubera da revolução do Zambeze, mas não conhecia o novo potentado, e nenhumas informações me podia dar dele.

Nessa tarde, os meus pretos prenderam no mato dois Mucassequeres que trouxeram à minha presença.

Os dois pobres selvagens tremiam de medo e julgavam-se perdidos.

Falavam um pouco a língua Ambuela, e por meio de um intérprete pudemos entender-nos. Eles julgavam que uma sentença de morte os ia fulminar, ou ao menos que a escravidão iria sujeitar o resto dos seus dias.

Mandei que os desamarrassem, e lhes entregassem as suas armas. Disse-lhes que estavam livres, e que voltariam para a sua tribo, e dei-lhes alguns fios de missanga para as suas mulheres.

Eles caminhavam de surpresa em surpresa, e não podiam crer na verdade das minhas palavras. Dei-lhes de comer, e pedi-lhes que me levassem a ver o seu bivac.

Depois de discutirem acaloradamente um com o outro, numa língua desconhecida a todos os que ouviam, e completamente diferente na intonação a tudo o que em línguas Africanas eu tinha ouvido até ali, decidiram que me levariam à sua tribo se eu quisesse ir só. Aceitei, e parti com os dois horrorosos selvagens.

Apesar do meu muito hábito da floresta, era-me difícil acompanhar os ágeis guias, que mais de uma vez tiveram de esperar por mim.

Ao cabo de uma hora de caminho, deparámos, no meio de uma pequena clareira, com o acampamento da tribo.

Tinham ali mais três homens, sete mulheres e cinco crianças.

Alguns ramos de árvore derreados, com outros encostados na frente, são os seus únicos abrigos.

Não tem o menor apresto de cozinha. Sustentam-se de raízes, e de carne que assam em espetos de pau. Não conhecem o sal.

Homens e mulheres mal cobriam a sua nudez com pequenas peles de macacos.

Arcos e frechas são as únicas armas de que se servem. Eu estava muito embaraçado, porque não os entendia nem podia fazer-me entender deles. Dirigi-me ás mulheres, a quem dei alguns fios de missangas que tinha levado para isso. Elas receberam-nos sem darem mostra de nenhum sentimento de agrado.

A miséria daqueles desgraçados compungia-me. O seu rosto é feíssimo, olhos pequenos e um pouco inclinados nas órbitas, ossos molares muito distanciados e salientes, nariz achatado, com as fossas nasais desmesuradas.

Têm o cabelo encarapinhado e pouco, crescendo em montões separados, mais basto no alto da cabeça.

Alguns bocados de pele de animais atados nos pulsos e nos artelhos são o seu ornamento, ou talvez amuleto milagroso.

Procurei fazer compreender aos meus guias que ia voltar, e eles precederam-me no caminho, deixando-me, já noite, na orla do bosque donde eu ouvia o vozear do meu campo e alegres cantares.

Durante a minha permanência no Cuchibi, pude recolher algumas informações, ainda que escassas, a respeito de tão estranhas gentes.

Os Mucassequeres partilham com os Ambuelas os territórios de entre Cubango e Cuando, sendo que estes vivem sobre os rios e aqueles nas florestas, estes são bárbaros, aqueles selvagens.

Não convivem, mas não se hostilizam.

Se a fome os obriga, os Mucassequeres vêm aos Ambuelas permutar marfim e cera por alimentos.

As tribos Mucassequeres são independentes, e não obedecem a chefe comum.

Guerreiam-se mesmo e os escravos que fazem uns aos outros vêm eles vender aos Ambuelas, que os permutam depois ás comitivas do Bihé.

Os Mucassequeres são os verdadeiros selvagens da África tropical do sul, os outros povos podem ser chamados bárbaros.

O Mucassequer nunca teve casa ou simulacro dela. Nasceu sob a árvore da floresta, viveu e morreu sob a árvore da floresta.

Despreza a chuva e o sol, e suporta as intempéries como qualquer fera dos matagais.

Ainda o leão e o tigre tem um antro onde se escondem; o Mucassequer precisa que pelo corpo despido lhe sopre a briza do mato.

Não conhece a enxada, porque nunca cultivou a terra. Raízes, mel e caça são o seu alimento, e cada tribo vagueia sem cessar em busca de raízes, mel e caça.

Nunca dormem hoje onde ficaram ontem. A frecha é a sua arma, e tão destros são no seu manejo, que caça apontada é caça morta.

O próprio elefante caí traspassado pelas suas setas lançadas por musculosos braços.

As duas raças que habitam este país, são tão diferentes no corpo como nos hábitos.

O Ambuela é preto e tem o tipo da raça caucásica; o Mucassequer é branco e tem o tipo da raça hotentótica em toda a sua hediondez.

O nosso marinheiro crestado pelo sol e pelo vento dos temporais é mais escuro do que o Mucassequer. Há contudo naquela cor branca alguma coisa de amarelo terroso, que os torna hediondos.

Tive o maior pesar de não poder recolher dados mais precisos sobre esta curiosa raça, que me parece dever merecer atenção especial dos antropologistas e dos etnógrafos.

É minha opinião, que este ramo da raça Etíope, pode ser colocado no grupo da divisão Hotentótia. Tem na forma muito dos seus caracteres, e nós vemos nessa raça uma variação sensível na cor da pele. O bushman do sul do Calaári é de cor muito clara, e alguns tenho visto quase

brancos. Sam de estatura pequena, e de corpo franzino, mas tem todos os caracteres do tipo Hotentótio. No norte do mesmo deserto, sobre tudo junto aos lagos salgados, formiga outra raça nómada, os Massaruas, fortes e de estatura elevada, de cor negra carregada, possuindo o mesmo tipo Hotentote, e indubitavelmente pertencendo ao mesmo grupo. Disseram-me no Cuchibi, que ainda entre o Cubango e Cuando, mas muito ao sul, existia outra raça em tudo semelhante aos Mucassequeres, em tipo e hábitos, mas muito pretos.

Assim, pois, em vista da afinidade dos caracteres, não me repugna admitir, que o grupo Hotentótico da raça Etíope, se estenda ao N. do Cabo até entre Cubango e Cuando, passando por diversas modificações de cor e de estatura, devidas quiçá aos meios em que vivem, à altitude, à grande diferença de latitudes, ou ainda a outras causas menos apreciáveis.

Por muito tempo as subdivisões da raça Etíope na África tropical, serão mal conhecidas na Europa, por não ser fácil coligir os dados para o seu estudo.

Qual é o indígena dessas tribos bárbaras que deixa moldar o seu corpo?

Caso deixasse, como pode o antropologista levar a matéria para fazer os moldes, e reconduzir depois esses moldes até à costa?

Como colecionar esqueletos, crânios mesmo somente, em países onde a profanação de uma sepultura pode ser caso da perda de uma expedição?

Como ocultar da sua própria comitiva, dos seus próprios carregadores, esses despojos humanos, que seriam olhados como uma fonte de malefícios?

A fotografia, de todos o meio mais incompleto de fazer esses estudos, apresenta, ainda assim, dificuldades insuperáveis.

Em primeiro lugar, é difícil emprega-la em viagem de exploração, onde nem sempre dá os resultados que dela se esperam; sendo quase impossível o transporte de um laboratório, em frascos de vidro à cabeça de um carregador, que tropeça e caí dez vezes por dia. Eu sei-o de experiencia própria, e que o digam Capelo e Ivens.

Supondo porém que se podiam mais ou menos facilmente empregar os meios fotográficos, qual era o indígena do interior que deixava apontar uma máquina, e estava um momento firme diante da objetiva da câmara escura?

No correr da minha narrativa terei ocasião de narrar uma anedota acontecida comigo e com o fotógrafo Suíço M. Gross, em que eu consegui obter um grupo de Betjuanas, já meio-civilizadas, com uma paciência e uma despesa incalculáveis.

Com os Mucassequeres, aconteceu-me, de nem mesmo lhes poder apanhar o tipo com o lápis e papel!

Voltemos à minha narrativa.

Ao deixarem-me na orla da floresta, já noite, os meus Mucassequeres disseram-me umas palavras, que provavelmente queriam dizer boa noite, e foram-se. A claridade espalhada na atmosfera pelas fogueiras do meu campo, e o som de alegres cantares guiavam meus passos, e pouco depois entrava eu no recinto do acampamento, onde, ao som da música bárbara dos Ambuelas, havia um dançar frenético.

Mulher Ambuela

Muitas raparigas Ambuelas dançavam com os meus carregadores, fazendo soar as manilhas dos braços em compassado tinir.

Impressionou-me o tipo daquelas raparigas, que era perfeitamente Europeu, e algumas vi que, com a mudança de cor, fariam inveja a muitas formosas Europeias, a quem igualariam em beleza, e excederiam em formas e elegâncias naturais.

Ali soube um caso novo para mim.

Estes Ambuelas, quando chega ao país uma comitiva, vêm tocar e dançar ao seu campo, e à medida que a noite se adianta, vão pouco a pouco retirando, e deixando ali mulheres, irmãs e filhas. É costume de hospitalidade desta gente, oferecerem companheiras aos foragidos que aparecem. No dia seguinte, muito cedo, elas retiram para as suas povoações, e pouco depois voltam, a trazer presentes ao amante de uma noite.

Opudo

Comigo deu-se uma estranha aventura.

Moene-Caú-eu-hue, o velho sova, mandou-me as suas duas filhas, Opudo e Capeu.

Opudo teria uns vinte anos, Capeu dezasseis.

A mais velha era feia, e tinha um modo altivo; a mais nova, simpática, tinha um rosto cândido e ingénuo.

Desde que me internei em África, decidi ter uma vida austera, o que me deu sempre grande influencia sobre os meus pretos, que, não me vendo beber senão água, e não me conhecendo uma só aventura galante, me julgaram sempre um ente superior e privilegiado.

Apesar da minha força de vontade, tive de sustentar uma luta atroz comigo mesmo para resistir à tentação da filha mais nova do sova Caú-eu-hue.

Capeu só fala o Ganguela, que eu não entendia, mas Opudo falava o Hambundo.

Capeu

"Porque nos desprezas?" perguntou-me ela com modo altivo.

"Por ventura na tua terra tens mulheres mais bonitas do que a minha irmã?" "Nós dormiremos aqui; porque eu não quero que se diga, que as filhas do chefe dos Ambuelas foram expulsas por um branco." Imagine-se a ridícula situação em que eu estava colocado! Era tal a atribulação do meu espírito, que não sabia que responder.

É verdade que a única resposta a dar, era aquela que eu não queria dar.

Na minha barraca estavam sentadas duas mulheres, sobre peles de leopardo; entre mim e elas a vasta fogueira deitava uma luz pálida, que era ainda amortecida pelo verde escuro da folhagem que forrava o interior da cabana.

Os lampejos da fogueira iluminavam a cabeça cândida, e colo nú de uma mulher de dezasseis anos, que me fitava com um olhar lânguido, túmido de desejos, inebriante de lascivas promessas.

Eu via o arfar daquele peito nu, de beleza escultural, e não podia desviar os meus olhos dele.

Lá fora, ao ruidoso som dos batuques, havia um cantar mais brando, e o dançar mais compassado indicava a lassidão dos membros.

Os meus bravos carregadores escolhiam as companheiras da noite.

Eu estava só com as duas raparigas, mais só do que se estivesse muito longe de gente.

"Nós ficaremos aqui, me disse a orgulhosa Ambuela; não quero expor minha irmã aos chascos das mulheres velhas das povoações, e só te digo, branco, que se tu és século do

Muene-Puto, eu sou filha do sova." O ridículo da minha posição aumentava; eu sustentava uma luta comigo mesmo para não ceder aos atrativos da jovem selvagem, e não tinha uma palavra a dizer, porque não sabia o que fazer.

Aquela situação picaresca não podia continuar, e eu não sabia como termina-la.

Preferia mil vezes estar em luta com o guerreiro pai, que em tal coloquio com a amante filha.

De repente levantou-se a pele que fechava a porta da barraca, e alguém entrou.

Era a pequena Mariana, que tinha escutado tudo o que se disse na tenda.

Entrou e foi acocorar-se junto à fogueira que atiçou. Depois cumprimentou as Ambuelas batendo repetidas vesses as palmas, como é uso no país, e repetindo a palavra Co-qúé-tú-co-qúé-tú, e disse-lhes: "O branco não as despreza; se as não deixa dormir aqui, é porque aqui só eu durmo, o branco é meu. Junto desta está a minha barraca, podem ir dormir ali." As filhas do sova Caú-eu-hue levantaram-se e saíram com a pequena, a quem eu daria tudo para pagar tal

serviço; mas, momentos depois, voltava Opudo, e dizia-me baixo, "Hoje dormimos fora, mas tu hás de ser amante da minha irmã." Confesso que me meteu medo aquela mulher, a mim que nunca temi as feras!

Deitei-me pensando na estranha aventura, e vindo-me vivamente à lembrança a bíblica historia da capa de José no Egipto.

No dia imediato, as filhas do régulo vieram como as outras trazer-me presentes; eu dei-lhes alguma missanga, e elas retiraram, sem fazer a menor alusão à cena da noite.

Pouco depois, um portador do sova veio prevenir-me, de que ele me esperava essa tarde, e me mandaria um barco para eu ir à sua povoação. No acampamento apareceram algumas cobras que os pretos diziam serem venenosas, e muitos escorpiões negros de 10 a 12 centímetros de comprido. Alguns dos meus pretos foram picados por estes repugnantes aracnídeos, cujo veneno não produziu outro acidente além de violenta dor e tumefação dos tecidos próximos.

Os Ambuelas são os primeiros povos que se encontram no meu caminho, que não vão ocultar nas florestas as suas

plantações.

É na grande planície por onde corre o rio que a cultura é feita; por isso a abundancia de produção que tem afamado estes povos como cultivadores.

As cheias alagam a campina; e o nateiro que ali deixam as águas é ubérrimo adubo que lhe avigora a cultura.

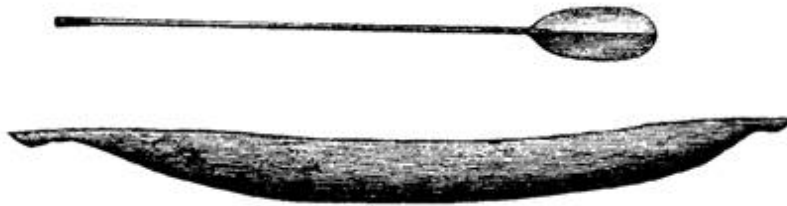
Se não regam o terreno, como não vi fazer a povo algum Africano, fazem irrigações, e observei em volta das plantações fundos sulcos, por onde se produz a secagem dos terrenos que cercam.

Estive trabalhando, e só tarde me lembrei de ir procurar a canoa que o sova me preveniu estaria à minha disposição junto ao rio, para ir à sua povoação.

Ao chegar ao ponto designado, qual não foi a minha surpresa ao ver a ligeira barca tripulada por Opudo e Capeu, as duas filhas do régulo! Eu, que me julgo pouco medroso, confesso que sempre tive muito medo de mulheres.

Todavia não quis deixar perceber receios, e saltei para a estreita piroga, que equilibrei, dizendo-lhes: "Vamos." Elas

com imensa destreza, com extrema elegância, manobraram a canoa, correndo por um canalete que conduz ao rio.

O sol estava no ocaso. O ligeiro barco deslisava por entre uma vegetação aquática riquíssima, que vinha expor as suas belezas à superfície de água do canal. As vitória-regias e muitas espécies de Nenufar, prendiam ás vezes o andar da canoa.

Barco e Remo do Cuchibi

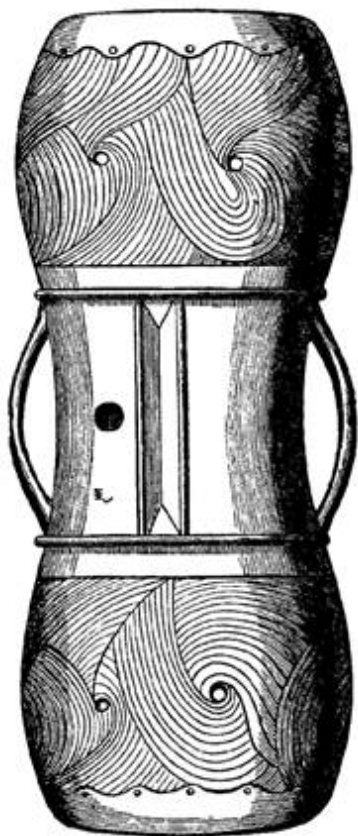
Eu só pensava naquelas mulheres. Via já a canoa voltada, e eu presa de um crocodilo.

De repente, por uma hábil manobra dos remos, a canoa estacou, e Opudo disse-me: "Já é muito tarde para irmos a casa do meu pai, eu esperei-te muito tempo, volvamos para

a terra, e amanhã voltarás." Pouco depois atracávamos, e elas acompanharam-me ao campo.

Veio a noite, e lá fora no acampamento, as danças e os cantares, e na minha barraca as filhas do régulo conversando de coisas indiferentes.

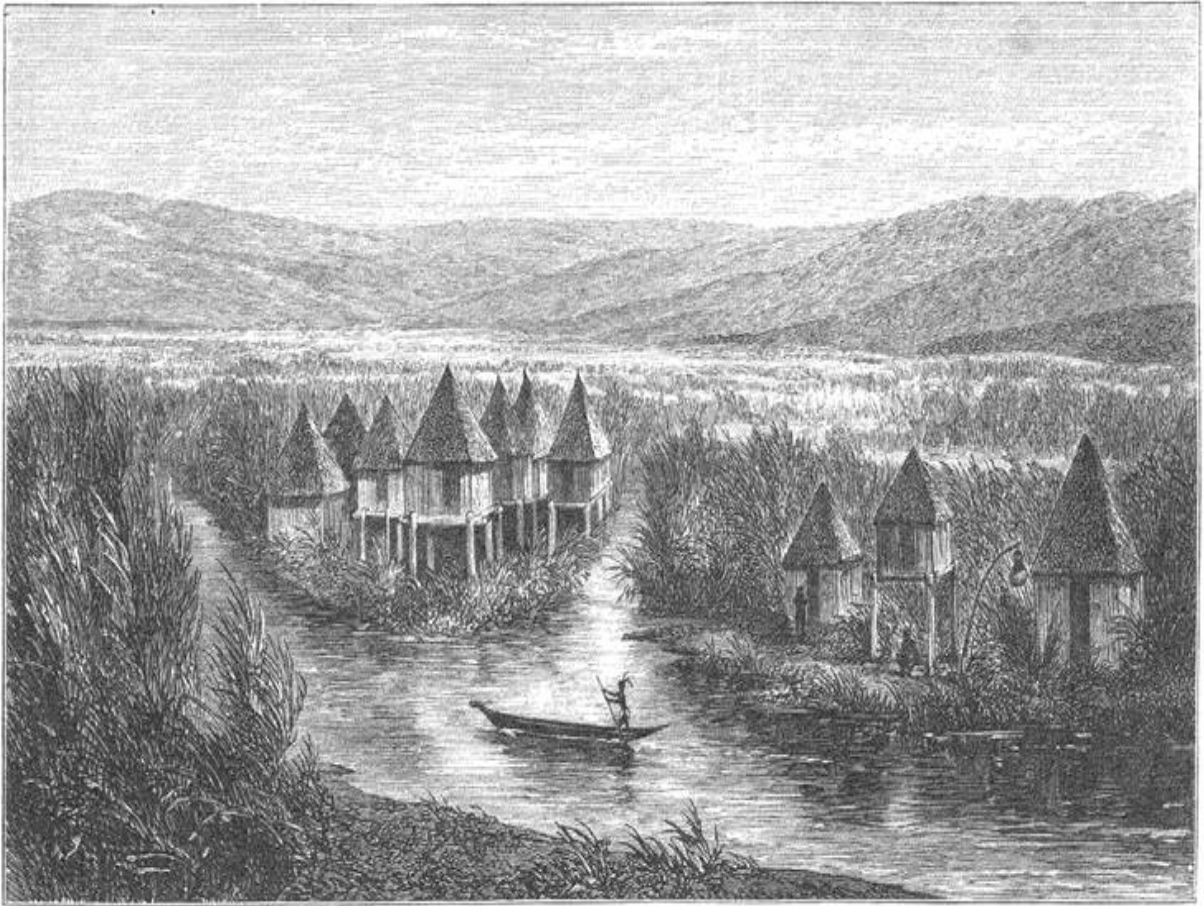
Levantaram-se quando cessou o ruido das festas, e foram deitar-se à porta da barraca junto de uma fogueira que acenderam.

Quis que elas fossem para a barraca da pequena Mariana, mas Opudo respondeu-me, que "era bicho do mato e estava acostumada a tudo."

Tambor das Festas Ambuelas

Nesse dia o meu Augusto, que foi ao mato caçar, encontrou um bando de macacos pequenos, os primeiros que apareceram no meu caminho desde a costa de Oeste.

No dia imediato, fui logo de manhã visitar o sova, mas, querendo evitar aventuras, armei o meu barco de cautchuc e fui nele.

O canal que segui vai desembocar num braço do rio que tem 20 metros de largo por 6 de fundo, com corrente rápida de 50 metros por minuto.

O rio divide-se, formando ilhotas baixas e encharcadas, onde cresce um canavial espesso. É nestas ilhotas, ainda cortadas por pequenos canais, formando um verdadeiro labirinto, que assentam as povoações Ambuelas num solo pantanoso, ao nível do rio. As casas são meio-encobertas pelo canavial basto. As paredes são construídas de caniços, assentes sobre estacaria, e as coberturas são de colmo.

Caú-eu-hue (Cidade do Cuchibi)

Casas, como tudo o que fazem estes Ambuelas, são pessimamente construídas, e pouco abrigam. Fora das portas, pendem de grandes estacas enormes cabaças, onde eles guardam a cera, e outros objetos.

As próprias casas estão atulhadas de cabaças. Entre os Ambuelas, a cabaça é mala, é cofre, é o seu principal traste

de mobília.

Os depósitos de mantimentos, só diferem das casas de habitação em estarem dois metros elevados do solo, sobre estacas, e por isso livres das inundações do rio.

Numa das ilhotas mora o sova Moene-Caú-eu-hue. Há ali a sua casa de habitação, quatro mais, de quatro mulheres, e alguns depósitos de mantimentos.

Junto da casa do régulo estão misturados em troféu rústico, caveiras, cornos e outros despojos de caça.

Moene-Caú-eu-hue recebeu-me tendo ao seu lado dois dos seus favoritos.

Logo que me sentei, o meu intérprete e um dos favoritos começaram um estridente bater de palmas, e apanhando uma pouca de terra, esfregaram com ela o peito, e repetiram muitas vezes apressadamente as palavras Bamba e Calunga, terminando por novo bater de palmas muito rápido mas pouco forte. Estavam os comprimentos feitos.

O régulo quis ver o meu barco, e fez nele uma pequena excursão pelo rio.

O seu espanto, ao ver o poder de flutuação do barco portátil, não tinha limites, e muitas vezes me repetiu, que não vendesse daqueles barcos aos Ambuelas do Cubangui, senão estavam perdidos.

Tranquilizei-o dizendo-lhe, que os brancos não queriam guerra entre eles, e por isso teriam todo o cuidado em não lhes dar os meios de a fazerem.

De volta à ilha, mandou ele vir uma cabaça de Bingundo, e um copo de folha de flandres, lata troncocónica de marmelada de Lisboa, deixada ali por algum sertanejo Biheno, em viagem de comercio.

Cheio o copo, entornou o sova algumas gotas do líquido fermentado no solo, e cobriu de terra húmida o sitio, bebendo em seguida todo o seu conteúdo.

Tendo-lhe dito o intérprete, que eu só bebia água, ele passou a cabaça aos seus favoritos, que a esgotaram num momento. Ao meio dia estava de volta ao meu acampamento.

Estive nesse dia com um indígena, irmão do sova, que me disse, ter descido dali ao Zambeze embarcado pelo Cuchibi

e Cuando.

O Irmão do Sova

Este preto é inteligente, e fala bem o Português, por ter sido soldado em Luanda, para onde fora vendido no tempo da escravatura. É um grande caçador, e muitas vezes percorreu, nas suas excursões cinegéticas, as margens do Guando até Linianti.

Disse-me, ser o Guando completamente navegável, sem rápidos, mas por vezes alargar tanto que adquire pouco fundo, e ser tão poderosa a vegetação aquática, que prende os barcos, tornando em alguns pontos difícil a navegação.

Afirmou-me, e depois tive ocasião de verificar nas localidades, que o rio Cuando se chama sempre Cuando até Linianti, e dali ao Zambe ainda Cuando ou rio de Linianti, e nunca Chobe, ou Tchobe, como vem designado nas cartas.

A raça Ambuela continua no Cuando o mesmo sistema de vida que tem no Cuchibi, e as ilhas são ainda o local onde edificam as suas povoações.

Nas margens do Cuchibi reaparece o luxo dos penteados, que tinha desaparecido com a raça Quimbande. O búzio miúdo, caurim, é de novo muito apreciado ali, não para enfeitar as cabeças, mas para fazer largos cintos adornados com ele.

No fim do canal onde embarquei para ir a casa do sova, notei dois molhos de grossos paus espetados verticalmente e distânciados de alguns metros. Destes paus pendiam bocados de esteiras já meio-apodrecidas do tempo. Indagando o que era aquilo, soube que junto àqueles paus

se praticava a circuncisão ás crianças másculas de 6 a 7 anos, e depois as mandavam para o mato completamente despidas, até completa cura, sendo-lhes ministrada a alimentação pelos operados do ano antecedente. Eles no mato teciam esteiras para cobrirem a sua nudez, e ao reentrarem nas povoações, deixavam-nas penduradas nos paus em que tinham sido operados.

Mostraram-me ali também outra engenhoca muito curiosa.

Sobre duas forquilhas toscas elevadas meio metro da terra, descansa um pau cilíndrico de um metro de comprido com 30 milímetros de diâmetro, envolvido em palha fortemente amarrada, que lhe dá um aspeto fusiforme.

Este aparelho é feito por um cirurgião de fama, que lhe incute um poder extraordinário. Logo que um marido suspeita sua mulher de esterilidade, manda chamar o cirurgião, que a conduz junto ao curativo.

No meio de palavras cabalísticas, é-lhe esfregado o peito e as costas com o precioso pau envolto em palha, e afiançou-me o sova, que o resultado apenas se fazia esperar nove luas.

Apesar da muita fé que os Ambuelas tem neste sistema de terminar a esterilidade, eu não me atrevo a aconselha-lo na Europa.

As minhas relações com os indígenas eram as mais cordiais e afáveis.

As filhas do régulo continuavam a trazer-me presentes, e só elas proviam à minha alimentação e à dos meus moleques de serviço.

Cousa que eu desejava era logo procurada e a minha vontade satisfeita, querendo elas fazer acreditar ás outras, que entre nós existiam relações mais íntimas do que as de uma leal amizade. Eu sabia que era uma vergonha para elas o serem repudiadas pelo forasteiro a quem se dam, e deixava-as aparentar ao meu respeito o que realmente não eram.

Vivíamos assim nos termos da melhor amizade, sendo verdadeiramente importante a coadjuvação que elas me prestavam, para obter os carregadores e mantimentos de que eu precisava, para atravessar uma larga zona despovoada e falta de recursos.

Pude obter larga provisão de milho e algum feijão, sendo a maior parte presente das filhas do régulo.

Os meus haveres tocavam o seu fim, e salvo uma grande porção de pólvora encartuchada, alguma missanga e pouco cobre para manilhas, já nada mais possuía. Dois dos meus carregadores levavam o presente que eu destinava ao régulo do Baroze, no qual figurava um realejo, em cuja tampa dois bonecos automáticos, que dançavam ao som do moinho de música, faziam divertir enormemente o gentio. O meu Augusto aproveitava a curiosidade dos indígenas, explorando-a no meu favor, e fazendo ver o realejo em ação, a troco de ovos de galinha, que ele tinha o cuidado prévio de deitar em água para ver se estavam em bom estado, porque mais de uma vez no principio, foi enganado pelo gentio manhoso, que ávido de satisfazer a curiosidade, não hesitava em ir aos ninheiros tirar ás galinhas os ovos incubados.

Moene-Caú-eu-hue, decerto a instancias das filhas, resolvia todas as dificuldades que se apresentavam, e preparava-me rapidamente a partida.

Elas tinham resolvido acompanhar-me até onde fossem os Ambuelas, devendo ser Opudo quem dirigisse a horda dos seus súbditos.

Antes de seguir os acontecimentos da minha viagem, direi mais algumas palavras do país e dos Ambuelas, que tão hospitaleiros foram para mim.

A língua Ambuela não é mais do que a língua Ganguela, a mesma que se começa a falar a leste do rio Cuqueima.

Como o Hambundo, de que é um dialeto, é pobríssima, muito irregular nos verbos e falta de todos os vocábulos que exprimem um sentimento nobre e generoso.

Serão tão infelizes estes povos que não sintam a necessidade de exprimir esses sentimentos pela palavra, por serem eles estranhos à sua existência?

Impossível me foi averigua-lo, mas não me repugna crê-lo.

Neste ponto, onde fui recebido como amigo, e por isso livre de qualquer influencia que predispusesse o meu espírito contra o gentio Africano, não pude ler ainda nos arcanos da alma do negro, mais do que sórdida cupidez, a material

lascívia, a cobardia em presença do forte, a ousadia contra o fraco.

Os povos Ambuelas são, de todos os que encontrei no meu caminho, os que em maior escala cultivam a terra, que lhes paga o trabalho que eles lhe dispensam com prodigalidade admirável.

O feijão, a abóbora, a batata doce, a ginguba, o rícino e o algodão, são cultivados entre as enormes searas de milho de ótima qualidade. Também cultivam estes povos a mandioca, mas pouca pude obter, por terem sido naquele ano destruídas as plantações dela por uma cheia do rio extemporânea.

As galinhas são o único dos animais domésticos que possuem os Ambuelas. O seu viver, sempre em receio dos ataques dos vizinhos, faz com que estes povos não sejam pastores, deixando ao abandono as extensas planícies cobertas de viçoso pasto, onde poderiam apascentar enormes rebanhos.

O gado bovino deixa de aparecer onde desaparecem os Quimbandes.

O caprino aparece, ainda que raro, entre os Luchazes, entre os quais aparece mais raro ainda o porco doméstico, que abunda no Bihé e entre o Bihé e a Costa Oeste.

Em países cobertos de ubérrimas pastagens, livres da terrível mosca ze-ze, em todas as condições desejáveis para largas criações de gados, porque faltarão eles?

Não é talvez difícil encontrar a explicação. O gado é a riqueza maior dos povos Africanos, e excita sempre a cupidez dos vizinhos, sendo como eu já tive ocasião de dizer, a causa permanente das guerras entre os povos que demoram da Costa Oeste ao Bihé.

O receio de ser rico, e por isso de ser atacado e roubado, não é estranho talvez à falta de gados que se encontra do Cuanza ao Zambeze. Entre estas bárbaras gentes os paradoxos são vulgares, e há ali princípios estabelecidos e arraigados que dificilmente podem ser compreendidos na Europa.

O cão, esse fiel e dedicado amigo do homem, não desmente junto do preto o seu mister de companheiro desvelado, e vigia ladino, encontrando-se entre todos os povos das raças Ganguelas. É verdade que uma variedade de gozos e alguns

podengos degenerados, são apenas os espécimes que se encontram da raça canina nesta parte de África. Entre os Quimbandes e os Bihenos são os cães desveladamente tratados, porque são destinados a serem comidos, e são apreciado manjar.

Os Ambuelas, como disse, com elementos para serem dos primeiros povos pastores de África Austral, nenhum gado possuem, e apenas fazem criação de uma variedade de galinhas muito pequenas.

Entre os habitantes do rio Cuchibi não há lugares destinados para cemitérios. Os sovas são enterrados no mato em lugar separado, mas o povo é indistintamente sepultado no lodo do rio.

Os Ambuelas tem costumes brandos, e é mais franca a sua hospitalidade.

Sam bastante caçadores, e apanham muita cera nos matos.

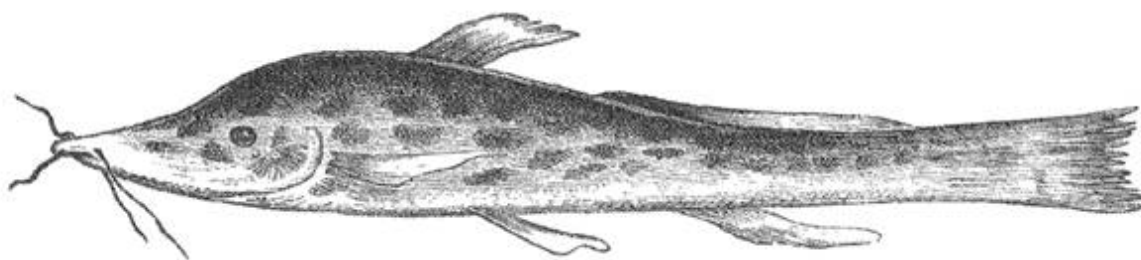
Caçador Ambuela

A mulher tem mais alguma consideração entre eles do que entre os outros povos que até ali visitei, onde é apenas escrava ignóbil.

Estes indígenas são muito pescadores, o que não admira vivendo no meio de um rio cuja fauna aquática é

variadíssima.

Efetivamente, de todos os rios que até ali encontrei, nenhum vi tão piscoso.

Pude obter dos indígenas, durante a minha estada ali, 18 variedades de peixes, assegurando-me eles haverem outras ainda.

Chinguene

1/4 do natural. Pele mole e desprovida de escamas. Dorso castanho com manchas mais escuras; forma triangular, sendo o ventre um lado e o dorso o vértice; 3 barbatanas ventrais, 2 subdorsais e duas dorsais. Dois fios musculares sobre a boca e dois na maxila inferior. É espécie de um género muito vulgar em África e que conta muitas espécies.

Àqueles que pude ver dão eles os nomes seguintes:

Peixes pequenos, menores de 20 centímetros:

1. Mussouzi peixe de pele.

2. Mango idem.

3. Chinguene idem.

4. Chibembe idem.

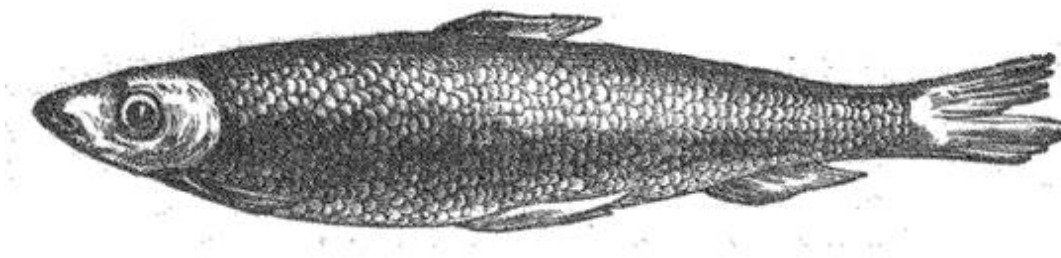
5. Limbumbo idem.

6. Dipa peixe de escamas.

7. Chitungulo idem.

8. Lincumba idem.

9. Nhele idem.

10. Lingumoeno idem.

Lincumba

Tamanho natural. Escama dura e larga; dorso cinzento azulado; ventre branco prateado; 5 barbatanas ventrais, 1 lombar. Barbatanas moles.

Peixes grandes, entre 20 e 50 centímetros:

11. Chó peixe de pele.

12. Mucunga peixe de escamas.

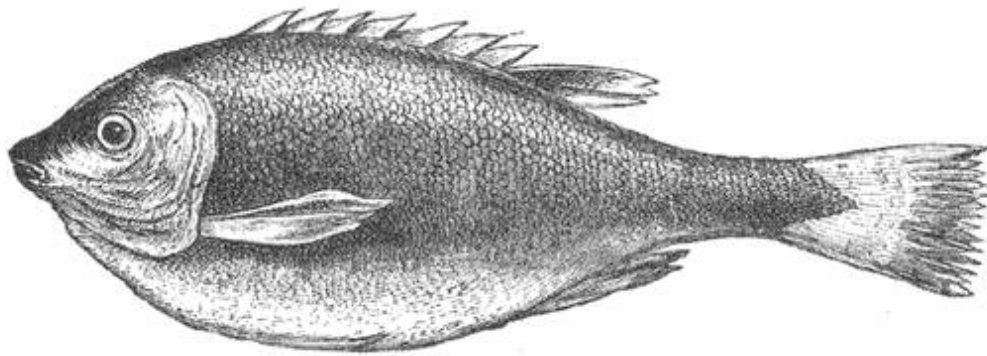
13. Undo idem.

14. Chinganja idem.

15. Nassi idem.

16. Bula idem.

17. Ganzi idem.

18. Boei-ie idem.

Chipulo ou Nhele

Tamanho natural. Escama dura e miúda; dorso cinzento avermelhado; ventre branco avermelhado; 3 barbatanas ventrais, duas sobre ventrais, e 1 lombar percorrendo todo e dorso, armada de espinhos.

Seis diferentes grandes Mamíferos habitam o rio Cuchibi:

1. O Hipopótamo.

2. O Quichobo ou Buzi (antílope).

3. O Nhundo (Lontra comum).

4. Libao (Grande Lontra malhada de branco).

5. Chitoto (pequena Lontra completamente preta).

6. Dima (herbívoro do tamanho de uma cabra pequena, desarmado de cornos, vivendo nas mesmas condições do Quichobo ou Buzi).

Ainda os reptis que habitam as águas do rio são numerosos, sendo que os crocodilos são pequenos e pouco vorazes, e as cobras umas são, outras não venenosas.

Tem uma grande variedade de batráquios, que os Ambuelas não distinguem, dando a todos indistintamente o nome de Manjunda.

Nos canais e sítios onde a água é estagnada, vivem milhares de sanguessugas, como em todos os rios desta parte de África.

Tinha feito larga provisão de milho, e para ele muitos carregadores, sob o comando das filhas do sova; decidi-me pois a partir, e depois das mais cordiais despedidas, segui, a 4 de Agosto, continuando a descer o rio na margem direita.

Duas horas depois de ter deixado Caú-eu-hue foi-me indicado pelos guias um vão onde seria possível a passagem. Passaram eles para me mostrarem o caminho, e

eu vi, que a um homem de estatura regular, dava a água pelo pescoço durante uns 20 metros.

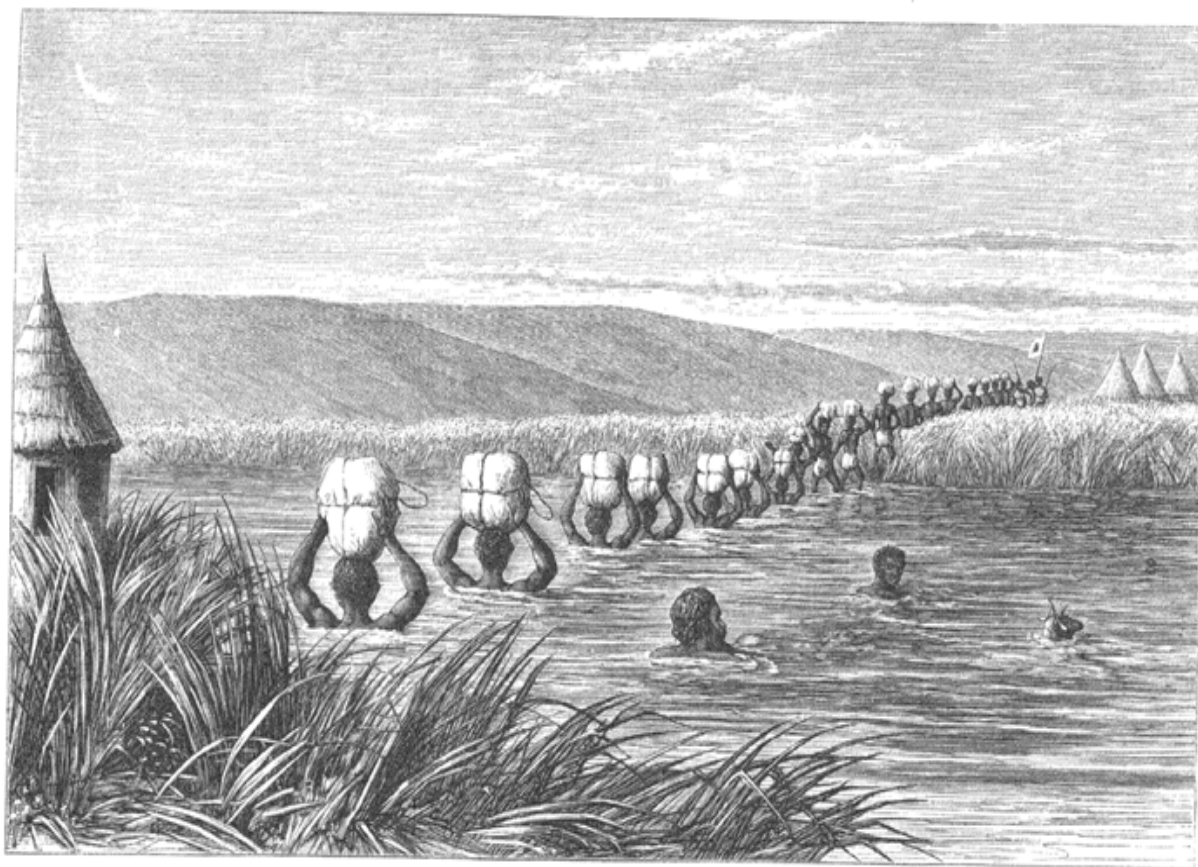
O rio tem ali de 70 a 80 metros de largo. Despi-me e fui estudar o vão. Vi que era estreito, e logo a montante e a jusante profundava de 3 a 4 metros, mas o fundo era de areia muito resistente. A corrente do rio era sobre o vão de 60 metros por minuto. Nestas condições a passagem é sempre difícil a uma comitiva carregada.

Dei ordem de começar a passagem, que levou duas horas, conservando-me eu sempre dentro de água, com o Verissimo e Augusto, os únicos que sabíamos nadar, prontos a acudir a algum que perdesse o pé. Não houve porém o menor incidente, e nem uma carga se molhou, tal cuidado tivemos todos.

Passado o rio, como estivéssemos bastante fatigados, apenas ganhámos a povoação de Lionzi, onde acampámos.

Houve grande afluência de gentio no meu campo, e choveram presentes e ofertas de venda de mantimentos. Nunca vi em África tantas galinhas como nesse dia trouxeram os Ambuelas ao meu campo. Não houve carregador ou moleque que não comesse galinha assada.

Notei entre aquele gentio uma moderação e brandura verdadeiramente admiráveis em povo Africano.

Todos os homens vinham armados de arco e frechas; alguns traziam azagaias, e muitos, além das armas gentílicas, compridas carabinas de sílex, de fábrica Belga.

O vão do cuchibi

Entre os Ambuelas, homens e mulheres cortam um triângulo nos dois dentes incisivos da frente, mas em angulo muito mais aberto do que entre os Quimbandes.

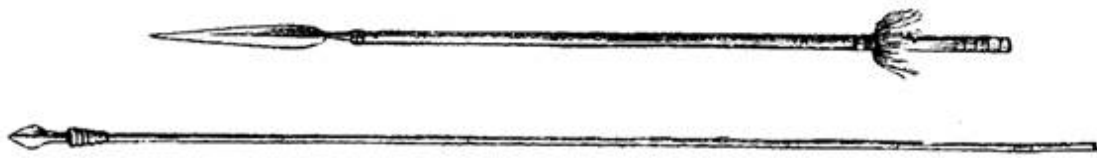
As suas armas são fabricadas por eles, sendo muito imperfeito o trabalho do ferro, que extraem em minas a jusante da confluência do Cuchibi e Cuando.

Os Ambuelas que usam espingardas só querem, como eu já disse, as armas lazarinas hoje fabricadas na Bélgica, e a cada peça de caça que matam, enrolam em torno do cano um bocado de pele do animal, o que dá lugar, pela simples inspeção da arma, a saber quantas vítimas ela tem feito.

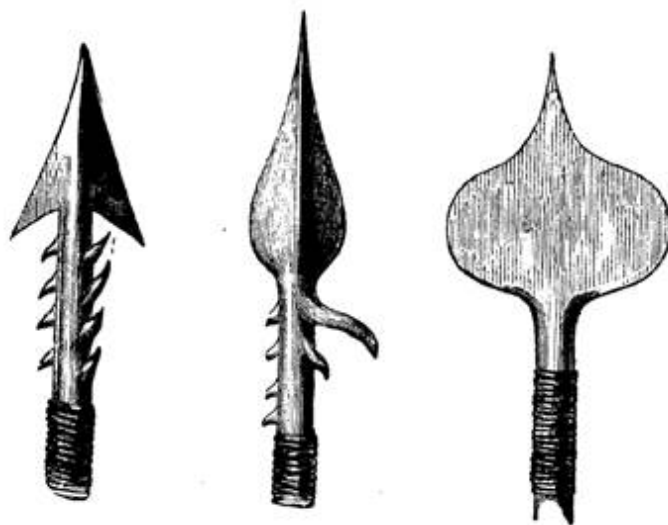
Isto deforma a arma, e impede de apontar; mas, como eles só arriscam um tiro a dez passos, acontece matarem.

O caçador que vi ali tendo morto mais caça tinha dez bocados de pele em torno do cano da espingarda.

Aquela pobre gente, sem as armadilhas do mato, não teria peles para cobrir a sua nudez.

Pólvora é rara ali, onde apenas de anos a anos aparece um sertanejo Biheno, que lhe vende pouca, e por isso tem subido valor.

Azagaias dos Ambuelas

Entre os Ambuelas que vieram ao meu campo apareceu um muito engraçado, que por todos os modos procurava convencer-me a dar-lhe uma carga de pólvora por um galo grande que trazia. Divertiu-me muito com o modo engraçado porque tentava convencer-me a fazer a transação, até que eu lhe disse, que faria o negocio, se ele matasse o galo a cinquenta passos com uma frecha.

Ele aceitou, e eu medi a distância.

Ferros de frechas dos Ambuelas

Colocado o galo convenientemente disparou-lhe oito frechas que trazia, fazendo péssimos tiros.

Outros indígenas entusiasmaram-se com o divertimento, e começou um chuveiro de frechas em torno do pobre animal, e ainda que alguns se acercaram a quarenta passos, foi de meio metro distante do alvo o tiro mais certeiro. Eu então disse aos Bihenos que dava o galo a quem o mata-se. Vieram os melhores atiradores de frecha da comitiva, e quem melhores tiros fez foi o preto Jamba, de Silva Porto, que chegou a cravar uma seta a cinco centímetros do galo, que

ficaria vivo, se eu o não matasse com um tiro da minha carabina Winchester.

No mato em que estava acampado havia uma enorme quantidade de aranhas brancas, com o corpo volumoso como uma ervilha, que mordiam, causando uma dor violenta mas passageira.

O acampamento esteve sempre cheio de mulheres, talvez por estarem ali comigo as filhas do régulo. Usam elas grande número de manilhas de ferro da espessura de dois a três milímetros de seção quadrangular, tendo as duas arestas exteriores picadas.

Quando dançam (e dançam muito as Ambuelas), só o tinir das manilhas é uma música.

Elas cumprimentam-se umas ás outras batendo repetidas vezes com as mãos abertas nos peitos nus.

Um costume que encontrei entre todos os povos Ganguelas, mas mais rigorosamente cumprido no Cuchibi, é o modo de falar aos sovas ou sovetas.

A pessoa que fala, diz o que quer dizer ao sova, a um dos pretos que ele tem ao seu lado; este repete o recado a um

segundo preto, que o transmite ao sova. A resposta segue pelas mesmas vias.

A explicação que me deram disto foi a seguinte:-A pessoa que dá o recado, ouvindo repetir depois duas vezes o que disse, pode corrigir alguma interpretação errónea que houvesse da sua ideia, e o mesmo se dá com quem responde.

Eu suponho, porém, que há ali mais alguma coisa, e que os sovas estabeleceram o uso, para durante a repetição tríplice da arenga, terem tempo de preparar a resposta.

De Lionzi fui dar um passeio de caça pelo rio até à sua confluência com o Cuando, cuja posição marquei grosseiramente, por não ter podido fazer observações, mas que, ainda assim, não deve ter grande erro, por haver eu determinado perfeitamente a posição de Lionzi.

Junto à confluência do Cuchibi, encontrei duas grandes povoações Ambuelas, Linhonzi e Maramo, e entre elas e Lionzi, uma grande povoação, Chimbambo.

Na confluência do rio Queimbo está situada a povoação de Catiba, governada por um preto da povoação de Caú-eu-hue,

e sujeito ao sova do Cuchibi.

De volta ao meu campo, vim encontrar a minha gente de tal modo entregue ás delicias de Cápua, que não havia força para os arrancar dos braços das formosas filhas desta nova Ninive Africana.

A embriaguez do Bingundo e a embriaguez do amor, tornavam surdos os meus homens a rogos e a ameaças.

O soveta do Lionzi veio ao meu campo, e trouxe consigo um Mucassequer, seu hóspede. Eu entendi-me logo com o Mucassequer, para ele ser guia até ás nascentes do rio Ninda, que eu queria ir demandar; e estando nesse dia de muito bom humor, chamei os pombeiros e disse-lhes, que ia seguir com os Ambuelas e os meus moleques, e que ficassem eles se quisessem, mas que eu lhes levava todos os mantimentos.

Pus-me logo a caminho, guiado pelo Mucassequer e acompanhado das filhas do sova e a sua gente.

Os meus Quimbares, vendo-me partir, deixaram também o campo, e seguiram-me, ficando todos os Quimbundos e os moleques do Veríssimo.

Depois de uma difícil marcha de seis horas através de floresta emaranhada, e onde se não encontra água, alcançámos a margem direita do rio Chicului, abrasados de sede.

Este rio corre num a planície deserta e apaulada, de 1600 a 2000 metros de largo, e a floresta sempre espessa vem terminar onde começa o pântano.

Durante a noite os leões e leopardos rondaram sem cessar o meu acampamento, rugindo em coro infernal.

No dia imediato, decido logo de manhã passar à outra margem.

Passei o rio numa ponte, decerto construída outrora, por comitivas Bihenas, que eu reconstrui, e que me deu fácil passagem; mas não foi igualmente fácil alcançar a floresta da margem esquerda, porque havia a atravessar a planície lodosa, onde nos enterrávamos até por cima da cintura.

O meu Pépéca por vezes ficou só com a cabeça de fora, e deu trabalho a desenterrar.

Foram 1500 metros de travessia difícil e fatigante.

O rio tem 15 metros de largo por 4 a 5 de fundo, com uma corrente de 40 a 45 metros por minuto. Vi nele muito peixe grande e pequeno, e alguns crocodilos de pequeno talhe.

Depois de passar o rio, vi a um quilómetro jusante, uma grande manada de songue, e indo logo ali encoberto pelo mato, consegui matar três.

A minha cabrinha Córa não se separa um momento de mim, e anda em contínuo sobressalto desde que sentiu os leões.

Os meus pretos apanharam muitas aves, variedade de codornizes, com uma poupa branca, e pernas brancas.

Pela uma hora nesse dia, chegaram os meus Quimbundos, e os pombeiros, de orelha baixa, vieram pedir-me mil perdões de não terem seguido na véspera.

Eu andava então de tal modo satisfeito, que tudo perdoei, indo em seguida pescar com um enorme tresmalho que levava, e com o qual apanhei inúmeros peixes muito semelhantes aos mugens ou tainhas dos nossos rios.

Esta rede, tresmalho ou barbal, como lhe chamam os pescadores do rio Douro, foi um presente que me fez meu

pai, e que, em muitas circunstancias, foi o único recurso que tivemos para matar a fome.

A doença grave de um dos meus pretos fez-me demorar dois dias naquele ponto; o que me contrariou em extremo, porque, tendo comigo numerosos Ambuelas, as provisões que eu tinha trazido do Cuchibi desapareciam rapidamente, e eu tinha diante de mim um enorme país a atravessar até ao Zambeze, onde nenhum recurso encontraria, além da caça, sempre problemática em África.

Em um dos dias, os Ambuelas foram à floresta em busca de mel, guiados pelos indicators ("indicadores"), e dele fizeram grande colheita.

Muitos naturalistas notáveis, desde Sparman e Leveilant, os primeiros que estudaram esta curiosa ave, até os mais modernos exploradores que tem descrito os seus hábitos, que me perdoem ainda aqui falar dela, e lhes diga, na minha humildade, o que concluí do muito que observei os seus costumes em África.

Que o indicador seja ou não um cuco é coisa de que não faço questão, deixando isso à autoridade dos Bocages e dos Günthers.

Que ele se deva chamar Cuculus albirostris, como queria Teminck, ou somente indicador, como querem outros, é nova questão, em que não entro. Descreve-lo, sendo profano em ornitologia, seria pedantismo; e por isso limitar-me-ei a contar o que lhe vi fazer, e a tirar uma conclusão minha.

Logo que o homem penetra num a floresta dos sertões de Africa Austral, aparece-lhe o indicador saltitando de ramo em ramo, e chegando a aproximar-se, sempre com o seu chilrear monótono. Logo que lhe damos atenção, levanta ele o seu voo pesado, e vai pousar mais longe, vigiando se o seguimos.

Se o desprezamos, volta ele para junto de nós, e continua a saltar e a chilrar, voando outra vez, e formulando muito pronunciadamente o convite de o seguirmos. Cedemos a final e acompanhamos a avezinha, que de ramo em ramo, com voos curtos para nos não perder de vista, nos vai guiando através da floresta, a maior parte das vezes até junto de um ninho de abelhas.

Este caso é o mais vulgar, e é sempre aproveitado pelos indígenas buscadores de cera.

Alguns exploradores, e entre eles o nosso Gamito, dizem, que ele conduz também o homem junto do antro da fera. Esse caso nunca se deu comigo, que segui dezenas de indicators, e nunca encontrei indígena que mo afirmasse.

Conduzir-me junto do cadáver de caça já em putrefação, a um acampamento abandonado de há pouco, a uma lagoa, junto de outra gente, isso me aconteceu a mim, e acontece a todos os que seguem o buliçoso passarinho. E contudo ele nada lucra em guiar os passos do homem para ali.

O que é facto é, que ele leva o homem quase sempre ao mel, e eu suponho que o quer levar sempre, e que são ocasionais os outros encontros, que tem feito impressão a muitos viajantes; encontros nada de estranhar em florestas Africanas.

É mesmo possível, que no caminho para o enxame encontremos o leão, sem que a intenção do pássaro seja a de nos fazer devorar pela fera.

Se porém a regra geral, de ir indicar as abelhas, tem exceções, são elas tantas e tão variadas, que eu atrevo-me a dizer, que o indicador é o verdadeiro apodador da humanidade.

Encontrei junto ao rio Chicului uma pele de cobra de sete metros de comprido por 40 centímetros de largo, afirmando-me os indígenas que as há ali maiores.

Pude finalmente seguir a 9 de Agosto, já desejoso que as filhas do sova do Cuchibi voltassem com a sua gente, porque os mantimentos que trazíamos desapareciam a olhos vistos, e já não era pequeno o meu cuidado pensando no futuro.

Depois de marcha de três horas, encontrei um ribeiro, correndo a S.S.E., e depois de atravessarmos a vão, encontrámos uma lagoa de duzentos metros, que tivemos de vadear com água pela cintura.

Este ribeiro, que entra no Chicului perto da sua foz, é o Chalongo, provavelmente o que nas cartas aparece com o nome de Longo, e que, por uma errada informação, os cartógrafos tem feito correr ao Zambeze.

Durante a passagem da lagoa, vimos alguns abutres descendo com persistência num mesmo lugar, a meio quilómetro de nós. Fui ver o que atraía ali os repugnantes rapaces, e ao longe vi uma nuvem deles esvoaçando sobre um corpo volumoso cercado de hienas, que fugiram sem que eu lhes pudesse atirar. Aproximei-me, e encontrei uma

enorme Malanca (Hipotragus equinus) recentemente morta pelo leão.

Malanca

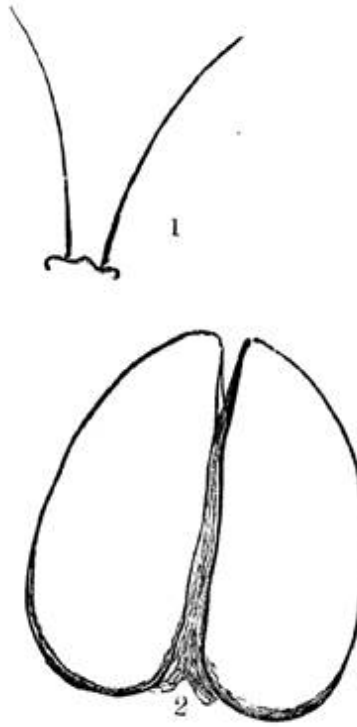
A pele do soberbo antílope estava rasgada em tiras pelas garras da fera, e, coisa notável, que eu não pude explicar, as unhas das patas estavam completamente roídas.

Os olhos tinham sido arrancados das órbitas, decerto pelas aves rapaces.

Os meus Quimbundos, logo que viram a Malanca, correram sobre ela, e com unhas e dentes disputaram uns aos outros os restos daquela carne bafejada pelas hienas, em mais repugnante espetáculo do que, minutos antes, me tinham oferecido as próprias hienas e abutres. Mais pareciam feras do que homens.

E note-se, que então não havia necessidade, porque eu tinha morto caça, e as provisões feitas no Cuchibi nos tinham em abundancia.

Os meus próprios Quimbares não resistiram à tentação, e juntaram-se aos Quimbundos no repugnante espetáculo.

Meti em ordem a caravana, e fiz seguir avante. Pelo caminho fui pensando no poder que tem a vida selvagem sobre o preto.

1. Cornos vistos de frente.

2. Rasto da Malanca

Os meus Quimbares, gente meio-civilizada de Benguela, já igualam os Quimbundos em selvageria e embrutecimento.

Eu ás vezes penso, que isto, que se afigura possível a muita gente na Europa, de civilizar o preto em África, é simplesmente absurdo.

O elemento civilizador será por agora tão pequeno junto do elemento selvagem, que este predominará em quanto

aquele não tomar proporções enormes.

É preciso que em África haja por cada preto um branco para se realizar esse sonho de muitos espíritos elevados do velho mundo; porque só então o elemento civilizador equilibrará com o selvagem, e poderá vence-lo.

Temos até um exemplo disto com os Böers do Transval, que, Europeus de origem, num século apenas, perderam tudo que de civilização trouxeram da Europa, foram vencidos pelo elemento selvagem do meio em que viviam, e hoje, se são Europeus pela cor e pela religião de Cristo que professam, são bárbaros pelos costumes que tiraram do país.

O notável era, ter eu atravessado tantos povos bárbaros, onde nunca chegou o menor elemento civilizador, e não ter encontrado povo algum pior do que o Biheno, que está em contacto com a civilização da Costa de Oeste.

Ao caminhar pensava eu nisso, e repetia a frase que tantas vezes me tinha repetido o meu amigo Silva Porto: "Olhe que os melhores Bihenos são incorrigiveis, firme-se neste principio e marche com eles." Depois que eu entendia o Hambundo é que bem podia avaliar o que eles eram.

Ás vezes, à noite, na minha barraca, eu escutava as conversas que se falavam em torno de mim, e não se calcula o que eu ouvia.

Uma noite, escutava eu episódios de uma guerra que um ano antes tinha havido no Bihé, contra gente Bihena que não reconhecia a autoridade do sova Quilemo, e entre outros ouvi o seguinte, no meio das gargalhadas e dos sinais de aprovação que os ouvintes dispensavam ao narrador: Contava ele, que uma noite fizera dois prisioneiros, um moleque e uma rapariga pequena, e que, como a pequena chorasse e gritasse por ele lhe ter amarrado fortemente os braços, ele cortou-lhe uma orelha com o machado, e depois deu-lhe com o mesmo machado no pescoço, mas de vagar para a não matar logo. Ele descrevia ao auditório as contorções e gritos da vítima, com grande aplauso dos companheiros, até que narrou o modo porque a tinha morto; coisa de que depois se arrependera muito, porque a família dela, que não sabia do ocorrido, veio oferecer-lhe em resgate três escravos, com que ele poderia ter começado um pequeno negocio.

Não quero narrar mais destas cenas repugnantes, e direi apenas, que se deve avaliar bem, como o chefe de bandidos na Europa não precisa, para sustentar a disciplina na sua horda de réprobos, ter mais energia do que o Europeu que em África tem de comandar tal gente.

Fui acampar à nascente de um córrego chamado Combule, que, a uma milha da sua fonte, vai lançar, para o Oeste, no rio Chicului, as suas águas, que ainda ali não seriam suficientes para mover uma azenha.

Convenci as filhas do sova a voltarem aos seus lares, e fizemos as mais cordiais despedidas. Ainda Opudo arriscou com timidez o pedido, de eu voltar para o Cuchibi, e ir viver entre eles, e Capeu fez-me, mais eloquente ainda, a súplica, com um olhar de mulher, um desses olhares que são a verdadeira força delas, porque são espontâneos, e não aprendidos na escola da garridice.

Não foi sem pesar que vi partir aquelas duas boas raparigas, as duas únicas amizades que percebi em indígenas Africanos.

Ao separarmo-nos, chegou-se a mim o meu guia Mucassequer, e disse-me:- "Eu tenho passado a minha vida

no caminho que vais seguir daqui ao Limbai, e por isso conheço bem o país. Leva sempre pronta a tua melhor espingarda, e desconfia de tudo no mato, porque vais viver muitos dias entre feras. Toma cautela sobre tudo com os búfalos do Ninda, no caminho hás de ver sepulturas de gente morta por eles, e mesmo de brancos. Eu sou teu amigo, porque não me fizeste mal, e deste-me pólvora e missangas, por isso te previno." Depois da partida dos Ambuelas, fiquei só com a minha gente, e verifiquei, não sem algum sobressalto, que tinha havido uma redução enorme nos víveres.

No dia imediato, embrenhei-me num a enorme floresta espinhosa, e onde era a miúdo preciso abrir caminho para seguir avante.

Depois de uma fatigante marcha de 5 horas, a mais difícil e atroz que fiz em África, acampei à nascente do rio Ninda, tendo deixado uma grande parte do fato nos espinhos da floresta. Meia hora depois de chegar, estava convertido em verdadeira caricatura, porque estava coberto de bocados de tafetá inglês, onde os espinhos me tinham rasgado as carnes.

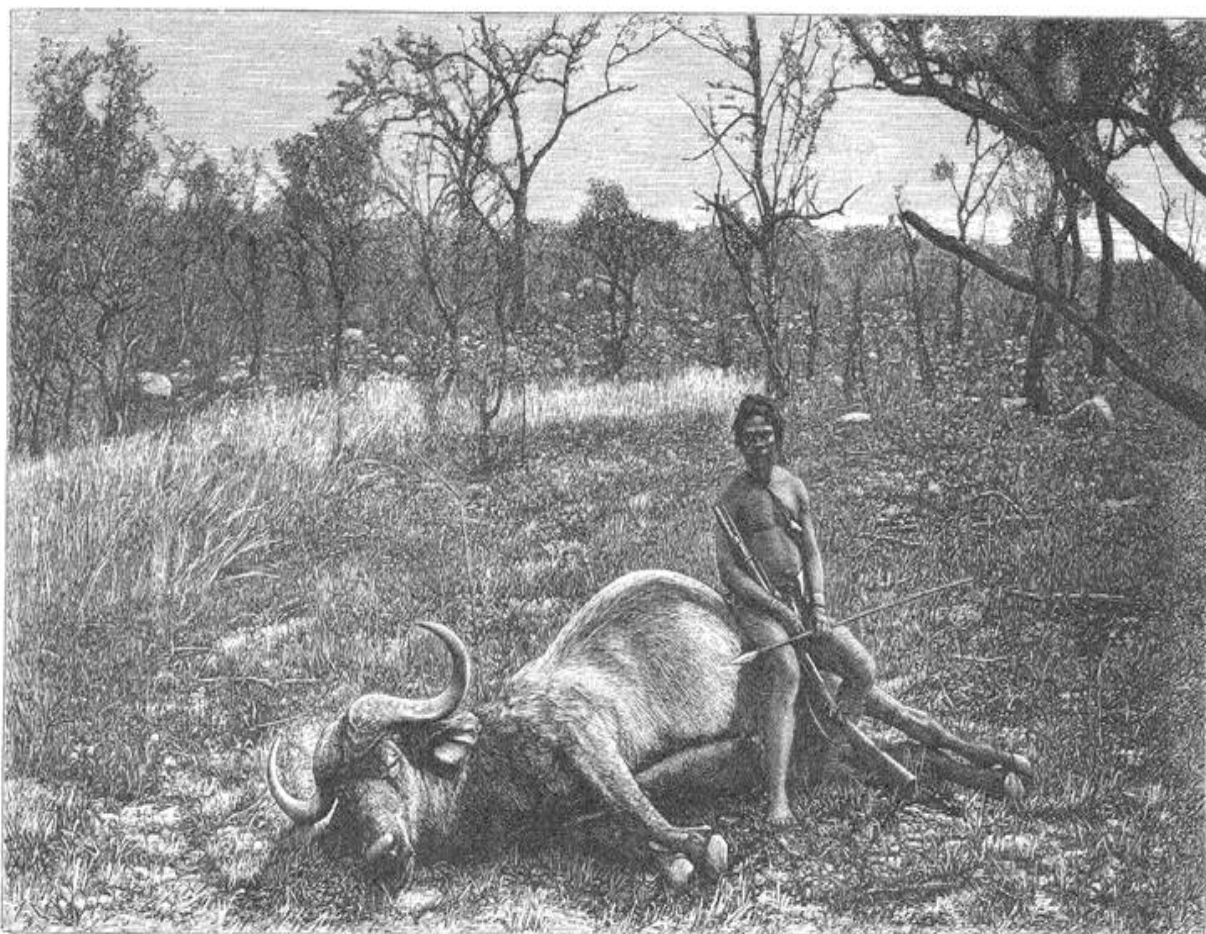
Estava pois à nascente do rio Ninda, afamado pela ferocidade dos habitantes das suas margens. Os leões ainda me não tinham devorado; mas cheguei a pensar, que se o quisessem fazer tinham de se apressar, para encontrarem alguns restos do que deixassem milhares de insetos que dirigiam um ataque encarniçado contra mim.

Ao cair da tarde, uma nuvem de moscas, tão pequenas que não tinham mais de um milímetro, caiu sobre o acampamento, e num louco esvoaçar, entravam pelo nariz, pela boca, pelos ouvidos, e enchiam-nos os olhos, dando-nos um verdadeiro suplicio, verdadeira praga.

O acampamento foi rodeado de fortes paliçadas e enormes abatises, tomando-se todas as precauções para que ficássemos ao abrigo de um ataque das feras.

Eu fui acometido por um violento acesso de febre, o que não impediu que, durante a noite, por mais de uma vez saísse da minha tenda a investigar porque ladravam os cães.

Os leões rugiram toda a noite em volta do campo, e sobre a madrugada, um coro de hienas veio completar aquela música infernal.

Não posso deixar de declarar aqui, àqueles que no entusiasmo de uma coragem temeraria se fazem ilusões sobre as belezas da vida das selvas, que a vida entre feras é positivamente desagradável.

O búfalo africano

No dia imediato, demorei-me até à tarde, para poder determinar aquela posição, e mudei o meu acampamento para uma milha mais a leste.

Junto do sitio onde acampei ficava a sepultura de um Português, o sertanejo Luiz Albino, morto naquele ponto por um búfalo. Na minha comitiva estava o preto de confiança de Luiz Albino, o velho António de Pungo Andongo, aquele que eu fiz alfaiate do sova Mavanda.

Luiz Albino saíra do Bihé com uma grande fartura que vinha negociar ao Zambeze, e num a das suas etapas, veio acampar no mesmo ponto onde eu estava acampado naquele dia. Saiu a caçar, e deu um tiro num búfalo, ferindo-o na articulação de um pé. Já se vê que atirava mal, porque não se fere um búfalo num pé.

Voltou ao acampamento, e chamou o velho António (que então era novo), dizendo-lhe, que tinha ferido um búfalo mortalmente, e que chamasse gente para o irem buscar.

Os Bihenos, sempre cautelosos, não quiseram ir, e ele, chamando-lhes cobardes, foi só com o preto António. Chegado ao mato, o búfalo, que, como todos os búfalos feridos, queria vingança e o esperava, correu sobre ele. Luiz

Albino disparou-lhe os dois tiros da espingarda sem lhe acertar, e foi em seguida colhido pela fera, que com uma cornada lhe rasgou o baixo ventre.

António disparou contra o feroz ruminante, e o cadáver da fera foi cair sobre o cadáver do branco.

Hoje, uma forte estacada de madeira, cercando um quadrado de cinco metros de lado, fecha um recinto, onde se levanta uma cruz tosca de madeira; e lembra ao caminhante, que é preciso ter pronta a carabina e olho à mira para viajar ali.

Tinha chegado ao primeiro ponto da minha viajem onde aparecem elefantes, e por isso mandei alguns homens à descoberta, mas os exploradores voltaram tendo apenas encontrado alguns rastos antigos. Eu fui dar uma volta pelo mato, mas nada vi em que pudesse dar um tiro.

No dia imediato, segui viagem, sempre na margem direita do Ninda, sem que algum facto extraordinário viesse perturbar a marcha.

A 13 de Agosto, fui estabelecer um novo acampamento dez milhas para leste do da véspera. Um vago receio já me

perturbava o espírito. Os víveres diminuíam rapidamente, e eu estava ainda longe de país de recursos. Tentei caçar, mas sem resultado percorri a floresta, ainda que vi muitos rastos frescos e cheguei mesmo a perceber caça, mas tão longe e esquiva que nada fiz.

No dia 14, tinha eu, sozinho com o meu Pépéca, tomado a dianteira à caravana, quando, ao chegar ao sitio onde resolvi terminar a marcha daquele dia, percebi um enorme búfalo que pastava tranquilamente.

Pude, ao abrigo do mato, aproximar-me dele, e atirei-lhe a trinta metros, apontando à espádua, porque me ficava atravessado. O animal caiu fulminado, com grande espanto meu, porque o sitio onde atirei era para fazer uma ferida mortal, mas não produzir morte tão rápida como a que eu vi produzir. Abeirei-me dele, e como não fiquei espantado, vendo que a bala, em lugar de ferir o ponto a que a dirigi, subiu perto de vinte centímetros na mesma vertical, indo cortar-lhe as vértebras, e produzindo a morte instantânea, pela solução de continuidade da espinal medula!

Este caso fez-me profunda impressão, porque um tal desvio da bala podia, em qualquer circunstancia, ser causa da

minha perda; e logo que estabeleci o meu campo, tratei de alvejar a carabina a 25 metros.

O desvio vertical revelado no tiro ao búfalo continuava a manifestar-se.

Era a minha carabina Lepage, de grande calibre e balas de aço.

Sendo a sua trajetória muito curva, o armeiro calculou a última ranhura da alça para 80 metros; e como eu não tinha ainda com aquela arma atirado a menor distância, não tinha ainda advertido no perigo que corria fazendo um tiro de 20 a 30 metros. Assim, pois, a estas distâncias, ainda que eu pela ranhura mal percebesse o ponto culminante da mira, o desvio vertical era constante.

Cuidei logo de remediar o defeito, e por tentativas, fui profundando a ranhura da alça, até que obtive a maior precisão à pequena distância requerida.

Este episodio, que registei no meu diário e que hoje descrevo aqui, ainda que seja de interesse nulo para a maioria dos meus leitores, é uma prevenção àqueles que me

seguirem em África, prevenção que lhes pode ser de subida utilidade.

O rio Ninda corre numa planície levemente inclinada a leste, e que me afirmam se estende ao sul até à junção do Cuando e Zambeze.

Até ao ponto em que eu estava acampado, a floresta desce espessa até à margem do rio; mas dali em diante forma apenas tufos de árvores, semeados aqui e além numa planície enorme.

Ali o Ouco é árvore corpulenta, e tão abundante, que por espaço de horas o caminhante vive numa atmosfera embalsamada pelo suave perfume das suas flores.

No dia imediato, sustentei marcha de seis horas, e desviei-me um pouco da margem do rio, cujo canavial espesso era obstáculo ao caminhar; indo acampar junto de uma lagoa de boa água, não longe da pequena povoação de Calombeu, posto avançado do régulo do Baroze.

Nada nos quiseram vender, e já começavam a escassear os mantimentos.

Não achando boa a minha posição, e não podendo seguir no dia imediato, por ter muitos doentes, mudei o campo para uma milha mais a leste, continuando a tirar água da mesma lagoa, ou antes pântano, que melhor lhe cabe este nome.

Estava na enorme planície do Nhengo, planície elevada mil e doze metros ao nível do mar, que se estende a leste até ao Zambeze, e ao sul até à confluência do Cuando.

O terreno enxuto na aparência, é encharcado e esponjoso, e cede lentamente à pressão do corpo, deixando infiltrar água do seu seio alagado.

Nas noites que ali dormi, deitei-me em leito seco de ervas cobertas de peles, para acordar num charco.

Começava ali para mim uma nova vida de tormentos, porque nem à noite um sono reparador podia vir mitigar as fadigas do corpo, e adormecer as apreensões do espírito.

A falta de víveres, que não tardaria a chegar; a dificuldade que me apresentava o país; a minha saúde que eu sentia profundamente afetada; e a minha própria comitiva que começava a dar sinais de insubordinação, traziam o meu

espírito perturbado, perturbação que se traduzia por um mau-humor contínuo.

No dia 16 de Agosto, tive um momento de desespero. Estava só, completamente só.

Não havia um homem na minha comitiva que tivesse um pouco de energia.

Além das dificuldades que se erguiam diante de mim, todos me criavam dificuldades. Eu tinha de decidir, de intervir em tudo, até nas mais pequenas coisas de que nunca me deveria ocupar.

Algumas dedicações me rodeavam, não o duvidava, mas dedicações sem energia, em gente capaz de cumprir uma ordem, mas incapaz de fazer cumprir a outros as que lhe transmitia.

O Verissimo não é cobarde, mas espírito acanhadíssimo, sem vontade própria, e irresoluto, não tinha a força suficiente para se impor no comando. Além disso, aparentado com alguns dos pombeiros, era por eles desatendido.

Via-me forçado até a fazer cumprir as ordens que dava!

No meu diário escrevi então alguns períodos, que vou transcrever aqui textualmente, e que traduzem o meu sofrimento de então.

"Isto desnorteia-me, e traz-me de péssimo humor. O meu Deus! quanta vontade, quanta persistência, quanta energia é precisa a um homem que só, rodeado de dificuldades, rios próprios que o cercam as encontra, para prosseguir na missão que se impôs! Hoje sozinho no meio de África, tendo uma missão a cumprir, e tendo de sustentar a honra da bandeira da minha pátria, quanto eu sofro! e quanto eu tremo por ela! Preciso de ser um anjo ou um demónio, e chego a crer que sou ás vezes uma e outra coisa." Neste dia já tive de dar comida à ração, e só milho já havia.

Sentado à porta da minha barraca, ao cair da tarde, terminava a minha parca refeição, e olhava em roda os meus carregadores, que comiam em silencio.

Parecia que uma tristeza profunda havia caído sobre o meu campo, apossando-se de todos os espíritos.

De repente os meus cães levantaram-se e correram ao mato ladrando furiosos.

Um homem desconhecido, seguido por uma mulher e dois rapazes, saiu do mato, e sem fazer caso dos cães, entrou no acampamento, que percorreu com um rápido olhar, vindo sentar-se aos meus pés.

Era um preto coberto de andrajos. Um pano esfarrapado mal encobria a sua nudez. Um casaco completamente despedaçado pendia-lhe dos ombros nus. Na cabeça uma coisa que muito esforço de imaginação faria supor os restos de um chapéu braguês, e na mão um pau.

As suas armas eram trazidas pelos dois moleques que o seguiam.

A fisionomia enérgica, o olhar, andar e os modos decididos, do indígena, prenderam logo a minha atenção.

Perguntei-lhe quem era, e o que queria.

Ele respondeu-me em Hambundo: "Eu sou Caiumbuca, e venho procura-lo." Ao ouvir o nome de Caiumbuca, não pude conter a minha emoção.

Tinha diante de mim o mais audaz dos sertanejos do Bihé. Do Nyangue ao Lago Ngami é conhecido o nome de Caiumbuca, o antigo pombeiro de Silva Porto.

Em Benguela dissera-me Silva Porto: "Chame para junto de si a Caiumbuca, e terá o melhor imediato que pode encontrar em toda a África Austral." Procurei-o debalde no Bihé, onde não me souberam dar notícias dele.

"Anda no sertão, e nunca se sabe bem onde ele anda-" foi a resposta que obtive de todos.

Caiumbuca estava no Cuando abaixo da confluência do Cuchibi, e sabendo da minha passagem, viera, só com uma mulher e dois moleques, procurar-me.

Conversei a sós com ele por espaço de uma hora, li-lhe mesmo uma carta que Silva Porto me tinha dado em Benguela para ele, fiz-lhe as minhas propostas, e ao cair da noite, reuni os meus carregadores e apresentei-lhes o meu imediato.

A 17 de Agosto, forcei marcha de seis horas, porque os víveres estavam no fim, e era preciso alcançar as povoações.

Acampei na margem direita do rio Nhengo, que é o Ninda depois de receber do norte um afluente volumoso, o Loati.

O Nhengo tem de 80 a 100 metros de largo, por 4 e mais de fundo, com uma corrente quase insensível. Ás vezes parece

uma comprida lagoa, onde vegetam milhares de plantas aquáticas. Nas suas margens há uma forte vegetação arbórea, vegetação que por vezes estende os seus ramos vigorosos por sobre as águas, e de uma e outra margem vêm dar um abraço fraternal a meio-rio.

Este grande afluente do Zambeze corre na enorme planície de que já disse duas palavras, a planície que dele toma o nome, planície húmida, onde não é encharcada ou verdadeiro pântano. Ali milhares de moluscos terrestres arrastam a sua casa espiral por entre a erva curta e raquítica.

Alguns cágados e muitas tartarugas de lagoa (Emydes), vivem na campina, onde já, aqui e além, algumas palmeiras, as primeiras que encontrava desde Benguela, balançam ao vento as suas copas elegantes.

Os meus pretos fizeram colheita de tartarugas (Emydes), que a fome lhes fez devorar, apesar do repugnante cheiro que rescendem estes pequenos Cheloneas carnívoros.

Tendo-me dito Caiumbuca, que, a pequena distância do acampamento, tinham algumas povoações, decidi demorar-me ali um dia, para obter víveres.

Foi debalde que, no dia imediato, enviei gente ás povoações a pedir mantimentos; o gentio muito esquivo fugia, e não atendia razão nem ofertas.

A nossa posição tornava-se muito séria, porque já nada havia que comer para esse dia, e as tentativas de caça e pesca não deram o menor resultado.

Um pequeno bando capitaneado pelo meu Augusto, entrou no campo, perseguido por um bando de leões, que só retiraram ao perceber o ruido do acampamento.

Conferenciei com Caiumbuca, e decidimos fazer, no dia seguinte, marcha grande, para alcançar umas povoações a que ele chamava Cacapa, e onde me disse que poderíamos obter víveres.

Seguimos pois no dia 19, tendo comido pela última vez a 17 de manhã.

A marcha foi sustentada por oito horas, indo acampar perto de uma lagoa, porque tínhamos deixado a margem do rio, para nos aproximarmos das povoações.

Apesar da fadiga da jornada e da fraqueza produzida pela fome, enviei gente a procurar víveres, indo entre eles o

próprio Caiumbuca. Voltaram ao anoutecer com as mãos vazias. Nada, absolutamente, o gentio lhes quisera ceder, mostrando-se até hostil!

A nossa posição era grave. Tentar outra marcha, no estado de fraqueza em que estávamos, era arriscámo-nos a ficar todos mortos de inanição.

Reuni os pombeiros, a quem expus as circunstancias precárias da caravana, e de tal modo os encontrei desalentados, que nenhum alvitre me foi proposto.

Chamei alguns dos pretos que tinham ido ás povoações e perguntei-lhe, se efetivamente ali haveria mantimentos? e tendo-me eles respondido afirmativamente, eu tomei uma resolução imediata. Disse aos pombeiros, que fossem animar a sua gente, porque no dia imediato de manhã teríamos de comer em abundancia.

Ficando só com Caiumbuca, comuniquei-lhe a resolução que tinha tomado, de ir no dia imediato fazer provisão de alimentos ou por bem ou por mal.

Na madrugada de 20, mandei de novo o Augusto com alguns pretos ás povoações, pedir que me vendessem milho ou

mandioca, e expor as circunstancias em que nos encontrávamos.

A única resposta que obtiveram os meus enviados foi uma agressão insólita.

Então reuni todos aqueles a quem a fome não tinha completamente prostrado, e pude ter oitenta homens, semi-válidos.

Pus-me à sua frente, e assaltei a povoação do chefe, que, depois de um curto tiroteio sem consequências, se rendeu à discrição.

Corri logo aos celeiros, que estavam cheios de batata doce, e tirei tanta quanta me era precisa para matar a fome da minha gente, regressando ao campo, com o chefe e mais alguns pretos prisioneiros. Dei a estes o valor das batatas em missanga e pólvora, e pu-los em liberdade, fazendo-lhes ver, que era melhor tratar as coisas por bem dali em diante. Eles agradeceram muito a minha generosidade, e prometeram fornecer-me aquilo que tivessem logo que eu lho mandasse pedir.

Nesse dia, à 1 hora e meia, estando o céu limpo, apenas com espessa barra no horizonte, caiu um tufão vindo do N., que, depois correu a S.O., o foco passou um quilómetro a O. de mim, arrancando árvores e destruindo tudo na sua passagem.

No meu campo, o vento soprou tão rijo, que tivemos de nos deitar por terra em quanto durou a sua maior intensidade.

O termómetro subiu de 20 a 32 grãos, e o barómetro desceu de 667 m. a 663. Foi esta a mais violenta oscilação barométrica que observei na África tropical.

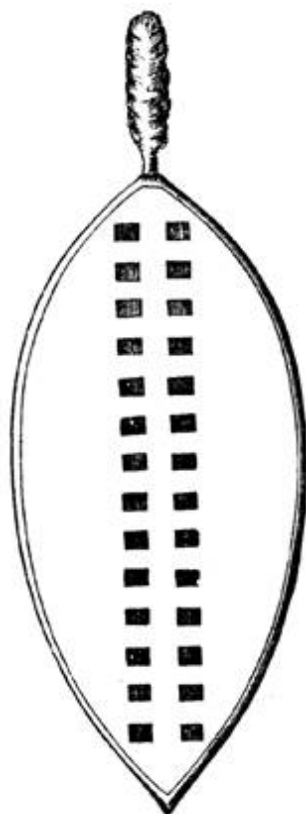
Ás duas horas e meia, o vento acalmou de repente, ficando a atmosfera completamente coberta de um nevoeiro denso.

As povoações que me ficavam um quilómetro ao sul chamam-se Lutué; mas Caiumbuca disse-me, que entre os Bihenos são conhecidas apenas pelo nome de Cacápa, por serem ricas em batata doce, que na língua Hambunda se chama écápa.

As gentes destas povoações, como a de todas da planície do Nhengo, são de raça Ganguela, submetidas pela força aos Luinas ou Barozes. Sam povos miseráveis e intratáveis.

Pela tarde, chegou ao meu campo uma tropa de Luinas, que andavam rondando no país, e que, sabendo que eu chegara ali na véspera, me vieram ver.

Era comandada por três chefes, dos quais o maioral se chamava Cicóta.

Os chefes vieram cumprimentar-me e oferecer-me os seus serviços, e pedindo-lhes eu logo, que me obtivessem de comer, eles responderam, que também estavam lutando com falta de víveres, mas que no dia seguinte me acompanhariam até umas povoações onde acharíamos recursos. Disseram-me, que me iriam conduzir até junto do rei do Lui, e que nada me faltaria pelo caminho logo que chegássemos ás povoações Luinas, já pouco distantes.

Escudo dos Luinas

Estes Luinas tem uma boa presença, são altos e robustos. Uma pele de antílope primorosamente curtida, passada entre as pernas e presa no cinto de couro na frente e nas costas, e um amplo capote de peles, é o seu vestuário. Os três chefes traziam carabinas raiadas de grande calibre, de fábrica Inglesa. Os outros sobraçavam grandes escudos de forma ogival, de um metro e 40 cent. de comprido por 60 cent. de largo, e estavam armados de um feixe de azagaias

de arremesso. O peito e os braços cheios de amuletos. Os pulsos são ornados de manilhas de cobre, latão e marfim, e por baixo dos joelhos trazem de 3 a 5 manilhas muito finas de latão. O que neles e admirável são as cabeças, não pelo cabelo, que é cortado curto, mas pelos enfeites que lhe põem.

A do chefe Cicóta está coberta de uma enorme cabeleira, feita da juba de um leão. Os outros traziam penachos de plumas multicolores verdadeiramente assombrosos.

Durante a noite apareceram entre nós inúmeros escorpiões, sendo mordidos por eles alguns dos meus homens.

O Chefe Cicóta

O terreno continua esponjoso e húmido, sendo um tormento viver em tal país.

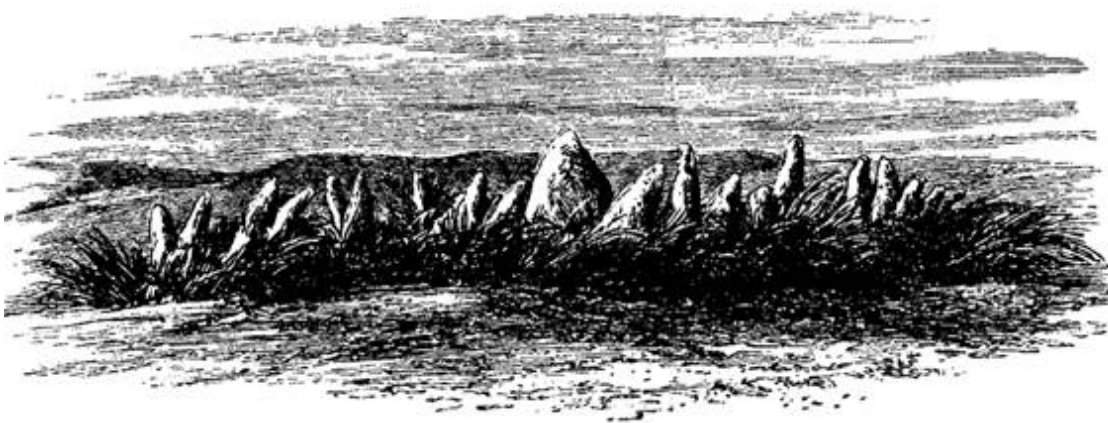
Multiplicam-se ali as palmeiras, e já vão aparecendo algumas árvores no campo.

As termites apresentam aqui já um novo aspeto nas suas curiosas construções.

A 22 de Agosto, levantei campo, e cinco horas depois, ia de novo acampar junto da povoação de Canhete, a primeira povoação de raça Luina. Durante a manhã houve um denso nevoeiro.

Algumas matas que passei eram formadas de árvores enormes, e limpas de arbustos, sendo fácil o caminhar ali.

Logo que acampei, por prevenção de Cicóta, vieram muitas raparigas ao campo trazer-me galinhas, mandioca, massambala e ginguba.

Durante toda a tarde continuaram a trazer-me presentes, que eu retribuía o melhor que podia. Tinha já que comer em abundancia!

Termites do Nhengo

Pedi tabaco, de que eu trazia ainda boa provisão, e sal, sal que eu não provava havia tantos meses!

Responderam-me, que tinham o maior pesar de não poderem satisfazer ao meu desejo, mas que o tabaco e o sal só se davam ou se vendiam por uma licença especial do régulo.

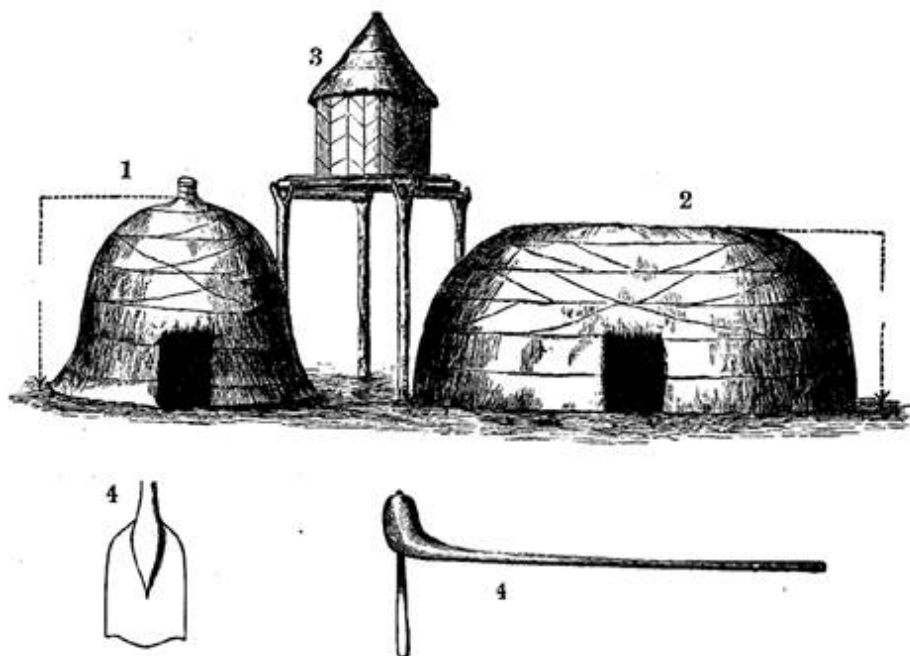
Eis uma terra Africana onde há dois artigos de contrabando! Felizmente não há alfândegas.

Fui visitar as povoações de Canhete. Cresce ali nos quintais o tabaco e a cana de assucar com um desenvolvimento enorme.

As casas são feitas de caniço revestido de colmo, e tem umas a forma de um semicilindro de 1,5 metro de raio, outras são ogivais, não tendo mais altura do que aquelas.

Os celeiros são como os das povoações Ambuelas, mas de menores dimensões.

Os Luinas vieram ao meu campo, e fizeram ali uma dança guerreira, muito pitoresca, em que havia um mascarado que fazia o papel de truão.

Nessa noite chegou o preto Cainga, que eu tinha mandado, dois dias antes, ao régulo, a participar-lhe a minha chegada.

1 e 2. Casas Luinas de 1 m. 5 de altura.

3. Celeiro.

4. Enxada do Lui.

Vieram com ele alguns chefes com presentes do rei para mim, e entre eles seis bois.

Carne de vaca! tinha carne de vaca para comer!

Disse-me o Cainga, que ele se mostrou ufano por eu vir falar com ele de mando do Mueneputo, e que me esperava uma receção esplêndida.

Eu estava sempre desconfiado, porque conhecia bem os negros, e sabia quantas traições encerram as suas zumbaias, mas não deixei de ficar satisfeito.

Ele mandou reunir muitos barcos, de modo que pudesse passar a minha comitiva de uma só vez, para mostrar a sua grandeza.

Disse-me o Cainga, que ele era rapaz de 20 anos, e que, sabendo que eu era novo, dissera, que seriamos amigos.

Comi tanta carne e tanta batata, já temperadas com sal, condimento que obtive por contrabando, que me senti muito incomodado, e passei uma péssima noite.

Os chefes Luinas que vieram da parte do régulo, trouxeram ordem ás povoações para me fornecerem o que eu pedisse sem retribuição. Esta ordem foi acertada, porque eu não tinha com que retribuir.

Quando ia a levantar campo, chegaram novos enviados do rei com sal e tabaco para mim, e com o recado, de eu não seguir o caminho direto da embocadura do Nhengo, porque ele queria castigar as povoações privando-as da minha visita.

Mandei dizer-lhe, que eu não seguiria outro caminho, por ser este o que mais me convinha. Que eu não servia para ele castigar comigo os seus povos delinquentes; e que, se ele me não mandasse barcos ao sitio do Zambeze que eu havia designado, eu passaria o rio sem o auxilio dele.

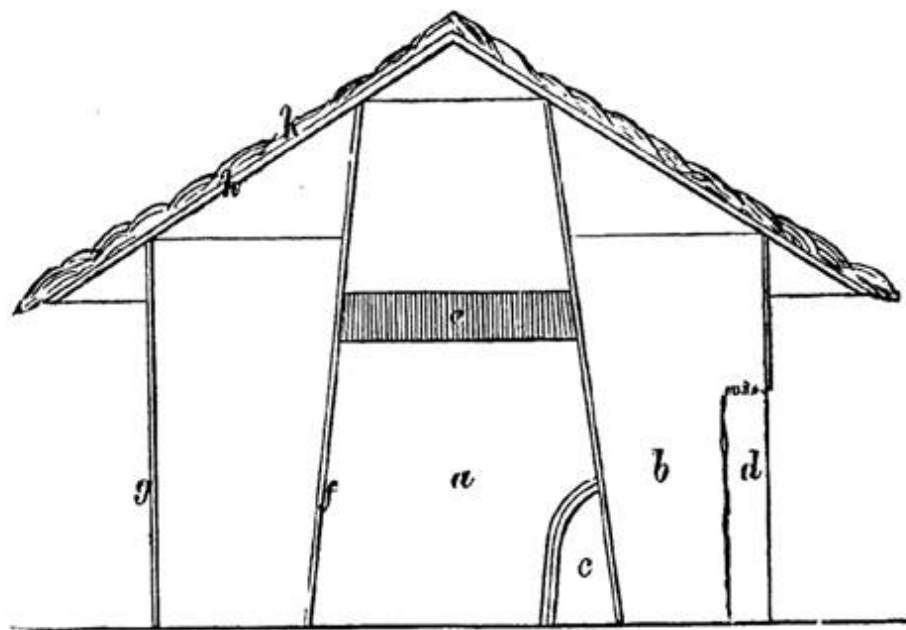
Logo à saída de Canhete, encontrei um pântano horrível, que tendo apenas 500 metros de largo, levou 1 hora a transpor. Caminhei a leste, e três horas depois alcancei as povoações da Tapa, onde aceitei uma casa oferecida pelo

chefe, por não ser possível acampar fora da povoação em terreno pantanoso.

As casas ali são formadas por uma pirâmide troncocónica de caniço, coberto interna e externamente de barro. A porta tem 60 centímetros de alto por 50 de largo.

Esta casa é cercada por outra só de granito, concêntrica àquela, e que tem de raio um metro mais. O teto abrange as duas casas e é feito de caniço coberto de colmo.

O chefe levou-me um presente de galinhas e batata doce.

Marquei, duas milhas ao sul, a grande povoação de Aruchico.

Corte vertical de uma Casa Luin da aldeia da Tapa.

a. Casa interior.

b. Intervalo entre as duas paredes.

c. Porta interior, 50 c. por 40 c. d. Da. exterior 1m. por 50 c.
e. Ventilador.

f. Parede, caniço e barro.

g. Da. caniço, 2 m. h. Armação de caniço.

k. Cobertura de colmo.

No dia 24 de Agosto, parti ás 8 horas da manhã, e depois de atravessar um pântano como na véspera, alcancei a margem direita do rio Nhengo ás 9 horas, descendo até ao Zambeze que encontrei ás 10 e meia.

Com que entusiasmo eu saudei o grande rio! Alguns hipopótamos vinham resfolgar à tona de água a 30 metros de mim, e dois foram vítimas da sua imprudência.

Um crocodilo enorme foi também infeliz em se conservar ao sol numa ilha próxima.

Tinha saudado devidamente o Liambai! Tinha-o saudado tingindo-o de púrpura com o sangue das feras.

No meio do maior entusiasmo dos meus e dos muitos Luinas que me acompanhavam, alcancei as canoas, e passei, ao meio-dia, para a margem esquerda do rio.

Segui sempre a leste, e ás 2 horas, encontrei outro braço do Liambai, que se separa dele junto a Nariere. Andei por isso num a grande ilha onde há povoações, sendo a principal Liondo.

Aquele braço do rio, ainda que tem 150 metros de largo, é pouco fundo, e foi transposto a vão. Na outra margem havia

mais gente mandada pelo régulo.

Segui sempre, e ás 3 horas, encontrei uma grande lagoa junto à povoação de Liara, que passei embarcado. Este lago, formado pelas águas que o Zambeze lhe introduz no tempo das chuvas, chama-se Noroco.

Segui sempre a leste, por entre um labirinto de pequenas lagoas, que era preciso evitar, e ás 5 horas cheguei a Lialui, grande cidade, capital do Baroze, ou reino do Lui.

O rei tinha feito programa.

Tive em poucos dias duas grandes surpresas, para mim já meio selvagem e esquecido dos costumes Europeus. O contrabando de tabaco, de sal, e o programa do rei do Lui.

Uns mil e duzentos guerreiros formaram alas até à casa que eu devia provisoriamente ir ocupar, e um dos grandes da corte, acompanhado de uns trinta figurões, formaram o meu séquito.

Chegado à casa, que tinha um grande pátio cercado de caniçal, estava um estrado, onde eu me devia sentar, para receber os comprimentos da corte.

Logo em seguida, chegaram os quatro conselheiros do rei, dos quais é presidente Gambela. Com eles vinham todos os grandes que formavam a corte do rei Lobossi.

Sentaram-se, e começou, da parte deles e da minha, uma troca de comprimentos e saudações, com mil protestos de amizade.

Por fim retiraram-se gravemente, e foram substituídos por outros maçadores, que só me deixaram à noite fechada.

Retirei-me para a casa que me destinavam, que era um desses semicilindros de que já falei, e tive uma noite de insónia, pensando no futuro da minha empresa.

Estava sem recursos, e se o rei não protegesse energicamente a minha viagem, que poderia fazer?

Sem a generosidade dele, nem mesmo teria que comer ali.

Ele mandara-me dizer, que me falaria no dia imediato. Como nos entenderíamos? Aquele Gambela, o presidente do Conselho, que acabava de estar comigo, o homem que todos me diziam ser o verdadeiro rei, que seria ele para mim?

O capítulo seguinte mostrará, que não era sem razão que um pressentimento mal definido me produziu uma noite de insónia em 24 de Agosto de 1878.

CAPÍTULO 12

NO BAROZE

A 25 de Agosto levantei-me muito incomodado e ardendo em febre. Estava no alto Zambeze, junto do 15º paralelo austral, na cidade de Lialui, nova capital estabelecida pelo rei Lobossi, do reino do Baroze, Lui ou Ungenge, que todos estes nomes pode ter o vasto império da África tropical do sul. Como se sabe pelas descrições de David Livingstone, um homem vindo do Sul à frente de um exército poderoso, o guerreiro Chibitano, Basuto de origem, atravessou o Zambeze junto da sua confluência com o Cuando, e invadiu os territórios do alto Zambeze, sujeitando ao seu domínio todas as tribos que habitavam o vasto país conquistado.

Chibitano, o mais notável capitão que tem existido na África Austral, partira das margens do Gariep com um pequeno exército formado de Basutos e Betjuanas, ao qual foi agregando os mancebos dos povos que vencia, e ao passo

que caminhava ao norte, ia organizando essas falanges, que depois se tornaram tão terríveis, já na conquista do alto Zambeze, já na defensa do país conquistado.

A esse exército, formado de elementos diferentes, de povos de muitas raças e origens, deu o seu chefe o nome de Cololos, e daí lhe veio o nome de Macololos que tão conhecido se tornou em África.

No alto Zambeze encontrou Chibitano muitos povos distintos, governados por chefes independentes, que não ponderam, separados como estavam, opor séria resistência ao terrível guerreiro Basuto.

Tão sábio legislador, como prudente administrador, e audaz guerreiro, Chibitano soube dar união aos povos conquistados, e fazer com que eles se considerassem irmãos no interesse comum.

Estes podiam agrupar-se em três divisões, marcando três raças distintas.

Ao sul, abaixo da região das cataratas, os Macalacas; no centro, os Cangenjes ou Barozes; e ao norte, os Luinas, raça

mais vigorosa e inteligente, que devia substituir um dia os Macololos na governação do país.

É propriamente no país do Baroze ou Ungenge, que se tem conservado as sedes do governo desde o tempo de Chicreto, o filho e sucessor de Chibitano; e todos os povos de Oeste chamam ao vasto império Lui ou Ungenge, ao passo que os povos do sul lhe dão o nome de Baroze. Mais tarde, neste capítulo, terei ocasião de falar na história deste povo desde a última visita de Livingstone até à minha passagem ali; prosseguindo agora a narrativa das minhas aventuras sob o reinado de Lobossi, e do seu conselheiro íntimo Gambela.

A organização política do reino do Lui é muito diferente da dos outros povos que eu tinha visitado em África. Ali há dois ministérios perfeitamente definidos, o da guerra, e dos negócios estrangeiros; sendo este último dividido em duas secções, cada uma com o seu ministro. Uma delas trata dos negócios de Oeste, outra dos do Sul. Isto é, uma trata com Portugueses de Benguela, outra com os Ingleses do Cabo.

Na ocasião da minha chegada, os conselheiros do rei eram quatro, dois dos quais não tinham pasta; sendo ministro dos negócios estrangeiros de Oeste um tal Matagja, e

acumulando duas pastas, a da guerra e a dos negócios estrangeiros do sul, Gambela, o presidente do conselho do rei. Aprendi bem estes detalhes, para regular a minha conduta nas graves questões que tinha a tratar.

Logo de manhã, fui avisado, de que o rei Lobossi me esperava.

Larguei os meus andrajos, e vesti o único vestuário que já possuía, dirigindo-me em seguida à grande praça onde devia ter lugar a audiência.

Ele estava sentado numa cadeira de espaldar, no meio da grande praça, e por de trás dele um negro fazia-lhe sombra com um guarda-sol.

Era um rapaz de 20 anos, de estatura elevada, e proporcionalmente grosso.

Vestia um casaco de casimira preta sobre uma camisa de cor, e em lugar de gravata, trazia ao pescoço um sem-número de amuletos.

As calças eram de casimira de cor, e deixavam ver as meias de fio de Escócia, muito alvas, e o sapato baixo bem lustrado.

Um grande cobertor de listas multicolores em guisa de capote, e na cabeça um chapéu cinzento, ornado de duas grandes e belas penas de avestruz, completavam o traje do grande potentado.

Na mão um pedaço de madeira lavrada, ao qual estavam presas muitas clinas de cavalo, servia-lhe para enxotar as moscas, ação que ele fazia com toda a gravidade.

Á sua direita, em cadeira mais baixa, estava sentado o Gambela, e na frente os três conselheiros. Umas mil pessoas, sentadas no chão em semicírculo, deixavam perceber a sua hierarquia pelas distâncias a que estavam do soberano.

O Rei Lobossi

Á minha chegada o rei Lobossi levantou-se, e logo em seguida os conselheiros e todo o povo. Troquei um apertar-de-mão com ele e com Gambela, abaixei a cabeça a Matagja e aos outros dois conselheiros, e sentei-me junto a Lobossi e a Gambela.

Depois de uma troca de comprimentos e de finezas, que mais pareciam de uma corte Europeia do que de um povo

bárbaro, eu disse ao rei, que não era negociante, que vinha visita-lo por ordem do Rei de Portugal, e que tinha a falar-lhe em assuntos que não podiam ser tratados ali diante de tão numerosa assembleia.

Gambela

Ele respondeu-me, que sabia e compreendia isso, e que a receção que me mandara fazer na véspera e a que ele mesmo me fazia ali, me mostravam que eu não era confundido com um negociante qualquer; que eu era seu

hóspede, e teríamos tempo de falar em negócios, porque ele esperava ter a felicidade de me possuir algum tempo na sua corte. Depois de me dizer esta amabilidade, despediu-se de mim, que voltei a casa abrasado em febre.

No meu pátio encontrei trinta bois, que o rei me mandava de presente.

Disse-me o escravo favorito de Lobossi, que seria delicado da minha parte, mandar matar os bois, e oferecer a melhor perna de boi ao rei, e dar carne à gente da corte.

Dei ordem a Augusto para fazer isso, e houve logo uma carnificina enorme, sendo todos os bois mortos, e a sua carne distribuída entre os meus carregadores e a gente da corte; tendo o cuidado de mandar ao rei e aos quatro conselheiros a melhor parte, cabendo ainda assim o melhor quinhão a Gambela, a quem fiz notar que fazia.

Matagja

As peles, que ali são muito estimadas, ofereci eu a Matagja e Gambela.

Pela 1 hora, fui recebido pelo rei em audiência particular, numa casa também semicilíndrica, mas de grandes dimensões, que não contava menos de 20 metros de comprido por 8 de largo.

Lobossi estava sentado numa esteira, e em frente dele os quatro conselheiros ocupavam outra, de companhia com alguns fidalgos, entre os quais estava um velho vigoroso,

cuja fisionomia simpática e expressiva me impressionou. Era Machauana, o antigo companheiro de Livingstone, na viagem que o célebre explorador fez do Zambeze a Loanda, e de quem ele fala, no seu roteiro com tanto elogio.

Uma enorme panela de quimbombo foi colocada no meio da casa, e depois de o rei ter bebido, beberam todos com profusão, e nem me ofereceram, sabendo que eu só água bebia.

Conversámos sobre coisas indiferentes, e eu entendi não dever falar-lhe ainda dos meus negócios. Entre outras coisas, falámos a respeito de línguas diferentes, e Lobossi pediu-me que falasse um bocado em Português, para ele ouvir. Recitei-lhe as Flores d’alma do poema "D. Jaime," e os pretos ficaram encantados ao escutar a harmonia da nossa língua, que o mimoso e grande poeta, tomas Ribeiro, soube imprimir e fazer ressaltar naquelas estrofes singelas.

Quando eu ia retirar-me, o rei disse-me baixo, de modo que ninguém percebeu, que lhe fosse falar depois de ser noite fechada.

Pouco depois de eu chegar a casa, apareceu-me ali Machauana, com quem conversei sobre Livingstone, e que

me fez os maiores protestos de amizade.

Á noite, pelas 9 horas, fui à morada do rei. Ele estava num dos pátios interiores, sentado numa esteira, junto a um grande fogo, que ardia numa bacia de barro de dois metros de diâmetro. Na sua frente, em semicírculo, uns 20 homens, armados de azagaias e escudos, conservavam a maior imobilidade e silencio.

Pouco depois de eu chegar, chegou o Gambela, e começou a nossa conferência.

Eu comecei por lhe dizer, que tinha sido obrigado a deixar no caminho os ricos presentes que lhe trazia, mas que, ainda assim, tinha podido salvar algumas pequenas coisas que lhe daria, e entre elas uma farda e um chapéu, que lhe apresentei logo.

Era uma dessas fardas ricamente agaloadas, que toda Lisboa viu aos lacaios postados nas antecâmaras do Marques de Penafiel, e que foram vendidas quando o opulento fidalgo trocou a sua residência luxuosa de Lisboa, pelo viver mais buliçoso da capital da França.

Lobossi ficou encantado com a farda e com o chapéu armado, e fez-me mil agradecimentos. Depois de uma pequena conversa sem importância, entrámos em assunto.

No Baroze falam-se três línguas. O Ganguela, a língua Luina, e o Sezuto, idioma deixado ali pelos Macololos, que modificaram os costumes daqueles povos a ponto tal, que até lhes implantaram a sua língua, que é a língua oficial e elegante da corte.

Era neste idioma que falavam Lobossi e Gambela, servindo-me de intérpretes Veríssimo e Caiumbuca. Eu disse ao régulo, que vinha da parte do rei de Portugal (o Mueneputo), nome pelo qual sua Majestade

Fidelíssima é conhecido entre todos os povos da África Austral, e que é formado por duas palavras-Muene, que quer dizer Rei, e Puto, nome dado em África a Portugal. Disse-lhe, que o meu fim principal era abrir caminhos ao comércio, e que estando o Lui no centro de África, e já em comunicação com Benguela, desejava abrir o caminho do Zumbo, e assim um mercado muito mais perto, onde eles poderiam ir abastecer-se dos géneros Europeus de que precisassem.

Ele queixou-se muito da falta que nos últimos tempos lhe tinha feito o não virem ali negociantes de Benguela, não me ocultando que, entre outras coisas, estava sem pólvora. Eu respondi-lhe, que eles viriam, se com eles fizessem bons negócios, e que eu lhe podia afirmar, que o Mueneputo estava disposto a proteger o comércio com ele, se ele se comprometesse a não consentir nos seus estados a compra e a venda de escravos.

Não lhe ocultei a falta de meios com que eu lutava, e mostrando-lhe o desejo e empenho que tinha em abrir o caminho do Zumbo, prometi-lhe, se ele me coadjuvasse na empresa, fazer-lhe chegar de Tete, no menor tempo possível, a pólvora e mais artigos de que ele carecia.

O Gambela, homem inteligente e fino diplomata (Também os há pretos), quis por vezes enredar-me, mas eu não saía da verdade e da lógica, e ele foi vencido.

No fim de muito discutir, ficou decidido, que o rei Lobossi mandaria uma comitiva a Benguela, para guiar a qual eu lhe daria um homem de confiança, com cartas para o governador e para Silva Porto, e que ele me daria a gente de que eu precisasse para ir comigo ao Zumbo.

Era uma hora da noite quando eu me retirei, e ainda que sempre desconfiado de pretos, não posso deixar de confessar que me retirei satisfeito.

O dia foi todo muito ocupado, e depois de à uma hora me recolher, sobreveio-me um enorme acesso de febre.

Levantei-me muito doente no dia seguinte, e mandei logo Quimbundos e Quimbares construírem um acampamento meio quilómetro ao sul de Lialui, para o que obtive autorização do rei.

Pelas 10 horas, fui visitar Lobossi, que encontrei numa grande casa circular, cercado de gente, e tendo diante de si seis enormes panelas de capata. O meu Augusto, Veríssimo, Caiumbuca e a gente do régulo, dentro em pouco estavam bêbados a cair, e ninguém se entendia ali. Eu voltei a casa, e tive de deitar-me, de tal modo me recresceu a febre.

Foi imensa gente visitar-me, e como eu não tinha remedio senão ouvir uns e outros, porque aqueles negros não tem a menor consideração por um doente, piorei muito.

Lobossi mandou-me seis bois, cuja carne foi toda furtada pela gente dele, porque a minha estava longe construindo o

acampamento, e Augusto, Veríssimo e Camutombo completamente bêbados, não quiseram saber disso.

No dia imediato, Lobossi veio visitar-me logo de manhã; eu estava um pouco melhor, mas a febre era constante e não queria ceder aos medicamentos.

Ás 10 horas, Lobossi mandou-me pedir para comparecer diante do seu grande conselho, que fizera convocar expressamente para eu expor os meus projetos.

Outra vez Gambela, que presidia à assembleia, me quis embaraçar, e outra vez se saiu mal. Tive de explicar Geografia a Gambela e aos conselheiros da coroa.

Tracei-lhes no chão o curso do Zambeze, e a leste paralelo a ele o curso do Loengue, que, com o nome de Cafúcué, vai entrar no Zambeze a jusante dos rápidos de Cariba.

Mostrei-lhes que em 15 dias alcançaria a povoação de Cainco, situada numa ilha do Loengue, e que desceríamos o rio embarcados até ao Zambeze, e por este ao Zumbo.

Afirmei-lhes, que o Loengue não tinha cataratas, e que o Zambeze de Cariba ao Zumbo era perfeitamente navegável.

Insisti pois neste ponto, demonstrando-lhes, que apenas com uma travessia por terra de 15 dias, que se podia reduzir mesmo a 10 (citando-lhes para isso um facto de uma expedição Luina que, partindo de Narieze, tinha alcançado Cainco em 8 dias), com uma pequena travessia por terra, eles estariam em rápida, comunicação com os estabelecimentos Portugueses de Leste, por vias fluviais completamente navegáveis.

O público estava admirado da minha erudição, e Gambela, que sabia mais geografia Africana do que muitos ministros de estado Europeus, e que conhecia ser verdade o que eu expunha, cedeu ás razões.

Depois de longa e acalorada discussão, foi resolvido, que se enviasse a comitiva a Benguela, e que me fosse dada a gente suficiente para atravessar o Chuculumbe até Cainco, deixando três ou quatro fortes postos no caminho, para segurar a passagem àqueles que, indo comigo até ao Zumbo, tivessem de regressar. No fim da sessão, houve grande entusiasmo, e foram logo nomeados os chefes que deviam ir a Benguela, e os que me deviam acompanhar.

Voltei a casa com um tal acesso de febre que perdi a razão, melhorando ás 6 horas da tarde.

Á noite, anunciaram-me a visita de Munutumueno, filho do rei Chipopa, o primeiro rei da dinastia Luina.

Mandei-o entrar, e vi um rapaz de 16 a 17 anos, muito elegante e simpático.

Trazia uma calça preta e uma farda de alferes de cavalaria ligeira, em muito bom estado. Fez-me profunda impressão ver aquela farda! A quem teria pertencido? Como teria ido parar ao centro de África?

Talvez alguma viúva necessitada encontrasse na venda daquele objeto, que pertencera a um esposo estremecido, algumas migalhas de pão para matar a fome.

Perguntei a Munutumueno como tinha obtido aquela farda? E ele respondeu-me, que tinha sido presente de um sertanejo Biheno, havia já muito tempo.

Indaguei, se não lhe havia encontrado nada nos bolsos, e ele respondeu-me, que não tinha bolsos. Uma farda de oficial sem bolsos, era impossível.

Pedi-lhe para ma deixar examinar, e tendo ele desabotoado o peito, efetivamente vi que não tinha bolso ali.

Roguei-lhe, que se voltasse, e comecei a explorar-lhe os bolsos das abas. Ele estava admirado, porque não sabia que tinha bolsos ali. Num deles os meus dedos encontraram um pequenino bilhete.

Iria saber a quem tinha pertencido aquela farda?

O que conteria aquele papelinho dobrado que eu tinha diante dos olhos e não me atrevia a abrir?

Cheio de comoção, desdobrei o papel, e vi nele algumas linhas escritas a lápis, que li avidamente.

Não pude conter uma gargalhada.

O papel dizia assim:-

"Se lhe não sou indiferente, rogo-lhe o obséquio de me indicar o modo de nos correspondermos."

Por baixo um nome e uma morada.

Sabia de quem fora a farda.

O nome era o de um dos meus amigos e antigo condiscípulo, que hoje ocupa uma distintíssima posição numa das armas científicas do exército Português.

Um dia em público cometi a indiscrição de pronunciar o nome do signatário do bilhete, que eu possuo, e ainda que indiscreto fui, não creio ter de modo algum ofendido aquele nobre oficial e distinto cavalheiro.

Uma farda que o talento e a aplicação ao estudo fizeram trocar por outra, mais distinta; que, abandonada ou dada a algum criado, pela instabilidade das coisas, foi parar ao centro de África, creio é coisa que não desdoura ninguém. Em quanto ao bilhete de amores, creio bem que ainda menos o deve vexar.

Infelizes daqueles que, aos dezoito anos, não escreveram bilhetes assim, e mais infelizes os que depois dos trinta já os não podem escrever.

"Aquilo, meu amigo, foi coisa que um papá, ou uma mamã, sempre impertinentes em tais casos, te não deixou entregar, ao sair do teatro ou de um baile, à tua Dulcinea daquela noite, ou que a tua timidez dos dezoito anos fez recolher ao bolso. Imagino, meu amigo, que te deves ter rido, sabendo

que aquele bilhete esquecido, depois de atravessar os mares, atravessou aqueles inóspitos países, e andou em companhia de um preto no alto Zambeze. É verdade, que, para te consolares, sabes que esse preto era filho de rei."

Nesta aventura, eu fui o único tolo, em ter tido pensamentos tristes, à vista do bilhete encontrado no bolso da farda de um alferes de cavalaria, porque logo devia supor, que tal bilhete só podia ser um bilhete de amores.

Um alferes de cavalaria, em Portugal, como em todos os países, é sempre um fogacho onde as mariposas vem queimar as azas douradas.

Pensando na proposição que acabo de formular, deitei-me cheio de tristeza, lembrando-me que já era major.

No dia imediato, recresceu a febre a ponto de eu não poder andar. Lobossi foi visitar-me, e levou consigo o seu médico de confiança.

Era um velho, pequeno e magro, de barba e cabelo branco.

Principiou ele por tirar do pescoço um cordão onde tinha enfiado oito metades de caroços de uma fruta qualquer que eu não conhecia. Começou, com grande recolhimento, a

pronunciar umas palavras mágicas, e atirou com os caroços ao chão. Destes, uns ficaram com a parte interna voltada para a terra, outros com a externa. Ele leu naquela disposição, concluindo da leitura, que os meus parentes mortos se tinham apossado de mim, e que era preciso dar-lhes alguma coisa para eles me deixarem. Eu aturei tudo com a maior paciência, fingindo acreditar o que ele me dizia, e dei-lhe um pequeno presente de pólvora.

Naquele dia o Gambela deu-me um presente de dez cargas de milho e massambala.

Estando concluído o meu acampamento, mudei para ele.

No dia 29 de Agosto, a febre cedeu um pouco ás fortes doses de quinino que tomei, e senti bastantes melhoras. O meu estado moral é que piorava de instante a instante.

Tinha alguns momentos de desalento inexplicáveis. A minha energia cedia ante a fraqueza moral que se apossava de mim.

Estava sob o peso esmagador de um terrível ataque de nostalgia.

O rei mostrava muitos cuidados pelo meu estado, mas cada portador que vinha encarregado de saber da minha saúde, era emissário de um pedido cada vez mais impertinente.

Naquele dia mandou ele os seus músicos tocarem e cantarem para me entreter, mas mandou em seguida pedir-me dois cartuxos de pólvora por cada músico.

Nessa tarde ouvi grandes toques de tambores na cidade, e o rei mandou-me pedir, que mandasse dar alguns tiros na grande praça, desejo que eu satisfiz mandando doze homens dar fogo.

Soube depois que aquilo era uma convocação à guerra, e antes de falar nos motivos dela, direi em poucas palavras a história do Lui, desde o ponto em que ficou narrada pelo Dr. Livingstone, isto é, desde a morte de Chicreto.

O império, poderosamente sustentado pela mão de ferro, sabia prudência e fina política de Chibitano, marcou-se com uma profunda pegada de decadência no reinado do seu filho Chicreto. David Livingstone, muito grato aos favores de Chicreto, que lhe deu os meios de ir a Loanda e a Moçambique, é talvez bastante suspeito nos elogios que dispensa a este rei; e mesmo na narrativa da viagem que ali

fez depois com o seu irmão Carlos e o Doutor Kirk, não pode deixar de narrar a desordem e profunda decadência em que encontrou o império Macololo.

Das gentes vindas do sul com Chibitano, isto é Macololos, poucos existiam já, tendo sido decimados pelas febres do país, que nem os naturais poupam. A embriaguez e o uso do bangue, de mistura com os desregramentos dos chefes, tinham feito perder toda a autoridade aos invasores. Morto Chicreto, sucedeu-lhe seu sobrinho Omborolo, que devia reinar durante a menoridade de Pepe, irmão muito mais novo de Chicreto, e filho ainda do Grande Chibitano.

Os Luinas conspiravam, e um dia Pepe foi assassinado. Omborolo não tardou a ter a mesma sorte, e tendo sido ordenada uma Saint Bartélemi por os Luinas, os restos desse forte exército invasor foi assassinado, escapando apenas poucos, sob o comando de Siroque, irmão da mãe de Chicreto, que fugiu para Oeste, passando o Zambeze em Nariere.

Os Luinas, depois dessa carnificina traiçoeira, aclamaram seu chefe Chipópa, homem de tino, que não deixou

desmembrar o país, e procurou conservar o império, poderoso como em tempo de Chibitano.

Chipópa reinou muitos anos, mas as ambições apareceram e, em 1876, um tal Gambela fê-lo assassinar, e aclamar seu sobrinho Manuanino, criança de 17 anos.

O primeiro ato do poder de Manuanino foi mandar cortar a cabeça a Gambela, que o tinha feito rei, e desprezando todos os parentes e amigos do pai que o elevaram ao poder, chamou para junto de si só os parentes maternos. Aqueles conspiraram, fizeram uma revolução, e tentaram assassina-lo, em Março de 1878; mas Manuanino, tendo alguns fiéis, pode escapar-se, e fugiu para o Cuando, onde assaltou e devastou a povoação de Mutambanja.

Lobossi, aclamado rei, enviou contra ele um exército, e Manuanino teve de retirar dali, e repassando o Zambeze em Quisséque, internou-se no país do Choculumbe, atravessou este país, e foi juntar-se a uns brancos, caçadores de elefantes, que estavam na margem do Cafuqúe. Lobossi entendeu, que a sua segurança dependia da morte de Manuanino, e mandou contra ele um novo exército. Foi do

resultado daquela expedição que nesse dia chegaram notícias.

Chegados perto do lugar onde estava o ex-soberano com os brancos, que eles chamam Mozungos, intimaram estes a que lhes entregassem Manuanino para o matarem, e como tivesse recusa, eles os atacaram, mas, com tanta infelicidade, que foram completamente batidos pelos brancos; escapando muito poucos, que nessa tarde chegaram a Lialui a narrar o seu desastre.

Eis aqui o motivo porque os tambores tocavam convocando à guerra; e porque o rei Lobossi me pediu que mandasse dar tiros na grande praça da cidade.

Já que falei na história do Lui, não devo prosseguir sem narrar um dos seus episódios mais interessantes, porque se refere a um tipo verdadeiramente simpático.

É Siroque, aquele Macololo, que, na ocasião da Saint Bartélemi dos Macololos, conseguiu escapar com um grupo de gente, passando o Zambeze.

Siroque, intrépido e audaz, caminhou a oeste até encontrar o Cubango, onde se estabeleceu, vivendo da caça dos

elefantes.

Depois subiu o rio até ao Bihé, e fixou-se ali por muito tempo, chegando por vezes a ir a Benguela em comitivas sertanejas. Um dia porem, tendo umas questões em que bateu os que o atacaram, retirou por prudência para o interior; indo acampar no rio Cuando abaixo do Cuchibi, onde continuou a vida de caçador.

Siroque era inteligente e bravo, e de uma família que tinha reinado, não podia deixar de ser ambicioso.

Sonhou com o restabelecimento da monarquia Macolola no Lui, e foi-se aproximando dali pelo Cuando.

Um pombeiro do Bihé, seu amigo e que lhe tinha fornecido pólvora, denunciou-o, e Manuanino, então aclamado de pouco, fê-lo assassinar junto da povoação de Mutambanja, pela mais cobarde traição.

Todos os seus foram vítimas, e a azagaia do assassino de Siroque abriu o túmulo ao último dos Macololos.

Aquele dia amanhecido tão bonançoso para o adolescente monarca, que só via sorrir-lhe a vida, tornara-se de repente sombrio e carregado, envolvido em nuvens de tempestade.

As notícias más sucedem-se, e corria o boato, de que Lo Bengula, o poderoso rei do Matebeli, projetava um ataque contra o Lui.

Andavam todos desorientados, todos emitiam alvitres, todos pensavam loucuras; só dois homens se conservavam serenos no meio daquele povo semi-louco. Eram Machauana e Gambela-Gambela o ministro da Guerra, Machauana o General em chefe.

Ordens acertadas e rápidas eram dadas por eles a emissários fiéis, que partiam para povoações distantes.

O que seria de mim no meio dos novos acontecimentos que agitavam o país?

Diziam e repetiam, que foram os Muzungos que mataram os sicários de Lobossi, enviados contra Manuanino, e se ali se soubesse que eu era Muzungo, estava irremediavelmente perdido. Estes povos felizmente ignoram isso, e pensam que os Portugueses de leste são de outra raça diferente dos Portugueses de oeste.

No Lui, os Portugueses das colonias de oeste são chamados Chiudéres, nome que lhes dão os Bihenos; os das colonias

de leste, Muzungos; e os Ingleses do sul, Macúas. A todo e qualquer preto que vem das colonias Portuguesas chamam Mambares, decerto corrução da palavra Quimbares, com que são designados os pretos semi-civilizados de Benguela. Daí proveio o erro do Doutor Livingstone, arranjando a oeste das serras de Tala Mugongo uma raça de Mambares.

Os Quimbares são pretos de qualquer procedência, geralmente escravos ou libertos, que já são meio-civilizados. Sam, finalmente, a gente das senzalas de Benguela e as escravaturas dos brancos da costa.

Em Benguela chamam Quimbundos ao gentio selvagem do interior, designando com esse nome mais particularmente os Bihenos.

No dia 30, logo de manhã, Lobossi mandou dar-me parte de que se ia fazer a guerra, e dos motivos que a isso o obrigavam.

O emissário foi o próprio Gambela, que me disse logo, que, sendo o Chuculumbe o teatro da guerra, era impossível a minha viagem por ali; e por isso, que tudo o que havíamos combinado estava prejudicado.

Aqueles acontecimentos tornavam muito crítica a minha posição.

Nessa tarde, estando eu com um novo e violento acesso de febre, vieram prevenir-me, de que os pombeiros Bihenos me queriam falar.

Levantei-me a custo e fui ouvi-los.

Depois de variados preâmbulos, disseram-me, que me iam deixar, porque viam o mau caminho que as coisas tomavam no Lui, e só desejavam voltar ao Bihé.

Cobardes! Abandonavam-me no momento em que eu mais precisava deles!

Miguel, o caçador de elefantes, o pombeiro Chaquiçongo, e dois carregadores, Catiba e um carregador, e o Doutor Chacaiombe, vieram protestar-me a sua amizade, e declarar-me que ficavam comigo. Todos os Quimbares me vieram fazer igual declaração.

Aquela resolução inesperada dos Bihenos fez-me recobrar o sangue frio que já não tinha há dias. Aumentavam as dificuldades, era preciso lutar, e eu sacudi o entorpecimento moral que se ia apossando de mim.

Imediatamente despedi os Bihenos, que pus fora do acampamento, entregando-os ao preto António, o velho António que eu tinha designado a Lobossi para ser chefe e guia da comitiva que ele ia mandar a Benguela.

Fiz em seguida a conta à minha gente, e achei-me com 58 homens.

No dia imediato, Lobossi veio a minha casa, e fez-me repetidas exigências de coisas que eu não possuía, e ele queria por força que eu tivesse e lhe desse. Estava cada vez mais importuno. Era uma criança, mas criança impertinentíssima. Precisava de uma paciência sem limites para o aturar.

Lobossi mandou-me chamar nessa noite. Fui la, e ele disse-me, que a minha viagem pelo Chuculumbe era impossível, mas que me daria guias e alguma gente para eu tornear pelo sul e ir ao Zumbo.

Disse-me, que o boato a respeito dos Matebeles não tinha fundamento, que daquele lado havia paz e ele terminaria facilmente com Manuanino. Queixou-se muito amargamente de eu lhe dar poucas coisas, dizendo, que se eu nada mais tinha, lhe desse todas as armas e a pólvora que possuía,

porque, seguindo para o Zumbo com gente dele, seria defendido por ela, e não precisava levar tanta gente armada.

Ofereci-lhe as armas dos Bihenos que me tinham deixado nesse dia, e que tive o cuidado de lhes tirar, e sete barris de pólvora, mas neguei-me formalmente a dar-lhe uma só que fosse das outras, dos homens que me ficaram, ou das minhas particulares.

Retirei-me pouco satisfeito daquela entrevista.

No primeiro de Setembro, levantei-me muito doente, e depois de ter feito as observações da manhã, tornei a deitar-me; quando o Veríssimo entrou espavorido na barraca, e me diz, que Lobossi mandara chamar toda a minha gente, e lhe expusera, que eu tinha vindo ali de propósito para me ir juntar aos Muzungos que estavam no Cafuque com o Manuanino, e fazer-lhe guerra a ele. Isso estava demonstrado pela minha insistência em querer ir ao Chuculumbe. Nessa noite fora ele prevenido dos projetos que eu meditava, e por tanto, me ia obrigar a sair dos seus estados, e só me deixaria livre o caminho do Bihé.

Encarregara ele o Veríssimo de me vir fazer a intimação; coisa que em nada me desconcertou o espírito, porque, desde a véspera à noite, eu esperava novidade grande.

Mandei chamar o Gambela, mas ele teve o cuidado de fazer com que o não encontrassem em todo o dia.

Um recado que fiz chegar a Lobossi, mostrando-lhe a inconveniência do passo que dava, porque eu lhe podia fazer muito mal impedindo os sertanejos do Bihé de virem ali, teve por única resposta novo mandado de despejo, e só livre o caminho do Bihé.

Á tarde, nova prevenção, de que as forças que estavam reunidas para a guerra, não sairiam sem eu ter deixado o país do Lui em caminho de Benguela.

Respondi ao enviado, que dissesse ao rei Lobossi, que dormisse sobre o caso, porque a noite era boa conselheira, e que esperava ainda a sua última decisão no dia imediato.

A 2 de Setembro, logo de manhã, recebi a visita de Gambela, que vinha da parte do rei, ordenar-me que saísse do seu reino imediatamente, e que o único caminho livre era

o do Bihé. Não pode passar nem por ali, nem por ali, nem por ali, me disse ele, apontando para o N., E. e S.

Contra todos os usos do país, o Gambela, em quanto esteve na minha casa, conservou as armas na mão, e eu entretive-me brincando com um magnífico revólver Adams-Colt.

Fingi que meditei a minha resposta, e disse-lhe, "Amigo Gambela, vá dizer a Lobossi, ou tome o recado para si, que eu não arredo um passo daqui para seguir o caminho de Benguela. Tem aí um numeroso exército, que me venha atacar; eu saberei defender-me, e se morrer, o Mueneputo lhe tomará contas disso. Vocês estão indispostos com os Matebeles, ameaçados pela guerra civil levantada por Manuanino, indisponham-se também com o Mueneputo, e estão perdidos. Outra vez lhe repito, que não sairei daqui senão para seguir o meu caminho."

Gambela saiu da minha barraca furioso.

Nessa noite Machauana veio furtivamente visitar-me. Preveniu-me ele de que Gambela aconselhara ao rei para me mandar matar, e que Lobossi se negara a isso terminantemente. O caso foi passado em conselho, a que

assistia Machauana, que me fez mil prevenções para estar de sobreaviso.

A larga conversa que tive com o antigo companheiro de Livingstone, mostrou-me que entre ele e Gambela havia reixa velha. O antigo guerreiro de Chibitano, depois muito afeiçoado ao rei Chipopa, só pensava em ver ocupar o trono do Lui ao filho deste, seu pupilo e o seu protegido, o jovem Munutumueno, o meu alferes de cavalaria ligeira.

Tendo podido ler no coração do velho aquele odio e aquela afeição, considerei-me salvo. O seu poder era grande, porque ele tinha influência numa enorme parte das tribos do Lui; e por isso as azagaias, que tanto ferem ali nas revoluções, o tinham poupado. Fiz-lhe muitos protestos de gratidão, e pedi-lhe, que me prevenisse logo que o rei Lobossi determinasse matar-me. Ele prometeu, e retirou-se.

Eu fui deitar-me, levando a referver na mente, um plano singelo, que me abstive de comunicar a Machauana, para lhe evitar ideias cobiçosas, que ele não tinha naquele momento.

Resolvi, se acaso Lobossi decretasse a minha morte, chamar cinco dos meus homens mais decididos, uma espécie de

cães que eu tinha comigo, como eram Augusto, Camutombo e outros, e ir com eles logo à audiência do rei, onde todos estão desarmados, faze-los, a um sinal meu, saltarem sobre Lobossi, Gambela, Matagja e os outros dois conselheiros íntimos, e eu de um pulo acercar-me de Machauana o general em chefe, o homem que tinha ali acampados dez mil guerreiros, e gritar-lhe bem alto "Viva Munutumueno, rei do Lui, viva o filho de Chipopa!"

Uma revolução feita nestes termos não podia deixar de dar bom resultado num país que ama as revoluções, e onde se faria a primeira em que não tivesse uma gota de sangue derramado.

Acalentando este pensamento salvador, adormeci profundamente, para acordar, no dia 3, ao chamamento do meu moleque Catraio, que me vinha prevenir, de que Lobossi estava ali, e me queria falar.

Levantei-me e fui receber o rei. Ele vinha participar-me, que tinha mudado de parecer, e que todos os caminhos estavam livres para mim.

Que me daria guias até ao Quisséque, mas que, em vista das coisas que se estavam passando nos seus estados, não podia

dar-me força para me seguir, nem se responsabilizava por qualquer desastre que me pudesse acontecer, indo eu com 58 homens apenas.

Agradeci-lhe aquela decisão, e declarei-lhe, que tinha por costume, só eu mesmo me responsabilizar pela minha vida, e não tornar ninguém responsável dela.

Antes de se retirar, fez-me muitos pedidos, que ficaram sem satisfação, por não ter nada do que ele queria. Um dos pedidos que me fazia todos os dias, era o de seis cavalos. Tendo-me visto chegar a pé, e sabendo que eu não tinha cavalos, era impertinencia tal desejo.

Soube depois, que a nova decisão tomada por Lobossi fora filha de reiteradas instâncias do Machauana, que lhe mostrou a inconveniência do passo que dava, fazendo-me sair dos seus estados a pesar meu.

No dia 4, de manhã, estando um pouco melhor da febre, fui assistir a uma audiência do rei, que se mostrou em extremo amável para comigo. Logo ao nascer do sol, Lobossi saí dos seus aposentos, e ao som de marimbas e tambores, dirige-se à grande praça, onde vai sentar-se junto a uma alta sebe semicircular, cujo centro é ocupado pela cadeira real.

Por de traz dele senta-se a gente que compõe a corte, e à sua direita Gambela e os outros conselheiros, se estão presentes.

Na frente do régulo, a 20 passos, a música em linha, e aos lados, em muitas fileiras, o povo.

Ali tratam-se um certo número de negócios, que não precisam ser tratados em conselho privado. Aquela audiência é também judicial. Naquele dia tratava-se de um crime de furto. O queixoso chamou o acusado, que veio sentar-se em frente dele, e fez a acusação. O acusado negou o crime, e logo de entre o povo saiu um homem que veio advogar em favor do réu. Ali qualquer amigo ou parente pode defender o amigo ou parente.

Gambela tomou a palavra, e o acusado veio ajoelhar em frente dele; fez-lhe varias perguntasse mandou-o embora.

Continuou o debate, comparecendo testemunhas de acusação e defesa. O crime foi provado, e o acusador pediu, que lhe entregassem a mulher do ladrão; ficando indenizado da perda de uns fios de missanga, objeto do roubo, pela posse da mulher.

Terminado este debate, apareceu outro homem acusando a mulher de lhe não obedecer. Esta acusação foi seguida de muitas outras semelhantes, e mais de vinte súbditos de Lobossi fizeram amargas queixas contra as esposas; demonstrando-me, que as mulheres em Lialui estavam em completa revolta doméstica. Depois de alguma discussão, foi resolvido, que toda a mulher que não obedecesse cega e absolutamente ao marido, fosse amarrada e metida na lagoa, onde passaria uma noite só com a cabeça de fora.

Aprovada esta nova lei, Gambela ordenou a alguns chefes, que a promulgassem nas povoações.

Uma coisa muito curiosa naquelas audiências é o modo porque Gambela conferência com o rei em segredo, diante de todos. A um sinal de Gambela, começa a música a tocar, e os oito batuques fazem uma bulha de tal modo infernal, que é impossível perceber uma palavra das que trocam o rei e o ministro.

Em seguida à audiência, o rei vai para um aposento próprio para se embebedarem.

Vem panelas e panelas de capata, e ele e os seus prestam um verdadeiro culto ao deus Baco. Dali vai para a cama, e à

tarde, depois de novas libações, dá nova audiência. Logo que, ao anoutecer, termina a audiência, vai comer, e segue para o serralho, donde raramente saí antes da uma hora, e recolhendo a casa para dormir, vai deitar-se ao som ruidoso dos tambores.

O cessar dos batuques anuncia que o régulo está recolhido, e então a guarda, composta de uns quarenta homens, começa a tocar uma música, que, apesar de monótona, é agradável; e toda a noite cantam um coro suave e harmonioso a meia voz. Esta música que no Baroze acalenta o sono do soberano, serve para mostrar que a guarda vela em torno do seu aposento. Nestes poucos traços dou uma ideia resumida do viver monótono do autocrata Africano, viver repartido entre a lascívia torpe e a embriaguez brutal.

Naquele dia, 4 de Setembro, soube, que devia a vida a Machauana, que, em conselho privado, se opôs formalmente a que me mandassem assassinar; dizendo, que ele tinha estado em Loanda com Livingstone, e ali tinha sido muito bem tratado pelos brancos, assim como os Luinas que o acompanhavam; e por isso não podia consentir que fizessem mal a um branco da mesma raça.

Chegou mesmo a ameaçar os poderes constituídos, o que era caso grave para eles; porque no Lui os ministros morrem sempre na queda dos ministérios; precaução tomada pelos novos conselheiros, que com alguns golpes de azagaia cortam pela raiz as oposições.

Cá na Europa, algumas vezes, procura-se denegrir a reputação dos antecessores, buscando desdoura-los aos olhos do povo, para lhes diminuir a força moral como oposição. Eu acho mais nobre, mais digno e mais seguro o sistema político dos Luinas, o que não quer dizer que o recomende.

O conselho, em vista da atitude e das razões de Machauana, decidiu, que eu não morresse; mas, parece que algum dos conselheiros por conta própria decidiu o contrário; porque, nessa noite, estando afastado do acampamento, preparando-me para tomar alturas da lua, uma azagaia de arremesso passou tão perto de mim que a haste vergastou-me o braço esquerdo. Olhei para o lado donde partira a arma, e vi um preto a vinte passos, empunhando outra. Tirar o revólver e fazer fogo sobre ele, foi ato mais instintivo do que pensado. Ao estampido do tiro, o assassino virou costas e correu em

direção a Lialui. Corri sobre ele. Sentindo-me no encalço, o preto deitou-se por terra. Receei uma cilada, e foi a passos medidos que me aproximei dele, pronto a fazer fogo.

Vi que o membrudo indígena estava de bruços com as azagaias caídas ao lado.

Peguei-lhe num braço, e ao tempo que senti as carnes estremecerem ao contato da minha mão, senti um líquido quente correr-me por entre os dedos. O homem estava ferido. Fi-lo erguer, e ele disse-me, trazido de medo, umas palavras que eu não entendi. Apontando-lhe o revólver, obriguei-o a acompanhar-me ao acampamento.

Ali não fizera sensação o tiro de revólver, porque todas as noites se ouvem mais ou menos tiros. Chamei dois moleques de confiança, e entreguei-lhe o meu prisioneiro, cuja ferida examinei. A bala entrara junto à cabeça superior do húmero direito, perto da clavícula, e não tendo saído, supus estar fixa na omoplata. Não lhe aparecendo sangue nas vias respiratórias, calculei que o pulmão não tinha sido ofendido, assim como o fio de sangue que corria da ferida, pela sua tenuidade me mostrava que nenhum dos vasos importantes

da circulação tinha sido cortado. Nestas condições a ferida não apresentava gravidade, pelo menos de momento.

Depois de lhe fazer um ligeiro curativo, mandei chamar o Caiumbuca, e ordenei-lhe que me acompanhasse a casa do rei, fazendo com que os moleques conduzissem para ali o ferido.

Lobossi tinha voltado de casa das amantes, e conversava com Gambela antes de se deitar. Apresentei-lhe o ferido e perguntei-lhe o que era aquilo. O rei mostrou um grande terror, vendo-me coberto de sangue do assassino, que eu nem tinha lavado; e um olhar trocado entre Gambela e o ferido, mostrou-me quem tinha sido a cabeça que enviara aquele braço. Lobossi mandou logo retirar dali o preto, e disse-me, que aquilo era um grande agouro, e que já não dormiria aquela noite sossegado.

Narrei o acontecido, e Gambela apoiou muito o que eu tinha feito, lastimando que eu não tivesse morto o preto, e dizendo-me, que ia matar meio mundo.

O preto era desconhecido em Lialui, e os da guarda de Lobosi disseram nunca o terem visto. Lobossi pediu-me, que guardasse sobre o facto o maior segredo, assegurando-me,

que não me acontecia outra em quanto estivesse nos seus estados.

Eu voltei ao campo mais desconfiado que nunca das amabilidades de Gambela.

Por noite fora, senti que alguém tentava penetrar na minha barraca, e pus-me a pé sem ruido, pronto a surpreender aquele que julgava fazer-me surpresa.

A pessoa era decerto conhecida, porque a minha cadela Traviata não ladrava, e fazia festas com a cauda para o ponto por onde alguém se introduzia de rastos.

Esperei um momento, e ao clarão da fogueira conheci a preta Mariana, que, com meio corpo dentro da barraca, me fazia sinal para que estivesse calado.

Entrou, achegou-se a mim e disse-me: "Toma cautela. O Caiumbuca atraiçoa-te. Depois que voltou contigo de casa do rei, tornou a Lialui a falar com Gambela; e logo que chegou aqui, reuniu com muito sossego a gente de Silva Porto, e esteve a falar com eles na barraca dele. Eu fui escutar, e ouvi falar em te matarem. O Veríssimo também la estava. Eles disseram, que como tu não entendias a língua

do Lui, quando tu lhes dissesses uma coisa para dizer ao rei, eles diriam outra, e te dariam também a resposta trocada, que assim tinham de fazer com que o rei te matasse.

"Toma cautela, olha que eles são muito maus."

Agradeci muito à pequena o aviso e dei-lhe o único colar de missanga que me restava, e que eu reservava para uma das favoritas de Machauana.

A declaração da Mariana, veio ferir-me profundamente. Os homens em que eu confiava eram os primeiros a atraiçoar-me.

Mil pensamentos tristes, que não conseguiram alquebrar-me o espírito, produziram uma noite de insónia. É verdade, que a prevenção de Mariana veio dar-me uma vantagem enorme sobre eles, que ignoravam que eu lhes conhecia a traição nos seus detalhes; e de manhã ao levantar-me, eu repetia a mim mesmo o rifão Português, de que "um homem avisado vale por quatro."

Gambela foi visitar-me, e repetiu-me mil protestos de amizade; mas eu pressentia que o perigo pairava em torno

de mim, e que a espada de Dâmocles estava suspensa sobre a minha cabeça.

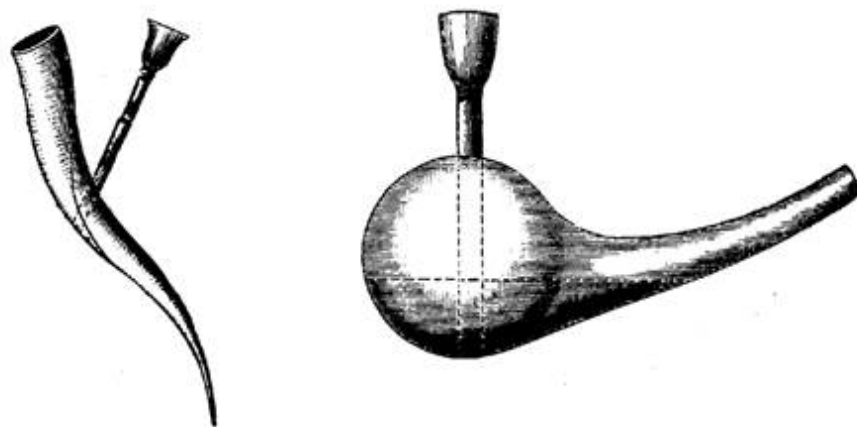
Nesse dia entreguei a Gambela as cartas para o governador de Benguela, e a comitiva do rei do Lui, comandada por três chefes Luinas e guiada pelo velho António de Pungo Andongo, seguiu caminho da costa.

Com ela foram os Bihenos que me tinham abandonado. Estava satisfeito com aquele primeiro resultado obtido; e se os meus trabalhos se perdessem e mais nada fizesse, o ter posto um povo tão poderoso em relações com a civilização Europeia da costa, era já um resultado importante da minha viagem.

A revelação feita nessa noite por Mariana trazia-me preocupado, e eu só pensava no meio de parar o golpe que me feria, com a traição daqueles em que eu mais confiava.

Formei um plano que decidi por em prática nesse mesmo dia.

A narrativa dos repetidos e graves acontecimentos que se deram comigo depois da minha chegada ao Lui, não me tem deixado falar dos povos Luinas e os seus costumes.

Em lugar de encontrar ali essa raça forte e vigorosa, criada por Chibitano, e que existiu com o império Macololo, fui deparar com uma raça abastardada, misto de Calabares, Luinas, Ganguelas e Macalacas, que tem unido o seu sangue marcando cada cruzamento uma pegada de decadência. O uso imoderado do bangue ou cangonha (Canabis Indica), a embriaguez e a sífilis, tem lançado aquele povo no mais abjeto embrutecimento moral, e enfraquecimento físico.

Cachimbos de fumar o Bangue

O primeiro daqueles três grandes inimigos da raça preta chegou-lhe do sul e leste pelo Zambeze; os dois outros foram ali importados pelos Bihenos, que lhe trouxeram

ainda outro inimigo não menos terrível, o tráfico da escravatura.

Poucos países Africanos levaram tão longe como os Luinas a prática da poligamia. Gambela, à época da minha estada no Baroze, tinha mais de setenta mulheres!

O Lui, ou Baroze propriamente dito, isto é, o país que fica ao norte da primeira região das cataratas, compõe-se, da enorme planície onde corre o Zambeze, que tem de 180 a 200 milhas do N. a S., e por vezes, de 30 a 35 O. a E., planície elevada 1,012 metros ao mar; do país mais elevado a leste, onde assentam inúmeras povoações, que vem estabelecer as suas culturas na grande planície; e ainda na enorme planura do Nhengo, onde corre o Ninda. A planura do Nhengo é separada do leito do Zambeze por uma nervura de terreno elevado de 20 metros, que corre paralela ao rio, e onde estão muitas povoações, livres das maiores cheias.

Durante o tempo das grandes chuvas, a planície do Zambeze é inundada, e eu medi em algumas árvores onde tinham ficado sinais do maior nível das águas três metros.

No paralelo 15º tem ela uma largura de trinta milhas, e por isso, na época das cheias, calculando uma corrente mínima

de 20 metros por minuto, devem passar ali 240 milhões de metros cúbicos de água por hora. Isto dá uma medida do que são as chuvas na África tropical, acrescentando-se, que regularmente a inundação atinge o seu máximo em oito dias.

O povo Luina, que em grande parte vive na planície, retira para o país montanhoso durante as inundações.

Ao retirar das águas, volvem a ocupar as povoações abandonadas na invernia, e cobrem o campo com os seus rebanhos enormes, que, diga-se a verdade, não encontra ali um pasto viçoso em época alguma do ano; porque os prados são formados, pela maior parte, de caniçal, onde abunda uma espécie do Calamagrostis arenaria.

As culturas são feitas mais na margem direita do que na esquerda do Zambeze, e sempre junto das encostas.

A inundação deixa na planície um sem-número de pequenas lagoas, que se atulham de vegetação aquática, e que são outros tantos focos miasmáticos de infeção palustre. Há épocas no ano em que os próprios indígenas são fortemente atacados pelas febres endémicas.

Nas lagoas abunda peixe e há muitos batráquios.

É destas lagoas que se fornecem de água potável os indígenas, mas é preciso confessar, que eles só a bebem depois de transformada em Capata.

Os Luinas são pouco agricultores, e muito pastores. Os seus rebanhos constituem a sua principal riqueza, e no leite das vacas encontram o seu principal alimento.

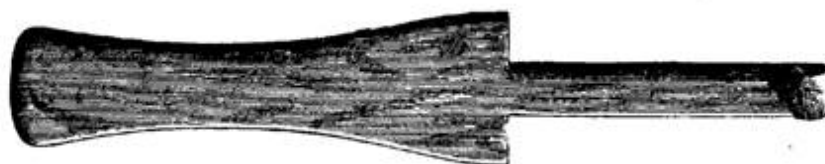
O haver do Luina consiste em algumas vacas e algumas mulheres.

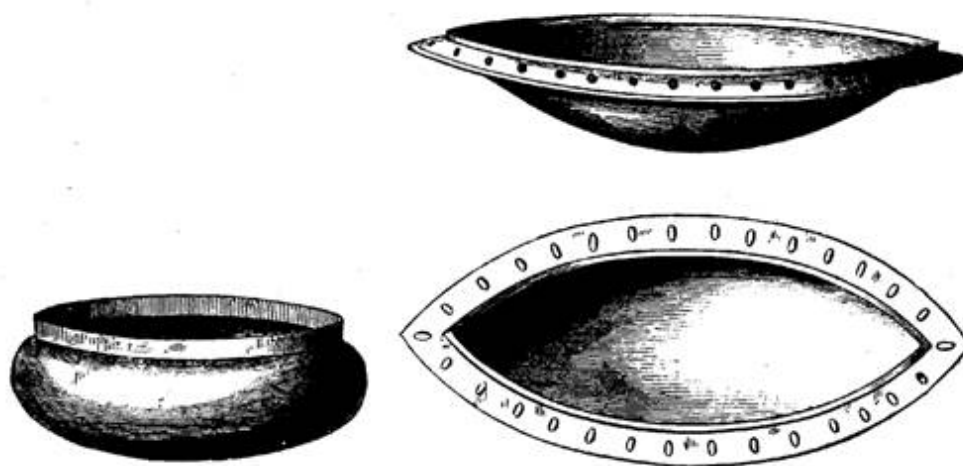
O leite fresco e o leite azedo (coalhado) são, com a batata-doce, a base da sua alimentação. A farinha de milho é empregada para fazer a Capata, de mistura com a de massambala, principal cultura do país.

Os Luinas fabricam o ferro, e todas as suas armas e todos os seus utensílios, são feitos no país. Não usam facas, e não podemos deixar de nos admirar das esculturas que fazem em madeira, sabendo que não empregam facas, e mais ainda, logo que conheçamos o instrumento com que trabalham. No Lui, onde o machado termina a obra grossa de desbaste, começa a obra da azagaia. O ferro desta é

instrumento para tudo. Os bancos onde se assentam, as escudelas em que comem as vasilhas do leite, e todos os seus utensílios de madeira, são cortados com ela.

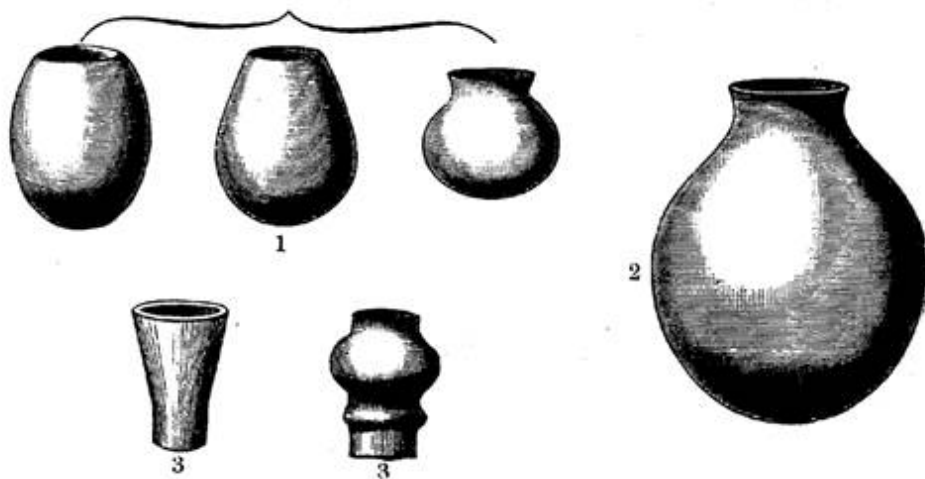
Vasilha para leite feita de Madeira

Entre eles há um primorosamente trabalhado, em geral, e é a colher. Vivendo de leite, o Luina não pode prescindir da colher, e dispensa a faca. O seu sistema de alimentação explica a falta desta e o muito uso daquela.

Objeto de Ferro forjado que serve de Lenço de assoar aos Luinas.

Espécie de Espátula.

Pratos e Escudelas para a comida

Colher

Machado de cortar Madeira

A indústria cerâmica limita-se no Baroze à fabricação de panelas para cozinha, para a capata, e grandes talhas de barro para guardar cereais. Além disto, fornalhas para os cachimbos de fumar o bangue.

Artigos de Barro

1. Panelas de cozinha.

2. Talha de guardar cereais.

3, 3. Fornalhas dos cachimbos.

O Luina só fuma o bangue; o muito tabaco que cultivam é empregado exclusivamente para cheirar, e dele fazem grande uso homens e mulheres. É este o povo mais coberto que encontrei em África. É raro ver-se ali um homem ou mulher despidos da cintura para cima. Os homens, como já disse no capítulo anterior, usam umas peles passadas num cinto, que pendem adiante e atrás, chegando até aos joelhos. Um manto de pele, que posto, assemelha as capas do tempo de Henrique 3º, cobre-lhes o tronco e caí-lhes até meia perna.

Um largo cinto de couro, independente do que lhes segura as peles da cinta, muitas manilhas e muitos amuletos, completam o seu trajar. As mulheres trajam um saio de peles, que adiante chega ao joelho, e atrás desce até ao grosso da perna. Sobre o saio um largo cinto enfeitado de buzio (caurim). Um pequeno manto de peles, muitas

missangas ao pescoço e muitas manilhas nos braços e pernas, são o vestuário do país. Vemos hoje muitas indígenas substituindo as peles por estofos Europeus, os capotes por cobertores de algodão, e mesmo todo o trajar gentílico, pelo fato do homem civilizado; mas eu aqui não curo das exceções, falo no traje primitivo do país, e não nas inovações que o comércio ali tem levado. É preciso contudo revelar, que este povo tem uma tendência manifesta para se vestir. Decerto, antes da invasão dos Macololos, os Luinas deviam andar muito pouco cobertos. Os povos Chuculumbes, seus vizinhos de leste, andam completamente nus, homens e mulheres. A oeste os Ambuelas foram também encontrados nus, pelos primeiros sertanejos Portugueses que ali se aventuraram, e ainda hoje não se cobrem muito.

Homem Luina

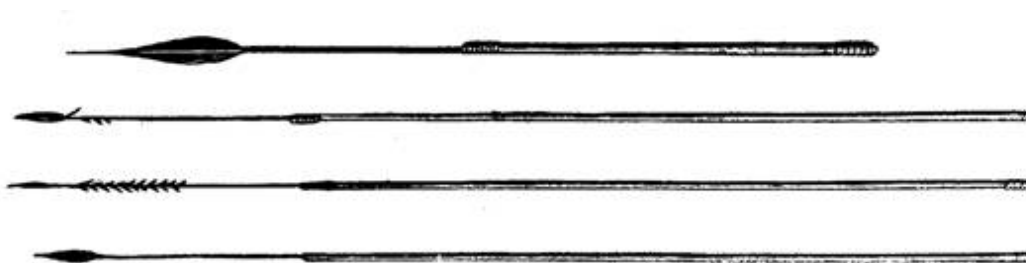
O trajar dos Luinas que eu descrevi, é o mesmo usado outrora pelos Macololos, e por isso é de crer que fosse introduzido por eles.

Essa tendência, que eu faço notar, deste povo para se vestir, deve merecer a atenção do comércio, e é uma tendência a explorar em benefício dele, dos indígenas e da civilização.

Mulher Luina

As mulheres nobres, e em geral as ricas, untam o corpo com manteiga de vaca misturada de talco em pó, que lhes dá à pele um lustro avermelhado, e ao mesmo tempo um cheiro desagradabilíssimo.

Entre os Luinas encontram-se muitas espingardas de fulminante, de fábrica Inglesa, levadas ali pelos sertanejos do sul, e outras de sílex Belgas, vindas do comércio

Português de Benguela; mas os indígenas, ao contrário do que acontece, com todos os povos da costa de Oeste até ao Zambeze, preferem as armas de fulminante, e alguns há, que só querem já carabinas raiadas. Não usam cartuxo como os Bihenos e povos circunvizinhos destes, e trazem a pólvora solta em cornos, ou em cabaças. As armas do país são azagaias, porrinhos, e machadinhas. Não usam frechas.

Azagaias Luinas

Machadinhas de guerra

Porrinho

Tem por arma defensiva grandes escudos ogivais, de couro de boi armados em madeira. Cada homem traz, em geral, de cinco a seis azagaias de arremeço.

Os ferros destas azagaias, sem serem envenenados, não são por isso menos terríveis; devido ás barbas desencontradas que lhes fazem, de modo que, na maior parte dos ferimentos, é preciso matar o ferido para lhas arrancar do corpo.

O que eu vi usarem os Luinas, e mostrou a preferência que tem, foram as missangas chamadas no comércio de Benguela, missanga leite e azul celeste.

Os cassungos finos, branco, azul e encarnado, são também estimados.

Fazendas todas são boas para o Lui, preferindo eles as melhores. O arame de latão, de três a quatro milímetros de diâmetro, tem valor, e a roupa feita, cobertores, armas de percussão, fulminantes, pólvora, chumbo em barra, e artigos de caça, são ali cotados em subido preço.

Em todo o país o comércio é feito exclusivamente com o régulo, que faz dele monopólio; pertencendo-lhe todo o marfim que se caça nos seus estados, e todos os gados dos seus súbditos, a quem ele os pede quando precisa. Das fazendas, armas e outros artigos que permuta, faz presentes aos seus caçadores, chefes de povoação, corte, etc.

As mulheres gozam de bastante consideração, e entre a nobreza não fazem nada, passando a vida sentadas em esteiras, a beber capata e a cheirar tabaco. Possuem muitos escravos, pela maior parte Macalacas, que as servem.

Os grandes rebanhos dos Luinas, são de bois de uma raça magnífica, e mesmo as suas galinhas e cães são de melhores raças do que os que encontrei até ali.

O vale do Baroze está cercado por este a sul da terrível mosca ze-ze, o que os obriga a concentrarem os gados na

planície, e torna difícil a saída deles, a não ser para oeste no caminho de Benguela, todo limpo do prejudicial ditério.

Eis em curto resumo o que eu vi desse país, que primeiro, antes da invasão de Chibitano, foi visitado por um Português (Silva Porto), que foi visto depois por David Livingstone, debaixo do império dos Macololos, e que eu encontrei em condições bem diferentes, sob a dinastia Luina, em 1878.

Retomando a narrativa das minhas tristes aventuras, no dia 5 de Setembro, dia seguinte ao da revelação de Mariana, resolvi fazer com que os traidores fossem traídos por um dos seus, e lancei as minhas vistas sobre Veríssimo Gonçalves.

Chamei-o à minha barraca, e mostrei-lhe antes de lhe falar, a copia de uma carta apócrifa, escrita para Benguela, em que eu dizia ao governador, que, tendo desconfianças de Veríssimo, lhe pedia que mandasse prender a mulher, o filho, e a mãe dele, e se acaso acontecesse eu ser vítima de alguma traição, as mandasse para Portugal, onde eu disse ao Veríssimo que os meus parentes as fariam queimar vivas.

Depois deste exordio, assegurei-lhe, que aquela carta fora escrita como simples prevenção, porque eu confiava

plenamente na sua dedicação por mim; mas que essa dedicação tinha de estar vigilante, porque eu desconfiava levemente do Caiumbuca, e se me acontecesse alguma desgraça, eu não poderia evitar os horrores que estavam reservados aos entes que lhe eram caros. Disse-lhe sobre tudo, desconfiava que Caiumbuca não transmitia ao rei o que eu lhe dizia, assim como me dava transtornadas as respostas de Lobossi. Que ele deveria estar sempre presente nas minhas entrevistas com Lobossi, e dizer-me em Português (Caiumbuca não falava Português) o que ele dizia ao rei.

Veríssimo, embaraçado, disse-me, que eu não me enganava, e contou-me tudo. Eu preveni-o, que não deixasse perceber nada a Caiumbuca, e que me tivesse ao corrente do que ele tramava.

Nessa tarde, Lobossi mandou-me dizer, que estava pronta a gente que me devia acompanhar, para eu seguir para a costa de Moçambique, e por isso podia partir quando eu quisesse.

Eu estava um pouco melhor, e desde a minha chegada ao Zambeze, ainda não tinha passado tão bem como nesse dia.

O meu acampamento era muito grande, porque os Quimbares se tinham dividido pelas barracas dos Quimbundos depois da saída destes. O centro era um largo circular, de não menos de cem metros de diâmetro. A um lado, dentro da fila das barracas, ficava a minha barraca, cercada por uma sebe de canas, que fechava um recinto, onde só entravam os meus moleques de serviço.

Era a 6 de Setembro. O termómetro durante o dia tinha marcado com persistência 33 grãos centígrados, e o calor refletido pela areia tinha sido incómodo.

A noite apresentou-se serena e fresca, e eu, sentado à porta da minha tenda, pensava no meu Portugal, nos meus e nos amigos, no futuro da minha empresa, tão ameaçada ali, e ora alegre ora triste, não perdia a fé e esperava. O acontecimento da antevéspera vinha pairar como nuvem negra sobre o céu límpido da esperança.

Os meus Quimbares, recolhidos nas barracas, conversavam junto das fogueiras, só eu estava fora. De súbito prendeu-me a atenção um sem-número de pontos luminosos que vi atravessarem o espaço.

Sem saber ao princípio explicar o que seria aquilo, tive um pressentimento, e saí do cercado de caniço que rodeava a barraca.

Logo que cheguei fora, tudo me foi revelado, e um grito pungente de angústia suprema escapou-se-me da garganta.

Alguns centos de indígenas cercavam o acampamento, e lançavam achas ardentes sobre as barracas cobertas de erva seca.

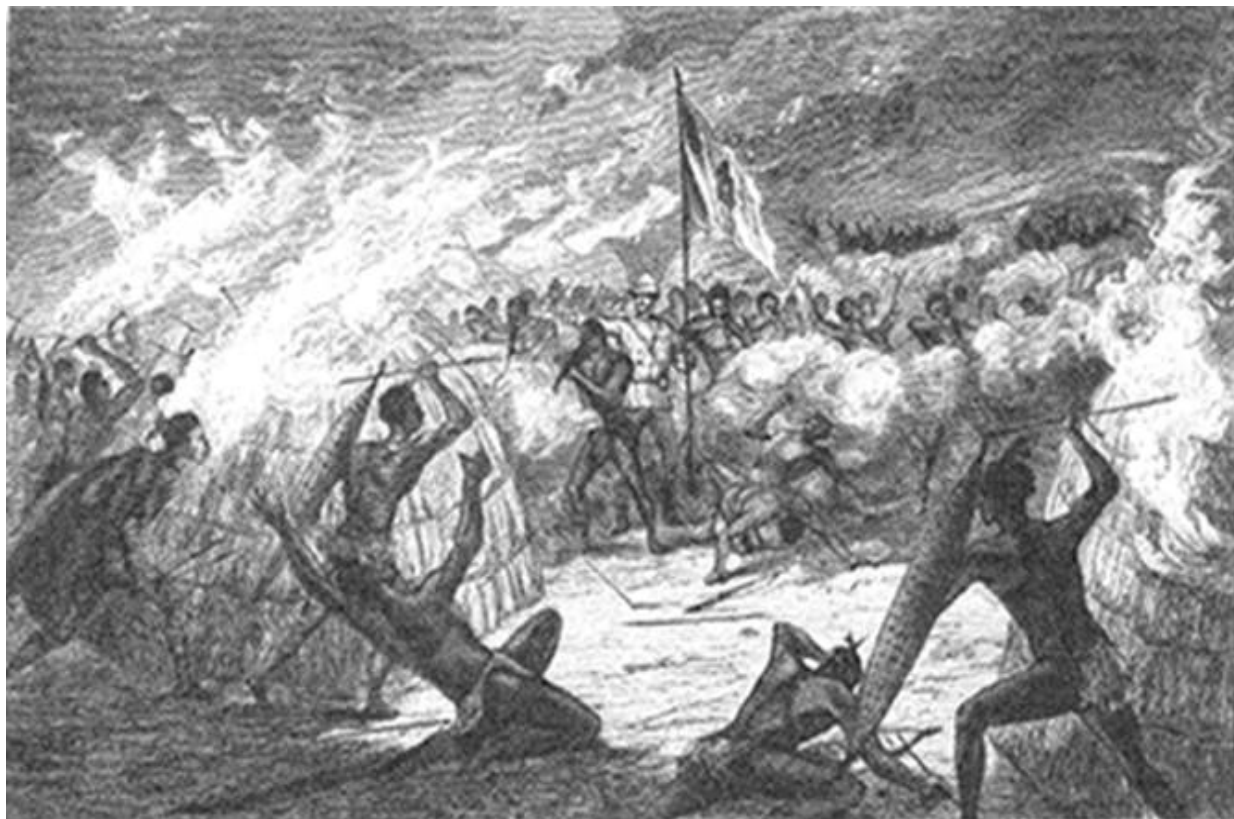
Em um minuto o incendio, ateado por um vento forte de este, tomava incremento horrível. Os Quimbares saíam espavoridos das barracas incandescentes, e pareciam loucos.

Augusto e a gente de Benguela reuniram-se em torno de mim. Em presença de um perigo tão terrível, aconteceu-me o que por mais de uma vez me tem acontecido em iguais circunstancias. Fiquei sereno e tranquilo de espírito, pensando só em lutar e vencer.

Gritei à minha gente, semilouca de se ver apertada num círculo de fogo, e consegui reuni-la no meio do espaço interior do campo.

Á frente de Augusto e dos moleques de Benguela, entrei na minha barraca em chamas, e consegui tirar dali as malas dos instrumentos, os meus papéis e trabalhos, e a pólvora. A esse tempo as barracas abrasavam todas, mas o fogo não podia atingir-nos. Veríssimo estava ao meu lado, inclinei-me para ele e disse-lhe, "Eu defendo-me aqui por muito tempo, passa por onde poderes e como poderes, e vai a Lialui dizer a Lobossi que a sua gente me ataca, diz também a Machauana o perigo que corro."

Veríssimo correu ás barracas em chamas, e eu vi-o desaparecer por entre as labaredas. A esse tempo já as azagaias ferviam em torno de nós, e já tinham alguns ferimentos graves, entre eles um do preto Jamba de Silva Porto, que tinha uma azagaia cravada no sobrolho direito. Ás azagaias respondiam os meus Quimbares com as balas das carabinas, mas o gentio avançava sempre, e já entrava no acampamento, onde as barracas consumidas não ofereciam barreira insuperável. Em torno de mim, que desarmado segurava a bandeira da minha pátria, estavam batendo-se como verdadeiros bravos os meus valentes Quimbares. Estavam todos? Não. Faltava ali um homem, um

homem que deveria estar ao meu lado e que ninguém tinha visto. Caiumbuca, o meu imediato, desaparecera!

Ataque contra o acampamento no Lui

Ao amortecer do incendio, eu vi que o perigo era real e enorme. Eram cem contra um.

Parecia a imagem do inferno ver aqueles vultos negros, que com estridente grita pulavam ao clarão das chamas,

avançando para nós cobertos com o alto escudo e brandindo as puídas azagaias. Foi um combater encarniçado em que as carabinas de carregar pela culatra, pelo seu fogo sustentado, continham em respeito aquela horda selvagem.

Contudo eu calculava que o termo do combate não estava longe, porque as munições desapareciam rapidamente; eu só tinha no começo quatro mil tiros para as carabinas Snider, e vinte mil para as armas de carregar pela boca, mas não seriam essas as que me defenderiam; e logo que o fogo abrandasse, por faltarem as armas de carregamento rápido, seríamos esmagados pelo gentio desvairado. O meu Augusto, que parecia um leão raivoso, chegou-se a mim com suprema angústia, mostrando-me a carabina, que acabava de rebentar. Disse ao meu moleque Pépéca, que lhe entregasse a minha carabina de elefante e a cartucheira. Augusto correu para a frente, e fez fogo para onde o grupo do gentio era mais compacto. Um momento depois, a grita infernal dos assaltantes tomou um tom diferente, e virando costas, tomaram eles precipitada fuga.

Só no dia seguinte, pelo rei Lobossi, eu devia saber o que produzira um tal reviramento. Foram os tiros do meu

Augusto.

Na cartucheira de que ele lançou mão havia balas carregadas de nitroglicerina.

O efeito destas, fazendo desaparecer em bocados, pela explosão, as cabeças e os peitos em que acertavam, produziu o pânico no meio daquele gentio ignaro, que viu numa coisa nova para ele, um feitiço irresistível.

Foi a Providencia que me quis valer.

Conheci que estava salvo. Meia hora depois, apareceu-me o Veríssimo, com uma grande força capitaneada por Machauana, que vinha no meu socorro, por ordem do rei Lobossi. Lobossi mandava dizer-me, que era estranho a tudo, e que, provavelmente, o seu povo, sabendo que eu fora ali para os atacar de combinação com os Muzungos de leste, que estavam com Manuanino, fizeram aquilo pela sua conta; mas que ele ia tomar as mais vigorosas providencias para eu não sofrer mais agressões. Tudo aquilo, se não foi ordenado por ele, foi por Gambela.

Veríssimo, vendo os desastres do combate, perguntou-me o que tínhamos de fazer? E eu respondi-lhe com as palavras

de um dos maiores homens Portugueses dos últimos séculos:-"Enterrar os mortos, e tratar dos vivos."

No incendio sofremos perdas graves, mas mais graves eram as perdas de vidas por tão insólito ataque. A bandeira Portuguesa estava furada das azagaias selvagens, e salpicada do sangue dos bravos; mas as manchas que tinha, só serviam para fazer realçar a sua pureza imaculada; e mais uma vez, longe da pátria, e por terras ignotas, tinha-se sabido fazer respeitar, como sempre o soube, e como sempre o saberá.

Depus as armas de soldado, para me improvisar em cirurgião cuidadoso, e o resto da noite foi passado a curar os feridos e a alentar os sãos, sempre apercebido e vigilante, apesar dos novos protestos do rei Lobossi.

Logo que amanheceu, fui procurar o rei, e falei-lhe asperamente sobre o acontecimento da noite. Tornei-o, diante do seu povo, responsável pelas desgraças daquela noite; e disse bem alto, que aqueles que tivessem a chorar a perda de parentes, só a ele deviam lançar culpas.

Disse-lhe, que queria seguir sem perda de tempo, e anunciei-lhe, que ia estabelecer o meu campo nas

montanhas, onde pudesse com vantagem resistir a um novo ataque.

Ele teimou muito comigo, para lhe dar ou ensinar o feitiço que eu tinha empregado na véspera, fazendo com que os pretos rebentassem por si. Era assim que eles explicavam o caso funesto das balas explosivas inconscientemente empregadas por o meu Augusto.

Apesar da muita vontade que eu tinha de deixar a planície e ir para as montanhas, não pude realizar esse desejo senão a 9, por causa do estado dos feridos; e no dia 7 e 8, lutámos com a fome; porque ninguém nos quis vender de comer, e o rei dizia, que nada tinha para me dar. Foram as lagoas que forneceram abundante pesca e alguns patos muito magros. Machauana mandou-me leite, e continuou a mostrar-me a maior dedicação. Foi, como disse, a 9 que deixei a planície e alcancei as montanhas perto de Catongo, chegando todos, feridos e sãos, no maior estado de fraqueza.

O novo sistema adotado, de nos matarem pela fome, preocupou-me, e dava-me sérios cuidados num país sem caça.

Tinha-mos, é verdade, a pesca das lagoas.

CAPÍTULO 13

A CARABINA D’EL-REI

Depois de marcha de 15 milhas, acampei na floresta que cobre os flancos das montanhas de Catongo. Marcava esta aldeia a S.E. uma milha distante do sítio que escolhi para acampar.

Junto do meu campo havia uma pequena aldeola, onde eu mandei pedir de comer. Algumas mulheres vieram vender pouca coisa a troco dos invólucros metálicos dos cartuxos queimados das carabinas Winchester.

Depois de construído o campo, fomos pescar nas lagoas próximas, e tirámos algum peixe, que se comia cozido em água sem sal.

De Caiumbuca não havia notícias, e eu convencia-me que ele tinha partido com a gente que retrocedera ao Bihé; quando nessa tarde me vieram dizer, que ele estava no acampamento, e me queria falar.

Apresentou-se, dizendo que fora acompanhar a comitiva de Lobossi, que seguira com o preto António, porque tinha de mandar prevenir a gente da sua libata no Bihé, de que tinha muita demora ainda no sertão, pois seguia comigo para a costa de leste.

Eu fiquei perplexo, e sem saber o que deveria fazer com relação a ele; e depois de pensar um momento, resolvi aceitar a desculpa da ausência dele na noite do combate, e não lhe mostrar que tinha perdido a minha confiança, e que sabia da sua projetada traição. Ele pediu-me para regressar nessa noite a Lialui, dizendo, que voltaria no dia imediato com a gente que Lobossi me deveria mandar, para eu seguir para Quisseque, logo que o estado de alguns feridos mo permitisse.

Disse-lhe, que pedisse ao rei para mandar-me dar mantimentos, a menos que não quisesse que morrêssemos à fome no seu país.

Caiumbuca partiu sem falar a ninguém da minha gente.

No dia 10, continuei a mandar pescar nas lagoas para ter que comer e os meus.

Passei o dia trabalhando; e tendo para o lado de oeste um horizonte sem fim, onde, como em pleno mar, o espaço azulado vinha unir-se à terra em círculo enorme, lembrei-me de determinar a variação da agulha magnética pela amplitude, método mais simples do que o dos azimutes, que eu tinha sido forçado a empregar até então.

Preparei a agulha de marcar, e estava dispondo-a para a observação, muito antes de tempo, porque o sol estava ainda elevado do horizonte uns dez grãos; quando um fenómeno curiosíssimo se deu na atmosfera. Estava ela límpida, de um azul um pouco carregado mas sem uma nuvem, sem um extrato no horizonte. De repente o limbo inferior do sol começou a perder a sua forma circular, e a desaparecer lentamente, como se eu observasse um ocaso no oceano; e isto dez grãos acima do horizonte, por céu na aparência limpo, como já disse. Só depois do seu completo desaparecimento é que se podia mal perceber, pelo feixe de luz que em leque se espargia no céu, uma barra de extratos, tão iguais em cor ao azul da atmosfera, que a vista mais apurada a confundiria com ela; parecendo que a limpidez do firmamento não era interrompida até ao horizonte. Algumas

vezes mais observei igual fenómeno, mas não a tanta altura, nem tão perfeitamente definido.

Como eu esperava, nesse dia, não me apareceu, nem Caiumbuca, nem a gente que Lobossi devia mandar-me.

Na noite de 10 para 11, eu queria observar um reaparecimento do 1º satélite de Júpiter, que deveria ter lugar próximo da meia-noute; e como eu não quisesse perder essa observação, por encontrar grande diferença em longitude na posição do Zambeze, recomendei ao Augusto, que me chamasse quando a lua estivesse na altura que lhe indiquei, o que correspondia ás 11 horas; e cheio de fadiga, deitei-me cedo, e adormeci profundamente; esperando que Augusto velasse, depois da instante recomendação que eu lhe tinha feito. Por noite fora acordei ao chamamento de Augusto, e acordei sem sobressalto, julgando ser a hora indicada por mim; mas, logo que respondi ao meu fiel negro, ele disse-me, cheio de comoção: "Senhor, estamos atraiçoados; a gente fugiu toda, e roubaram tudo."

Levantei-me, e saí da barraca.

O acampamento estava deserto.

La fora, Augusto, Veríssimo, Camutombo, Catraio, Moero e Pépéca, e as mulheres dos moleques, estavam silenciosos e pasmados olhando uns para os outros.

Não pude conter uma gargalhada.

O que me admirava ali, era ver Augusto, o Veríssimo e Camutombo ao pé de mim.

Era tão crítica a minha posição, vivendo no meio de tantas misérias, rodeado de tantos perigos, que não sei mesmo quem neles quereria ser meu socio. Ânimos mais fortes e espíritos mais enérgicos do que os dos pretos que acabavam de fugir, não teriam querido partilhar da minha sorte.

Sentei-me, rodeado das oito pessoas que tinham ficado e pus-me a indagar o sucedido. Queria pormenores que ninguém me dava. A gente tinha fugido toda, sem que algum dos presentes a pressentisse. Os cães, habituados com eles, não ladraram. O Pépéca foi passar revista ás barracas, e nada encontrou.

As poucas cargas que tinham ficado à porta da minha barraca, e que consistiam em pólvora e cartuxos, tinham desaparecido.

Fugiram roubando a minha própria miséria. Só me restava o que havia dentro da minha barraca. Eram os meus papéis, os meus instrumentos, e as minhas armas; mas armas de nenhum valor, porque uma das cargas roubadas continha os meus cartuxos, e sem eles de nada serviam.

Fui sem detença fazer inventario do meu miserável haver, e achei-me com trinta tiros de balas de aço para a carabina Lepage, e com vinte e cinco cartuxos de chumbo grosso da espingarda Devisme, que de pouco ou nada serviam. Era tudo quanto possuía.

Não pude deixar de curvar a cabeça ante este último golpe que me feria, e um atroz confrangimento de coração trouxe-me, pela primeira vez em África, o pressentimento de que estava perdido. Estava no centro de África, no meio da floresta, sem recursos, dispondo de trinta balas apenas, quando só da caça poderia viver e só a caça me poderia salvar; e tinha em torno de mim só três homens, três crianças e duas mulheres!

Augusto exprobrava-se o ter adormecido, quando eu o mandara velar, e entrou num furor louco, querendo ir na pista dos fugitivos e matar todos. Custou-me a conter a ira

feroz do meu preto fiel; e sem consciência do que dizia, sem a menor convicção nas palavras que proferia, ordenei-lhes que se fossem deitar, que não receassem nada, porque eu remediaria tudo. Eu ficaria de vela. Recolhidos ás barracas, eu fiquei junto da fogueira, quase inconsciente e sem forças. O abalo moral tinha despedaçado o corpo, já fortemente abatido pelas febres. Sentado, com os braços encostados nos joelhos e a cabeça encostada ás mãos, eu olhava fito para a crepitação da chama, sem ter um pensamento, sem uma ideia, em perfeito estado de imbecilidade. Contudo, o instinto filho do hábito, fez-me sentir, que estava desarmado; chamei o meu moleque, e sem ter consciência disso, pedi-lhe uma arma. Ele entrou na barraca e trouxe-me uma, que eu, sem reparar, coloquei sobre os joelhos.

Durou muito tempo aquele estado de abatimento, até que as ideias principiaram a vir mostrar-me os horrores da minha posição. Havia muitos meses, que eu caminhava avante, pobre e sem recursos; havia muito tempo que eu contava unicamente com a caça para sustentar a minha caravana. Essa ideia perfeitamente arraigada no meu espírito, tinha-me dado sempre a força de seguir, de ter fé e de esperar. De repente sentia em mim um vazio enorme. A ideia tinha caído

por terra, e desaparecido com a caixa que continha os meus tiros, o meu tesouro, o meu único recurso.

Deve ser ao encarar uma posição como a minha que o homem se suicida.

Com aquela pungente agonia que me dilacerava a alma, deixei pender a cabeça e os meus olhos fixaram-se na carabina que eu tinha pousada nos joelhos. Olhei, a talvez meio minuto, e uma ideia atravessou-me o espírito. De um salto entrei na barraca, e corri a levantar as peles do meu leito, debaixo das quais, para levantar a malinha que me servia de travesseiro, estava um estojo de couro, retangular, baixo e comprido.

Foi com mão febril que abri aquele estojo esquecido, e apalpei trémulo os objetos que ele continha. As ideias ocorriam-me de novo em tumulto. Deixei o estojo, e abri a mala dos instrumentos, onde a caixa do meu sextante Casela estava entalada por duas latas, que senti debaixo da mão com que apalpava. Saí precipitadamente da barraca e do acampamento, e corri ao mato, onde de dia tinha posto a enxugar o meu grande tresmalho, depois da pesca. A rede

estava estendida, e tensa pelo peso do chumbo que lhe envolvia a tralha.

Apalpei frenético aquele chumbo, e colhendo a rede voltei ao campo, curvado ao peso dela. Cheguei junto à fogueira, e depus no chão o meu fardo.

Quem visse o que eu tinha feito havia alguns minutos, julgar-me-ia louco, e louco estava eu de contente.

O avaro devorando com os olhos ávidos de cobiça o tesouro que empobrece a sua miséria, não deve ter na vista expressão diferente da que eu tinha a olhar para aquela carabina. É que ela para mim era a vida, a salvação, e tudo. É que ela para o meu país era uma expedição coroada de êxito; era a realização de um voto formulado por ele no seu parlamento; era o bom êxito obtido, tanto mais meritório, quanto mais estorvado.

A arma que afagava nas mãos, como afagaria uma filha estremecida, a arma que me ia salvar, e comigo a expedição através de África, era a Carabina d’el-rei.

No estojo daquela arma havia aparelhos para fazer balas, e tudo o necessário para se carregarem os cartuxos, logo que

existissem os invólucros metálicos, cada um dos quais, pelo seu sistema de construção, pode servir muitas vezes. Uma pequena caixa, que vinha no estojo já quando El-Rei me oferecera o valioso presente, continha quinhentos fulminantes.

As ideias que se sucediam em mim quando me lembrei daquele recurso, trouxeram-me a reminiscência de duas latas de pólvora que eu desde Benguela empregava, à falta de coisa melhor, para entalar a caixa do sextante dentro da mala. Faltava o chumbo, mas a minha rede de pesca ia fornecer-mo.

Assim, pois, eu podia dispor de alguns centos de tiros; e com alguns centos de tiros sentia-me com força de criar recursos nesse país de caça.

O resto da noite foi para mim como manhã bonançosa depois de noite de temporal.

Ao alvorecer, ainda não tinha formado um plano, mas estava tranquilo e confiante.

Mandei chamar o chefe da aldeola próxima, e convenci-o a mandar dois homens a Lialui contar o sucedido ao rei

Lobossi; disse-lhe também, que ia mudar o meu campo para mais próximo da aldeia, e logo nós quatro, eu, Veríssimo, Augusto e Camutombo, construímos quatro barracas e um forte cercado, onde nos recolhemos com o meu magno espólio.

Nesse dia trabalhei como um rude lenhador, e de machado em punho, cortei a madeira para a minha barraca, e construi-a eu mesmo.

Durou o trabalho até depois do meio dia, hora a que me estendi nas peles de leopardo do meu leito, dormindo a sono solto até ao pôr-do-sol.

O meu Augusto tinha pescado, e tinham armado laços aos patos, conseguindo agarrar um. Entretivemos com aquela alimentação sem condimentos a fome já impertinente, e eu volvi a deitar-me, mas dormi pouco e pensei muito. Sustentar nove pessoas era mais fácil do que sustentar uma grande comitiva, e por isso a questão mais momentosa e que mais urgente era resolver, estava, se não resolvida, pelo menos muito simplificada por si mesmo.

A ideia de prosseguir na minha viagem estava perfeitamente arraigada em mim, e sem ainda saber como, sem ter

chegado a formular um projeto, sabia que havia de ir, porque queria ir. A minha confiança era tal, que os meus homens já estavam descuidosos e indiferentes. Diziam eles, que eu sabia o que havia de fazer, e quando lhes dizia, que não tinha ainda formado um plano, riam-se e diziam:-"o Senhor bem sabe já."

Passei o dia preparando cartuxos da Carabina d’el-rei. Tinha 2 quilogramas de pólvora finíssima, e como a carga de cada cartuxo era de 5 dracmas (8 gramas e meia), podia com aquela pólvora carregar duzentos e trinta e cinco tiros, que com alguns que eu ainda possuía, e com os trinta de balas de aço da carabina Lepage, perfaziam um total de trezentos cartuxos.

Chumbo para balas havia de mais, porque o peso das duzentas e trinta e cinco balas era ao menos de nove quilogramas, sendo o de cada bala de 35 gramas, e o chumbo da rede devia pesar um pouco mais de trinta quilos.

Fulminantes tinha duzentos a mais.

Voltaram os portadores que mandei a Lobossi, com recado dele, para que eu fosse viver para Lialui até tomar uma deliberação.

Decidi logo não sair do mato onde estava, e mandar o Veríssimo a Lialui tratar com ele. Dei-lhe as minhas ordens, e mandei que saísse antes de amanhecer no dia imediato, para ter tempo de voltar no mesmo dia.

Um violento acesso de febre prostrou-me, e tive de me recolher muito doente.

No dia seguinte a febre tinha aumentado, e eu estive impaciente até à volta do Veríssimo, que só chegou de tarde.

Vinham com ele uns moleques do régulo, que me traziam alguma comida, e um presente de leite coalhado, enviado por Machauana. Lobossi mandava dizer-me, que era muito meu amigo, e que estava pronto a ajudar-me, mas que fosse eu viver para casa dele; e que com tempo decidiríamos o que havíamos de fazer. Mandei dizer-lhe pelos moleques, que logo que estivesse melhor iria falar-lhe; mas que não deixaria o mato, e que me era impossível ir viver com ele, por causa das febres. Estava ansioso por me achar só com Veríssimo, para ter notícias de Lialui.

A primeira coisa que ele me contou fez-me logo profunda impressão. Disse-me, que, quando chegara a casa de

Lobossi, estava reunido o grande conselho em discussão acalorada.

Uns enviados do Chefe de Quissique, Carimuque, tinham chegado ali, pedindo acesso no país para um missionário Inglês, que estava em Patamatenga, e queria vir ao Lui.

Á entrada desse sujeito no país do Baroze opunha-se com toda a sua eloquência o ministro dos estrangeiros Matagja, e daí nascera a acalorada discussão a que assistira o Veríssimo; sendo resolvido em conselho, que não fosse concedida a licença para o homem penetrar nos estados do rei Lobossi.

O Veríssimo, que me contou este incidente, a que não ligou a menor importância, começou a narrar-me o que tinha podido colher de notícias acerca das intrigas dos moleques de Silva Porto e Caiumbuca; mas eu é que não o escutava já, e aquele missionário Inglês (Macúa, diziam eles) não se me tirava do pensamento. Quando o Veríssimo acabou o seu aranzel, que eu não ouvi, tinha resolvido o meu problema, e a resolução consistia, em ir encontrar aquele missionário.

Como realiza-la não sabia ainda, mas que o encontraria era já convicção minha.

Fui avidamente buscar uma péssima carta de África que tinha, e calculando aproximadamente onde seria Patamatenga, medi uma distância de seiscentos quilómetros.

Seiscentos quilómetros, a uma média de 10 quilómetros por dia, eram sessenta dias de jornada, e trezentos tiros que eu possuía, divididos por sessenta dias, dava-me cinco tiros por dia. Ardia já em desejos de me por a caminho, mas ardia em febre também, e comecei por deitar-me.

Nos dias 14 e 15 a febre cresceu de intensidade, não me permitindo sair da barraca; mas tendo algumas melhoras na noite de 15 para 16, resolvi logo ir a Lialui falar ao rei, e tratar de por em execução um plano que tinha concebido, para ir encontrar o missionário, ideia que me não saía da mente.

Ainda muito doente, parti logo de manhã para casa de Lobossi. Fui muito bem recebido por ele, que negou ter sido conivente com Caiumbuca e os pretos do Silva Porto, na fuga dos meus Quimbares; o que era falso, porque sem o consentimento dele, não poderiam eles ter passado o Zambeze.

Pedi-lhe que me ajudasse a ir encontrar um missionário que eu sabia estar em Patamatenga; ao que ele respondeu, perguntando-me, como queria eu ir para ali, não tendo carregadores? Esta pergunta do rei foi muito aplaudida pelos assistentes, que notaram a esperteza dele em ma fazer.

Disse-lhe, que era verdade não ter carregadores, mas que tinha o rio Liambai, e ele tinha barcos, e se ele me desse barcos, eu dispensava os carregadores, tanto mais que não tinha cargas.

Ele contestou, que havia efetivamente o Liambai, mas que o rio tinha cataratas, e como as poderia eu passar? Novos aplausos da parte do auditório.

Respondi, que sabia isso, mas que ali os barcos e as cargas iam por terra, e a jusante das quedas continuávamos a navegar.

Ele retorquiu, que o seu povo tinha muito pouca força, e não podiam arrastrar os barcos por terra. Novamente aplaudido; estava fazendo um gosto imenso em patentear o seu espírito fino diante dos ouvintes; e de salto, sem esperar resposta,

perguntou-me, porque não tinha ido viver com ele para Lialui, como me tinha ordenado?

Respondi serenamente, que não tinha ido, nem iria, por muitas razões; sendo a principal, o ser ele um refinado velhaco, que, desde a minha chegada, só tinha procurado enganar-me, para me roubar. Chamei-lhe ladrão e assassino, levantei-me e pus-me a caminho.

O auditório, estupefato do meu atrevimento, nem se lembrou de me embargar o passo.

Dirigi-me a casa de Machauana, onde estive conversando com Monotumueno, o filho do rei Chipopa, e legítimo herdeiro do poder, a quem fiz a profecia de que ainda seria rei do Lui.

Ia a retirar-me para as minhas montanhas, quando um enviado de Lobossi veio pedir-me em nome dele para eu lhe ir falar. Fui logo.

O rei disse-me, que não tinha razão para me zangar com ele, que era muito meu amigo, que ia aprontar barcos, e que o Liambai estava livre para mim.

Eu fiz-lhe um grande sermão, em que lhe disse, que ele era mal aconselhado; que o que tinha dado o poder e grande nome aos reis Macololos, foi a grande proteção que dispensaram a Livingstone. Que os Luinas queriam perder o comércio; e que ele completaria a ruina do Lui começada por Manuanino. Que o seu povo, não a camarilha que o rodeava, mas o seu povo sensato, ainda o expulsaria do poder, por incapaz de governar, e não fazer mais do que disparates.

Fez-me novos protestos de amizade, afirmando-me, que me daria os barcos, e que não seria por culpa dele se eu não chegasse a alcançar o missionário, mesmo porque queria que eu mudasse de opinião ao seu respeito.

Assegurou-me, que voltasse descansado para Catongo, onde me mandaria dizer que os barcos estavam prontos, logo que tivesse arranjado as tripulações. Chamou diante de mim o Chefe de Libouta, e deu-lhe ordens a esse respeito.

Eu não acreditava em nada daquela comédia, e disse-lho. Ele pediu-me que não formasse maus juízos, e esperasse os factos.

Voltei a casa de Machauana, que conversou largamente comigo a respeito de Caiumbuca e da fuga dos meus Quimbares. Por ele soube toda a verdade, nos seus detalhes, e só fiquei ignorando quem fora ao longe o motor dos acontecimentos.

Chegado ao Lui, fui sinceramente bem recebido por aquela gente, e o nome do Mueneputo, com que eu me abrigava, foi escutado com respeito. Declarei os meus projetos, e eles foram calorosamente aprovados, porque muito convinha aos Luinas estar em comunicação com a costa de Leste. Dias depois da minha chegada, rebentou no Chuculumbe a revolução, à testa da qual se achava Manuanino, o rei destronado. Caiumbuca foi então dizer a Lobossi, que eu não era estranho aquela revolta, e que queria ir para Leste juntar-me aos brancos que apoiavam Manuanino. Nessa ocasião Caiumbuca levara os Bihenos a abandonar-me, dizendo-lhes, que o rei o prevenira de que me ia mandar matar, e não poderia impedir que fosse morta a gente que estivesse comigo.

Os Bihenos, levados por ele, declararam-me, que não queriam estar comigo, e Caiumbuca fingiu-se indignado.

A primeira e única vez que em África faltei ao meu princípio de sertanejo, de desconfiar ali de todos e de tudo, fui enganado. É verdade que Silva Porto, o homem em quem eu tinha a máxima confiança, disse-me e escreveu-me, que podia fiar-me em Caiumbuca, e eu fiei-me nele.

Facilmente podia desfazer aquela intriga entre homens instruídos; mas deve compreender-se, que para pretos, foi bem tramada, e não seria fácil convence-los da verdade.

Apesar disso, a minha atitude chegou a convencer Lobossi, e foi então que os moleques de Silva Porto foram dizer ao rei, que tinham ordem do seu senhor para me abandonarem ali, mandando-lhe ele dizer, que me fizesse matar, se queria que os sertanejos do Bihé voltassem ali, sem o que não teria mais relações com Benguela.

Foi então que tentaram matar-me, afirmando Machauana, que Lobossi sempre se opôs a isso, assim como a maioria do seu conselho, mas que Gambela era de opinião contrária.

Caiumbuca e os moleques de Porto foram dizer a Lobossi, que todo o que eu tinha nas minhas malas eram roupas e fazendas muito ricas, despertando-lhe assim a cobiça, que a tantos exploradores tem perdido no Continente Africano.

Apesar de todas as intrigas e dos factos que elas produziram, eu ia continuar a minha viagem com a gente de Benguela, quando o ataque da noite de 6 de Setembro ma dizimou, e uma nova intriga dos pretos de Silva Porto levou à fuga os restantes. Por ordem de quem trabalhou Caiumbuca? Eis o que não pude saber.

Por sua conta creio que não; que pouco tinha a lucrar nisso. A encomenda vinha feita do Bihé, e eram emissários dela os moleques de Silva Porto. Caiumbuca tomou o papel principal, depois das instruções recebidas dos pretos de Belmonte. O mandatário estava ao longe, muito ao longe.

A causa estava na minha missão, e na guerra que, em nome do meu Portugal, eu fazia, sem tréguas, ao comércio da escravatura.

Alguns exploradores Africanos, e sobre todos o Comander Cameron e David Livingstone, tem apontado muitos factos horríveis e verdadeiros, do comércio da escravatura, feito no interior de África por sertanejos Portugueses.

Por muitas vezes, a opinião pública em Portugal tem levantado a sua voz potente, contra as asserções vilipendiosas dos acusadores estrangeiros, querendo negar

factos que eles asseveram; e em que ela não acredita, porque, na sua índole bondosa, é incapaz de os compreender e de os admitir.

Infelizmente eles são verdadeiros; e mais ou menos romantizados, não deixam de conter um gérmen de realidade.

Mas serão esses factos uma nódoa para Portugal? Não são. Afirmo-o, e sustento-o.

Os sertanejos Portugueses, que mais se aventuram no interior do continente Africano, quando o fazem, deixaram de ser Portugueses.

Sam condenados, fugidos dos presídios da costa, são homens a quem a sociedade suprimiu as garantias do cidadão, são réprobos a quem a sentença infamante da justiça imprimiu um indelével ferrete de ignomínia; são os salteadores e assassinos, a quem a pátria baniu do seu seio com horror, que ponderam quebrar o grilhão de ferro com que estavam acorrentados ao patíbulo aviltante; e fugindo a um mundo onde só os espera o desprezo da gente civilizada, vão ao longe buscar entre os selvagens a guarida que perderam, e continuar ali a sua vida de crimes.

Tais homens não desonram a sua pátria, porque não tem pátria.

Querer tornar Portugal solidário dos crimes dos sertanejos Africanos, é querer tornar a França responsável dos atos da Comuna, a América do assassínio de Lincoln, a Itália dos salteadores dos Abruzos.

Há réprobos em toda a parte, e não podem ser nódoas nos povos que os esmagam na sua justa indignação.

Dos sertanejos Europeus que tem estado estabelecidos no Bihé, de dois apenas tenho notícia, que não pertencessem a tal ordem de gente. Sam eles Silva Porto, e Guilherme José Gonçalves; mas estes foram sempre queridos e estimados do indígena e do Europeu, gozaram sempre da consideração que a sua honradez e probidade lhes granjearam, foram cidadãos prestantes, que, com um tráfico legal e digno, nem chegaram a fazer fortuna, e foram muitas vezes vítimas dos outros.

O nome de Silva Porto é respeitado pelo gentio, e conhecido numa grande parte da África central pela corrução da palavra Proto, e mais de uma vez me servi dele para desfazer obstáculos.

Em Cassange, como em Tete, outras duas portas da África central, há Portugueses dignos e nobres, que tem feito um grande serviço à humanidade no comércio lícito com o interior; esse comércio, que é o mais seguro mensageiro da civilização na terra dos negros.

Não confundamos pois; não confundamos, e será pouco nobre ir buscar a autoridade do explorador, para lançar, apontando factos verdadeiros, mas nada producentes, um labéo sobre um povo nobre, o primeiro que deu mão forte à Inglaterra contra o tráfico infame; sobre um povo que sacrificou os seus interesses Africanos legislando a abolição da escravatura; contra um povo, o mais livre do mundo, que estendeu a sua liberdade até à África, mandando para lá as leis que o regem na Metrópole; chegando ao excesso de abolir ali a pena de morte, e de lhes mandar um código que por libérrimo é impossível entre gente mais que semibárbara.

Não precisa Portugal justificação; que o defendem os factos, as leis e a energia que emprega na grande obra da civilização Africana; mas, falando do tráfico da escravatura

de que por vezes ia sendo vítima, não me pude eximir a por a questão nos seus verdadeiros termos.

José Alves, Coimbras e outros, esses nem ao menos são Portugueses de nascença; não se parecem com Portugueses na cor, são indígenas, sem instrução, verdadeiros selvagens de calças e chapéus.

Afirmo também, que é mais difícil viajar em África por terras onde eles tem andado, do que nas regiões bárbaras dos canibais, que nunca viram um estranho. Aqui fazem a guerra ao explorador, quando a fazem, de armas na mão frente a frente; ali é a traição e a covardia que o esperam. Aqui é explorar na brenha espinhosa onde o leão oculta o seu antro; ali é caminhar num prado relvoso, entre venenosas serpentes.

Outra coisa inconveniente ao explorador é ir ás sedes dos grandes potentados. Veja-se o que tem acontecido no Muataianvo; veja-se o que aconteceu a Monteiro e Gamito no Muata-Casembe; veja-se o que me tem acontecido a mim com Lobossi, no Lui.

O sertanejo Biheno, na cobiça de obter o marfim, dá tudo ao régulo; chega a dar-lhe a roupa que leva vestida, e volta ao

Bihé de tanga de peles, como os seus carregadores.

No Lui, quando era muito frequentado por sertanejos Bihenos, havia o costume, de eles entregarem tudo ao régulo, e esperarem que ele lhes desse pela fatura que levavam, o que entendesse suficiente.

O explorador que hoje chegue ali e não faça o mesmo, está perdido.

Além desta, outra razão deve aconselhar o explorador a evitar os grandes potentados; é ela o caso de uma agressão, sempre de recear.

Com os pequenos senhores que povoam a maior parte da África austral, poderá, em tal caso, levar a melhor; em quanto nos grandes impérios será forçosamente esmagado.

Isto pensava eu voltando ao meu campo nas montanhas de Catongo, a 17 de Setembro, depois de ter comido leite coalhado e batatas em casa de Machauana.

Cheguei a Catongo já noite, e soube que o meu Augusto tinha morto uma gazela, o que nos fazia ótimo arranjo.

As armadilhas improvisadas continuavam a dar patos e francolins.

Nos dias seguintes, os trabalhos tomaram-me todo o tempo; podendo obter uma longitude muito aproximada, e fazendo uma rigorosa determinação da declinação da agulha, estudos meteorológicos, etc.

No dia 19, ainda não tinha recebido mais novas do rei Lobossi, e decidi mandar lá o Veríssimo, a saber se a oferta das canoas era ou não comedia. Nesse dia apareceram ali uns pretos, que pelo tipo conheci logo não serem do país. Diziam eles serem da Luena, e querendo indagar onde ficava essa terra, eles mostravam-me o N.E., e por meio de nós dados numa correia fina, faziam-me compreender que tinham andado vinte e seis dias para chegar ali. Vinham em nome do seu chefe cumprimentar o rei Lobossi, e sabendo que estava um branco no país, vieram ver-me, por ser animal novo para eles.

Para falarmos, servia-me de intérprete o velho chefe da aldeola, que falava a língua dos Machachas, língua em que eles se exprimiam bem, dizendo, ainda assim, ser muito diferente da sua. Disseram-me, haver no seu país muitos

elefantes, e serem caçadores; empregando para isso a azagaia, única arma de que usam. Sam franzinos de corpo e de pequena estatura, com feições bastante regulares. Uns vinte que eu vi, traziam, quase todos, na cabeça uns penachos feitos de sedas de elefante, demonstrando cada penacho um elefante morto pelo que o traz. Vestem peles como os do Cuchibi, e trazem panos de liconde para se cobrirem.

Traziam manilhas de ferro e de cobre fabricadas por eles. A dificuldade que havia de nos entendermos não me permitiu levar muito longe as averiguações acerca do país deles e dos terrenos que atravessaram para chegar ali.

No dia 21, Veríssimo voltou de Lialui, dizendo, que as canoas estavam prontas, e que Lobossi me mandava pedir para ir ficar na cidade no dia imediato. Enviei logo um homem ao rei, dizendo-lhe que só iria em dois dias, por estar doente; sendo o verdadeiro motivo dessa demora, o ter de fazer observações e completar estudos meteorológicos no dia 22. Por esse mesmo enviado mandei dizer a Gambela, que me aprontasse aposento na sua casa, porque iria ser seu hóspede. Eu queria fazer do ladrão fiel.

A 23 de Setembro, deixei Catongo, e caminhei para Lialui, onde cheguei ás duas horas e meia da tarde. Gambela esperava-me com pompa, e foi conduzir-me ao alojamento que me tinha preparado. A marcha por um sol abrasador prostrou-me de fadiga, e só à noite pude ir visitar Lobossi. Ele recebeu-me muito bem, dizendo-me, que estava convencido de que fora iludido por Caiumbuca e pelos moleques do Silva Porto; que acreditava ser eu um enviado do governo do Mueneputo, e que me queria dar todas as satisfações pelos transtornos que eu tinha sofrido nos seus estados, de que ele dizia não ter tido a menor culpa.

Aproveitei tão boas disposições, para renovar o meu pedido de gente e auxilio, para seguir pelo país do Chuculumbe até Caiuco, e descer depois o Loengue embarcado, e ir ao Zumbo pelo Zambeze. Respondeu-me, que isso não podia ser, porque esse projeto encontrava uma grande oposição nos velhos do seu conselho. Que o Munari (Livingstone), no tempo de Chicreto, já tinha feito aquela viagem com gente do Lui, e que nenhum dos que com ele foram para leste voltara mais ao país.

Os velhos falando ele nisso, disseram-lhe, que me perguntasse o que era feito dos seus irmãos Mbia, Caniata e cuebu, e muitos outros que foram e não voltaram. Diziam eles, que, ao partir, Livingstone prometeu, que os tornaria a trazer ali; e ainda hoje as mulheres e os filhos esperam por maridos e pelos pais.

Afirmou-me, que se pudesse, me daria gente, mas a resistência do povo era grande, e não lhe convinha ir contra ela. Os três barcos estavam ás minhas ordens para descer o Zambeze, e nada mais podia fazer por mim.

A 24 de Setembro, logo de manhã recebi a visita de Lobossi, que se vinha despedir de mim, e apresentar-me os seus escravos que deviam tripular as canoas até umas povoações do Zambeze, onde o chefe me deveria dar novos barcos e novas tripulações. Deu-me uma pequena ponta de marfim, para eu oferecer ao chefe das povoações onde arranjaria os barcos, e trazia também um boi para a matalotagem. Agradeci-lhe muito, e separámo-nos nos melhores termos de amizade. Segui a S.O., e depois de uma hora de caminho, encontrava o braço do rio a que chamam pequeno Liambai, e pouco depois, três pequenas canoas largavam a margem,

levando a minha bagagem, a mim, a Veríssimo, Camutombo e Pépéca.

O Augusto, Moero e Catraio, com as duas mulheres, seguiram por terra, acompanhados do caçador Jasse e do chefe Mutiquetéra, mandados por Lobossi, para seguirem comigo, e irem dando as suas ordens aos chefes, a fim de ter o caminho livre.

Mais dois entes, de que me tenho descurado de falar, dois entes que representavam duas dedicações inquebráveis, aqueles que desde a minha saída não me tinham dado um único dissabor, estavam ali comigo, sempre prontos a seguir quando eu marchava, a pararem quando acampava, a dispensarem-me mil caricias quando me viam triste, a divertirem-me quando alegre estava. Eram Córa e Calungo, a minha cabrinha e o meu papagaio.

A viagem do rio ia separar-me todos os dias de Córa, que não podia ir sempre embarcada pela exiguidade de espaço nas canoas, mas Calungo voando sem medo para o meu ombro, seguiu embarcado.

Depois de termos navegado ao sul por um quarto de milha, deixámos o pequeno Liambai, e metemos a S.O. por um

canalete, por onde o braço oeste do rio deita um pequeno veio de água, de lagoa em lagoa para o braço leste.

No intervalo entre as lagoas, ás vezes de mais de cem metros, o navegar é difícil, porque é difícil navegar onde não há água. Foi preciso muitas vezes descarregar os barcos e arrasta-los sobre um fundo de lodo. Nas lagoas o caniçal espesso embaraçava também a navegação.

Depois de um trabalho violento e aturado, parámos ás seis horas na margem de uma lagoa, em planície recentemente queimada, onde não havia com que construir o mais pequeno abrigo.

Tinha havido o cuidado de levar lenha, e com ela podemos assar carne, que eu comi com apetite voraz, por não ter ainda nesse dia tomado alimento. Estendi depois a minha cama de peles sobre a terra húmida e deitei-me ao relento.

Os remadores estiveram toda a noite assando carne e comendo; fazendo assim desaparecer a maior parte do boi dado por Lobossi, e mostrando que a capacidade estomáquica dos súbditos do rei do Lui é verdadeiramente incomensurável.

Depois de uma péssima noite, parti ao alvorecer do dia 25, e naveguei numa lagoa por meia hora, entrando em seguida no braço principal do Liambai. Aparecia nas margens uma tal quantidade de caça, que fiz parar a flotilha, e entrar em serviço a Carabina d'el-rei; que, na sua estreia, me forneceu logo víveres que calculei chegariam para dois dias, apesar da voracidade dos Luinas.

O Liambai tinha ali uns 200 metros, e muito fundo. A corrente era pequena, e essa mesma não aproveitada pelos remadores, que receando os hipopótamos, que sem cessar vinham resfolgar no pego, iam sempre encostados ás margens, onde a água pouco funda não permitia o acesso aos enormes paquidermes. Tínhamos de parar de instante a instante, para tirarmos água das canoas velhas e fendidas.

Parei junto a Nariere, para calafetar o meu barco, e em quanto os pretos faziam trabalho com ervas e barro, medi a velocidade da corrente, que achei ser de 24 metros por minuto. O meu rumo medio era S.E., mas o rio dá ali voltas curtas em grande zig-zag; tendo eu numa delas navegado por 20 minutos a N.O. Acampei na margem esquerda, pelas

cinco da tarde, nas mesmas condições da véspera, sem abrigo e ao relento.

Muitas vezes, naquele dia, quando fugíamos aos hipopótamos de um lado, apareciam eles no outro, e corremos perigo grave.

Eu não lhes quis atirar, para não gastar as munições. Só quem se vê no centro de África com pouca pólvora sabe o valor de um tiro.

Os barqueiros, que eram escravos do rei Lobossi, quiseram ser insolentes comigo; mas eu meti-os na ordem a pau, segundo instruções recebidas do próprio Lobossi, que prevenira o caso.

O Veríssimo, que desde Quilengues resistira à febre, caiu com um violento acesso, e eu mesmo não estava sem ela.

No dia imediato naveguei apenas por espaço de uma hora, parando junto à povoação de Nalólo, governada por uma mulher, irmã de Lobossi. Mandei pedir-lhe desculpa de a não ir visitar, alegando a minha doença e a febre do meu intérprete Veríssimo. Ela aceitou a desculpa, e enviou-me um pequeno presente de massambala. Apesar de doente, fui

caçar, para fazer nova provisão de víveres, e consegui matar dois antílopes (Palahs). As peles, como as da antevéspera, foram secas com cuidado e guardadas.

Pude trocar uma perna de carne de Palah por um pequeno cesto de feijão fradinho.

Veríssimo piorou muito nesse dia, e eu à noite ardia em febre também, tendo, apesar disso, de dormir ao relento num terreno húmido. Acordei completamente encharcado do orvalho, e muito doente. Segui viagem, e depois de seis horas uteis de navegação, com o rumo medio de S.S.E., acampei, sempre na margem esquerda.

Apesar de outra noite péssima, a febre ia cedendo a fortes doses de quinino, e no dia 28, naveguei por hora e meia para alcançar a povoação de Moangana, cujo chefe me devia fornecer um barco por ordem de Lobossi.

O velho Moangana era um Luina de cabelos grisalhos, muito respeitoso, que me recebeu muito bem, dizendo-me, que no dia imediato me levaria ele mesmo à povoação da Itufa, onde eu devia pernoitar, um barco e algum presente que me pudesse arranjar.

O vento era fortíssimo de leste, e encrespava as águas do rio, que não tinha menos de uma milha de largo. Havia perigo para canoas tão pequenas como as nossas, mas, apesar disso, seguimos, e em hora e meia chegámos a Itufa, grande aldeia, na margem esquerda.

Mais de uma vez estivemos em grande risco de soçobrar, e declaro que é triste perspetiva a de cair a um rio coalhado de crocodilos.

O Veríssimo ia um pouco melhor e eu mesmo, apesar da febre quase constante que me minava, sentia-me com mais forças.

Já me esperavam na aldeia, prevenidos pelos meus moleques que jornadearam por terra, e que, com o caçador Jasse, e com o chefe, tinham chegado nessa manhã.

O chefe recebeu-me bem, dando-me logo uma casa, e oferecendo-me uma panela de leite coalhado e uma cesta de farinha de milho; mas começou por dizer-me, que tinham enganado Lobossi, e que ele não tinha barco.

Comi um pouco de leite e farinha, e os meus moleques num momento fizeram desaparecer o resto do presente do chefe,

declarando-me que tinham fome, depois de terem comido tudo. Instei com o chefe para me obter alguns víveres mais; mas ele respondeu-me, que só a troco de fazendas mos dariam, e como eu não as tinha, nada se poderia fazer.

Dei aos moleques as peles dos antílopes que tinha morto, e a troco delas sempre arranjaram farinha, ginguba e tabaco.

Á noite, quando me fui deitar, vi que estava rodeado de aranhas enormes, muito chatas e negras, que desciam das paredes em vagaroso caminhar; e fugi da casa, indo deitar-me no pátio ao relento. Estava escrito, que durante a minha viagem no Zambeze, nem uma só noite um teto abrigaria o meu sono.

No dia 29, logo de manhã, chegou o velho Moangana com o prometido barco.

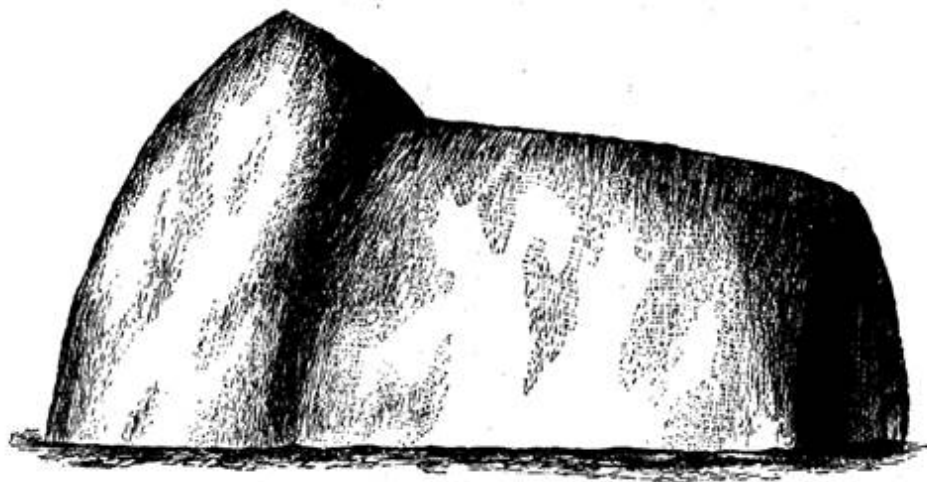
Veio renovar os seus protestos de amizade, e retirou-se; dizendo-me, que tinha cumprido as ordens do seu rei Lobossi, e esperava que eu estivesse satisfeito, porque ele queria a amizade dos brancos.

Na Itufa continuavam as dificuldades para a outra canoa; o chefe só fazia repetir-me, que a não tinha, e lastimar que

tivessem enganado Lobossi e a mim.

Os Luinas e Macalacas tem por hábito esconder as canoas em lagoas interiores cobertas de caniçal, que comunicam com o rio por pequenos canaletes disfarçados pela vegetação e só deles conhecidos. Quando não querem que as vejam, difícil é encontra-las.

O caçador Jasse e o chefe Mutequetera, conhecedores das manhas dos Luinas, tanto buscaram entre os caniçais das lagoas, que encontraram uma canoa; fazendo o chefe da Itufa mil protestos, de que ignorava que ela estivesse ali.

As casas da Itufa são, como todas as dos Luinas, de três formas diferentes, e tais como já descrevi falando das povoações de Canhete e da Tapa; mas aquelas que tem a forma tronco-cónica são de muito grandes dimensões. A que me foi oferecida pelo chefe, a casa das aranhas, media, no quarto interior, 6 metros de diâmetro, e no exterior.

Casa na Itufa

Nestas dimensões, não podem como as outras ser construídas só de caniços, e umas fortes estacas verticais sustentam o teto, cuja armação é de longas varas de madeira.

Há ainda na Itufa outro tipo de casas, que é original dali.

Sam compostas estas de uma casa ogival, a que adicionam uma semicilíndrica deitada no sentido do eixo, formando assim dois compartimentos distintos. Estas casas são grosseiramente construídas, ao passo que a casa tronco-cónica, verdadeiro tipo da casa Luina, é edificada com cuidado, e muito resguardada.

Pela primeira vez, depois de ter deixado o Bihé, vi gatos em África, que os há em abundancia na povoação da Itufa. Há também ali muitos cães de boa raça, que empregam com vantagem na caça dos antílopes.

Continuava a dificuldade de obter víveres, mas a carabina supria a falta de fazendas para permutações, e sempre íamos obtendo alguma farinha de massambala a troco de carne e peles.

As tripulações estavam prontas, e os dois barcos em ação de seguir, quando uma nova dificuldade veio retardar a viagem.

Os remadores declararam, que não embarcavam, em quanto eu não depusesse nas sepulturas das mulheres dos antigos chefes da Itufa, alguns maços de missanga branca.

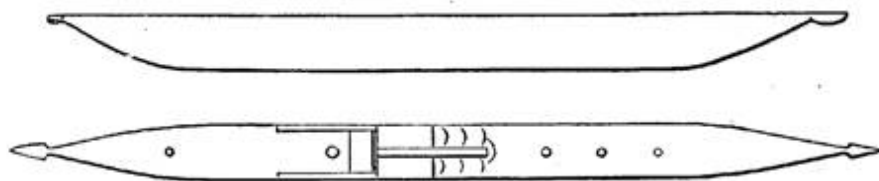
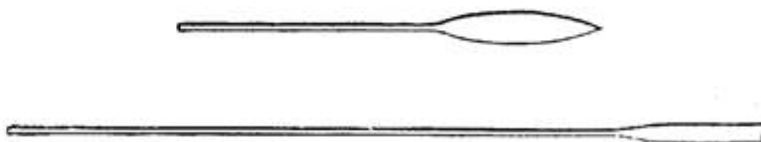
Sem ser cumprido esse preceito, afirmavam eles estarmos sujeitos a inúmeros perigos durante a viagem; porque as almas das mulheres dos chefes, desassossegadas e irritadas, nos perseguiriam sem trégua. Eu, que não tinha missanga, nem branca nem preta, chamei o chefe e mostrei-lhe a absoluta impossibilidade de sossegar as almas das fidalgas da Itufa. Ele a muito custo pode resolver as tripulações a seguir, mas foi só no primeiro de Outubro que largámos dali.

O meu novo barco era uma piroga, cavada num comprido tronco de Mucusse, e media 10 metros de longo, por 44 centímetros de boca, e 40 centímetros de pontal.

As duas árvores empregadas no alto Zambeze para a fabricação das almadias, são o Cuchibi e o Mucussi, enormes leguminosas das florestas, da região das cataratas. A madeira destas árvores gigantes, é de extrema dureza, e de maior densidade do que a água.

A minha piroga era tripulada por quatro homens, um à proa e três a ré.

Eu ia sentado na frente, a um terço do comprimento do barco, sobre a minha mala pequena, que continha os meus trabalhos. O duplicado do meu diário, observações iniciais, etc., levava eu amarrados ao corpo com uma cinta de lã. As minhas armas iam ao meu lado, e as peles do meu leito completavam a carga.

Na outra canoa, Veríssimo, Camutombo e Pépéca, as malas da roupa e instrumentos, e a caça que ia matando. Os remadores remam sempre de pé, para equilibrarem as canoas, que se voltariam sem isso. O remar em tais barcos é verdadeiro exercício acrobático.

O meu Barco

Remos

Uma piroga do alto Zambeze é como um patim gigantesco, em que o remador tem de fazer todos os prodígios de equilíbrio do patinador sobre o gelo, para sustentar a posição estável. Foi em tais condições que eu, no dia 1 de Outubro, deixei a Itufa, e me aventurei sobre o rio gigante, cujas ondas levantadas por um forte vendaval de leste, ameaçavam a cada momento submergir as estreitas almadias.

Depois de quatro horas de viagem, parei na margem esquerda, numa pequena enseada, onde a gente que vinha por terra tinha dado ponto de reunião aos barqueiros. As minhas novas tripulações eram mais comedidas do que os moleques do rei que me trouxeram a Itufa, mas começavam já com pedidos e exigências.

Não encontrei caça no mato, mas, tendo chegado alguns bandos de patos a uma lagoa próxima, fui ao barco buscar a espingarda de caça miúda, de que só tinha 25 cartuxos, e consegui matar 17 patos, de 6 tiros.

O ponto onde eu estava, era o extremo sul da grande planície do Lui. As duas nervuras de montanhas, que no paralelo 15 estão distanciadas de 30 milhas, convergem ali; só parando para dar um leito de dois quilómetros ao Zambeze. À planície monótona e nua sucede o país acidentado e coberto de luxuosa vegetação. Ás margens de área branca e finíssima, uma área que, comprimida sob os passos do homem, solta vagidos como os de uma criança, produzindo uma impressão inexplicável, porque, estando muito seca, imita um fraco grito humano. A essas margens de área tão extraordinária, sucede, em transição rápida, o

terreno vulcânico; e são blocos de basalto que marginam o rio.

Foi com o maior sentimento de prazer que os meus olhos se fixaram sobre esses penedos denegridos, vomitados em ondas de fogo nas épocas primitivas do mundo. Desde o Bihé, que não via uma pedra, e com satisfação olhava para aquelas que via ali.

Quando o meu cozinheiro Camutombo tratava de acender fogo para cozinhar os patos, o lume comunicou-se à erva alta e seca que cobria o solo, e logo, assoprado por um vento forte, voou por sobre a terra em ondas de chamas.

O atear do incendio foi tão rápido, que por um momento estivemos envolvidos nele; tendo de nos precipitar nas canoas para lhe escapar.

No dia imediato parti, sempre a S.S.E., e depois de quatro horas de navegação, comecei a encontrar grandes filões basálticos, atravessando o rio no sentido E.O. Alguns vem tanto à flor de água, que tornam difícil a navegação, e ainda que a corrente é inapreciável, foi preciso diminuir a velocidade dos barcos para evitar choques perigosos, naqueles paredões naturais.

O rio começa, na região basáltica, a ser povoado de ilhas cobertas de vegetação pomposa. Pela tarde, avistámos um bando de ongiris (Strepsiceros kudu) que pastavam na margem direita.

Desembarquei um pouco a montante, e consegui matar um dos soberbos antílopes.

Mandei seguir o barco, e eu caminhei por terra por espaço de uma hora.

Levantei bandos de francolins, codornizes, e pintadas (Numida meleagris), que nunca tantos vi em África. A terrível mosca ze-ze também é abundantíssima ali, incomodou-me muito na floresta com as suas picadas dolorosas, mas inofensivas para o homem; e tantas havia e tanto me perseguiram, que até depois de estar no barco ainda por muito tempo estive coberto delas.

Fui acampar numa ilha muito extensa de um aspeto lindíssimo, depois de seis horas uteis de navegação a rumo de S.S.E.

O Veríssimo estava completamente restabelecido, mas eu era devorado por uma febre lenta e contínua, que me

minava a existência.

No dia 3 de Outubro, segui viagem, sempre por entre ilhas formosíssimas, cobertas de vegetação luxuriante. Navegámos, havia duas horas, quando vimos dois leões que na margem direita bebiam água do rio. Apesar de eu ter estabelecido como regra não me entremeter com feras, sem a isso ser forçado, e apesar ainda do valor que então tinham para mim os cartuxos, os instintos do caçador venceram a razão, e mandei abicar a canoa à margem, direita aos bichos.

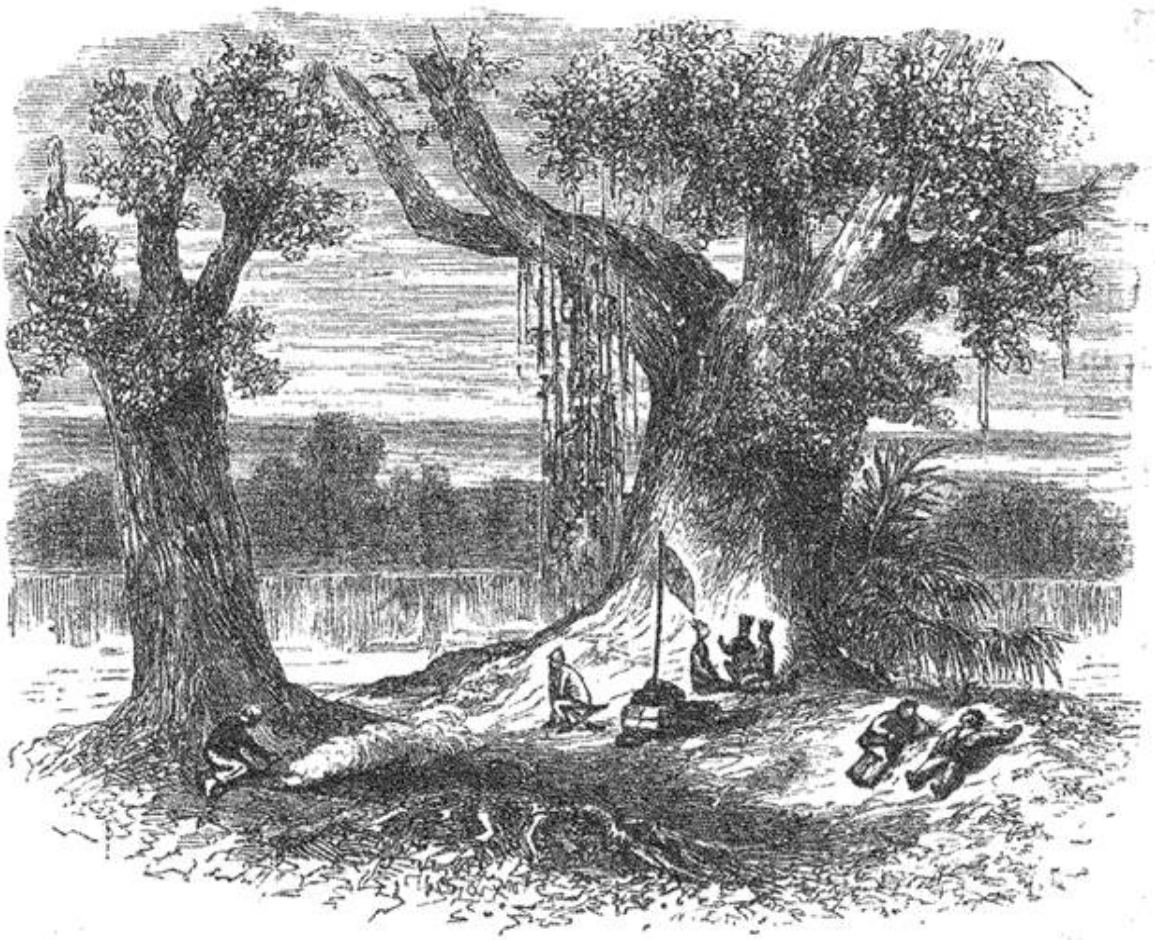
Os leões, percebendo-nos, deixaram o rio, e foram postar-se numa eminencia a duzentos metros. Saltei em terra e caminhei para eles.

Deixaram-me aproximar a uns cem metros, e depois puseram-se lentamente a caminho para montante do rio, parando de novo depois de curto espaço. Dessa vez acerquei-me a cinquenta metros, mas eles caminharam de novo e embrenharam-se num pequeno maciço de arbustos. Eram dois leões machos de grandeza desigual, tendo um quase o dobro da corpulência do outro.

Cheguei junto do matagal, e perscrutando a brenha, vi a cabeça de um dos majestosos animais, por entre os arbustos, a vinte metros de mim. Preparei a carabina, e ao apontar, senti um tremor convulso percorrendo todos os membros. Lembrei-me de que estava fraco e debilitado pela febre, e receei que o pulso tremesse ao dar ao gatilho. Tive uma sensação singular que até então não havia experimentado, e que provavelmente era a do susto. Por um esforço de vontade o tremor parou, a carabina tomou firme a direção que eu lentamente lhe dava, e como ao atirar a um alvo, quase fui surpreendido pelo meu próprio tiro. Passou rápida a nuvem de fumo, e nada vi no sítio onde segundos antes se mostrava a cabeça da soberba fera. Carreguei novamente o cano vazio, e com dois tiros prontos, dei volta ao maciço. Para o lado do Norte seguiam as pegadas de um leão, mas de um só. O outro estava ainda ali. Aventurei-me no cerrado de arbustos, e entre um tufo de ervas vi o corpo inerte do rei das florestas Africanas. A bala express esmigalhando-lhe o crânio, cortara-lhe de golpe a vida. Chamei gente, e num momento a pele e garras foram-lhe arrancadas.

Na massa encefálica foi encontrada a bala que produziu a morte.

Ao largar a margem, principiámos a sentir, mal distinto, um ruido longínquo, semelhante ao do mar revolto quebrando nas rochas das praias. Devia ser uma catarata, e essa ideia, que logo me ocorreu, foi confirmada pelos remadores. Pouco depois, os filões basálticos multiplicavam-se, formando paredões naturais, sempre no sentido E.O.; mas, ao contrário do que tinha acontecido até ali, o rio já levava uma corrente rápida que tornava perigosíssimo o navegar.

Um bando de Malancas que vimos na margem direita, obrigou-me de novo a parar, e conseguindo eu matar uma, prosseguindo na viagem depois de nova interrupção de uma hora.

Acampamento na Sioma

Pela tarde, fomos acampar junto das aldeias da Sioma, estabelecendo o meu campo sob uma gigante Figueira-Sicómoro, perto do rio.

A viagem desse dia foi de cinco horas e meia, sempre a rumo S.S.E.

Nessa noite o meu sono foi acalentado pelo ruido da catarata de Gonha, que, a jusante dos rápidos da Situmba, interrompe a navegação do Zambeze.

No dia 4, logo de manhã, depois de ter comido um prato enorme de ginguba, presente do chefe das povoações, tomei um guia e dirigi-me para as cataratas. O braço do Liambai cuja margem esquerda eu descia, correndo a princípio a S.E., vai vergando para O., até que chega a correr perfeitamente E.O.; e nessa posição recebe dois outros braços do rio, que formam três ilhas cobertas de vegetação esplêndida. No sítio onde o rio começa a curvar para O., há um desnivelamento de três metros em 120, formando os rápidos da Situmba. Depois da junção dos três braços do Zambeze, toma ele uma largura de seiscentos metros apenas, e logo ali deita um pequeno braço a S.O., pouco fundo e obstruído. O resto das águas encontram um corte transversal de basalto, com um desnivelamento rápido de 13 metros, e nele se precipitam com fragor imenso.

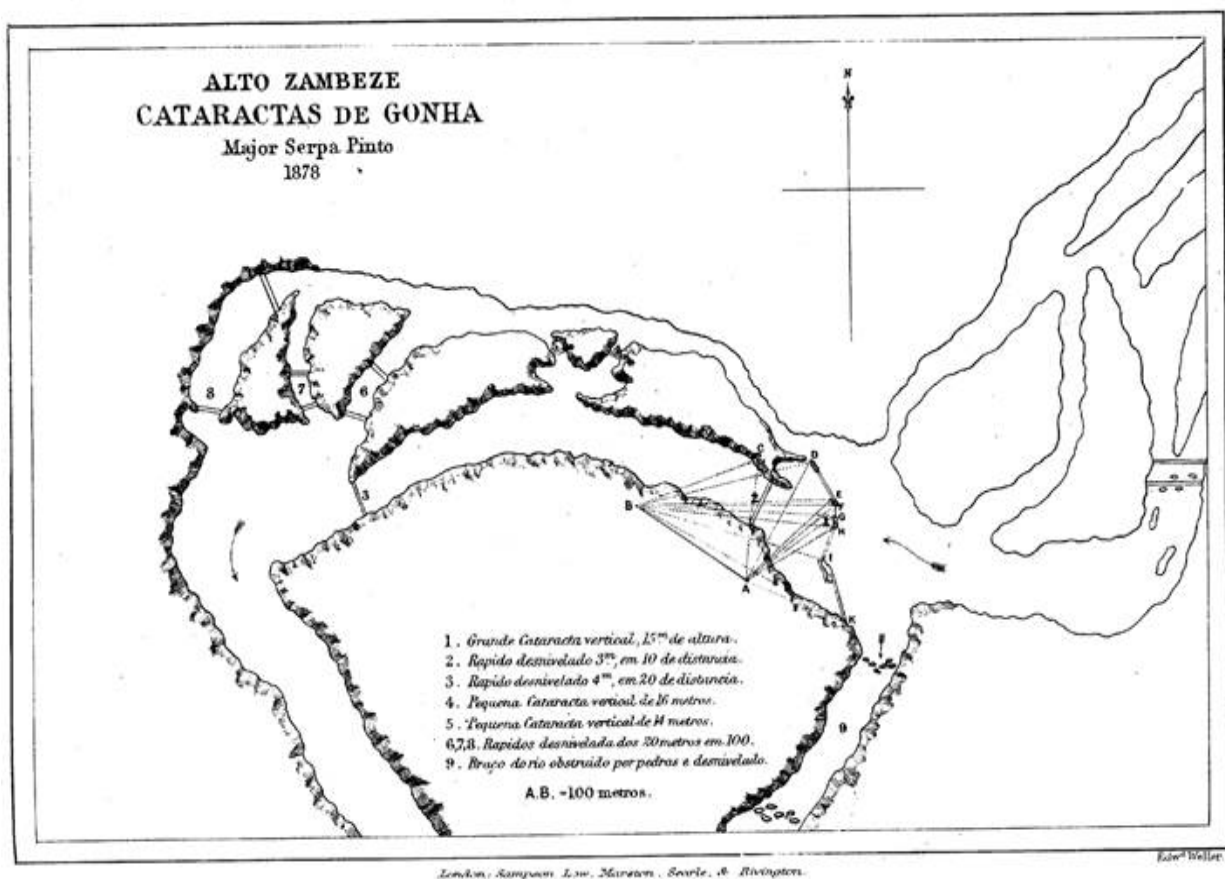
O corte é N.N.O., e forma três grandes quedas, duas aos lados, e uma no meio. Por entre as rochas que separam as três grandes massas de água, caem um sem-número de

cascatas de maravilhoso efeito. Ao Norte, um terceiro braço do rio continua a correr no mesmo nível superior da catarata, e despenha-se no ramo principal em cinco cascatas lindíssimas, a última das quais fica quatrocentos metros a jusante da grande queda. Aí o rio encurva de novo a S.S.E., estreia a 45 metros, e conserva uma corrente de 150 metros por minuto.

Os diversos pontos-de-vista que se gozam da borda sobre todo o espaço das quedas, são surpreendentes, e nunca vi em país algum dos que tenho visitado, paisagem mais bela.

Gonha não tem a imponência das grandes cataratas. Ali a paisagem é suave, variada e atraente. A mistura da floresta pomposa, com a rocha e com a água, estão harmonizadas, como por mão de artista hábil em tela primorosa.

Catarata de Gonha

Mesmo o despenhar da água no abismo, não causa ruido pavoroso, e é decerto amortecido pela vegetação enorme que a rodeia.

Mapa: Alto Zambeze - Cataratas de Gonha

Ali não se elevam vapores, que convertidos em chuva alaguem as vizinhanças; ali o acesso é livre a toda a parte, parecendo que a natureza se comprazeu a tornar fácil a visita à sua bela obra. Gonha é como a casquilha que se mostra, que se deixa contemplar, para que a admirem.

Depois de levantar a planta da grandiosa catarata, demorei-me ali até à noite, não cansando os olhos de ver tão

esplêndido quadro, em que a cada momento descobria uma nova beleza.

Voltei ao meu campo, saudoso pela lembrança de que não veria mais na minha vida, o espetáculo sublime que deixava para sempre.

No dia 5, fui ver o caminho por onde deveriam passar os barcos para jusante da catarata, e era ele por floresta espessa, e não inferior em extensão a cinco quilómetros, porque em toda essa extensão o Zambeze, apertado em margens de rocha apenas distanciadas de 40 a 50 metros, conserva uma velocidade de 150 metros por minuto, e é tal o referver das águas, que impossível é navegar nele.

Este espaço estreito a jusante da catarata de Gonha, chama-se o Nanguari, e termina por uma pequena queda do mesmo nome.

O ponto onde recomeça a ser navegável chama-se o Mamungo.

A passagem dos barcos por terra foi feita por gente das povoações da Sioma, povoações de Calacas ou escravos, governados por um chefe Luina, mandados, estabelecer ali

pelo governo do Lui expressamente para o serviço de carregarem os barcos por terra; serviço a que são obrigados sem terem direito a retribuição alguma.

Foi fatigante aquele trabalho, e eu fiquei verdadeiramente penalizado de não ter nada que desse àqueles desgraçados, que tão humildemente se prestam a trabalho tão rude.

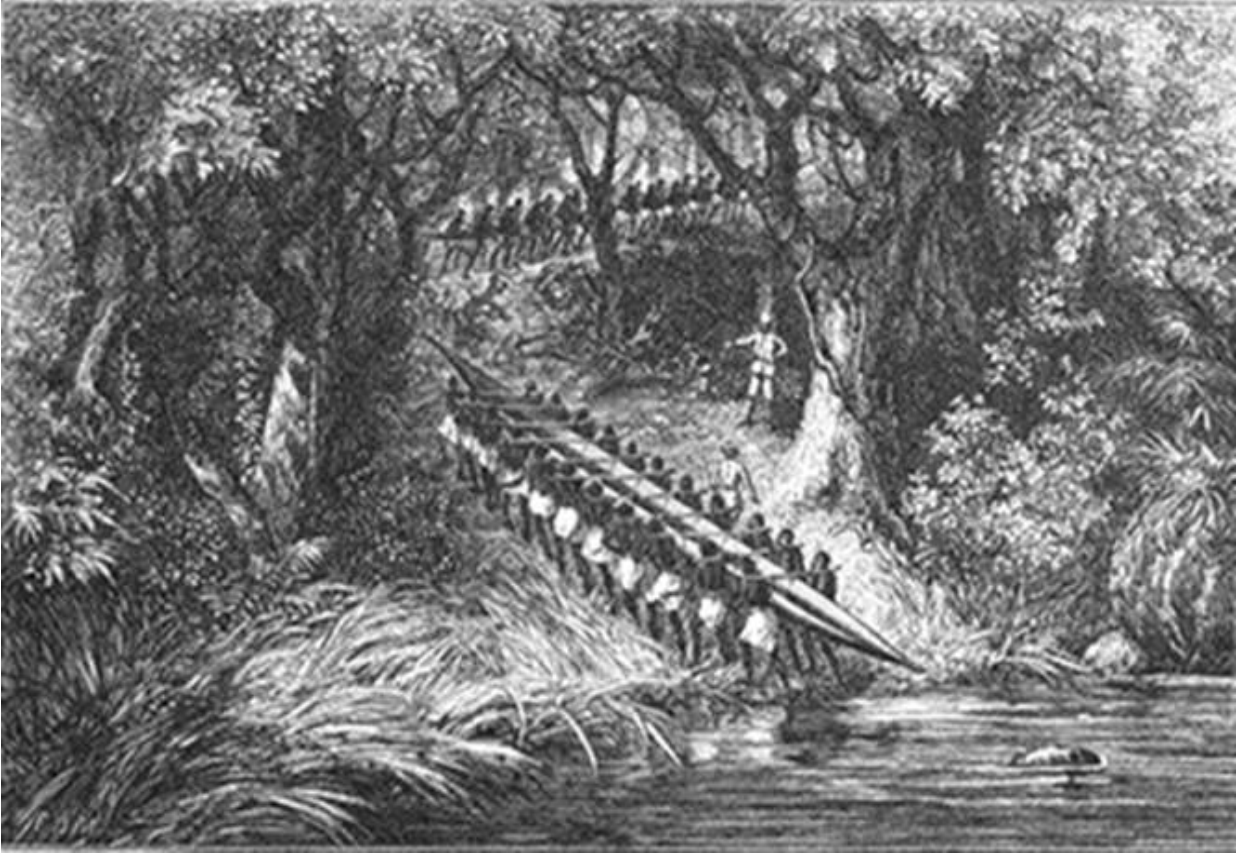
O Zambeze em Mamungo alarga a duzentos metros, mas continua apertado em cinta de rocha, onde estão marcadas as cheias por traços horizontais provenientes dos depósitos das águas lodosas. Por esses traços vi que as águas se elevam ali a 10 metros, nas máximas cheias, acima do nível de então, que deveria ser o mínimo proximamente.

Logo que sobre as rochas basálticas começa a haver terra vegetal, começa uma vegetação frondosa. O aspeto do Zambeze naquele ponto assemelha o do Douro no seu terço medio, com a diferença apenas, de que naquele o granito é substituído por basalto.

Depois de ter navegado por espaço de hora e meia, encontrei a foz do rio Lumbé, onde parei. Este rio vem do N., e tem, próximo da embocadura, 20 metros de largo, por um e meio de fundo. Cem metros antes de entrar no

Liambai, é-lhe superior de trinta metros, e por isso despenha-se em cascatas, que seriam talvez lindíssimas se ali perto não ficasse Gonha.

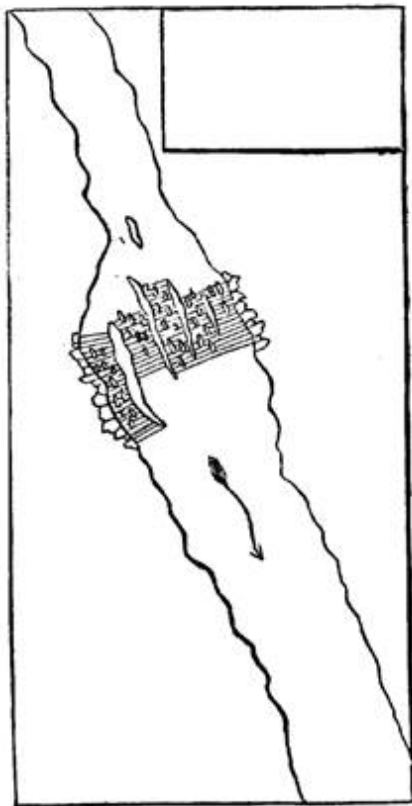
Segui, depois de ter visitado a foz do Lumbé, mas nesse dia apenas naveguei por mais duas horas; porque, tendo visto uns ongris, acampei, e fui caçar. Consegui matar dois antílopes, que nos demorámos a preparar; decidindo não navegar mais naquele dia.

No dia 7, deixei o acampamento, e tendo navegado uma hora, encontrei a catarata Cale.

Passagem dos barcos em Gonha

Ali o rio corre a S.E., e toma uma largura de novecentos metros. Três ilhas o dividem em quatro ramos. O segundo, de oeste, é o que contém maior volume de águas, mas é também aquele em que o desnivelamento é mais rápido.

Nos outros braços o desnivelamento, que é de três metros, produz-se em cem de extensão, enquanto neste não se estende a mais de quarenta. Todos os canais são obstruídos

com rochedos desencontrados, onde as águas ressaltam com fragor imenso.

Descarregámos os barcos, que foram arrastados por um canalete junto à margem direita, e logo a jusante da queda reembarcámos e seguimos viagem. Meia hora depois, passávamos uns rápidos, onde só pequenos canais são praticáveis, e por onde os remadores governaram as pirogas com prodigiosa destreza.

Catarata de Cale

Pouco depois, outros rápidos foram passados com igual felicidade; sendo o resto da navegação desse dia por entre pontas de rochas açoutadas por violenta corrente de água, sem que outros desnivelamentos rápidos aparecessem.

Ao acampar, eu sentia-me gravemente doente. A febre havia recrescido, e a falta de alimentação vegetal era sensível. O dormir sempre ao relento, e o nenhum resguardo que era forçado a ter, tendo de sustentar a minha gente pela carabina, faziam piorar o meu padecer constante. Nessa noite, rebentou sobre nós uma violenta trovoada, e com ela caíram as primeiras gotas de água daquela nova época das chuvas.

O dia 8 de Outubro veio encontrar-me mais doente, mais abatido de corpo, mas não mais fraco de espírito. Segui viagem, e meia hora depois, encontrava os grandes rápidos de Bombue.

O rio forma um grande rápido central, onde o desnivelamento é de 2 metros. Do lado deste três canaletes

obstruídos por inúmeras rochas, e de Oeste um canal mais largo, onde o desnivelamento é mais rápido.

A montante dos primeiros desnivelamentos, uma ilha coberta de vegetação divide o rio em dois braços iguais. Bombue tem mais dois desnivelamentos, sendo o segundo trezentos metros a jusante do primeiro, e o terceiro duzentos metros a jusante deste. Todos estes rápidos são cheios de pontas de rochas desencontradas, tornando impossível a navegação.

Os barcos descarregados foram lascados junto a terra, operação fadigosa, que levou muito tempo.

Posemos os barcos a caminho, encontrando um rápido que sem querer passámos embarcados com inaudita felicidade; e depois de 4 horas de viagem, parámos junto à confluência do rio Joco. Viajei nesse dia por entre ilhas de uma beleza admirável, que apresentavam os panoramas mais pitorescos à minha vista, fatigada da monotonia do planalto Africano.

Nessa tarde, estando a repousar, fui acordado em sobressalto por os negros, que tinham visto perto alguns elefantes. Apesar do meu mau estado de saúde, tomei a carabina e segui-os.

Na margem do Joco avistei eu os enormes paquidermes, que se enlodavam num pântano.

Tomei-lhe o vento e aproximei-me cauteloso. Eram sete soberbos animais.

A floresta espessa que descia até junto ao pântano, permitiu-me aproximar-me sem ser visto.

Por um momento contemplei aqueles gigantes da fauna Africana, e não posso ocultar que tinha remorsos prematuros de lhes fazer mal. A necessidade venceu o escrúpulo, e atirei ao mais próximo, dirigindo-lhe a bala ao frontal. O colosso oscilou um momento, sem mover as patas, e dobrando os joelhos, foi caindo devagar sobre eles-posição que conservou um momento, tombando depois para o lado, e fazendo tremer a terra com o baque enorme.

Os outros seis atravessaram o rio Joco em apressado trotar, e desapareceram na floresta.

Acerquei-me do inofensivo quadrúpede, e ao contemplar a minha obra de destruição, não pude deixar de olhar para mim, depois de olhar para ele, e de me achar bem pequeno. O meu estado era tão melindroso, que já não pude voltar

pelo meu pé, e tive de ser amparado pelos negros para chegar ao acampamento.

No dia imediato estava pior, e sobreveio-me uma grande inflamação do fígado. Deitei cáusticos, que pulverizei de quinino depois de cortados.

A doença não me permitia partir naquele dia, e resolvi ficar ali até experimentar melhoras. Nesse dia aconteceu ao meu Augusto a mais extraordinária aventura de que tenho tido conhecimento. Atirou a um búfalo que ferio, e que correu rápido sobre ele. Augusto tirou o machado, e no momento em que a fera baixava a cabeça para lhe marrar, atirou-lhe um golpe à cara, com a sua força hercúlea.

Homem e búfalo rolaram por terra. A gente que estava perto do meu valente negro, julgara este morto, quando vira o feroz ruminante levantar-se e fugir. Augusto levantou-se, e além do abalo do choque, não tinha sofrido nada.

Os negros acercaram-se dele, quando o meu moleque se abaixou, e depois de apanhar o machado, apanhou, tão admirado como os que o viam, um corno do animal, cortado cerce pelo golpe vigoroso.

Nas matas da região das cataratas, há o Cuchibi, o Mapole, o Opumbulume e a Lorcha, frutos que mais ou menos se encontram no planalto, e além desses, dois frutos privativos dali, a Mocha-mocha, e o Muchenche. Este último é muito sacarino, e dele fiz eu um refresco muito agradável.

Os cáusticos pulverizados de quinino, e três gramas dele que introduzi no organismo, em três injeções hipodérmicas a curtos intervalos, acalmaram o meu estado febril, e no dia 10 levantei-me com sensíveis melhoras. A primeira notícia que me deram foi que o meu Augusto desaparecera desde a véspera, e não tinha sido encontrado por alguns homens que o foram procurar ao mato.

Esta notícia deu-me grande cuidado, porque o Augusto é de um atrevimento louco, e fez-me recear uma desgraça. Mandei gente em todas as direções a busca-lo, e eu mesmo fui com alguns homens, apesar do meu estado, e do muito que me faziam sofrer os cáusticos. Foram infrutuosas as nossas pesquizas, e da excursão apenas trouxemos dois seb-seb (Rubalis lunatus) que eu matei, e muitas varas de madeira, que os Luinas colheram próprias para hastes de

azagaias, e que são do mesmo pau de que fazem os remos. Chamam-lhe Minana.

De volta ao campo, secámos ao fogo muita carne dos antílopes.

Esta região, a que chamam o país de Mutema, é abundantíssima de caça da floresta, e desde o elefante até à codorniz, há milhares de animais de todas as famílias, géneros e espécies do planalto Africano. No Zambeze, ao contrário, escasseia a caça de água, abundantíssima na região das planícies.

Pela tarde apareceu o meu Augusto, dizendo que se tinha perdido na floresta, e que encontrara uma povoação de Calacas, onde lhe tinham furtado tudo o que ele trazia, exceto a espingarda.

Os Luinas, ouvindo isto, declararam que iam desforçar o Augusto, e por mais esforços que empreguei não consegui conte-los.

Alta noite voltaram os marinheiros, carregados com os despojos do saque, e entre eles vinha o casaco do meu moleque.

É costume deles, logo que encontram povoações de Calacas na região das cataratas, saqueá-las e destrui-las. Nessa noite o meu estado de saúde agravou-se bastante, mas apesar de me sentir gravemente doente, dei ordem de partir no dia imediato.

Uma hora depois de ter deixado a foz do rio Joco, encontrei os grandes rápidos de Lusso.

Desembarquei e segui por terra, fazendo três quilómetros em três horas.

O rio em Lusso toma uma grande largura e divide-se em muitos ramos, formando ilhas cobertas de vegetação esplêndida.

Depois do belo panorama de Gonha, nada vi mais belo do que os rápidos de Lusso.

Embarquei de novo por baixo dos rápidos, e tendo navegado por duas horas, parei a montante da catarata de Nambue.

As ilhas, com a sua vegetação pomposa, continuavam a apresentar os mais atraentes aspetos.

Decidi passar a catarata nesse dia, e houve grande trabalho, com a pouca gente de que dispunha, para arrastar os barcos por terra. Levou quatro horas aquele fadigoso lidar, mas consegui dormir a jusante da queda.

A catarata de Nambue tem quatro desnivelamentos: o primeiro é de meio metro, o segundo, 150 metros a jusante, é de dois metros, e perfeitamente vertical, o terceiro, 60 metros abaixo, é de um metro, e o último, também de 1 metro, fica a 100 metros deste.

Ocupam por isso as quedas uma extensão de 310 metros. O Zambeze corre ali N.S., mas logo abaixo verga a S.O. para tornar a tomar o seu curso regular a S.S.E.

Durante a noite estive à morte. A febre intensa devorava-me, e nunca pensei chegar a ver nascer o dia 12 de Outubro, dia sempre festivo para mim, por ser o aniversário da minha mulher. As repetidas injeções hipodérmicas de sulfato de quinino em alta dose, conseguiram dominar a febre. Eu chamei o Veríssimo e Augusto, e entreguei-lhes os meus trabalhos, recomendando-lhes, que, se eu morresse, prosseguissem na viagem até encontrar o missionário, e lhos entregassem.

Fiz-lhes ver, que o Mueneputo os recompensaria bem se eles salvassem aqueles papéis, e os entregassem em mão segura, que os fizesse chegar a Portugal.

Ás 6 horas da manhã do dia 12, senti um grande alívio e decidi seguir viagem.

Parti ás 6 e meia, e ás 7 e 15 minutos, passei uns pequenos rápidos, e logo abaixo outros, mais desnivelados, extensos e perigosos. Entestámos ao único canal praticável, e logo que o barco se achou envolvido na corrente, um hipopótamo veio resfolgar a jusante. Estávamos entre cila e Charibdis, ou a fera ou o abismo. Tornámos a entestar com a corrente e subindo o rio, por uma hábil manobra, posemo-nos a coberto do perigo junto a um rochedo quase em seco.

Nos rápidos

O barco da carga, receando o cavalo-marinho, desviou-se do canal, e foi impelido com velocidade enorme de encontro ás rochas de um canalete obstruído. Nunca pensámos que se salvasse, mas ele derivou por entre as fragas e passou o perigo, tendo recebido apenas um golpe de água que quase o encheu.

Ás 7.50, outros rápidos, e ás 8, uns muito desnivelados e extensos. Quisemos sair em terra, porque sentíamos a

jusante um ruido enorme, semelhante ao rebombar dos trovões pelos alcantis das serras, que nos fez recear grandes rápidos, ou uma catarata impossível de transpor. Foi baldado esforço. A margem mais próxima, a esquerda, ficava-nos a 600 metros, e a corrente rápida, quebrando-se entre os cabeços basálticos, e ressaltando em ondas de espuma, tornava impossível o abeirar à margem. Sam momentos indescritíveis estes.

Levado por uma corrente vertiginosa, tendo diante de si o desconhecido, pressentindo o perigo iminente a cada desnivelamento do rio que se lhe mostra, arrastado de voragem em voragem pelos turbilhões da água revolta, o homem experimenta a cada momento sensações novas, e cem vezes sofre a agonia da morte, para sentir outras tantas o prazer da vida. Das 8 horas e 5 minutos ás 8 e 40, passámos seis rápidos de pequeno desnivelamento; mas a essa hora, uma queda desnivelada de um metro se nos apresentou na frente. Semelhante ao homem que, em corrida, estaca por um movimento instintivo, ao ver o abismo aberto sob o seu caminho, o meu barco, como se fosse animado, parou, por um impulso dos remos; maquinal e inconsciente nos tripulantes. Esse momento de hesitação

produziu o desgoverno, e a comprida piroga atravessou na corrente, e saltou ao abismo, na coroa de espuma de uma onda enorme. Foi um segundo, mas foi o pior momento da minha vida. Era a Providencia que nos salvava. Se o barco tivesse atestado de proa com a voragem, seria submergido, e estaríamos perdidos. O desgoverno dele foi-nos a salvação. Logo abaixo destes, outros rápidos menores; e então fizemos força de remos para uns rochedos, que a meio rio estavam colocados em ponto onde a corrente era mais fraca. Abeirámos a eles, e estivemos a tirar água e a arrumar as cargas, desarranjadas pelo abalo dos rápidos. Segui ás 8 e 55 minutos, e logo, ás 9 e 15, encontrámos novas cachoeiras. Ás 9 e 25, os grandes rápidos da Manhicanga. Ás 9 e 30, outros; e daí aos grandes rápidos da Lucanda, que passámos ás 11 e 8 minutos, saltámos em sete cachoeiras mais. Depois de passarmos um pequeno rápido, encontrámos a catarata de Catima-moriro (apaga o fogo) ao meio-dia.

É Catima-moriro o último desnivelamento da região superior das cataratas do alto Zambeze. Dali até à nova região de rápidos, que precede a grande catarata de Mozi-oa-tunia, o rio é perfeitamente navegável.

O espírito também se fatiga como o corpo, e foi verdadeiramente fatigado de espírito, que eu cheguei ao termo dessa perigosa jornada do dia 12, jornada que não posso relembrar sem terror. As comoções daquele dia tinham sarado o corpo, e achava-me sem febre, mas muito fraco. Apareceu muita caça, mas a minha fraqueza e as dores que me produziam os cáusticos ainda abertos, não me permitiram caçar.

O curso do rio foi sempre a S.S.E.

Daí em diante, o rio torna a ter o mesmo aspeto do Baroze, planícies enormes, fundo de areia, e nem mais um rochedo. As margens são formadas por camadas sobrepostas de argila esverdeada. O vento leste era de novo fortíssimo, e encrespava a superfície das águas, levantando ondas bastante grandes. Apesar disso, segui a 13, e fui acampar junto da povoação de Catongo. De novo tinha piorado, e era prostrado pela febre que me metia no barco para seguir.

Ali em Catongo encontrei a minha gente, que tinha deixado na foz do Joco, e que chegou nessa noite.

Soube, que na véspera tinham corrido um eminente perigo, sendo atacados por um bando de leões. Subindo para cima

de árvores ponderam escapar-lhe, mas estiveram muito tempo cercados por eles. A minha cabrinha Córa foi içada por um pano que lhe ataram aos cornos, e esteve amarrada a um tronco junto de Augusto. O Augusto matou um dos leões, atirando-lhe de cima da árvore, e trocou em Catongo a pele dele por uma grande porção de tabaco.

No dia 14, naveguei a leste, direção que toma o Zambeze, e fui acampar, pela tarde, já perto da povoação do Quisseque.

O rio continua a dividir-se, formando grandes ilhas, mas não como as da região das cataratas. Sam canaviais monótonos, que cansam a vista.

Tivemos nesse dia pescadores, que nos forneceram abundante peixe. Foram os Uanhis, como lhes chamam os Luinas, e que não são mais do que pigargos gigantescos que povoam as margens do rio. Foram perseguidos alguns, que abandonaram o peixe que levavam.

Uma dessas Águias aquáticas, tinha nas garras poderosas um peixe mais corpulento do que uma pescada, e levou-o fugindo dos meus remadores, sem que mostrasse esforço ao voar.

Todavia, a maior parte abandonavam a presa, para fugir mais rapidamente.

Estes pigargos do Zambeze, que não vi acima da região das cataratas, tem a cabeça, o peito e a cauda completamente brancos, e as azas e costas de um negro de ébano.

Sam exatamente como a espécie Americana descrita com o nome de pigargo de cabeça branca, mas menos corpulenta do que a ave que serve de emblema ao pavilhão dos Estados-Unidos.

No dia 15 de Outubro, cheguei de manhã ao Quisseque, tendo navegado por uma hora a leste.

Não quis ir para a povoação, já desconfiado do gentio, e fui acampar no meio do caniçal de uma ilha vizinha. Mandei prevenir o chefe de que estava ali, e deitei-me abrasado em febre, que de novo reaparecera intensa.

Pouco depois da minha chegada, apareceu na ilha um homem trajando à Europeia, que, pela cor de café com leite da pele, eu reconheci ser um filho das margens do Orange.

Disse-me, por intermedio do Veríssimo, usando da língua Sesuto, que era criado do missionário, e estava ali

esperando a resposta do rei Lobossi a respeito do seu amo. Por ele soube, que o missionário era Francês, o que sobre modo me fez admirar. Este homem, que se chamava Eliazar, vendo-me muito doente, mostrou por mim carinhos que nunca vi em negro.

Dizendo-lhe eu, que vinha de propósito procurar seu amo, ele manifestou-me o seu contentamento, e assegurou-me, que o missionário era o melhor homem do mundo.

Eu não sei explicar porque tive um prazer enorme sabendo que o meu homem era Francês, mas é facto que o tive.

Estava eu conversando com Eliazar, quando chegou o chefe, cujo nome é Carimuque, mas que também é conhecido pelo de Moranziani, nome de guerra dos chefes do Quisseque.

Disse-lhe, que queria seguir viagem no dia imediato, porque estava muito doente, e precisava encontrar o missionário, para ele me dar remédios.

Preveni-o de que não tinha víveres, nem com que os comprar, e ele prometeu-me mandar nesse dia mesmo comida para mim e para os meus.

Nessa tarde os meus remadores começaram a gritar que não deixariam o Quisseque sem serem pagos. Eu chamei-os e fiz-lhe ver, que não tinha nada que lhes dar. Que o marfim só poderia ser convertido em fazendas logo que eu chegasse ao missionário que as deveria ter, e por isso para serem pagos era preciso seguir avante.

Eles pareceram convencer-se com o meu argumento. Passei uma noite horrível no caniçal da ilha. Eram cobras que perseguiam ratos, e ratos a fugir de cobras, os companheiros que tive em torno de mim. A febre aumentou. Carimuque veio ver-me na manhã de 16, e trouxe-me um presente de massambala e uma pequena porção de farinha de mandioca.

Declarou-me ele, que os marinheiros se recusavam a seguir sem serem pagos, e que por isso mandasse eu recado ao missionário para ele me mandar as fazendas, e esperasse ali os enviados.

Recusei terminantemente faze-lo, e declarei-lhe, que lhes não pagava se eles não seguissem no dia imediato. Depois de grandes debates, em que fiz prova de enorme paciência, e em que Eliazar pleiteava por mim, repetindo cem vezes,

que o seu amo, logo que me visse, pagaria tudo o que eles quisessem, ficou resolvido que no dia 17 nos poríamos de novo em viagem.

Nesse dia chegaram ali os enviados que Carimuque mandara ao Lui com a mensagem do missionário.

Como se sabe, e eu já narrei no começo deste capítulo, Matagja opusera-se formalmente ao ingresso do missionário no país do Lui. A resposta do rei Lobossi, dada por Gambela, vinha cheia de hipocrisia, e não era uma negativa formal.

Mandavam dizer-lhe, que muito estimariam que ele fosse para ali; mas que, naquele momento, as guerras e a falta de comodidade que poderiam oferecer-lhe em Lialui, cidade novamente construída, fazia com que eles lhe pedissem, que se fosse embora, e voltasse no ano seguinte. Para Carimuque vinha uma ordem positiva para não lhe dar meios de ele seguir para o Norte. Eliazar, que ficou muito triste com a mensagem do rei Lobossi, continuou fazendo-me companhia, e falando-me sempre do seu amo a quem tecia verdadeiros panegíricos.

Nesse dia, ás 4 horas da tarde, desencadeou sobre nós uma horrível trovoada, que despejou copiosa chuva até ás 6

horas. Carimuque veio ver-me de novo, e trouxe-me duas galinhas.

Parti ás 9 horas do dia 17, e depois de navegar por duas horas e meia, encontrei a foz do rio Machila. Naveguei a E.S.E.

O rio Machila tem ali quarenta metros de largo por seis de fundo, mas decerto influi nesta altura a água do Zambeze que o represa.

Corre numa planície enorme, onde pastam milhares de búfalos, zebras e grande variedade de antílopes. Vi ali muitos coronais, e presenciei um efeito de miragem surpreendente, apresentando-me toda aquela manada heterogénea, de patas para o ar.

Nunca vi tanta caça junta como ali, é ela muito esquiva, e não deixa aproximar a menos de duzentos metros.

Pude matar uma zebra, que nos forneceu ótima carne, muito melhor do que a de qualquer antílope. Depois de duas horas de demora ali, segui viagem, e naveguei por duas horas e meia mais, parando, ás 5 da tarde, por vermos na margem uma árvore velha trazida pela corrente, onde fomos fazer

provisão de lenha para a noite. Foi um verdadeiro benefício aquela árvore, sem a qual não teríamos lenha para cozinhar em campinas despidas de arvoredo.

Quando íamos a seguir, apareceu um preto, gritando que os outros barcos tinham amarrado muito acima e acampado ali a gente. Tivemos que voltar a traz, por não termos provisões no meu barco, e ir a carne na barco da carga.

Só ás 6 e 30 minutos, já noite, juntei a minha gente, e acampei com eles.

Nessa ocasião já iam todos embarcados, porque Carimuque tinha posto dois barcos grandes à minha disposição, e neles eu havia acomodado Augusto, as mulheres, os pequenos e a minha cabrinha.

Calungo, o papagaio, esse viajou sempre comigo.

Carimuque tinha-me feito um presente valioso, numa porção de farinha de mandioca, o melhor alimento que ali podia ter, para mim tão doente e tão debilitado.

Nessa noite quis comer uma pouca de farinha, e fui encontrar o saquinho que a continha completamente vazio.

Entrando em averiguações do caso, soube que fora o meu moleque Catraio que a furtara e comera.

Nessa noite, um drama terrível passou-se junto do meu campo, no meio das trevas.

Foi o combate cruento entre um búfalo e um leão, que terminou pela morte daquele em arrancos de agonia, ao passo que o seu vencedor dava prolongados rugidos, acompanhados por um coro de hienas. De manhã, a 100 metros do acampamento, fomos encontrar os despojos do búfalo, cuja cabeça estava intata, e do qual existiam apenas ossos e farrapos de carne deixados pelas hienas.

Segui viagem, e depois de cinco horas de navegação, entre ilhas divididas por canaletes, formando um sistema complicado, aportei sobre um rápido desnivelado de um metro, primeiro elo da cadeia de cachoeiras que vai terminar pela grande catarata de Mozi-oa-tunia.

Com o basalto reaparece a floresta lindíssima, onde, entre outras árvores, sobressaem já os baobabs, esses gigantes da flora Africana, que eu não via desde Quilengues.

Desembarquei, e fui deitar-me à sombra de um desses colossos vegetais.

Tinha terminado a minha navegação no alto Zambeze, e dali até encontrar o missionário o meu caminhar era de novo a pé.

A povoação de Embarira distava seis milhas do ponto onde eu estava, e para lá partiram os marinheiros com as cargas.

Eu adormeci, e só acordei por noite escura. Só o Veríssimo, Camutombo e Pépéca estavam junto de mim. Perguntei-lhes porque estávamos ainda ali? respondendo-me o Veríssimo, que não tinha querido interromper o meu sono. Apesar do escuro da noite, ia pôr-me a caminho, quando reparei que não tínhamos uma só arma. O Veríssimo, que de vez em quando fazia asneira, deixara levar as minhas armas para Embarira. Não fiquei sossegado, vendo-me sem armas no meio de uma floresta infestada de feras. Mandei-os logo juntar lenha para fazer uma fogueira, mas ás escuras eles nenhuma encontravam que servisse.

Pépéca lembrou-se então de ter visto perto de nós um barco velho, que efetivamente encontrámos, mas a dura madeira do Mucusse resistia ao corte da minha faca de mato.

Lembrei-me de o jogar como aríete contra o tronco do baobab, e logo nós três dando-lhe o movimento de vai-vem, o lançámos com a máxima força. A canoa fez-se em rachas na parte que sofreu o choque. Esta operação, repetida algumas vezes, forneceu lenha e com ela uma boa fogueira.

Estávamos dispondo-nos a dormir ali, quando sentimos gente, e logo apareceu o Augusto com alguns homens, que vinham procurar-me.

Parti com eles, e cheguei a Embarira pela meia-noite. O chefe da povoação tinha-me preparado uma casa, onde me recolhi cheio de febre e fadiga.

Estava em Embarira, na margem esquerda do rio Cuando, cujas nascentes havia descoberto e determinado três meses antes.

Estava próximo a alcançar o missionário, de quem esperava auxílio para poder continuar a minha viagem, e estava em véspera de novas aventuras, que não calculava ainda.

O estado da minha saúde muito melindroso, a dúvida no futuro, as apreensões do presente, e milhares de persovejos,

que tinha a casa onde me recolhi, fizeram-me passar uma noite atribulada.

Depois, uma outra ideia, não me saía da mente. Ao chegar ali, soube, que um branco (Macua), que não era nem missionário nem comerciante, estava acampado de cara de mim, na outra margem do Cuando.

Quem seria o meu companheiro naquelas remotas paragens?

Ardia em curiosidade, e contava os instantes para o alvorecer do dia seguinte.

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO SUPLEMENTAR

Em páginas anteriores, em capítulo análogo a este, tratei por modo sucinto, dos países compreendidos no meu caminho entre a costa de Oeste e o Bihé.

Neste capítulo buscarei epitomar o que nos meus trabalhos escolhi de mais interessante, relativo ao vasto território que medeia do Bihé ao curso superior do rio Zambeze, até onde termina a narrativa da minha viagem na página antecedente.

Apresentando um resumo das minhas determinações astronómicas, dos meus estudos meteorológicos, etc., sem pedantismo o faço, e creio apenas, nisso cumprir um dever, tornando públicos um certo número de estudos e trabalhos de que fui encarregado, e que, se não interessam a alguns leitores, podem merecer atenção de outros.

Sem querer alcunhar-me de sábio, declarar-me ignaro seria afetação.

Além da carta geral de África tropical do sul, quis eu apresentar algumas cartas parciais dos países que mais mereceram a minha atenção no caminho que segui, por poder dar a estas um desenvolvimento de detalhes que a pequena escala daquela não comportaria.

Vou tratar desse enorme trato de território, debaixo do ponto de vista geográfico, com tanto mais interesse, quanto ele é desconhecido aos geógrafos; que nas suas cartas o tem preenchido até hoje com linhas mal seguras, traçadas pela mão trémula da dúvida, colhida nas informações pouco idóneas e contraditórias de gente ignara.

Um Europeu, Silva Porto, atravessou aquela parte da planura Africana, antes de mim, e em grande parte muito mais ao sul do caminho que segui; mas Silva Porto nunca publicou as suas interessantíssimas notas, que agora anda pondo em ordem; e é preciso dizer, que, se essas notas dão um valioso subsidio ao estudo da etnografia Africana, pelo muito que a sua vista observadora perscrutou dos costumes e do viver dos negros, dão elas um fraco auxilio ás ciências

geográficas, em que ele, por falta de elementos, não pode fazer um trabalho sério.

Sam países completamente novos à geografia aqueles que apresentei nos antecedentes capítulos, e de que vou tratar neste.

As coordenadas geográficas dos principais pontos do meu itinerário foram calculadas dos elementos que adiante público.

Começarei por descrever o sistema fluvial desta parte da planura Africana.

As últimas águas que correm à costa de Oeste nascem em torno do Bihé, dentro de um V enorme formado por dois rios, o Cubango e o Cúito, que, depois de se unirem em Darico, vão correr a S.E. no Deserto do Calaari.

O sistema fluvial da Costa Oeste, entre a foz do Cuanza e a do Cunene, termina quase ali; recebendo ainda o Cuanza alguns afluentes de Leste, que vão buscar as suas águas ao meridiano 18 E. Greenw.; tais são: o rio Onda, que ainda nasce dentro do ângulo formado pelo Cubango e Cúito, e o Cuiba e o Cuime, que entrelaçam as suas nascentes com as

do Cúito e as de outro rio, o Lungo-é-ungo, que pelo Zambeze vai lançar no mar Indico águas bebidas nos charcos de Cangala, por 18 de longitude; e que percorrem a enorme distância de mil quatrocentas e quarenta milhas, para atingirem a meta que a natureza lhes marcou. A latitude destas nascentes, que, em amigável convívio, partilham as suas águas para pontos da terra tão distantes, é proximamente de 12° e 30, isto é, está nessa faixa, compreendida entre os paralelos 11 e 13, onde nascem os dois rios gigantes da África Austral, o Zaire e o Zambeze, e os seus principais afluentes.

Entre o Equador e o paralelo 20 austral, esses dois rios formam dois sistemas de águas perfeitamente definidos, mas que tem um traço comum de união no paralelo 12 e na faixa que borda esse paralelo 60 milhas ao Sul e ao Norte, entrelaçando ali as suas origens muitos dos grandes afluentes dos dois colossos, e formando de per-si cada um deles um sistema de águas que vai engrossar as duas artérias principais.

Assim pois, entre os meridianos 18 e 35 a leste de Greenwich, e os paralelos 8 e 15 austrais, toda a água que

corre ao Norte vai entrar no Atlântico por 6°, 8, com o nome de Zaire; toda a que corre ao sul entra no Oceano Indico por 18°, 50, com o nome de Zambeze.

Caminhando a E.S.E. afastava-me da bem pronunciada linha divisória das águas dos dois grandes rios, e ao passo que os meus ex-companheiros se entregavam ao estudo de um desses sistemas de águas filial do Zaire, eu seguia passo a passo outro filial do Zambeze; e à medida que avançava no interior do continente, esse sistema ia-se apresentando firmemente definido e claro.

Os países de que falei nos anteriores capítulos, os mesmos de que estou tratando aqui, são a sede de um sistema fluvial, que forma um dos principais, se não o principal, afluentes do Zambeze.

O rio Cuando, artéria principal deste sistema, nasce, por 18°, 57 de longitude, 12°, 59 latitude, num pequeno charco apaulado, superior ao nível do mar em 1362 metros.

A sua foz, na confluência com o Zambeze, está colocada em 17°, 49 de latitude, 25°, 23 de longitude, na altura de 940 metros do nível do mar. A extensão do seu curso é de 540

milhas geográficas, ou proximamente mil quilómetros. O seu desnivelamento da nascente à foz é de 422 metros, ou de um metro em cada 2369 metros de curso.

Os afluentes do rio Cuando, pela maior parte navegáveis, representam uma extensão de vias fluviais não inferior a mil milhas geográficas, ou proximamente mil e oitocentos quilómetros, que com o curso daquele rio perfaz um total superior a 1600 milhas, ou perto de três mil quilómetros. Estes algarismos enormes representam a importância daquela parte do planalto Africano.

Forçando a minha marcha, entre mil dificuldades, pude seguir a linha das nascentes do grande rio e os seus principais afluentes, que ficaram perfeitamente determinados nos seus cursos superiores.

Aos traçados hipotéticos, a que a maior parte dos geógrafos preferiam deixar na carta daquela parte de África um branco enorme, pude substituir um traçado firme e seguro do país ignoto.

O rio Queimbo, o Cubanguí, o Cuchibi e o Chicului, são todos rios navegáveis, banhando férteis países e

prometendo um futuro aquela parte do continente negro, livre do ze-ze, a mosca terrível, que corta cerce o porvir de muitos outros terrenos Africanos.

Agora, que em breves traços apresentei o grande e principal sistema de águas das terras compreendidas entre o Bihé e o Zambeze, vou sucintamente falar da sua orografia.

Para isso preciso antes dizer duas palavras da constituição geológica do solo, que facilmente explica os pequenos acidentes dele.

O solo Africano Austral é rocha das épocas primitivas. Se junto ás costas, nos terrenos baixos observamos os depósitos sedimentares, e o trabalho da água, eles acabam ali, para não deixar perceber mais do que a ação do fogo.

Os calcários terminam nas escarpas oeste das montanhas que formam os primeiros degraus do planalto. Sucede-lhes imediatamente o terreno plutónico, e encontramos até ao Bihé o granito primitivo, profusamente distribuído. Do Bihé para leste o granito vai desaparecendo, e além Cuanza é substituído pelos xistos argilosos, e micaxistos.

É sempre o terreno eruptivo, mas debaixo da ação do metamorfismo. Efetivamente, do Cuanza ao Zambeze o solo é metamórfico.

Sam xistos e micaxistos, tornados de tal modo plásticos, pela ação das grandes águas, que do Bihé ao Zambeze, se algum viajante tencionar um dia ali atirar alguma pedrada, eu recomendo-lhe, que leve pedras do Bihé e donde termina a região granítica, porque em todo o caminho que segui não encontra uma só.

A natureza do terreno explica por si mesma o seu pouco acidentado, e a falta de cataratas e rápidos nos rios desta região Africana. Em todo o caminho que segui há uma depressão constante no terreno até ao leito do Zambeze, formando uma inclinação suave. Esta depressão é de 292 metros, em 720 quilómetros, que medeiam da margem do rio Cuanza à planície do Nhengo.

A orografia daquela região é produzida pela ação da água, e perfeitamente marcada pelas depressões dos leitos dos rios.

30 a 40 metros acima do nível das águas correntes, se elevam sistemas de montes de cumeadas arredondadas e uniformes, acompanhando sempre sem exceção o curso das águas.

A flora que se nos apresenta no Bihé, e onde a planura atinge a sua maior elevação, mais pobre em árvores, mas riquíssima em arbustos e plantas herbáceas; na parte leste do país do Bihé, e sobre tudo além-Cuanza, já recupera, com a menor elevação do solo, toda a sua riqueza tropical.

A caça, que escasseia desde o país do Huambo até próximo da nascente do Cuando, reaparece abundante dali até ao Alto Zambeze. Seis raças perfeitamente distintas, e que os sertanejos da costa confundem debaixo do nome genérico de Ganguelas, assentam as suas povoações do Cuanza ao Nhengo.

O país a leste do Cuanza, na parte que é cortado pelos rios, Cuime, Onda e Varea, e os seus pequenos afluentes, é habitado pelos Quimbandes.

Do Cuito à nascente do Cuando, assentam as suas povoações os Luchazes. Os afluentes de E. do Cuando, este

mesmo rio, são povoados de gentes de raça Ambuela.

Como disse na minha narrativa, o país dos Luchazes está sendo invadido por uma emigração enorme de Quiocos ou Quibocos, que tendem a estabelecer-se nas margens do rio Cuito. Entre este rio e o Cuando e muito para o sul, o país, sem povoações fixas, é com tudo ocupado por uma grande população nómada, os Mucassequeres.

A margem sul do rio Lungo-é-ungo e os seus pequenos afluentes, são habitados por os Lobares. Três destas raças, os Quimbandes, Luchazes e Ambuelas, falam a mesma língua, o Ganguela, com pequenas modificações.

Os Quiocos e Lobares falam dialetos diferentes, e os Mucassequeres uma língua original, tão diversa das outras, que é impossível serem compreendidos de povos estranhos.

Os Quimbandes são indolentes e pouco guerreiros, pouco agricultores e pobres em gados, ocupando um país fertilíssimo, em todas as condições de dar a riqueza aos seus possuidores.

Formando federação, não deixam de andar em questões continuadas com os vizinhos da mesma raça.

Não são bravos, mas são ladrões, e atacam sempre as comitivas do Bihé que vão negociar cera mais ao interior, logo que essas comitivas são fracas e eles conhecem que podem vencer.

É certo, logo que desfila uma comitiva no país, estarem eles emboscados a contar as espingardas que traz, e o número de caixas de pólvora, que se distinguem pelo seu invólucro de pele de leopardo, costume adotado pelos sertanejos Bihenos.

Se alguém entrar no país dos Quimbandes com 50 espingardas e seis ou oito caixas de cartuxos, pode dormir descansado, que só terá deles amizade e respeito.

Os Luchazes, um pouco mais agricultores do que os Quimbandes, não possuem já rebanhos bovinos, e apenas há aqui e além algum gado caprino de inferior espécie.

Já cuidam de colher cera, e são um pouco mais industriosos do que os seus vizinhos de oeste.

Em quanto a valor e honestidade, orçam pelo mesmo. Constituídos em federação como aqueles, cada povoação

tem um chefe independente, um pequeno senhor, que não se dá ares de tirano com o seu povo.

Os Ambuelas, de muito melhor índole, não são nada guerreiros. Sam talvez a melhor gente indígena de África Austral.

Grandes cultivadores, não trabalham menos na colheita da cera. Sam pobres, podendo ser riquíssimos se tivessem gados.

Formam federação como os outros, mas os chefes conservam um pouco mais de independência.

Em geral, vi na África, que mais felizes e livres são os povos governados por pequenos senhores. Não se praticam ali as Cenas de horror tão vulgares nos grandes impérios regidos por autocratas.

Se o roubo é vulgar, é desconhecido ali o assassínio, ao passo que entre os grandes potentados o roubo vem depois do homicídio.

Sem pretensões a profeta, quero crer, que, um dia, será entre aqueles povos que se estabeleceram os mais seguros elementos de civilização Europeia na África.

É minha opinião, que nos países ocupados pelas confederações Africanas, regidos por pequenos régulos, de índole menos guerreira, por se reconhecerem mais fracos, é que deve entrar a civilização com mão forte, debaixo da forma do comércio, do missionário e do explorador.

Divirjo, por tanto, da opinião do mais ousado dos exploradores, do mais enérgico trabalhador Africano, do mais dedicado apóstolo da civilização do continente negro, do meu amigo H. M. Stanlei.

Diz ele, que devem os missionários atacar a África pelos grandes potentados.

Não penso assim, e o estudo dos factos demonstra-me o contrário.

O Matebele desde 25 anos que possui missionários Ingleses, e não há ali um só cristão! Se o chefe é catequizado, o seu povo obedece e finge seguir a lei de cristo.

É como a estátua de Nabuchodonosor, tem pês de barro aquela civilização.

Morra o chefe, venha outro que não queira trocar o harém onde ceva a brutal lascívia, pelo tálamo nupcial onde uma só esposa lhe acompanhe os passos na carreira da vida, e caiu o monumento, a civilização desfez-se, e não há amanhã um só cristão na igreja que hoje regurgitava de povo.

O comércio é bem recebido pelo grande potentado, porque representa interesses imediatos materiais de que ele colhe o fruto.

No Matebele, onde os missionários Ingleses não tem podido fazer escutar a doutrina de cristo, os negociantes Ingleses tem introduzido com o vestuário e com outras necessidades que tem sabido criar, uma civilização relativa.

Podem apontar-me o exemplo do Bamanguato, mas eu respondo com o que já disse. Morra o rei Khama, e vá ao poder um sova que não queira ser cristão, e todos os catequizados se esvaíram como fumo. Os negociantes continuaram o seu tráfico, mas o missionário terá de repetir com ele as orações do Domingo, ás pessoas de família que o rodeiam.

Digo-o sem receio de errar.

No Transvaal, entre pequenos régulos, vemos muitos indígenas que seguem a lei do Evangelho. No Basuto há cristãos convictos, independente da influência dalguns chefes que o não são.

Se os exemplos são estes, aqueles que veem no missionário o primeiro mensageiro da civilização Africana, que ataquem os pontos fracos do reduto, e não vão perecer ingloriamente onde o cruzamento dos fogos é mais ativo.

Eu sou apologista do missionário, merecem-me a maior consideração não só as missões, em si mesmo, mas os seus membros espalhados no meio dos povos bárbaros do continente negro. Tenho visto em quase todos os que conheço a tendência para seguirem um caminho diferente daquele que aponto.

Todos querem um grande número de adeptos para a catequese, sem olharem ao terreno em que semeiam.

Uma vez que incidentalmente falei dos missionários Africanos, vou rapidamente dizer duas palavras mais sobre o assunto, que me proponho a ratar um dia largamente em obra adequada.

Eu francamente não creio o cérebro do preto à altura de compreender um certo número de questões, comezinhas entre povos de raças evidentemente superiores.

As questões abstratas são sublimes e incompreensíveis a tão inferiores organizações.

Explicar teologia a um preto equivale a expor as sublimidades do cálculo diferencial a uma assembleia de campónios.

Mas, se o preto não está à altura de poder jamais compreender as verdades da religião de cristo, tem sem dúvida o sentimento do bem e do mal, e está nas condições de compreender os princípios de moral comum.

Marchem por entre os povos ignaros de África Central os missionários, sigam sem trepidar o caminho que lhes impõe a sua missão evangélica, mas desvendem os olhos.

Tomem para si o que há de abstrato na ciência de Deus, e não queiram ensinar aos negros o que há de sublime nela para cérebros mais bem organizados. Ensinem moral e só moral, com o exemplo e com a palavra; criem necessidades aos que a ignorância faz prescindir de tudo; criem-lhes

necessidades, que elas farão nascer o trabalho, e só por ele se regenera um povo.

Quero missionários, mas quero missionários do cristianismo e da civilização, homens que compenetrados dos seus deveres para com Deus e para com a sociedade, saibam firmar o edifício social em sólidas bases; ensinando o bem e o trabalho, e tudo o que o preto possa compreender; esperando a ocasião que o tempo, a civilização, não deixará de trazer, se ele bem trabalhar, para ir pouco a pouco incutindo nos ânimos as verdades da teologia e da moral.

Busque primeiro fazer do preto um homem, que tempo terá de fazer do homem um cristão. Seguir o caminho contrário é edificar na areia.

No correr desta obra terei ainda de falar nas missões Africanas, e falarei desassombradamente com a consciência de que presto um verdadeiro serviço à causa das missões e à causa da humanidade, apontando erros de que elas estão eivadas.

O homem que mais poderia coadjuvar o missionário em África seria o negociante.

Infelizmente o comércio sertanejo está em mãos de bem tristes apóstolos da civilização.

Já falei dos Portugueses, e com bem pesar meu tenho de meter estrangeiros em linha igual. Por um lado, a invasão do comércio pelos Árabes de Zanzibar não dá em civilização e cultura o que devia dar, porque a dissolução de costumes de tais gentes destrói tudo quanto o comércio adianta.

Por outro lado, os traders (traficantes) Ingleses, creio que deixam muito a desejar em moralidade, segundo ouvi dizer a missionários seus conterrâneos. Esta questão, do comércio sertanejo como meio civilizador, é questão que me proponho a tratar um dia, e que não é cabida aqui, onde só por incidente falei de missões e comércio.

Volvendo a entrar em assunto, dizia eu, que os países compreendidos entre o Cuanza e o Zambeze estão em condições de receberem com mais facilidade do que os outros povos que conheço em África, o impulso civilizador

que a Europa hoje se empenha em imprimir aos esquecidos povos do grande continente.

Deixando estes países, dos quais já falei detidamente nos anteriores capítulos, vou entrar no Alto Zambeze.

Até ali era eu o primeiro explorador a pisar aquelas paragens, o primeiro a descreve-las, o primeiro a apresentar uma carta geográfica que as representasse; ali havia sido já precedido por outro, e por outro que se tornou tão distinto na obra da civilização Africana, que ganhou um túmulo em Westminster Abei, e repousa hoje junto dos reis, dos grandes homens de Inglaterra. Vinte anos antes de mim, David Livingstone percorreu aquele país.

Nesse tempo era ele governado por outra raça, e eu fui encontra-lo em condições bem diferentes.

As condições de geografia física eram as mesmas; mas os geógrafos que seguirem outros, terão sempre retificações a fazer, terão sempre alguma coisa a acrescentar.

Entre a carta de Livingstone e a minha há diferenças que já deram nas vistas a alguns geógrafos Europeus.

Que o vulto respeitável do célebre explorador me perdoe se eu o contradizer em alguns pontos da sua geografia do Alto Zambeze. Era a sua primeira viagem, e o Missionário ousado estava longe ainda de ser o explorador geógrafo do futuro. Ele mesmo não se vexa de confessar que, nesse tempo, de balde tentou medir a largura do rio por um processo trigonométrico comezinho.

Da confluência do Liba à do Cuando, o Zambeze apenas recebe na margem direita dois afluentes, o Lungo-é-ungo e o Nhengo.

Quem viaja da Costa de Oeste vê logo, que entre o Nhengo e o Cuando nenhum rio pode existir. Assim pois o rio Longo, o Banienko, etc., são traços filhos de informações erróneas.

Na longitude do Zambeze, no paralelo 15, encontrei também diferença grande para oeste; notando-se que essa diferença envolve um erro manifesto; porque eu observava os reaparecimentos do primeiro satélite de Júpiter, e havendo erro da minha parte era esse erro prejudicial a mim, porque envolvia aproximação da determinação de Livingstone.

Cada quatro segundos que eu visse mais tarde o reaparecimento, era uma milha mais a favor dele.

O que poderia produzir um erro que me afastasse da posição determinada, era eu ver o satélite antes do reaparecimento, o que é materialmente impossível.

O curso do Alto Zambeze, na parte em que o visitei, isto é, do paralelo 15 à catarata de Mozi-oa-tunia, é dividido em quatro troços perfeitamente distintos. Do paralelo 15 (e mesmo muito mais do Norte) até próximo do paralelo 17, é perfeitamente navegável em todas as épocas do ano.

Aí começa a aparecer o terreno vulcânico, e com ele o basalto. É a primeira região dos rápidos e cataratas, onde fora um serio obstáculo, a grande catarata de Gonha; tudo mais com pequeno trabalho se tornava facilmente navegável, abrindo um canal junto de uma das margens. Mesmo em Gonha, era de pequena dificuldade profundar um canalete que existe na margem esquerda junto do caminho que segui por terra, e que vem designado na carta, por onde se escoam águas na época das cheias.

Da última catarata, Catima-Moriro, até à confluência do Cuando, torna o rio a ter uma navigabilidade fácil.

Daí para jusante novos rápidos vão terminar na enorme catarata de Mozi-oa-tunia, e essa região não poderá nunca ser aproveitada como via importante, porque uma série de abismos lhe corta um futuro melhoramento qualquer quanto a navegação.

No vale do Alto Zambeze há terrenos produtivos e férteis. Vastas pastagens alimentam milhares de rezes nos vales, acima e abaixo da região das cataratas. Na região montanhosa há a mosca Ze-ze, e torna-se difícil passar os gados de Lialui ao Quisseque.

Contudo, a mosca está concentrada nas florestas da região das cataratas, e para leste do Baroze não existe, porque os povos Chuculumbes são grandes pastores.

O vale do Alto Zambeze, cheio de beleza, fértil e rico, exala do seu seio envolto nos aromas das suas flores o miasma pestilente. Os Macololos foram dizimados pelas febres, e quando as azagaias do rei Chipopa libertaram o país dos

últimos conquistadores, já o clima tinha feito a sua obra de destruição.

Os Bihenos, que resistem ás febres de quase todos os países Africanos que visitam, são fulminados pelos miasmas do Zambeze.

No país entre o Bihé e o Zambeze, onde as caravanas se demoram muito tempo a permutar cera, é raríssimo haver um caso de febre no gentio Biheno; além da planície do Nhengo, multiplicam-se as sepulturas deles.

Veríssimo, indígena e possuindo uma organização refrataria ao miasma, Veríssimo, que nunca na sua vida estivera doente, não pode escapar ao clima do Baroze, e vimos no capítulo antecedente ser ele prostrado pela febre. Eu mesmo, que resisto bastante ás endemias Africanas, sentia respirar a morte com o ar que respirava ali.

Esta verdade, se tivera sido apregoada há mais tempo, teria poupado a vida à família Elmore, que só de abeirar-se ao país sucumbiu; porque o clima na região do Quisseque, e da confluência do Cuando até Linianti, não tem melhores condições de salubridade do que o Baroze.

Cumpro um dever falando bem alto a linguagem da verdade a respeito de um país que está merecendo a atenção da Europa.

Aí fica ela, e salva está a minha responsabilidade de informador consciencioso, para todas as desgraças, que aquela voragem ainda há de causar aos que não crerem.

Será por isso o Lui um país de que se deva fugir e ao qual ninguém se deverá abeirar? Não é, e eu vou procurar demonstrar, que ele deve merecer uma séria atenção, não só à Europa em geral, como muito particularmente a Portugal.

A África Austral, entre os paralelos 12 e 18, tem uma largura média de dois mil e seiscentos quilómetros, e a partilha das águas para as duas costas faz-se a um quinto desta extensão, junto à Costa de Oeste; porque se faz próximo do meridiano 18 E. Greenw., isto é, a 600 quilómetros apenas, da Costa Oeste.

Daí já se lançam dois rios, cujas águas se juntam ao Zambeze, o Lungo-é-ungo e o Cuando.

Antes de vermos a importância destes dois cursos de água, estudemos o próprio rio gigante, aquele que bebe as águas de todo o planalto Africano ao sul do paralelo 12 até ao paralelo 20, e a leste do meridiano 18.

O Zambeze divide-se naturalmente em três grandes troços perfeitamente distintos:

O alto curso, o curso medio, e o curso inferior.

O Alto Zambeze compreende o rio desde as suas nascentes, ainda ignotas, até à sua grande Catarata Mozi-oa-tunia.

O curso medio estende-se desde Mozi-oa-tunia aos rápidos de Cabrabassa; e o Baixo Zambeze daí ao Mar Indico.

Vejamos agora quais são as condições de navigabilidade de cada uma destas partes do rio, e qual a sua importância relativa, e a dos seus afluentes.

Já neste mesmo capítulo descrevi as condições do Alto Zambeze e por isso começarei por tratar do seu curso medio.

Conta ele de Mozi-oa-tunia a Cabrabassa uma extensão de 460 milhas geográficas, ou de 828 quilómetros, e divide-se

em duas regiões perfeitamente distintas, a superior e a inferior, cada uma das quais é extensa de 230 milhas, ou 414 quilómetros.

A região superior, que começa na grande catarata e termina nos rápidos de Cariba, não tem importância como via navegável, nem pelos afluentes que recebe, todos pequenos e inaproveitáveis à navegação.

Tem esta região alguns troços navegáveis, mas em pequenas extensões, e logo interrompidos com rápidos. A segunda parte do curso medio, de Cariba a Cabrabassa, está em condições bem diferentes, tanto por oferecer uma fácil navigabilidade como por os importantes afluentes que recebe do Norte. De um destes afluentes me ocuparei em breve.

O Baixo Zambeze, de Cabrabassa ao mar, conta uma extensão de 310 milhas geográficas, ou 560 quilómetros, onde apenas poucas milhas são ocupadas pelas cachoeiras de Cabrabassa; sendo o resto do curso navegável, ainda que em más condições, por falta de água na estação estia.

Esta parte do rio, mesmo nas más condições em que está da confluência do Chire a Tete, é ainda uma grande via por onde se faz todo o comércio do interior com Quelimane. Recebe ele um afluente importante, o Chire, magnífico rio, que da sua foz a Chibisa, não tem cataratas, sendo perfeitamente navegável. O Chire que vem do Norte, no seu terço medio corre a S.E. quase paralelamente ao Zambeze; e por isso de Chibisa a Tete apenas medeia uma distância de 65 milhas geográficas, ou 117 quilómetros, em terreno pouco acidentado, e que hoje, sem caminhos, se vence facilmente a pé em cinco dias.

Esta circunstância é muito para merecer a atenção; porque, sendo o rio Zambeze pobre em profundidade da foz do Chire a Tete, não o é do Mazaro ao mar; e assim, navegando-se por ele e pelo Chire até Chibisa, chegamos a 5 dias de jornada a pé, de Tete, com toda a rapidez que nos podem proporcionar aquelas magníficas vias. Os 117 quilómetros que separam Chibisa de Tete, podem ser vencidos num dia com uma simples estrada de rodagem, e em três horas com uma ferrovial.

Estão pouco ou nada estudados os rápidos de Cabrabassa, e não faço ideia até que ponto eles constituem um sério obstáculo à navegação, e se com pequeno ou grande trabalho se poderia remover esse obstáculo.

Sei porem, que a região que eles ocupam é pouco extensa, o que já constituí uma vantagem indiscutível.

Voltemos ao curso medio do Zambeze.

Recebe ele pelo norte dois importantes rios, o Aruangua do norte, e o Cafucué.

O primeiro, em cuja foz assentou outrora a importante e comercial vila do Zumbo, cujas ruinas atestam até que ponto a ousadia Portuguesa, ia fundar os seus mercados, introduzindo a civilização e o comércio nas mais remotas terras Africanas, é um rio volumoso em águas, mas, (dizem os sertanejos Portugueses) muito cortado de cataratas.

Seria contudo importantíssimo o seu estudo, ainda que não lhe vejo a mesma importância que tem o outro rio, o Cafucué, de que vou falar.

Os pombeiros Bihenos passam ao norte do Lui, atravessam o país dos Machachas, e encontram um rio enorme a que

eles chamam o Loengue. Esse rio é percorrido por eles nas suas viagens de tráfico, que o sobem até ás origens, e descem até à foz, onde toma o nome de Cafucué.

Alguns dos que estavam comigo fizeram muitas vezes essa viagem, e raro é o Biheno que não tenha estado em Caiuco.

Miguel, o meu caçador de elefantes, de quem mais de uma vez falei no correr da minha narrativa, passou dois anos naquele país caçando elefantes, e muitas vezes percorreu o rio embarcado de Caiuco a Semalembue; isto é uma distância que eu calculo grosseiramente em 220 milhas geográficas, ou 400 quilómetros.

De Lialui a Caiuco deve a distância ser de 220 quilómetros, porque é facilmente vencida pelos Luinas em dez dias, havendo exemplos de ter muitas vezes sido ganha em 8 e 7. Em virtude destes dados, lancemos um rápido golpe de vista ao estudo que temos feito do Zambeze, e reconheceremos que, numa extensão de 900 milhas geográficas, ou 1620 quilómetros, seguindo pelo Zambeze, Chiri-Tete, Cafucué ou Loengoe, a Caiuco e Lialui, temos apenas 18 dias de caminho por terra, 5 de Chibisa a Tete, 3 de Cabrabassa, e 10 de Caiuco a Lialui; representando uma

extensão de 400 quilómetros, e por isso sendo aproveitados 1220 quilómetros de vias fluviais perfeitamente navegáveis.

Voltemos agora ao Alto Zambeze, e vejamos quais as suas circunstâncias com relação aos seus afluentes. De um sabemos nos já que é navegável, o Cuando, mas sabemos também, que ele desagua entre duas regiões de cataratas; o que o isola das partes importantes do curso do Zambeze.

Mas da região que está entre a sua foz e o Lui, já disse que não vejo impossibilidade de ser facilmente tornada em via aproveitável; e logo que assim seja, e mesmo agora, poderíamos descer do Lui, e subir pelo Cuando até perto do meridiano 18.

Contudo, outro rio poderia fornecer-nos o meio de atingir aquele ponto mais direta e facilmente, se fosse navegável.

Era ele o Lungo-é-ungo.

O Lungo-é-ungo é a grande estrada dos Bihenos para o Alto Zambeze, e por isso muito conhecido deles. Afirmam-me, que não tem cataratas, e não deve tê-las, correndo em terreno igual ao do Cuando e do Ninda.

O seu desnivelamento é de 400 metros em 540 quilómetros de curso.

Dizem os Bihenos, e afirmaram-me os naturais, sempre que andei próximo desse rio, que ele não tem cataratas, como já disse, mas que por vezes a sua corrente é muito violenta, sendo preciso puxar as canoas à cirga. Sendo isto verdade, como suponho, chegaríamos do Mar Indico, quase à Costa de Oeste de África, apenas com 18 dias de caminho por terra, a pé! Isto é, numa extensão superior a dois mil quilómetros, apenas teríamos de caminhar em terra 400!

A exploração do Loengue ou Cafucué e a do rio Lungo-é-ungo são hoje das mais importantes a empreender na África Austral, e são relativamente fáceis e pouco custosas.

Não pude deixar de chamar a atenção para este ponto, que resolve o problema da fácil comunicação entre as duas costas.

Já vão longas estas divagações, num capítulo onde eu apenas tencionava apresentar os meus trabalhos geográficos e meteorológicos.

Nas seguintes páginas vai publicado desses trabalhos, o que eu julguei mais interessante para alguns leitores.

Ás observações iniciais de astronomia que me deram a determinação dos pontos do meu caminho, seguem-se aquelas que me permitiram fazer o relevo do continente. (*)

[(*) NOTA: Optámos por não incluir os vários gráficos feios por Serpa Pinto por serem demasiado grandes para este E-book.]

Vem depois as notas meteorológicas, com interrupções inevitáveis quando se é só a fazer um trabalho tal.

Constam elas de dois boletins, que registam as observações feitas 0 h. 43 m. de Greenwich, e ás 6 horas da manhã do lugar em que me achava, hora a que dava corda aos cronómetros.

O estudo desses boletins mostra sempre a grande uniformidade das oscilações barométricas, e as enormes desigualdades de temperatura e de humidade do ar nos países a que se referem.

Vê-se também, que os ventos reinantes são do quadrante Este em todo o país do Bihé ao Zambeze.

Como já tive ocasião de dizer, e bem se compreende ao ler a minha narrativa, não pude fazer coleções naturalistas, e apenas, aproveitando muito pouco papel de que podia dispor, levei das nascentes do rio Ninda algumas plantas, que estão em poder do Sr. Conde de Ficalho, para serem estudadas, e onde parece já terem aparecido algumas espécies novas.

É opinião do Sr. Conde de Ficalho, que o cereal muito cultivado entre os Quimbandes e Luchazes, a que eu chamo Massango, e erradamente chamei Alpiste, é uma espécie de Penicilária, a que chamavam outrora os botânicos Penicetum tifoideum.

Aquele que eu designo com o nome de Massambala é o Sorghum.

SEGUNDA PARTE

A FAMÍLIA COILARD

CAPÍTULO 1

EM LEXUMA

Foi tormentosa a noite que passei em Embarira. Assaltado por milhares de persovejos, e por nuvens de mosquitos, tive de abandonar a casa que me oferecera o chefe, e ir procurar ao ar livre um refúgio a tão cruel tormento. Ao incómodo produzido pelo ataque dos insetos vinha juntar-se a ansiedade da ideia de encontrar no dia seguinte um Europeu, um homem desconhecido, mas com o qual eu contava já para sair dos embaraços em que estava. Amanheceu finalmente o dia 19 de Outubro depois de uma longa noite não-dormida.

As primeiras notícias que pude colher foram de que o missionário estava a 12 ou 14 milhas dali, mas que do outro lado do rio Cuando vivia um Inglês.

Pedir uma canoa ao chefe para passar o rio foi o meu primeiro impulso, mas obtive a mais formal negativa, a

pretexto de que não havia canoa.

Depois de grande controvérsia, ele declara-me que me não deixa sair da sua povoação sem eu ter pago aos marinheiros uma certa porção de fazendas.

Chamei o Jasse e mostrei-lhe a impossibilidade de fazer pagamentos sem ter comunicado com o Inglês, e ter dele obtido fazendas para os fazer, porque eu nenhumas tinha.

Jasse reúne os marinheiros e o chefe e fala-lhes nesse sentido, mas nada obtém, e a recusa de me deixarem ir à outra margem do Cuando é formal.

Vendo que nada fazia, pedi-lhes que fizessem chegar um recado meu ao Inglês, e escrevi algumas palavras num bilhete de visita. Foi o Veríssimo o mensageiro. A má noite velada, e a febre constante prostraram-me. Deitei-me ao ar livre, esperando a resposta à minha mensagem.

Seria passada uma hora, quando apareceu diante de mim um homem branco. A sensação que experimentei ao ver um Europeu é indefinível.

O homem que eu tinha diante de mim poderia ter de 28 a 30 anos, e possuía um tipo perfeitamente Inglês.

Barba pouca e muito loura, olhos azuis, grandes e vivos, cabelo cortado rente e tão louro como a barba.

Vestia uma camisa de grossa tela, cujo colarinho desabotoado deixava ver um peito amplo e forte, como as mangas arregaçadas expunham à vista uns braços musculosos, queimados pelo sol Africano.

As calças de estofo ordinário estavam seguras por um forte cinto de couro, donde pendia uma faca Americana.

Nos pês sobre umas meias azuis de algodão grosso, uns sapatos que pelas costuras, todas feitas por fora, logo se via serem obra dele mesmo.

Disse-lhe quem era; expôs-lhe as minhas circunstâncias, e pedi-lhe para me ceder a fazenda de que eu precisava, a troco de marfim que eu lhe podia dar. Mostrei-lhe a necessidade que tinha de me libertar daquele encargo para escapar aquela gente e ir encontrar o missionário. Respondeu-me ele, que não tinha fazendas, que estava também sem recursos, e que só mandando eu a Lexuma as poderia obter.

O seu modo de falar e a delicadeza das suas frases mostravam-me logo, que aquele homem não era um ente vulgar. Ele dirigiu-se ao chefe, e convenceu-o a deixar-me ir à outra margem do rio, com a condição de que voltaria à noite para Embarira.

Partimos, e depois de atravessar um grande rio, aquele Cuando cujas nascentes eu havia descoberto, e determinado meses antes, chegámos a um pequeno campo onde nos apareceu outro branco.

Era homem de elevada estatura, de longa barba e cabelos brancos, que mostravam não uma idade proveta, desmentida pela agilidade do corpo e expressão da fisionomia, mas sim a velhice prematura, produto de longos sofrimentos e trabalhos.

Vestia como o primeiro, e só estava um pouco melhor calçado.

Conversámos sobre a minha posição, e vimos que eles nada podiam fazer por mim, porque estavam também sem recursos.

Fui bastante absoluto empregando a palavra nada, porque se não tinham outra coisa a dar-me, tinham um sofrível jantar, e eu tinha fome.

Depois de saciar o meu voraz apetite, combinei com eles escrever ao missionário, a pedir-lhe fazendas para o pagamento aos remadores.

Expedi um portador para Lexuma e voltei a Embarira, onde me deitei ao ar livre, com a lembrança da noite terrível da véspera.

Dormi a noite de um sono único e profundo. Ao amanhecer do dia 20, estavam junto de mim, vindas de Lexuma, as fazendas precisas para os pagamentos das tripulações. Paguei tudo, e obtive do chefe carregadores suficientes para levarem as minhas cargas e o marfim a Lexuma; escrevendo por eles ao missionário, a quem pedi hospedagem, e a quem pedia para pagar ali aos carregadores.

Ao meio-dia, uma ligeira piroga, impelida pelo remar de dois pretos, corria por sobre as águas do Cuando, levando ao seu bordo três homens brancos.

A piroga velha e rachada fazia muita água, e por isso o homem que ia na frente descalçara os sapatos que levava na mão, em quanto o da ré, acocorado, esgotava incessantemente a muita água que colhia o frágil batel.

O do meio, magnificamente calçado à prova de água, contemplava distraído o deslisar dos enormes crocodilos que flutuavam à merce da corrente, e pouco caso fazia da humidade da canoa.

Estes três brancos, reunidos ali, no centro de África, pelos azares das explorações, eram eu, o Dr. Benjamin Frederick Bradshaw, explorador zoológico, e Alexandre Walsh, zoologista também, preparador de exemplares e companheiro do doutor.

Chegados à margem direita, foi logo posta à minha disposição uma das três cubatas que eles tinham.

O Dr. Bradshaw, ótimo cozinheiro, como é hábil médico, sábio distinto, e caçador famoso, foi logo preparar um almoço de perdizes que ele tinha morto nessa manhã. O cozinheiro do doutor, um ativo Macalaca, deitado de peito

no chão, contemplava ao seu amo a trabalhar na cozinha, e contentava-se em o ver trabalhar.

O apetite, guardado desde a véspera, fazia dilatar as fossas nasais ao sentirem o cheiro delicioso que saía em condensado vapor das caçarolas do Dr. Bradshaw.

Três europeus atravessaram o rio

Os condimentos de que eu estava privado havia tantos meses, exalavam aromas deliciosos ao olfato de um faminto.

A cozinha estava feita, íamos para a mesa, onde havia uma grande panela de milho cozido em grão, e um alentado prato de caril de perdizes. Tínhamos dado a primeira garfada nos pratos, quando na barraca entrou um preto com um objeto envolvido em alva toalha de linho.

O Campo do Doutor Bradshaw

Vinha da parte do missionário Francês. Desdobrei a toalha, que continha um corpo bastante pesado, e fiquei comovido diante de um enorme pão de trigo, que tinha nas mãos.

Pão! Pão, que eu já não via há um ano; pão, que era para mim sempre a cada comida em que o não tinha, uma recordação saudosa; que era um sonho constante das noites de fome; do qual cheguei muitas vezes a ter um desejo imoderado, e pelo qual compreendi que se possa cometer um crime para o haver, quando privado dele por muito tempo.

As lágrimas vieram humedecer as minhas pálpebras ressequidas, e creio que foi aquela uma das mais violentas comoções que senti na minha viagem.

Esqueci um pouco as perdizes do doutor, para comer, com voracidade, daquele pão, que saboreava com delicias nunca experimentadas em gastronomia.

Foi Benjamin Bradshaw quem suspendeu o meu furor voraz, que me poderia ser fatal, e que me fez tomar uma ótima chávena de cacau, em seguida à qual um sono

profundo dormido numa barraca, livre do sereno da noite, veio restaurar as forças.

Toda a minha gente e as cargas tinham partido para Lexuma, ficando comigo apenas Augusto e Catraio e a mala dos instrumentos.

Amanheceu alegre o dia seguinte, que deveria ser um dos mais atribulados da minha vida.

Depois de um ótimo almoço de perdizes e chocolate, e quando nos deliciávamos a fumar o aromático tabaco do Chuculumbe, chegaram os carregadores que na véspera tinham partido para Lexuma, fazendo grande grita e dizendo, que não tinham sido pagos ali.

Admirou-me o facto, sobre tudo por o Veríssimo me não ter escrito, e por ter ido com as cargas o marfim que seria garantia a todo o pagamento que ali se fizesse.

Nós não tínhamos fazendas, e não sabíamos que fazer diante das exigências dos selvagens, que teimavam em que tinham sido roubados, porque tinham levado as cargas dali a Lexuma, e não tinham recebido o menor pagamento. Pouco depois, chegaram o chefe de Embarira Mocumba e

Jasse, que começaram uma questão fortíssima comigo e com os Ingleses, ameaçando-nos e dizendo-nos as maiores insolências.

Eu estava envergonhado e aflito por ver os Ingleses, que tanto me tinham obsequiado, metidos numa questão que me era particular, e serem insultados pela minha causa; mas impossível me tinha sido prever um tal acontecimento.

Depois de mil exigências a que era impossível satisfazer, eles com Jasse à frente declararam que iam a Lexuma reaver as bagagens e o marfim, e que tomariam conta de tudo até serem pagos; partindo em seguida, mas deixando ali o chefe Mucumba com um grande troço de gente a vigiar-nos.

Por conselho do Dr. Bradshaw, nós entrámos numa das barracas e posemos as armas à mão, prontos a uma enérgica defesa, em caso de um ataque provável.

Ao cair da tarde Mucumba começou a fazer uma grita enorme, e chamando a sua gente invadiu as duas barracas, levando de uma delas a minha mala dos instrumentos, que fez logo transportar ao barco e passar à outra margem.

Voltaram a cercar a terceira barraca, em que nós estávamos, exigindo que eu fosse com eles para Embarira. Receios de que os meus hospedeiros se expusessem pela minha causa a um perigo eminente, queria-me entregar ao gentio, e liberta-los de um conflito inevitável; quando o Dr. Bradshaw me pediu que o não fizesse, e declarou-me que me não deixaria partir, e que deveríamos resistir-lhes a todo o trance.

Na barraca estávamos quatro homens, três brancos e o meu Augusto, dispostos a vender caras as vidas, e era tal a nossa atitude que os gentios recuaram ante a ideia de um ataque que seria fatal a muitos. Depois de um conselho prolongado entre as cabeças, decidiram eles abandonar o campo e passar à outra margem.

Dava-me cuidado não ver o meu moleque Catraio, que comecei a supor teria sido feito prisioneiro, quando ele me apareceu na barraca, com o seu riso inteligente e velhaco, trazendo na mão os meus cronómetros, que tinha ido à outra margem buscar à minha mala, em quanto os Macalacas nos cercavam e ameaçavam. Mais uma vez

Catraio impedia que os cronómetros parassem por falta de corda.

Estávamos sós, mas muito apreensivos, porque o doutor, que conhecia bem os indígenas dali, dizia, que eles não passariam sem voltar à carga.

Pelas 9 horas da noite, chega ao campo o missionário Francês, François Coilard, e sabendo tudo o que se tinha passado, afirmou-nos que os carregadores tinham sido pagos generosamente em Lexuma, e que ele se encarregava de fazer ouvir razão ao chefe Mucumba.

No dia imediato, logo de manhã, o chefe Mucumba, Jasse e inúmeras gentes, passaram o rio e vieram ao nosso campo.

Mr. Coilard, que fala a língua do país como fala Francês ou Inglês, fez um discurso ao chefe de Embarira, mostrando-lhe a pouca-vergonha dos carregadores, que tendo sido generosamente pagos em Lexuma, vieram dizer, que nada tinham recebido, e que tinham sido roubados.

Mucumba entregou logo tudo o que tinha roubado na véspera, e deu muitas satisfações, fazendo recair a culpa sobre os seus homens que o tinham enganado. Quando

parecia que tudo corria bem e se havia harmonizado, apareceu Jasse levantando uma nova questão.

Queria ele, que eu pagasse aos seus moleques particulares que tinham vindo no seu serviço, e com quem eu nada tinha.

Eu argumentei-lhe com o caso da tripulação de um pequeno barco que do Quisseque viera em serviço dos outros remadores, e a quem eu nada tinha dado. Depois de um curto debate, habilmente dirigido por Mr. Coilard, ele recebeu duas jardas de fazenda para cada homem, e ficou terminada a questão.

Fomos almoçar satisfeitos, julgando que estariam terminados os incidentes desagradáveis daquele dia, mas não estava escrito no livro do destino que assim fosse.

Monsieur e Madame Coilard

Jasse voltou de novo à carga com nova exigência. Queria ele, que eu lhe pagasse e ao chefe Mutiquetera, a quem eu já havia pago com largueza.

Começou nova questão, em que de novo me prestou grande auxilio Mr. Coilard; sendo preciso para a terminar, o

prometer um cobertor a cada um deles.

Mandou logo Mr. Coilard a Lexuma um portador buscar os dois cobertores, e a fazenda que ele havia tirado da sua pacotilha, para pagar à gente de Jasse.

Assim terminou finalmente aquela série não interrompida de questões, para o que concorreu poderosamente a intervenção que nelas tomou Mr. Coilard.

Disse-me ele, que ia partir para o Quisseque, a receber a resposta do rei Lobossi ao seu respeito, mas que em 10 ou 12 dias estaria de volta; e por isso me pedia, que fosse esperar o seu regresso para Lexuma, onde me esperava sua esposa Madame cristine Coilard; e só então poderíamos discutir maduramente o que convinha fazer de futuro.

Resolvi seguir para Lexuma no dia imediato; porque queria determinar a posição daquele ponto, e fazer um certo número de observações.

Durante a noite tive um violento acesso de febre, e de manhã sentia-me muito mal.

O Dr. Bradshaw não me quis deixar partir sem tomar algum alimento, e por isso só as 10 horas pude deixar a margem

do Cuando. O doutor e o seu companheiro deviam abandonar aquele ponto no mesmo dia, e irem para Lexuma, porque as Cenas dos dias antecedentes aconselhavam-nos de evitar o contato com aquele gentio malévolo.

Eu parti por um calor de 40 grãos centígrados, num terreno arenoso, onde o caminhar era difícil. A febre tirava-me as forças, e mais me arrastava do que caminhava. O terreno era coberto de arvoredo, e elevava-se logo a partir da margem do rio. Depois de cinco horas de marcha lenta e penosa, encontrei um pequeno córrego, onde pude saciar uma sede ardente. Só duas horas depois cheguei a Lexuma. Eram 6 da tarde.

Num estreito vale de oitenta metros de largo, enquadrado em montes pouco elevados e de vertentes suaves, cresce uma erva grosseira e raquítica. Uma bela vegetação arbórea guarnece as montanhas que enquadram o pequeno vale, que se estende na direção N.S. Na encosta de E. algumas barracas aglomeradas formam o estabelecimento de um sertanejo Inglês, Mr. Filips.

Em frente a Oeste, duas aldeias abandonadas são a feitoria de George Westbeech.

Ao N. das aldeias de Mr. Westbeech, uma forte paliçada cerca um terreno circular de 30 metros de diâmetro, onde havia uma casinha de colmo, dois wagons, ou carretas de viagem, e uma barraca de campanha. Era o acampamento da família Coilard, era Lexuma enfim.

Entrei ali no recinto velado pela alta estacaria de madeira, com o corpo extenuado pelo cansaço e o espírito abalado pela comoção violenta que sentia.

Diante de mim, à porta da casinha de colmo, estavam sentadas duas damas, bordando a cores em grossa talagarça.

Ao ver aquelas damas ali, no centro de África, a minha comoção foi indescritível.

Acampamento da família Coilard em Lexuma

A receção que me fez Madame Coilard foi aquela que faria a um filho, se esse filho fora eu. Com uma delicadeza extrema, pôs-me logo perfeitamente à vontade, e disse-me, que ainda não tinham jantado, porque esperavam por mim para pôr-se à mesa. Convidou-me a entrar na barraca de campanha, onde uma mesa coberta de fina e alva toalha sustentava um serviço modesto, contendo um jantar suculento. Em frente de mim sentava-se Madame Coilard; ao meu lado Mademoiselle Elise Coilard, sobrinha dela, de

olhos baixos e fisionomia rubra de pudor, por ver um estrangeiro desconhecido entrar tão de golpe na sua vida íntima e velada, espalhava em torno de si esse perfume de candura que cerca e envolve a mulher formosa aos dezoito anos.

Interior do campo de Monsieur Coilard em Lexuma

Madame Coilard multiplicava-se em cuidados extremosos, e pelo fim do jantar eu comecei a provar uma sensação

estranha. Aquelas damas, o jantar, o serviço, o chá, o assucar, o pão, tudo enfim se me baralhava na mente com traços mal definidos. Cheguei a não poder formular uma só ideia, e a recear, que a cabeça enfraquecida não pudesse suportar as impressões daquele momento.

Não tenho a consciência de ter terminado aquele jantar, sei apenas que me achei só na barraca. Então um abalo violento sacudiu todo o meu corpo; um soluço tolheu-me o ar na garganta, e as lágrimas saltaram ardentes dos meus olhos desvairados, banhando-me as faces que queimavam de febre. Chorei e chorei muito, não me envergonho de o dizer, e creio que aquelas lágrimas foram a minha salvação.

Se eu não tivesse chorado, teria talvez enlouquecido.

Que se riam aqueles que acharem ridículas as lágrimas num homem; pouco me importa o seu motejar estólido. Infeliz de quem não encontra nos sentimentos do coração o choro que vem marejar nos olhos, e o soluço que estrangula a fala, mais verdadeiras provas da gratidão sentida, do que as frases mais eloquentes em protestos fervorosos.

Eu, por mim, não me envergonho de ter chorado, e feliz serei se poder ainda chorar em iguais trances.

Quanto tempo estive naquele estado de excitação não o sei eu; mas, muito tempo depois, entravam as damas na barraca e preparavam-me uma cama com cuidados extremos.

A aparição das duas carinhosas senhoras veio trazer nova perturbação ao meu espírito. Eu não sabia que dizer-lhes, e creio que só lhes dizia disparates.

Foi mesmo sem consciência do que fazia que eu lhes narrei um boato ouvido de manhã em Embarira, que apregoava ter havido um grande incendio no Quisseque, nas casas do chefe Carimuque, e terem sido ali presa das chamas as bagagens do missionário.

Deitei-me e creio que dormi.

Ao alvorecer da manhã seguinte, as Cenas da véspera desenhavam-se confusamente na minha imaginação enfraquecida.

Parecia-me um sonho tudo o que se passava naquele sertão longínquo.

Levantei-me, e ao ver que era realidade o que me cercava, o meu espírito volveu de novo a um deplorável estado de perturbação.

Maquinalmente, sem a menor consciência dos meus atos, por um poder filho do hábito, dei corda e comparei os cronómetros, fiz as observações meteorológicas, e registei tudo no meu diário.

Pouco depois, Mademoiselle Elisa, com a sua touca e avental branco, entrava risonha na barraca, e vinha cuidar dos aprestes da mesa para o almoço.

Madame Coilard continuou envolvendo-me dos maiores desvelos.

Não posso ainda hoje explicar porque produziam em mim, espírito forte, uma tal impressão aquelas damas; mas é certo que a sua aparição produzia-me logo uma espécie de delírio.

Passaram dois dias que eu não sei como foram passados; no fim deles sucumbi. A febre apossou-se de mim com violência assustadora, e com ela veio o delírio. O meu

estado era grave, mas dois anjos velavam à minha cabeceira.

A 30 de Outubro, o delírio deixou-me um momento de lucidez. Conheci que a vida estava apenas presa por um fio a um corpo despedaçado pelas fadigas e fomes da jornada, e pensei que não me levantaria mais.

Nesse dia entreguei a Madame Coilard os meus papéis, pedindo-lhe que os fizesse chegar com segurança ás mãos do Governo de Portugal.

O Dr. Bradshaw fizera-me repetidas visitas durante os dias antecedentes, e empregara toda a sua ciência médica para me salvar.

Contudo a febre não cedia, e o estômago não suportava medicamento algum. Decidi eu mesmo tentar um último esforço, e comecei a dar repetidas injeções hipodérmicas com fortes doses de quinino.

A 31 fiquei espantado de ainda estar vivo, e redobrei a dose do quinino pela absorção hipodérmica. O Dr. Bradshaw aconselhou-me e fez-me tomar uma forte dose de

laudanum. A 1 de Novembro, começaram a manifestar-se as primeiras melhoras.

Nunca estive cercado de tão extremosos cuidados como ali.

As melhoras continuaram rápidas no dia seguinte, em que já me pude levantar um pouco. Pareceu-me perceber que não sobravam muito os víveres, e isso tirou-me um pouco o sono durante a noite. Na madrugada seguinte, quando ainda tudo dormia no campo, levantei-me cauto e fui chamar os meus pretos.

Saí com eles cambaleando ainda nas pernas debilitadas, e internei-me na floresta, sem que alguém desse fé da minha escápula. Pela tarde voltei com os meus homens curvados ao peso da caça que tinha morto. Madame Coilard estava aflita, pensando que eu havia abandonado o campo para sempre, e fui recebido com a maternal censura de quem ralha em família.

Como em todas as minhas doenças graves, não tive convalescença, e a minha forte organização fez-me passar do estado valetudinário ao perfeito estado de saúde, em transição rápida.

Com a robustez do corpo veio o sossego do espírito, e só então pude encarar refletidamente a posição em que o destino me colocara. Pela conversa repetida com Madame Coilard, pude perceber que não sobravam recursos ao missionário. O meu marfim, bem pago, mas pago em fazendas a que os agentes da casa Westbeech and Filips deram subido e exageradíssimo valor, pouco produziu. Madame Coilard só via um meio de sairmos do apuro em que estávamos, e esse era, o de nos não separarmos, por não ser possível dividirem comigo os poucos recursos que tinham.

Contudo, esperávamos a volta do missionário, do Quisseque, para tomar uma resolução definitiva.

A ideia de ficar com eles aterrava-me.

Havia ali uma formosa criança, que impressionava a cada momento a minha imaginação ardente de Português.

Ser-me-ia possível, num viver tão íntimo, num isolamento tão grande, impedir que uma fala escapada num momento de loucura, um olhar vibrado num lampejo de delírio,

fossem ofender a casta menina, descuidosa na sua inocência cândida?

Tremia por mim e por ela.

Decidi, pois, fazer um estudo de mim mesmo até à volta do missionário, e calcular bem até que ponto eu seria capaz de ser honrado.

Passei três dias atribulados no estudo que fazia do meu espírito. Poderia eu namorar-me daquela meiga criança? Decerto não; e a lembrança sempre viva de uma esposa idolatrada, era segura garantia aos meus sentimentos.

Mas, se o coração estava defendido, não o estava a imaginação férvida, e podia, num momento de desvario, com uma frase imprudente, cometer uma infâmia-porque infâmia seria fazer subir o pejo ao rosto daquela em cuja casa eu tinha sido recebido com a intimidade de um filho.

Além disso, o meu dever era ainda maior. Era preciso evitar a todo o custo, que a fama das proezas que os meus de mim apregoavam; que a posição, um pouco romântica, em que eu me achava entre aquela família; não fossem

impressionar a novel imaginação dos dezoito anos de uma mulher.

Poderia eu sustentar durante meses o papel de uma reserva absoluta, na grande intimidade da vida que ia levar?

Um dia pensei que era capaz de o fazer, e desde esse dia tracei a minha conduta futura, de que não arredei um só passo.

Muitos meses depois eu tinha sido compreendido por uma mulher, que soube ler no meu íntimo com essa fina perspicácia que só elas possuem para ler nos arcanos da alma os mais recônditos sentimentos; e não hesito em dizer, que fui compreendido por Madame Coilard, porque, na véspera da nossa separação, ela escreveu no meu diário um versículo do Salmo 37, que me revelou o seu pensamento.

Estava resolvido a ficar com eles, quando más novas chegaram do Quisseque.

Mr. Coilard confirmava, numa longa carta escrita a sua esposa, o boato do incendio a que já me referi.

Tudo quanto ele tinha em casa do chefe Carimuque fora presa das chamas, e isso vinha ainda complicar a situação,

diminuindo o seu haver.

Além desta, outra notícia veio consternar mais a bondosa esposa do missionário. Dizia ele que Eliazar, o homem que estava em Quisseque e de quem já falei, fora atacado de um acesso de febre de mau carater, e estava em perigo.

Madame Coilard muito afeiçoada aquele Catequista, que fora outrora seu servidor, ficou desde esse momento em cuidados extremos.

Dois dias depois, a 6 de Novembro, uma nova carta do missionário veio aumentar a tristeza que reinava no acampamento de Leshuma. Eliazar estava pior e receava-se que não pudesse salvar-se.

No dia 7, eu tinha ficado levantado até tarde da noite, por ter a fazer observações astronómicas; ficando comigo as duas senhoras, em conversa cujo assunto era o missionário e a doença de Eliazar.

Madame Coilard disse-me, que tinha um forte pressentimento de que o seu marido chegaria naquela noite. Propôs-lhe irmos ao seu encontro, e tendo sido aceite

o alvitre pelas duas corajosas damas, posemo-nos a caminho de Embarira.

A um quilómetro do acampamento, eu que caminhava adiante delas, preveni-as de que sentia rumor de gente na floresta; mas julgaram ser engano, porque ainda um quilómetro além ninguém encontrámos. Contudo, eu sabia não me enganar, porque mais de uma vez um rumor mal definido e só percetível a ouvidos de sertanejo, tinha chegado até mim. Sem isso não teria animado aquelas damas a esperar numa floresta povoada de feras, e onde me sentia pouco à vontade pela responsabilidade que tomava.

Pelas onze e meia, o rumor que por vezes percebi tornou-se distinto para os meus ouvidos, e não duvidei afirmar que gente calçada caminhava no trilho que seguíamos. Pouco depois alguns vultos apareceram na sombra, e o missionário, acompanhado de dois ou três pretos, estava diante de nós.

Madame Coilard procurava em vão alguém junto do seu marido. Esse alguém faltava. Mais uma sepultura tinha sido

cavada no alto Zambeze, mais uma lição estava dada aos imprudentes que se arriscam naquele país da morte.

Voltámos tristes e silenciosos ao campo de Lexuma.

No dia imediato tive uma larga conversa com Mr. Coilard. O que eu previa já era realidade. O missionário, falto de recursos, não me podia dar o suficiente para eu fazer a viagem até ao Zumbo.

Discutimos largamente todos os alvitres, e a única possibilidade de êxito era não nos separarmos e seguirmos juntos até ao Bamanguato, onde eu poderia obter meios de seguir avante. Ele tinha pressa de partir, porque além de não serem fartos os meios para uma espera qualquer, Lexuma era-lhes fatal. Duas sepulturas de dois dos seus mais fiéis servidores tinham sido abertas ali.

Contudo, eu queria ir visitar a grande catarata do Zambeze, e ficou combinado que ele me esperaria até ao regresso, o que importava uma demora de 12 a 15 dias.

Ficou decidido que eu partisse para Mozioatunia no dia 11, e Madame Coilard, com maternal solicitude, começou logo a tratar dos meus aprestes de viagem.

No dia 10, uma forte tempestade caiu sobre nós, e sobreveio-me um acesso de febre. Veríssimo também adoeceu com febre. Este estado de tempo e de doença continuou no dia 11, impedindo-me de realizar o projeto de seguir nesse dia para as cataratas.

No dia 12 eu estava melhor, mas o Veríssimo tinha piorado, sendo necessário renunciar à partida ainda nesse dia.

Então o missionário propôs-me seguirmos todos a 13 para o kraal de Guejuma, e dali seguir eu ao destino projetado.

Efetivamente, ás 10 h. e 20 m. da noite de 13, deixámos o campo de Leshuma. Era difícil o jornadear por entre a floresta com os pesados wagons. A cada passo um tronco de árvore ou um penedo travava as rodas, e era preciso cortar o tronco ou remover a pedra. O meu Augusto, usando da sua força atlética, fazia verdadeiros prodígios.

Só ás 6 horas da tarde do dia 15 podemos alcançar o kraal de Guejuma, tendo jornadeado noite e dia apenas com pequenos descansos, para os bois pastarem e nós repousarmos. Não há água entre estes dois pontos, e ainda que tínhamos uma escassa provisão para nós, os pobres

bois passaram três dias sem beber. Por isso, logo que chegámos a Guejuma, eles faziam esforços inauditos para se libertarem dos jugos e correrem ás lagoas de péssima água, que abastecem aquele kraal, estabelecido pelos sertanejos Ingleses para repousar e terem os gados, que não podem guardar em Leshuma por haver ali a terrível mosca ze-ze.

O nosso caminho foi por uma planície arenosa e húmida, onde os wagons se enterravam dando grande canseira aos bois.

Apesar do mau estado da minha saúde, determinei seguir no dia imediato para as cataratas, e Madame Coilard não deixou um momento de se ocupar das minhas provisões de viagem.

Não me foi possível encontrar um guia, mas apesar disso, não vacilei um instante em partir.

CAPÍTULO 2

MOZIOATUNIA

Logo na manhã do dia 16 fiz os meus preparativos de viagem, e bem pouco trabalho tive, porque Madame Coilard já tinha preparado a parte mais importante deles, a dispensa; tendo eu mesmo de entrevir, para mostrar a impossibilidade de levar tudo o que ela queria que eu levasse, pois que não tinha como carregadores mais do que dois homens, Augusto e Camutombo.

Comigo deveria partir toda a minha gente que eu não quis deixar em Guejuma, receoso de que algum fizesse disparte na minha ausência. Ficaram apenas as minhas bagagens, a minha cabrinha Córa e o meu papagaio Calungo.

Para a África não serve muito o rifão Europeu que diz, "quem tem boca vai a Roma;" mas sim outro se pode inventar para ali, e é ele, que "quem tem bússola vai a toda a parte."

Monsieur e Madame Coilard estavam verdadeiramente aflitos por me verem partir sem guia e a pé Mal sabiam eles quanto me era socia a floresta Africana e como eu sabia andar nela.

Outro motivo de aflição para eles era, a dúvida em que estavam de que me não viesse a faltar água no caminho, por eu não ter meio de conduzir nenhuma, e ser o país em extremo seco. Tranquilizei-os como pude, assegurando-lhes, que não contava morrer de sede.

Como eu devesse demorar-me de 12 a 15 dias naquela excursão, ficou combinado, que eles partiriam para o kraal de Deica, onde eu deveria ir encontra-los.

Finalmente, depois de mil demonstrações da mais afetuosa amizade, parti ás 10 horas, sendo acompanhado durante um quilómetro por Mr. e Madame Coilard, que então se despediram de mim, e voltaram ao kraal.

Segui sempre ao Norte na planície, e uma hora depois encontrei uma emaranhada floresta, em que me embrenhei, para não alterar o meu rumo. Depois de caminhar por quarenta minutos na mata, deparei com uma pequena lagoa de água cristalina, e parei junto dela para deixar passar as

horas de maior calor. A esse tempo uma trovoada longínqua fuzilava ao norte, deixando mal ouvir o rebombar dos trovões.

Deixei aquele ponto ás 2 horas, a tempo que se formavam em todas as direções trovoadas ameaçadoras. Ás 4 horas, encontrei um trilho de caça muito seguido de fresco, e indo por ele à descoberta, fui dar a um grande charco lodoso, habitual bebedouro de feras. Acampei ali, e tratámos de construir abrigos contra a chuva que ameaçava cair em abundancia.

Os pedómetros anunciavam a marcha de nove milhas geográficas.

Na manhã seguinte, parti ás 6 horas, e sustentei marcha de 4 horas, interrompida apenas por uma pequena demora, proveniente de um forte chuveiro que caiu pelas sete horas e meia. Parei para comer junto de uma lagoa que dá nascença a um riacho correndo a E.S.E.

Ao meio-dia, segui a N.N.E., mas tive que sustar a marcha ás 3 horas, porque os meus já não podiam dar um passo, tendo os pés despedaçados, pela pedra miúda e solta que

encontrávamos desde a 1 hora, no terreno já bastante acidentado.

Eu mesmo, doente e fraco, já não podia suportar as grandes marchas que antes fazia.

Durante a última parte da marcha atravessei três pequenos riachos, que correm a S.E. em leitos basálticos.

As montanhas pedregosas, mas cobertas de vegetação arbórea, correm também a S.E., e não apresentam elevações, acima dos vales, maiores do que 50 metros.

Acampei junto a um pequeno depósito de águas pluviais.

Na manhã seguinte continuei a jornada, sempre em terreno pedregoso e acidentado. Atravessei florestas muito espessas, mas onde se não encontram os gigantes vegetais peculiares à flora intertropical.

Ainda nessa manhã passei dois córregos correndo a S.E.

Desde a véspera caminhava eu em terreno de formação vulcânica. Passou por ali uma revolução enorme, que deixou profundamente assinalada a sua passagem com traços indeléveis, em gigantescas obras de basalto.

No leito dos ribeiros e na escarpa das montanhas, o sol dardejando os seus raios sobre a pedra cor de fogo, faz parecer, que ainda ali correm ondas de lava.

Eu achava-me em boa saúde, mas os meus dificilmente podiam caminhar descalços, por sobre a pedra cortante. Fiz apenas marcha de quatro horas, e fui acampar junto de um ribeiro; tratando logo de construir abrigos para nos acolhermos de uma tempestade iminente.

O sítio do meu acampamento era lindíssimo. Um ribeiro de água cristalina correndo ao N., ficava-me por oeste. Um cômoro coberto de frondoso arvoredo embelezava a leste a paisagem.

No limitado vale, árvores enormes de muito diferentes proporções das que até ali encontrara, cobriam o meu campo formado de quatro pequenas barracas.

Do norte, muito ao longe, o vento trazia um ruido semelhante ao ribombo de mil longínquos trovões. Era Mozioatunia no seu bramir eterno.

Saí a caçar e encontrei profusão de francolins, de que fiz boa provisão.

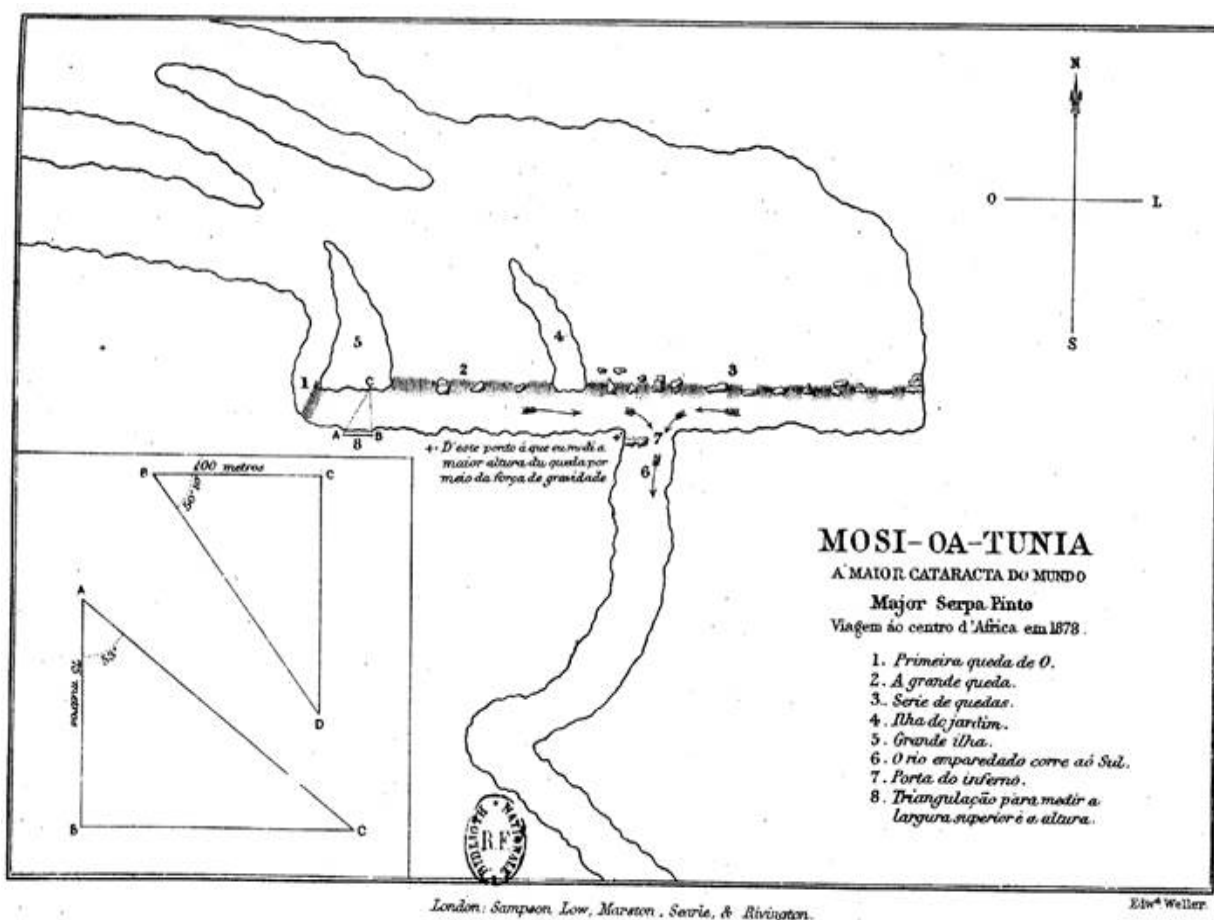
Matei também uma lebre, muito diferente das da Europa nas cores do pelo, menor em tamanho, mas igual em formas. Tornava-se muito distinta, por ter o dorso e as orelhas quase pretas, e o ventre e cabeça de um amarelo de ocre muito carregado, e pintado de manchas negras.

De volta da caça, observei no meu campo um caso muito singular.

Vi milhares de termites trabalhando ao ar livre, e sem o menor cuidado de cobrirem o seu caminho, já nas árvores já na terra. Passei uma ótima noite, depois de um bom jantar de perdizes.

No dia imediato, logo à saída, passei um pequeno ribeiro que corre a N.O., e depois de se juntar aquele em cuja margem acampei, corre como ele ao N. Segui sempre o curso desse ribeiro num vale pedregoso e árido, e depois de três horas de marcha parei, para descansar e comer o resto das perdizes mortas na véspera. Segui ao meio-dia, mas, uma hora depois, tive de parar.

Muitas trovoadas, que desde manhã fuzilavam perto do horizonte em todas as direções, subiram aos ares e vieram estacionar sobre mim. Uma chuva torrencial caía, ou antes

batia, sobre nós, tocada por um vento rijo de N.N.E. Os nimbus espessos e negros, pairavam perto da terra e despediam das suas entranhas carregadas de eletricidade, torrentes de água e torrentes de fogo.

Mapa de Mozioatunia

Como eu disse, o sítio em que caminhava era um vale profundo despovoado de árvores. Montículos de rocha terminados por vértices pontiagudos, atraíam o raio que os abrasava com o seu fogo potente. Uma faísca veio esmigalhar um penedo a pouca distância de mim.

Era um espetáculo tremendo e horroroso. Vi ali pela primeira vez o raio dividir-se. Uma faísca separou-se próxima da terra em cinco, que partiram quase horizontalmente a ferir cinco pontos diferentes; algumas vi separarem-se em quatro, em duas, e três, quase todas.

Ziguezagues de fogo cruzavam os ares em todas as direções, e abrasavam a atmosfera. É preciso ter-se assistido a uma trovoada nos sertões da África Austral, para bem se fazer ideia do que seja uma tempestade medonha.

A minha gente prostrada por terra, horrorizada e escorrendo em água, estava transida de frio e medo. Eu gracejava com eles e procurava anima-los, mostrando uma tranquilidade que estava muito longe de ser verdadeira.

Uma hora depois a tormenta, como que fatigada do seu pelejar insano, foi diminuindo de intensidade, e eu pude pôr-me a caminho ás 2 horas e meia.

Ás três horas tive de parar, obrigado por uma forte chuva que não se demorou muito em passar.

Pelas 5 horas passava em frente da grande catarata e acampava a montante dela, aproveitando umas barracas que ali encontrei e reconstruí.

Durante a noite uma nova tormenta caiu sobre o meu campo, e muitas árvores foram derrubadas pelo raio. A chuva torrencial inundou as barracas, apagou os fogos e molhou tudo e a todos. Durou esta tempestade até ás 4 horas da manhã, hora a que cessou quase de repente.

Foi aquela uma noite cruel. Ali já ao estampido dos trovões se juntava o bramir da catarata, e era qual produziria sons mais roucos e medonhos.

O dia amanheceu chuvoso, e até ás 9 horas foi impossível sair das barracas.

A essa hora rasgou-se o céu nublado, e o sol veio iluminar a esplêndida paisagem. Contudo era difícil caminhar num terreno encharcadíssimo e lodoso.

Uma forte apreensão me perturbava o espírito. A chuva da noite estragava o pão e mais provisões dadas por Madame

Coilard. Os mantimentos chegariam ainda para dois dias, mas não podiam ir mais além. Eu tinha contado com dois recursos, a caça e os Macalacas da outra margem, que me venderiam massango.

Era porem impossível caçar por tal tempo, e os Macalacas que passaram o rio pediam tais exorbitâncias por pequenos pratos de massango, que me não era dado adquiri-los.

Ao meio-dia cheguei à extremidade oeste da grande catarata. O Zambeze duas milhas a montante da queda corre a E.N.E., e vai encurvando a E., direção que leva no momento de encontrar o abismo em que se precipita.

Mozi-oa-tunia, ou Mezi-oa-tuna? Não sei, e ninguém o sabe. No país uns dizem um nome, outros o outro.

Antes que os Macololos tivessem invadido o país ao norte do Zambeze, os Macalacas chamavam Chongue à grande catarata.

Vieram os Macololos e poeram-lhe um nome da língua Sesuto que eles falavam.

Os Macololos desapareceram e o nome ficou, como ficou aos povos conquistados a língua dos invasores.

Um pouco corrompido, é verdade, mas sempre subsistindo, o Sesuto é a língua oficial do Alto Zambeze.

Mezi-oa-tuna quer dizer em Sesuto "a água enorme," e ainda que a frase pareça um pouco disparatada, esta composição é vulgar entre as línguas bárbaras da África Austral, para exprimir uma ideia, que a pobreza das línguas só poderia exprimir por uma longa frase. Assim pois, pode bem ser que seja Mezi-oa-tuna, o nome posto pelos Macololos à grande catarata.

Mozioatunia. A queda de oeste

Eu contudo inclino-me à opinião de Madame Coilard, que conhece a fundo a língua Sesuto, de que seja Mozi-oa-tunia, o nome dado outrora pelos guerreiros de Chebitano à maravilha do Zambeze.

Efetivamente, Mezi-oa-tuna era uma frase nova, uma composição de palavras feita expressamente, ao passo que Mozi-oa-tunia é uma frase já feita, quotidiana, vulgar na língua dos Basutos. Quando o marido volta a casa e pergunta à mulher se a comida está ao fogo, ela responde-lhe "mozi-oa-tunia," "o fumo se levanta." Assim pois é mais de supor que fosse este último o nome dado pelos estrangeiros à catarata, por ser frase vulgar entre eles, e ser bem apropriada à ideia.

Mozi-oa-tunia não é mais do que uma longa cova, um sulco gigantesco, aquilo para que se inventou a palavra abismo, mas abismo profundo e imenso, onde Zambeze se precipita numa extensão de mil e oitocentos metros.

O corte das rochas basálticas que formam o paredão norte do abismo, é perfeitamente traçado na direção E.O., e tem uma extensão de mil e oitocentos metros.

Paralelo a ele, outro enorme paredão basáltico distanciado na parte superior, ao mesmo nível, de cem metros, forma o outro muro do abismo. Os pês destas moles enormes de basalto negro, formam um canal por onde o rio corre depois de se despenhar, canal que é decerto muito mais estreito do que a abertura superior, mas cuja largura é impossível medir.

No paredão do sul, proximamente a três quintas-partes dele, a África foi rasgada por outra fenda gigantesca perpendicular à primeira; fenda que primeiro se encurva a oeste, e vergando depois pelo sul a leste, vai conduzindo em caprichoso ziguezague o rio, que ela la no fundo aperta em estreito abraço de rochedos.

Na catarata o grande paredão do norte onde o rio se despenha é em partes perfeitamente vertical, apresentando apenas as saliências e escabrosidades das rochas.

Uma enorme convulsão vulcânica fendeu ali a terra, e produziu aquele abismo enorme, em que se veio precipitar

um dos maiores rios do mundo. Decerto o trabalho potente da água já modificou muito a superfície das rochas, mas não é difícil ao olho observador, o perceber bem, que aquelas escarpas profundas, distanciadas hoje, foram despegadas umas das outras.

O Zambeze, encontrando no seu caminho aquela voragem, abisma-se nela em três cataratas grandiosas, porque duas ilhas, que ocupam dois grandes espaços no paredão do norte, o dividem em três ramos.

A primeira catarata é formada por um braço que passa ao sul da primeira ilha, ilha que ocupa no retângulo que desenha a forma superior da fenda, o extremo oeste.

Este braço precipita-se por isso no pequeno lado oeste do retângulo.

Tem sessenta metros de largo e oitenta de queda vertical, caindo numa bacia donde a água vai procurar o fundo do abismo e unir-se ás outras em rápidos e cascatas quase invisíveis pela espessa nuvem de vapor que envolve tudo lá em baixo.

A ilha que separa aquele braço do rio é coberta de vegetação frondosa, vegetação que se estende até ao ponto onde a água se despenha, produzindo uma paisagem surpreendente.

É esta a menor das quedas, mas é a mais bela, ou antes a única que é bela, porque tudo mais em Mozi-oa-tunia é horrível. Aquela voragem enorme, negra como é negro o basalto que a forma, escura como é escura a nuvem que a envolve, teria sido escolhida se fosse conhecida nos tempos bíblicos, para imagem do inferno, inferno de água e trevas, mais terrível talvez que o inferno de fogo e luz.

Para aumentar o sentimento de horror que se experimenta diante daquele prodígio, até é preciso arriscar a vida para a poder ver. Vê-la! Impossível; Mozi-oa-tunia nem se deixa ver.

Ás vezes, lá no fundo, por entre a bruma eterna, percebem-se formas confusas, semelhando ruinas medonhas.

Sam pontas de rochedos de enorme altura, onde a água, que os açouta, partindo-se em glóbulos se torna nuvem, nuvem eterna, que constantemente alimentada tem de pairar sobre o rochedo em que se formou, em quanto a água cair e o rochedo se erguer ali.

Em frente da ilha do jardim, no meio de um arco-íris, concêntrico a outro mais desvanecido, vi eu por vezes, ao ondular da bruma, desenharem-se confusamente, uma serie de picos, semelhantes aos miranetes de uma catedral fantástica, que a um lado lançava aos ares uma frecha de enorme altura.

Continuando a examinar a catarata, vemos o começo do paredão N. logo em seguida à queda de oeste, ser ocupado numa extensão de duzentos metros por uma ilha, aquela de que já falei, que separa o braço do rio que vai formar a primeira queda. Ali é o único ponto em que se vê todo o paredão, porque naquela extensão de duzentos metros o vapor não chega completamente a encobrir o fundo.

Foi nesse ponto onde eu fiz as primeiras medições, e por meio de dois triângulos, achei para largura superior do corte 100 metros, e 120 para altura vertical do paredão.

Esta altura vertical é superior mais a leste, porque o fundo do sulco desce até ao corte que encana o rio ao sul. Nesse ponto também obtive elementos para medir a altura.

Nas primeiras medições eu tinha por base o lado 100 metros, achado para largura superior do sulco, mas era

preciso ver o pé do paredão, e tive de arriscar a vida para isso.

Tirei os panos ao meu Augusto e ao meu moleque Catraio e amarrei-os. Estes panos de zuarte pintado e já muito usados, não me ofereciam uma grande segurança, mas não tinha outro meio de me suspender no abismo. Passei o frágil amparo em volta do peito, para me ficarem as mãos livres, e tomando o sextante debrucei-me na voragem. Seguravam as extremidades o meu Augusto e um Macalaca da povoação das quedas. Eles tremiam com medo e faziam-me tremer, levando eu por isso muito tempo a medir o ângulo. Quando lhes disse que me puxassem, e me pude equilibrar sobre as rochas, foi como se tivesse acordado de um pesadelo horrível.

Li no nónio 50° 10, e logo que registei a medida, comecei a horrorizar-me do que tinha feito. Um excesso de vaidade mal-cabida, o querer apresentar com a maior aproximação a altura da catarata, acabava de me fazer cometer a maior imprudência que cometi em toda a viagem.

Medir e triangular ali é dificílimo, e começa por faltar terreno onde se possa medir uma base com algum rigor.

Eu apenas pude medir 75 metros, e isso com trabalho enorme.

Só posso supor que os triângulos feitos pelo Dr. Livingstone da ilha do Jardim, foram resolvidos só com os ângulos; porque lados não podia daquele ponto medir nenhum. Pena é que não ficasse a fórmula. A medição da altura com um cordel e uma pedra atada na ponta, acho-a também extraordinária; porque as escabrosidades da rocha deveriam suster o prumo, e além disso, da ilha do Jardim apenas se vê, na voragem profunda, uma espessa nuvem que tudo encobre, sendo impossível divisar nada lá em baixo, ainda que o Doutor atasse à pedra toda uma peça de algodão branco, em lugar de um farrapo de 60 centímetros, como ele diz que fez. Fosse como fosse, ele foi mais feliz e mais esperto do que eu, que pouco fiz, dispondo para isso de melhores instrumentos e mais recursos.

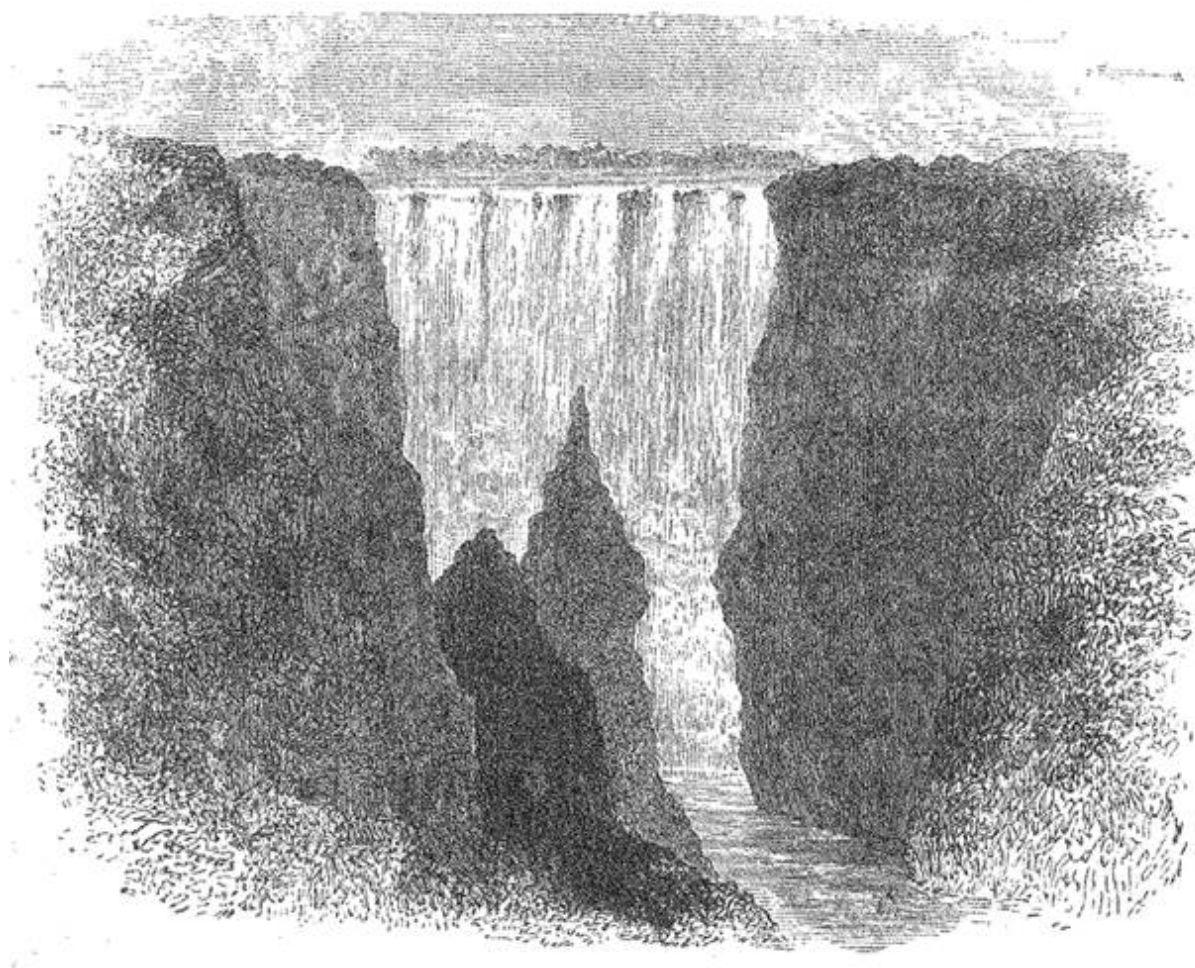
Mozioatunia. Maneira pouco cómoda de medir ângulos

Em seguida à primeira ilha onde fiz as medições, vem a parte principal da catarata, e é ela compreendida entre essa ilha e a do Jardim. Ali é que a maior porção de água se despenha numa compacta massa de quatrocentos metros de extensão, e ali é que o abismo atinge toda a sua

profundidade. Vem, em seguida, a ilha do Jardim, de quarenta metros de face sobre a fenda; e depois a terceira queda, formada por dezenas de quedas, que ocupam todo o espaço entre a ilha do Jardim e a extremidade leste do paredão. Esta terceira queda deve ser a mais importante no tempo das cheias, logo que as pedras que na estiagem lhe dividem as águas forem cobertas, e não existir mais do que uma única e enorme catarata.

A água que cai das duas primeiras quedas e parte da terceira junto da ilha do Jardim, correm a leste, o resto da terceira a oeste, e encontrando-se, unem-se em choque imenso, e voltam ao sul num referver medonho, correndo rápidas no fundo do abismo, em canal pedregoso, que as entala nos seus caprichosos ziguezagues.

No ponto onde as águas, já num canal único, se dirigem ao sul, fiz uma experiencia que narrarei em capítulo separado deste, e que me permitiu obter uma altura muito aproximada da maior profundidade do abismo. Não me foi possível fazer mais, e duvido mesmo que mais se possa fazer, a menos de se ir expressamente preparado para estudar a catarata; e creio que para isso será possível

inventar alguns meios apropriados para trabalhar ali, debaixo de uma chuva eterna, e no meio de um vapor denso que nada deixa ver.

O Rio depois da Catarata

Ilhas, bordas da catarata, rochedos mesmos, tudo é coberto de uma vegetação esplêndida, mas de um verde-negro triste e monótono, embora um ou outro grupo de palmeiras tente quebrar a melancolia do quadro, fazendo sobressair as suas palmas elegantes ás copas dos arvoredos que as cercam.

Uma chuva eterna molha sem cessar as proximidades do abismo, onde rola como que uma trovoada sem fim.

Mozia-oa-tunia não se pode desenhar, e exceto a sua extremidade oeste, tudo ali é nuvem de vapor, que encobre uma paisagem medonha.

Não é dado visitar esta soberba maravilha sem que um sentimento de terror e de tristeza se aposse de nós.

Que diferença entre a catarata de Gonha e Mozi-oa-tunia!

Em Gonha tudo é risonho e belo; ali tudo é soturno e triste!

Ambas são atraentes, ambas são verdadeiramente grandiosas; mas Gonha é atraente e bela como a virgem formosa coroada das flores da inocência, arrastando o alvo vestido nas ruas do jardim, embalsamadas pelas auras perfumadas da manhã de estio: Mozi-oa-tunia é grandiosa e imponente como o salteador requeimado pelo sol de verão e

pelo gelo do inverno, o trabuco na mão, o crime na ideia, entre os fraguedos da serra, por noite escura e triste.

Gonha é bela como a manhã bonançosa da primavera; Mozi-oa-tunia é imponente como a noite tempestuosa do inverno.

Gonha é bela como o primeiro sorrir da criança nos braços da mãe; Mozi-oa-tunia é imponente como o último arquejar do ancião nos braços da morte.

Gonha é o belo na sua mais sublime expressão da formosura; Mozia-oa-tunia é o belo na sua mais expressiva revelação da grandeza e majestade.

Depois da contemplação da mais prodigiosa maravilha natural do continente Africano, voltei ao meu campo fortemente impressionado pelo que acabava de ver. O tempo melhorara, mas conservava-se encoberto. Nessa noite fui assaltado por nuvem de mosquitos, que não me deixaram um momento de repouso.

Logo de manhã, parti para a catarata, que visitei de novo, concluindo os trabalhos começados na véspera, e que me entretiveram o dia todo. De volta ao campo, apareceram ali uns Macalacas com massango, pedindo-me quatro jardas de

fazenda por um prato dele, que não continha meio litro de grão.

Ainda que muito necessitado de adquirir víveres, não quis abrir um tal exemplo, e recusei comprar.

Então o Macalaca disse-me, que a fazenda e a missanga não se comia, que eu teria fome, e então lhe daria tudo o que ele quisesse por um prato de comida.

Fui-lhe dando logo dois pontapés. Chegou o dia 22 de Novembro, dia que eu tinha fixado para o regresso, mas a minha posição era crítica. Tínhamos apenas comida para dois dias, e não lograríamos alcançar Deica antes de seis.

Era impossível partir sem ter feito provisões de mantimentos.

Não esperando já obter nada dos Macalacas, fui caçar apesar do mau tempo.

Pouco distante do acampamento, pude atirar a uma malanca, e voltava ás barracas para a mandar esquartejar e trazer ali; quando chegou o chefe das povoações das quedas, que pela primeira vez eu via, e me vinha visitar.

Com ele vinham muitos pretos, que foram ajudar a conduzir a malanca que eu havia morto. Uma tão importante peça de caça fez logo diminuir no mercado o preço dos víveres. O chefe foi à sua povoação donde trouxe quantidade de mantimentos e duas galinhas, pedindo-me por tudo a pele da malanca e o meu cobertor. Necessitado de partir, e não querendo fazer questões, aceitei o contrato, e ele retirou-se satisfeito.

Lá foi o meu cobertor! Socio de tantas noites mal dormidas naqueles sertões Africanos.

Pude enfim deixar Mozi-oa-tunia, e fui pernoitar nas mesmas barracas que tinha construído na tarde do dia 18.

No dia imediato deixei o caminho que seguira até ali quando demandava a catarata, e endireitei ao sul. Não me tinha sido difícil encontrar a grande catarata do Zambeze que de longe se anuncia; mas encontrar um ponto que não existe nas cartas e cuja posição eu tinha calculado por informações vagas, não me era fácil.

Num país como aquele, despovoado e virgem, eu poderia bem passar perto do kraal de Patamatenga sem o ver, nem dar dele conta. Contudo, pelos meus cálculos, Patamatenga

devia-me ficar ao Sul verdadeiro, e eu endireitei para la, disposto a não alterar aquele rumo por nenhum motivo que fosse.

Depois de marcha de quatro horas, fui acampar junto de um córrego em sítio medonho. Nem uma árvore, nem uma erva. Só penedias negras formavam a paisagem, escurecida ainda por um céu carregado de pesados nimbus.

Um silêncio profundo reinava naquele pequeno vale da tristeza.

No caminho desse dia encontrei alguns leões, que evitei com cautela.

Vem a propósito falar aqui de certa mania louca que ataca quase sempre o explorador noviço. É tal o seu entusiasmo por afrontar os perigos, que chega a cria-los onde eles não existem.

A África oferece cada dia, a cada passo, tais estorvos ao viajante, tais perigos ao caminheiro, que são eles de sobra para fazer abortar a maior parte das expedições que tentam devassar os seus segredos.

A prudência deve ser o guia de todas as ações do explorador; o que não quer dizer, que ela mesma não aconselhe, em outra dada circunstancia, um excesso de temeridade, quando essa temeridade for precisa à salvação comum.

Uma das maiores loucuras em África é caçar feras. A pólvora vale no sertão tanto como o ouro, e o tiro dado numa fera é um tiro desperdiçado, é o resultado de uma expedição arriscado, é ás vezes a salvação de toda uma caravana, que será perdida sem chefe, posta na balança do acaso, unicamente por satisfação de uma vaidade pessoal.

Em quase toda a minha viagem, obrigado a caçar para viver, tive muitas vezes de afrontar as feras; o que não me teria acontecido se, dispondo de recursos suficientes, me pudesse ter dispensado da caça. Uma fera morta em defensa própria e em encontro fortuito, é um obstáculo destruído; um leão procurado e morto por o explorador geógrafo é um obstáculo criado, é uma imprudência cometida, é e deve ser um remorso na sua existência.

Eu cometi algumas faltas dessas, e sempre depois tive o arrependimento sincero.

Hoje se voltasse à África em viagem de exploração ou encarregado de outra qualquer missão importante, não arriscaria o fim principal, para me dar um prazer que é fumo, porque apenas vem um momento lisonjear o amor-próprio.

Já pensava assim, quando de volta da catarata evitava os leões, que fugiam de mim como eu fugia deles.

Não havia lenha perto do sítio onde decidi ficar, e o meu Augusto foi procura-la longe. Trouxe alguns troncos de árvores secos, que, ao partir, deixavam aparecer nas rachas escorpiões enormes. No caminho mesmo, e ainda ali, tinham inúmeros dos repugnantes articulados.

Nesse dia, uma violenta tempestade vinda do S.S.E. passou sobre nós, e durante duas horas despejou copiosa chuva.

Durante a noite, soprou rijo o vento S.E., que muito nos incomodou, tendo por abrigos, como tínhamos, apenas um céu nebuloso. A 24 de Novembro, segui sempre ao Sul por caminho difícil.

As montanhas corriam a S.E. e por isso nós subíamos e descíamos continuamente, em terreno pedregoso, e árido.

Depois de cinco horas de fatigante caminhar, encontrei um pequeno charco, junto ao qual acampei.

Subindo a um outeiro que me ficava próximo, avistei ao sul uma planície enorme, onde não pude divisar os menores sinais de água, por mais que a perscrutei com o meu óculo potente.

Receei muito que me faltasse a água dali em diante. É verdade que naquele país abunda o Mucuri, e onde ele existe não se morre à sede. O Mucuri é um grande auxílio do viajante nas florestas ressequidas da África Austral. É ele um arbusto de 60 a 80 centímetros de altura, que produz na extremidade das suas radículas, uns tubérculos esponjosos, ensopados de um líquido insípido que sacia a sede.

Não é fácil porem encontrar os tubérculos logo que se encontra a planta.

Crescem eles nas pontas de pequenas radículas que, irradiando das raízes principais, vão muito longe do caule alimentar e desenvolver aquelas excrescências extraordinárias. O melhor meio de os encontrar é o empregado pelo gentio Africano, de se colocarem junto à planta e ir descrevendo círculos concêntricos a passos

lentos, batendo o terreno com um pau. Onde a terra dá um som oco e surdo aí estão os tubérculos, que tem de 10 a 20 centímetros de diâmetro e afetam a forma proximamente esférica. Fiz boa provisão deles no dia imediato antes de deixar o sítio em que passei uma péssima noite.

Sustentei marcha de sete horas, já em planície coberta de arvoredo e altas gramíneas. De água nem sinais.

Pela tarde parámos extenuados de fadiga, e resolvia acampar, quando sobre a minha cabeça, na árvore a que estava encostado, ouvi o arrolar das rolas Africanas.

A água devia estar perto, porque aquela era a hora das avezinhas beberem, e sem bebedouros próximos as rolas não estariam ali. A rola em África é indício de haver água perto do sítio onde se mostra de manhã e à tarde, porque aquela ave não passa sem beber duas vezes ao dia.

Mandei logo Veríssimo e Augusto explorar os arredores, e uma hora depois voltava Veríssimo tendo encontrado uma pequena nascente um quilómetro ao N.O.

Fui acampar ali já por noite escura.

Pelos meus cálculos no dia imediato deveríamos chegar a Patamatenga.

Amanheceu o dia 26 de Novembro, e pus-me em marcha. Logo à saída do ponto em que acampei, encontrei uma espessa mata que me levou 20 minutos a transpor.

Ao sair dela, um ribeiro bastante volumoso corria em leito de pedra, e além dele um kraal magnificamente construído, mostrou-me, por sobre a sua forte paliçada o teto pontiagudo de muitas casas.

Eu tinha dormido junto a Patamatenga sem o saber, e tinha passado uma péssima noite ao relento, quando poderia ter dormido em ótima cama e no conchego de uma bem construída casa.

Um Inglês, cujo nome ignorava, veio buscar-me ao rio e levou-me ao kraal, principiando logo, antes de mais conversa, a dar-me de comer. Ás onze horas já eu tinha comido não sei quantas vezes, e ele veio anunciar-me que se estava fazendo um petisco. Tinha ali um ótimo cozinheiro Europeu. Não consentiu que eu seguisse para Deica, sendo o seu argumento, que deveria passar o dia com ele, porque o devia passar.

Escrevi um bilhete a Mr. Coilard, a participar-lhe que estava de boa saúde, e que chegaria a Deica no dia imediato.

O Inglês, logo que viu a minha resolução em ficar, mandou matar o seu melhor carneiro, e convidou-me a ir ver o seu quintal. Fomos, e ele começou a fazer barbaridades. Destrui um batatal novo, só para tirar umas seis batatas.

Apanhou quantos tomates, cebolas, e pimentos ali tinham.

Não pude impedir aquele furor de destruição para me dar a comer de tudo quanto tinha, e até creio que tudo quanto tinha se eu me demorasse na sua casa. O quintal era magnífico e muito bem tratado, mas naquela época do ano pouco podia oferecer. Ainda assim o meu Inglês voltou triunfante com seis batatas, dezasseis tomates, alguns pimentos e muitas cebolinhas que foi entregar ao cozinheiro para o jantar. Jantar!... Eu não sei que nome deverei dar aquela comida! Pelo número devia ser muito mais do que ceia, pela hora menos do que lunch!

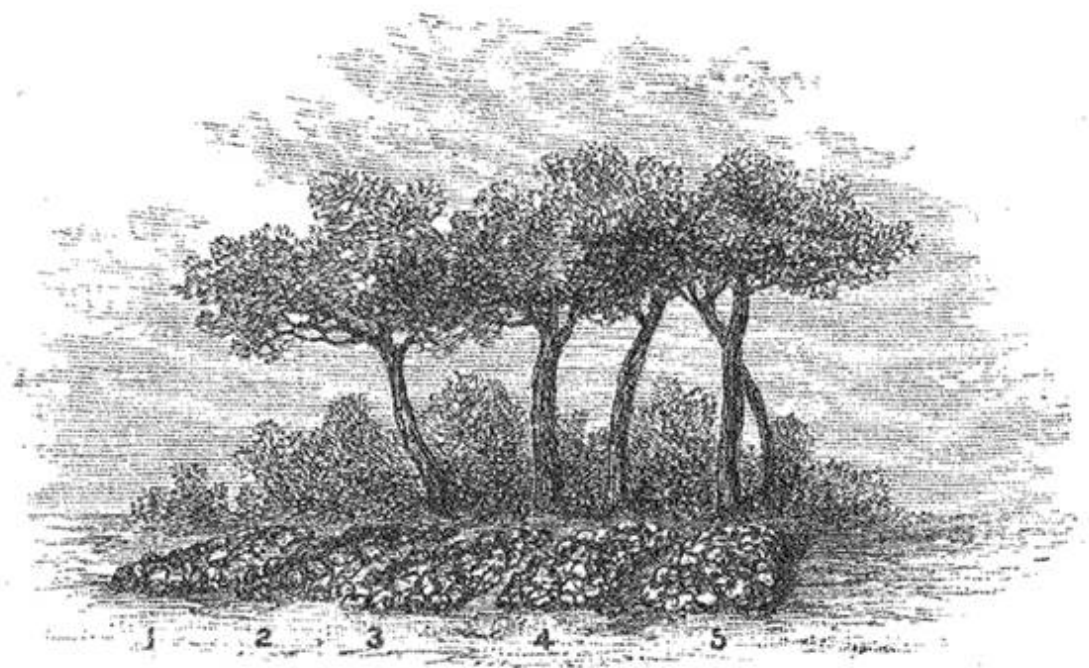
Pude suster o furor do meu hospedeiro em dar-me de comer, e consegui ir com ele dar um passeio nos arredores do kraal.

Encontrámos no caminho cinco montículos de pedras que marcam as sepulturas de cinco Europeus, adormecidos ali para sempre, e deitados ao lado uns dos outros à sombra do arvoredo, nessa mesma terra que lhes infiltrou no organismo, pelo ar que deu a respirar, o veneno que lhes deveria cortar as existências, com prematuro passamento.

Quantos túmulos como aqueles não tem um lugar incerto, no meio desse continente enorme, e não escondem o segredo da sepultura de homens, que deixaram longe afeições e ternuras, que nem podem ter o amargo prazer de derramar uma lágrima sobre a terra que oculta um ente estremecido!

Os cinco túmulos de Patamatenga encerram os despojos de cinco homens cujos nomes vou citar, e se algum amigo ainda se lembrar deles, terá ao menos o conhecimento do canto da terra onde repousam para sempre.

O primeiro túmulo encerra Joli, morto em 1875; o segundo Frank Cowlei, o terceiro Robert Bairn, ambos mortos em 1875; o quarto Baldwin, e o quinto Walter Carre Lowe, mortos em 1876. Em Abril do ano de 1878, morreu também

ali perto o Sueco Oswald Bager, que está enterrado em Lexuma.

Os Túmulos em Patamatenga

Depois de visitar aquele cemitério improvisado no meio do sertão longínquo, voltei ao kraal de Patamatenga, onde fui obrigado a comer várias ceias.

Na conversa com Gabriel Maier, o meu hospedeiro, eu fugia de narrar qualquer episódio passado da minha viagem em

que figurasse a falta de víveres, porque ao ouvir tais narrativas, o bom Inglês entrava em furor e mandava logo por a mesa, mesa que já me metia tanto medo como por vezes me tinha metido a fome.

No dia seguinte, depois de ter almoçado duas vezes, antes das 7 horas da manhã, parti a essa hora, tendo de levar vários petiscos para o caminho, porque Gabriel Maier não consentiu que eu partisse sem essa condição.

Depois de cinco horas de marcha a leste, alcancei o acampamento de Deica, onde a família Coilard me esperava, e onde fui recebido com as maiores demonstrações de simpatia.

Daquele lado não tinha chovido como em Mozi-oa-tunia, e ficámos em grande embaraço para partir, porque encontraríamos o deserto seco, e impossível nos seria atravessa-lo antes de caírem as chuvas necessárias para encher os charcos onde deveríamos encontrar a água precisa.

Nos dias 28 e 29 de Novembro, percebemos que tinham trovoadas muito ao longe ao Sul e S.S.E., e isso animou-nos

a partir, esperando que elas tivessem despejado alguma chuva no deserto.

No dia 28 improvisei, com anzóis que trazia, uns pequenos aparelhos de pesca, e fui com as damas Coilard pescar a uma lagoa que nos ficava uns duzentos metros a oeste do campo. Conseguimos pescar muitos peixes miúdos, e eu tive um verdadeiro prazer por ver o gosto que gozavam aquelas senhoras num divertimento novo para elas, quando sentiam a ligeira cana vergar ao peso de um peixe que se estorcia na ponta da linha, preso ao anzol que a sua imprudente voracidade lhe fizera morder.

No dia 30 resolvemos partir a 2 de Dezembro, ainda que corríamos o risco de não encontrar água logo nos primeiros dias de viagem, mas uma importante consideração nos levava a não diferir a partida. Éramos quinze pessoas, e a provisão de mantimentos pequena. Dali ao Bamanguato não poderíamos obter víveres, e em Deica mesmo nenhuns podíamos haver.

Era pois preciso caminhar sobre Xoxom (Shoshong) o mais depressa possível, para alcançar a cidade do rei Khama antes que viesse a fome.

Ficou por isso resolvido que partíssemos no dia dois, resolução que foi apoiada pela chuva que caiu nos dias 30 do mês e 1 de Dezembro.

Antes de empreender a narrativa dessa aventurosa viagem através do deserto, preciso dizer duas palavras acerca dos meus companheiros.

Que eles me perdoem pelo que vou escrever, se a sua modéstia for ferida pelas minhas palavras; mas é preciso que se saiba o nome e os feitos de alguns desses obscuros trabalhadores Africanos, que deixam a Europa e a vida civilizada, para irem longe da pátria trabalhar tenazmente na grande obra da civilização do Continente Negro.

No país do Basuto, país que confina ao sul e leste com as colonias do Cabo e Natal, e ao norte e oeste com o estado livre de Orange, foram, há cinquenta anos, estabelecer-se alguns missionários protestantes Franceses. Estes homens, cujo número aumentava de ano para ano, conseguiram domar um povo bárbaro de canibais, e eleva-lo a um estado de civilização e de instrução a que ainda não chegou povo algum da África Austral.

Hoje as escolas cristãs do Basuto contam os discípulos por milhares, e uma grande parte da população sendo cristã, abandonou a poligamia e os costumes bárbaros dos seus antepassados.

Os missionários acharam o campo já pequeno para o seu número, sentiram a necessidade de expansão, e foram estabelecer os seus catequistas para o norte do Transvaal junto ao Limpopo.

Quiseram ir mais longe, e uma expedição foi organizada, tendo por chefe um jovem missionário, com destino ao país do Baniais ou Machonas, situado entre o Matabele e as terras Natuas. Esta expedição foi infeliz. Entrando no Transvaal, sofreu insultos dos Boers, que a impossibilitaram de seguir avante, chegando até a serem presos em Pretoria o missionário e os seus homens de catequese.

Foi então que Mr. François Coilard, diretor da Missão de Leribé, foi encarregado de dirigir a expedição que falhara. Partiu de Leribé, ponto situado perto do rio Caledon, afluente do Orange e a oeste do Mont-aux-sources, e com a sua esposa e a sua sobrinha e os seus catequistas, caminhou ao Norte, e por entre inúmeras dificuldades, que só uma

vontade tenaz pode vencer, conseguiu alcançar o país a que se destinava.

Muito bem recebido pelos Machonas, deu começo aos seus trabalhos, quando foi atacado por uma força de Matebeles, que o fizeram prisioneiro e o conduziram com toda a expedição perante o seu chefe, Lo-Bengula.

O que o missionário e aquelas pobres damas sofreram durante o tempo que estiveram em poder do terrível chefe dos Matebeles é uma história triste e compungente.

O chefe, que pretende ter direitos sobre o país dos Machonas, exprobou-lhes o terem ido ali sem a sua prévia licença, e não lhes permitiu voltar lá.

Retrogradou pois até Xoxon, capital do Manguato, e não querendo deixar sem resultado tão dispendiosa e fadigosa jornada, deliberou fazer uma tentativa sobre o Baroze. Tinha a vantagem de falar a língua do país, bem como os seus catequistas, que, Basutos de origem, podiam trabalhar facilmente num país onde se falava a sua própria língua.

Não foi feliz no Baroze, e ainda que bem recebido e cheio de promessas do astuto Gambela, não lhe consentiram o acesso

além de Quisseque.

Foram estes, que exponho muito resumidamente, os motivos que levaram a família Coilard ao Alto Zambeze, e que ocasionaram o nosso encontro naquelas remotas paragens.

Mr. Coilard e a sua esposa, à época do nosso encontro, estavam em África havia já vinte anos!

Mr. Coilard é homem de quarenta anos, sua esposa tem a idade que tem todas as damas casadas logo que passam dos vinte e cinco, não tem idade.

O missionário nutre uma grande paixão pelos indígenas, à civilização dos quais votou a sua vida.

Sempre tranquilo em gesto e palavra, não se altera nunca, e só tem na boca o perdão para todas as faltas que vê cometer.

François Coilard é o melhor e o mais bondoso dos homens que eu tenho conhecido.

A uma inteligência superior reúne uma vontade inquebrantável, e a teimosia precisa para levar a cabo qualquer empreendimento difícil.

Muito instruído, o missionário Francês tem uma alma moldada para compreender os mais sublimes sentimentos, e é mesmo poeta.

Procurando e glorificando-se de encontrar qualidades boas nos indígenas Africanos, não vê ou não quer ver as más.

É um grande defeito esse, mas tem ele ampla escusa na sublimidade dos sentimentos que o ditam.

Madame Coilard, como seu marido, é de uma bondade extrema.

Não se chega a ela o necessitado sem ir satisfeito, o triste sem ir consolado.

Para eles tudo são irmãos, e tanto estendem a mão ao indígena como ao Europeu, ao pobre como ao rico, logo que indígena, Europeu, pobre e rico precisam deles.

Eu, por mim, não lhes poderei nunca agradecer os serviços que me fizeram, serviços que me obrigaram tanto mais, quanto maior foi a delicadeza com que foram feitos.

O correr da narrativa mostrará quem são estas gentes de quem falo agora muito laconicamente, e que deviam ser

meus sócios na longa viagem que íamos empreender a traves de um deserto desconhecido, porque, deixando o caminho das caravanas, íamos traçar uma nova estrada.

CAPÍTULO 3

TRINTA DIAS NO DESERTO

A 2 de Dezembro, começaram logo de manhã os preparativos de partida.

Um vagão de viagem em África do Sul é uma pesada construção de madeira e ferro, de 6 a 7 metros de comprido por 1,8 a 2 de largo, assente sobre 4 fortes rodas de madeira, e tirado por 24 a 30 bois, jungidos a fortes cangas, presas a uma corrente longa e grossa, fixa à ponta do cabeçalho no carro.

Esta espécie de casa ambulante, é carregada com as bagagens e fazendas do viajante, e disposta de modo a oferecer-lhe todas as comodidades caseiras.

O vagão de Mr. Coilard era uma verdadeira maravilha.

Construído expressamente para aquela viagem sob as suas vistas e com a sua experiencia de viageiro, tinha comodidades que nunca vi em outro.

A minha bagagem foi arrumada com a da família Coilard no fundo do vagão, ficando apenas à mão aquilo de que eu poderia precisar a miúdo.

Eles faziam prodígios para darem lugar a todos os meus volumes de carga, como, durante a viagem, se encolhiam para me dar lugar a mim mesmo.

Uma partida depois de 15 dias de descanso é sempre muito demorada.

Há muita coisa que arrumar, e no momento de partir descobre-se sempre, que há uma canga quebrada, que faltam as pitas aos chicotes, que os cubos das rodas precisam ser untados, mil coisas enfim que fazem retardar de algumas horas o momento prefixo.

Depois de essas precauções tomadas por Mr. Coilard, e ditadas por uma longa experiencia de tal modo de viajar, conseguimos deixar Deica pelas 2 horas da tarde, e endireitámos ao sul.

O nosso comboio compunha-se de quatro vagões, dois pertencentes a Mr. Coilard, e dois outros de Mr. Frederick Filips, de quem falarei mais tarde.

Depois de uma jornada de três horas e meia, encontrámos água numa pequena lagoa, recentemente cheia pela chuva dos dias anteriores, e pernoitámos junto dela.

No dia imediato seguimos a S.S.E., e depois de duas horas de viagem parámos hora e meia, para dar descanso aos bois.

Foi de três horas a segunda parte da jornada, e ainda fizemos uma terceira tirada das 7 ás 9 da noite.

Sendo explorados os arredores do sítio em que acampámos, encontrou-se água um quilómetro a E.N.E.

No dia 4 só podemos partir ás 4 e meia horas da tarde, para darmos tempo aos bois de beberem durante toda a manhã: e nesse dia a nossa jornada foi apenas de duas horas e meia, porque, encontrando uma lagoa de ótima água, acampámos junto dela, ainda que os pretos de Mr. Filips diziam haver ali a terrível mosca ze-ze, o que me parece precisa confirmação.

Contudo, por prudência, no seguinte dia partimos logo de madrugada, e viajámos por sete horas e meia, em três andadas, a última das quais findou ás 9 da noite. Junto do

ponto onde pernoitámos não apareceu água. A viagem desse dia foi difícil, por entre emaranhada floresta, onde os vagões correram grande perigo de partir as rodas de encontro aos troncos de árvores colossais.

A 6, de manhã, jornadeámos por duas horas a S.E., encontrando no fim delas uma lagoa de água permanente, a única água que no tempo seco se encontra de Deica até ali. Chama-se Tamazeze.

Descansámos por sete horas, e seguimos ás 3 da tarde; indo acampar, ás 6, junto de outra bela lagoa também permanente, a que os Massaruas chamam Tamafupa.

A jornada daquele dia foi por entre florestas lindíssimas, onde abundam espinheiros brancos. O solo é coberto por uma espessa camada de área. Junto à lagoa um formoso tapete de relva cobre o terreno, levemente acidentado.

Mas no meio daquela relva viçosa cresce uma planta herbácea de que os bois são ávidos, e da qual é preciso desvia-los com cuidado, porque é mortal peçonha para eles.

Estive nessa noite até tarde levantado, para fazer observações astronómicas, e talvez aí tivesse origem o

violento acesso de febre que me atacou no dia imediato.

Por algumas horas o delírio tirou-me a consciência, e só ao recuperar a razão pude dar tino dos cuidadosos desvelos que me eram dispensados pela família Coilard.

O dia seguinte foi ainda passado no mais angustioso sofrimento, e só ao terceiro dia nos posemos em viagem, indo eu em deplorável estado. Foi-me arranjada uma cama no vagão de Mr. Coilard, e rodeado da família, que redobrava em afetuosos cuidados, cercando-me de todas as comodidades que a si tiravam, fiz uma jornada que pouca consciência tenho de ter feito. Sei que a 10 de Dezembro estávamos acampados num lugar que uns chamam Muacha e outros Nguja.

Ali, com o caminho seguido pelos negociantes Ingleses, devíamos deixar um deles, que, como já disse, era nosso companheiro de viagem desde Deica.

Mr. Frederick Filips, o companheiro de viagem que íamos deixar, é um Inglês de Inglaterra. Homem de fina educação, afeta uns modos grosseiros e semi-selvagens, que não podem encobrir as suas boas maneiras originais.

É este um dos seus fracos.

O outro ele mesmo o define em algumas palavras que lhe ouvi. "Quisera, me disse ele, que tudo o que existe no mundo, que tudo o que cobre a terra, fosse marfim, e eu só senhor dele."

Se eu não tivesse a certeza de que Mr. Filips era Inglês, pela fórmula do desejo julgara-o nascido em Tarbes.

Mr. Filips, de elevada estatura e robusto em proporção, tem um rosto enérgico e simpático, que dizem ter feito uma profunda impressão na irmã do terrível Lo-Bengula, o rei do Matabele, que tem feito as mais altas diligencias para o desposar. É no Matabele que ele tem a sua principal residência Africana, e se eu o encontrei no Zambeze, foi porque a ausência ali de Mr. Westbeech seu socio, o obrigou aquela viagem por interesses comerciais.

Mr. Filips, que encontrei em Lexuma, fez-me oferecimentos, pondo à minha disposição um dos seus vagões, para eu continuar a minha viagem para o sul, e se os não devi aceitar, não deixo por isso de lhe tributar muita gratidão.

Depois de nos despedirmos de Mr. Filips em Nguja, partimos ao Sul, e jornadeámos por três horas e meia, indo acampar, ás 7 e meia, em sítio onde não havia água.

No dia seguinte, depois de duas horas e meia de caminho, parámos num lugar chamado em língua Massarua Motlamagjanane, palavra que quer dizer, muitas coisas que se sucedem umas ás outras, e isto por se dar esse caso com uma série de pequenas lagoas que encontrámos estanques.

A floresta toma ali um novo aspeto, e ás árvores meãs sucedem já verdadeiros colossos vegetais, assombrando com as elevadas copas um mato denso de emaranhados arbustos, dificílimo de transpor.

Seguimos ás 4 horas, e duas horas depois, atravessávamos a mais soberba e bela floresta virgem que encontrei em África.

Logo ao anoutecer, tivemos de parar, porque era impossível prosseguir em tão densa floresta sem arriscar os vagões a um acidente sério.

Nessa noite eu começava a achar-me completamente restabelecido, e a febre tinha cedido a doses diárias de

quatro gramas de quinino.

Meia hora depois de partir, no dia imediato, atingíamos a orla da floresta, e encontrávamos água num pequeno charco lodoso. Diante de nós estava a planície descoberta, árida e seca; essa planície, que foi pela primeira vez atravessada dois grãos a Oeste por Livingstone, ainda um a oeste do meu ponto por Baines, e um grau e mais leste por Baldwin, Chapman, Ed. Mohr e outros; essa planície arenosa e inóspita, o Saara do sul, o Calaari enfim.

Ainda jornadeámos por espaço de duas horas, indo dar descanso aos bois ás 11 e meia, junto a uns raquíticos e pequenos espinheiros, que com a sua vegetação mesquinha faziam sentir mais a nudez do deserto.

Algumas trovoadas formavam-se pelo Norte, e ás duas horas aproximavam-se de nós, deixando cair de negros nimbos grossas gotas de chuva tépida.

Desde o Zambeze até ali o terreno é arenoso, sendo o subsolo formado por uma camada argilosa muito plástica de cor castanho-escura. A espessura da camada de área

branca e fina que forma o solo varia entre 10 e 50 centímetros.

Água apenas aparece aqui e além na estação das chuvas, nas depressões de terreno. Algumas vezes, como naquele dia ao sair da floresta, era ela uma lama espessa e fétida. Todo o país até ao ponto em que o deixámos naquela manhã, é coberto por uma floresta, que vai progressivamente aumentando em espessura e no pomposo da vegetação, ao passo que se afasta do Norte.

O que mais se vê são ainda leguminosas, e uma imensa variedade de acácia cobre o solo. Flores do mais variado e brilhante colorido, das formas mais mimosas e delicadas, ao passo que encantam a vista, embalsamam o ar com os seus suaves perfumes. Viajar ali é dificílimo.

Abrir caminho para o carro, de machado em punho; ás vezes, durante 10 e mais quilómetros, haver um solo de cinquenta centímetros de área, onde as rodas dos vagões se enterram profundamente; fazer uma milha em quarenta minutos, tal é o viajar naquelas brenhas, quando se viaja bem.

A esse enorme terreno, compreendido entre o Zambeze e o Calaari, chamei eu nas minhas cartas o Deserto de Baines.

Foi uma homenagem ao trabalhador infatigável, o primeiro que devassou aquelas paragens inóspitas, e cuja vida foi tão deserta de gozos e de glórias, como aquele país é deserto de gentes.

Do ponto em que parámos de manhã, seguimos ás 4 horas da tarde, logo que a tormenta passou, e jornadeámos até ás 8 da noite, parando num matagal de espinheiros baixos, onde foi difícil acampar no meio das ervas e entre os abrolhos.

Durante a noite, chacais e hienas deram-nos um concerto infernal, vindo vocalizar um coro orfeónico, em torno do sítio onde chegava a claridade dos fogos do campo.

De manhã choveu, e nós seguimos ás 5 horas e meia, saindo logo dos espinheiros, que poderíamos ter evitado sem umas trevas profundas que na véspera nos tinham impossibilitado de escolher outro caminho.

Sustentámos uma caminhada de cinco horas, apenas com um pequeno descanso, encontrando uns charcos

produzidos pela chuva da manhã, que de nenhum proveito nos foram a nós, por serem de água salgada, mas que, ainda assim, serviram aos bois sedentos, que os esgotaram em pouco tempo.

Era preciso encontrar água, e seguimos ainda por quatro horas, parando no fim delas sem termos logrado o nosso intento. Pude fazer nessa noite uma boa observação do reaparecimento do primeiro satélite de Júpiter.

Logo ao alvorecer, caminhámos por hora e meia no deserto arenoso e árido, onde as rodas dos vagões se enterravam profundamente.

No fim deste tempo de jornada, encontrámos o leito seco de um rio cuja margem direita seguimos por uma hora, passando-o no momento em que ele encurvava a S.O., e por isso nos desviava do rumo a seguir. As escarpas do sulco arenoso eram de três metros e muito inclinadas. Foi medonho o precipitar dos vagões naquele fosso, e compungente o trabalho dos bois para desenterrarem aquelas enormes máquinas de transporte, e fazerem-nas subir nas contra-escarpas.

Acampámos logo.

No leito arenoso do rio algumas lagoas deixavam ver pequenas massas de água límpida e cristalina, que alegrava os olhos cansados da aridez e secura do deserto. Corremos pressurosos a elas, mas aos primeiros tragos bebidos a alegria converteu-se em angústia cruciante. Aquela água era tão salgada como a do mar.

Contudo, alguns poços cavados muito fundo, longe das lagoas, deram uma água quase potável. Era preciso tira-la a baldes para a dar aos pobres bois já sedentos e cansados. Aquele rio, ou antes aquele leito seco, era o do Nata, que no seu curso inferior, quando corre, toma o nome de Xua (Shua).

Foi decidido que ficássemos ali dois dias, por ser o imediato ao da nossa chegada um domingo, e a família Coilard não gostar de fazer viagem em tal dia. Preparou-se para isso um melhor acampamento, podendo obter-se ramos de árvores nas margens do rio, já povoadas da vegetação que o país carece ao Norte.

Pelo meio-dia estava pronto um quiosque, e estabelecido o campo.

As damas Coilard andavam numa labutação ativa. Faziam o pão e preparavam tudo o que os poucos elementos de que dispunham lhes permitiam, para a festa do Domingo.

Depois da minha última febre, e dos mil cuidados e carinhos de que eu tinha sido alvo, o contato íntimo com aquelas damas a que a doença me tinha obrigado, modificou profundamente o meu espírito, e senti em mim uma alteração profunda.

Até ao momento de as encontrar, eu havia esquecido, no meio dos selvagens com quem só vivia, o que fossem carinhos e afagos.

O viver entre aquelas damas veio trazer-me à memória que no mundo há anjos, rosas perfumadas que embalsamam o caminho espinhoso da vida, frescos oásis em que o caminheiro repousa das fadigas do deserto árido.

A lembrança de uma esposa estremecida, e de uma filha adorada, veio estar sempre presente ao meu pensamento, avivada pela vista constante daquelas duas senhoras,

instrumentos inocentes e inconscientes de um sofrimento atroz que me causavam.

Quantas vezes, fatigado e doente, eu me sentava ao pé delas, e por um momento era feliz, não pensando que eram para mim dois entes estranhos, lançados no meu caminho por o mais extraordinário dos acasos!

Quantas vezes inconsciente não ia curvando a cabeça aturdida, em busca de um regaço de mulher adorada, e caía em mim, e levantava-me e fugia!

Ah! Como eu as odiava então!

Este sofrimento constante, sempre alimentado pela vista delas, e exacerbado pelos seus carinhos, traduziu-se num mau humor que me não deixava um momento.

Perdi todas as formas sociais de delicadeza, e transformei-me na imagem da mais brutal grosseria.

Bastava Madame Coilard dizer uma palavra, para ser logo grosseiramente contrariada. Um dia em que eu tinha subido para o vagão bastante fatigado, elas privaram-se de quantas almofadas tinham para se encostarem e amortecer

os choques violentos de um carro sem molas, para me fazerem um leito comadíssimo.

Achei-me tão bem que adormeci em caminho, velando elas pelo meu sono, e não cessando de arranjarem uma ou outra almofada desaconchegada pelos solavancos do carro.

Madame Coilard estava contente com a sua obra. Tinha decerto tido uma viagem tormentosa, mas eu tinha estado bem, tinha dormido.

Era tal a sua satisfação que não pode deixar de me perguntar se eu havia estado comodamente, certa de que eu só lhe poderia responder com um agradecimento expressivo. Pois não foi assim. Disse-lhe, que o seu vagão era um vagão infernal, que eu nem mesmo havia podido dormir um momento, e que tinha passado o dia incomodadíssimo.

Depois desta brutalidade insólita, encarei com ela, e vi lágrimas a querer marejar-lhe nos olhos. Fiquei tão furioso que fugi para longe.

Casos idênticos repetiam-se a miúdo, e no correr da narrativa apareceram ainda.

Hoje custa-me a compreender como no meu espírito se pode fazer uma tal alteração, e como eu cheguei a cometer tais barbaridades.

Os dois dias passados na margem do Nata não foram dos piores para mim.

Tinha observações a fazer, trabalhos atrasados a completar, e um país curioso a estudar; e isso era agradável diversão ao meu viver monótono do deserto.

Creio que nesses dois dias não fui tão grosseiro como de costume.

O Deserto do Calaari, nas partes em que tem água, é frequentado por uma população nómada. Sam os Massaruas, a que os Ingleses dão o nome genérico de Bushmen. Os Massaruas são selvagens, mas muito menos do que os Mucassequeres, que encontrei junto aos confluentes do Cuando, por 15 de latitude Sul e 19 de longitude E. Greenw. Os Massaruas são muito pretos, tem os ossos molares muito salientes, olhos pequenos e vivos, e cabelo pouco.

Vieram alguns ver-nos, e eu dei-lhes tabaco e pólvora. O seu contentamento foi grande. Voltaram de tarde, a oferecer-me um cabaz de peixe fresco, que tinham ido pescar nas lagoas para mim.

No dia seguinte, numa excursão que fiz, visitei o seu acampamento.

Vi que tinham panelas em que cozinhavam, e outros, ainda que poucos, indícios de uma civilização rudimentar.

Vi uma vasta provisão de tartarugas terrestres, que eles muito apreciam como manjar. As mulheres cobriam a sua nudez com algumas peles, e enfeitavam-se de missangas, bem como os pequenos.

Tem por armas azagaias e pequenos escudos ogivais. Usam ao pescoço um sem-número de amuletos, e trazem nos braços e pernas manilhas de couro.

Rapam o cabelo junto das orelhas, deixando no alto um círculo que vem tangente à testa. Falam uma língua bárbara muito notável pelo modo porque nos fere o ouvido, dividindo as palavras com um estalo dado com a língua, a que chamam cliques.

A 16 de Dezembro partimos, seguindo a margem esquerda do rio, e parámos junto dela, depois de cinco horas de jornada.

Os Massaruas, que chamavam Nata ao rio no ponto em que passámos o Domingo, já lhe chamam Xua (Shua) ali onde acampámos, a cinco horas de caminho.

Andámos sempre na margem dele com os rumos de S.O., S.E., S.S.E., S.S.O. e S., o que deu um rumo medio de sul, e não resta a menor dúvida, que o Nata e o Xua são um e o mesmo rio, que, como quase todos os rios de África, tem diversos nomes em diversos troços do seu curso.

Esta parte do deserto é coberta de uma erva curta e raquítica, e só aqui e além se vê uma ou outra árvore solitária.

Com tudo, nas bordas do rio há alguma vegetação, e de espaço a espaço não deixa de ser amena esta ou aquela paisagem que se nos apresenta à vista.

A água dos poços cavados no leito do rio nem sempre é potável, e a das lagoas é completamente saturada de sais.

O terreno do deserto apresenta pequenas clareiras onde nada vegeta, e onde o solo é coberto por uma espessa camada de sais, depósitos de águas evaporadas.

As informações dos Massaruas a respeito de falta de água eram assustadoras, e nós resolvemos não avançar mais naquele dia, para aproveitarmos o mais tempo possível alguma boa que ali se encontrou em poços cavados profundamente.

Desde que percorríamos aquele bordo do Calaari, notava eu que um fortíssimo vento de leste soprava rijo nas primeiras horas da manhã; sendo que do meio-dia para a tarde uma brisa suave de oeste durava algumas horas.

Eu atribuo aquele fenómeno constante, à influência na atmosfera do enorme deserto arenoso que nos ficava a oeste.

A área refletindo o calor solar, deveria produzir uma dilatação atmosférica, que determinaria durante o calor a corrente branda para leste; ao passo que esse ar lentamente dilatado de dia, seria rapidamente retraído pelo

frio intenso da noite, e produziria um desequilíbrio, que originara a fortíssima corrente nas primeiras horas do dia.

Mr. Coilard achou prudente partir só na tarde do dia imediato, para saciar bem os bois, antes de ir procurar águas muito problemáticas; mas eu decidi seguir só com o meu Pépéca, e combinámos encontrar-nos nas margens do Simoane.

O meu fim era sobre tudo visitar os lagos a que os Massaruas chamam os Macaricáris.

Depois de atravessar sete milhas de Macaricáris, entrei numa floresta, que percorri numa extensão de três milhas até encontrar um leito de rio, com alguma água encharcada, que eu supus devia ser o Simoane.

Desci por ele até ao Grande Macaricari. Depois de um longo passeio nas cercanias, fui procurar um sítio onde calculei que os vagões deveriam passar e esperei.

Só ás nove da noite, e noite de trevas profundas, o meu ouvido exercitado pode perceber ao longe a bulha dos vagões, e caminhando para ali fui sair-lhes ao encontro. Madame Coilard estava em cuidados, por me ver ausente

todo o dia só com uma criança, e a primeira coisa que fez, ao parar dos vagões, foi preparar-me chá, bebida de que ela sabia eu ser ávido, e nessa noite diz o meu diário que tomei a seguir seis grandes chávenas dele.

Efetivamente, o gasto que eu fazia na provisão de chá de Madame Coilard era enorme.

O ribeiro Simoane, que então era apenas uma serie de pequenas lagoas de três metros de largo, corre a Oeste no tempo das grandes chuvas, e vai entrar diretamente no Grande Macaricari.

Todo aquele país, e sobre tudo a floresta entre a qual corre o Simoane, apresentava indícios de ter chovido muito ali, e por isso as lagoas do Simoane tinham água, e esta era quase boa.

No tempo seco elas secam, e em alguma que conserva pouca água, é esta tão saturada de sais que não se pode aproveitar.

Desde que chegámos ás margens do Nata, em todos os pontos onde parávamos, apareciam os Massaruas sempre a pedir alguma coisa.

O que valia era fugirem se nos zangávamos com eles.

Aqueles Massaruas que são valorosos e combatem o elefante e o leão, são cobardes diante do homem, e sobre tudo do branco.

Só ás 4 horas da tarde deixámos aquele ponto, onde os bois encontravam um viçoso pasto e abundante água; e caminhando a S.O. fomos acampar, ás 8 horas e meia, em sítio seco.

No dia 19, depois de quatro horas de jornada a S.S.E., costeando sempre o terreno que se eleva para o Este, deparámos com o leito seco de um rio cujas margens alimentam uma vegetação luxuriante. Os Massaruas que apareceram logo, disseram chamarem-lhe Lilutela, e ser o mesmo que outros chamam Xuani (Shuani) ou pequeno Xua. Este nome de Xuani deve ter sido dado aquele rio por gentes do sul, que falassem a língua Sesuto ou algum dos seus dialetos, porque naquela língua os substantivos formam o diminuitivo com a terminação ani.

O Lilutela, nome que eu lhe conservo, por ser o empregado pelos povos nómadas do deserto, tem o seu leito cavado

entre uma floresta formada de árvores gigantes, mas limpa de arbustos. Esta floresta, que começou umas nove milhas ao N. do Simoane, parece ser a orla de uma densa mata que em terreno mais elevado corre Norte-Sul poucas milhas a leste do nosso caminho.

O terreno desde a margem esquerda do rio Nata é consistente, e não arenoso como até ali. O solo é formado por uma funda camada de argila muito plástica, e no tempo das grandes chuvas deve ser um atoleiro enorme.

Um dos Massaruas que apareceu ali foi mostrar uma lagoa um quilómetro a oeste, onde os bois ponderam matar a sede e nós fazer provisão de água.

As margens do Lilutela são cobertas por uma espessa camada de guano, e na estação em que o rio leva água devem ser habitadas por milhões de aves.

Seguimos no mesmo dia ás 5 da tarde, debaixo da má impressão de que não encontraríamos água no dia imediato, facto que nos foi afirmado pelos Massaruas. Jornadeámos até ás 11 e meia da noite, sempre por entre a floresta pomposa.

Partimos no dia 20 ás 8 da manhã, e meia hora depois, passávamos o leito seco do rio Cualiba, que vai ao Grande Macaricari, correndo a Oeste.

A floresta ali é cheia de calhaus roliços trabalhados pela água, e povoada de caracóis enormes, e búzios de grandes dimensões.

Fomos acampar além do leito do Cualiba, para procurarmos água.

Apareceram alguns Massaruas, mas não nos quiseram indicar onde faziam provisão dela, coisa que eles usam com os forasteiros. Depois de várias tentativas feitas no leito do rio, pudemos obter água num poço que cavámos um quilómetro a jusante do nosso campo.

Partimos ás 4.25 minutos, parando logo ás 5. e 10, para dar de beber aos bois num charco que encontrámos, formado pela chuva, que caía torrencial desde as duas horas.

Ainda nesse dia jornadeámos por duas horas, indo acampar ás 8, depois de termos atravessado uma parte do grande Macaricari.

O Grande Macaricari.

Naquele deserto do Calaari, país tão notável, onde a natureza se comprazeu a juntar os mais disparatados elementos, onde a floresta pomposa toca a planície árida e seca, onde a área solta é continuação do terreno argiloso ao mesmo nível, onde a secura está, muitas vezes, perto da água; naquele deserto, que por vezes quer imitar o Saara, outras a Pampa da América, outras os Stepes da Rússia; naquele deserto elevado três mil pês ao mar, uma das coisas mais notáveis é o Grande Macaricari.

O Grande Macaricari é uma bacia enorme, bacia onde o terreno se deprime de 3 a 5 metros, e que deve ter no seu maior eixo de 120 a 150 milhas, e no menor de 80 a 100.

Como todos os Macaricaris, afeta a forma proximamente elítica, e tem como todos o seu maior eixo no sentido leste-oeste.

Macaricaris são, em língua Massarua, bacias cobertas de sais, onde a água das chuvas se conserva por algum tempo; desaparecendo na estação estiva, por a evaporação, e

deixando ali outra vez depositados os sais que dissolvera. Sam abundantíssimos os Macaricaris naquela parte do deserto, e eu visitei muitos, cujos eixos maiores, sempre no sentido leste-oeste, tinham três milhas, e mais.

As bacias são de areia grossa, coberta por uma camada cristalina de sais, que atinge a espessura de um a dois centímetros.

Creio que não é só clorureto de sódio o sal que forma aquela camada, ainda que é aquele que predomina.

Os depósitos calcários que aquelas águas deixam pela ebulição, evidenciam que os sais de cal também se contem na camada cristalina dissolvida nelas, em proporção notável.

Fiz coleção de muitos pedaços daquela camada que reveste o interior das bacias dos Macaricaris, mas, infelizmente, numa caixa que caiu ao mar ao embarcar no vapor Danúbio, em Durban, se perderam eles, com outros exemplares preciosos que trazia para a Europa.

O grande lago recebe na estação chuvosa um volume enorme de águas pelos rios Nata, Simoane, Cualiba e

outros; sendo que todas as águas que naquelas latitudes caem desde a fronteira do país dos Matebeles, vem a ele, porque o terreno eleva-se progressivamente a leste até ao meridiano 28° ou 28° e 30 de Greenwich.

Estas águas, que formam torrentes enormes, devem encher o Grande Macaricari em pouco tempo.

Este enorme charco comunica com o Lago Ngami pela Botletle, e o seu nível é o mesmo daquele Lago; dando esta circunstancia lugar a um fenómeno muito notável. Estando os dois lagos distanciados de alguns grãos, muitas vezes as grandes chuvas caem a leste, e o Macaricari transborda, sem que as fontes que alimentam o Ngami tenham aumentado de volume. Então a Botletle corre a oeste do Macaricari para o Ngami. Outras vezes dá-se o caso inverso, e o Ngami envia as suas águas ao Macaricari. Este é o seu curso natural, sendo o Ngami alimentado por um rio permanente e volumoso.

Mas o que sucede a toda essa água que de todos os lados corre ao grande charco? Desaparecerá só pela evaporação?

Não haverá também ali uma grande infiltração que por condutos misteriosos e subterrâneos vá dar nascença a esses inúmeros riachos, que em plano inferior correm ao mar de uma e outra costa?

O que é feito das águas do Cubango, rio volumoso e permanente, que desaparece nesse deserto insondável?

As águas do Cubango, na minha opinião, chegam ao Grande Macaricari e desaparecem ali.

A Botletle não é mais do que o Cubango, que tem um alargamento a que chamaram o Ngami.

Sem o Grande Macaricari, a parte da África Austral compreendida entre o paralelo 18 e o rio Orange, seria um país fertilíssimo, e nas condições climatológicas e meteorológicas que a protegem, seria um país de grande futuro.

Bastava o Cubango para a fertilizar. Mas o Cubango, bem como todos os rios que quiseram entrar no Calaari, encontrou no seu caminho um país arenoso e perfeitamente horizontal, que lhe dispersou as águas, como que dizendo: "Não passareis daqui;" e a pouca que encontrou um esgoto,

e pensou salvar-se, foi cair no Grande Macaricari, que a bebeu ávido, sem que ainda assim pudesse matar a sua sede insaciável.

Os rios que tem as suas nascentes ao sul do paralelo 18, e a oeste do meridiano 27, ao norte do Orange, e a oeste do Limpopo, não são permanentes; e, caudalosas torrentes na estação das chuvas, não são mais do que sulcos arenosos na estação estiva.

As águas de quase todos vão a essa linha que une o Ngami ao Grande Macaricari onde se perdem, talvez para volverem de novo numa nova estação das chuvas.

Algumas vezes, como naquele ano, até a Botletle mostrou aos habitantes dos juncais das suas margens o seu fundo arenoso e branco.

É bem digna de estudo esta parte de África, ainda hoje envolvida em misterioso véu, mas tão inóspita é ela, que por muito tempo saberá ocultar os seus segredos aos olhos dos investigadores científicos.

No dia 21 seguimos ao Sul, deixando o Macaricari ás 5 horas da manhã, e fomos parar, quatro horas depois, junto

de uma pequena lagoa de boa água, produzida pela chuva que caiu copiosa na véspera.

O país que atravessámos era coberto de vegetação arborescente, sendo o mato formado de espinheiros que dificultavam o viajar.

Partimos ao meio-dia, alcançando pelas duas horas o ribeiro Tlapam, que, ao contrário do que esperávamos, não nos ofereceu uma gota de água potável; e por isso continuámos jornada até ás 9 horas da noite, hora em que encontrámos uma pequena lagoa permanente, a que os Massaruas chamam Linocanim (o pequeno ribeiro), porque esta lagoa dá nascença a um pequeno ribeiro que corre a leste, provavelmente ao rio Tati.

Das 6 ás 8 horas caiu sobre nós uma horrorosa tempestade, com copiosa chuva, que encharcou o terreno, tornando dificílimo o rodar dos carros.

Algumas cabras de Mr. Coilard e a minha Córa, querendo refugiar-se da tormenta, procuraram abrigar-se debaixo dos vagões, que rodavam, e uma foi logo esmagada pelas rodas.

A minha Córa foi a segunda vítima. A roda passou-lhe sobre os ilíacos, e eu, ainda que ela chegou viva a Lino Canin, supus logo que não podia viver muitas horas.

Naquela noite foi morta no nosso campo uma cobra venenosíssima.

Desde o rio Nata até ali, vi mais cobras venenosas do que em todo o resto da viagem. Na véspera um asqueroso e enorme sapo veio meter-se nas peles da minha cama, e ao acordar achei-me cara a cara com tão amável companheiro. Escorpiões, centopeias e os mais repugnantes insetos, eram meus sócios de cama, vindo procurar junto ao meu corpo o calor que tão apreciado é pelos animais de sangue frio.

É preciso um hábito constante do deserto para se poder dormir sobre umas peles na terra dura em companhia de tais animalejos.

Deve compreender-se, que estas insignificantes bagatelas, reunidas a todas as outras causas, mantivessem o meu mau humor a uma altura constante. O tempo chuvoso continuava persistente, e o céu sempre encoberto não me

permitia fazer observações astronómicas, o que contribuía para acirrar o meu espírito já muito iracundo.

Naquele dia todos os meus cuidados, todos os meus momentos, foram dedicados a tratar da minha pobre Córa, que morreu pela tarde.

Pobre animal! Perdi em ti a única grande afeição que encontrei nas terras Africanas, antes de conhecer a família Europeia que me recebeu no seu seio. Perdi em ti a companheira constante dos meus dias de tristeza, a amiga dileta dos meus poucos momentos de alegria!

Pobre Córa! A sepultura que te cavei junto a Linocanim será sempre um pensamento triste na minha lembrança, e as poucas linhas que aqui te consagro, ditadas por a saudade que me deixaste, são a expressão sincera do muito que eu te queria, pelo muito que me eras dedicada.

Agora, leitor endurecido e crítico severo, trata-me de frívolo pelo pouco que acabo de escrever de assunto que taxarás de fútil, trata-me como quiseres de mal, que só me darás o direito a lastimar-te. Há bagatelas na vida que são verdadeiros acontecimentos para o homem que sente,

meras puerilidades para aquele a quem as paixões já mirraram o coração.

Se és dos últimos, ri-te de mim e deixa-me que te lastime.

Não contesto que me leves grande superioridade, mas eu sou de outro feitio, e estou bem assim.

Córa morrendo deixou-me uma recordação viva num filho que tinha, a que os Basutos de Mr. Coilard deram o nome Coranhana.

A tarde do dia 22 foi tormentosa, e das 3 horas ás 6 e meia a chuva caía torrencial.

No dia imediato partimos ás 6 horas, indo parar ás 9 num lugar onde os Massaruas cavaram um grande poço, lugar a que eles chamam Tlala Mabeli (fome de mabeli). No fundo do poço apenas encontrámos uma lama fétida inaproveitável.

Ainda nesse dia fizemos uma jornada de cinco horas e meia, sempre debaixo de chuva copiosa.

A 24 seguimos viagem, e depois de quatro horas e meia de caminho, encontrámos um posto de Massaruas, sujeitos ao

rei Cama do Manguato. Chamam aquele posto a Morralana, do nome de uma árvore que abunda ali.

Disseram-nos os Massaruas que podíamos seguir em linha reta, porque a muita chuva caída nos dias anteriores nos faria encontrar água no caminho, sem o que teríamos de fazer um grande desvio por leste para não morrermos à sede.

Ás 11 horas começou uma chuva forte que só moderou ás 2; seguimos então, mas logo ás 4 parámos, por termos encontrado uma lagoa cheia de água magnífica, e sabermos pelos Massaruas, que só três dias depois poderíamos encontrar de novo água aproveitável.

Triste véspera de Natal! Eu estava nesse dia de um mau humor atroz. Sentado dentro do vagão para me abrigar da chuva, estavam junto a mim Mr. Coilard e as damas.

Eles conversavam, eu estava calado; furioso. Não sei a que propósito Madame Coilard falou de George Eliot.

Foi como o fogo chegado à pólvora aquele nome que ouvi.

Voltando-me para Madame Coilard, disse-lhe, que George Eliot não escrevia senão disparates, porque era uma

mulher o seu George Eliot, e que uma mulher só podia escrever disparates.

Madame Coilard, ferida por esta minha brutal agressão, quis discutir, mas eu só lhe respondia, que as mulheres não nasceram para escritoras, que logo que se metiam a isso não podiam deixar de escrever tolices; que o seu dever era governar casas, e não fazer livros.

Chegou a discussão ao ponto de eu ver a boa dama comovida, e de fugir dali.

Momentos depois caía em mim, e avaliava toda a extensão do meu arrebatamento, sem poder explicar como se produziam no meu espírito tais alterações, logo que eu me dirigia a ela.

Eu, o maior admirador de George Eliot; eu, que reli Romola e Adam Bede, ficando ainda com desejo de ler aquelas obras-primas da célebre romancista Inglesa; eu que presto um verdadeiro tributo ao mérito de Staël e Sand; eu que me ufano de ter entre os primeiros literatos do meu país Maria Amália Vaz de Carvalho, a mulher que escreveu um dos melhores livros que modernamente se tem escrito ali;

eu fazendo violência ao que pensava e ao que sentia, sustentava, contra a minha convicção, uma ideia estúpida, só e só para contrariar aquela boa dama, que me pagava as agressões insólitas com mais cuidados e com mais desvelos!

Amanheceu 25 de Dezembro, dia de Natal, que, sendo dia festivo e de descanso em todo o mundo cristão, para nós foi dia de trabalho rude, porque jornadeámos por treze horas, em três caminhadas, e só à uma hora da noite acampámos.

Era a secura do país que nos forçava a alargar as jornadas, e mesmo assim, só contávamos ter água três dias depois. Nesse dia encontrámos um bando de Bamanguatos, que o rei Cama mandava a Mr. Coilard com bois frescos para os vagões. Por eles soubemos a nova das mortes do Capitão Paterson, Mr. Sergeant e Mr. Thomas, e alguns serviçais, que tinham ido ao Matebeli em serviço do governo Inglês, e que se dizia terem sido assassinados por Lo Bengula.

A chuva tinha cessado, mas o céu continuava sempre completamente coberto. Eu fui nesse dia atacado de um ligeiro acesso de febre, que me quebrou as forças. Havia

um ano que, em Quilengues, eu lutava com a morte naquele mesmo dia. Estavam então junto a mim Capelo e Ivens.

Quanto me lembrei deles!

Onde estariam? Qual teria sido o seu destino no meio daqueles países inóspitos? Nesse triste dia de Natal, fatigado da jornada, abatido da febre, quanto me lembrei também dos meus! Da minha filha, que fazia anos, e da festa de família, que se fazia sem mim!

Quantas famílias no mundo, nesse dia, sentadas ás mesas que vergavam ao peso das iguarias, desperdiçando vinhos e desprezando a água, estavam longe de pensar, que no seco deserto quatro Europeus fatigados seriam felizes com alguma dessa água, que por toda a parte era desprezada!

A não ser alguns desses entes que de perto nos tocam e que nos não podem esquecer, quem se lembraria de nós em tal dia?

Há momentos bem tristes entre todos os momentos sempre tristes da vida do explorador!

No dia 26, logo de madrugada, fizemos uma primeira marcha de quatro horas, andando numa planície que se

eleva um pouco para o sul, coberta de erva e apresentando aqui e além algumas pequenas matas. O terreno de areia amarelo-avermelhada deixava enterrar as rodas dos vagões quase até aos eixos, e tornava dificílima a tração deles.

Ainda nesse dia fizemos duas jornadas, uma de cinco outra de quatro horas, sem percebermos o menor sinal de água. Acampámos ás onze e meia da noite, à entrada de um vale, onde o terreno nos pareceu difícil e perigoso de transpor no meio das trevas.

Ao despertar, uma formosa paisagem, formosa para olhos cansados da monotonia e aridez do deserto, nos veio alegrar a vista.

O pequeno vale à entrada do qual passámos a noite era verdejante e belo. As colinas que o formavam não tinham mais elevação de 20 metros, mas eram pintorescas.

Até meia altura deixavam ver a nu um aglomerado de pedras basálticas cheias de furos, e cujas arestas puídas mostram que houve ali um persistente trabalho da água.

Apesar da viçosa erva que cobria o fundo do vale água nenhuma encontrámos, ainda que ela deve correr ali em

profusão no tempo das grandes chuvas.

Disseram-nos as gentes Bamanguatas que se chamava aquele sítio Setlequane.

Os bois dos vagões fugiram durante a noite, e sequiosos foram ao longe procurar água, que não encontraram, sendo reconduzidos ao campo por gente que despachámos na sua busca, só ás 11 do dia.

Partimos a essa hora, e três horas depois encontrávamos o leito seco do rio Luale. Este rio, como quase todos os daquele país, só tem água corrente na estação das grandes chuvas, mas em todo o tempo pode encontrar-se alguma estagnada em alguns poços mais profundos. Todavia, ali há água permanente, e sendo a primeira permanente que lhe fica ao N. em Linocanim, há entre estes dois pontos uma distância de 128 quilómetros, distância impossível de transpor na estação estiva.

Homens e bois mataram ali a sede, e nós decidimos seguir logo avante.

Quando íamos a partir percebemos que faltavam cinco cabras de Mr. Coilard.

Fizemos seguir os vagões e as damas, ficando eu e Mr. Coilard com alguns pretos para procurar as cabras.

Eu pude por muito tempo seguir o rasto, mas perdi-o depois; e ás 6 e meia da tarde, já noite, decidimos ir encontrar os vagões, deixando ali alguns pretos para continuar as buscas no dia imediato. Partimos sozinhos por noite de trevas profundas. Mr. Coilard, sempre descuidoso, e crente na proteção de Deus, ia desarmado, levando na mão uma ligeira badine; eu, que creio em Deus, mas que também creio em feras no continente Africano, levava a minha melhor carabina.

Uma hora depois de deixarmos o Luale, ouvimos próximo de nós à nossa esquerda, um desagradável coro de hienas e chacais, que não podemos enxergar.

Este Mr. Coilard produzia ás vezes em mim uma impressão estranha.

Há coisas naquele homem que me não é dado compreender.

Um dia, narrando-me com todo o calor que o seu espírito de poeta lhe dava, um dos mais comoventes episódios da sua viagem, me disse ele: "Estivemos quase perdidos!" "Mas,"

retorqui eu, "o senhor tinha armas, tinha dez homens dedicados e armados consigo, podia, nas circunstâncias que me pinta, sair da dificuldade facilmente."

"Não podia," me disse ele; "não podia sem matar um homem; e eu não mato um homem, nem mesmo para me salvar e aos meus."

Fiquei pasmado a olhar para aquele homem, tipo novo para mim, sem poder compreender que naquela organização meridional e ardente pudesse existir uma coragem de gelo, uma coragem que não acha explicação no meu espírito.

Era a coragem filha daquelas flores de alma que um dos maiores poetas Portugueses soube definir e descrever em frase expressiva e bela. Era a coragem dos mártires, que a poucos é dado entender e sentir. Eu, por mim, declaro que a não entendo, e posso quando muito admira-la.

Por vezes, na minha viagem, me encontrei no meio da floresta desarmado, ou melhor falando, sem carabina, que alguma outra arma sempre trazia; e todas as vezes que isso aconteceu, uma inquietação vaga, uma perturbação ligeira me atribulava o espírito.

Não posso, por isso, compreender o homem que passeia nos sertões Africanos de badine na mão, vergastando as ervas do caminho. Deve ser sublime aquela coragem, e pena tenho de a não possuir.

O caminho que eu e Mr. Coilard seguíamos é povoado de feras, e o valoroso Francês dispunha-se a passa-lo sozinho e desarmado, se eu não teimasse em o acompanhar.

Madame Coilard, em cuidados por nos ter deixado atrás, fez parar os vagões e esperou por nós, que a encontrámos depois de três horas de marcha.

Seguimos logo, indo acampar, à uma hora da noite, junto do ribeiro Cane.

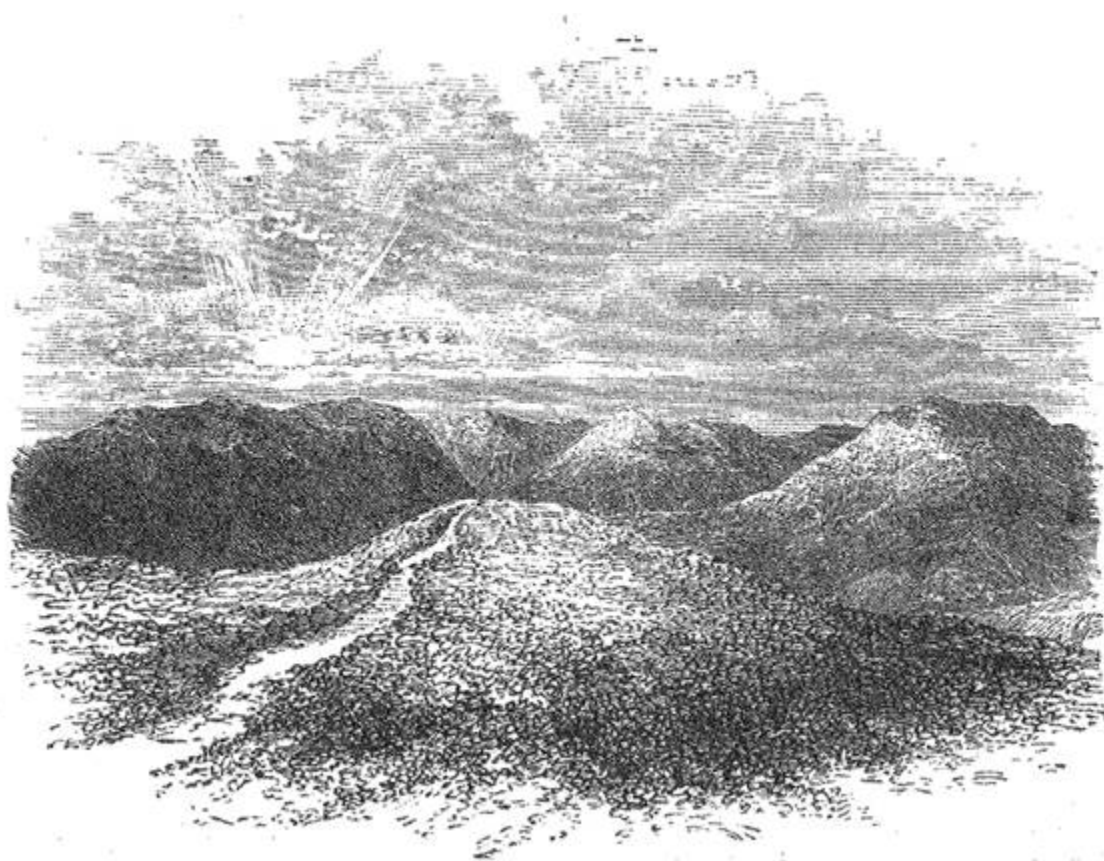
Logo de manhã, apareceu o meu Augusto com as cabras perdidas, que ele encontrara de noite. Seguimos ás 7 horas, através de um país montanhoso e coberto de luxuriante vegetação, oferecendo a cada passo panoramas lindos.

As montanhas correm a S.O., e todas as águas, se as tivesse, deviam correr a leste.

Depois de duas grandes jornadas, fomos acampar junto do leito seco de um ribeiro chamado Letlotze, onde podemos

encontrar água num pequeno poço. Foi decidido que passaríamos ali o dia imediato, que era Domingo, dia em que a família Coilard não viajava.

Logo na madrugada seguinte, fomos sobressaltados por uma desagradável notícia.

Os bois tinham ido de noite ao charco encontrado na véspera, e tinham esgotado completamente a provisão de água com que contávamos.

Os Desfiladeiros de Letlotze

Mandou-se à descoberta, e foi o meu Catraio quem, depois de longas e demoradas pesquizas, encontrou alguma água muito longe do acampamento.

O sítio em que estávamos era lindíssimo, e passámos ali um agradável dia.

A 30 de Dezembro, posemo-nos a caminho ao alvorecer.

Eu, que acordei nesse dia de péssimo humor, estava possuído de uma verdadeira raiva, e nunca cheguei a sentir tanto ódio a alguém como então senti por aquelas damas, pelo missionário, por todos que me rodeavam.

Aquele estado do meu espírito atribulado exacerbou-se ao ouvir, que Mr. Coilard desejava fazer uma grande jornada naquele dia.

Efetivamente, entestámos com os desfiladeiros de Letlotze, e caminhámos 25 quilómetros sem parar.

Parámos enfim, e procurei logo afastar-me do acampamento, para não fazer alguma loucura. Depois de

um passeio nos arredores, voltei, e ao aproximar-me do campo por entre os arbustos, vi Madame Coilard, que falava com Mademoiselle Elise com modo contristado.

Não podia ouvir o que diziam, mas o que vi foi bastante para perceber do que se tratava.

Mademoiselle Elise tinha na mão a lata do chá, Madame Coilard um pires. Foi despejado no pires todo o contendo da lata, e divido em duas partes, uma das quais volveu para a lata, outra entrou no bule.

Era o último chá de Madame Coilard. Compungiu-me tanto o ver o sentimento que se lia no rosto de uma dama Escocesa ao servir o seu último chá, que o meu mau humor caiu por terra, e caiu para sempre, porque não mais volveu.

Ainda nesse dia jornadeámos por três horas, indo acampar ás 7 e meia em sítio seco.

A nossa viajem foi sempre pelos desfiladeiros de Letlotze, onde um sulco profundo serpeia em apertadas curvas, mostrando o leito seco de um rio do mesmo nome. Sete vezes atravessámos aquele sulco, com grande risco dos

vagões que se precipitavam das suas escarpas profundas e inclinadas.

As montanhas que coroam aquele desfiladeiro são belas, e a serra apresenta um dentado original.

A 31 de Dezembro, depois de uma jornada de duas horas, entrávamos em Xoxom (Shoshong); a grande capital do Manguato.

Ás 8 horas eu comprava um saco de batatas e outro de cebolas; encontrava um Stanlei (que não é H. M. Stanlei, mas de quem terei que falar muito); e ás 11 horas comia um ótimo almoço de batatas com presunto, um magnífico beef-steak, e apertava a mão do régulo Cáma, o indígena mais notável da África Austral.

Madame Coilard já tinha nova provisão de chá.

CAPÍTULO 4

NO MANGUATO

Com o alvorecer do dia primeiro de Janeiro vi eu começar em África um novo ano.

Havia doze meses que nesse mesmo dia eu tinha deixado Quilengues, e feito uma grande marcha para o interior, ainda convalescente da primeira grave doença que tive em África. Em Xoxom, um ano depois, o Dia de Ano-Bom devia ser para mim um dia de descanso, e a véspera da última perigosa enfermidade que me ameaçou a vida naquela longa e fadigosa jornada.

Passei entre a família Coilard aquele dia festivo, na casa meia arruinada que pertencera ao missionário Mackenzie, e que nós fomos ocupar.

No dia 2, fui à cidade, ao bairro Europeu, e numa das casas Inglesas deram-me um magnífico charuto, um puro

Londres. Há quanto tempo eu não via um charuto, e com que prazer aspirei o cheiro delicioso do tabaco Havano!

Nesse dia apareceram-me os sintomas de uma febre perigosa.

A doença tomou um carater assustador, e até ao dia 7 estive entre a vida e a morte. Os carinhos e desvelos que me dispensou Madame Coilard não se podem descrever, e decerto a ela devi outra vez o não ter morrido naquelas inóspitas paragens.

A 7 melhorei bastante, e pude receber a visita de Stanlei. Stanlei é um fazendeiro do Transvaal. E Inglês, mas casou em Marico com uma Böer.

Viera a Xoxom vender batatas e cebolas, eu comprei-lhe um saco de cada coisa, e aluguei-lhe o vagão para continuar a minha viagem.

Naquele dia pude falar largamente com ele e concluímos o contrato.

Por esse contrato o vagão ficava ao meu serviço, bem como ele, que seria apenas o driver (condutor), devendo obedecer-me em tudo e por tudo.

O homem também impôs uma condição que aceitei, e foi, a de passarmos pela sua casa, para que a mulher o não julgasse comido pelos leões.

Stanlei disse-me logo, que não iria além de Pretoria, porque tinha um filho pequenino longe do qual não podia viver. Tive de transigir no contrato com os afetos paternais do fazendeiro Transvaliano.

Stanlei é homem de trinta anos, alto, barba e cabelo muito louro, fisionomia vulgar e nada enérgica, um tipo completamente oposto ao seu homónimo o grande Stanlei. Não era sem um certo acanhamento que eu o tratava por aquele nome.

Depois de longa conferencia, ficou decidido que ele estivesse pronto a partir no dia 13, retirando-se em seguida tão satisfeito comigo como eu ficara com ele.

O Manguato, ou país dos Bamanguatos, ocupa na África Austral uma área que se não pode precisar bem, tão vasta é ela.

Ao Sul do Zambeze e ao Norte do paralelo 24, a África é dividida, de mar a mar, em três grandes raças superiores e

distintas.

A leste, os Vatuas ou Landins, cujo chefe é Muzila. Em seguida, os Matebeles ou Zulos, cujo chefe é Lo-Bengula.

A oeste, os Bamanguatos, cujo chefe é Cama.

Muitos, grandes e pequenos grupos, de raças inferiores, estão sujeitos a estas três raças dominantes, e incontestavelmente superiores ás outras.

Tais são entre os Matebeles os Macalacas, entre os Bamanguatos os Massaruas.

Além destas, outras castas formam aqui e além pequenos grupos, e as povoações dos juncais da Botletle, e do Ngami, sujeitas ao rei Cama, e os Baniaes e outros povos de leste sujeitos a Lo-Bengula, são de diferente origem.

Estes três grandes potentados são inimigos, e usam bem diferente política.

Cumpre-me aqui só falar de Cama, e por isso deixarei em silêncio o que poderia dizer dos outros dois poderosos régulos, cujos países não visitei.

O Manguato era, há poucos anos, governado por um velho imbecil e bárbaro.

Era o pai de Cama.

Cama, cristão convicto, educado pelos Ingleses, homem civilizado, de elevada inteligência e superior bom-senso, não podia ter as boas graças do seu pai, e ainda que primogénito, e por isso herdeiro legal do poder, sofria uma guerra sem trégua do velho imbecil, que trabalhava para fazer seu sucessor ao seu filho segundo Camanhane.

Cama, querendo evitar as intrigas que em Shoshong (Xoxom) lhe moviam os inimigos, retirou-se prudentemente para a Botletle; mas em caminho todo o seu gado foi disperso pela sede, e reunido pelos Massaruas foi levado ao seu pai.

Cama reclamou o que era seu e lhe foi negado, tendo por única resposta, que o fosse ele mesmo buscar a Shoshong, que ali lhe cortariam a cabeça.

Ele replicou, que iria, e marcou o começo da primavera seguinte para isso, avisando que estivessem preparados para o receber. Efetivamente, apresentou-se no Manguato à

frente de uma respeitável força reunida na Botletle e no Ngami, e tendo batido em diferentes combates a gente do seu pai, tomou a cidade de Xoxom pouco depois.

Foi aclamado régulo, e o seu pai deposto. Entregou ao seu pai todo o gado e riquezas que lhe pertenciam; deu boa esmola ao seu irmão Camanhane, mandando-os viver para o sul junto de Corumane.

Um ano depois, Cama chamava seu pai e o seu irmão para junto de si, e fazia-lhes os maiores benefícios.

Todavia o pai e o irmão, logo que se acharam vivendo na capital, conspiraram contra o generoso régulo, que, desgostoso por se ver envolvido em novas intrigas, entregou o governo ao seu pai, e retirou-se para o Norte.

Os Bamanguatos porem tinham apreciado o governo sábio de Cama, e não podiam aturar outro régulo; o que deu lugar a que fossem em massa buscar o filho e de novo depusessem o pai. Este quis retirar-se para Corumane e levou Camanhane consigo, mas Cama, sabendo da pobreza em que estavam, ainda os encheu de benefícios.

Esta última CENA da história do Manguato passou-se sete anos antes da minha estada ali, e desde então o poder de Cama consolidou-se completamente.

Cama, nas guerras que sustentou com os seus e com estranhos, adquiriu reputação de grande capitão.

No tempo em que estive em Shoshong, Camanhane já vivia ali, ainda que não tem a menor ingerência nos negócios públicos. Cama perdoou-lhe, chamou-o para junto de si e enriqueceu-o.

Ao contrário de todos os governos indígenas de África, o de Cama não é egoísta. Antes de pensar em si mesmo pensa ele primeiro no seu povo.

Uma grande parte desse povo é cristã, e todos andam vestidos à Europeia.

Nem um só Bamanguato deixa de ter espingarda, mas não se vê nunca um homem armado naquele país, fora das florestas.

Cama nunca traz armas. Vai repetidas vezes ao bairro missionário, que fica a dois quilómetros da cidade, e volta por noite fora, só e desarmado.

Não há outro chefe em África que o faça.

Tem este régulo 40 anos, ainda que parece muito mais novo. É alto e robusto, mas a sua fisionomia inculca pouco.

Tem modos distintos, e o seu trajar à Europeia é apurado e de um asseio esquisito. Como todos os Bamanguatos, é destro cavaleiro, bom atirador e afamado caçador.

Quase todos os dias Cama almoçava comigo em casa de Madame Coilard, e sentava-se à mesa com os modos e distinção de um cavalheiro Europeu.

Cama é muito rico, mas a sua riqueza é partilhada pelo seu povo.

Há anos, veio um flagelo aos campos Bamanguatos, e sobreveio a fome, mas o povo de Shoshong não a sentiu.

Cama comprou cereais em toda a parte, só numa semana gastou cinco mil libras esterlinas, mas a sua gente teve de comer.

É belo ver a respeitosa amizade com que todos o saúdam quando passa nas ruas. Não é o cortejar a um rei, é o saudar a um pai.

Ele visita as casas dos pobres e as dos ricos, e a todos anima ao trabalho.

Os Bamanguatos trabalham muito.

Nos campos ajudam as mulheres no amanho das terras, e já empregam a charrua importada de Inglaterra.

Além de grandes cultivadores, são pastores e tem muitos gados.

Em casa trabalham a curtir peles e a cose-las com nervos de antílopes, fazendo ricas coberturas que usam no inverno.

No tempo da caça são caçadores, e as abestruzes e os elefantes são perseguidos por eles.

Em todos estes misteres são animados pelo seu chefe, que os visita, já nos campos, já no labutar doméstico.

Sam muito amigos dos Europeus, e aquele que chega ao Manguato está tão seguro como na Europa.

Cama anda sempre só, e quando, muito é seguido por dois criados acavalo. Ele anda sempre a cavalo.

Como no meio de tantos povos bárbaros se acha um tão diferente deles?

Deve-se isso aos missionários Ingleses, e não posso deixar no escuro os seus nomes. Três homens trabalharam naquela grande obra.

Com a mesma imparcialidade com que até aqui tenho falado dos pretos, vou agora falar dos brancos, e se não deixo de convir que muitos missionários, e muitas missões Africanas, são estéreis, ou antes contraproducentes, preciso admitir, por factos que vi, que outras dão verdadeiros resultados, pelo menos aparentes.

O homem é falível, e tirado do meio social em que foi criado, privado dos confortos que lhe conchegaram a infância, perdido, por assim dizer, no meio dos povos ignaros da África, habitando um clima inóspito, compreende-se que sofra uma profunda modificação no seu espírito.

Esta deve ser a regra geral que tem exceções. As exceções são os homens verdadeiramente fortes, aqueles que apoiam a sua moral naquelas flores de alma que tão bem descritas

foram pelo grande poeta da Beira, aquelas flores de alma que dão o olvido ao mesquinho pelo amor traído, que dão conforto ao náufrago quando a esperança de alcançar a terra se perde, ás quais se encomenda o monge ao sofrer o martírio dado pelos bárbaros onde foi levar a civilização.

Os homens que as possuem, podem, entregues a si mesmos, caminhar avante e atingir um fim sublime; mas estes homens são verdadeiras exceções. A matéria é fraca, e mais fraco ainda é o espírito humano.

Se assim não fora, dispensavam-se as leis e os governos, e a sociedade estaria constituída em outras bases.

Bastavam as flores de alma para governarem o mundo.

As paixões a que está sujeito o homem levam muitas vezes o missionário, que é homem e fraco por ser homem, a seguir um caminho errado.

A luta entre católicos e protestantes nas missões Africanas são um exemplo disso, são a demonstração incontestável de que as paixões más podem atuar no missionário como em qualquer outro mortal.

Os missionários protestantes (os maus já se entende) dizem ao preto, que "o missionário católico é tão pobre que nem tem com que comprar uma mulher!" aviltando assim o homem; que tão aviltado é o pobre entre os povos Africanos como entre os Europeus.

Por outro lado, os católicos empregam toda a sorte de traça para desvirtuar os protestantes. Dessa luta nasce a revolta, e produz-se a esterilidade de muitas missões, onde concorrem missionários de crenças diversas. Falei nisto incidentalmente para mostrar, que os missionários tem paixões e erram. Essa é até a regra geral.

Ao sul do trópico o país está coberto de missionários, e ao sul do trópico a Inglaterra sustenta uma guerra constante com as populações indígenas.

É porque o mau trabalho de muitos desfaz o que alguns construem de bom.

Deixemos porem em paz os maus, e falemos dos bons.

Dizia eu, que três homens trabalharam na obra da civilização relativa (e para mim aparente) do Manguato.

Digo aparente, porque estou convencido de que o régulo que substituir Cama, se não quiser admitir o missionário, levará consigo a população inteira, que não hesitará entre a doutrina de cristo, que não entende, e o serralho que lhe delicia a lascívia; que não hesitará entre o padre e o régulo.

Mas essa civilização do Manguato é hoje notável a todos os respeitos, e o primeiro homem que trabalhou nela foi o Rev. Price, creio que o mesmo que ultimamente foi encarregado da missão de Udjidji no Tanganika, e que tão infeliz foi na primeira viagem. O segundo foi o Rev. Mackenzie, o atual missionário de Corumane; e o terceiro aquele que ainda hoje prega o Evangelho aos Bamanguatos, o Rev. Eburn; que eu não tive a honra de conhecer, por estar ausente em viagem de missão, mas cujas qualidades pude apreciar pelas suas obras que vi, como pelo respeito que lhe tributam indígenas e Europeus.

É com o maior prazer que cito estes nomes dignos, e merecedores de serem apontados como exemplos aos trabalhadores da civilização Africana; é tanto maior a minha satisfação fazendo-o, que não conheço pessoalmente nenhum destes distintos cavalheiros.

Shoshong (Xoxom) é a capital do Manguato.

O vale de Letlotze alarga para o sul, tomando uma largura de três milhas, e continuando a ser enquadrado por altas montanhas. É no vale encostada ás montanhas do Norte que assenta a cidade dos Bamanguatos, cidade populosa de 15 mil almas, e que em tempos do pai de Cama chegou a contar trinta mil.

As montanhas rasgam-se ali para deixar passar uma torrente que se forma nos tempos chuvosos, e que divide um bairro da cidade. É no fundo dessa garganta, mesmo, por baixo das altas montanhas de rochas áridas cortadas a pique, que os missionários estabeleceram as suas vivendas.

O sítio foi pessimamente escolhido, porque é húmido e insalubre.

Provavelmente, a falta de água (falta de água, que se faz cruelmente sentir em Shoshong) determinou aquela escolha, fazendo aproximar os missionários ao leito do ribeiro, onde na estação estiva alguns poços fornecem água à população sedenta da cidade de Cama.

As casas em Shoshong são construídas de caniço e colmo, são cilíndricas com tetos cónicos. Estão divididas por bairros, e um labirinto de ruas estreitas e tortuosas lhes dá acesso.

No bairro missionário existem as ruinas da casa do Rev. Price, a casa do Rev. Mackenzie muito deteriorada, onde eu habitei, e a igreja abandonada, por ser pequena para conter a multidão que concorre aos ofícios divinos.

Isto a oeste, ou na margem direita do córrego. A leste, ou na margem esquerda, uma edificação nova, melhor situada do que as outras, é a residência do atual missionário. Todas estas edificações são de tijolos com teto de ferro estanhado.

Ruinas da casa do Rev. Price (Xoxon)

Do lado oposto da cidade, em planície livre, está situado o bairro Europeu, e as casas de tijolos mostram as moradas dos negociantes Ingleses.

Numa dessas casas, a de Mr. Francis, há um poço que fornece água à colonia Britânica.

Os Ingleses em África não são como os povos dos outros países, e por isso vão mais longe do que eles, ainda que o seu temperamento e a sua índole estão muito longe de

igualar a dos povos da raça Latina, em boas condições para resistir ao clima e associar com o gentio.

Um Inglês decide ir negociar para o sertão, mete num vagão toda a família e todos os haveres, e parte.

Chega, edifica logo uma casa, rodeia-se de todas as comodidades que pode ter, e diz consigo: "Eu vim aqui para fazer fortuna, e se a não fizer em toda a minha vida, tenho de passar aqui essa vida. Procuremos pois passa-la bem."

Não pensa mais na Inglaterra, esquece o passado e olha só para o presente e para o futuro. Nostalgia nenhum tem.

Outros há, e muitos, de classe inferior, que não querem mesmo voltar à pátria, e que se estabelecem logo para sempre.

Nisto consiste a sua força colonizadora. Outra coisa que os Ingleses fazem logo é introduzir a libra esterlina em toda a parte.

Chega um indígena com marfim, peles, penas, ou outro género do comércio, e quer pólvora, armas, etc. Os Ingleses não entendem permutações diretas. Dão-lhe o

valor em libras, e vão vender-lhe ao outro lado do armazém o que o gentio carece.

A princípio custa; mas o indígena vai-se habituando, vai conhecendo a vantagem do dinheiro, e depois já não quer outra coisa. O negociante assim sabe bem o negócio que faz. Há no Manguato um negociante Inglês, de que terei que falar muito ao diante, Mr. Tailor, que já chegou a introduzir em Shoshong o papel de crédito.

Letra passada por ele é recebida pelo chefe Cama e por muitos gentios ricos.

Depois deste rápido esboço que acabo de fazer do Manguato, não posso deixar de falar na minha posição em Shoshong, que era verdadeiramente crítica.

Tinha a fazer uma grande viagem para alcançar Pretoria, o ponto mais próximo onde poderia alcançar meios de uma autoridade Europeia; tinha de pagar dívidas já feitas com a sustentação da minha gente, estava sem roupa; os meus pretos, cobertos de andrajos, pediam-me algumas jardas de pano para se vestirem, e eu não tinha dinheiro algum.

Mr. Coilard oferecia-me a sua bolça, mas bem precisa lhe era ela para que eu ousasse aceita-la. Queria mesmo saldar algumas dívidas que com ele contraíra, por saber que ele tinha a fazer ainda uma longa viagem, e não lhe sobejarem os meios.

O meu embaraço era grande, e tristíssima a minha posição.

Eram estas as minhas circunstâncias, quando, no dia 8, acompanhei Madame Coilard a fazer uma visita à família Tailor.

Mr. Tailor tem sido um grande viajante, já esteve no Zambeze, conhece todo o Transvaal, a Colonia do Cabo e todos os países do sul de África.

Estabelecido definitivamente no Manguato, a sua casa é uma das primeiras casas comerciais de Shoshong. Só em marfim a sua exportação orça por trinta mil libras por ano. Mr. Tailor é homem sério e de grande crédito.

Mr. Tailor era casado, havia três anos, com uma jovem e formosa Inglesa, de cabelos e olhos pretos.

Dotada de uma educação esmeradíssima, Madame Tailor embalsama o ambiente que a cerca com esse perfume que

envolve toda a mulher de sociedade.

Junto dela, nesse dia, cheguei a esquecer-me de que estava no remoto sertão Africano, para me julgar transportado a um salão do West-End em Londres.

A conversa estabeleceu-se entre mim, Madame Tailor, Madame e Mademoiselle Coilard, e veio a pelo falar-se da minha próxima viagem.

Disse-se, que me era impossível viajar naquele país sem um cavalo, e a propósito disso, Mr. Tailor convidou-me a ir ver os seus. Chegados à cavalariça, ele apontou-me para um magnífico corredor do deserto, castanho claro com cabos pretos, e disse-me: "Eis o cavalo que lhe convêm para viajar e caçar."

Eu conheci logo o grande valor do animal, que pelas cicatrizes miúdas e redondas assinaladas sobre os curvilhões, me mostrava ter tido a horse-sickness, e estar por isso à prova, sendo o que ali se chama um cavalo salé. As outras qualidades eram reveladas pelas pernas finas e nervosas, apresentando uma musculatura desproporcional, pescoço longo e pouco guarnecido de clinas, olhar vivo e

inteligente, cabeça seca e elegante, e abundantíssima cauda. Ficaram me os olhos naquele belo animal, e triste disse a Mr. Tailor, que não tinha dinheiro para lho pagar. "Ies, me disse ele, it is a valuable horse" (Efetivamente, é um cavalo de grande valor).

Voltámos à sala, e eu não pude deixar de falar ás damas do formoso animal que acabava de examinar.

Pouco depois voltávamos a casa, e pelo caminho Madame Coilard mostrava a maior aflição pela minha falta de recursos, em quanto Mr. Coilard redobrava de oferecimentos sinceros da sua já magra bolça.

As noites que passávamos na casa do Rev. Mackenzie eram horríveis. Aquela casa desabitada há muito, estava cheia de insetos asquerosos, que nos sugavam o sangue, roubavam o sono, deformavam as feições e atormentavam a paciência. Eram milhões de carrapatos e milhões de persovejos.

Umas carraças semelhantes ás dos cães no sul da Europa, castanhas e chatas, mas que depois de saciadas tomavam a forma esférica e uma cor esbranquiçada, produziam inflamações horríveis no sítio onde mordiam. Era um

suplício indescritível aquele. Depois de uma destas péssimas noites, Madame Coilard tinha-me mandado chamar para o almoço, e já íamos para a mesa, quando se fez anunciar Mr. Tailor.

Dirigiu-se a mim, e com esse ar frio e seriedade de todo o legitimo Inglês, disse-me, que me vinha trazer o cavalo castanho que eu tinha admirado na véspera, duzentas libras que eram todo o ouro que naquele momento tinha em caixa, e me oferecia ainda o seu crédito, tanto junto dos outros negociantes do Manguato, como em Pretoria, se eu carecesse dele.

Declaro que caí das nuvens com tal oferecimento nem de leve solicitado, e que apenas pude balbuciar algumas palavras banais de agradecimento; de tal modo fiquei comovido.

Mr. Tailor almoçou connosco, e em seguida eu acompanhei-o a sua casa.

Montava já o soberbo cavalo, e sentia essa sensação de prazer que todo o cavaleiro sente ao montar um formoso

animal, sobre tudo quando está privado desse prazer há muito tempo.

Falámos largamente dos meus negócios, e eu não aceitei o dinheiro, contentando-me com o cavalo que me era muito preciso, e admitindo que ele pagasse as minhas dívidas já contraídas em despesas de viagem, que montavam a cento e oito libras, e sacasse sobre mim em Pretoria, onde contava haver dinheiro do governo Inglês.

Mr. Tailor, por um requinte de delicadeza, sacou a dois meses de vista sobre o meu aceite que devia ter lugar em Pretoria.

A 10 de Janeiro acabava eu de por em dia os meus trabalhos, e preparava-me para a partida.

Não posso deixar de citar aqui os nomes de Mr. Beniens, Mr. Clark, e Mr. Musson, que me dispensaram os maiores favores e coadjuvaram a minha partida; estando eu certo de que, sem o antecipado cavalheirismo de Mr. Tailor, teria encontrado neles o apoio monetário de que carecia.

Em vista dos favores que ali recebi de estranhas gentes, não pude deixar de lançar um golpe de vista ao passado, e

recordar-me de Caconda e do Bihé.

O paralelo que estabeleci entre o apoio que encontrei nos sertões concorridos por Portugueses e Ingleses, veio mais uma vez confirmar a minha opinião, sobre a qualidade das gentes que de Portugal vão aos sertões Africanos.

Tenho viajado muito e conheço muitos povos. Nenhum vi ainda tão hospitaleiro e tão bondoso como o Português.

Quantas vezes, nas minhas caçadas, eu tenho ido bater ás portas dos aldeões das nossas serras, e sempre as tenho visto abrir de par em par ao forasteiro que pede um abrigo. O pobre aldeão reparte com o hóspede o melhor da sua ceia, e da enorme caixa enfumada sai o melhor do seu bragal para a cama do desconhecido. Subindo da cabana do povo rude ás casarias do lavrador abastado, e daí ás habitações solarengas, em todas vemos revelada a hospitalidade Portuguesa numa simples indicação. Todas tem os quartos para hóspedes. Quando um Português edifica uma casa, não pensa só na família e nos seus, pensa também no forasteiro que lhe pode vir pedir abrigo, e edifica para ele. É que para o Português o estranho que chega é recebido como família, na choupana do pobre e no

palácio do rico. Este traço na vida material de um povo que edifica contando com o hóspede, define a sua hospitalidade. É por isso que grito bem alto, que não são Portugueses os homens que me receberam mal em Caconda e no Bihé. É por isso que eu verbero acerbamente o sistema de mandar para as colonias o que há de mais baixo, vil e ignóbil entre os criminosos da Metrópole. É ali que está uma das causas mais determinantes do atraso de muitas das nossas ricas possessões. Ali está o escolho em que esbarra muitas vezes a ação do governo.

Em Caconda só encontrei estorvos à minha viagem. No Bihé esses estorvos recresceram, e não se limitaram a exercer uma ação local; acompanharam-me até ao Zambeze. Ali no Manguato só encontrei boa vontade, só encontrei auxílio, e era quem mais podia fazer por mim.

Isto não se comenta.

Durante a minha estada em Shoshong, era ali a ordem do dia a morte do Capitão Paterson e dos seus companheiros no país do Matebeli.

Corriam versões diferentes, mas todas concordes em que eles foram assassinados por ordem de Lo-Bengula.

O Capitão Paterson saíra de Pretoria encarregado de uma missão oficial junto de vários régulos Africanos; missão de que involuntariamente tive conhecimento por um destes com quem ele tratou, e sobre a qual guardo a maior reserva, pelo respeito que me merecem todas as missões particulares dos governos. Acompanhava-o Mr. Sergeant e alguns serviçais, e no Matebeli reunira-se Mr. Thomas, jovem Inglês, filho de um missionário há muito residente no Matebeli, e ele mesmo nascido ali. O Capitão Paterson, depois de tratar o que tinha a tratar com Lo-Bengula, decidiu ir ver a maravilha Africana, a catarata de Mozioatunia.

O jovem tomas pediu licença ao régulo para acompanhar aquela expedição, licença que lhe foi concedida.

Na véspera da partida porem, um dos favoritos do régulo foi procurar o moço Inglês, e disse-lhe em nome do seu chefe, que não acompanhasse o Capitão Paterson.

Mr. Thomas foi procurar Lo-Bengula, e perguntar-lhe porque lhe negava a permissão antes concedida.

Lo-Bengula respondeu-lhe, que ele tinha sido criado pelos Matebelis, e por isso era querido como um filho da tribo.

Que tinha um pressentimento de que alguma desgraça poderia acontecer àqueles Ingleses, e por isso o aconselhava a ficar ali e a deixa-los seguir sós.

Mr. Thomas disse-lhe, que não se importava com os pressentimentos, e foi.

Não devia voltar como os outros dois Ingleses. O que se passou? Quem o saberá? Só o terrível Lo-Bengula.

Uns, diziam, que foram envenenados, outros mortos a tiro; mas eu, que conheço o sistema dos grandes potentados Africanos, duvido de que alguma coisa certa se possa saber nunca; porque eles matam logo os executores das suas sinistras ordens, e fecham o segredo dos seus crimes em novas sepulturas.

Tudo quanto se dizia para provar uma ou outra opinião eram razões, talvez plausíveis, para quem não conhecesse a África, mas para mim não.

Diziam, por ex., que os Macalacas que, por ordem de Lo-Bengula, os tinham acompanhado, apareceram depois com galões e outros objetos furtados aos Ingleses, o que provava que houvera assassínio e roubo.

Isto não provava nada; porque, se eles tivessem morrido de morte natural, as suas bagagens seriam logo saqueadas.

Diziam outros, que, faltando a água, o chefe da caravana Matebeli fora explorar terreno sozinho, e voltando muito tempo depois, indicara um pequeno charco pouco distante, e que o Capitão Paterson ao beber daquela água dissera, "estou envenenado." Quem veio contar isto, se ninguém da gente deles escapou?

Notícias de origem Matebeli diziam, que eles tinham bebido água de uma lagoa naturalmente envenenada, e por isso tinham morrido todos. Isto é outro absurdo.

Toda a água das lagoas Africanas é veneno, mas não é veneno que mate num dia como o arsénico e os sais de mercúrio, ou como muitos alcaloides vegetais.

O veneno daquelas águas infiltra-se no organismo, deteriora-o lentamente, pode matar com o tempo, porque é

o miasma palustre e não outra coisa; mas não destrói a vida algumas horas depois de absorvido, e caso produzisse esse efeito numa organização especial, não o produzia decerto em tanta gente.

Assim, pois, é também inverosímil a versão do envenenamento natural.

Outros afirmavam, que eles foram traiçoeiramente fuzilados; alguns diziam, que foram mortos a azagaias. Quem trouxe a nova?

Parece que houve crime, porque não é possível que a febre matasse num dia tanta gente, e entre ela, gente aclimada no país, como o jovem tomas e os indígenas; parece que houve crime, mas se o houve o segredo ficará entre Deus e Lo-Bengula.

Um dos viajantes Africanos que me merece mais crédito, Mr. François Coilard, que ainda se demorou muito em Shoshongdepois da minha partida dali, assegurou-me na Europa, muito tempo depois, que o rei Cama conhecia o segredo da morte daqueles infelizes, e deixou-me perceber,

que um crime horroroso fora praticado por ordem do malvado Zulo.[10]

A 11 de Janeiro, havia na casa derrocada que habitávamos um labutar incessante. Eram Madame e Mademoiselle Coilard a preparar-me provisões para a viagem. Faziam biscoutos com pródiga largueza.

Como poderei eu jamais agradecer tantos favores? Naquele dia também recebi presentes de Madame Tailor. Um grande açafate de cakes e um cestinho de ovos, coisa bastante rara em Shoshong.

No dia imediato estava pronto a partir, mas decidi seguir viagem no dia 14, não querendo deixar Shoshong a 13.

Eu não tenho preconceitos, nem antipatias com números, mas dessa vez o embirrar com o 13 foi desculpa dada a mim mesmo, para me demorar mais um dia com essa boa família a quem tanto devia.

Pude ali alcançar alguns cobertores de peles, daqueles que os Bamanguatos fazem para seu uso, e que são cosidos com nervos de antílopes.

Pelas minhas observações achei uma diferença enorme na posição de Shoshong, marcada numa carta de Marenski que possuía Mr. Coilard.

No dia 13 fiz as minhas despedidas aos negociantes Ingleses, excetuando Mr. Tailor, que estava ausente a seis milhas de Shoshong, no seu posto de gado.

Apesar do meu caminho ser ao sul, e o posto de gado de Mr. Tailor ao norte, decidi ir la no dia 14 fazer as despedidas a quem tanto me obrigara.

Efetivamente, nesse dia de manhã, segui para la. As damas Coilard e Madame Clark partiram adiante numa carriola puxada por dois cavalos.

Eu saí muito depois, em companhia do régulo Cama e de Mr. Coilard.

Eu, nesse dia, tinha de fazer a primeira jornada no caminho de Pretoria, e essa jornada era de doze milhas, para poder alcançar água potável, o que, com outras doze que eu ia andar de manhã, perfazia um total de 24, o que é um pouco forçado naquele clima.

Seguimos pois acompanhados de doze cavaleiros Bamanguatos.

Logo que deixámos as ruas da cidade, o chefe Cama deu de esporas ao cavalo e partiu, mão baixa. Depois de uma corrida vertiginosa de meia hora, passou ele ao galope. Perguntei-lhe para que era aquela pressa? E ele respondeu-me, que era assim que se andava no Manguato, e que os cavalos descansavam bem no galope, para darem outra corrida. Disse-lhe, que tinha razão, mas que o meu cavalo tendo de fazer uma grande marcha nesse dia, talvez não entendesse isso como ele. Que não queria ir de encontro aos hábitos dos cavaleiros Bamanguatos, mas que me desse ele um dos seus cavalos, e mandasse o meu para Shoshong, onde eu o encontraria fresco para a jornada desse dia.

Mandou Cama logo apear um dos seus que voltou à cidade com o meu Fli, em quanto eu montava uma égua magnífica que ele deixava.

Seguimos a toda a brida, e daí a pouco estávamos no posto de Mr. Tailor.

Tínhamos gasto cinquenta e cinco minutos! Madame Tailor fez-nos servir um magnífico lunch, e depois das mais cordiais despedidas voltámos a Shoshong.

O sistema da volta foi o mesmo da ida, brida e descansar no galope!

Os Bamanguatos não usam freios nos cavalos, e apenas os dirigem com um bridão Inglês. Dizem eles que os freios e as barbelas não deixam correr os cavalos.

Chegámos num momento a Shoshong.

Stanlei estava pronto a partir, e só esperava o meu sinal. Dei-lhe esse sinal, e ele fez estalar o longo chicote por sobre as cabeças dos bois, que se puseram lentamente a caminho, arrastando o pesado vagão. Com ele foram os meus pretos, à exceção de Augusto e Pépéca, que ficaram comigo. Passei ainda algumas horas com as damas Coilard, mas era forçoso deixa-las, e fazendo soberanos esforços para ocultar a minha comoção, disse-lhes um último adeus, saltei sobre o cavalo e parti.

Tive a coragem de não me voltar em quanto as podia ver!

O sol desaparecia já no horizonte quando deixei Shoshong.

Segui o caminho que me foi indicado, e três horas depois, entendi que estava no ponto onde devia pernoitar, mas o vagão não aparecia. Era tarde da noite, e noite de trevas profundas.

Chamei, gritei, e ninguém respondeu. Poucos momentos depois, apareceram-me dois indígenas. Eram vedetas de Cama, que receoso de um ataque noturno dos Matebeles, guarda a sua cidade com uma linha contínua de sentinelas a muitas milhas de distância. Estão estas atalaias tão bem dispostas, que podem socorrer-se, e fazer um momento face ao inimigo, em quanto alguns homens correm à cidade nos ligeiros cavalos a dar o alarme.

Os dois homens que me apareceram acabavam de rondar os postos do sul, e afiançaram-me, que, havia muitos dias, nem um só vagão tinha tomado aquele caminho; asseverando, que eu devia ter passado pelo meu antes de chegar ali.

Estava muito habituado à vida das florestas para que passasse, mesmo nas trevas, pelo vagão sem o ver, e se me escapasse a mim, não escaparia ao meu Pépéca, que tem olhos de lince.

Os dois Bamanguatos propuseram-me acompanhar-me a buscar o vagão e partiram comigo.

Depois de explorarmos uma grande parte do vale sem encontrarmos vestígios da carroça, caímos de novo em Shoshong, desesperados, acabrunhados de fadiga, e sem poder explicar o caso.

Eram altas horas, e que fazer? Resolvi ir bater à porta de Mr. Coilard, e esperar o dia.

Mr. e Mme. Coilard levantaram-se logo, e em quanto eu narrava o acontecido ao missionário, Madame Coilard só pensava em me dar de comer e em me preparar boa cama.

Eu até ali, como depois, dormia sobre a terra numas peles, a despeito dos esforços de Madame Coilard em me querer dar uma cama; como as minhas peles tinham partido no vagão, ela nessa noite aproveitou a oportunidade de se vingar da minha relutância, e fez-me uma cama Europeia.

Não podemos decifrar o enigma, e reservámos para o dia seguinte o desvendar o mistério do desaparecimento do meu Stanlei.

Eu, quebrado de fadiga, fui dar boa ração ao cavalo, e caí extenuado no leito.

Apesar do cansaço, não pude conciliar o sono, porque uma ansiedade horrível me confrangia o coração.

Como já disse, encontrei uma grande diferença na posição de Shoshong em longitude, e todas as minhas observações eram cronométricas e referidas à última observação que fiz do eclipse do primeiro satélite de Júpiter. Essa posição nova só me podia ser confirmada, por uma nova cutisação dos cronómetros em longitude determinada, e esses cronómetros, que eu não sabia onde estavam por ignorar onde estava o vagão, iam parar no dia seguinte por falta de corda.

A poucos será dado compreender o que eu sofri com esta ideia.

CAPÍTULO 5

DE SHOSHONG A PRETORIA

Mal se adivinhava o alvorecer da manhã, e já eu estava a pé e vestido.

Os cronómetros não se me tiravam da ideia, e a preocupação era grande e motivada.

Mr. Coilard participava do meu sobressalto, e não me quis deixar partir sozinho. Mandou pedir um cavalo ao rei Cama, e seguiu comigo no rasto do vagão.

Tive de fazer novas despedidas ás damas Coilard, e novamente senti os desgostos daquela separação.

Em breve eu e Mr. Coilard deixávamos Shoshong, e nos internávamos no esteval que cobre os campos ao sul da cidade.

Seguíamos o rasto do pesado carro, quando muito próximo divisámos um negro sentado junto ao caminho. Ao acercar-

nos dele eu conheci-o. Era o meu moleque Catraio. Caminhou para mim, trazendo nas mãos um objeto volumoso, e ao abeirar-me, disse-me, "Sinho, de cá as chaves para tirar os relógios da mala, que são horas de dar corda."

Exultei ao ver a mala dos instrumentos onde estavam os cronómetros, e sem pedir ao moleque explicações do desaparecimento do vagão, saltei do cavalo, e entreguei-me ás minhas observações matinais quotidianas. Estava escrito que durante a minha longa jornada os meus cronómetros não teriam nunca de parar!

Catraio, sempre vigilante por aquela obrigação, velava por eles.

O missionário ficou surpreendido com o cuidado do preto.

Ali, como em Embarira, Catraio tinha impedido os cronómetros de pararem, como durante as minhas mais graves doenças o tinha feito.

Catraio fora educado por um Português, que desde pequeno lhe conheceu a bossa da velhacaria, e que teve o cuidado de lha desenvolver à pancada.

O moleque, perdida a vergonha, que talvez nunca teve, em breve perdeu o medo ao castigo, e fez-se bêbado e ladrão.

Seu amo, a quem ele chegou a fazer um roubo importante com arrombamento de um cofre, isto aos doze anos, decidiu desfazer-se dele para sempre, e mandou-o deitar à margem em Novo-Redondo.

Quando em Benguela eu procurava um moleque inteligente e ladino para o meu serviço particular, mais de uma pessoa me falou em Catraio, que a fama das tratantadas tornara conhecido.

Dirigi-me ao que fora seu amo, e consegui que ele o mandasse buscar a Novo-Redondo. Ao ver a fisionomia expressiva e inteligente do preto, fiquei satisfeito com o passo que dera chamando-o a mim. Catraio até ali tinha sido levado à pancada, eu resolvi trata-lo por bons modos, nunca lhe falei na sua vida passada, nunca lhe fiz uma recriminação.

Sendo ele o preto mais inteligente de todos aqueles que me cercavam, eu incumbi-o de me ajudar nos meus trabalhos científicos. Catraio, que não sabia ler ou escrever, conheceu em poucos tempos todos os meus instrumentos e todos os

meus livros. Quando, separado dos meus companheiros, me vi sozinho em África, tive uma grande apreensão, lembrando-me que, durante uma doença, os meus cronómetros poderiam parar. Chamei o Catraio e fiz-lhe o seguinte discurso edificante:

"Fica sabendo que de hoje em diante, todos os dias, logo de madrugada, tu tens de te apresentar diante de mim com os cronómetros, termómetros, barómetro e caderno diário, isto esteja eu são ou muito doente, longe ou perto, ficando tu na inteligência, de que não tens desculpa nas circunstâncias mais extraordinárias, se o não fizeres. Agora escuta-me bem. Nunca te bati como nunca te ralhei, mas, se os cronómetros pararem por falta de corda, eu espeto-te num enorme espeto de pau, e asso-te vivo nas brasas de uma enorme fogueira."

Catraio, que não acreditava muito que um branco fosse bom, e que desconfiava mais da brandura do meu trato do que das pancadas habituais, julgou ter descoberto a minha maneira de castigar uma falta, e o espeto de pau e a fogueira aterraram-no.

Começou a trazer todas as manhãs os instrumentos, a coisa foi passando a hábito, e eis a razão porque, ainda nas minhas mais graves doenças, os cronómetros tiveram corda e foram comparados; eis a razão porque em Embarira Catraio, com risco de vida, os foi empalmar aos Macalacas; eis a razão porque ainda naquele dia foram salvos de parar, porque ele, vendo que eu não chegara na véspera, mesmo de noite se pôs a caminho e me veio encontrar à hora própria.

Livre da apreensão que me torturava, tratei de interrogar o moleque sobre o facto do desaparecimento do vagão, e soube que o Inglês se tinha enganado, e tinha tomado um caminho transversal pelo bom caminho, mas que, logo ao alvorecer, partiria, e iria esperar-me no lugar ajustado para o encontro na véspera.

Eu e Mr. Coilard seguimos no bom caminho, e ás 9 horas encontrámos o vagão.

Mandei fazer o almoço, e ao meio-dia separei-me desse homem a quem devia tanta gratidão, e cujos favores são daqueles que não se podem retribuir nunca, porque tudo

que por ele eu fizesse pesaria, numa balança justa, muito menos do que tudo o que recebi dele.

Parti imediatamente, e fui acampar ás quatro horas, em sítio sem água.

Nessa noite, quando ia a deitar-me, senti o galope de um cavalo, que me chamou a atenção. O meu Fli rinchava, e os cães ladravam e arremetiam para o lado de Shoshong.

Pouco depois, chegava ao meu campo um cavaleiro Bamanguato, e entregava-me uma carta e um embrulho.

A carta dizia, que fora encontrada em casa a minha espingarda Devisme, e Mr. Coilard apressava-se em mandar-ma.

Escrevi-lhe algumas palavras de agradecimento, e remunerei o portador, que voltou logo a toda a brida.

No dia imediato, 16 de Janeiro, parti à uma hora da madrugada, alcançando ás três horas uma lagoa, única água permanente que existe entre o Limpopo e Shoshong.

Nesse dia ainda fiz duas jornadas, uma de três outra de quatro horas, acampando pelas cinco da tarde. Das quatro

ás dez da noite a chuva caiu torrencial, inundou-me o vagão, cuja cobertura velha e esburacada nada abrigava, e causou-me perdas sensíveis, sendo a maior, todo o pão e biscoutos preparados por Madame Coilard, que ensopados na água se tornaram em massa não aproveitável.

Na marcha última desse dia tive de alterar o meu rumo que era Sul, e meti a S.E., para evitar os acidentes do terreno, que tornavam dificílimo o rodar do vagão, e ameaçavam despedaça-lo a cada momento. O vagão de Stanlei era uma velha carriola, meio apodrecida e desconjuntada, e que a cada passo parecia querer desfazer-se.

No Deserto

Só ás 8 horas do dia seguinte, depois de uma jornada de três horas, entrei no meu rumo, entrando no caminho abandonado na véspera. O terreno continuava acidentado, mas era preciso seguir nele.

Ao descer uma eminencia, as rodas de um lado do vagão entraram num sulco profundo, e o vagão tombou, ficando encostado a duas árvores que lhe ampararam a queda. Eu já desconfiava que o meu Stanlei não prestava para nada, mas tive a convicção disso no primeiro embaraço que

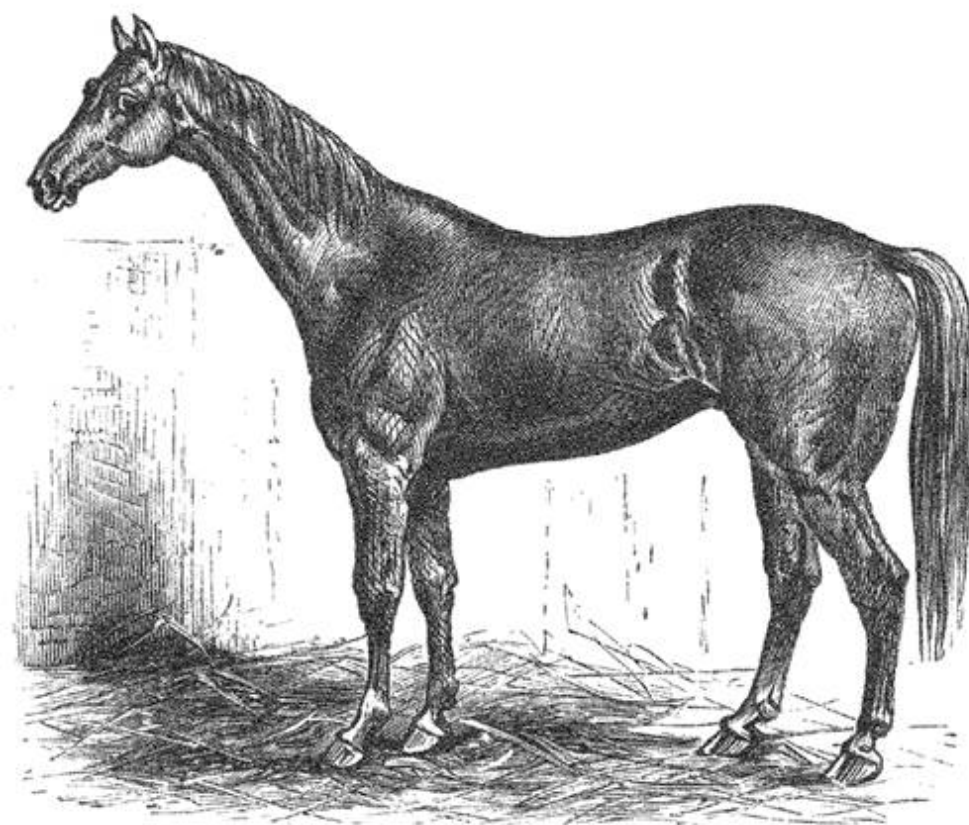
encontrámos. O homem, ao ver o vagão tombado, sentou-se, fechou as mãos na cabeça e julgou-se perdido.

Mandei dejungir os bois, e fui estudar a maneira de levantar o carro sem o despedaçar. Augusto, Veríssimo e Camutombo foram cortar três fortes e compridas estacas, que amarrei ao vagão e por meio de cordas dadas ás árvores do outro lado, consegui sustenta-lo na sua posição natural, empregando para isso apenas uma junta de bois.

Em seguida, enchi o sulco com paus e folhagem, para que as rodas daquele lado pudessem descansar ao mesmo nível das do outro lado. Este trabalho durou mais de quatro horas, e quando consegui por o vagão em estado de rodar e mandei jungir os bois, ao primeiro esforço que eles fizeram, a corrente tirante partiu-se em bocados.

Nova demora, novo trabalho a ligar os elos da corrente partida com tiras de couro de girafa, isto debaixo de uma chuva torrencial, e o meu Stanlei sempre pasmado e sem saber o que havia de fazer.

Consegui partir ás três horas e meia, mas tive que parar logo depois, porque o temporal recresceu, e o terreno argiloso encharcado não permitia o rodar do vagão, que,

muito abalado pela queda, se desfazia em pedaços. A tempestade foi horrível até ás 10 horas da noite, e durante duas horas, os raios caíam muito próximos, lascando as árvores da floresta. O terreno, sempre acidentado, é coberto de mata espessa, que vegeta num solo de argila muito plástica.

Fli, o meu Cavalo do deserto.

(De uma foto. Feita em Pretoria.)

No dia 18, parti ás seis da manhã, e meia hora depois entrava numa planície completamente encharcada, e onde as rodas do carro se enterravam na argila até aos cubos. Fazia-se um quilómetro por hora naquele terreno difícil.

Ás 10 horas pude alcançar uma pequena eminencia, mais enxuta, onde parei.

Estava junto à margem esquerda do Limpopo, conhecido ali pelo nome de rio dos crocodilos.

Fui logo ao rio, que tem ali 50 metros de largo, com uma corrente de 30 metros por minuto. Não tinha meio de lhe avaliar a profundidade.

O tempo tinha melhorado, e eu, ao deixar o rio, segui paralelamente à margem, deixando Fli ir a passo, as rédeas largas e pendentes.

De repente, o meu fino cavalo fitou as orelhas, rinchou e precipitou-se de um salto no meio do esteval, começando numa carreira desenfreada. Sem saber explicar o caso, sobressaltei-me e tentei suste-lo, mas ele não queria obedecer ao freio.

Nada tranquilo e pensando que o nobre animal fugia por evitar um perigo, estava perplexo, quando percebi diante de mim um rumorejar nas estevas, e vi os cornos retorcidos de alguns ongiris.

Percebi tudo; eu não fugia, perseguia. Desde esse momento comecei a ajudar o cavalo, que ganhava terreno sobre os ligeiros antílopes.

Quanto tempo durou aquela corrida vertiginosa não sei. Passei matas, onde ficaram os restos dos meus andrajos, com alguma pele do meu corpo, passei clareiras e planícies, onde os antílopes e cavalo se atascavam em lodo. O cavalo ganhava terreno, mas lentamente, só tarde me acerquei dos ongiris e pude atirar-lhes. Um caiu, e os outros seguiram mais ligeiros ainda, instigados pelo medo que lhes causou o estampido do tiro.

Fli parou, e foi cheirar o animal, que se estorcia nas vascas da morte, com o mesmo prazer com que o faria um cão de caça.

Onde estava eu? Onde me ficava o vagão? Não o sabia; porque não sabia a que rumos tinha andado.

Isso preocupava-me um pouco, mas eu lembrei-me de caminhar a leste até encontrar o Limpopo.

A esse tempo, um enorme temporal caiu sobre mim. Era-me impossível carregar o antílope sobre o cavalo, porque não tinha força para isso. Decidi abri-lo, e tirar-lhe os intestinos, a ver se então o poderia elevar do solo.

Bastante prático no serviço de magarefe, em breve concluí aquele trabalho.

A minha esperança não foi perdida, e pude, ainda que a custo, guindar o animal sobre o arção, onde o amarrei.

Fli perseguindo os Ongiris

Pus-me a caminho para leste, mas Fli embirrou em querer caminhar ao norte, e comecei a pensar que talvez o cavalo tivesse mais razão do que eu, e deixei-o tomar aquele rumo. Uma hora depois, avistava o vagão, onde a minha gente não estava sem receios, pela demorada ausência que tive.

Era já tarde, e estava extenuado de fadiga; por isso decidi ficar naquele ponto. Ao anoutecer, apareceram ali uns pretos do régulo Sesheli que iam a Shoshong, e por eles escrevi ao missionário

Coilard, a preveni-lo do mau estado dos caminhos, e a dizer-lhe, que não seguisse o meu rumo.

Durante a noite caiu uma horrorosa tempestade, e de novo ficámos encharcados. Apesar disso, a fadiga do dia trouxe o sono e dormi profundamente, para acordar com uma dor horrível no sangradouro do braço direito. Levantei a manga da camisa, e fiquei trémulo ao ver um enorme escorpião negro que me picara o braço naquele ponto mesmo, sobre a artéria braquial. Era impossível sarjar sem ferir a artéria, empregando para isso a mão esquerda, com a qual sou pouco jeitoso, e o receio de agravar a situação fazendo algum disparate, levou-me a decidir não fazer nada. Em poucos minutos a inchação era enorme e as dores violentíssimas.

No maior desespero, tomei três gramas de hidrato de cloral e caí em modorra.

Era alto dia quando saí daquele sono, provocado pelo poderoso anestésico.

As dores tinham abrandado, e só existia uma inflamação local, com um tumor do tamanho de uma ervilha no sítio do ferimento, tumor que só desapareceu meses depois.

O engorgitamento dos tecidos era grande, e tolhia-me os movimentos.

Apesar disso, ainda fui caçar nesse dia, e tanta caça encontrei que resolvi ficar ali. Matei dois leopardos.

A noite foi de tempestade, e os insetos torturaram-me.

Alguns leões rondaram o campo, e fizeram-nos estremecer com os seus rugidos estridentes.

Seguimos ás 8 horas do dia 20, mas o terreno argiloso, encharcado da chuva, pegava-se ás rodas do vagão, e formava blocos que as impediam de girar, sendo a cada momento preciso tirar-lhos a machado.

Foi um fatigante labutar, e ás 10 horas parei, porque estávamos todos extenuados de fadiga. A chuva caía forte, e

só podemos de novo por a caminho o vagão ás 2 horas, parando ás 4 e meia junto do rio Ntuani.

Ao chegar ali, uma triste deceção nos esperava. O rio Ntuani, que é um riacho sem importância, e quase sempre seco, tinha 60 metros de largo, e deu-me, nas sondagens que fiz junto à terra, 7 metros de água.

Impossível era atravessa-lo com um vagão, antes de muito tempo.

Tratei, pois, de acampar ali, e construí para isso um bom acampamento, de barracas cobertas de erva.

Havia muitos dias que eu andava completamente molhado, mas felizmente a minha saúde não se ressentia disso.

A nossa posição era melindrosa, porque tínhamos falta de víveres, e havia já dois dias que estávamos reduzidos a uma alimentação puramente animal, e só tínhamos para comer a carne da caça que eu matava.

Não havia perigo da fome, e eu não receava dela em país de caça como aquele; mas comer só carne assada, sem sal nem outro condimento, é duro e pouco higiénico.

O tempo melhorou um pouco, e eu pude continuar caçando. Um Inglês, em Shoshong, dera-me muitos cartuxos das armas Martini-Henri, que serviam perfeitamente na Carabina d'el-rei, e eram os que eu então empregava com grande resultado.

Tínhamos carne em abundancia, mas eu já não a podia suportar.

Fazia uma nova coleção de peles, e a facilidade que me oferecia o vagão para o transporte delas, como a nenhuma necessidade que teria de as vender, deixava-me a esperança de que estas chegariam à Europa.

Na manhã de 21, vi com prazer que o rio baixara trinta centímetros durante a noite.

Comi uma perna de puti (Cefalofus mergens), saltei sobre o meu Fli, e parti para a caça. Na orla de uma mata marginal do Ntuani, o meu nobre cavalo começou num correr desenfreado. Eu já sabia que ia em perseguição de caça, mas não via nada.

Corri assim por meia hora, e só então avistei por sobre os arbustos do matagal uns pequenos pontos negros que se

moviam com rapidez prodigiosa.

Era novo para mim o animal que perseguia, e só numa clareira me pode ser a verdade revelada. Quatro abestruzes fugiam diante do meu Fli, que nem um só momento lhe perdia a pista, apesar das voltas furtadas que davam.

Entrámos em planície descoberta, e ali comecei a tomar um verdadeiro interesse naquela caçada de novo género.

Fli era o meu mestre. Abandonei-lhe o freio, tomei as rédeas do bridão, e deixei-o ir. O valente animal agradeceu-me o alívio que lhe dava com um relinchar de alegria, e seguiu mais rápido.

As abestruzes, ainda que podendo produzir uma carreira mais veloz do que o cavalo, não a podem sustentar como este, e param a miúdo. Era isso que me fazia ganhar terreno sobre as ligeiras aves.

Algum tempo depois já não era preciso mais do que o galope para as acompanhar, e chegaram a parar a sessenta metros de mim. Estavam alcançadas, e na primeira corrida poderia atirar-lhes.

Assim foi, e pouco depois a Carabina d’el-rei fazia ecoar na planície o estampido da sua dupla descarga.

Junto das enormes aves estava eu perplexo, e sem saber o que fizesse, deixava pastar o meu nobre cavalo; quando me apareceram Augusto, Veríssimo e Camutombo, que andavam caçando também e ouviram os meus tiros. Disseram-me eles estar perto o acampamento, e por isso mandei depenar cuidadosamente as abestruzes, e esperei o fim daquele trabalho para voltar com eles ao vagão.[12]

Ao chegar ali, verifiquei que o rio tinha descido setenta centímetros.

Ainda nesse dia até à noite o nível da água baixou de quarenta centímetros, o que perfazia desde a véspera 1 metro e 40 centímetros.

Eu punha as minhas marcas num ponto onde a escarpa vertical me permitia medir as diferenças de nível, mas o meu Stanlei não entendia assim, e espetava paus num sítio em que a barreira descia com inclinação suave, o que dava em resultado ele contar jardas quando eu contava centímetros. A cada momento ele vinha muito contente dizer-me que o rio tinha baixado dois pés.

O dia 23 amanheceu bonançoso e límpido, prometendo muito, porque o rio baixou dois metros e meio durante a noite. Senti logo de manhã uma grande gritaria, e indagando o caso, soube que tinham desaparecido as botas do meu Inglês, que se achava descalço. Depois de varias conjeturas sobre aquele importante facto, ele chegou à conclusão, de que os chacais lhe tinham furtado as botas e os tinham comido. Eu nunca pude explicar o caso, mas ele explicava-o assim.

O facto era que o pobre homem tinha de continuar descalço e, eu nada lhe podia fazer, porque além de as minhas botas serem pequenas para o seu enorme pé, só tinha umas também.

Passei o dia caçando, e à noite pude fazer observações astronómicas, e determinar a posição da confluência do Ntuani com o Limpopo.

Durante esse dia o nível da água baixou de 1 metro e 60, mas durante a noite conservou-se estacionário, e tendo chovido na madrugada de 24, receei nova enchente. Muitas vezes ouvi a Mr. Coilard narrativas de casos idênticos ao meu, em que um vagão tinha de estacionar junto a um

miserável ribeiro (tornado soberbo com as chuvas), por um mês e mais.

Essa ideia aterrava-me, e resolvi estudar o rio, a ver se seria possível a passagem do vagão. Achei efetivamente um ponto onde a água me dava pelo pescoço em toda a largura, e determinei passar ali.

Stanlei, já habituado com o meu modo de decidir questões, começava a não achar nada extraordinário.

Assou-se muita carne, e almoçámos. Quando estávamos a terminar o almoço, ouvimos grande alarido na margem oposta, e vimos que chegavam um comboio de vagões e dois homens brancos.

Pus-me a observar o que eles faziam, e vi que depois de mandarem um moleque meter-se no rio, moleque que voltou à margem logo que a água lhe cobriu a cintura, contentaram-se de espetar pauzinhos para marcar o nível de água, dejungiram os bois, e acamparam.

Olhei para as minhas marcas e vi-as cobertas com um centímetro de água. O Ntuani crescia de novo.

Descarreguei imediatamente o meu vagão, e mandei Augusto e Camutombo passar as cargas, à cabeça, no sítio onde eu reconhecera o vau.

Os meus dois pretos pela sua força hercúlea, e pela destreza adquirida no hábito de superar dificuldades, faziam a admiração dos dois brancos e dos negros que os acompanhavam.

Uma hora depois, estavam todas as cargas na margem direita, e eu dava ordem a Stanlei, espantado daquilo tudo, para jungir o gado.

Logo que tudo esteve pronto, fiz que Augusto se metesse através do rio, levando a soga dos bois da frente, que nadaram sem dificuldade, seguidos dos outros, sendo que três juntas tomaram pé na outra margem antes de que o vagão entrasse na água.

Era o que eu queria. Então gritei a Augusto e Camutombo para tanger, e num momento o vagão precipitou-se nas águas do rio. Stanlei, agarrado ao carro, teve um momento de entusiasmo, e ajudou a manobra.

Eu, logo que vi o vagão salvo na outra margem, atirei-me vestido ao rio, e nadei para la.

Chegado que fui, disse ao Catraio que me desse roupa enxuta, isto é, as únicas camisa e meias que eu tinha fora do corpo, e fiz a mudança. Os dois Europeus, que ao ver-me chegar a terra caminharam para mim, suspenderam-se a dez passos, vendo que comecei logo a despir-me. Depois de mudar de roupa, penteei os meus longos cabelos e barba, que estavam encharcados.

Logo que terminei o meu toilete, os dois sujeitos acercaram-se e disseram-me os dois mais sonoros "Good morning, sir," que tenho ouvido.

Correspondi ao comprimento, e perguntei-lhes donde vinham. Disseram-me serem dois negociantes Ingleses, Mr. Watlei e Mr. Davis, e irem para Shoshong, tendo deixado Marico havia um mês.

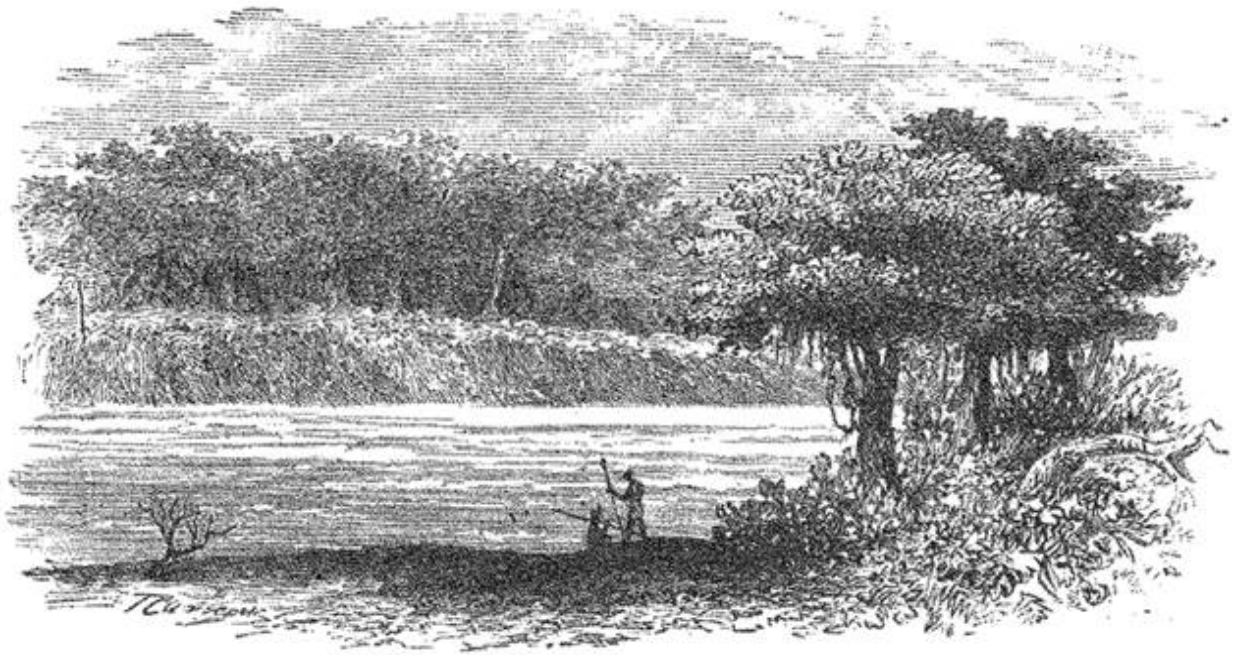
Eu disse-lhes também quem era, e donde vinha. Ao saberem que eu chegava de Benguela, os dois sertanejos não ponderam conter a sua admiração, e disseram-me, que já se não espantavam com o que me viram fazer ali naquela manhã.

Foram estes os primeiros comprimentos que recebi pela minha viagem, e é-me grato o recorda-los, porque foram aqueles que mais impressão me fizeram, pela rudeza com que foram formulados, e por virem de homens endurecidos nas lides Africanas.

Dei-lhes caça, e eles deram-me uns biscoutos, chá, assucar e sal.

Passámos o dia no mais agradável convívio, e a 25 de manhã, depois de se terem encarregado de uma carta para Mr. Coilard, deixei-os, seguindo no meu caminho.

O rio tinha de novo tomado água, e por isso deviam ter ali ainda muita demora; motivo porque Mr. Davis decidiu seguir só com alguns pretos para Shoshong, deixando com os vagões a Mr. Watlei. Mr. Davis, no momento em que eu ia a partir, fez o que eu tinha feito na véspera e atravessou o Ntuani a nado.

Parei junto ao Limpopo; ao meio-dia, depois de marcha de três horas.

Uma Vista do Alto Limpopo

Muito fatigado, e precisando de por em ordem alguns trabalhos, não saí a caçar. Estava sentado junto à margem do rio desenhando a paisagem, quando senti perto um tiro, e um steinbok passou correndo junto a mim, e precipitando-se no rio começou a nadar para a outra margem.

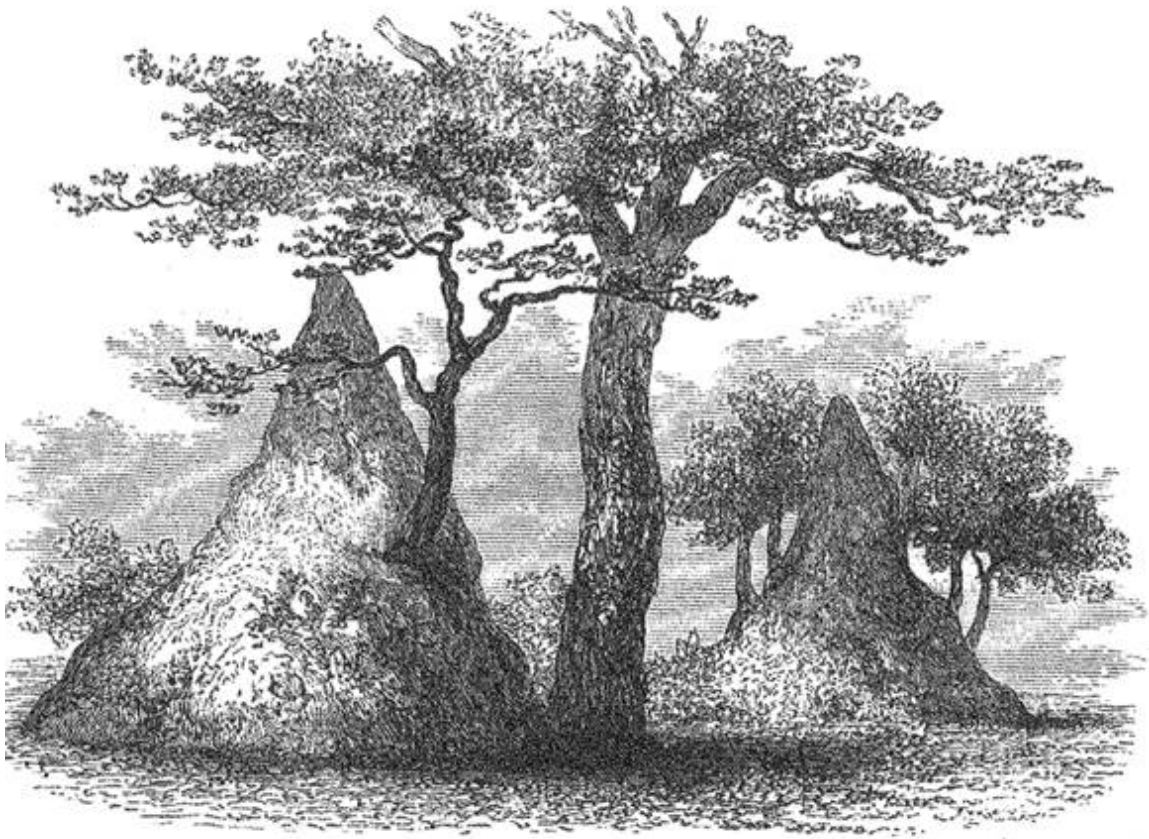
A água, que em volta dele se tingia de sangue, e o esforço que empregava ao nadar, mostravam-me que ia mal ferido. Augusto apareceu correndo e chegou ainda a tempo de ver o resultado do seu tiro. O antílope ia quase atingir a outra

margem, quando a água se revolveu em torno dele, uma cauda verde-negra e dentada espadanou as ondas, e steinbok e crocodilo desapareceram no pego. Estava destinado que eu não provasse da saborosa carne do pequeno herbívoro.

Augusto, tão valente como bruto, queria por força ir matar o crocodilo, "que roubou minha caça," dizia ele.

O bom do preto estava furioso.

Ainda nesse dia fiz uma jornada de uma hora, não indo mais além, por encontrar muita caça.

Já caçava mais para obter peles do que alimentação, porque já abandonávamos a carne, tanta era ela.

Montes termíticos junto ao Limpopo

O meu Stanlei, depois que se viu sem botas, não saía de dentro do vagão, e passava o tempo a comer e a dormir.

A 26, fiz, logo de manhã, uma jornada de cinco horas, subindo sempre a margem esquerda do Limpopo.

Mal tínhamos parado, Augusto veio dizer-me, que andava pastando perto um enorme chucurro (rinoceronte).

Passei rapidamente o freio ao cavalo, que ainda não tinha desaparelhado, montei e segui Augusto.

O enorme paquiderme já sentira o rumor do campo, e pusera-se ao largo.

Avistei-o a quinhentos metros, e ainda que Fli fez o seu dever, tive em breve de renunciar à perseguição da fera, que se internou em mato tão emaranhado que impossível me era segui-la.

É notável que, tendo eu atravessado de Benguela até ali, visse o primeiro rinoceronte junto ao Limpopo, onde hoje são raros, pela grande caça que lhe fazem os Böers.

Outro animal que abunda no Calaari, de que por vezes avistei bandos, e que nunca pude matar, foram as girafas.

É tão ligeiro e sustentado o seu correr, tão penetrante a sua vista, tão fino o seu ouvido, que difícil é chegar ao alcance de tiro, quando uma grande demora no país não permite ao caçador empregar a astucia.

Depois de ter desistido da perseguição do chucurro, voltei ao campo, quando encontrei Augusto que vinha no meu

seguimento. Ele pôs-se ao lado do cavalo e veio conversando comigo.

De repente, junto a uns arbustos, vi-o apontar a arma e fazer fogo.

Acavalo, e por isso tendo a cabeça muito mais alta do que ele, eu não vi a que tinha atirado o meu preto, quando deveria ser o primeiro a avistar a caça. Perguntei-lhe o que fora aquilo, e ele respondeu-me, entrando no mato, e arrastando um leopardo que não estava a mais de seis metros de nós.

Voltei ao vagão, em quanto Augusto ficou a esfolar o bicho.

De tarde ainda fiz uma jornada de três horas, por terreno muito acidentado e coberto de floresta densa.

Ao passar um cômoro, avistei o Zoutpansberg, que marquei a leste.

O sítio onde acampei para passar a noite é conhecido dos Böers, e tem o nome de Adicul. Não havia lua, mas o céu estava límpido, e resolvi fazer observações, para determinar aquela posição.

Esta circunstância foi causa de evitar uma grande desgraça.

Eu tinha obtido no Manguato uma lanterna para magnésio, que ali fora deixada por Mohr, ou outro, e que não servia, por falta do combustível.

A mim servia ela, porque eu tinha muito fio de magnésio.

Empregava-a eu para ler de noite os nónios dos instrumentos.

Nessa noite, tinha acabado de ler no nónio do meu sextante Casela, a altura da Canopus ([Grego: a] do Argus) no momento da sua passagem meridiana, e fazia horários pela Aldebaran ([Grego: a] do Touro), quando a dez passos de mim, rebentou um trovão medonho.

O meu Fli, preso a uma das rodas do vagão, deu tal puxão à corrente que fez mover o pesado carro, e os bois entraram de golpe no recinto onde estávamos, tremendo em convulsões de medo.

Larguei o sextante e peguei na carabina, sempre pousada junto a mim.

Augusto virou o foco da luz para a brenha donde saíra o rugido feroz, e iluminou as cabeças soberbas de dois enormes leões.

As feras fascinadas pela luz deslumbrante da combustão do magnésio, num momento de hesitação que tiveram, deram-me o tempo de apontar firme; os dois tiros sucederam-se com o intervalo de poucos segundos, e ambas caíram fulminadas.

Voltei-me para o vagão, onde senti um barulho infernal, e vi que Camutombo fazia esforços inauditos para segurar o meu Fli, que se levantava, e assustado forcejava por partir a corrente. O meu Inglês estava metido no vagão de espingarda na mão, e ameaçava matar todas as feras do continente Africano se elas se atrevessem a atacar os seus bois.

Os meus bois foram salvos

Deixei aos pretos o prazer de esfolarem os leões, e era belo ouvir o que cada um dizia de si mesmo naquela conjuntura. Não havia um só que se tivesse assustado, e para o fim creio mesmo que cada um já contava aos outros que os leões tinham sido esganados por ele.

Creio que só dois homens ali não tiveram medo, e esses foram Augusto e Veríssimo.

Augusto, que me iluminou firme, e Veríssimo, que me disse muito descansado: "Eu nem peguei na espingarda, porque o Sr. ia atirar, e eu sabia que os leões estavam mortos."

Larguei a carabina para pegar de novo no sextante, e tomar as minhas alturas da Aldebaran; ocupação de que tinha sido distraído por tão importunos hóspedes.

Ia-me deitar, quando novos rugidos de leão se fizeram ouvir.

Sem termos um campo fechado, eu receei pelo que pudesse suceder, e passei a noite velando com toda a gente junto ás fogueiras. Os rugidos duraram toda a noite, e a eles respondia com o ressonar sonoro o meu Stanlei, que estendido dentro do vagão, sonhava talvez com aquele filho pequenino de que se não podia separar, ou quiçá com as botas que não tinha.

Parti ás 6 da manhã, para parar ás 9, sempre junto à margem do rio.

Ao acampar, todos pensaram mais em dormir do que em comer, e Stanlei, que não tinha velado a noite, ofereceu-se obsequioso para vigiar pelos seus bois.

Ás 4 da tarde, depois de uma boa refeição de carne assada (a carne nesta parte da viagem ocupa o lugar do massango de alguns meses antes), partimos de novo, indo acampar, ás 8 e meia da noite, junto ao rio Marico.

O alvorecer do dia 28 veio mostrar-me que eu estava num sítio baixo e pantanoso, pouco arborizado e deserto.

Mal tinha acabado de fazer o meu toilete, quando Stanlei se acercou de mim e começou a dizer-me, que as saudades do filho pequenino e a falta de botas, o impediam de continuar ao meu serviço.

"Que daquele ponto saía um caminho transversal, que o levaria em oito dias a sua casa, e que, por isso, ele, os seus bois, e o seu vagão, deixariam de estar ás minhas ordens desde esse dia."

Declarei-lhe, que se enganava, que ele tinha feito um contrato comigo diante de Mr. Coilard, e que esse contrato era para me servir até Pretoria. O homem recusou-se terminantemente a passar dali.

Mostrei-lhe que a razão estava do meu lado, por tanto não cedia, uma vez que eu tinha a felicidade de juntar à minha

justiça a força.

Este último argumento foi eficaz, e o homem viu que eu não recuaria ante o empregar a força, e por isso acomodou-se, protestando a favor dos bois e do vagão, sua propriedade.

O Augusto, que logo de madrugada tinha ido caçar, voltou pelo meio-dia, e disse-me, que perto havia encontrado um acampamento de Böers.

Disse-lhe, que me guiasse para lá, montei a cavalo e segui o meu fiel preto.

Um quarto de hora depois, entrava no campo dos Böers.

Muitos vagões colocados paralelamente, entre eles algumas cubatas de caniço e palha; montes de despojos de caça; um alpendre com um torno de tornear madeira; um cercado com bois e muitos cavalos - eis o aspeto do acampamento de Böers nómadas que encontrei.

Algumas mulheres, de vestido de chita e toucas brancas, acarretavam água de um poço. A uma porta, duas, que não tinham nada de feias, descascavam enormes cebolas. Uma porção de pequenos, sujos e esfarrapados, brincavam sobre um chão enlodado.

A minha entrada fez sensação, e uma mulher velha, e ainda mais feia do que velha, veio arengar-me. Não entendi uma só palavra das que me disse aquele estafermo, e só percebi, ao abeirar-me dela, que era ainda mais porca do que feia e velha.

Para responder à fala da mulherzinha, que tinha empregado o Holandês corrompido dos Böers, escolhi o Hambundo, e respondi em língua do Bihé.

Estávamos pagos e entendidos. Ela não percebeu uma só das minhas palavras, como eu não entendi uma só das suas.

Eu, sempre perseguido pela velha, fui-me aproximando das raparigas das cebolas, que eram ao menos novas e bonitas, e falei-lhes em Inglês, Francês, Português e Hambundo, sem poder fazer-me compreender.

Chamei o meu Augusto, que já arranhava algumas palavras de Sesuto, aprendidas no Baroze e no convívio das gentes de Mr. Coilard, e disse-lhe, que perguntasse aquelas meninas, se não tinham homens ali. Ele dirigiu-se a elas, mas foi logo interpelado pela velha. Com custo, por meio daquele intérprete, soube, que os homens andavam à caça.

A velha, sabendo pelo Augusto que eu não era Inglês, mudou de modos para comigo, e creio que começou a tratar-me melhor.

As raparigas metiam as cebolas num panelão enorme, e punham-nas ao fogo nadando em água.

Pouco depois, chegavam uns sete homens a cavalo.

Havia um velho de longa barba branca, cinco entre trinta e quarenta anos, e um rapazola de dezoito ou dezanove. Apearam-se e vieram cercar-me.

O velho falava bem Inglês, e um dos outros falava um pouco.

Pudemos entender-nos. Expliquei-lhe quem era e donde vinha, duas coisas que eles não entenderam muito bem, e disse-lhes, que era Português, e não Inglês, porque já tinha percebido que eles não gostavam dos Ingleses. Contei-lhes o caso do meu Stanlei me querer deixar, e o velho disse-me logo, que mandasse descarregar o vagão e despedisse o homem, porque eles me dariam meios de continuar a viagem.

Não quis ouvir aquilo duas vezes, e mandei logo o Augusto buscar o vagão para ali.

No entanto, os Böers recebiam-me com franca hospitalidade, e até a velha já se sorria para mim. Que hediondo sorriso! Pouco depois comia cebolas cosidas e carne assada. Aqueles Böers, em quanto a provisões, só tinham mais do que eu cebolas.

Chegou o vagão que mandei descarregar, despedindo logo o seu dono, que se retirou satisfeito, como eu fiquei satisfeito por me ver livre dele.

Falei aos Böers, mostrando-lhes a necessidade que tinha de seguir o mais depressa possível, e eles prometeram-me, que no dia imediato teria um vagão e bois.

Á noite, eles contaram-me, que tinham feito parte dessa imensa leva de emigrantes, que, logo depois da anexação do Transvaal, tinham fugido ao jugo estrangeiro, e caminhado ao norte, inconscientes do que faziam, e ignorantes dos perigos do Calaari. Seiscentas famílias que se internaram no inóspito deserto viram os seus gados mortos ou dispersos pela sede, e foram vítimas do passo precipitado e inconsciente que deram. A vanguarda, em número de vinte-e-três pessoas, ponderam alcançar o Ngami, mas os seus gados iam esgotando os pequenos charcos, e aqueles que os

seguiam encontravam a morte junto ás lagoas dessecadas. Ao número dos poucos que ainda conseguiram voltar, pertenciam aqueles que me davam a hospitalidade franca dos Böers. Encontraram, ali junto ao Limpopo, tanta caça, que decidiram ficar naquele sítio, e viviam uma vida nómada, acampando nos lugares mais próprios ás suas explorações venatórias.

No dia seguinte, em quanto as raparigas me serviam um almoço de carne e cebolas, regado com ótimo leite, os homens preparavam um vagão ao qual jungiam apenas quatro juntas de bois.

O velho disse-me, que iria para tomar conta do vagão seu neto, um rapaz de 16 anos chamado Low, levando consigo um seu irmão, pequeno de 12 anos, de nome cristofe.

Os bois dos Böers foram-me passar o vagão para além do Marico, o que foi difícil, por o rio ir bastante cheio; e depois das melhores despedidas, fiz a primeira jornada em caminho de Pretoria.

Os Böers sabiam que havia Pretoria, mas nunca la tinham ido, e por isso o meu Low ignorava o caminho.

Eu incumbi-me de lho ensinar, e para isso deixei o único caminho seguido, aquele de Marico e Rustemberg; e dando um traço com uma régua na carta de Marenski, tirei um rumo em perfeita linha reta, e segui nele através da planície.

Desde que passámos o rio Ntuani andávamos cobertos de carrapatos, e bastava passarmos um pouco entre a erva para ficarmos cheios dos repugnantes insetos.

Quatro pessoas na minha gente apareceram com uma febre que se apresentou logo de mau carater. As duas mulheres, Moero e Pépéca.

Tive de lhes preparar o vagão a modo de as poder deitar nele, porque era impossível caminharem.

Todos nós estávamos extenuados pelas fadigas de uma tão longa jornada qual a de Benguela até ali; e sempre mal alimentados, sentíamos a fadiga a degenerar em doença, e exaustos de forças sentíamos a doença a terminar na morte.

A insalubridade das margens do Limpopo, e sobre tudo a do rio Marico, veio profundamente afetar as nossas saúdes, já

vacilantes em corpos derrancados, e todos em geral nos sentimos doentes.

Ainda assim, eu, dotado de uma organização especial, era quem mais resistia à extraordinária canseira que nos acabrunhava. E felizmente para todos, que eu resistia mais do que eles!

A noite do último de Janeiro foi tormentosa de chuva e trovoada.

Eu não me entendia com as duas crianças Böers que me acompanhavam, e que só falavam o Holandês; mas ainda assim, fazia-lhes dirigir o vagão à minha vontade.

No primeiro de Fevereiro, toda a gente estava pior, e sobre tudo o estado das duas mulheres e dos dois pequenos assustava-me. Eu mesmo ardia em febre.

Resolvi forçar as marchas o quanto possível, para no mais curto espaço alcançar o país habitado e alguns recursos.

Apesar do meu estado, logo que pus o vagão a caminho, afastei-me dele e fui caçar, conseguindo matar um sebseb. Fui encontrar o vagão, e fiz com Augusto, Veríssimo e Camutombo fossem buscar o antílope morto.

Em seguida forcei a marcha até ás cinco e meia da tarde.

Parei até ás 9 da noite para descansar os bois, fazer observações, e determinar o meu ponto, e sobre tudo para tratar dos doentes.

Ainda nessa noite jornadeei das 9 ás 10 horas.

O estado do Pépéca e de Mariana era muito grave. Estavam em delírio, e tinha-se-lhes declarado o tifo.

Os cáusticos, que eu lhes tinha aberto com água a ferver (por não ter outra coisa), eram continuamente pulverizados de sulfato de quinino, e durante a noite dei-lhes três injeções hipodérmicas com uma grama de sulfato cada uma.

Moero e Marcolina, a mulher de Augusto, não apresentavam sintomas de tanta gravidade como os outros dois, mas ainda assim estavam sujeitos ao mesmo tratamento.

Na manhã seguinte o estado dos doentes era o mesmo. Depois de lhes curar os cáusticos, resolvi partir, e não me apareciam os dois pequenos Böers. Fui na sua busca, e não longe, junto a um extenso pântano, a que eles chamavam a Cornucópia, me pareceu que eles estavam pastando, porque os vi apanharem erva e come-la com sofreguidão.

Aproximei-me para ver o que faziam, e conheci não me enganar. Os rapazes comiam erva. Ao abeira-los, eles estenderam para mim as mãos cheias de uma gramínea, espécie de caniço fino e de um verde muito claro. Por curiosidade peguei num de aqueles caniços, e provei. A minha admiração foi extraordinária ao encontrar naquela gramínea o mesmo gosto da cana de assucar.

Percebi então porque pastavam os rapazes. Era pura guloseima.

Fiz com que viessem ao vagão e pus-me a caminho.

Naquela planície apareciam muitas aranhas parecidas com a tarântula, cuja mordedura (me fizeram compreender os rapazes) é mortal. Isto creio que deve carecer de demonstração, porque em África se diz o mesmo dos escorpiões, e eu afirmo não ser verdade.

Depois de cinco horas de boa jornada, parei, e logo que tratei dos meus doentes, que continuavam mal, fui caçar, a fim de arranjar de comer para eles e para mim.

Só voltei ao vagão ás 6 horas, trazendo atravessado no arção um soberbo antílope. Parte do caminho notei que o

meu cavalo, sempre fiel, vinha inquieto, e fazendo curvetas que não eram de uso.

Ao chegar ao campo pude explicar a razão do caso. O antílope (Cervicapra bohor) com o pescoço pendido, veio, com um dos agudos cornos, fazendo uma larga ferida ao meu pobre Fli.

Depois de medicar os enfermos e a mim, e de comer alguma coisa, ainda jornadeei nessa noite por duas horas.

A 3 de Fevereiro, parti ás 4 da manhã, e parei ás 9.

Logo que acampei, avistei dois vagões de Böers que caminhavam para mim. Tive esperanças de obter deles alguns víveres, porque só tinha para comer os restos do antílope da véspera.

Baldada foi a minha esperança. Eram duas famílias de emigrantes que caminhavam, só escudados na caça, e com quem tive de repartir a pouca carne que já tinha.

Disse-me um, que falava Inglês, que eu ia entrar em país sem caça, mas que, se força-se as marchas, poderia, seguindo o trilho dos vagões deles, alcançar nessa noite a missão do Pilands Berg.

O país contínua, sendo uma planície enorme, da qual se erguem aqui e além ex-abruto algumas serras.

Assim era o Pilands Berg, que eu marcava ao sul.

Resolvi pois forçar as marchas, para alcançar a missão de que me falaram os Böers; mas, quando dei ordem à partida, apareceu-me Low consternado, dizendo muita coisa que eu não entendia, mas fazendo compreender, que o seu irmão cristofe faltava. A mim é que me não faltava mais nada, senão aturar o endiabrado rapaz.

Montei a cavalo, e larguei-me por matos e charnecas a procurar meninos perdidos. Chamei, dei tiros, corri em todas as direções, descrevendo círculos em torno do vagão, mas nenhum resultado tirei disso; e depois de seis horas de buscas inúteis, voltei ao carro, extenuado de fadiga, e tendo de balde cansado o meu pobre cavalo.

Nesse dia já se não jantou, por não haver que comer.

Low chorava e arrepelava os cabelos, dizendo muita coisa em Holandês, e se ás vezes imaginava que eu queria partir dali vinha deitar-se de joelhos aos meus pês, pronunciando o nome do irmão.

Eu estava verdadeiramente perplexo, e ora me enfurecia contra os Böers, ora tinha por o estado de Low a maior compaixão.

Os meus doentes não melhoravam, mas medicamentos e dieta não lhes faltava.

Resolvi passar ali a noite, e confesso que não deixava de entrar em furor, ao lembrar-me do tempo precioso que perdia em circunstâncias tão graves como aquelas em que estávamos.

Ás 9 da noite, senti grande alarido, e percebi que o cristofe tinha chegado.

Não me entendendo com eles, só dias depois, por um intérprete, pude ter a explicação do facto.

Christofe, logo que o vagão parou naquela manhã, foi para o mato apanhar pássaros com visco. Entreteve-se por la até que eu o fui procurar.

Vendo-me gritar por ele e dar tiros, teve medo de que eu lhe batesse ou o matasse; escondeu-se no matagal o melhor que pode, e la se deixou ficar todo o dia.

Veio a noite, e o medo dos bichos foi superior ao medo de mim, e o pequeno voltou ao vagão.

Não me faltava, na minha viagem, senão aturar uma criança.

Ás quatro horas da manhã; segui viagem, e parei ás 8, porque o nosso estado não nos permitia grandes esforços.

A leste de mim, corria N.N.O. um sistema de montanhas que marginam o Limpopo.

Descansei até ás 11 horas, seguindo a essa hora, alcancei Souls Port, a missão do Pilands Berg, ás 4 da tarde.

Estabeleci-me numas ruinas, a duzentos metros da casa do missionário, a quem mandei um bilhete de visita.

Pouco tempo depois, entrava nas ruinas uma dama acompanhada de um criado, que trazia uma grande bandeja de pêssegos e figos. Era Madame Gonin, a esposa do missionário. O seu marido estava ausente, e só chegaria no dia imediato.

Ao passo que escutava Madame Gonin, comia pêssegos e figos com fome de trinta e duas horas! Dei-lhe escusa do

que fazia, dizendo-lhe, que tinha fome.

A dama retirou-se, e algum tempo depois, enviava-me uma ótima ceia.

Dois pretos vinham carregados de comida para a minha gente.

Fui agradecer-lhe, e voltei ás minhas ruinas.

No dia seguinte, julguei livres de perigo os meus dois doentes mais graves, Mariana e Pépéca.

Logo de manhã, fui a uma fazenda de Böers, a ver se obtinha víveres.

O país em torno de Pilands Berg é muito cultivado, e aqui e além alvejam no sopé da serra algumas casas de Böers.

Dirigi-me a uma delas.

Fizeram-me entrar numa sala, que em todas as casas dos habitantes do Transvaal desempenha o duplo fim de casa de mesa e sala de visitas.

Aquela tinha suficiente pé direito, era espaçosa e alegre. As paredes, pintadas a fresco, representavam cupidos vendados, despedindo traiçoeiras frechas contra corações

enormes engrinaldados de rosas, isto sobre um fundo azul celeste, dado em aguada pouco nítida.

O pintor não fora nenhum Rubens ou Van Dick, mas preciso declarar, que ainda assim, me surpreendeu o trabalho artístico daquela sala; superior ao de umas certas salas de mesa, de muitas casas de Lisboa, que figuram no primeiro plano um boneco pequenino, pescando à linha num rio, onde ao longe navegam dois namorados enormes tocando bandolim; ao passo que numa árvore encarnada e azul, muito distante, pousa uma arara vermelha, maior ainda do que a árvore, do que os namorados e do que o pescador.

Ao menos, nas pinturas mitológicas da sala Böer havia uma significação, e aquelas rosas engrinaldando os corações feridos, vinham lembrar, que as chagas de amor, como as rosas, tem perfumes e tem abrolhos.

Eu, se algum dia, depois de longa vivenda em Lisboa, por esse poder de imitação, que me faz admitir as teorias de Darwin, chegar ao requinte de mandar pintar a minha sala de jantar por artista indígena, dar-lhe-ei as indicações da escola Transvaliana.

A sala da casa Böer, além das pinturas das paredes, pouco mais tinha de notável. Uma grande mesa, algumas cadeiras, uns vasos com plantas floridas nos vãos das janelas. Cortinas pendentes de guarnições de pau despolido, feitas de caça branca, com um recorte encarnado, e cujas extremidades inferiores, muito longe do chão, davam ás janelas esse ar desastrado de uma menina de quatorze anos, que, trajando vestido nem curto nem comprido, nos deixa perplexos, sem saber se devemos cortejar uma dama, ou beijar uma criança.

A um canto, sobre uma pequena mesa, o livro dos Böers, uma Bíblia enorme, com fechos de prata, sobre uma encadernação outrora vermelha e hoje de cor indefinida, pelo uso das mãos sebentas, de três gerações de Böers.

Faziam-me as honras da casa duas damas Transvalianas, vestidas, como todas as do país, de chita, e trazendo na cabeça toucas brancas. Uns poucos de pequenos, quase todos do mesmo tamanho, agarravam-se aos vestidos delas e trepavam-lhes aos joelhos. O modo porque eram recebidos, parecia mostrar-me que eram todos filhos de

ambas as damas; o que me causava o maior espanto, e me fazia entrever uma coisa nova para mim.

Veríssimo servia-me de intérprete, empregando a língua Sezuto. Antes de lhe dizer o que queria, perguntei-lhes de quem eram filhos aqueles meninos? Ambas, ao mesmo tempo, com esse orgulho de todas as mães (em quanto os filhos são pequeninos, e não vem, pelo seu tamanho, revelar segredos de idades que se devem ocultar), responderam: "Sam nossos."

O caso complicava-se com aquela resposta, e eu cada vez entendia menos.

Entrei em explicações e soube afinal, que os pequenos eram uns de uma, outros de outra; mas, como elas seguiam o costume Böer, de viverem dois casais na mesma vida doméstica, todos eles eram reputados filhos de cada uma.

O paradoxo fisiológico tinha desaparecido, mas erguia-se aos meus olhos outro psicológico não menos extraordinário.

No Transvaal dois casais podem viver sob o mesmo teto, e comerem da mesma panela; e dois amigos combinam casar no mesmo dia e irem viver juntos com as suas mulheres; e

depois com filhos e netos, para sempre. E vivem, e são felizes, e não há ali intrigas e desgostos entre eles! Ainda, entre eles, compreende-se; mas entre elas! É admirável.

A vida patriarcal dos Böers revela-se neste traço.

Depois de me explicarem estas coisas, eu disse ao que ia. Precisava de provisões. As boas raparigas ofereceram-me logo dois enormes pães, e disseram-me, que não podiam vender-me galinhas ou patos sem estarem presentes os seus maridos, que tinham ido para a labutação dos campos; mas pediram-me para esperar um pouco, porque eles não tardariam a voltar para o almoço.

Uma desapareceu, e provavelmente foi para a cozinha, em quanto a outra trouxe para a sala uma máquina de costura, e pôs-se a trabalhar.

Eu fui dar uma volta no quintal, onde me ficaram os olhos na hortaliça, que ali crescia cuidadosamente tratada.

Que fome eu tinha de alimento vegetal!

Algum tempo depois, chegaram os Böers, que me encontraram em flagrante delito de colher feijões que comia crus.

Voltei com eles a casa.

Logo que entrámos na sala dos Cupidos, reuniu-se a família toda, e todos se sentaram nas cadeiras junto ás paredes.

Veio, em seguida, uma preta com uma pequena banheira, e o mais velho dos homens descalçou as botas, e lavou os pês; seguiu-se o outro, as damas e os pequenos, e a preta correu à roda da casa com a banheira.

Em seguida, fomos para a mesa.

Veio então a Bíblia, e o mais velho leu, com profundo recolhimento, alguns versículos do Livro dos Números, o quarto Livro de Moisés. Começou o almoço; eu, com o estômago cheio de couves cruas e feijões colhidos do pé, não podia comer nada, o que contrariava os meus hospedeiros; mas tomei uma chávena de péssimo café com ótimo leite. Depois de almoço, os bons dos fazendeiros ofereceram-me seis galinhas e dois patos, e nada quiseram receber por isso.

Levei de hortaliças quanto pude carregar no meu cavalo.

Logo que cheguei a Souls Port, soube do regresso do missionário, por um convite para jantar, escrito por ele, que

encontrei nas mãos de Augusto.

Fui ver logo os meus doentes, que achei melhores, sobre tudo o pequeno Moero, que já se tinha levantado.

Dali segui para a casa do missionário, onde fui cordialmente recebido.

Mr. Gonin, Francês e amigo de Mr. Coilard, exultou com as boas notícias que lhe dei dos amigos que tinha deixado em Shoshong.

Tive um jantar magnífico, e tanto mais agradável, que a ele assistiam três damas, Madame Gonin e duas jovens e formosas Inglesas do Cabo, hóspedes da casa.

Depois de jantar voltei ás ruinas onde tinha acampado, para fazer observações, e determinar a minha partida para o dia seguinte. Ao chegar ao vagão, uma má nova me esperava.

Low veio dizer-me, que tinham desaparecido dois bois, e não tinha sido possível encontra-los. Os seis bois que restavam não poderiam arrastar o vagão dali a Pretoria.

Decidi ficar ali a procurar os bois, e dei-as precisas ordens, para que toda a gente semi-válida logo de madrugada se

pusesse em campo.

Foram baldados todos os esforços, e os bois não apareceram.

Comuniquei ao missionário Gonin o meu grande embaraço, e fui logo tranquilizado por ele, que pôs à minha disposição uma das suas juntas de bois.

Além disso, ordenou a um dos seus criados, um Btjuana chamado Farelan, para me acompanhar até Pretoria; servindo-me ao mesmo tempo de guia e de intérprete, já para com o gentio, já para com os Böers, porque falava bem o Holandês.

Dispostas assim as coisas, determinei seguir no dia 7, e depois de agradecer a Mr. e Madame Gonin tantos favores, parti ás 6 horas da manhã, indo parar, ás 10, junto a uma casa de Böers, que me receberam muito bem, dando-me abundantes provisões.

Ainda nesse dia fiz duas grandes jornadas. Dos meus doentes, a Mariana e o Pépéca, apresentavam sensíveis melhoras, ainda que prometiam uma demorada convalescença; Moero estava em via de restabelecimento,

mas Marcolina, a mulher de Augusto, dava-me cuidados, porque se achava num estado adinâmico, com febre constante, que não cedia ao tratamento.

No dia 8, o estado de Marcolina era muito grave.

Parti ás 4 da manhã, e ás 5 encontrava o rio Quetei, próximo da sua confluência com o Machucubiani.

A dificuldade da passagem foi grande, por serem muito apicadas as margens e levarem os rios muita água.

Depois de três horas de trabalho violento, conseguimos transpô-lo, e acampámos na margem oposta.

Marcava meia milha a O.N.O. o Pico Bote, onde foi pelejada a última batalha entre Böers e Matebeles, sendo estes completamente batidos e forçados a recuar para além do Limpopo.

Depois de um descanso de três horas, segui avante e jornadeei por oito horas, em duas marchas.

O sítio onde acampei, junto a um riacho que corre ao Limpopo, era coberto de rochas, massas enormes de granito, o primeiro que encontrava depois do Bihé.

A disposição geológica do terreno mostrava-se-me, tal qual, a parte do planalto da Costa de Oeste entre Quilengues e Bihé.

A flora é que ali é muito diferente. No planalto, costa de oeste, aparece uma vegetação arbórea opulenta; ao passo que, nesta parte do Transvaal, apenas se vê um ou outro arbusto raquítico; mas a vegetação herbácea é rica, e sobre tudo as gramíneas tem desenvolvimento grande.

No dia 9 de Fevereiro, o estado de Marcolina era tão grave, que decidi não continuar viagem até ver se ela obtinha melhoras. Baldados foram os esforços empregados para a salvar, e ao meio-dia expirou.

Pobre mulher! Depois de tão aturadas fadigas, depois de tão árduos trabalhos, veio perder a vida quando estava próxima a encontrar o descanso e o conforto!

Marcolina era a legítima mulher de Augusto. Viera com ele de Benguela até ali, e mesmo no tempo das aventuras galantes do marido, nunca o abandonou, apesar dos maus tratos que dele recebia.

Augusto chorava como uma criança junto ao cadáver da sua companheira fiel.

Na madrugada seguinte, Camutombo e o Betjuana Farelan, abriam uma profunda cova, onde se enterrava a mesquinha.

Eu, de cabeça descoberta e comovido, vi cair a terra sobre o cadáver frio.

Ali, na margem do ribeiro, junto a Betania, deixava eu a última vítima da expedição Portuguesa através de África. Dali levava uma saudade pungente. Ainda bem que aquele devia ser o último túmulo!

O último enterro

Voltando ao vagão, perguntava a mim mesmo, se a ciência tem direito a tais sacrifícios; se o homem, no orgulho de juntar mais um átomo de saber ao pouco que sabe, pode dispor para isso da vida do seu semelhante, e imola-lo cruamente a um ídolo tão vão como os outros?

No meu espírito não podia formular uma resposta à pergunta que fazia, e hoje digo que isto é uma questão a

debater entre o homem e a sua consciência.

Logo que cheguei ao vagão, dei ordem de partida, e segui adiante, para ir visitar a missão de Betania.

Betania é uma aldeia de quatro mil habitantes de raça Betjuana, formada de casas bem construídas, e muitas de janelas envidraçadas.

O missionário que ali encontrei, Holandês ou Alemão, chamava-se Mr. Behrens.

Apareceu-me fumando num enorme cachimbo de louça, e uma das primeiras coisas que me perguntou foi, se eu lhe tinha trazido umas pás que me emprestara para abrir a cova de Marcolina?

Um quarto de hora depois, eu deixava a casa do missionário, e seguia caminho, indo parar, ás 11 horas, junto de uma aldeia de Böers.

Vieram eles logo buscar-me para suas casas, e tive de entrar em casa de todos. Em todas fui obrigado a tomar alguma coisa, e em todas recebi presentes de batatas, frutas, hortaliças e galinhas. A custo me pude desembaraçar daquela boa gente, e pude partir ás 3 da tarde.

Encontrei outra vez a margem esquerda do Limpopo, que subi por três horas, para chegar a um vau conhecido do meu guia Farelan.

Junto ao vau estava grande porção de vagões Böers. O rio trasbordava, e não dava passagem, diziam eles.

Como Farelan conhecia o vau, disse-lhe, que se metesse à água e fosse até onde pudesse. O Betjuana passou o rio com água pelo pescoço. Mandei logo tanger os bois, e fiz entrar o cavalo na água, passando o rio num momento. Eu e os meus já sabíamos lidar com um vagão e com os rios da África.

Os Böers ficaram pasmados, mas pasmados ficaram na outra margem, debaixo de uma chuva torrencial que caía.

Acampei ali. No dia imediato, os alvores da manhã vieram mostrar-nos o rio que tinha saído do seu leito, e que deveria levar mais três a quatro metros de água.

Os Böers que recearam na véspera arriscar os vagões, tinham que esperar muitos dias para o passarem.

Eu segui viagem, e ás onze horas e meia, passava a enorme serra que divide o Transvaal no sentido este-oeste, o

Magalies-Berg.

Foi dificílima a passagem da alta serra, e sobre tudo a descida na vertente do sul perigosa. O vagão, sem travão, precipitava-se sobre os bois e ameaçava despedaçar-se. Tive de por os doentes a pé, com receio de um acidente.

Low caiu, e uma roda do vagão esmigalhou-lhe as falanges da mão esquerda.

Fiz-lhe um primeiro curativo, e tratei de forçar as marchas, para alcançar Pretoria, onde ele podia ser cuidadosamente tratado. O Betjuana Farelan previne-me de que façamos provisão de lenha numa mata no sopé da serra; porque dali a Pretoria só encontraríamos planícies desarborizadas. Assim fizemos, continuando a jornadear dia e noite, apenas com o descanso necessário para os bois.

Finalmente, no dia 12 de Fevereiro, ás 8 da manhã, acampava uma milha a N.N.O. de Pretoria, e deixando ali o vagão e os meus, entrava sozinho na capital do Transvaal.

Magalies-berg

CAPÍTULO 6

NO TRANSVAAL

Estou em Pretoria, a Capital do Transvaal, e antes de continuar a narrativa das minhas aventuras, vou dizer algumas palavras da história deste país e dos seus habitantes. Não se arreceiem os meus leitores do caso. Ainda que um moderno historiador Francês num belo livro escreveu a conceituosa frase, "L'histoire ne comence et ne finit nule part," eu prometo-lhes que o rápido golpe-de-vista que vou lançar sobre a história deste povo será tão curto, como curta é ela.

Não sei quando acabará, se é que não findou já ou está a findar, mas o começo da vida Böer, desde que essa vida tomou a forma de nacionalidade autonómica, é dos nossos tempos, é deste século.

Bartolomeu Dias primeiro, e Vasco da Gama depois, os ousados Portugueses que afrontaram antes de ninguém as

tempestades do Cabo, pensando só na India, como na terra da promissão, pouco ou nenhum caso fizeram da extrema África do Sul.

Foi só em 1650 que a Holanda-não o governo Holandês, mas a companhia das Índias-ali fundou uma feitoria, para refrescar os seus galeões em viagem do mar Índico, feitoria estabelecida pelo Doutor Van Riebeck.

Esta feitoria ergueu-se onde hoje assenta a formosa cidade do Cabo.

A companhia das Índias, que pouco se importava com a África, não pensou em fundar ali uma colonia, e antes pôs todos os estorvos à iniciativa particular, que tendia a cultivar a terra e a comerciar com o indígena.

Pelejavam-se então na Europa as guerras de religião, e com a revogação do Edito de Nantes e a perseguição dos Protestantes em França, muitos emigraram, e entre eles alguns foram para a Holanda. A companhia das Índias deu-lhes transporte para a África, e eles aceitando-o pressurosos, foram deixados no Cabo. Não chegava a duzentos o seu número, e se atentarmos a que, segundo diz

a história, van Riebeck não levou consigo mais de cem pessoas; e dando-se mesmo o caso de que essa população tivesse duplicado no tempo decorrido de 1650 à chegada dos emigrantes Franceses, estes equilibravam em número com a população Holandesa.

Faço notar esta circunstância, porque, sendo estes dois elementos que deram principio a essa raça hoje chamada os Böers, quero concluir, que nesse povo, a respeito do qual se tem escrito tão pouco e tão errado, o sangue Francês, se não domina, ao menos equilibra com o Holandês.

O governo Holandês, desde o estabelecimento dos emigrados Franceses no Cabo, trabalhou para lhes cortar todas as relações com a mãe pátria, e o primeiro golpe que nelas deu, foi a proibição do uso da língua natal, já na celebração do culto divino, já nas relações especiais com o governo, e nos atos oficiais.

Custa a compreender como o obteve, mas é facto que lhe quebrou aquele laço que nas futuras gerações os podia prender à França; e de tal modo, que quando o General Clarke, em 1795, chegou ao Cabo com o Almirante

Elfinstone, e se apossou da colonia em nome da Inglaterra, nem um só Böer falava ou compreendia o Francês.

Muito antes da ocupação Inglesa, que se não tornou efetiva senão em 1806, época em que a Inglaterra se apossou definitivamente do Cabo pela força, desprezando as convenções da paz de Amiens, que restituía aquela colonia aos Holandeses, já muito antes os colonos fugiam aos vexames do governo da Holanda; e internando-se no continente iam longe estabelecer-se onde encontravam bons terrenos para cultura e bons pastos para os gados; preferindo brigar com o gentio e prover à sua própria defesa, a estar em relações e sob a proteção de um governo que os tornava verdadeiros escravos.

Daí data o nome e a vida errante dos Böers, nome bem pouco em harmonia com tal vida, porque Böer quer dizer fazendeiro ou lavrador, o que dá uma ideia de estabilidade, que eles não tinham nem ainda hoje tem; sendo mais pastores e nómadas do que lavradores são.

O primeiro que nos fala dos Böers na sua vida quase primitiva, reduzidos como foram a prover eles mesmos ás necessidades da vida absoluta, é Levailant, que visitou o

interior da África do Sul, antes da Revolução Francesa, isto é, 14 ou 15 anos antes da primeira ocupação do Cabo por Clarke e Elfinstone. Levailant diz muito mal deles nas suas relações com as tribos indígenas.

Trata-os de déspotas e de abuso constante da força. Devemos dar crédito ao que diz Levailant, mas devemos também examinar sem paixão as circunstancias em que viviam aqueles homens, duas vezes emigrantes, e errando sem pátria num país hostil. Acusam-nos nesse tempo de abusar da força, quando a fraqueza estava do lado deles, como sempre esteve.

Tinham armas é verdade, mas os Cafres tinham o número, e eu sei o quanto vale o número sobre as armas, e sabe-o hoje a Europa, e sobre tudo a Inglaterra.

Os Zulos, os Cafres, e os Basutos tem-lho ensinado.

Não devemos lançar à conta de espírito de crueldade, represálias filhas da necessidade de impor o respeito pelo terror a tribos indomáveis e ferozes. O que lançam em rosto aos Böers de roubarem e dividirem entre si os gados e as riquezas dos povos vencidos, é hoje admitido como

direito da guerra, e a nação vencedora impõe à vencida um tributo que não é mais do que o que faziam os emigrantes Franco-Holandeses, aos Cafres vencidos; que não era diferente proceder do que tiveram os Ingleses naquelas mesmas paragens no fim das guerras de 1834 e 1846.

Apesar de se terem internado no continente, os Böers só em 1825 passaram o rio Orange, inclinando-se a N.E. para fugirem da esterilidade do deserto que se estende ao Norte e N.O. da confluência do Vaal.

Foram obrigados a isso pela falta de chuvas que então houve no país que eles ocupavam.

A abolição da escravatura depois da guerra de 1834 trazia os Böers descontentes, porque perdiam com ela os braços que os ajudavam.

Sem pátria, sem história, e por isso sem amor a nenhuma terra, eles começaram uma nova emigração em massa, e o número dos fugitivos que passaram o Orange foi avaliado em oito mil.

Elegeram então um chefe, e recaiu a escolha em Pieter Retief, cujo primeiro passo foi, expedir uma nota ao

governo do Cabo, na qual lhe dizia, que eram livres e livres iam escolher um país para habitar.

Nessa nota havia exarada intenção em que estavam de viver em paz com o gentio, de não admitirem a escravatura, e de estabelecerem nitidamente quais as relações que deviam existir entre amos e criados.

Receando dos Cafres, os Böers, passado o Orange caminharam ao norte, mas foram, nos Zulos que ocupavam a margem direita do Vaal, encontrar inimigos mais terríveis do que aqueles que evitavam.

O célebre Muzilicatezi, que depois se tornou conhecido como rei do Matebeli, tentou sustar a marcha dos emigrantes, e por isso eles tiveram de pelejar uma sangrenta batalha, em que levaram de vencida o valente chefe Zulo.

Então Pieter Retief dirigiu a caravana a leste, e tendo notícias de um país magnífico que se estendia para além da Cordilheira do Drakensberg até ao mar, guiou para ali a sua horda de aventureiros.

Ao chegar ao país desejado, um novo obstáculo lhe veio tolher o passo.

Uma tribo poderosa e guerreira procurou destruir aquele punhado de valentes. Foram mortíferos os combates travados entre Retief e o chefe Cafre Dingam, e num deles a vitoria dos Böers custou a vida do seu chefe Retief, e a Gert Maritz seu imediato.

Senhores das terras de Natal, os Böers escolheram uma posição magnífica para fundar uma cidade, e elegeram um novo chefe. A cidade teve o nome de Pietermaritzburg, nome que foi um monumento imorredouro levantado à memória dos dois primeiros chefes Böers.

O homem escolhido para novo chefe foi Adriano Pretorius, que tempo depois devia ser o primeiro presidente da república Transvaliana, e cujo nome devia ser perpetuado como os de Retief e Maritz na futura capital dos Böers.

De 1840 a 1842, os emigrantes viveram tranquilos, cultivando a terra e apascentando os gados na sua nova pátria.

Pensavam mesmo já em firmarem a sua autonomia, constituindo-se em república sob o protetorado de uma nação Europeia; quando Sir George Napier, por ordem do governo da Metropoli, mandou ocupar a Natalia por forças Inglesas, fazendo saber aos Böers que a Inglaterra não consentia que os seus súbditos formassem estados independentes sobre as costas marítimas.

Pretorius recebeu muito mal o enviado de Sir George Napier, e foi junto a Pietermaritzburg que se trocaram as primeiras balas entre Böers e Ingleses. Prevenido da resistência dos Böers, o governador do Cabo reforçou as tropas de Natal e esmagou a insurreição. A pouca simpatia que os Böers votavam aos Ingleses, desde esse dia converteu-se em aversão profunda.

Começou para os emigrantes uma nova época de árdua peregrinação, e abandonando a terra escolhida, foram novamente procurar um país além do Drakensberg, um país onde pudessem ser livres e senhores.

Ao passar a elevada cordilheira espalharam-se ao norte e ao sul do Vaal; estabelecendo as suas residências no terreno compreendido entre o Vaal e o Orange, e mesmo ao

norte sobre a margem direita do Vaal, onde fundaram a cidade de Potchefstroom, em 1843.

Sabendo que o Governo Inglês considerava aquele país como seu, e como seus súbditos os habitantes, Pretorius persuadiu a muitos dos Böers o emigrar de novo, e com eles caminhou ao norte. Teve de bater-se com os Zulos, que, vencidos numa última batalha no Pico Botes, foram rechaçados para além do Limpopo, onde o seu chefe Muzilicatezi estabeleceu o reino do Matebeli.

Foi então que foram fundadas mais duas povoações, Lidenburg e Zoutpansberg.

É preciso notar, que a cada nova emigração, muitos dos Böers se recusavam a seguir o entusiasmo pela liberdade que inflamava outros, e conservavam-se nos países abandonados, tendo, por isso, de se sujeitar ao governo Inglês.

Foi assim que muitos não deixaram as suas residências entre o Orange e o Vaal, e cortaram, por assim dizer, relações com aqueles que emigravam sempre. Esse núcleo que ficou, deu origem aos que hoje formam o Estado livre

do Orange, e ali fundaram a cidade de Bloemfontein, sua capital.

Lord Grei, sendo Ministro das Colonias em Inglaterra, em 1852, entendeu que eram bastante grandes e ruinosos os domínios Ingleses na África, e resolveu de limita-los.

Querendo, ainda assim, fazer as coisas em grande e talhar por largo, deu ordem ao Governador do Cabo para declarar o Vaal como fronteira norte dos domínios Britânicos, e para conceder os direitos de autonomia aos súbditos Ingleses que se estabelecessem além daquele limite.

É desta data o tratado feito com os Böers, pelo qual a Grã-Bretanha os reconheceu livres e lhes concedeu os direitos de autonomia; é desta data que teve um nome o país compreendido entre o Vaal e o Limpopo; é desta data que o governo do Transvaal se constituiu definitivamente; é nesta data que Adriano Pretorius foi eleito presidente da nova república.

Os Böers insurgentes, os teimosos em fugir ao jugo estranho, acabavam de constituir uma nação, de criar um país, e de estabelecer a sua liberdade; ao passo que os

Böers fiéis aos Ingleses só em 1854, mais de um ano depois, foram livres e ponderam constituir-se em nação, formando o Estado Livre do Orange.

É verdadeiramente admirável ver estes grupos, onde não abundavam os recursos de instrução, porque o Böer só lê e só conhece a Bíblia; ver estas gentes ignorantes dos regimes governativos, a que fugiam havia um século, de repente constituírem-se em nações, formarem um sistema governativo, elegerem assembleias nacionais, e legislarem sensatamente!

Adriano Pretorius foi um homem a todos os respeitos notável, e que teria feito um nome mesmo entre povos menos rudes do que os Böers.

Inflamado pelo ardor da liberdade, sabia incutir o seu entusiasmo no ânimo dos que o rodeavam, e pertinaz numa ideia grandiosa, viu coroados de êxito os seus esforços, dando uma pátria aos seus, e fixando num país riquíssimo, todo um povo disperso.

Este grande homem apenas entreviu a sua obra, porque morreu ao conclui-la. O sufrágio geral levou ao poder seu

filho, do mesmo nome, criado nos mesmos entusiasmos do seu pai.

O novo Pretorius procurou dar melhor organização aos serviços da nação, mas o mesmo desejo de liberdade que animava os Böers a fugirem ao domínio Inglês, fazia que muitos procurassem escapar ao domínio do governo central da República. Contudo, encontravam-se sempre que era preciso ligar-se contra um inimigo estrangeiro, e as muitas guerras que sustentaram para acalmar os indígenas, sempre hostis, são disso prova.

Em 1859, os Böers do Estado Livre do Orange aclamaram seu presidente a Pretorius, que, diretor supremo dos negócios das duas repúblicas, pensou logo em levar a efeito uma união vantajosa para os interesses comuns.

O governo Inglês andou de tal modo nessa questão, que Pretorius nada pode alcançar, e abandonando Bloemfontein, voltou ao Transvaal, onde tomou de novo a direção dos negócios públicos.

Daí até 1867, aqueles dois povos, que apenas contavam um 15 outro 13 anos de existência autonómica, não foram

perturbados no seu viver rude e pacífico, a não ser por pequenas questões com o gentio logo acalmadas; mas, em 1867, os Böers dos dois estados, Transvaal e Orange, foram surpreendidos por uma notícia que veio perturbar por um momento a sua vida tranquila. Nas fronteiras oeste dos dois estados, tinham sido descobertas as suas ricas e prodigiosas minas de diamantes, e aquele pedaço de terreno prometia uma riqueza inesgotável ao seu possuidor.

Naturalmente Böers do Transvaal e Böers do Orange lançaram para ele as vistas cobiçosas.

A terra que de um momento a outro tomou tão grande importância, e que, como o Brasil, a Califórnia e a Austrália, chamou logo a si aventureiros de todas as nações, pertencia a uma tribo, os Grícuas, mestiços de origem Böer, que a esse tempo eram governados por um tal Waterboer, que não perdeu tempo em fazer valer os seus direitos ao terreno cobiçado.

Entre os aventureiros que o fulgor dos diamantes atraía aquela nova Golgonda, abundavam Ingleses, que excediam todos os outros em número.

A vontade de se apossar do terreno diamantífero só foi manifestada claramente pelos Böers do Orange em 1870, ano em que o presidente Brand convidou Waterboer a uma conferência, e procurou convence-lo de que era senhor, por direitos adquiridos, do cobiçado tesouro.

Waterboer não se deixou convencer, e retirou para o seu país, teimoso em querer continuar a ser senhor dele.

O presidente Brand, pela sua parte, não cedeu também, e publicou uma proclamação, em que dizia ser dos estados do Orange a terra dos Grícuas, enviando logo ali um delegado da república para se estabelecer como governador.

Os Böers do Transvaal a esse tempo procuravam de traçar nitidamente as fronteiras do seu país, e acabavam de referendar com Portugal o tratado da demarcação da sua fronteira de Este, negociado, em Julho de 1869, entre o próprio Pretorius e o Visconde de Duprat, comissionado, para isso, pelo Governo Português. O tratado de 1852 definia suficientemente as suas fronteiras sul e sueste, mas as outras fronteiras eram demarcadas, a Norte pela mosca ze-ze junto ao Limpopo, e a oeste, por coisa nenhuma.

Entendeu pois Pretorius, que tanto direito tinha o presidente Brand como ele à posse da terra Grícua, e mandou para ali um delegado oficial da República, como o Orange mandara o seu.

Havia três anos que a primeira pedra desse carvão puro e cintilante, a que a vaidade humana deu um tão extraordinário valor, aparecera nos perdidos sertões da África do sul, e já nos terrenos saibrosos onde as mãos ávidas de centenares de aventureiros escavavam os pequenos seixos, se levantava uma cidade opulenta, onde formigava a vida e a civilização da Europa.

Era Kimberlei. Era uma maravilha edificada com diamantes, como S. Francisco da Califórnia foi edificada com ouro. Era um desses prodígios que brotam da terra, junto à mina que se explora, que crescem rápidos em grandeza e em civilização, que tem um comércio novo e forte, que arroteia terreno virgem, que tem um cérebro novo e inventivo, e que nascido hoje, amanhã desenvolvido pelas forças novas que o avigoram, efeitua agora em meses e semanas, o que antes demandava séculos e anos.

A mina é o mais poderoso princípio do desenvolvimento de uma terra virgem.

A mina é o mais poderoso incentivo da colonização de uma terra agreste.

Cintile o diamante, fulgure a pepita do ouro, negreje o bloco de hulha, lance a mina do seu seio cavernoso, o cobre, o ferro e o chumbo, e ali no deserto julgado árido, em torno do chumbo, ferro, cobre, hulha, ouro e diamante, nasce a vida, cria-se a civilização, e o progresso caminha rápido como os seus modernos elementos, o vapor e a eletricidade.

Ontem as enxadas rudimentares dos indígenas esgravatavam uma polegada de terra, e hoje as locomóbiles poderosas, lançando aos ares o grito da civilização no sibilar do apito, vão movendo arados que revolvem fundo a terra, virgem desde a sua formação geológica, e vem trazer à superfície em glebas recurvadas o pedaço de solo que nunca cuidou ter outro movimento além do que as leis do criador lhe marcaram no espaço infinito.

Ali, onde ontem um rio caudaloso apresentava barreira insuperável aos passos do raro caminhante, hoje uma ponte construída de bocados de ferro ligados em harmónica arquitetura pelas leis sublimes da ciência, dá fácil passagem a uma população condensada, que nem sequer pensa nas águas revoltas que lhe correm aos pês.

O pântano que ontem exalava o miasma pestilento, está hoje convertido em parque ameno, cujas árvores modificam a atmosfera e o clima.

O ferro que, ontem elementarmente tirado da terra, apenas servia para a imperfeita ponta da azagaia bárbara, corre hoje nas formas gigantescas, e resfriando em forma de rails, vai estender-se nessas artérias enormes onde pulsa o sangue das nações modernas.

Do trabalho e da criação material nascem novas ideias, o cérebro reforça-se, as faculdades criadoras do engenho humano desprendem-se mais e mais, e voam longe, trazendo cada dia novos e poderosos elementos ao progresso e riqueza das nações.

Foi assim que a América num século passou além da Europa, é assim que a África um dia irá além da América.

Na terra Grícua, onde, em 1867, apenas cabanas abrigavam uma população bárbara; em 1870 eleva-se uma cidade Europeia, ainda envolta no caos das populações nascentes, mas sentindo em si todos os elementos de progresso rápido. Nestas condições, não podia admitir sequer a dominação de povos tão atrasados como Böers e Grícuas.

Muito ocupada de si mesmo para se poder ocupar de vizinhos importunos, apelou para a Inglaterra.

O diamante e o ouro tem o poder sobrenatural de fascinar o rei como fascina o proletário, e se Böers e Grícuas estavam ofuscados pelo brilho dos diamantes Africanos, a Inglaterra não deixou de se comover ás cintilações dos seixos preciosos, e decidiu logo no seu cérebro inteligente e cúpido, que a terra Grícua era sua e não podia ser doutrem.

Á proclamação do presidente Brand seguiu-se uma proclamação do Governador do Cabo, em que se dizia,

pouco mais ou menos, que a terra pertencia aos Grícuas, e que os Grícuas pertenciam à Inglaterra.

Esta proclamação precedia o próprio Governador, que entendeu dever ir ao lugar do litígio.

A receção que lhe foi feita pelos mineiros, foi entusiástica e esplêndida.

Os Grícuas, que se sentiam fracos em presença dos Böers, uniram-se naturalmente à Inglaterra.

Então o Governador, forte com o apoio de mineiros e Grícuas, entrou abertamente em negociações com os Böers dos dois Estados, e facilmente chegou a convencer Pretorius à desistência dos seus direitos mais do que problemáticos. Não aconteceu porem o mesmo com o presidente Brand, que não só recusou a proposta de ser a questão decidida por uma arbitragem do Governador da Natalia, pedindo que essa arbitragem fosse de um dos soberanos da Europa, e ainda mais, fazendo reunir uma força considerável de Böers para empregar as armas como argumento supremo. O Governador procurou e conseguiu prudentemente suster esta manifestação guerreira do

Estado Livre, que teria sérias consequências naqueles países.

Ao mesmo tempo, o governo Inglês anexava ao Cabo o país diamantífero, sem se importar muito com o que ali se passava.

Brand todavia não desistia dos seus direitos, como Pretorius.

Este, Böer, e tendo apenas a educação rudimentar dos Böers, aprendida nas páginas da Bíblia, vivia e sustentava-se mais pelo nome herdado do seu pai, do que pelas suas qualidades pessoais. Fora mais fácil à Inglaterra tratar com ele do que com o presidente Brand, filho da Colonia, mas possuindo uma bela inteligência, uma vasta erudição, e todas as tricas e chicanas de advogado que é.

Brand foi educado na Europa, é doutor pela Universidade de Leide, tem carta de jurisconsulto nos tribunais de Inglaterra, e foi professor na escola do Cabo. Um homem nestas condições, e dotado de um carater enérgico e forte, não se calava em presença das anexações da Inglaterra, e

continuou a gritar e a provar que a terra Grícua era sua propriedade.

Em seis anos fez seiscentos protestos, até que um dia Lord Carnarvon, o estadista Inglês, que melhor tem sabido compreender os interesses coloniais da Grã-Bretanha, o convidou a ir a Londres tratar diretamente com ele a interminável demanda.

Brand em Londres continuou a pugnar pelos interesses do seu país, e cedeu os direitos à terra Grícua mediante uma indenização pecuniária de 105 mil libras.

Foi assim que Lord Carnarvon cortou de uma vez para sempre as complicações entre os Böers do Estado Livre e as Colonias Inglesas do Sul de África.

Brand aproveitando a soma recebida em favor do seu país, tratou de lhe dar todo o desenvolvimento que uma pequena nação pode ter, com uma pequena quantia como aquela.

Mas deixemos os Böers do Orange, dos quais falei apenas por se ligar a sua curta história com a do Transvaal, e voltemos a este país.

Como disse, Pretorius transigiu logo com o Governador do Cabo na questão da posse da terra Grícua, e isso foi motivo para se desacreditar entre o seu povo.

A assembleia nacional (Volksraad) apresentou um voto de censura ao seu presidente, e preciso foi depô-lo, e escolher quem o substituísse.

Foi então eleito um Holandês, Francisco Burgers, o terceiro presidente da república Transvaliana.

Francisco Burgers, homem inteligente e ilustrado, ministro protestante da Igreja reformada, pensou, logo que assumiu o poder, levantar o Transvaal ao nível das nações adiantadas da Europa. Todas as ideias do último presidente eram nobres e elevadas, mas não podemos deixar de admitir que ele cometeu erros manifestos de administração. Burgers não era homem prático, e não conhecia suficientemente o elemento que governava, para saber como lhe dar o feitio que ele lhe queria dar.

É sempre melindroso falar de um alto personagem que vive, quando a crítica tem de analisar os seus atos, e se eu não me posso eximir a falar do Dr. Burgers, porque à sua

administração se ligam factos da maior importância, não quero de modo algum impor a minha opinião a respeito do governo do último presidente do Transvaal.

Direi abertamente o que penso, e que formem os outros os juízos que quiserem.

Durante a minha estada no Transvaal, não deixei de indagar, por todos os modos ao meu alcance, os factos da última administração Böer, e sobre eles edifiquei a opinião que vou expor.

O presidente Burgers, tomando conta do Governo, quis caminhar mais depressa do que devia num terreno tão pouco nivelado. As questões financeiras foram as que primeiro chamaram a sua atenção, e bem preciso era isso, porque no Transvaal não tinham finanças.

As despesas de administração eram pequenas, é verdade, mas as receitas gerais eram pequeníssimas e muito irregularmente cobradas. Havia algum papel moeda e pouco dinheiro Inglês.

Burgers cunhou moeda de ouro extraído das minas de Lidenburg, e conseguiu em pouco tempo restabelecer o

crédito, muito abalado, do seu país adotivo. Para isso teve lutas ingentes e ignoradas, com um povo pouco subordinado, e disseminado num território enorme, onde as comunicações eram e são ainda hoje difíceis, e onde ainda não foi possível fazer um censo aproximado. Outro assunto importante que preocupava o presidente, era a questão da força pública. Ele percebia bem que o sistema de defesa empregado até então pelos Böers, a que chamavam o comando, isto é uma convocação geral para a guerra, era muito deficiente, e não podia continuar, num estado que ele queria elevar à altura dos países Europeus.

A questão de regularizar um exército entre os Böers apresentava grandes dificuldades, e encontrou uma séria oposição.

Um terceiro ponto de não menos importância a tratar, e do qual se ocupou logo o presidente, foi o da viação pública.

Burgers instituiu os primeiros juízes, e abriu as primeiras escolas públicas no Transvaal.

Isto era muito para um povo na infância, e foi feito de repente.

Nisso e só nisso cometeu um erro o presidente da república.

Uma espécie de febre de progresso se apossou do Dr. Burgers, que fez uma viagem à Europa, em 1875, com o duplo fim de arranjar dinheiro e um porto de mar ao seu país.

Para o dinheiro foi bater à porta dos Banqueiros de Amsterdão, para obter um porto foi pedi-lo ao governo de Lisboa.

Em Amsterdão como em Lisboa foi escutado, e ao passo que obtinha um crédito na Holanda, fazia um tratado em Portugal para uma ferrovia que ligasse Pretoria ao soberbo porto de Lourenço Marques.

Burgers voltava triunfante ao Transvaal, onde o esperavam as maiores deceções.

Durante a sua ausência, havia-se renovado uma antiga pendencia com um régulo indígena, Secúcúni, ao qual era preciso fazer a guerra.

Burgers não hesitou, e fez convocar um comando ao qual aderiram uns dois mil Böers e outros tantos indígenas. Ele

mesmo se pôs à frente do pequeno exército e foi atacar o régulo sublevado.

Ou fosse que Burgers não nascera para general, ou fosse por uma dessas outras causas difíceis de apreciar, que tantos desastres tem causado ás tropas regulares Inglesas em África, o pequeno exército, depois de uma curta guerra em que poucas vantagens alcançou, teve de retirar.

A esse tempo chegava ao Natal Sir teofilus Shepstone, que ia de Londres, onde Lord Carnarvon sempre na ideia de fazer uma confederação dos estados da África do Sul, tinha feito reunir delegados das diversas províncias para discutir tal projeto.

Parece que Sir teofilus Shepstone levava instruções do governo Inglês a respeito do Transvaal, porque, logo que chegou a Durban, seguiu para Pretoria.

Não quero de modo algum entrar, numa obra do carater desta, em apreciações sobre o facto da anexação; e por isso limitar-me-ei a narrar os factos com a verdade que até hoje não tem sido dita. Para bem se compreenderem esses

factos, é preciso mostrar o que era o Transvaal à época da chegada de Sir teofilus a Pretoria.

A população Böer, difícil de avaliar, mas que os cálculos mais aproximados faziam montar a vinte-e-uma mil almas, estava espalhada num território imenso, igual em superfície à Inglaterra e Escócia reunidas.

Nesse grande país três cidades apenas eram núcleos de uma população mais condensada, e algumas aldeias separadas por distâncias enormes, aumentadas ainda pela dificuldade das comunicações, reuniam pequenos grupos de habitantes.

As três cidades, Potchefstroom, Pretoria e Lidenburg continham populações, que eram tudo menos Böers. As minas do ouro tinham atraído a Lidenburg aventureiros de todas as nacionalidades, predominando o elemento Inglês importado da Austrália.

Pretória era uma cidade nascente em que predominava o elemento Holandês, mas não Böer.

Potchefstroom era de todas aquela que era habitada por maior número de Böers, mas ainda assim, eles estavam em

minoria em presença dos Holandeses e Ingleses.

As aldeias, das quais as mais importantes eram Rustenburg, Marico, e Heidelberg, já tinham a população Böer misturada com Ingleses e Holandeses. A grande população Böer estava disseminada em casais, e fugia naturalmente das cidades onde não podia fazer pastar os seus gados.

Se era difícil fazer um recenseamento da população branca do Transvaal, mais difícil era ainda avaliar a população indígena. Tenho visto cálculos que a estimam de duzentas a novecentas mil almas.

O país estava coberto de missões de três ou quatro diferentes sociedades de Inglaterra, de algumas Alemãs, e outras Holandesas. Estes missionários exerciam a sua ação sobre o indígena, porque Holandeses tinham os seus pastores nas paróquias, e Böers que sabem tanto de Bíblia como os párocos, até deles prescindiam.

A sede do governo estava em Pretoria, a mais pequena das três cidades do Transvaal, mas aquela que melhor se acha colocada.

Os homens que tinham a direção principal dos negócios públicos eram Holandeses.

Esta era a posição da população heterogénea do Transvaal em princípios de Abril de 1876.

Vejamos agora rapidamente, qual era a posição moral, verdadeira ou aparente, dos Böers.

Primeiro examinemos qual o juízo que fora de África se fazia dos Franco-Holandeses da república Africana. Era ele decerto péssimo.

O Böer era um selvagem branco, possuindo todos os maus instintos do selvagem, ávido de rapina, devastando e incendiando as aldeias do indígena, pobre mártir da brutalidade e rapacidade de tão extraordinário malvado.

Foi assim que ele nos foi apresentado por alguns missionários, os únicos que na Europa nos davam notícias dos antigos emigrantes do Cabo.

Forte contra o fraco, o Böer era cobarde e fraco em presença do forte.

O que havia de verdade neste juízo eu o direi ao diante.

Então estavam eles moralmente desconceituados para com aqueles que apenas os conheciam por informações; e tinham perdido um pouco o prestígio entre o gentio pelo revés sofrido com Secúcúni. Falavam mesmo, e entre eles discutia-se a questão, de depor o presidente Burgers, elegendo para seu chefe um Böer, P. Kruger, que estava disposto a tirar a desforra do indígena Secúcúni.

Nestas circunstâncias a anexação era fácil, e Sir T. Shepstone soube aproveita-la. As cidades que não tinham nada de Böers, eram por ele, e nelas se obtiveram facilmente petições, que, digamos a verdade, eram dirigidas por Ingleses.

Também se disse, que os pretos queriam ser Ingleses; e então Sir T. Shepstone, por uma proclamação, de 12 de Abril de 1876, declarou que o Transvaal era uma província Inglesa. Sir teofilus Shepstone quando fez a proclamação estava escoltado por 25 homens apenas, que estavam acampados em barracas no jardim da casa que ele habitava.

Assim, pois, a anexação do Transvaal foi pacífica, e não interveio nela a força armada, que ele mesmo não tinha,

porque o regimento 80 de infanteria, que, debaixo do comando do Major Tiler, depois entrou no Transvaal, estava a esse tempo acampado na fronteira do Natal além do Drakensberg. A anexação foi pacífica, mas os Böers só souberam dela depois de anexados.

Sir teofilus Shepstone, o homem que melhor conhece e melhor sabe viver com o indígena daquelas paragens, soube o que fez.

Os Böers, espantados de se acharem Ingleses de um dia para outro, tiveram o seu movimento instintivo e hereditário de emigrarem de novo.

Uma parte deles tomaram a vanguarda nesse movimento que se devia efeituar em massa, e já narrei no capítulo anterior como foram, pela maior parte, destruídos pela secura do Deserto.

Aquela imensa catástrofe susteve os que lhe deviam seguir os passos, e perfeitamente apertados num círculo de mosca ze-ze, que lhes era barreira insuperável, tiveram que curvar a cabeça de novo ao jugo da Inglaterra.

Acabará aqui a história do Transvaal como país autonómico?

Quem o sabe?

É preciso ter vivido entre os Böers para se avaliar quão forte é neles o desejo da liberdade, quão profundo o odio que votam aos que chamam seus opressores.

Deixemos por aqui este rápido golpe-de-vista lançado sobre a curta história do Transvaal, mas antes de reatar o fio da minha narrativa de viagem, quero ainda dizer duas palavras sobre os Böers.

Vivi entre eles, perscrutei a sua vida íntima, desci a exacerbar-lhes as paixões. Vi-os ao trabalho, cavalguei junto deles por brenhas e florestas, e apreciei a sua destreza como caçadores, a sua coragem em face do perigo.

Não me preocupa a paixão; se recebi deles as mais afetuosas provas de amizade, já por mais de uma vez neste livro tenho patenteado a minha gratidão a favores maiores recebidos de Ingleses.

Falo, pois, com a consciência de que as minhas palavras são a mais rigorosa expressão da verdade, sem que no meu espírito haja ao dita-las a menor influencia apaixonada.

Digo isto, porque mais uma vez tenho de falar dos missionários, falando dos Böers, e não desejo que nem de leve se pense, que atua no meu ânimo um acinte formado contra tão uteis instituições, que eu sou o primeiro a proteger e a aprovar; mas cujas chagas ulcerosas precisam do corte fundo do escalpelo da crítica, do cautério ardente da censura verdadeira, para cicatrizarem de uma vez para sempre.

O Transvaal não é uma nação que se possa avaliar pelas nações da Europa.

Ali há uma só classe social: o Povo. Não há distinções e todos são iguais em absoluto. Sem escolas, todos são ignorantes; trabalhadores, todos são abastados; religiosos, e bebendo na Bíblia, único livro que conhecem, as leis da moral, todos são honestos.

O princípio que estabeleceu, na idade media, as distinções na Europa, a coragem pessoal, difícil é ter cabida entre os

Böers, porque todos são valorosos. Como entre todos os povos que vivem uma vida elementar, só toma ascendente sobre os outros, aquele que tem o dom da palavra.

A vida do Böer é regulada pelos preceitos Bíblicos, e é verdadeiramente patriarcal. Entre os Böers não há a mentira, o adultério é desconhecido.

O Böer casa cedo, e ou fica vivendo na casa dos seus pais, ou dos pais da sua mulher, ou unido a outro vai perto arrotear novos terrenos, e começar uma vida nova. A única distinção entre os Böers é a da idade, e o mais novo escuta sempre o mais velho. A mulher trabalha e ajuda o casal num labutar incessante. O Böer tem necessidades muito limitadas, e pode satisfaze-las.

Os emigrantes Franceses da revogação do Edito de Nantes eram, muitos deles, artífices, e transmitiram até à geração atual a arte de trabalhar a madeira e o ferro. Nas casas do Transvaal é fácil ver a um canto um torno, e um Böer torneando os pés das suas mobílias singelas.

Fora, num alpendre, em atanaria rudimentar, curtem-se os coiros de que eles mesmos fazem o seu calçado.

As outras necessidades da vida são facilmente satisfeitas por gentes que não tem outra ambição além da liberdade, e que há um século a buscam quase em vão.

Como, pois, sendo os Böers tais como eu os descrevo, se diz deles tanto mal?

A explicação do facto está em pouco para quem viveu no Transvaal, entre eles, e isento da paixão de raça que pode perturbar o espírito mais justo e sisudo. Quem tem desacreditado os Böers são os missionários. Digo-o e sustento-o. Depois que os Böers, ocupando o Transvaal, e pacificando pela força as aguerridas tribos que lhes disputaram a posse, deram uma certa segurança ao país, dezenas de missionários correram a estabelecer-se ali.

Destes uns eram bons, muitos maus. Preciso dizer aqui o que é o bom e o que o mau missionário.

Bons são aqueles que, inteligentes e ilustrados, possuindo as qualidades que se requerem nos ministros de Deus, caminham para o seu fim desassombradamente; edificando com paciência, com paciência sofrendo o revés de hoje na esperança do triunfo de amanhã; ensinando a moral com o

exemplo e com a palavra; indo devagar sem a agitação da paixão que cega, possuídos da responsabilidade da sua missão augusta.

Bons são aqueles que à inteligência e ilustração reúnem aquelas flores de alma de que falei.

Estes existem, mas infelizmente são em pequeno número.

Mãos são os missionários que, pouco inteligentes e quase ignaros, pensando que a ciência da vida consiste em saber mal e interpretar pior algumas passagens dos Livros Santos, empregam todos os meios, mais ou menos dignos, para alcançar um fim fictício; e corroídos do veneno da vaidade, ou movidos pelo interesse pessoal, querem apresentar ás sociedades que os enviam, resultados extraordinários, alcançados por meios que não se avaliam na Europa, e que são a causa principal da prolongação da luta travada em África entre a civilização e a barbária.

Para estes, o fim principal é insinuar-se no ânimo do indígena, e na falta de qualidades que lhe ensinem o caminho a seguir, usam um meio fácil para obter o seu fim, meio que lhes dá sempre bom resultado.

É ele o de pregar a revolta.

Para os ouvidos do indígena é sempre música harmoniosa a frase que o ensina a revoltar-se contra o branco.

Os missionários que tem pouco saber e pouca inteligência começam por gritar-lhe, a cada hora, a cada momento, no púlpito sagrado, que só deve ouvir a linguagem da verdade; que eles são iguais ao branco, são iguais ao homem civilizado; quando só lhes deveriam dizer o contrário, quando só lhes deveriam dizer:-"Entre ti e o Europeu há uma diferença enorme, e eu venho ensinar-te a vence-la."

"Regenera-te, deixa os teus hábitos de indolência, e trabalha; deixa o crime, e pratica a virtude que eu te ensinar; aprende e deixa a ignorância; e então, e só então, poderás alcançar um lugar junto ao branco; poderás ser seu igual."

Esta é a verdade que lhe ensinam os missionários bons, esta é a verdade que lhe não sabem dizer os maus.

Dizer ao selvagem ignaro, que ele é igual ao homem civilizado, é mentir, é cometer um crime, é faltar a todos os

deveres que lhe impôs aquele que o mandou à África, é atraiçoar a sua missão sagrada.

Dizer ao selvagem ignaro, que ele é igual ao homem civilizado, é abrir a jaula à fera diante do povo descuidoso que tranquilo está confiado em que a chave está em mão segura.

Não! O indígena, tal como o missionário o encontra na África, não é igual ao homem civilizado, está muito longe disso.

Nele estão adormecidos os instintos bons, para só se revelarem os maus.

Nele há a indolência e o horror ao trabalho; nele há a ignorância absoluta: e bastam estas qualidades más, além de outras, para cavarem um abismo entre ele e o branco.

O sistema seguido pelos missionários maus é o estabelecimento da desordem; é a maior barreira levantada ao progresso da África Austral.

Os Böers, tendo conquistado um país de há pouco, em breve perceberam que, se alguns missionários eram auxilio

poderoso à sua dominação, outros lhe criavam conflitos e obstáculos.

Começaram, pois, a fazer guerra a estes, que procuraram logo desconceitua-los aos olhos da Europa.

Daí nasce o exagero da ma fama dos Böers. Esta é uma verdade que eu tenho a coragem de dizer num livro destes, e que ninguém ainda disse antes de mim.

Vivi entre os Böers, ouvi a muitos exaltar as qualidades de tal ou tal missionário, e deprimir os atos de outros e outros. Vivi em Pretoria, e ali, num meio muito superior, ouvi a mesma coisa, de Holandeses e Ingleses. Vivi com missionários, e encontrei neles mesmos as verdades que afirmo.

Não tem disso culpa as bem-intencionadas sociedades que os subsidiam; não tem disso culpa as autoridades que os apoiam, e que são deles muitas vezes as primeiras vítimas.

O missionário deve ser um dos primeiros elementos da futura civilização, e deles devemos esperar muito; mas, tais como muitos são, só dão resultados contraproducentes.

O mau missionário pregou a revolta, e o Böer foi atacado. Houve guerra cruenta, e para a Europa foram relatados os factos horrorosos praticados pelos Böers, contra os bons, inocentes, e pacíficos indígenas!!

Não nos ceguemos, nos nossos bem intencionados sentimentos, a ponto de admitirmos absurdos, de sonharmos quimeras!

Eu já li em alguma parte, que o Böer era muito inferior ao negro!!

Outra asserção que já ouvi afirmar também, foi, que o Böer era refratário ao progresso!

Outro absurdo, outra aleivosia, saída da mesma fonte!

Não é o missionário o homem que há de levar o adiantamento ao Böer, e a razão disso é o meu principal argumento contra a obra de muitas missões, contra o caminho errado que seguem em África.

Já tive ocasião de falar em missionários bem intencionados, mas que erravam na sua missão querendo ensinar as abstrações da teologia aos pretos. Esta verdade revela-se no nada que eles obtém junto aos Böers.

O Böer sabe tanta teologia como o missionário, se não sabe mais do que muitos, bebida na Bíblia, único livro que ele lê e estuda.

O missionário que julga o seu trabalho ser ensinar a Bíblia, nada tem que ensinar ao Böer, e deixa-o no estado em que o encontrou.

Depois grita, que o Böer é refratário ao progresso!

Sim! Ele não adiantou um passo, porque o não souberam fazer avançar. A culpa não está no discípulo, está no mestre.

Outra aleivosia levantada contra os fazendeiros do Transvaal, é o ferrete de cobardes que lhes querem imprimir na cara altiva.

Eu tive ocasião de avaliar a coragem dos Böers; mas, se a não tivesse, bastava-me a história das guerras vencidas por eles contra Zulos, Cafres e Basutos, para os sopor bravos.

Deus queira que eles não mostrem ainda o seu valor, de modo a fazer calar os aleivosos.

Hoje que escrevo estas linhas, chegam à Europa rumores de uma tentativa de sublevação Böer; será ela uma calamidade à África Austral, que toda a Europa deve lastimar; será esmagada, como ninguém o pode duvidar; mas virá trazer um desmentido formal àqueles que chamam cobardes aos Böers.

O que restava da expedição

CAPÍTULO 7

NO TRANSVAAL

Era em Pretoria, já cidade Inglesa e capital da província Transvaliana, que eu entrava na manhã de 12 de Fevereiro de 1879.

Encontrei logo o tesoureiro do Governo, Mr. Swart, que me fez os mais cordiais oferecimentos, mas que me disse, não me convidar para seu hóspede, porque não tinha na pequena casa que habitava um quarto a oferecer-me.

Fomos aos hotéis. Nem um quarto, nem uma cama!

Voluntários, que de todas as partes corriam a alistar-se nos corpos que se organizavam ali, atraídos por uma paga de cinco xelins por dia, enchiam tudo, e criavam-me um embaraço enorme. Eu, que até ali tinha tido cama, desde Benguela, comecei, na primeira cidade civilizada que encontrava, a não ter onde me deitar!

Enfim, depois de muitas buscas e de me terem provado que as conveniências sociais (eu já me tinha esquecido das conveniências sociais) me não permitiam dormir na praça pública, onde eu ficaria otimamente nas minhas peles de leopardo, pude obter um canto, no Café Europeu, onde me meti, com a promessa de um quarto em poucos dias. Estava arrumado, mas começaram novas dificuldades para acomodar a minha gente.

Mandei chamar o Böer Low, que precisava de tratar a mão esmagada pelo vagão, mas preveni Veríssimo, que se deixasse ficar acampado fora da cidade até nova ordem.

O portador voltou com Low e Veríssimo, que me veio dizer, que a minha gente tinha fome, e era preciso dinheiro para lhe dar de comer.

Fiquei espantado ao ouvir aquilo. Eu já me havia esquecido de que o dinheiro era absolutamente necessário em país civilizado, e não tinha nenhum.

Contudo compreendi que era preciso havê-lo, e fui pedi-lo ao meu hospedeiro Mr. Turner, que logo mo prontificou.

Mandei Low a um médico, e eu dirigi-me a casa de Mr. Swart, que me convidara a jantar.

Mr. Swart tinha feito convites e programa. Eu que soube isso, fiz também grande toilete. Os meus calções, que da fazenda primitiva já pouco tinham, e onde os remendos deitados por mim (que nunca tive grande jeito para alfaiate) se sobrepunham, foram cuidadosamente escovados do pó e da lama de vinte diferentes países. Achei um par de meias, que tinham sido repassadas com grande perícia por Madame Coilard, e que faziam vista. As minhas botas ferradas, essa obra-prima de Tissier de Paris, foram pela primeira vez engraxadas, e não tinham má aparência. O casaco dava-me mais cuidados, porque tinha uns bolsos de couro, que tinham sido outrora pretos, mas que então tinham tomado uma cor esquisita. Lembrei-me do tinteiro de Mr. Turner, e com uma pena de galinha procedi à pintura deles, que tomaram um preto baço, talvez ainda pior do que a cor que tinham.

Depois de bem penteada a longa barba e os mais longos cabelos, fui para casa do tesoureiro do Transvaal.

Ao passar os umbrais da porta do salão, fiquei deslumbrado.

As damas em toilete, os homens de casaca, os leques, as vistosas e brilhantes cores das sedas, os tapetes, os espelhos, tudo aquilo que eu já tinha esquecido em tantos meses de vida rude e selvagem, produziram-me uma impressão que não pode ser avaliada.

Eu em Pretoria.

(De uma fotografia de Mr. Gross.)

Deve sentir coisa semelhante o cego, a quem o bisturi ligeiro do médico levantou a catarata que o tinha sepultado nas trevas, e que depois de muitos meses de escuridão vê a luz.

Eu estava perturbado, e sobre tudo as mãos incomodavam-me muito.

Não sabia que fazer delas, e buscava de balde em que as ocupar.

Faltava-me o peso da carabina, que eu procurava instintivamente, em vão.

Fomos para a mesa. Eu conduzi pelo braço a dona da casa, e ao chegar os meus andrajos ás sedas que a cobriam, comecei a perceber que estava muito mal vestido.

Á mesa experimentei novas surpresas. Os cristais, as porcelanas, os vinhos rutilando nas jarras lapidadas, confundiam-me, e sobre tudo o menu esquisito, escrito em elegantes cartões, intrigava-me.

Cometi decerto desatinos, mas não posso bem avaliar toda a extensão dos meus disparates, tão inconsciente estava.

Terminado o jantar, voltámos à sala, onde continuava a minha confusão, até que uma dama se sentou ao piano.

Os seus dedos correram ligeiros sobre as teclas, fazendo vibrar nas cordas em harmonioso concerto, um dos Noturnos de Chopin.

A impressão que me causou aquela música, aquele piano, cujos sons me penetravam na alma como uma sensação nova, acabaram de perturbar o meu espírito, fraco para poder resistir a tantos abalos. Foi quase em delírio que voltei ao Café Europeu, onde num canto de uma sala me tinham improvisado um leito, leito que tinha colchões, travesseiros e lençóis.

Ia para me deitar como de costume, quando percebi que me deveria despir para isso.

Passei uma noite de insónia, produzida pelas impressões do dia e pelos lençóis da cama.

Ao amanhecer eu estava a pé e vestido, porque na sala, em que podia ter dormido, começou um labutar de criadagem.

Comecei a pensar no modo de acomodar a minha gente, o que não me parecia fácil, e vi que sobre tudo precisava de obter dinheiro.

Estava fazendo os meus planos, quando me chamaram para o almoço.

Fui para a mesa. Um criado Índio, um desses culisque já chegaram até Pretoria, colocou diante de mim um prato de espigas de milho, cuidadosamente assadas, e um pires de manteiga. Ao encarar com o milho assado, lancei ao pobre criado um olhar tão feroz, que ele recuou espavorido.

Milho a mim! A mim que só matava a fome com milho havia um ano! Ah! Que vontade que tive de empalar aquele Índio, o cozinheiro e o dono da casa!

Fiz um gesto tão expressivo e enérgico, que as espigas desapareceram da mesa, levadas pelo veloz criado.

Pouco depois, chegava-se solícito a mim Mr. Turner, a perguntar-me o que eu queria para almoçar.

O que eu queria para almoçar? Mas eu queria tudo, queria perdizes com trufas, queria foie gras, queria gelados,

queria vinhos das melhores colheitas de Borgonha, queria, queria... nem eu sei o que queria.

O dono do Café Europeu julgou que lhe havia caído em casa um desses gastrónomos famosos, que pensam sempre em elevar uma estátua ao célebre Brilat-Savarin, e que se ainda a não erigiram foi por não acharem matéria-prima apropriada ao monumento, que fosse, à semelhança da coluna Vendo-me construída com os bronzes dos canhões conquistados, uma recordação permanente do homem que ensinou à humanidade que no mundo não se come só para viver. Efetivamente, pela primeira vez na minha vida, eu era gastrónomo.

Pela primeira vez na minha vida, comecei a pensar que o paladar era um sentido como os outros, e que se Mozart, Rossini, Meierbeer, Verdi e Gounod, o chilrear das aves e sussurrar do arroio, foram criados para nos deliciar o ouvido; se Rafael, Rubens, Van-Dick, Velasquez e Murilo, as paisagens e as belezas, nasceram para nos recrear a vista; se Atkinson, Rimel, Lubin, Piesse, e as flores existem para nos deleitar o olfato; também Brilat-Savarin, Vatel, as

trufas e os cogumelos não vieram ao mundo sem uma missão especial.

Comecei a compreender isto, tendo chegado a Pretoria depois de um ano de milho, massango, e carne assada sem sal. Creio que todos os países do orbe compreenderam que eu devesse ser gastrónomo ao chegar a Pretoria, exceto a Inglaterra, porque essa, infelizmente para ela, nunca compreendeu nem compreenderá Brilat-Savarin.

Felizmente para mim, eu estava numa terra Inglesa, mas Inglesa de fresco, onde o roast beef e o plum pudding não tinham tomado um ascendente notável sobre a cozinha dos países meridionais.

Mr. Turner não me deu um almoço como mo daria o Mata, o Central, o Silva ou o Augusto em Lisboa, o Ledoien ou o Café Riche em Paris; mas deu-me coisa muito sofrível. Não quero dizer boa, porque começava a ser muito difícil em gastronomia.

Depois do almoço, numa larga conversa que tive com Mr. Turner, fiquei desenganado de que não tinha onde acomodar a minha gente na cidade.

Isto preocupava-me, porque não podia reter por muito tempo o vagão que eles habitavam.

Eu estava sendo uma espécie de urso que todos queriam ver, e a curiosidade dos importunos começava a desgostar-me. Sobre tudo uma coisa que aborrecia era ver os espantos que se faziam da minha pequena estatura e da minha aparência débil.

Este facto repetiu-se na Europa, e em Lisboa, Paris e Londres, ouvi por vezes expressar aos que me viam a desilusão que experimentavam, por me julgarem um brutamontes, um Golias de talhe hipopótamo.

Mas se, nas circunstâncias em que eu estava em Pretoria, muitos eram importunos e me torturavam, muitos outros procuravam por todos os modos servir-me e obsequiar-me.

No número dos últimos, contei nesse dia quatro, que foram o Major Tiler,[14] Capitão Saunders do 80, Mr. Fred. Jepe e Dr. Risseck; e recebi dois convites, um para jantar, de Mr. Osborn, Secretario Colonial e Governador interino do Transvaal, e outro do Dr. Risseck para a um sarau; mas

nada disto me adiantava sobre a maneira de arrumar os meus pretos.

Pegando na minha carteira para procurar um resto de bilhetes de visita, encontrei nela uma carta de Mr. Coilard dirigida ao missionário Holandês Mr. Gruneberger. Aproveitei a oportunidade que me oferecia aquela carta para fugir aos maçadores, e fui entrega-la.

Mandei aparelhar Fli e parti.

A casa de Mr. Gruneberger é em Pretoria, mas um pouco afastada do centro da cidade. Chegado que fui, encontrei o missionário, homem muito novo, que me recebeu muito bem. Apresentei-lhe a carta de Mr. Coilard, e logo que ele a leu, ofereceu-me o seu préstimo.

Falei-lhe no embaraço em que estava para acomodar a minha gente, e ele prontificou-se a resolve-lo, oferecendo-me o quintal da sua casa, e a sala da escola, para eles dormirem à noite.

Aceitei pressuroso, e voltei ao Café Europeu, para mandar ordem ao Veríssimo de ir com o vagão a casa do missionário.

Aceitando o oferecimento do Rev. Mr. Gruneberger, fiz-lhe instantes recomendações sobre o modo de tratar os meus pretos, pedindo-lhe sobre tudo, que não os tratasse de igual para igual; porque lhe fiz ver que eles eram um pouco selvagens, e isso poderia trazer consequências graves. Ele riu-se muito das minhas recomendações, e disse-me modestamente, que o seu dever era tratar com tal gente, e por isso sabia do seu ofício.

Nessa noite já os pretos dormiram na sala da escola, e o vagão descarregado ficou livre para voltar ao Marico logo que a ferida de Low lhe permitisse pôr-se a caminho.

Fui ao jantar do Secretario Colonial e ao sarau do Dr. Risseck, e se da casa de Mr. Osborn saí penhoradíssimo das suas atenções, e muito contente, por ter resolvido um dos maiores embaraços da ocasião, a questão financeira, porque o governador interino do Transvaal, em nome do governo Inglês, pôs à minha disposição o dinheiro de que eu carecesse, em casa do distinto médico Holandês não me esperavam momentos menos apreciáveis, porque passei ali uma das melhores noites que tenho passado em sociedade.

É verdade que o Dr., recebendo na sua casa, apresenta aos convivas uma maravilha, que os tesouros dos nababos e o poder dos autocratas não podem apresentar. É Mademoiselle Risseck, é sua filha, deliciosa criança, que acabava de deixar os trajes da infância, e na qual o espírito e educação esmerada disputam primazias a uma beleza sem igual.

O Dr. Holandês redobrou de instâncias comigo para que fosse ser seu hóspede, e eu decerto teria aceitado hospitalidade tão franca e cordialmente oferecida, se não tivera uma promessa de Mr. Turner, de ter um quarto para mim no dia imediato.

Nesse dia, 14 de Fevereiro, e terceiro de estada em Pretoria, acabavam de se resolver as minhas dificuldades.

O telégrafo tinha levado longe a notícia da minha chegada aquela cidade, e o telégrafo tinha trazido ordens, de Sir Bartle Frere, de Sir teofilus Shepstone e do Consul Português no Cabo, Mr. Carvalho, ao meu respeito. Tinha a maior assistência do governo Inglês; e o Português, representado pelo Consul do Cabo, ia além do estrangeiro.

A minha gente disse-me estar otimamente em casa do Rev. Gruneberger, e Mr. Turner dava-me um quarto.

Verdadeiramente não era um quarto, era uma casa toda e independente, próximo do Café Europeu.

Comecei a respirar e a achar-me à vontade, mas tinha ainda um ponto negro, um pesadelo que me perseguia sempre, e era não saber o que fazer das mãos.

Andava sempre a procurar a carabina, e tal era a força do hábito, que mais de uma vez cheguei a sair à rua com ela, com grande espanto dos transeuntes.

Nesse dia remunerei Low e o endiabrado cristofe, que resolveram partir no dia imediato, apesar de a mão de Low não apresentar sensíveis melhoras.

Mandei por Low uns pequenos presentes a sua avó, a velha megera do acampamento Böer, e a suas irmãs, as duas bonitas raparigas que cozinhavam cebolas.

Retribui e despedi também o Betjuana Farelan, que tão bons serviços me prestou de Souls Port a Pretoria, e por ele escrevi a Mr. Gonin, o bom missionário Francês do Pilands Berg.

Fui em seguida ao Cape Colonial Bank, onde depositei a soma do meu débito a Mr. Tailor de Shoshong, que, continuando as suas delicadezas para comigo, ainda a esse tempo não tinha feito apresentar a letra para o aceite.

Em seguida a estes passos, fui para a minha casa, donde escrevi ao Governador de Moçambique, participando-lhe a minha chegada a Pretoria, e pedindo-lhe para mandar expedir de Aden um telegrama que lhe enviei, dirigido ao Governo de Portugal.

Continuavam os favores que não cessavam de dispensar-me as principais pessoas de Pretoria, e eu quase não tinha ocasião para comer no Café Europeu, tantos convites recebia.

A 15 de Fevereiro, tive uma larga conversa com Mr. Fred. Jepe, o sábio geógrafo Transvaliano, e pelas informações que ele me deu, combinadas com o que me tinha dito o Governador interino e Mr. Swart, vi que a guerra dos Zulos era um embaraço à continuação da minha viagem. Era-me quase impossível ir a Lourenço Marques, como eu queria, e mesmo o caminho da costa Inglesa estava difícil, porque depois da derrota de Isandhlwana, os Zulos estavam apenas

contidos por o bravo Coronel E. Wood, entrincheirado em Utrecht, e todas as comunicações se faziam pelo Estado Livre do Orange, por Harrismit, triplicando o caminho e as dificuldades.

Logo que estudei a questão, decidi mandar a minha gente para Natal pelo caminho de Harrismit com as bagagens, incorporada na primeira caravana que largasse Pretoria, e eu sozinho e escoteiro ir em linha reta pelo teatro da guerra. Dispus pois as coisas nesse sentido, e fiquei esperando a oportunidade desejada.

O dia 16 foi todo consagrado a Mr. Fred. Jepe e na sua casa fiz as observações para determinar as coordenadas de Pretoria. Mr. Turner tinha ao meu pedido fabricado um grande bloco de gelo, com o qual pude verificar os zeros dos meus termómetros e hipsómetros.

Dessas observações, só existem as hipsométricas, porque as astronómicas perderam-se não sei como. Sei que as não encontrei registradas em Maritzburg quando as quis calcular, e lembra-me que calculei a latitude mesmo em casa de Mr. Fred. Jepe, e que encontrei para ela o mesmo número que vem no almanaque do mesmo Sr., creio que do

ano de 1878, determinada por um oficial da marinha Inglesa.

Fui nesse dia procurado por um homem que se devia unir àqueles que na cidade Transvaliana se excederam nos favores que me dispensaram.

Foi ele Mr. Kish, membro da Sociedade Real de Geografia de Londres.

Madame Kish, Madame Imink e a Baronesa Van-Levetzow enchiam-me de favores, e nunca lhes poderei agradecer tudo o que por mim fizeram.

No dia 19 recebi um convite para jantar, dos oficiais do regimento 80.

Não posso deixar de narrar um episódio deste jantar, que me comoveu em extremo. Eu continuava a usar os mesmos trajes, e apenas tinha feito uma absoluta reforma de roupa branca. Eu não possuía dinheiro meu, e aquele que saquei sobre o governo era destinado ás despesas necessárias da expedição, e não ás minhas necessidades particulares; por isso não comprava roupa por não ter com que a comprar, e só o fiz em Durban quando encontrei quem me emprestasse

dinheiro a mim como particular. Por esta razão os meus andrajos continuavam a cobrir-me, e naquele jantar destoavam completamente dos brilhantes e esplendidos uniformes que vestiam os oficiais do 80 e os convidados. O jantar correu alegre como entre oficiais que estão em campanha devia ser.

Eu estava de excelente humor, e ria de uma ou outra anedota picante, quando umas dúzias de estalos vieram mostrar que os criados faziam saltar as rolhas do espumante champagne. Encheram-se os copos, esses pires de cristal sustentados por um problemático pé perfurado, donde sobe sem cessar uma fervura gelada, tão grata à vista como é grato ao paladar o líquido dourado em que ela se forma.

O Major Tiler, que presidia à mesa, levantou-se, e tomando o copo, pronunciou essa palavra, que, nos mais ruidosos jantares Ingleses, impõe o mais profundo silencio. Major Tiler disse, com a sua voz forte e sonora:

"Gentlemen!"

"Gentlemen, a Sua Majestade El-Rei de Portugal."

Nós todos de pé íamos corresponder à saúde, quando a música do regimento rompeu o hino d'el-rei D. Luiz, que foi escutado de pé no meio do maior silencio.

Não é possível pintar as sensações que experimentei ao ouvir aquela música, aquele hino patriótico tocado em terra estranha, aquela homenagem prestada ao meu país na pessoa do seu soberano.

Se devi muitos favores e muita amizade ao Major Tiler, agradeço-lhe acima de tudo a surpresa que me deu naquele momento.

A afinidade de vida levava-me todos os dias ao acampamento das tropas Inglesas, onde eu, se não jantava, almoçava, prendendo-me verdadeira amizade a muitos dos oficiais, um dos quais se tornou meu inseparável.

Era ele o bravo Capitão Alan Saunders. Da mesma idade e encontrando um no outro idênticas inclinações e gostos, o tempo que eu não passava com Saunders passava-o ele comigo. Todas as tardes ás 4 horas nos encontrávamos em casa da Baroneza Van-Levetzow, onde aparecia também ás

vezes o Major Tiler, e onde se reunia uma distinta sociedade de elegantes e formosas damas.

A Baroneza dava-nos um ótimo e esquisito café, que era servido pela sua filha, uma encantadora criança loura e azougada.

Sabendo-se da minha ligação com Saunders, já eu não recebia convite sem que ele fosse convidado também, e assim passámos muitas horas deliciosas em casa de Madame Kish e de Madame Imink e outras.

Aquilo era um céu aberto, e em quanto eu não tinha mais que fazer do que esperar os acontecimentos, só pensava em passar o tempo o mais agradavelmente que podia.

Se eu tinha trabalhado e sofrido tanto!!

Fui avisado de que um comboio de vagões deveria partir para a cidade de Durban no dia 22, e tratei de contratar com os condutores o transporte da minha gente e bagagens. Este comboio devia gastar de 35 a 40 dias no caminho, e por isso deixava-me largas para me demorar ainda em Pretoria algumas semanas, porque eu calculava gastar apenas seis dias para alcançar o mar.

No dia 21, estava eu preparando umas caixas em que deviam ir uns pássaros, que eu trouxera e que tinham sido cuidadosamente arranjados por Mr. Turner, em que deviam ser acondicionadas as peles, despojos das minhas caçadas, e uns insetos que pude aproveitar, porque dos muitos que apanhei ao sul do Zambeze, só chegaram a Pretoria pernas, cabeças e corpos separados, sendo impossível ao mais versado entomológico dizer a que cabeças pertenciam aqueles corpos, a que corpos pertenciam aquelas pernas. Estava eu arranjando aquilo, estupefato com o preço que me custava cada bocadinho de tábua, que é o género mais caro que encontrei em Pretoria, onde tudo é caro; quando me vieram chamar a toda a pressa, dizendo-me, que tudo em casa do Rev. Gruneberger andava numa poeira, com a minha gente, que já havia mortos e feridos e não sei que horrores mais.

Corri a casa do Missionário.

Houvera e havia um caso grave de insubordinação contra o dono da casa, que eu reprimi num momento, mas desgraças creio que apenas os queixos de um criado partidos com um bofetão de Augusto.

Eu tinha sempre tido um pressentimento que alguma coisa aconteceria se se desse a confiança que se deu a pretos daqueles.

Mr. Gruneberger mostrou-me que era inconveniente continuarem na sua casa, e muita razão tinha ele nisso, depois dos distúrbios que eles ali fizeram. Como deveriam partir no dia imediato, pouco cuidado me deu este incidente; mas desgostou-me em extremo, pelo que eles fizeram numa casa em que tinham sido tão bem acolhidos.

No dia imediato, soube que os vagões só partiam no dia 26, e por isso acomodei os pretos o melhor que pude na casa que habitava.

Mr. Swart, o tesoureiro do Transvaal, continuava a obsequiar-me e eu ia repetidas vezes a sua casa, onde sentia um prazer imenso em brincar com as suas filhas, duas formosas crianças.

Eu nunca gostei muito de pequenos. Sempre os achei importunos e pouco interessantes; mas depois da minha viagem, comecei a sentir uma verdadeira paixão por

crianças louras e bonitas, e em Pretoria eu passava horas com as filhas de Mr. Swart, ou com as de Mr. Kish.

Talvez a lembrança de uma filha de quem eu estava separado produzisse em mim aquele gosto de brincar com as inocentes criaturas. Talvez a vida rude e severa que eu tive numa tão fadigosa jornada, precisasse de uma antítese, que eu encontrava nas caricias da pequenada.

Ia assim passando a vida em Pretoria, quando um dia fui procurado por um homem que trazia uma carta para mim.

Recebi o desconhecido, que tinha ares de sertanejo Inglês.

Era um rapaz ainda novo, de mediana estatura, simpático e de fisionomia enérgica, vestido de uma camisa grosseira, e umas calças presas com um forte cinto de couro.

Dirigiu-me a palavra em Francês, daquele que se fala no Boulevard dos Italianos, e apresentou-me a carta. Conheci pela letra do sobrescrito que era de Mr. Coilard.

Abri-a pressuroso, e vi que era carta de apresentação do portador.

Não era preciso a recomendação de Mr. Coilard para eu cortejar com respeito e estender a mão com simpatia aquele homem. O seu nome, bem conhecido nos sertões da África do Sul, era recomendação bastante.

Era Mr. Selous, o atrevido viajante e ousado caçador Inglês.

Mr. Selous esteve três dias em Pretoria, e conversámos muito sobre a África. Ele havia entrado ao Norte do Zambeze numa direção paralela ao Cafuque, e a leste dele, e fez-me desse país as mais interessantes descrições.

Ali encontrou muitos Portugueses, entrados por Quilimane, e entre outros citou-me um Joaquim Mendonça, que tinha como seus empregados três antigos soldados do Batalhão da Zambézia, chamados Manuel Diogo, Joaquim da Costa, e António Simões. Pelo que ele me disse, e combinando as datas, penso que seriam estes os Muzungos de que tanto se falava no Baroze durante a minha estada em Lialui.

Mr. Selous deu-me um esboço grosseiro da sua viagem ao norte do Zambeze, de que eu me não servi na minha carta de África Tropical Austral, por não me julgar autorizado a isso sem a sua prévia licença, que me olvidei de pedir.

Eu dei-lhe as indicações que ele desejava para uma nova expedição venatória nos arredores de Linianti, e fiquei de lhe mandar um esboço do país, que depois lhe enviei para Shoshong.

No dia 23 fui almoçar com Monseigneur Jolivet, o ilustrado Bispo de Natal, que então se achava em Pretoria, dirigindo as construções do importante estabelecimento Católico que ali se ergueu depois da dominação Inglesa; que é decerto a mais importante escola de educação do Transvaal, e onde muitos Protestantes, Mr. Swart por exemplo, e outros, enviam as suas filhas. Monseigneur Jolivet, homem sábio e de respeitabilíssimo carater, conversou muito comigo, e percebi que não era muito afeto aos Portugueses.

Pensa ele, que nós não somos muito bons Católicos. Procurei demonstrar-lhe o contrário, mas creio que o fiz de balde, porque Monseigneur vinha sempre com a história de um padre, o Rev. Bompart, que tendo ido a Lourenço Marques, não lhe foi permitido ali celebrar, apesar de todas as instâncias que fez.

Não o pude convencer de que, se o Rev. Bompart se apresentou sem autorização legal, era natural não lhe

deixarem exercer o seu mister; assim como não o pude convencer, de que quem governava na Igreja do Oriente era o Arcebispo Primaz das Índias. O honesto Bispo, tinha tão profundamente arraigadas no espírito opiniões e malquerenças contra nós, que ficou na sua, dizendo-me sempre que nós somos os piores dos pedreiros livres do mundo. Uma tia velha que eu tive, também dizia o mesmo depois da extinção das corporações religiosas.

Ora o facto verdadeiro é que Portugal é um dos países mais religiosos que eu conheço, que é muito bom Católico, mas entende que religião e alta política são duas coisas diferentes, aprendeu esta heresia com o Marquês de Pombal, e desde então se os padres misturam religião com política, zanga-se com eles.

Monseigneur Jolivet que me perdoe, se ainda contínuo a insistir em que somos dos melhores Católicos do mundo, e que ainda o seriamos se nos levantássemos forte e energicamente contra os ministros da nossa religião, que traindo os deveres sacrossantos da sua missão nobre e sagrada, fossem fazer propaganda política em detrimento nosso e em favor de estrangeiros na terra da Pátria, que

terra da Pátria é toda a terra onde se hástea a bandeira de Ourique, seja qual for o ponto do globo em que ela tremule.

É tempo de dizer duas palavras de Pretoria, tal como eu a vi em Fevereiro e Março de 1879. Começarei por descrever a cidade pelo seu lado material.

Pretória era uma cidade nascente, à qual a dominação Inglesa não tinha imprimido ainda o seu cunho nacional.

As ruas largas e espaçosas dão acesso ás casas, pela maior parte térreas, mas bem construídas e elegantes. Abundam ali os jardins, e em algumas ruas as casas elevam-se no meio deles.

A cidade assenta sobre um plano inclinado que na parte mais elevada tem abundantes nascentes de água que a banham. Esta água, ao tempo que ali vivi, corria nas ruas em valetas laterais profundas e descobertas, que a escuridão da noite convertia em verdadeiros precipícios. Recordo-me de mais de uma vez ter caído nelas, chegando a casa completamente molhado.

Em alguns quintais e jardins há árvores muito grandes e frondosas.

As ruas estavam por calçar, e com as chuvas eram incómodos atoleiros.

Tem alguns templos decentes, uma modesta casa de tribunal, e muitos estabelecimentos comerciais onde é fácil encontrar todo o necessário, e mesmo o supérfluo, que já ali há luxo.

Na parte elevada estavam-se construindo os vastos quartéis para as tropas, que então estavam em grande parte acampadas em barracas, em torno de três casernas ainda mal acabadas.

O caminho da cidade para os quartéis era medonho, e perigoso de noite, porque as chuvas cavavam regos profundos, e produziam atoleiros enormes, onde nos enterrávamos, e onde por vezes arrisquei quebrar as pernas.

Há na cidade alguns pontos muito bonitos, como é o chamado as fontes, e uma das saídas coberta por chorões enormes, e onde uma azenha dá um cunho pitoresco à paisagem.

Os arredores são despidos de arvoredo, e um pouco monótonos, havendo apenas aqui e além uma ou outra fazenda de Böers a quebrar a monotonia natural.

Pretória deve ser um dia uma das mais belas cidades da África do Sul, e tal como eu a vi já apresentava um aspeto geral agradável e buliçoso.

Como em todas as terras, de novo ocupadas pela Inglaterra, Pretoria estava cheia de gente nova, que vinha procurar fortuna, e que não a encontrando fácil, se alistava nos regimentos de voluntários, onde como soldados tinham uma paga de cinco xelins diários.

O meu amigo Alan Saunders era o chefe da secretaria dos corpos voluntários, e não lhe sobejava o tempo para fazer alistamentos.

Os negociantes são Holandeses ou Ingleses, e como a cidade em si mesma já tem necessidades, não é só o tráfico com o interior, e com o indígena que ali representa uma parte importante no movimento comercial.

Disse-me o Dr. Risseck, que o clima é bom, ainda que em certas épocas do ano não é isento de febres de carater

benigno. Sendo os arredores de Pretoria abundantes em forragens, é fácil ter ali cavalos, e quase todos os moradores tem um dog-cart ou uma vitória, em que passeiam ou vão tratar os seus negócios.

Betjuanas. (De uma fotografia de Mr. Gross.)

Tal era Pretoria quando la passei algumas semanas em 1879.

Um facto que me produziu uma certa impressão foi ver que muitas mulheres gentias dos arredores vinham à cidade vender os seus géneros, cobertas com os trajes gentílicos, isto é quase nuas, assim como as representa a gravura junta a esta página; gravura cuja história vou contar, porque ela representa uma lição àqueles que na Europa se afiguram ser fácil realizar em África coisas facílimas no velho mundo.

Há em Pretoria um magnífico fotógrafo Suíço, Mr. Gross.

Eu travei conhecimento e tinha em breve relações de amizade com ele.

Um dia, vendo um grupo de mulheres que vinham vender capata, chamei-as e propus-lhes comprar toda a capata que elas traziam se se deixassem fotografar. As mulheres hesitaram, e eu comecei a fazer-lhes as mais belas ofertas.

Tentadas pelas minhas promessas, seguiram-me a casa de Mr. Gross.

Deixei-as à porta e entrei.

Logo que expus ao fotógrafo o meu intento, ele fechou as mãos na cabeça e disse-me que, não fazíamos nada, porque muitas vezes tentara em vão a mesma coisa. Insisti, e Mr. Gross para condescender comigo, pôs mãos à obra.

Introduzi as mulheres no atelier, não sem gastar nisso boa meia hora, porque, chegado o momento de entrarem em casa do fotógrafo, aumentou a sua hesitação.

Aí estão elas no atelier, mas recrescem as dificuldades ao coloca-las em posição em frente da máquina. Estão em foco, e quando o fotógrafo vai introduzir na corrediça a chapa sensibilizada, duas ou três fogem espavoridas e outras deitam-se de cara no chão. Novo trabalho de paciência e outra meia hora perdida e uma chapa inutilizada. A mesma CENA ainda se repete, até que enfim se pode obter um negativo, em que todas mexeram tanto, que nos deixa em dúvida se são macacos ou bonzos as

imagens reveladas. Outras tentativas tem o mesmo resultado, e perdido o dia e gasta a paciência, elas vão-se.

Eu, apesar disso, sempre teimoso em querer a fotografia das pretas, cumpri o contrato indo além das promessas feitas. Elas também me prometeram voltarem, e daí a dois dias estavam à minha porta.

La vamos para casa de Mr. Gross, que já tremia de me ver com as pretas. Eu lembrei-me de me por ao lado da máquina e de lhes dizer que olhassem para mim, elas assim fizeram, e eu encarei-as tão fito, com um olhar tão pertinaz, que elas perturbaram-se, tiveram esse momento de fascinação que produz a imobilidade, Mr. Gross descubro a objetiva, e o grupo estava apanhado.

Quisemos ainda tirar outro, mas o encanto tinha-se quebrado, e não foi possível obter mais nada delas.

Assim essa fotografia custou-nos dois dias de trabalho, uma avultada quantia, e uma incalculável paciência.

No grupo, as mulheres que tem uma franja por tanga são solteiras; aquelas que tem uma pele, casadas.

No dia 25 de Fevereiro, véspera do dia em que deviam partir os meus pretos e as minhas bagagens, para Durban, seriam 4 horas da tarde, quando eu me dirigi a casa da Baronesa Van-Levetzow, a pedir-lhe uma chávena desse ótimo café que ela tão delicadamente oferecia aos seus amigos; quando em caminho me surpreendeu um movimento desusado na cidade. Perguntei a um transeunte, o que havia de novo? e ele respondeu-me, que os Zulos estavam ás portas de Pretoria, e que dentro em pouco a cidade seria saqueada. Corri ás informações, e para ir a boa fonte, fui à casa do governo.

Ali soube que, de facto, os Zulos não estavam ainda em Pretoria, mas muito perto, e a cidade seria atacada dentro de poucas horas. As informações eram oficiais e certas. Indaguei em que ponto eles estavam e voltei a casa. Mandei logo Veríssimo, Augusto e Camutombo à descoberta. Fiquei a pensar no caso, e, com o meu conhecimento de África e de pretos, concluí que tudo aquilo era um absurdo disparate.

Saí a visitar várias pessoas, e se algumas encontrei possuídas do pânico geral, outras estavam descansadas e

não acreditavam como eu no ataque dos Zulos. Algumas damas tinham-se ido refugiar no acampamento das tropas.

Eu fui prevenir Monseigneur Jolivet do caso, dizendo-lhe o que havia, que não acreditava, mas que ás vezes as coisas mais absurdas aconteciam, e por isso era bom estar prevenido para por a salvo as Irmãs de Caridade.

Voltei a casa, e ao cair da noite chegavam, com pequenos intervalos os meus três enviados, afiançando-me, que no lugar designado não havia um só Zulo, nem deles havia notícia no Transvaal. Eu, que me fiava mais nas informações de Veríssimo, Augusto e Camutombo do que em todos os relatórios oficiais, deixei os pretos em casa, e fui ver o que faziam os meus amigos Major Tiler e Capitão Saunders.

Ao chegar ao acampamento, um terrível e desusado "Quem vem la?" de uma sentinela, provou-me que ali estavam em pé de guerra. Respondi, "Amigo," e pude entrar. No campo havia grande reboliço. Fortificavam-se e entrincheiravam-se com os vagões.

Não me foi difícil encontrar o comandante militar de Pretoria, o Major Tiler. Vestido com o esmero e luxo que sempre usa, as mãos calçadas em apuradas luvas brancas sem a menor sombra, o pé metido em elegante botina, tal enfim como entra nas salas em que é tão querido, o bravo comandante do regimento 80 estava com toda a placidez e sossego, dando acertadas ordens, e pondo o campo em estado de defesa formidável. Cheguei-me a ele e disse-lhe que o ataque esperado era uma verdadeira comédia. Ele respondeu-me, que sempre assim o havia pensado; mas que, tendo recebido comunicações oficiais, não podia deixar de fazer o que estava fazendo; e que além disso, não desgostava daquele rebate, para avaliar o que eram os seus homens, e saber com o que poderia contar num caso sério.

Dei razão ao elegante oficial, e fui-me em busca do seu imediato, o meu amigo Saunders. Andava ele de outro lado dirigindo as manobras, rindo sempre, sempre contente. Saunders pareceu-me acreditar nos Zulos, o que lhe não tirava nada do seu bom humor habitual. Foi-me logo mostrar duas metralhadoras, para as quais estava a olhar pasmado um alferes qualquer a quem as tinham entregado.

Depois disto disse-me ele, que estavam muitas damas recolhidas no campo, e convidou-me a ir vê-las.

Fomos passar uma minuciosa revista, e vimos que o Major Tiler, como melhor relacionado com o belo sexo, tinha cedido o seu quarto pelo menos a dúzia e meia. O quarto de Saunders também não estava vazio, mas deve dizer-se, em abono da verdade, que aqueles eram os dois únicos quartos do quartel, vivendo o resto dos oficiais em barracas.

Saunders lembrou, que em tempo de guerra era bom beber qualquer coisa, e fomos à sala dos oficiais.

Na sala estava só um homem. Fardado, e armado, estava sentado numa poltrona com toda a comodidade, tendo diante de si um copo de brandi e soda.

Era o tenente Cameron do regimento, que disse a Saunders: "Meu capitão, eu cá estou à espera dos Zulos, e em quanto eles não vem, vou bebendo."

Era realmente admirável ver esses bravos oficiais Ingleses, que morriam rindo e descuidosos numa guerra ingloriosa, tão tranquilos e sossegados em frente de um perigo qualquer, como se os esperasse um baile ou uma festa.

Nós dissemos ao tenente Cameron que não havia Zulos, e ele recebeu a notícia com certa tristeza.

Quem sabe se ele, com a confiança da mocidade, não tinha sonhado nesse momento com os galões de um posto superior?

Pouco depois reuniu-se a nós o Major Tiler, e disse-nos, que ia ver o que faziam os voluntários na cidade.

Eu e Saunders acompanhámo-lo. Era meia-noite e havia escuridão profunda, a chuva caía a torrentes, e eu apenas pude apanhar metade do impermeável de Saunders, que levou só o cabeção, dando-me o resto.

Tropeçando aqui e caindo além, chegámos à praça, onde na igreja paroquial deviam estar os voluntários.

Entrámos no templo, que estava cheio de soldados, e logo que o Major Tiler deu as suas ordens, fomos todos três para a minha casa.

Estávamos muito molhados, e o meu primeiro cuidado foi abrir uma garrafa de vinho velho.

Bebendo e conversando passámos ali uma parte da noite, rindo eu e Saunders a bom rir, da seriedade do Major Tiler, que estava indignado por ter o seu quarto cheio, não de damas, que ele é muito galante para se queixar disso, mas de meninos!-de meninos que choravam!

Pela madrugada, o Major Tiler e o Capitão Saunders retiraram, e eu fui-me meter na cama.

Eis como acabou um dos episódios cómicos, da trágica guerra dos Zulos, episódio que ficaria no esquecimento se eu o não trouxesse a público.

No dia imediato teve lugar um acontecimento importante para mim.

A minha gente e as minhas bagens seguiram para Durban, pelo caminho seguro de Harrismit.

CAPÍTULO 8

O FIM DA VIAGEM

Andava tudo em reboliço. Nunca em Pretoria se tinham feito tantos gastos de toiletes, nunca os lojistas venderam tantas fitas e tantas rendas!

Os homens escovavam e preparavam os uniformes, porque todos mais ou menos tinham uniformes, e os que os não tinham inventavam-nos. Se tudo estava em guerra!

Cavalos e carruagens sofriam tratos de limpezas desusadas. Tudo luzia e brilhava. O entusiasmo era geral e chegava mesmo aos Holandeses.

As damas trabalhavam com afã, e davam tratos ao miolo, contido nas cabecinhas louras e encantadoras, para melhor pregarem um lacinho, para melhor fazerem realçar a beleza delicada.

Os homens, eles, diziam "É C.B. e tem a Vitoria Cross, é o herói da guerra dos Ashantis, é um homem de grande

energia, é um dos mais notáveis oficiais do exército Inglês."

Elas, elas diziam: "Tem 36 anos o coronel, e dizem que é alto, nobre e bonito!"

Que entusiasmo! Eu nunca vi coisa assim! O meu cavalo já estava emprestado a uma dama, que queria mostrar toda a sua elegância de amazona. Outras mais infelizes procuravam debalde um meio de transporte.

Só eu, creio, que estava frio no meio daquela efervescência de delírio.

Eu ca, não ia esperar o novo governador, e contentar-me-ia de o ir visitar à sua chegada.

Mas quem pode dispor dos seus sentimentos, e contar com o seu espírito no meio da efervescência geral?

No dia 2 de Março, comecei a sentir que a febre do novo governador se apossava de mim, e saindo entusiasmado de casa, fui comprar um chapéu novo! Era uma reforma importante no meu traje.

Aquele homem por quem se faziam tantos trabalhos de receção aguçava-me a curiosidade. Os homens pareciam

teme-lo, as mulheres pareciam adora-lo; e ser temido dos homens e adorado das mulheres é ter atingido a meta da felicidade para qualquer criatura máscula.

No dia 3 devia ele chegar, e o ponto da entrevista era a nove milhas da cidade.

Levantei-me sem mesmo pensar em la ir, até porque, se quisesse ir, não tinha em que, tendo emprestado o meu cavalo.

Ás nove horas saí de casa, mas não encontrei ninguém. Fui almoçar, e não encontrei ninguém. Fui a casa de alguns amigos, e não encontrei ninguém em casa. Comecei a dar ao diabo o novo governador. Eu já começava a perder o hábito de viver sozinho, e queria companhia.

Voltei ao Café Europeu e deparei com Mr. Turner. Dirigi-me logo a ele e sem mais preâmbulos pedi-lhe um cavalo. Mr. Turner julgou que eu não estava bom de cabeça. Pedir um cavalo naquele dia e aquela hora só um inconsciente o faria.

Eu insisti em querer um cavalo, e a dificuldade que se levantava era apenas incentivo para exacerbar o meu

desejo.

Depois de muito pensar, Mr. Turner teve uma lembrança.

Ele tinha um potro, ainda não montado, bravio, diabólico.

Se eu quisesse o potro, ele emprestava-mo. Fomos logo à cavalariça.

Para aparelhar foi uma campanha, para montar outra.

Depois de várias teimas, em que tiveram razão umas esporas enormes que me tinha dado Mr. Clark em Shoshong, consegui endireitar no caminho do acampamento. Por uma questão de hábito eu queria ver o Major Tiler e o Capitão Saunders, antes de ir esperar o governador. Foi uma infeliz lembrança.

O regimento 80 estava formado em revista, e acabada ela pude falar aos meus amigos, mas de repente a música começou a tocar, e o cavalo, espantado com o zabumba, começou a fazer tais e tais desconcertos que tive de largar dali a toda a pressa, atropelando as barracas de lona do campo e fazendo até fugir de uma delas alguém que la estava. Pude ver-me a final em campo livre, e o potro pagou caro os seus atrevimentos de momentos antes.

Ás duas horas eu alcançava as cavalgadas e estava entre os meus amigos, mas estava em lastimoso estado de fadiga e cansaço.

Pouco depois, uma carruagem escoltada por alguns voluntários de cavalaria, chegava em sentido oposto, e apeava-se dela o novo governador do Transvaal.

O Coronel Sir Wiliam Owen Lanion, K.C.B., correspondia à espectativa geral.

Era novo e belo, e do peito da sobrecasaca pendia-lhe a Vitoria Cross.

Todos estavam contentes, e os frenéticos hurrahs! que lhe levantaram, eram disso prova. Seguimos para a cidade. O meu cavalo, no meio dos vivas e dos outros cavalos, estava insuportável e custava-me a conter.

De repente espantou-se com uma carruagem, deu um enorme salto e partiu. O meu chapéu novo, o chapéu comprado na véspera, caiu por terra, em quanto eu era levado com uma velocidade enorme, num correr desenfreado.

Passei e em breve perdi de vista carruagens e cavaleiros.

O terreno era bom e eu deixava correr o endiabrado, que a final havia de parar em alguma parte.

Apesar de muito distanciado da comitiva do governador, pareceu-me que sentia um outro correr de cavalo, perto de mim, e voltando-me na sela percebi que era seguido e ia ser alcançado em poucos momentos.

Uma gentil amazona, muito melhor montada do que eu, porque montava o meu Fli, ria a bandeiras despregadas das minhas tribulações, e em breve emparelhando comigo estendia-me o pobre chapéu que eu tinha perdido, e que ela, com essa perícia de todas as damas das colonias do sul de África, que são as primeiras cavaleiras do mundo, tinha apanhado do chão e me vinha trazer, mofando de um cavaleiro que perdia o chapéu e o deixava apanhar por uma dama.

Eu estava envergonhado, e sem me lembrar de que era impossível fugir ás pernas vigorosas e ligeiras de Fli, tentei instigar o meu cavalo a uma fuga, a que ele já se recusava, apresentando uma fadiga bem motivada.

Entrei em Pretoria sempre perseguido pelos chascos da amazona azougada, e depois de ir entregar o potro ao seu dono, fui a pé para o Palácio, onde esperei a chegada da festival comitiva.

Chegaram eles, sempre dando mostras do mais entusiástico contentamento.

O Coronel Lanion estava instalado, e depois de um bem servido lunch, retirámo-nos.

O valente e simpático coronel tinha catado todas as simpatias, e desde a sua chegada, esqueceu o episódio do ataque dos Zulos, narrado no anterior capítulo, para só se falar dele Governador.

Nos dias seguintes houveram receções, saraus, e matinées dançantes, a que eu não assisti, preocupado já com a minha saída para Durban.

No dia 5, fui eu a uma légua de Pretoria ver uma curiosidade em que Ingleses e Holandeses me falavam muito.

Era o Wanderboom, a árvore sagrada. Efetivamente, é digno de ver-se esse gigante vegetal, que os Böers mostram

com admiração, e que, deitando dos altos troncos novas raízes que vieram procurar a terra e se converteram elas mesmas em caules, forma por si só uma espessa mata.

Finalmente, depois das mais cordiais despedidas aos muitos amigos que tanto me obsequiaram em Pretoria, parti, no dia 8, para Heidelberg, onde cheguei por noite fora.

Decidi demorar-me alguns dias naquela bonita vila, para fazer as minhas últimas observações e fechar os meus trabalhos.

Num jantar em Pretoria, em casa de Madame Kish, fiz eu conhecimento com um sujeito chamado Goodlife, que sabia não ser de Pretoria, mas que não pensava também ir encontrar em Heidelberg.

Mr. Goodlife convidou-me para sua casa e fez-me os maiores favores.

No dia imediato ao da minha chegada, depois de fazer as observações da manhã, fui dar sozinho um passeio nos arredores, e comecei a trepar montanhas e montanhas, até que, dum pico muito elevado, consegui dominar a

paisagem. Pareceu-me que devia estar a uma grande altitude, porque dominava todas as cumeadas do Zuikerbosch-Rang.

Olhei para o meu barómetro aneroide de algibeira, e vi que ele marcava dois mil metros!

Decidi logo voltar la no dia imediato a fazer observações mais seguras, e efetivamente assim o fiz.

Era na verdade aquela a maior altura a que eu tinha estado na minha viagem, e não deixei de fazer especial menção dela.

No dia 11 de Março, depois de ter concluído todas as observações e fechado os meus trabalhos, parti de Heidelberg, ás 8 horas da manhã, num dog-cart, que precisa de uma breve descrição pela sua originalidade.

Era um desses carros de fábrica Americana, ligeiros e fortes, montado sobre duas rodas altíssimas, e que, em lugar de varais, tem uma forte lança, onde se atrela uma parelha em troncos, e donde partem os tirantes para umas sotas soltas.

Tem dois assentos costas com costas, que podem admitir quatro pessoas. Bagagens nenhumas pode conduzir, e apenas uns pequenos volumes na exígua caixa.

O meu cocheiro era um mulato, creio que Grícua, chamado Joaquim Eliazar.

Os meus companheiros eram o Tenente Barker, do 5º Regimento de West Iorque, e o seu impedido Dupuis.

Logo à saída de Heidelberg, tivemos de atravessar o ribeiro que corre ali, cujas margens quase a pique dão difícil passagem a um carro.

A primeira foi passada sem dificuldade, mas na segunda o dog-cart tombou-se, e o Tenente Barker caiu sobre Dupuis e eu sobre Barker.

Levantámo-nos sem a menor contusão e rindo do caso. Dupuis, que tinha um nome Francês, mas cuja nacionalidade eu nunca pude entender bem, porque ele falava indiferentemente todas as línguas, e servia indiferentemente todos os países, começou logo a contar vários casos de quedas e carros tombados, que lhe tinham sucedido em França, na Rússia, na América e na China.

Dupuis era homem de 55 a 60 anos, baixo, espadaúdo e robusto. Tinha servido no exército Francês na Crimea, e contava com entusiasmo a carga de Balaklava.

Tinha servido no exército Inglês na guerra da China; na América serviu os Federais, bateu-se depois na França pela Alemanha, em 1870. Conheceu na India o Major Cavagnari, e vinha de la bater-se contra os Zulos.

O seu desideratum era ser soldado enfermeiro nas ambulâncias do exército Inglês; mas, em quanto o não conseguia, ia sendo camarada do Tenente Barker.

Barker era um desses jovens Ingleses, loiro, olhos azuis, tal enfim como os vemos, encontramos e conhecemos em toda a parte do mundo.

Ia cheio de entusiasmo encontrar a coluna de Sir Evelin Wood, e bater-se contra os negros de Catjuaio.

Trabalhámos todos quatro rudemente para por o carro em estado de seguir, e uma hora depois voávamos por sobre a planície, puxados por quatro ligeiros e robustos cavalos do país.

Choveu bastante durante o dia, e ás 2 horas encontrávamos o rio Waterfals a transbordar. Era um embaraço.

Alguns vagões de Böers estavam parados junto dele sem se atreverem a transpô-lo.

A profundidade máxima era de dois metros. Um dos vagões de Böers estava carregado de lenha, e apresentava do tope da carga ao chão uma altura de mais de três metros.

Ofereci ao Böer seu dono cinco xelins se ele quisesse transpor o rio, e me deixasse ir com os meus papéis encarapitado no alto da carga.

O homem aceitou, e eu, Barker, Dupuis e os nossos pequenos haveres, armas e cartuxos, acomodámo-nos sobre a lenha.

Oito juntas de possantes bois foram jungidos ao vagão, que, poucos momentos depois, estava na margem oposta.

Joaquim Eliazar em pé sobre os assentos do dog-cart, com água pela cintura, e segurando as guias com destreza de um cocheiro consumado, também transpôs o rio sem acidente.

Pouco depois, tomávamos pela quarta vez cavalos frescos da posta, e continuávamos essa carreira vertiginosa em direção ao vau de Standerton, onde devíamos passar o Vaal.

Ás 8 da noite, já com uma fome desabrida, entrávamos numa modesta estalagem de Standerton, onde tínhamos uma péssima ceia, e não melhor cama.

De Heidelberg a Standerton o país é planície enorme, a perder de vista, onde não cresce uma só árvore, e onde uma erva não muito alta serve de pasto a milhares de antílopes, pela maior parte bodes saltadores (Springboks).

Sobre tudo nas margens do rio Waterfals vi inúmeros, mas muito esquivos.

No dia imediato deixámos Standerton, ás 7 da manhã, depois de um almoço, que nos fez lembrar, que poderíamos ter almoçado se tivéssemos que comer.

Pela tarde desse dia já começávamos a encontrar falta de cavalos nas casas de posta, saqueadas ou abandonadas por causa da guerra. Ao mesmo tempo recresciam as dificuldades do caminho, porque nos embrenhávamos nos desfiladeiros do Drakensberg.

Não se pode fazer muito ideia do que seja viajar por montes e vales, sem caminho nem carreiro, num dog-cart puxado a quatro soltas.

Ao entrarmos nos desvios da serra, uma temerosa tempestade caiu sobre nós, e uma chuva copiosa alagou a terra e o carro.

Veio a noite, e uma noite medonha. Os relâmpagos iluminavam as trevas para as tornar mais negras e densas.

Só a muita prática do cocheiro podia guiar o carro por aqueles alcantis num correr desenfreado.

De vez em quando, uma cova, uma rocha, um precipício, era nas trevas mais adivinhado do que visto, e um sonoro Al fast (todos firmes) pronunciado por Joaquim Eliazar punha-nos de prevenção.

E a chuva a cair, o trovão e o relâmpago a espantar os cavalos, e aquele carro sempre a correr nas vertentes este da alta cordilheira. Tinha alguma coisa de fantástico o quadro, e se tivesse sido visto por outros que não nós deveria causar-lhes impressão profunda.

Dupuis tinha sempre uma história a contar a cada solavanco do ligeiro veículo. Umas vezes era na China, outras na América, outras na Rússia, que o caso se tinha passado.

Depois Dupuis cantava, e era, já uma canção Americana, Francesa, Chinesa, ou Húngara, que vinha perder-se no estrepitoso rodar do carro, ou no cem vezes repetido eco dos trovões.

Seriam 8 da noite, quando um clarão fixo e distante me chamou a atenção. Endireitámos para ele.

O caso não era muito seguro, mas continuar o caminho assim era pior do que encontrar os Zulos.

Parámos a distância da fogueira, e eu dirige-me a ela. Ao aproximar-me, vi que entre uns vagões, debaixo de um alpendre improvisado com panos de lona, estavam sentados três oficiais Ingleses. Entrei rapidamente na zona de luz, para ser logo reconhecido e não levar algum tiro. Os três sujeitos olharam para mim sem o menor espanto, e disseram-me polidamente: Good evening, sir.

Estavam tomando chá, e eu sentei-me sem cerimónia ao lado deles.

"Toma uma chávena de chá? me perguntou um deles."

"Aceito reconhecido, e até aceitava de comer, porque tenho fome."

"De comer! mas nós também não temos nada que comer, e só chá e um pouco de assucar possuímos."

Tomei uma grande tijela de chá, e todo molhado deitei-me junto à fogueira, onde dormi toda a noite.

No dia imediato, parti logo de madrugada e só à noite pude matar a fome em casa de um Böer, que me leu três páginas da Bíblia, mas que em seguida me deu boa ceia.

Passou sem incidentes o resto da viagem até perto de Newcastle.

Ali encontrámos o rio Newcastle a transbordar, e tivemos um verdadeiro trabalho para o transpor, sendo preciso nadar, e molhando-se tudo o que trazíamos.

Chegado à povoação de Newcastle, o meu primeiro cuidado foi almoçar, com uma fome de 24 horas.

Eu em Pretoria já tinha desaprendido a ter fome, e começava a impacientar-me quando a sentia.

Instalei-me num hotel, onde não se estava bem nem mal, e tratei logo de enxugar os meus papéis, e de tomar um lugar na diligência que fazia o serviço daquele ponto a Pietermaritzburg.

Separei-me ali do meu tenente Inglês, que se dirigia com o seu camarada ao teatro da guerra; e eu, um dia depois, tomava lugar na diligência, e partia para o meu destino.

Éramos nove no carro, oito homens e uma dama, e tinham ali só dois lugares suportáveis ao lado do cocheiro.

Um foi cedido à dama e eu quis o outro. Era-me ele disputado por um tenente de voluntários, que trazia umas esporas enormes e um uniforme esplandecente. Cada um de nós apresentava os seus respetivos direitos ao lugar, ante o cocheiro, árbitro supremo naquele litígio.

Uma meia-libra subtilmente escorregada na mão do mulato, prevaleceu sobre uns poucos xelins dados pelo tenente, dizendo o cocheiro bem alto, que ele não era homem que se vendesse, e por isso entregava ao tenente uns três xelins

que ele tinha feito a ofensa de lhe querer dar, e dizendo-me, que tomasse o lugar cobiçado, em quanto o voluntario mavorte subia para o interior, furioso e iracundo, o honrado cocheiro punha as rédeas em ordem e fazia estalar o chicote.

Se o tenente estava furioso, não o estava menos a dama, que podendo ter ao seu lado um elegante oficial, tinha por companheiro um maltrapilho como eu.

Achegou a si o vestido para não roçar pelos meus esfarrapados calções, e apesar de irritada contra o cocheiro, preferiu encostar-se a ele para evitar o menor contato comigo.

Na primeira muda, eu quis ver se derretia aquele gelo, se quebrava aquela malquerença que me afligia, e tendo encontrado uns frascos de amêndoas cobertas, comprei pressuroso um, pensando, na minha inexperiência em assuntos feminis, que uma dama jovem e formosa devia gostar de doce, e ser vencida com bolos.

Ao dirigir-me ao carro, eu já via aquela ruga formada entre os sobrolhos desfazer-se, já via aqueles lábios pregados em

gesto irado entreabrirem-se em sorriso benevolente, já via um princípio de conversa; e foi com a maior confiança que lhe estendi o meu talismã, o frasco dos confeitos. A jovem dama, sem mesmo me dar a confiança de olhar para mim, disse-me secamente, "Não tenho a honra de o conhecer." Num ataque repentino de despeito, atirei com o frasco fora, e ele foi partir-se sobre uma rocha, entornando as esferas coloridas que rolaram em todas as direções.

Estavam abertas as hostilidades entre nós.

Á hora de jantar parámos em Sundais River, onde me deram um magnífico serviço por dois xelins e meio.

A dama e o tenente de cavalos ligeiros, à mesa, muito unidos lançavam-me olhares furiosos, e decerto me rogavam tantas pragas quantas as que caíram sobre o Egito com a sua obra de destruição.

Ao subir para o carro, ignorando quem eu era, e avaliando-me só pelos meus andrajos e pela minha barba desgrenhada, a jovem Inglesa disse ao filho de marte, "que a gente ordinária já se dava uns tais ares que irritavam."

Isto encheu-me as medidas, e eu prometi vingar-me logo que a ocasião se apresentasse.

Não tardou ela em aparecer.

Nessa noite chegámos, ás 7 horas, a Ladismit, onde devíamos pernoitar.

A vila estava cheia de gente, e transportavam-se ali os feridos e os doentes.

Não havia uma cama, não havia um canto onde nos metermos.

Em uma hospedaria encontrámos quase vazia a sala de visitas, e digo quase vazia, porque só la estava estabelecido um cabo de esquadra, que, deitado no sofá, não fez muito caso do tenente de voluntários.

A dama sentou-se numa cadeira e o tenente saiu.

Eu travei conversa com o cabo de esquadra, e ofereci-lhe de beber. A perspetiva de uma boa garrafa de vinho fez mais efeito no marcial guerreiro do que os confeitos tinham feito na loura Inglesa, e o meu homem sentou-se e travou logo conhecimento comigo.

Eu sentei-me ao lado dele no sofá, prometendo a mim mesmo já não sair dali. Depois propus ao soldado ir ele buscar a garrafa de vinho, para o que lhe dei meia-libra.

O homem saiu, e eu deitei-me no apetecido móvel.

Pouco tempo depois voltava ele com a garrafa, dois copos e cinco xelins de troco. Estendeu-me o troco, que eu, com um gesto de soberano desdém, não aceitei e que ele fez desaparecer na profunda algibeira.

Eu bebi um copo, ele bebeu sete, quando me ia a levantar, fingindo que lhe queria oferecer a sua conquistada propriedade, ele recusou-se terminantemente a isso, e eu estendi-me comodamente, envolvendo os meus pês num peludo cobertor e preparando-me para dormir.

O cabo, meio embriagado, saiu da sala, e não sei o que foi feito dele, porque não mais o vi.

Pouco depois, entrou o tenente, que disse à dama, não ter podido encontrar melhor lugar que aquele para passarem a noite.

Olhou para mim e eu olhei para ele. O seu olhar parecia dizer-me, "Tenha dó desta dama, ceda-lhe o sofá."

O meu respondia-lhe: "Sou homem muito ordinário para ter dessas delicadezas."

Resignados, chegaram as cadeiras uma para junto da outra e puseram-se a conversar. Eu que pouco me importava de ouvir arrulhos de pombos, fechei os olhos e dormi como um justo até as 3 horas, hora a que me vieram chamar para partir.

Ás 6 chegávamos a Colenso, onde passávamos o rio Tuguela num magnífico flutuador, e ás 3 da tarde parávamos na bonita aldeia de Howick, onde uma demora de duas horas me permitiu ir ver a formosa catarata que a torna célebre.

Efetivamente, é uma das mais belas paisagens que tenho contemplado, aquela.

Partimos, e pouco depois eu fazia parar a diligência, para falar à minha gente, que encontrei nos vagões em que tinham saído de Pretoria, e que rodavam pesadamente no caminho de Durban.

Informado de que estavam todos bons e que sobravam os víveres, segui, dando-lhe um ponto de reunião em

Maritzburg.

Eram dez da noite quando chegava à capital da Natalia e me ia estabelecer no Roial Hotel, o melhor da terra, num sofrível quarto.

No dia seguinte, passaram os vagões com as minhas bagagens e os meus pretos, com quem falei e a quem prometi esperar em Durban.

Depois disto, fui procurar Madame Saunders, a esposa do meu amigo Capitão Saunders, para quem era portador de cartas do seu marido.

Em casa dela fiquei encantado com uma criança, a filha de Saunders, em que ele muitas vezes me tinha falado e que era encantadora.

Quando saí de casa dela já éramos amigos, e eu prometia à pequena Didi de voltar a Maritzburg, se não encontrasse logo um transporte para a Europa em Durban.

No dia 19 de Março, depois de ter feito uma jornada de 23 milhas num ligeiro dog-cart, tomava a ferrovia, e corria sobre os rails puídos em direção a Durban.

Que impressão profunda me não causou o ouvir o sibilar da locomotiva!

Os postes telegráficos, armados de para-raios, como o são ali casas e construções quaisquer, faziam-me outra vez lembrar da civilização da Europa, do progresso do nosso século, da grande evolução da humanidade, e mil ideias confusas se me baralhavam no cérebro, quando ás 6 horas chegava a Durban.

Corri sem parar até onde pudesse ver o mar, e foi com lágrimas a marejar nos olhos, que fiquei estático diante dessa mole imensa de águas azuladas que se confundiam ao longe, para este, com o azul dos céus.

Nesse momento não pude deixar de dizer a mim mesmo, com certo orgulho: "Atravessei a África, este é o mar Índico."

Voltei à realidade depois de alguns minutos de abstração, e percebi que devia ir procurar um hotel.

Eu já sabia, que em todas as cidades da África Inglesa há sempre um Roial Hotel, e pedi que mo indicassem.

Depois de várias consultas entre o estalajadeiro e a sua esposa, foi decidido que me dariam um quarto no fundo de um pátio. Tomei posse dele, e quando estava a fazer o meu toilete para o jantar, vieram dizer-me, que me procurava o General.

Eu já por vezes tinha ouvido falar no general, quando o meu hospedeiro combinava com a mulher sobre que quarto me daria, e percebi então, que o general ocupava uma grande parte do Hotel, e que era preciso não o incomodar.

Recebi o general, que era um homem ainda novo e simpático, e me disse, que tendo sabido da minha chegada, me vinha convidar a jantar.

Era ele o General Strickland, comissario em chefe do exército Inglês.

Fui jantar à sua sala particular, onde conheci à mesa um exército de repórteres, enviados por os jornais Ingleses, Franceses e Americanos, para darem notícias da guerra. Foi ali que conheci alguns desses homens, que, simples correspondentes de jornais, tem sabido fazer conhecer o seu nome no mundo inteiro; foi ali que conheci os Srs.

Forbes, Francis-Francis e outros, que se tem imortalizado como o seu colega Stanlei, que, antes de ser o primeiro dos exploradores Africanos, foi o primeiro dos repórteres Americanos.

O general Strickland dispensou-me as maiores atenções e finezas, e fui seu conviva em quanto estive em Durban.

No dia seguinte, fui procurar o Consul Português, Mr. Snel, que teve para comigo muitas atenções, arranjando-me logo local, na sua própria casa, onde eu pudesse acomodar os meus pretos e as minhas bagagens.

Contudo, de casa do Consul Português saí muito triste, por uma notícia que ele me deu.

O paquete para a Europa tinha partido nesse dia!

Era um mês! era um mês que eu tinha de esperar naquela terra, onde nada me prendia; era um mês que eu tinha a esperar mais para poder abraçar os meus, para poder ver o meu Portugal.

Resignei-me, e no dia imediato pude assistir à chegada dos meus pretos, das minhas bagagens, do meu papagaio e da minha cabrinha.

Instalei-os em casa do Consul Português, Mr. Snel, que continuou a dispensar-me os maiores favores.

Depois disto comecei a esperar que passasse um mês!

Os meus trabalhos, sempre em dia, não me deixavam ao menos o recurso de trabalhar.

Nos primeiros dias encontrei em que passar as manhãs sem sair de casa.

A casa de banho do Roial Hotel era do outro lado da rua, e os hóspedes tinham de fazer uma caminhada para irem a ela. O Hotel estava cheio de oficiais, que chegavam todos os dias de Inglaterra. Logo de manhã começava uma procissão, entre a casa de banho e o hotel, de homens de todas as idades e feitios, em trajes muito ligeiros, levando cada um uma toalha e uma esponja enorme. Divertiu-me aquela cena burlesca por dois dias, mas aquilo durava apenas uma hora de manhã, e eu não sabia que fazer no resto do dia.

Comecei a aborrecer-me muito, e acirrado pela contrariedade que me causava a demora, comecei a sofrer.

Sentia em mim um vazio enorme. Habituado a um trabalho de ferro, a uma vida tão ativa, a uma tensão de espírito constante, à ideia de alcançar um fim, tinha chegado à meta, e sentia uma falta que não podia superar.

Adoeci, e pela primeira vez na minha vida tive medo de morrer.

A guerra preocupava todos os espíritos, e no meio daquele mundo em que vivia não tinha uma só afeição.

Um dia, no leito onde me tinha prostrado a doença, e onde nem uma amizade me vinha trazer uma palavra de conforto, tinha só na ideia a saudade de uma esposa adorada e de uma filha estremecida, quando me veio à lembrança essa criança que eu tinha visto em Maritzburg e que tanta impressão me tinha feito - a filha do Capitão Alan Saunders.

Em miserável estado de saúde, saí de casa, tomei o caminho de ferro, e segui para a capital da Natalia.

Logo que me estabeleci no Roial Hotel, parti para casa de Madame Saunders.

Fui recebido com a maior afabilidade por aquela dama, e com muitos beijos pela pequena Didi, que eu levei a jantar comigo ao hotel.

Eu já tinha dinheiro meu, que me tinha sido emprestado sobre a minha assinatura particular, e já comprara um vestuário decente.

Uma boneca e uma caixa de amêndoas fizeram de Didi minha amiga íntima, e sobre tudo uma tartaruga enorme que me deram no hotel e que eu lhe dei, tornara aquela amizade em verdadeira paixão.

Outro motivo não era decerto estranho ao amor daquela criança.

Madama Saunders, para me ser agradável, deixava-me a sua filha já na sua casa, já na minha, e Didi encontrava nesta liberdade o meio de nunca ir à mestra. Esta consideração devia pesar tanto como a tartaruga e a boneca, na sua afeição por mim.

Ao mesmo tempo, Mr. e Madama Furze, o Coronel Mitchel, o Coronel Baker, o Capitão Whalei e outros, faziam-me encontrar neles verdadeiros amigos, que me enchiam de

favores; mas Didi, aquela linda criança de nove anos, preenchia um vácuo na minha existência de então, com as suas meiguices, e ás vezes com os seus amuos e perrices.

Sem esta criança, eu teria talvez sucumbido ao tédio que me ganhou e que me prostrou ao começo em perigosa doença.

Pietermaritzburg é uma bonita cidade, tem magníficas casas e soberbos templos, num dos quais ouvi por vezes a palavra eloquente, arrebatada e cheia de fogo, do sábio Bispo Colenso.

Há ali formosos jardins e mimosíssimas flores, sendo as damas de Natal muito dadas à floricultura, e concorrendo muitas vezes a certames nas exposições locais. Tem um magnífico parque, onde à tarde circulam muitas e brilhantes equipagens.

No tempo que ali passei, apresentava a cidade um aspeto desusado e um movimento considerável, consequências da guerra dos Zulos. Os hotéis estavam cheios de militares, os quartéis regurgitavam de soldados, e muitos acampavam fora deles. No Roial Hotel, que diziam ser o melhor, o

serviço era mau, devido isso talvez ao excesso de hóspedes que ali havia. Havia também, em geral, um grande abuso nos preços de tudo, e isso era consequência de o governo pagar sem regatear.

O estabelecimento Católico de Maritzburg é muito importante, e tido com a maior ordem, goza de grande crédito na colonia.

O Consul Português, Mr. Snel, escreveu-me, que tinha chegado o paquete Danúbio, da Union Steamship Compani, que devia seguir para Moçambique e Zanzibar no dia 19 de Abril.

Parti, por isso, de Pietermaritzburg a 14, depois de ter feito saudosas despedidas aos amigos que ali deixava.

Dirigi-me ao Roial Hotel, e não pude obter um quarto. Então Mr. Snel tratou de me arranjar alojamento, e pode obter um quarto de banho no Club de Durban, onde me fizeram uma cama no chão.

Os oficiais que chegavam, cada dia, não tendo onde se meter, armavam barracas de campanha nos pátios e nas ruas em volta dos hotéis e do Club.

Por o mesmo paquete em que eu devia partir para o Norte tinha chegado o infeliz príncipe Napoleão, que tão caro devia pagar a sua ousadia e coragem. Conheci-o, e não pude deixar de me afeiçoar, no curto convívio que tivemos, a esse jovem simpático, inteligente e ilustrado, a quem uma morte inglória e estúpida cortou tão prematuramente uma existência brilhante.

Quantas vezes eu lhe repeti o meu princípio fundamental da vida Africana, "de desconfiar em África de todos e de tudo, até que provas irrefutáveis não nos fizessem confiar em alguém ou em alguma coisa."

A sua natureza ardente, a inexperiência dos seus poucos anos, a sua coragem leonina, e esse descuido peculiar à juventude cheia de ilusões e crenças, causaram a sua perda. Só quem o não conheceu o não lastimará; que nele havia o germem de um grande homem, havia uma atração indefinível para catar todos os corações.

Estranho à política da França, nestas poucas linhas lavro um testemunho de saudade ao mancebo desterrado que foi meu amigo, e não ao príncipe que representava um princípio, e faço-o tanto mais desassombradamente, que vi

os seus próprios adversários lastimarem aquela grande catástrofe.

Nas vésperas da partida, travei relações com Mr. e Madame Du Val, e recebi deles muitos favores, e finalmente, a 19 de Abril, embarcava com os meus pretos e as minhas bagagens num pequeno vapor que me devia conduzir ao Danúbio, ancorado fora, porque em Durban há apenas uma pequena enseada, fundeando os grandes vapores na costa limpa.

O mar estava um pouco picado e custou a atracar ao Danúbio.

Mr. e Madame Du Val iam comigo, porque Mr. Du Val, chefe da Companhia Holandesa em África Oriental, ia passar em revista as feitorias de Moçambique.

A passagem das bagagens do pequeno vapor para o Danúbio foi difícil, pelo mau estado do mar, e uma das minhas caixas caiu, sendo esmagada e desfeita entre os dois vapores.

Caixa e conteúdo foram ao mar, mas o Comandante Draper fez arrear logo um escalér, e pode conseguir salvar

algumas das coisas que ela continha e que flutuavam, outras afundaram e estavam irremediavelmente perdidas.

Deixámos Durban, e não foi sem uma sensação de infinito prazer que eu senti o espadanar das águas em torno do hélice poderoso, que a cada rotação me impelia no caminho da Pátria.

Em Lourenço Marques foi pouco o tempo para receber favores, e a maior parte dele foi passada com o meu velho amigo Augusto de Castilho, e com os meus amigos Machado, Maia e Fonseca.

A bordo, o Comandante Draper não cessava de me obsequiar.

Cheguei finalmente a Moçambique, onde fui encontrar todas as autoridades na cama. O Governador Cunha, o seu secretário e os seus ajudantes, estavam abrasados em febre.

Fui logo visitar o Governador, ao seu quarto de cama, e apesar do seu melindroso estado de saúde e do cuidado que lhe dava o estado da sua esposa, prostrada pela febre também, Sua Excelência deu as mais terminantes ordens

para facilitar o meu regresso à Pátria com a gente que me acompanhava, fazendo-me os mais subidos favores.

Fui dali procurar um velho amigo da guerra da Zambézia, o Coronel Torrezão, em cuja casa me hospedei, com os meus amigos Du Val.

Dois dias depois, partia para Zanzibar, onde esperava encontrar Stanlei, mas com o qual me desencontrei, tendo partido na véspera da minha chegada.

O Dr. Kirk, Consul Inglês em Zanzibar, deu-me um jantar, e subidos foram os favores que recebi dele e da sua esposa.

Todos os Europeus porfiavam em me obsequiar, distinguindo-se os oficiais da guarnição do London.

O Comandante Draper, logo que soube que o vapor de Aden só partiria dentro de oito dias, não consentiu que eu fosse para terra, dizendo-me (com razão) que as hospedarias ali eram péssimas, e por isso fiquei vivendo a bordo, sempre com um escalér ás minhas ordens.

Travei ali relações com um jovem Suíço, T. Widmar, que devia ser meu companheiro de viagem para a Europa.

Depois de uma semana de demora, em que cada dia foi assinalado por novos favores de Mr. Du Val e do Comandante Draper, deixei Zanzibar num pequeno vapor, do British India, onde recebi muitos favores do seu Comandante Alen.

Em Aden, como a carreira do British India tivesse uma demora de oito dias, eu e Widmar tomámos passagem a bordo de um vapor da Loid Austriaca que nos conduziu a Suez, seguindo dali no primeiro trem para o Cairo.

Eu tinha adoecido gravemente, e foi Widmar o meu enfermeiro, tendo por mim cuidados de um velho amigo.

Ainda convalescente, fui ás pirâmides com ele. Eu tinha visto o Zaire e o Zambeze; não queria voltar à Europa, sem saudar a velho Nilo; e do alto do sarcófago do rei Cheops, desse monstruoso monumento levantado há quatro mil anos pelo orgulho dos Faraós, eu vi-o correr plácido e sereno, banhando as ruinas da outrora soberba Memfis.

Pouco depois, deixava o Cairo, soberba e ardente, cidade de ouro e de miséria, e ia em Alexandria fazer novos amigos e receber novos favores.

O Conde e a Condessa de Caprara acima de todos, fizeram-me tais obséquios, que mais pareciam amigos de anos do que conhecidos de dias.

O Consul geral de Portugal, o Conde de Zogueb, também me fez oferecimentos na véspera da minha partida, quando soube que o Crédit Lionais de Paris me tinha aberto um crédito no Egito, com dinheiro meu, mandado de Lisboa pelo meu amigo Luciano Cordeiro.

Esquecia-me dizer, que por um mal-entendido das ordens do governo de Portugal, eu estive no Egito sem dinheiro, gastando da bolça de Widmar e da do Conde de Caprara, e podendo gastar de outras muitas estranhas que se me ofereciam, e que não pensavam que eu fosse um cavalheiro de industria; porque não ignoravam que Portugal tivesse enviado à África a expedição de 1877, e que dessa expedição o Major Serpa Pinto voltava à Europa pelo mar Índico.

Segui de Alexandria para Nápoles, e dali por terra para Bordéus, onde fui altamente obsequiado pelo nosso Consul, o Barão de Mendonça.

A 5 de Junho, deixava Pauilac, e a 9, em Lisboa, pisava a terra de Portugal, no meio dos amigos mais diletos que eu tantas vezes pensei não mais ver.

Na véspera tinham chegado os meus pretos, e o meu papagaio.

Estavam pois a salvo os trabalhos, e os restos de um dos ramos da expedição Portuguesa ao interior da África Austral, em 1877.

FIM

APÊNDICES

Lembrei-me de juntar ao livro três fac-símiles, de páginas do meu diário, dos meus livros de cálculos, e do meu álbum de mapas, para mostrar os originais dos meus trabalhos Africanos, e com isto concluo a relação desses trabalhos, que eu devia ao meu país e ao público em geral.

fac-símiles de páginas do meu diário

Dia 19 de setembro de 1878
1 milha a NO de Catongo (alto Z
Calculo de Longitude pelo reapparecimento
Satelite de Jupiter

Hora do Chronometro
Estado para o lugar
Hora do lugar
Hora de Greenwich
Longitude
Longitude

Esta longitude muito pouco differe da
ferença que tinha é para menos, por que
recimento podia vel-o alguem segundo
meu ecclo. Assim pois estando em 14' a Sul
com n'este parallelo por 23° de longitude e

Dia 20 de Setembro de 1878 (hora

Página de um dos meus livros de cálculos

fac-símile de um mapa feito em caminho

TRIBUTO DE GRATIDÃO

Vou citar nomes. É difícil e perigosa tarefa. Há sempre o receio de ferir modéstias, ou levantar suscetibilidades. Não importa; sigo avante.

Será grande a lista, por serem multiplicados os favores; e posso bem pecar por omissão, filha de memória preguiçosa.

Que me perdoem os que desejariam esconder esses favores na mais velada modéstia, como aqueles a quem um lapso de reminiscência deixasse no olvido.

Seguindo a ordem cronológica dos factos, procurarei no profundo sentimento de gratidão a lembrança dos serviços e favores recebidos.

Cabe à Comissão Central de Geografia o primeiro lugar no meu reconhecimento; por me ter distinguido com a sua escolha para instrumento da exploração que decidiu fazer em África.

Proposto pelo Sr. Conselheiro Andrade Corvo, fui unanimemente aceito, e atendido nas propostas que apresentei para a organização da empresa. Falando da Comissão Central de Geografia, não posso omitir de citar nomes; porque, recebendo obséquios de todos, fui particularmente auxiliado por muitos.

O Dr. Bernardino António Gomes, Marques de Souza-Holstein, António Augusto Teixeira de Vasconcelos, são nomes que as lousas tumulares dos seus jazigos, não podem ocultar à minha gratidão.

O Dr. Júlio Rodriguez, Luciano Cordeiro, o Dr. Bocage, Conde de Ficalho, Carlos Testa, Pereira da Silva, Jorge Figaniere, e Francisco da Costa e Silva, foram os cavalheiros que, no seio da Comissão, mais se esforçaram por me encher de favores.

Outro, que só anos depois conheci pessoalmente (ausente em quanto se organizou a expedição), não deixou de concorrer com o sem conselho abalizado para a parte científica dela. Refiro-me ao Sr. Brito Limpo.

Fora da Comissão, prestaram-me valioso auxilio, os meus particulares amigos Marrecas Ferreira e João Boto.

Vem depois da Comissão Central, a Sociedade de Geografia de Lisboa; e com ela mais em evidencia, os seus Presidentes, Dr. Bocage e Visconde de S. Januário, e os seus Secretários Luciano Cordeiro e Rodrigo Pequito.

Segue-se o jornalismo Português, a quem cordialmente agradeço todos os favores que me dispensou, e a maneira por que acolheu a minha nomeação.

Fora do país prestaram-me valioso auxilio, o Sr. Mendes Leal, António d'Abbadie, e Ferdinand de Lesseps, em Paris; o Visconde de Duprat e o Tenente Pinto da Fonseca Vaz, em Londres; sendo que à cooperação destes cavalheiros, e só a ela, podemos eu e Capelo ter dado conta do encargo que tomámos de organizar em um mês o material da expedição.

Antes de ter deixado Portugal, há que citar ainda dois cavalheiros, que concorreram poderosamente para a realização da nossa empresa.

Sam o Conselheiro José de Melo e Gouveia, que então governava nos negócios do Ultramar, e Francisco Costa, o

Diretor Geral do Ministério das Colonias.

Pedro de Almeida Tito, e Avelino Fernandes, dispensaram-me tais favores em viagem, que não posso deixar de escrever aqui os seus nomes.

Vem, em seguida, o do Governador de Cabo Verde, Vasco Guedes, e o do Governador de Angola, Caetano de Albuquerque; que ambos me dispensaram inúmeras finezas.

Em Loanda, José Maria do Prado, Urbano de Castro, o Cônsul Newton, a Associação Comercial, e sobre tudo os oficiais e Comandante da Canhoneira Tâmega, são credores do meu mais profundo reconhecimento.

Aparece agora um nome que nesse tempo ecoava por todas as partes do mundo, e assombrava com as suas façanhas o orbe inteiro:

Henrique Moreland Stanley.

O grande explorador, o ousado viajante, que acabava de fazer a mais prodigiosa viagem dos tempos modernos, foi meu amigo, e meu conselheiro, e dele recebi proveitosas lições. Melhor mestre não poderia ter. Que ele receba

nestas curtas linhas o mais sincero tributo da grande admiração que nutro por ele, e a mais franca expressão da minha estima, e da gratidão que lhe consagro.

Em Benguela, Pereira de Melo e Silva Porto ocupam o primeiro lugar; e nem me detenho a falar deles, que mais alto falam por mim os seus actos narrados neste livro. António Ferreira Marques, o Tenente Serafim, o farmacêutico Monteiro, e Vieira da Silva, são outros tantos cavalheiros que não posso esquecer.

Santos Reis, o meu hospedeiro do Dombe Grande, e o Tenente Roza de Quilengues, são mais dois credores à minha gratidão.

Vou dar um salto enorme, e sem me deter a falar do Dr. Bradshaw e da família Coilard, transporto-me ao Bamanguato, a Shoshong (Xoxon), onde os favores do rei Kama, e sobre tudo os de Mr. e Madame Taylor, me obrigam a não olvidar os seus nomes.

Vai começar para mim um embaraço enorme. Estou em Pretoria; estou na primeira terra do mundo civilizado que encontro depois de Benguela; e ali são tantos os favores

que se me prodigalizam, que não sei como sair do embaraço que eles me causam para os agradecer.

Mr. Swart, o tesoureiro do Governo, foi o primeiro a obsequiar-me, e será o primeiro citado.

Vem em seguida os nomes de Fred. Jepe, Secretario Osborne, Dr. Bissik, Mr. Kisch, Major Tylor e Capitão Saunders, e todos os oficiais do Regimento 80.

A Baronesa Van-Levetzow, Madame Imink e Madame Kisch, e enfim o Coronel Lanyan.

Sir Bartle-Frere veio logo em meu auxílio, e não se demorou o nosso Cônsul Português no Cabo, o Sr. Carvalho.

Se devo muita gratidão ao Governador Inglês, não devo menos ao Cônsul Português, que, por telegramas imediatos, veio prestar-me a maior assistência.

Monseigneur Jolivet, o sábio Bispo de Natal, então residindo em Pretoria, não foi dos últimos a encher-me de favores.

Em caminho para Durban, recebi um obséquio grande de Mr. Goodlife, e em Maritzburgo multiplicaram-se os

obséquios do Coronel Baker, Capitão Whaley e Madame Saunders, e Mr. Furs.

Em Durban, Mr. Snel, o Cônsul Português, e Mr. e Madame B. H. de Wal, chefe da Handels Company em África Oriental, muito se distinguiram em favores prestados.

Agora é que se torna verdadeiramente embaraçosa a minha missão. Vou regressar à Europa, tendo terminado a minha viagem, e acumulam-se os obséquios que recebo a cada momento.

Em Lourenço Marques, são Castilho, Machado, Maia e Fonseca. Em Moçambique, o Governador Cunha, Torrezão e todos.

Em Zanzibar, o Dr. e Madame Kirk, Widmar, e sobre todos o Capitão Draper do Danubio da Union Steamship Company, que de Durban me transportou ali.

No Cairo, ainda Widmar me presta grandes favores. Em Alexandria, sobressai a todos o Conde e a Condessa de Caprara.

Ainda antes de chegar a Lisboa, recebo um serviço importante do Barão de Mendonça, em Bordeos.

Em Lisboa, o Governo, primeiro, e amigos velhos e conhecidos novos, porfiam em obsequiar-me.

Estou ali apenas dez dias, em que mal tive tempo para receber favores, e em que me não sobejou um minuto para os agradecer.

Quiseram que eu fizesse uma conferência, mal repousado ainda das fadigas da viagem; e sem o poderoso concurso que me prestaram Pequito, Sarrea Prado, Batalha Reis e Dr. Bocage, impossível me seria faze-la.

Não querendo, não podendo mesmo, citar nomes, tantos seriam eles, não deixo de agradecer, com o mais sincero reconhecimento, à Sociedade de Geografia de Lisboa tudo o que por mim fez.

Á Associação Comercial e ao seu digno Presidente, o Sr. Chamisso, que sempre tomou o maior interesse pela exploração de que eu fiz parte.

Soube em Lisboa um facto que não posso deixar de consignar aqui com um nome.

Agradeço ao Sr. Tomas Ribeiro as ordens que deu como Ministro da Marinha, para que me fossem enviados

socorros de Moçambique para o interior de África.

Ao Corpo Diplomático residente em Lisboa expresso os meus sentimentos de gratidão, e sobre todos aos Srs. Morier, Barão de P. Hegeurt, Laboulay, Marques de Oldoini, e Ruata.

Á Associação Comercial do Porto, aos bombeiros voluntários daquela cidade, à Sociedade Euterpe e à Sociedade de Instrução, aos municípios e mais instituições do país que me obsequiaram, consigno aqui um testemunho de agradecimento.

Ás Associações Portuguesas no Brasil, aos meus conterrâneos que longe da pátria me saudaram, a eles que nada pouparam para mim em honras e distinções, envio um fraternal protesto de imensa gratidão.

Sobre todos àqueles que formaram uma sociedade com o meu nome, e que de Pernambuco me ofereceram um mimoso presente, de tal distinção, que nunca os poderei esquecer.

Cabe agora, pela ordem dos factos, agradecer aos Soberanos estrangeiros as altas honras com que me

distinguiram, sobre todos ao Monarca Belga, ao Ilustrado e sábio Rei Leopoldo, ao grande impulsor do movimento geográfico Africano moderno, que, a par da mais alta honra com que me podia enobrecer, me dispensou a mais cordial estima, e me mostrou o mais afetuoso interesse.

Ás Sociedades de Geografia da França, principalmente ás de Paris, onde o Almirante La Ronciére le Noury, Ferdinand de Lesseps, M. Daubré, Maunoir, d'Abbadie, de Quatrefages e Duveyrier, me encheram de favores; de Marselha, que me conferiu uma subida distinção, e cujo Presidente, Mr. Babaut, muito me obsequiou; e à Comercial de Paris, onde distingo o seu digno Secretario Geral, Mr. Gauthiot.

Ainda em Paris, tenho a nomear a Colonia Portuguesa, e nela os Srs. Mendes Leal, Conde de S. Miguel, Camilo de Moraes, Pereira Leite, Garrido, e Dr. Aguiar, de quem nunca poderei olvidar os favores recebidos.

Ás Sociedades de Geografia Belga, e à de Anvers, nomeadamente aos seus Presidentes, o General Liagne e Coronel Wauvermans; e além destes cavalheiros, não posso deixar de falar, em um país onde todos me obsequiaram,

nos nomes dos Srs. du Fief, Bamps, e Coronel Strauch, e ainda mais alto no Conde de Thomar, cujos favores repetidos e cordialidade de trato converteram em verdadeira amizade a sincera estima das primeiras relações.

Cabe, pela ordem dos factos, o último lugar à Inglaterra, que seria talvez a primeira pelo número de favores dispensados.

Principiou nas colonias Inglesas da África do Sul a ter jus à minha gratidão este país, onde depois se me tinham de multiplicar os obséquios.

Á Sociedade de Geografia de Londres, ao seu Presidente o Conde de Northbrook, aos seus Secretários Clements Markham e Bates, aos seus Membros Sir Rutherford Alcock, Lord Arthur Russel, Visconde de Duprat, e muitos outros que impossível seria nomear, deixo aqui escritos os meus sentimentos de reconhecimento.

Ao Sr. Frederico Youle, ao Dr. Peacock, aos Srs. M. de Antas, Sampaio, Fonseca Vaz, Quilinan, Duprat, e Ribeiro Saraiva, a estes que alem de subidos favores me

dispensaram grandes serviços durante a minha grave doença, não posso deixar de lavrar um bem público testemunho de gratidão.

Ainda me falta citar o nome de Mr. David Ward, o Mayor de Shefield, e do meu particular amigo, o grande e eminente explorador Verney Lovet Cameron, para fechar a lista, que seria interminável a não tomar a resolução de a fechar aqui.

Ás Sociedades científicas dos outros países, e a todos aqueles que não posso citar, e que me cobriram de favores, agradeço tudo quanto por mim fizeram, e agradeço tanto mais sinceramente, quanto me custa não os poder personalizar.

Major Alexandre de Serpa Pinto.

Londres, 5 de Dezembro de 1880.